



PROJETO MEMÓRIA DE RUI 1975-1997

ENTREVISTAS

Organização

Adriana Valentim Beaklini
Aparecida Rangel
Marcia Pinheiro

**PROJETO
MEMÓRIA DE RUI
1975-1997**

ENTREVISTAS

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura

Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa**Presidente**

Alexandre Santini

Diretor Executivo

Ricardo Calmon

Diretora do Centro de Memória e Informação

Lucia Maria Velloso de Oliveira

Chefe do Museu Casa de Rui Barbosa

Aparecida Rangel

Chefe do Setor de Editoração

Benjamin Albagli Neto

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Isac Santos | Tikinet

Revisão: Piero Kannan | Tikinet

Foto de capa: Fundação Casa de Rui Barbosa - foto por Daniel Silva Barbutti - retirado do site Wikimedia Commons.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 Projeto Memória de Rui; 1975-1997 / organização Adriana Valentim Beaklini, Aparecida Rangel, Marcia Pinheiro. — Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024.
774 p.

ISBN 978-65-88295-31-1

1. Barbosa, Rui, 1849-1923 – Memória. 2. Barbosa, Rui, 1849-1923 – Depoimento. 3. Barbosa, Rui, 1849-1923 – Entrevista. 4. Botafogo (Rio de Janeiro, RJ, BR) – Depoimento. I. Beaklini, Adriana Valentim, *org.* II. Rangel, Aparecida Marina de Souza, *org.* III. Ferreira, Marcia Pinheiro, *org.*

CDD 920.081

Elaborada no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa
pela bibliotecária Dilza Ramos Bastos - CRB7/2.348

Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente 134, Botafogo 22260-000, Rio de Janeiro, RJ

Telefone (21) 3289-4600

www.casaruibarbosa.gov.br

PROJETO MEMÓRIA DE RUI 1975-1997

ENTREVISTAS

Organização

Adriana Valentim Beaklini

Aparecida Rangel

Marcia Pinheiro

Fundação  Casa de Rui Barbosa

RIO DE JANEIRO

2024

Sumário

Introdução.....	9
-----------------	---

PARTE 1 - ANOS 1970

Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra (D. Baby) (depoimento, 1975).....	27
Antônio Ventura (depoimento, 1975).....	77
Américo Jacobina Lacombe (depoimento, 1976).....	115
Judith Imbassahy De Mello (depoimento, 1976).....	151
Maria Carolina Nabuco de Araújo (Carolina Nabuco) (depoimento, 1976).....	167
Austregésilo de Athayde (depoimento, 1976).....	179
Péricles Madureira de Pinho (depoimento, 1976).....	195
Marcos Carneiro de Mendonça (depoimento, 1976).....	205
Alfredo Rui Barbosa (depoimento, 1976).....	225
Rui Barbosa Neto (depoimento, 1976).....	233
Luis Vianna Filho (depoimento, 1976).....	247
Elisa e Rosa Curvelo Vieira (depoimento, 1976).....	263
Roberto de Lira Tavares (depoimento, 1976).....	273
Paulo Marques de Faria (depoimento, 1977).....	281
Bianor de Lamare (depoimento, 1977).....	289
Odete Barcellos (depoimento, 1977).....	301
Raymundo Magalhães Jr. (depoimento, 1977).....	319

PARTE 2 - ANOS 1980/1990

Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (Irmã Ana de Lourdes) e Estela Batista Pereira (depoimento, 1985)	337
Odete Parreira Lucena Reis e Lídia Parreira Loureiro (depoimento, 1985)	373
Charles Brooking (depoimento, 1985)	407
Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (Irmã Ana De Lourdes) (depoimento, 1985)	421
Adroaldo Alencar Costa (depoimento, 1986)	431
Rubem Pereira Braga (depoimento, 1986)	439
Hélio Silva (depoimento, 1987)	475
Heráclito Fontoura Sobral Pinto (depoimento, 1987)	501
Laura Rodrigo Otavio (depoimento, 1988)	511
Barbosa Lima Sobrinho (Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho) (depoimento, 1988)	533
Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (Irmã Ana de Lourdes) (depoimento, 1994)	563
Laura Rodrigo Otavio (depoimento, 1995)	611
João Valentim Rui Barbosa (Boy) (depoimento, 1997)	649
Pedro Antônio de Menezes (depoimento, 1997)	711
Família Dezon Costa (Odete Pinheiro de Andrade, Ivone, Ivete Costa Pinheiro de Andrade e Janine Guerson, Ex Pinheiro de Andrade) (depoimento, [1997?])	765

Por duas décadas (1975 a 1997) o Museu Casa de Rui Barbosa desenvolveu o projeto Memória de Rui, por meio do qual foram entrevistados, pelos servidores da instituição, cerca de trinta personalidades com algum tipo de relação com o patrono – familiar, de amizade, correligionária, de trabalho e outras – com o objetivo de criar um banco de dados. O material bruto, parcialmente transcrito na ocasião, se encontra no arquivo institucional.

As transcrições revelam importantes informações sobre a disposição dos cômodos da residência no período entre a mudança do jurista e da família Rui Barbosa e a abertura da casa ao público; o deslocamento de objetos; a relação de admiradores com o Rui Barbosa; além de impressões de vizinhos e outras pessoas. Apesar de ser fonte de pesquisa, o material necessitava ser transcrito, organizado e publicado para permitir o amplo acesso. Essa demanda nos levou a desenvolver o estudo intitulado “Projeto Memória de Rui: organização e acesso”, orientado pela museóloga Aparecida Rangel, desenvolvido pela historiadora doutora Adriana Beaklini, bolsista do do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico da Área da Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa e muitas vezes revisado pela conservadora Marcia Pinheiro.

Coube à filha caçula do casal Rui Barbosa e Maria Augusta – Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra, d. Baby – inaugurar, em abril de 1975, a relação de depoentes que compartilharam seus relatos e lembranças com a equipe do Museu. Em 2020, o projeto completou 45 anos.

Depoimentos ricos que foram utilizados em alguns trabalhos, como na série Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, cujos volumes foram intitulados *Álbum de objetos decorativos*, *Indumentária*, *Viaturas e Saúde, higiene e toailete*, de autoria de Cláudia Barbosa Reis. Faz-se necessário pontuar que a autora fez parte da equipe do projeto Memória de Rui e,

portanto, conhecia profundamente os depoimentos. Entretanto tal material foi pouco divulgado e, por conseguinte, pouco utilizado.

Heymann e Alberti (2018) contribuem para pensarmos na questão ao sinalizarem o pouco reuso desse tipo de fonte, que configura um “patrimônio silencioso”. Talvez por preservar vozes de sujeitos cuja trajetória é considerada representativa em um momento ou mesmo como resposta a questionamentos de determinada pesquisa, em que aparentemente as entrevistas se esgotam com a sua gravação ou com o uso que o pesquisador fez dela. Os depoimentos depositados nos acervos são entendidos como datados, o que não invalida o seu uso como documento. Além disso, cada pesquisa pretende produzir suas próprias perguntas,¹ (des)qualificando o que já foi realizado como insuficiente.

Os áudios (material bruto) dos depoimentos estão preservados no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Mas a consulta acabava acontecendo por meio das transcrições já existentes no museu, disponíveis em folhas datilografadas (Figura 1), com algumas observações, e fichas com resumo biográfico dos depoentes (Figura 2).

Nas Figuras 1 e 2 – uma de parte da transcrição de depoimento e outra uma ficha biográfica –, vestígios desse projeto, podemos observar a ausência de elementos de identificação da própria equipe, de locais e mesmo de fontes para confecção das biografias. Pairava inclusive a dúvida sobre se todo conteúdo da entrevista havia realmente sido transcrito. Fez-se necessário, então, proceder à arqueologia desses documentos orais e buscar elementos que permitissem identificar os servidores envolvidos no projeto inicial, os critérios que orientaram a escolha dos depoentes, o roteiro, os objetivos para sua implementação e, ainda, os desdobramentos. As primeiras consultas ao Arquivo Histórico e Institucional da FCRB intentavam localizar o projeto conceitual com o detalhamento das informações, mas tal documento não foi encontrado, levando-nos a construir outras estratégias de busca. Em resumo, faltavam dados e sobravam perguntas sobre o

¹ Ao longo deste estudo, que durou dois anos, muitos sentimentos se mesclaram, o que entendemos ser inerente ao campo da história oral. Foram muitas as situações marcadas pela frustração, seja pela incompletude de algumas falas cujos elementos nem sempre permitiam entender a narrativa ou acrescentar dados às lacunas do acervo, seja pela condução que alterava o rumo de repente, impedindo que detalhes de fatos fossem revelados. Dentre os muitos exemplos que poderiam ser mencionados, citamos o depoimento de Laura Rodrigo Otávio, especialmente o momento em que tece considerações sobre a visita à Exposição do Centenário da Abertura dos Portos, em 1908, na praia Vermelha. Como não desejar estar lá para perguntar sobre cada pavilhão, o que foi exposto, e inúmeras outras questões?

Figura 1. Folha inicial da transcrição do depoimento de Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby) em 10/04/1975. Fonte: FCRB.

DEPOIMENTO DE D. BABY (MARIA LÚIZA
VITÓRIA RUI BARBOSA GUERRA)
10.IV.75
PARTE I

FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa, dia 10 de abril de 1975.
Visita de D. Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra, D. Baby.
Eu sugeria, já que nós estamos aqui na sala de almoço, per-
guntar-se a D. Baby alguma coisa aqui relacionada à vida diá-
ria aqui, de casa.

B - Aqui era a nossa sala de almoço e às vezes de jantar,
também. Dependia das pessoas, do número de pessoas. Esta mo-
bília, ela é holandesa. Veio da Holanda. Este lustre também
é holandês.

FCRB - É o armário?

B - O armário também.

FCRB - Também veio da Holanda?

B - Também. Minha mãe sentava na cabeceira da mesa. Meu pai
à direita, eu ao lado dele, e do lado de lá ficava minha irmã
Batista Pereira, o marido, os filhos, meu irmão também, João.
Era solteiro, depois de casado já não estávamos mais aqui.

MOBILIA

Figura 2. Ficha biográfica de Judith Imbassahy de Mello (Depoimento de 05/05/1976). Fonte: FCRB.

JUDITH IMBASSAHY DE MELLO

Nasceu em Recife - PE a 07.F.1886. Filha
de Artur Imbassahy e Isolina Soares Imbas-
sahy. Seu pai era médico e foi amigo de
Rui Barbosa. Tanto Artur Imbassahy, quanto
Rui Barbosa e J. J. Teófilo foram alunos de
latim de Henrique dos Santos Imbassahy,
avô paterno de Artur.

Foi casada com o médico Vital de Mello
tiveram como padrinho de casamento R. Barbosa.
Formada em canto lírico, exerceu esta
profissão durante parte de sua vida.

S
Canoa, 05/05/76

desenrolar do projeto. Perguntas essas que questionavam a própria construção dos depoimentos enquanto documentos orais que, geralmente, são desprezadas como dimensões de análise.

Segundo Arias Neto, “uma entrevista ou um relato de vida é sempre provocado pelo pesquisador ou pela instituição ao qual este está ligado” (ARIAS NETO, 2003, p. 160). Isso não quer dizer que as intenções estão dadas, nem define quais caminhos o processo de construção da entrevista levará ou se os resultados serão os desejados. Portanto, o documento oral, assim como qualquer documento, precisa de análise crítica para descobrirmos as intenções do pesquisador, isto é, verificar o lugar e a conjuntura histórica que motivou a produção da entrevista, e saber como ela foi conduzida e os resultados obtidos.

Muitas questões, portanto, impulsionaram a proposição do estudo cujo objetivo foi a compilação dos dados sobre o projeto e a organização do material com vistas a sua publicação no Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais, dando visibilidade a esse importante documento, produzido entre 1995 e 1997, pelos servidores do Museu Casa de Rui Barbosa. Para isso conferimos e transcrevemos os áudios; coletamos dados sobre os entrevistados para elaboração de resumo biográfico; promovemos o levantamento do projeto Memória de Rui propriamente dito (objetivo, contexto histórico-institucional, definição dos entrevistados e de outros elementos); entrevistamos os entrevistadores do projeto para compreensão das suas propostas; e, por fim, organizamos o material para publicação. Em suma, a pesquisa buscou não só organizar e publicizar esse material, mas principalmente realizar a arqueologia dele.

O primeiro passo era localizar a documentação institucional gerada pelo/para o projeto, consultando os relatórios anuais da FCRB e os ofícios e documentos avulsos no Arquivo Histórico Institucional, visando à busca de fontes, no período de 1972 até 1994. A programação de atividades² de 1976 foi o primeiro registro localizado do projeto Memória de Rui. Não era um documento do projeto, mas sim uma espécie de plano de atividades implementadas por cada setor da FCRB. Constatamos que o projeto Memória de Rui era desenvolvido pelo museu. Os dados eram muito básicos, expondo o objetivo de “ampliação do acervo documental da fundação, incorporando filmes e depoimentos sobre Rui Barbosa, através de

² Documentos Avulsos – Caixa DA/GAV 48(46)-1976-1.3 – Programação de atividades. Disponível para consulta no acervo do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

entrevistas e depoimentos de parentes e amigos de Rui”. Pontuava apenas as etapas da execução: seleção de entrevistados, definição do perfil das entrevistas, realização de entrevistas, transposição para rolo de fita magnética e catalogação de material sonoro. Previa ainda a realização de vinte depoimentos, mas não informava quem eram e como foram selecionados os possíveis entrevistados.

No ano seguinte, 1977,³ a programação de atividades ampliou o leque de possíveis colaboradores para o projeto, pois agora deveria recolher depoimentos de pessoas, contemporâneas ou não a Rui, que estivessem direta ou indiretamente ligadas à figura do patrono ou à sua época. Destacou que já existiam 13 depoimentos, registrando a importância destes como fonte complementar de informações ao trabalho desenvolvido no museu.

No intervalo entre 1977 e 1985, o Memória de Rui não realizou novos depoimentos, contudo outros projetos se apresentaram, como o Memória Carioca e o Botafogo, cujo objetivo era realizar o levantamento e estudo de aspectos históricos, sociais e artísticos do bairro de Botafogo. Somente na programação de atividades de 1985,⁴ reencontramos referência ao projeto Memória de Rui. Era a primeira vez que víamos uma equipe associada a ele com a definição de Maria Elizabeth Reis Pinheiro e Claudia Barbosa Reis Correia como coordenadoras. Registrou-se ainda a data do início do projeto como abril de 1975, com o depoimento de Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby), filha mais nova de Rui Barbosa e d. Maria Augusta. Além de fazer um balanço do desenvolvimento do projeto, indicando a previsão de 21 entrevistas, com a realização de 18 até então.

No conjunto⁵ dos documentos desse mesmo ano, localizamos três cartas convidando, respectivamente, Afonso Arinos de Melo Franco (03/05/1985), Sobral Pinto (03/05/1985) e madre Ana de Lourdes (23/04/1985) a prestarem seus depoimentos. Todas assinadas pelo, então, chefe do museu, José Manoel de Andrade Pires. A carta-convite registrava que o objetivo do projeto Memória de Rui era coletar depoimentos gravados de parentes e amigos que conviveram com Rui Barbosa, além de contemporâneos, ou não, que pudessem contribuir com suas recordações para a criação de um banco de memórias sobre uma época e um Rio de Janeiro de tempos

³ Documentos Avulsos – Caixa DA/GAV 50(62)-1977-1.3 – Programação de atividades. Disponível para consulta no acervo do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁴ Documentos Avulsos – Caixa DA/GAV 66(101)-1985-1.3 – Programação de atividades. Disponível para consulta no acervo do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

⁵ Documentos avulsos – Caixa DA/GAV 79(03)-1985-1.3.1 – Projetos – Memória de Rui/Museu. Disponível para consulta no acervo do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

passados. Foi o primeiro registro formal de uma ação do projeto e não uma prestação de contas (Figura 3).

Em 1986, a programação elaborada para a continuidade do projeto foi um pouco tímida, com a previsão de realização de somente três entrevistas. A partir de 1987, Jurema C. Seckler passa a ser a responsável por ele e, no ano seguinte, na programação de atividades, o objetivo sofreu alteração. Diz ele:

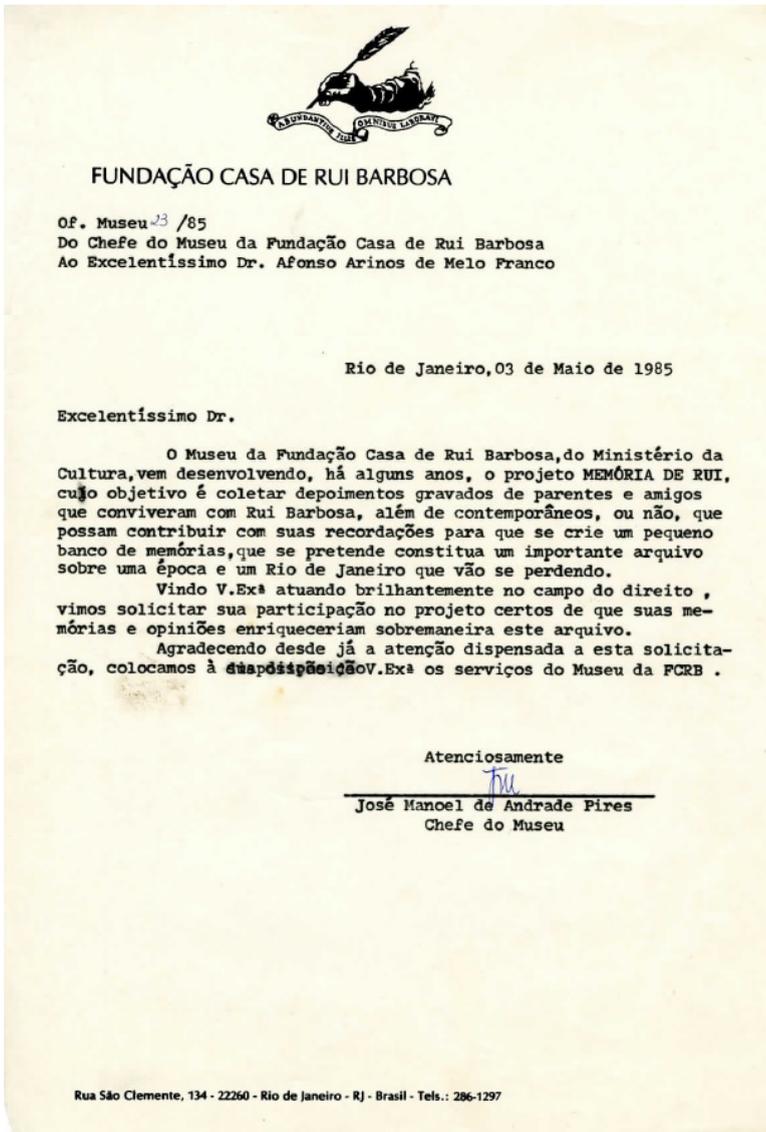
Coleta de dados, através de entrevistas gravadas sobre a vida política e social de Rui Barbosa, sobre a Casa e, em extensão, sobre o bairro de Botafogo daquela época. Iniciado em 1975, o trabalho objetivava recolher informações que ajudassem a equipe do Museu em relação à **restauração da Casa e sua decoração, assim como da vida do patrono não encontrados nos livros**. Foram, então, entrevistados amigos, parentes e vizinhos da família. Atualmente, com a morte de inúmeros contemporâneos, a atividade trata de recolher depoimentos de personalidades, **em especial do mundo jurídico**, sobre a atuação de Rui. Continua-se coletando informações sobre Botafogo, importantes para o objetivo da Casa de integração com a comunidade. Até hoje foram feitas 22 entrevistas. Prevê-se, para 1988, a formação de um arquivo de dados baseado nas transcrições.⁶

Até então a busca por restaurar tanto a casa como a decoração e até mesmo a busca pelo Rui Barbosa que os livros não contam, ou seja, sua vida privada, não estava explícita nos vestígios encontrados. Todavia, ao ouvir os depoimentos, percebemos que as perguntas se voltavam para esses objetivos. Encontramos depoimentos com data posterior a 1988 que mantiveram o conteúdo previsto na fase inicial, como Barbosa Lima Sobrinho (1988), Ana de Lourdes (1994; 2ª parte) e João Valentim Ruy Barbosa (1997), ainda focados na figura de Rui Barbosa.

Alguns indícios da história da casa corroboram essa busca de restauração, pois, com o falecimento de Rui Barbosa, em 1923, iniciou-se o processo de aquisição da propriedade da rua São Clemente, onde Rui e a família residiram. Inicialmente a proposta era a aquisição, por parte do governo

⁶ Documentos Avulsos – Caixa DA/GAV 73(226) – 1988 – 1.3 – Programação de atividades (Museu...). Grifo do autor. Disponível para consulta no acervo do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Figura 3. Carta-convite destinada a Afonso Arinos de Melo Franco para participação no projeto Memória de Rui, 03/05/1985. Fonte: FCRB.



federal, da residência, mobiliário, biblioteca, arquivo, manuscritos e obras inéditas de Rui, todavia nem tudo foi adquirido.

O Museu Rui Barbosa foi criado no governo Washington Luiz pelo Decreto nº 17.758, de 1927, e a Casa de Rui Barbosa, pelo Decreto nº 5.429, de 1928. Um dos entrevistados, o senhor Antônio Ventura, antigo funcionário do museu, explica um pouco como foi sua contratação e o porquê de dois decretos no intervalo de um ano.

Quando Washington Luiz veio, baixou um decreto, do Executivo naturalmente, criando a Casa, criando o museu. Depois, em 28, foi feita a lei. Nós não tínhamos verba, não havia verba, e a gente ficou um ano trabalhando de graça. De graça não, porque eles pagaram depois. Então em 28 saiu a lei definitiva e a verba, e nós recebemos os atrasados e ficamos então com os ordenados em dia.⁷

E diz mais:

Antes de inaugurar a casa, quase não tinha mobiliário, porque o governo se desinteressou pelo mobiliário da casa. Então comprou só os livros, a biblioteca e as estantes em que eles estavam. Depois, quando Washington Luiz veio aqui e pensou em transformar isso num museu, como até hoje está, ele comprou várias peças de d. Maria Augusta.⁸

A casa foi adquirida pelo governo brasileiro, mas os móveis não, com exceção das estantes da biblioteca. Segundo Cláudia Reis,

Em 1929, quando já se estava investindo realmente na criação do museu – o presidente Washington Luís, um ex-correligionário de Rui, estava pessoalmente empenhado no assunto –, começaram os objetos a retornar à casa, a maioria cedida pela viúva, por outros familiares, por admiradores, por pessoas que os haviam adquirido em leilão. Assim foi se formando o acervo. O museu foi inaugurado e as doações continuaram. **A princípio, a casa não tinha essa feição, quer dizer, não estava reconstituída, o equipamento que compunha a residência não estava completo.** O acervo foi se formando, mas sem estudo algum, pois não havia profissional envolvido nisso. (REIS, [201-?], p. 2, grifo do autor)

⁷ Informação extraída do depoimento de Antônio Ventura, 25 abr. 1975.

⁸ Ibid.

Cláudia Reis expressa em sua fala a ideia que orientava a organização do espaço do museu, ou seja, a reconstituição do local como era na época de Rui, deixando-nos antever a influência exercida por Regina Monteiro Real. Sua atuação foi relevante no campo da museologia ao lutar pela regulamentação da profissão e pela criação da Associação Brasileira de Museologia, em 1963, ou mesmo através de uma vasta bibliografia sobre arte, educação e museus. A museóloga trabalhou no Museu Casa de Rui Barbosa no período de 1955 a 1969, ano da sua morte, imprimindo sua marca na organização da instituição e do acervo.

Em 1958, Regina M. Real publicou diretrizes e organização de um museu considerado ideal (REAL, 1958). Destacou o entendimento de que o museu não deveria ser uma espécie de repositório de obras primas e peças raras, deslocando-os de seus contextos, mas sim um ambiente onde deveria viver o objeto. Além disso aponta a educação pelo objeto, quer dizer, a educação visual, uma educação atrativa.

A partir de 1966, a instituição passa por uma série de transformações que inclui sua alteração jurídica para FCRB, conforme a lei 4.943, de 1966. São também relevantes as modificações ocorridas na década de 1970, pois se realizaram grandes transformações, tanto físicas como institucionais, que contribuíram para sua feição atual. As instalações foram ampliadas e um prédio anexo foi construído nos fundos do jardim para abrigar a biblioteca, o arquivo, a administração da fundação e os setores de pesquisa. Sendo assim, a residência de Rui Barbosa ficaria dedicada somente ao museu e à sua administração.

A reforma na residência histórica começou no ano de 1968, devido ao seu estado precário. Segundo Aparecida Rangel,

Durante a obra o museu ficou fechado “e grande parte dos seus móveis e objetos foram transferidos para uma casa no Cosme Velho...”. Em 1972, o museu foi reinaugurado e uma equipe foi contratada para revitalizar o espaço, dando início a um período muito profícuo. Embora a residência não estivesse desocupada das funções administrativas, tendo em vista que o prédio anexo foi inaugurado em 1978, a realização da obra e o aumento do quantitativo de funcionários revigoraram as ações desenvolvidas pelo Museu. (RANGEL, 2015, p. 129-130)

Vários concursos foram realizados e um novo grupo de funcionários, em sua maioria museólogos formados pelo curso de museus,⁹ passou a integrar os quadros da instituição, promovendo a renovação do quadro de funcionários e novas propostas de trabalho. Rangel (2015) destacou alguns nomes, tais como: Aldeli Memória, Alta Barreto, Regina Timbó, José Manoel de Andrade Pires, Jurema Seckler, Lídia Cordeiro, Vera Maria de Oliveira, Jane Menezes, Maria Elizabeth Pinheiro e Claudia Reis. Ao longo da pesquisa, percebemos que a trajetória desses profissionais se entrelaça com o desenrolar do projeto Memória de Rui.

Fez-se, portanto, necessário repensar o espaço da casa e reconstruir os ambientes. Segundo Reis,

[...] um grupo de museólogos – Marco Paulo Alvim, Aldeli Memória, Jurena Porto –, querendo maiores subsídios sobre a Casa e a vida da família na Casa, começou a entrevistar familiares de Rui. Isso foi o embrião do Projeto Memória de Rui Barbosa, que hoje está sendo encampado pela Fundação como um projeto autônomo. Ele nasceu no museu e a partir dele e de uma série de entrevistas, primeiro com familiares, com ex-funcionários, com pessoas que viveram na casa e davam informações não só sobre a vida da casa como também sobre os objetos, sobre o jardim, fomos enriquecendo a nossa visão. História oral. Ampliamos a visão original não só de cada objeto, da vida na casa, como do próprio Rui Barbosa, e isso foi essencial para que se pudesse aprofundar ainda mais a pesquisa e estar apto a subsidiar outras pesquisas. (REIS, [201-?], p. 3)

Em paralelo, no decorrer da história da FCRB, temos a ampliação e a consolidação do uso da história oral no Brasil. Em 1975, mesmo ano da primeira entrevista do projeto Memória de Rui, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) criou o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Era o momento em que a metodologia da história oral se fixava como novidade entre as instituições e pesquisadores tanto na Europa, como na América do Norte. Pesquisadores brasileiros que estudavam no exterior traziam as inovações promovendo a circulação de ideias. Foi assim com Aspásia Camargo, que fez doutorado

⁹ Para maiores informações vide: SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de museus – MHN, 1932-1978*.

Quadro 1. Entrevistados na década de 1970

Década de 1970		
Entrevistado	Data	
Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby)	10/04/1975	Filha mais nova de Rui Barbosa
Antônio Ventura	25/04/1975	Antigo funcionário do museu
Américo Lourenço Jacobina Lacombe	21/04/1976	Diretor e, depois, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa
Judith Imbassahy de Mello	05/05/1976	A família era íntima de Rui Barbosa
Carolina Nabuco de Araújo	05/05/1976	Filha de Joaquim Nabuco
Austregésilo de Athayde	28/05/1976	Contemporâneo de Rui Barbosa
Péricles Madureira de Pinho	10/06/1976	Contemporâneo de Rui Barbosa
Marcos Carneiro de Mendonça	15/07/1976	Contemporâneo de Rui Barbosa
Alfredo Rui Barbosa	05/08/1976	Bisneto de Rui Barbosa
Rui Barbosa Netto	23/08/1976	Neto de Rui Barbosa
Luis Vianna Filho	10/09/1976	Escreveu sobre Rui Barbosa
Elisa e Rosa Curvelo Vieira	29/10/1976	Amigas das netas de Rui Barbosa
Roberto Lira Tavares	08/12/1976	Escreveu sobre Rui Barbosa
Paulo Marques de Faria	12/05/1977	Contemporâneo de Rui Barbosa
Bianor de Lamare	17/05/1977	Filho do primeiro proprietário do automóvel Benz
Odete Barcellos	27/07/1977	Contemporânea de Rui Barbosa
Raimundo Magalhães Júnior	02/08/1977	Escreveu sobre Rui Barbosa

Quadro 2. Entrevistados na década de 1980

Década de 1980		
Entrevistado	Data	
Irmã Ana de Lourdes e Estela Batista Pereira	25/06/1985	Netas de Rui Barbosa
Odete Parreira Lucena Reis e Lídia Parreira Loureiro	13/08/1985	Moradoras antigas de Botafogo
Charles Booking	19/09/1985	Viúvo de Maria Augusta Rui Barbosa Brooking (neta de Rui)
Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (Irmã Ana de Lourdes)	16/10/1985	Neta de Rui Barbosa
Adroaldo Alencar Costa	07/08/1986	Sobrinho-neto de Virgílio Clímaco Damásio (político baiano)
Rubem Pereira Braga	13/08/1986	Antigo morador de Botafogo
Hélio Silva	26/05/1987	Médico, escritor e jornalista. Fez parte do conselho da Casa de Rui Barbosa.
Sobral Pinto	03/09/1987	Jurista, contemporâneo de Rui.
Laura Rodrigo Otavio	10/05/1988	Antiga moradora de Botafogo
Barbosa Lima Sobrinho	20/05/1988	Advogado, jornalista, ensaísta, historiador, professor e político. Contemporâneo de Rui.
Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã de Ana de Lourdes)	23/08/1994	Neta de Rui Barbosa
Laura Rodrigo Otávio	22/08/1995	Antiga moradora de Botafogo
João Valentim Ruy Barbosa (Boy)	02/04/1997	Neto de Rui Barbosa
Pedro Antônio Menezes	14/11/1997	Antigo morador de Botafogo
Família Dezon Costa	Sem data	Antigos moradores de Botafogo

na França e retornou ao Brasil em 1974, uma das fundadoras do CPDOC e responsável pela introdução da história oral no Brasil.

Segundo Aspásia Camargo em entrevista concedida a Maria Celina d'Araújo para a revista *História Oral* (1999), o caminho desse campo no CPDOC nasceu antes mesmo da pesquisa se estruturar de forma mais sólida, pois entrevistas já eram realizadas para tentar suprir as lacunas deixadas pelos documentos textuais. Assim, com as entrevistas, seria possível criar um banco de dados para complementar os arquivos. Segundo Aspásia Camargo,

A entrevista podia complementar o arquivo e devíamos explorar isso porque havia uma geração de pessoas que já estavam velhas [...]. Hoje, a geração que está aqui, e que corresponde à nossa naquele momento, não tem mais contato físico com essas pessoas. E quando as pessoas morrem, acaba o contato físico com a realidade que representam. Quando se perde o contato físico, as interpretações começam a sofrer uma outra química, que pode ser melhor ou pior. O que uma geração pode capturar é muito grande, em termos de vivência, de narrativa, até de sentimentos, de como as pessoas viveram pessoalmente todos os seus dramas, oposições, as raivas que criaram, críticas que faziam uns aos outros. Tudo isso era muito sutil para ser jogado fora. (D'ARAÚJO, 1999, p. 170)

Esse processo foi muito semelhante ao que aconteceu no Museu Casa de Rui Barbosa, visto que os servidores que atuavam com a documentação museológica e o estudo da casa se preocuparam em entrevistar as pessoas que de alguma forma testemunharam o cotidiano da residência ou fatos correlatos e tinham informações relevantes para suas pesquisas, a fim de que esse conhecimento ficasse registrado. Não localizamos nenhum indício concreto de comunicação sobre esse tema entre a FCRB e o CPDOC, todavia no período entre 1967 e 1978 o diretor-executivo da fundação foi Irapoan Cavalcanti de Lyra, que havia se formado em administração e sido professor na FGV. Talvez houvesse diálogo e troca entre as duas instituições e isso tenha inspirado o desenvolvimento do projeto Memória de Rui, lembrando que ambos os projetos começaram no mesmo ano e foram adaptados com o passar do tempo, as novas demandas e o rigor metodológico.

As entrevistas se iniciaram em 1975 e podem ser divididas em dois momentos. O primeiro de 1975 até 1977, quando foram realizadas 13 entrevistas; e o segundo de 1985 até 1997, com 14 entrevistas. Temos

então um intervalo de oito anos entre estes dois períodos. Para entender melhor, o Quadro 1 apresenta os entrevistados .

O primeiro conjunto de entrevistas foi marcado pela presença da família e de sujeitos que conviveram com Rui Barbosa ou o conheceram. A motivação era reconstituir os espaços da casa e os hábitos de seus moradores. Sendo assim, algumas entrevistas foram feitas caminhando pelos aposentos para identificar objetos e os locais onde ficavam, e até mesmo compreender a apropriação de cada espaço da casa pelos seus moradores. Nessas caminhadas podemos, inclusive, identificar os barulhos da obra de construção do prédio anexo. Através da fala de seus antigos moradores, é possível adentrar a vida privada da família, as festas, os jantares, os saraus e os jardins, e conhecer a rede de relacionamentos e poder que envolvia o nome Rui Barbosa.

Grande parte dos entrevistados, que não eram familiares do patrono, foram sugeridos por Américo Jacobina Lacombe, que foi diretor e, depois, presidente da FCRB, entre 1939 e 1993, ou seja, por 54 anos. Américo Lacombe fazia parte da família e talvez por isso guardasse tanto zelo pela imagem do patrono. Vamos entender isso melhor.

Raimundo Magalhães Júnior, o último entrevistado da década de 1970, publicou um livro em que buscava apresentar o que considerava erros, acertos e incoerências de Rui Barbosa (MAGALHÃES JUNIOR, 1965). Ou seja, buscava retratar o elemento humano de Rui, que mudava de opinião e atitudes com o passar do tempo e o amadurecimento das ideias. Américo Lacombe discordou do autor e publicou um artigo criticando a obra e o autor (LACOMBE, 1965). Curiosamente, essa foi a última entrevista realizada nos anos 1970.

Após oito anos, as entrevistas são retomadas. Agora já sofrendo com a ação implacável do tempo e a falta de contemporâneos de Rui. O projeto Memória de Rui começou a caminhar junto com o projeto Botafogo ao buscar em seus antigos moradores lembrar hábitos, eventos e tradições do bairro (Quadro 2).

A divisão de dois conjuntos de entrevistas, além dessa sutil inclusão do bairro no centro das memórias evocadas, nos ajudou a definir que deveríamos respeitar essa separação. Por esse motivo organizamos o material em dois capítulos, o primeiro contemplando os anos 1970 e o segundo, os anos 1980/1990.

Após transcrever e conferir todos os áudios, a pesquisa possibilitou identificar elementos importantes para futuros pesquisadores. Assim,

organizamos cada entrevista com uma capa com informações sobre como o material deve ser referenciado, o nome e o apelido do depoente. A folha seguinte é composta de uma ficha técnica com os seguintes dados: nome do entrevistado, local da entrevista, data da entrevista, duração, nome do projeto, entrevistadores, descritores/assunto e uma breve biografia. Em seguida, a entrevista é disponibilizada.

O conteúdo de cada depoimento é extremamente rico ao relembrar fatos históricos, locais, casas comerciais, meios de transporte, atividades esportivas e pessoas, dentre muitos outros temas. Por meio das entrevistas presentificamos o passado e estabelecemos relações com a contemporaneidade, com fontes que enriquecem as narrativas construídas em exposições, artigos, mediação, estudos do acervo e materiais dessa natureza. Porém segundo Verena Alberti, “[...] o passado só ‘retorna’ através de trabalhos de síntese da memória: só é possível recuperar o vivido pelo viés do concebido” (2004, p. 17). A memória do interlocutor, conscientemente ou não, também seleciona e escolhe o que guardar, o que contar e como contar. Por exemplo, a primeira entrevistada, d. Baby, quando de seu depoimento, já não vivia na casa da rua São Clemente havia mais de 50 anos. Provavelmente, em seu relato, ela constrói uma narrativa desse passado.

O trabalho da transcrição trouxe outras questões, como: será que os leitores desse material, pesquisadores ou não, conheciam aquele universo de informações que estavam sendo expostas? A partir disso, buscamos ampliar o conteúdo dos depoimentos com notas ao chamar a atenção do leitor para sites na internet, livros, teses e dissertações que abordassem esses eventos e pessoas.

Tal procedimento contribui, inclusive, para sanar a lacuna da inexistência do material de pesquisa, dos levantamentos que devem ter antecedido a produção de cada entrevista.

Vivenciar a experiência do outro nunca é uma realização completa, assim como nenhuma interpretação é completa, e sempre teremos espaço para novas interpretações e releituras. Convidamos então você, leitor, para se permitir ler e se apropriar dos depoimentos que se seguem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARIAS NETO, José Miguel. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. *História Oral*, Niterói, n. 6, p. 159-85, 2003. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.70>.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. Como a história oral chegou ao Brasil: entrevista com Aspásia Camargo. *História Oral*, Niterói, v. 2, p. 167-179, 1999. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v2i0.15>.
- HEYMANN, Luciana; ALBERTI, Verena. Acervos de história oral: um patrimônio silencioso? In: BAUER, Letícia; BORGES, Viviane Trindade (Org.). *História oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 11-29. (História oral e dimensões do público).
- LACOMBE, Américo Jacobina. A propósito de Rui, o homem e o mito. *Digesto Econômico*, São Paulo, ano 20, n. 183, maio/jun. 1965. Disponível em <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_AmericoJacobinaLacombe_AProposito_de_Rui.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Rui, o homem e o mito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- RANGEL, Aparecida M. de S. *Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- REAL, Regina Monteiro. *O museu ideal*. [Belo Horizonte]: Tipografia da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1958.
- REIS, Cláudia Barbosa. *Painel 2: A pesquisa sobre o acervo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [201-?]. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_ClaudiaBarbosaReis_painel2_apesquisa_sobre_oacervo.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/graciele_karine_siqueira.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PARTE 1
ANOS 1970

**Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra
(D. Baby)
(depoimento, 1975)**

GUERRA, Maria Luíza Vitória Rui Barbosa. *Maria Luíza Vitória Rui
Barbosa Guerra (D. Baby). (depoimento, 1975).*
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby)

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 10 de abril de 1975

Duração¹: 1h 28min 47s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: Aldeli Memória (chefe do Museu), Jurena Porto e Marco Paulo Alvim (diretor da divisão técnica)

Descritores/Assunto: Mobiliário, objetos, hábitos cotidianos, amigos, viagens, empregados, *nurses*, iluminação, Light, Mackenzie, luz de gás, jardim e estruturas, jardineiros, plantas e frutas, árvores, estufa, casa de Londres, casa de Petrópolis, casa do Flamengo, casamentos, festas, música, saraus, Confeitaria Paschoal, obras, banheiro, pintura pompeiana, varanda da sala Bahia, Château Misère, quiosque, infância, forno, chás, refeições, porão, atentado, doença, relacionamento de Rui com crianças, queda, perna engessada, indumentária, intimidade, livros, telefone, espaços, Antônio Azeredo.

Biografia³: (n. Londres, Inglaterra, 1894-f. Rio de Janeiro, 1985)

D. Baby é a filha mais nova de Rui Barbosa.

Nasceu em Londres, no dia 12 de novembro de 1894, enquanto Rui Barbosa encontrava-se no exílio devido a motivos políticos durante o governo de Marechal Floriano Peixoto.

Foi casada com José da Costa Guerra, passou a chamar-se Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra, e tem uma filha chamada Carmem.

¹ A entrevista está dividida em três partes com 31min 28s, 31min 30s e 25min 49s, respectivamente. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Não estão documentados quais foram os entrevistadores, todavia segundo a museóloga Cláudia Reis, os servidores envolvidos nessa entrevista foram Aldeli Memória (museóloga/chefe do museu), Jurena Porto e Marco Paulo Alvim (museólogo/diretor da divisão técnica).

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos de 1970.

Entrevista 10/04/1975

PARTE I

Entrevistador: Fundação Casa de Rui Barbosa. Dia 10 de abril de 1975. Visita de d. Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra, d. Baby. Eu sugeria, já que nós estamos aqui na sala de almoço, perguntar se d. Baby sabe de alguma coisa aqui relacionada à vida diária aqui, da casa?

D. Baby: Aqui era nossa sala de almoço e às vezes de jantar, também. Não? Dependia das pessoas, do número de pessoas. Essa mobília é... ela é holandesa. Veio da Holanda. Esse lustre⁴ também é holandês.

Entrevistadora: E o armário?⁵

D. Baby: O armário também, também.

Entrevistadora: Também veio da Holanda?

D. Baby: Minha mãe sentava na cabeceira da mesa. Meu pai à direita, eu ao lado dele, e do lado de lá ficava minha irmã Batista Pereira, o marido, o filho, meu irmão também, João. Era solteiro, depois de casado, já não estávamos mais aqui.

Entrevistador: E havia sempre muitos comensais?

D. Baby: Muito. A casa vivia cheia. Para almoçar eram sempre dez, doze pessoas diárias, e jantar muito mais. Não eram políticos. Eram amigos íntimos.

Entrevistadora: E esses amigos íntimos, a senhora poderia... eu sei de alguns.

⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

D. Baby: O major Aguiar⁶ era muito amigo. O Rubem Tavares, o... Licurgo José de Melo.⁷ Mas... eu tomei nota aqui de alguns nomes, porque, estou meia...

Entrevistadora: Vizinhos, assim, não?

D. Baby: Como?

Entrevistadora: Vizinhos? Amigos?

D. Baby: Não eram vizinhos, não. Eram amigos mais antigos, mesmo.

Entrevistador: Pode falar.

D. Baby: Essa primeira janela em frente à entrada, costumava sentar ali. Botávamos umas mesas. Essas mesas não existem mais aí, por quê? Eram umas mesas de... de... azulejos. Eram três mesas de azulejo que tinham aí na varanda. Uma com azulejo azul, uma verde, uma vermelha. Não sei se foi...

Entrevistador: Azulejo liso ou decorado?

D. Baby: Não, liso, cobertas por azulejos. Elas eram também holandesas, essas três mesas.

Entrevistadora: É? Lisas? E eram de madeira? Ou eram de junco?

D. Baby: Não, eram de madeira.

Entrevistadora: De madeira?

D. Baby: Só a superfície que era de azulejo. Então, botávamos sempre uma mesinha dessas e sentava aí para o almoço.

Entrevistador: Aqui no canto da janela?

Entrevistadora: Com qual idade?

D. Baby: Pequenininha ainda.

Entrevistadora: Desta sala aqui, da outra?

D. Baby: Ou então na varanda, também. Meu irmão João⁸ também. Mas, meu irmão João era bem mais velho que eu, seis anos mais velho que eu.

Entrevistador: D. Baby e o café da manhã? Onde era tomado?

D. Baby: O café da manhã, nós tomávamos geralmente no quarto. Mamãe gostava. Papai gostava muito de café no quarto. Eu ia... eu sempre tomava com eles, muito cedo. Eles madrugavam. Sete horas nós já estávamos de café tomado, geralmente.

⁶ Major Carlos Nunes Aguiar, falecido em outubro de 1930. Carlos Viana Bandeira e Antônio Barroso Fernandes presentearam Rui com o Landau. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=59&ID_M=97>. Acesso em: 20 fev. 2020.

⁷ Licurgo José de Melo foi inspetor geral de terras e colonização e irmão do almirante Custódio José de Melo. Consultado em: Magalhães, Rejane M. M. de A. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: FCRB, 2013.

⁸ João Rui Barbosa (n. Rio de Janeiro, 1890 – f. Rio de Janeiro, 1947).

Entrevistadora: Agora, aqui nessa sala, a senhora se lembra da decoração? Se era semelhante a atual?

D. Baby: Tal qual. Tá perfeita, eu acho. Acho que tá tudo exatamente o que era, não? Se há algum senãozinho, eu não percebo, é tão diminuto que não dá. Tá muito perfeito. Tá exatamente. Impossível melhorar.

Entrevistador: E na sala de jantar?

D. Baby: Na sala de jantar, geralmente, quando tinha mais gente íamos para lá. Ou então, em aniversários, não? Depois da mesa de jantar íamos sempre para a sala, nós chamávamos a sala de conversas. Essa sala aqui. Sobe a escada...

Entrevistador: Que é a sala João Barbosa, que nós chamamos atualmente.

D. Baby: Era a sala de conversa. Tinha... tem... agora, a mobília não está colocada como era, não é? Aquele grupo de couro,⁹ tinha um sofá encostado no... na parede lateral. Eu vou mostrar a vocês. E ali... e ali, papai sentava, e mamãe, depois do jantar. E aí chegavam os amigos, esses que eu falei Licurgo José de Melo, Rubem Tavares, e ficávamos conversando ali. Papai aproveitava esse tempo para abrir os livros, porque todo dia ele trazia uma montoeira de livros da cidade. Ia pro Briguet¹⁰ e vinha carregado de livros. Então ele sentava ali, começava aquela faquinha de marfim,¹¹ a abrir as páginas dos livros. Ficava horas, até 11 horas da noite mais ou menos, quando se despediam e aí nós íamos nos deitar.

Entrevistador: Quer dizer que, quando eram essas reuniões mais íntimas, nunca iam para as salas da frente?

D. Baby: Não, não. Eram sempre aqui. Aqui era mais aconchegado. Melhor. Nós estávamos habituados a isso todo dia, não?

Entrevistadora: E a entrada normal dos amigos mais íntimos da casa?

D. Baby: Embaixo do arco.

Entrevistadora: Embaixo do arco. Aquela entrada lá pela sala da frente... era usada?

⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁰ Localizamos no *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial* (RJ), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, registros da Briguet em dois momentos, ambos na seção de livrarias. O primeiro registro é do ano de 1908 como F. Briguet, na travessa do Ouvidor, 14; e o segundo do ano de 1910, já como livraria Briguet na rua Sachet, 20. A travessa do Ouvidor alterou o nome em 1902 para rua Sachet, todavia o nome antigo acabou prevalecendo com o tempo. Sendo assim, a livraria se manteve no mesmo lugar.

¹¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

D. Baby: A gente... aquele só para festas ou uma pessoa de cerimônia, mas a entrada era aqui pelo arco, mesmo, sempre. Eu me lembro bem, papai saía toda a tarde, depois do almoço, e ia para o Briguet comprar livros. Vinha carregado de livros e... mas, ele era muito... hoje não há mais isso... ia chegando na porta da rua, tirava logo o chapéu. [risos] Tirava o chapéu e subia então mamãe esperava ele na subida da escada e ele: “Ah, Maria Augusta, você me desculpe tantos livros, mas isso é a minha ferramenta!” [risos] Palavras dele... [Inaudível]: “Desculpe Maria Augusta, mas é minha ferramenta”. Vinha com aqueles livros todos.

Entrevistadora: A senhora se lembra também dessas chegadas dele, se ele usava, usou, o Benz?¹² E também usava o cupê,¹³ não é?

D. Baby: Primeiro ele usou... antes de ter a Benz, ele tinha uma Vitória¹⁴ e um cupê, não é? Primeiro ele teve cavalos. Esses cavalos, não sei o que que houve. Morreram, não? Um até foi preciso matar, quebrou a perna e foi preciso matar aqui mesmo. Depois ele tinha uma parelha de bestinhas, muito lindas, eram cinzentas, exatamente iguais. E aquela ele... ficou com pena, mas para a Vitória não sei... a Vitória ficou em Petrópolis, não?

Entrevistadora: Ficou em Petrópolis. Depois é que ela veio.

D. Baby: É. A Vitória. E... ele toda... tar... depois do almoço, ele invariavelmente ia para a cidade comprar esses livros, ia no carro, sempre com o mesmo empregado, Luciano. Foi muitos anos cocheiro e, depois, passou a

¹² “O automóvel, placa 833, marca Daimler Benz, foi um dos primeiros a circular no Rio de Janeiro. Tinha oito cilindros em linha, montados em duas seções de quatro cilindros cada, 55 HP, motor nº 4.698, com capacidade para desenvolver uma velocidade de aproximadamente 80 km/h.” (Magalhães, Rejane M. M. de A. Rui Barbosa na Vila Maria Augusta. Rio de Janeiro: FCRB, 2013. p. 46.)

¹³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. O *coupé* ou *cupê* foi uma “viatura de sucesso em: Paris no princípio do século XIX, foi também muito usado no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Era o veículo preferido dos membros da diplomacia, da magistratura e do parlamento. Os ministros o usavam cotidianamente, e também em recepções, cortejos e passeios. Em 1845, surgiu no Rio o primeiro *coupé-chaise*, o qual foi utilizado, a partir de 1851, para a condução de passageiros, empreendimento da firma Carneiro e Marinhas”. Disponível em: <<http://www.museudantu.org.br/>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

¹⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>. “Criação de comerciantes ingleses de *Plymouth*, a Vitória foi lançada em 1846, recebendo seu nome em homenagem à rainha da Inglaterra de então. Era uma carruagem leve de quatro rodas. Tinha acesso fácil, um assento confortável e pára-lamas curvos, que protegiam a roupa dos passageiros. Este veículo tinha um perfil curvo e elegante, sendo bastante atraente”. Disponível em: <<http://www.museudantu.org.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2020.

motorista. Era um português. Os empregados aqui da casa todos tinham 20, 30 anos. Não é como hoje, que entra hoje, sai amanhã.

Entrevistadora: E eles dormiam? Esse motorista, por exemplo, ele dormia aqui na casa?

D. Baby: Dormia. Dormia ali. Eu posso mostrar vocês depois onde era o quarto dele. É pegado, pegado à coqueira mesmo.

Entrevistadora: E os serviçais da casa? A senhora se recorda de tudo?

D. Baby: Muito bem. Mas só mostrando lá embaixo, não? Eu sei. Eu sei o quarto de todos eles.

Entrevistadora: E quais eram assim as pessoas empregadas de que a senhora se recorda?

D. Baby: Tinha o Antonio, o copeiro, que este ficou conosco muitos anos. Conhece ele? O Ventura, não? É cunhado do Ventura.¹⁵

Entrevistadora: Antonio Joaquim Costa.¹⁶

D. Baby: É. É cunhado, acho que do Ventura. Parece que a senhora dele faleceu agora, não?

Entrevistador: Foi. Recentemente.

D. Baby: Eu soube outro dia. Fiquei com... não me disseram nada, eu teria ido à missa. Parece que já muito idosa, não, com 90 anos. Foi o que... quem foi que me disse?

Entrevistador: D. Celine que me falou, da documentação, que tinha ido à missa.

D. Baby: O Antonio esteve... tinha uma Emília, também, portuguesa. Essa levou 40 anos com a mamãe. Ela era a mordoma, tomava conta dos outros empregados. Os empregados tinham medo dela, porque ela era muito áspera e... [risos] E tinha, quem mais? Eram onze empregados. Tinha o cozinheiro, com o ajudante, o copeiro, era o copeiro e o ajudante. Mamãe tinha a empregada dela e eu tinha uma empregada só para mim. E minha irmã, que morava em cima, a Dedélia¹⁷ Batista Pereira, os filhos dela nasceram todos lá em cima. Onde é o escritório do dr. Irapoan¹⁸ atualmente, não? Ali era o quarto da família Batista

¹⁵ O sr. Antônio Ventura foi entrevistado para o projeto Memória de Rui, em 25 de abril de 1975.

¹⁶ Autor do livro *Rui na intimidade*, disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/4792>. Acesso em: 29 abr. 2020.

¹⁷ Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira (n. Salvador, 1878 – f. Rio de Janeiro, 1953).

¹⁸ Irapoan Cavalcanti de Lyra foi diretor executivo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), no período de 1967-1978. Depoimento para o projeto Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas, em 10 de julho de 2002, no Centro de

Pereira. Era um apartamentinho, não é? Com três quartos, que o da frente é ótimo, não é?

Entrevistadora: É muito bom.

D. Baby: Aliás, nasceram quase todos os meus sobrinhos ali. A Lucila¹⁹ só que nasceu em São Paulo. Os outros nasceram todos aqui. E tínhamos as *nurses* inglesas, nós sempre tivemos *nurses* inglesas, papai quando veio da Europa... eu nasci na Inglaterra. No exílio. E vim com seis meses para aqui. E meu irmão João tinha... devia ter seis anos, não é, porque ele era mais velho seis anos do que eu. Cada um de nós trouxe uma *nurse*. Papai gostava muito das *nurses* inglesas. Do sistema delas. De fato, elas são muito ordeiras e tudo aquilo é... a hora, não é? Eu tive essa *nurse* comigo até a idade de 8 a 9 anos. Imagine o senhor que ela era viúva de dois *policemen* ingleses. Ela já era muito idosa. E recebia o soldo dos dois *policemen* aqui.

Entrevistador: Mandavam para ela.

D. Baby: Mandavam. E mais o que ela recebia de ordenado, que ela, no contrato foi feito, ela devia receber em ouro.

Entrevistadora: Em libra?

D. Baby: Em libra, não. E ainda estava no contrato também que ela tinha que tomar cerveja. Sabe que os ingleses gostam muito... bebiam muito... [risos]. Acontece que ela, de vez em quando, ficava daquele jeito. Aí então, eu não podia, mamãe me tirava dela e eu ia lá para cima, dormir com minha irmã. Porque ela ficava alegre, impossível. [risos] Tomava ela, sem aquilo não passava. Aliás estava no contrato, não? Ela esteve aqui oito ou nove anos. Eu me recordo bem, aqui. Aqui era a copa; nós tínhamos três jardineiros: o Luís, jardineiro; o Antonio; o outro não sei bem o nome. Eu me recordo, o Luís aqui, com um caixotinho deste tamanho, encaixotando as libras para ela levar para a Europa. Mas que coisa! Ela não gastou um tostão na vida, durante oito anos! Só guardou, guardou, guardou. Nunca me esqueci disso. Foi embora, gostava muito de mim. Tinha loucura por mim. Me escreveu sempre, me mandava presentes... depois, ela já era velha, faleceu. Eu não soube mais do paradeiro dela por muito anos.

Entrevistador: D. Baby, a senhora falou do jardim, dos três jardineiros. Eram três que cuidavam do jardim todo?

Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil-Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista661.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2020.

¹⁹ Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes).

D. Baby: Eram três. Tinha o Antonio... o Luís era chefe deles. Ele mandava nos outros dois. À noite, cada noite tinha um de guarda aí embaixo, no arco. Porque meu cunhado saía, voltava tarde. Meu irmão João também, geralmente, voltava tarde e só se fechava o portão depois que o último entrava, não? Então ficava sempre um toda noite esperando aí. Uns cachorrões enormes soltos toda a noite aqui. Eu sei que nunca houve nada. Naquele tempo não havia os assaltos, não? Nunca sofremos nada.

Entrevistadora: É. Agora e... havia o canil? Quer dizer, tinha criação de cachorros?

D. Baby: Não, não tinha criação não.

Entrevistadora: Só os cachorros?

D. Baby: Só tinha os cachorros para guarda, não é? Eram três cachorrões.

Entrevistador: E o jardim, d. Baby, era iluminado, com... tinha um sistema de iluminação?

D. Baby: Era iluminado, mas a iluminação era fraca. Naquele tempo, a iluminação era muito fraquinha. Não sei bem que espécie de iluminação era. Eu acho que era gás, não? Devia ser gás. Como tinha na rua também, não é, nas ruas? Porque eletricidade aqui, eu me lembro, quando nós viemos – foi de... Haia? Acho que foi de Haia, que o presidente da Light, o Mackenzie,²⁰ mandou iluminar a casa toda, aí ele colocou eletricidade²¹ na casa, porque aqui era luz incandescente dentro da casa, não? Mas quando na nossa volta de Haia já estava a eletricidade funcionando. E ele fez uma iluminação fora, belíssima. Só provisória, pro dia da chegada. Foi o Mackenzie, ele era presidente da Light. Papai era advogado da Light nessa ocasião. Eu acompanhei eles a Haia. Saí do colégio, tava no colégio, ainda tinha... fiz 13 anos em Paris. E estivemos seis meses em Haia,²² depois fui para Paris, mas em Paris ficamos apenas uns dias, e eu fazia anos juntamente em Paris. Completei os 13 anos lá. Então me lembro exatamente que eu pedi, mandei pedir ao ministro – o ministro era Eduardo Lisboa, era o nosso ministro lá. Papai era embaixador, ele ministro. Então telefonei para Haia pedindo a ele que deixasse os

²⁰ Alexander Mackenzie.

²¹ VON DER WEID, Elisabeth. *A expansão do Rio de Janeiro Tramway Light and Power ou as origens do “Polvo Canadense”*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s.d. pp. 1-49.

²² *II Conferência de Paz, Haia, 1907: a correspondência entre o Barão de Rio Branco e Rui Barbosa*. [Centro de História e Documentação Diplomática] – Brasília: FUNAG, 2014. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/II-conferencia-da-paz-daia-1907.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2020.

rapazes todos da legação vir para Paris. Que eles estavam doidos para vir para Paris. Ao menos para passear uns dias, assistir ao meu aniversário. E assim fizeram... estivemos em Haia²³ uns seis meses. Era tão agradável! Morávamos na praia de Scheveningen... no hotel. Tinha uma ala do hotel toda que era embaixada brasileira.

Entrevistador: E a senhora voltou depois à Europa, d. Baby?

D. Baby: Voltei agora há dois anos, um certo tempo.

Entrevistador: E esteve na Holanda também?

D. Baby: Estive na Holanda, mas com tanta pena que fiquei, não pude ir até Haia. Estive só em Amsterdã, porque eu fui em excursão. Sabe, excursão, aquilo é corre-corre, não tem dia, você não pode, se você sai você perde a excursão... eu quase chorei sem poder ir a Haia. Tive muita pena.

Entrevistador: Fica cansativo também.

D. Baby: Não. E mesmo não dava, sabe? Se eu fosse para Haia, eu ia perder a excursão e tinha que encontrar não sei aonde. E eu já fui com 78 anos, é muita coisa, não queria ficar sozinha lá. Fui lá... e fiz questão de ver a casa onde nasci, em Hyde Park. Tem uma placa lá, sabia?

Entrevistador: Tem uma placa?

D. Baby: Tem uma placa na porta. “Aqui morou Rui Barbosa, advogado brasileiro”. Eu fiquei tão emocionada quando eu cheguei lá. Comecei a chorar. Passamos três ou quatro dias em Londres. Fiz uma excursão de 40 dias. Né? Fui a vários países.

Entrevistador: D. Baby, uma pergunta: a senhora casou-se aqui na casa?

D. Baby: Não, eu não casei aqui. Eu casei cinco anos depois de meu pai ter falecido. Papai, ele, parece que ele... tinha um pouquinho de ciúme dos filhos se casarem, ele não queria. Quando tinha um rapaz que gostava de mim ou qualquer coisa ele sempre achava um defeito, ou não queria, evitava. Enfim, eu não casei em vida dele. Casei cinco anos depois que ele faleceu. O único casamento aqui foi o de Chiquita, minha irmã, isso eu era pequenina. Eu tinha cinco anos quando ela casou. Eu me recordei. Foi uma festa maravilhosa aqui. Com baile.

Entrevistadora: Dedélia também casou aqui?

²³ LACERDA, Virgínia Côrtes de e REAL, Regina Monteiro. *Rui Barbosa em Haia: Cinquentenário da Segunda Conferência da Paz (1907-1957)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/texto/FCRB_VirginiaLacerdaReginaReal_RuiBarbosa_em_Haia.pdf. Acesso em: 4 mar. 2020.

D. Baby: Dedélia também casou aqui, casou mas Dedélia foi de manhã, com missa na biblioteca. Houve a missa na biblioteca... e depois o lanche, a festa toda no jardim aqui atrás, as mesinhas...

Entrevistador: Um almoço?

D. Baby: Um almoço, é.

Entrevistador: E o que a senhora se referiu então, de d. Chiquita, foi mais tarde.

D. Baby: Da Chiquita foi o primeiro. Chiquita era...

Entrevistador: Mas eu digo, foi mais tarde, não foi na parte da manhã.

D. Baby: Não. Foi à noite, houve um baile. Eu me recordo bem dos automóveis: entravam por esta porta aqui, davam uma volta e saíam pelo outro portão. Mas uma coisa! Brutal a quantidade de gente. Devia ter umas quatro ou cinco mil pessoas. Uma coisa incrível. Nem sei como coube tanta gente nessa casa. Era a primeira filha que casava, não é?

Entrevistadora: E o casamento foi realizado também aqui?

D. Baby: Não, não, na igreja São João Batista. Aqui deve ter sido civil, mas isso eu não tenho bem certeza não. Mas foi com certeza em casa, não? Dedélia também. Minha irmã Adélia, casada com Batista Pereira, casou aqui. Na biblioteca. Mas foi em casa, tanto o religioso como o civil.

Entrevistadora: E a senhora se recorda?

D. Baby: Os padrinhos dela foram... era... nesse tempo acho que o Afonso Penna era o presidente. A filha dele, a Conceição,²⁴ a senhora do Edmundo Veiga, foi madrinha, e... o barão do Rio Branco²⁵ foi padrinho do Batista, eu acho. É.

Entrevistador: D. Baby, e nessas ocasiões em geral era chamado algum serviço externo para comidas e...

D. Baby: Ah, era. Vinha o serviço do Paschoal, a Confeitaria Paschoal,²⁶ ali na rua do Ouvidor. Há muitos anos que não existe mais. Mas era a

²⁴ Maria da Conceição Pena.

²⁵ José Maria da Silva Paranhos Júnior, barão do Rio Branco, foi diplomata, advogado, historiador e político. Foi ministro das Relações Exteriores durante o governo de quatro presidentes. Fez parte da Academia Brasileira de Letras ocupando a cadeira n. 34. Diversos livros abordam a vida de barão do Rio Branco por exemplo, *Juca Paranhos – o Barão do Rio Branco*, de Luís Cláudio Villafañe G. Santos, *Barão do Rio Branco – uma biografia fotográfica*, de José Maria da Silva Paranhos, e *A vida do Barão do Rio Branco*, de Luís Viana Filho.

²⁶ “Luiz Edmundo, nas suas memórias sobre o Rio de Janeiro, relembra, mapeando os principais pontos literários dessa rua, que as confeitarias mais importantes do final do século XIX foram a Confeitaria Colombo, na rua Gonçalves Dias, e a Confeitaria Pascoal, na rua do Ouvidor, além de outras que ficavam em um segundo plano, como a Cailteau e a Castelões. Dessas quatro, a mais antiga era a “Pascoal”, a qual era vista por Edmundo

primeira nesse... mamãe tinha uma quantidade enorme de cristais, lindíssimos. Ela tinha uns dois quartos aí, cheios de cristal. Mas ela fazia questão de, nessas festas, servir com os cristais dela. Foi uma pena, porque, sabe, essa gente não tem cuidado. Quebrou muita coisa. Me lembro que ficou pouco para nós e para ela mesma. Quebraram. Mas ela queria servir. Tinha quantidade grande e podia servir, mas eles não tinham cuidado. Os garçons quebravam muito. [pausa] Ela deu recepções lindas aqui. Muito.

Entrevistadora: A senhora se recorda...

D. Baby: Com muitos concertos na sala de música, sabe qual é a sala de música, a primeira sala de lá. Porque são três salões, não é? Tem um logo na entrada, o do meio (o salão nobre), e depois a sala de música é onde tem o piano.²⁷ Muitos concertos ali.

Entrevistadora: Estes saraus eram só íntimos ou havia...

D. Baby: Não, geralmente... íntimos às vezes, mas às vezes eram cerimônias com muita gente, vinham até – quando dos concertos – vinham até artistas de fora cantar, cantou o Gigli²⁸ cantou aqui, outros...

Entrevistador: De artistas nossos o Catulo esteve aqui, o Catulo da Paixão Cearense.²⁹

como o “melhor centro de reunião e palestra” na época do surgimento da República. Nesse estabelecimento, continua o estudioso carioca, “é que davam rendez-vous os paredros da terra, os grandalhões da literatura, da política, do alto-comércio e das finanças” (EDMUNDO, 1938/1957:596) (PEREIRA, Milena da Silveira. *Palco das letras: um passeio pela rua do Ouvidor do século XIX*. Rio de Janeiro: Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rjanpuh.org/resources/anais/8/1276728080_ARQUIVO_TEXTOANPUHRJ2010.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2020.

²⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁸ Beniamino Gigli (n. 1890 – f. 1957) visitou o Brasil oito vezes entre 1920 e 1951. Em sua primeira passagem pelo Brasil, cantou várias óperas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Suas líricas e concertos sempre tiveram públicos extraordinários. Em 1937, já havia gravado duas árias de Carlos Gomes: *Quando nasceste tu* (da ópera *O escravo*) e *Vanto Io Pur* (de *O guarani*). Disponível em: <<https://www.letras.com.br/beniaminogigli/biografia>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

²⁹ Catulo da Paixão Cearense (n. 1863 – f. 1946). Compôs a modinha *Ao Luar*. Em 1908, protagonizou audição de modinhas e violão no Instituto Nacional de Música. Compôs o poema *O marrueiro*, em 1912. Dois anos depois, fez recital de modinhas no palácio do Catete, convidado pelo então presidente Hermes da Fonseca e sua esposa. Entre suas obras poéticas estão: *Um caboclo brasileiro* (1900); *Poemas bravios* (1925); *Fábulas e alegorias* (1934); *Um boêmio no céu* (1938) e *Modinhas* (1943). (CATULO da Paixão Cearense. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

D. Baby: Do Catulo, eu me lembro dele bem, na biblioteca, cantando. Papai apreciava muito ele. Muito mesmo. Ele cantava ali na biblioteca. Ficava tarde, a noite toda, até tarde. Velhinho. Pequeninho. Eu me recordo bem dele.

Entrevistador: Tocava violão...

D. Baby: Tocava violão e cantava, se acompanhava. Ali na biblioteca. O Catulo era sempre na biblioteca que ele ficava.

Entrevistador: Até ontem eu estava com a Aldeli na sala de música e nós reparamos que, no leque que tem em cima da porta de vidro, há um vestígio de uma lira. Uma lira, mas já está muito apagada, no próprio vidro. Isso a senhora não se recorda, desse detalhe de enfeite nos vidros da casa?

Entrevistadora: Existiam?

D. Baby: Existiam sim.

Entrevistadora: Os vidros eram decorados?

D. Baby: Eram decorados.

Entrevistador: Talvez, não sei, alguma modificação, ou porque não se usava, ou porque quebraram... porque atualmente os vidros são lisos aqui.

D. Baby: É, atualmente são. Mas não eram todos decorados não. Só os daquelas salas de baixo, da frente, não?

Entrevistador: Aqui dessa ala que dá para a varanda dos fundos, a senhora não se recorda se os vidros eram decorados?

D. Baby: Não, não eram.

Entrevistadora: Nem nessa ala aqui no fundo da casa...

D. Baby: Também não.

Entrevistadora: Não?

D. Baby: Essa varanda era pompeiana. Pintura pompeiana. E papai fez a sala igual.

Entrevistadora: Ah, ele fez a sala igual?

D. Baby: Pintou igual à varanda.

Entrevistadora: Por que não era antes?

D. Baby: Não, isto tudo foi feito por ele.

Entrevistadora: Ah é!! Hum!

D. Baby: Essa casa... parece que quando nós, quando papai foi pro exílio, ele comprou esta casa, enquanto ela estava hipotecada. Não me recordo bem o nome da família, mas era uma família de origem inglesa. E...

Entrevistador: Era Allan.

D. Baby: Isso mesmo. E a casa estava hipotecada. E quando ele voltou já tinha acabado de pagar. Então viemos diretamente pra aqui. Porque primeiro ele

morou no Flamengo. Eu nesse tempo não existia. Meu irmão é que nasceu lá. O João. No governo provisório. João era de 1889, eu sou de 1894.

Entrevistadora: E a senhora se lembra de alguma...

D. Baby: Mas nesse intervalo, mamãe perdeu, teve um filho que perdeu ao nascer. Dizem que era o retrato de papai. E papai ficava chorando olhando pra criança. Dizem que era idêntico. Idêntico. Os traços perfeitos dele. Nasceu antes do tempo. Faleceu ao nascer. Seríamos seis. Fomos cinco.

Entrevistadora: E houve alguma obra grande na casa que a senhora se lembrasse?

D. Baby: Não.

Entrevistadora: Não lembra?

D. Baby: Não.

Entrevistadora: Nem deste aspecto das pinturas?

D. Baby: Não, não me lembra não.

Entrevistador: E aquela sala mais íntima, como a senhora falou, não havia pinturas?

D. Baby: Não havia pinturas. A varanda também não tinha pinturas. Pelo menos ele fez, escolheu o estilo pompeiano e mandou fazer igual à sala e à varanda.

Entrevistadora: E a senhora se lembra, naquela entrada dos arcos a parede sempre teve aquela madeira, painel?

D. Baby: Qual é a entrada dos arcos?

Entrevistadora: Essa entrada que hoje é a entrada do museu.

D. Baby: Ah, bom, aquele embaixo do arco. Sempre teve.

Entrevistadora: Sempre teve a madeira?

D. Baby: Sempre. Sempre foi assim de madeira aquilo. Aquele quarto, agora não sei, é qualquer coisa que deu... quem é que trabalha logo na entrada embaixo do arco? Ali ao lado. Aquele quarto grande ali. Aquele quarto era de meu irmão. Meu irmão quando era solteiro. João.

Entrevistador: É a sala de leitura da biblioteca atual.

D. Baby: Ah, ele chamava meu Château Misère [risos].

Entrevistadora: Era o quarto dele?

D. Baby: Era o quarto de João. Papai gostava muito de João, sabe, muito mesmo. Interessante que os pais dizem que não tem preferências. Mas eu acho que tem. Eu acho que tem. Eles não mostram, mas acho que tem. [pausa] Ali onde agora é – como é que chamam? A Secretaria, não? –, ali era um banheiro. Era um banheiro e mais um quarto de empregada, essa Emília também. E nesse banheiro nós fizemos uma divisão

pequena, porque João meu irmão gostava muito de fotografias – então nós íamos fazer nossa câmara escura ali [risos]...

Entrevistadora: E d. Baby, o quiosque, como era usado?

D. Baby: Isso aqui era só um chuveiro. O quiosque era um chuveiro. Tem o banho de imersão e tinha o chuveiro. E eu andava de bote com o João nesses lagos. De vez em quando, ele virava o bote. Tu sabes o que é irmão? Nós brigávamos muito os dois. E virava o barco. Eu andava de barco com meu irmão.

Entrevistador: E, d. Baby, havia sempre crianças da família e amigos que vinham brincar, inclusive participavam dessas brincadeiras no quiosque e no lago?

D. Baby: Sempre, muitos amigos, sempre crianças e amigos, parentes que a família é grande. Em Petrópolis, então, no verão nós tínhamos sempre 20, 30 pessoas instaladas em casa, passando o verão lá. Papai gostava de movimento, de bastante gente, barulho, conversa. Ele gostava. Sentia-se bem. Em Petrópolis, nós tínhamos duas casas. No mesmo terreno. A casa da frente, onde ele faleceu, e um chalé no fundo pros hóspedes.

Entrevistador: Qual era a hora assim...

D. Baby: O senhor não conhece a casa de Petrópolis, não?

Entrevistador: Não, ainda não, d. Baby.

D. Baby: Não sei se pode ser visitada, porque pertence a uma família. Foi vendida a um embaixador, mas depois eles revenderam... tinha placa na porta, uma placa de bronze, mas parece que roubaram.

Entrevistadora: Atualmente...

D. Baby: Não tem nada... sobre Petrópolis.

Entrevistador: E a dedicação que Rui dedicava às... tinha pelas flores, pelas rosas?

D. Baby: Ah, bom, ele teve mais é no Flamengo quando eu não existia. Eu sei que ali ele teve 300 e tantas variedades de rosas. Parece que o terreno da casa do Flamengo era bem grande. E ele cultivava essas rosas lá. Aqui, ele teve menos. Gostava também muito desta parreira. Toda manhã ele saía, ia podar rosas, a parreira...

Entrevistador: E dava uvas?

D. Baby: Dava, não muito doces não, um pouco azedas, mas dava. Agora parece que não dá mais, não?

Entrevistador: E com relação ao jardim, d. Baby, depois nós poderíamos dar uma vista para a senhora verificar se há alguma planta, alguma trepadeira, algumas flores daquela época?

D. Baby: Aqui tinha umas árvores, não? Puseram abaixo umas árvores lá no fundo, não é? Eu penso que sim, eu só vendo.

Entrevistador: A senhora ainda se recorda da estufa que havia lá no fundo?

D. Baby: Estufa muito linda, toda de vidro...

Entrevistadora: Vidro e metal?

D. Baby: É. Foi desmanchada. Não sei, não está aqui.

Entrevistador: Mas esta estufa já existia na casa?

D. Baby: Não, não. Foi feita, porque mamãe gostava muito de plantas e papai também. Minha filha herdou esse gosto dos avós. É uma paixão louca pelas plantas, pelas flores. A mãe³⁰ da Beatriz.³¹ Conhece Beatriz, não?

Entrevistador: Conheço sim! Conheço.

D. Baby: Eu estou tão feliz. Minha neta estar aqui. Interessante, mamãe gostava muito dos netos e das netas. Mas a predileção dela era pelas meninas, pelas netas. E eu acho que estou a mesma coisa. Herdei dela. Sou louca por essa Beatriz. Só tenho esta neta e dois netos.³² Dois rapazes. Um já está rapaz, o outro é garoto ainda. Um tem 13 anos, o outro 18. Está estudando direito também, Beatriz também.

Entrevistadora: Agora a estufa, d. Baby, é onde hoje é a casa do zelador? A senhora lembra?

D. Baby: Eu só indo lá ver, sabe? Assim de longe eu não estou bem certa não. Podemos depois passar lá pra ver, né?

Entrevistador: Claro!

D. Baby: Tinha também um pátio pros cachorros. Mais dividido ali, não é?

Entrevistador: Ah, tem.

D. Baby: Tinha o galinheiro...

Entrevistador: E lá nos fundos também é onde se fazia o pão?

D. Baby: Tinha. É, tinha. Era uma empregada nossa, de Petrópolis, fazia pão. Esses fornos antigos de tijolo, não? Parece que é o que dá o melhor pão. É, tinha sim.

[Corte na gravação]

Entrevistador: Aqui nós estamos na sala de jantar.

D. Baby: Sala de jantar. A sala de jantar e das festas, não é?

³⁰ Carmen Rui Barbosa Guerra Martins.

³¹ Beatriz Rui Barbosa Guerra Martins. Foi servidora da Fundação Casa de Rui Barbosa, ocupou o cargo de Pesquisadora de 1975 a 1998, ano de sua aposentadoria.

³² Fernando Rui Barbosa Guerra Martins e Sérgio Rui Barbosa Guerra Martins.

Entrevistador: Ele sentava-se onde, d. Baby?

D. Baby: Ele sentava sempre à direita de mamãe. Mamãe na cabeceira e ele à direita.

Entrevistador: Ele não gostava de ficar na cabeceira?

D. Baby: Não, o lugar de honra era sempre pra ela. Nunca vi paixão assim na minha vida. Oh!... eu que sempre digo, se ela falecesse primeiro, acho que ele não resistiria. Não digo que ela gostasse menos dele do que ele dela, mas é que papai tinha um temperamento assim muito afetivo; mamãe também, mas ele era uma paixão louca por ela, louca. Eu acho que se ela morresse primeiro ele não resistia não.

Entrevistadora: As cartas deles...

D. Baby: E mamãe sobreviveu 25 anos a ele.

Entrevistador: 25 anos?

D. Baby: É. Ele morreu em 23, ela morreu em 42,³³ não é?

Entrevistadora: D. Baby, esses vasos, a senhora sabe?

D. Baby: Esses foram oferecidos por esse, o marido da minha madrinha de batismo, o major Aguiar, Antunes Aguiar. Ele morava nessa casa que atualmente é o Colégio Jacobina.³⁴ Ele morava aí.

Entrevistadora: Esse com par?

D. Baby: O par, é.

Entrevistador: Esse com pedestal todo de louça decorada. E aqui há alguma coisa, d. Baby, que a senhora se recorde?

D. Baby: Esse lustre também é holandês. Aqui tem muita coisa da Holanda.

Entrevistador: Com relação à arrumação atual...

D. Baby: Esta mobília é estilo inglês, não? A mobília parece que é estilo inglês, é sim.

Entrevistadora: Esse mobiliário foi trazido da Inglaterra?

D. Baby: Não sei, o estilo é inglês, agora se veio da Inglaterra eu não sei. Porque eu era tão pequena. Mas o estilo é inglês. Sabe que papai era louco pela Inglaterra. Muito. Ele foi pra lá quando estava no exílio. Passou primeiro na Argentina. Da Argentina foi pra Portugal. E ele quis ir para lá, pra Inglaterra, para eu nascer lá.

Entrevistadora: Aquela campainha, a senhora se lembra dela?

³³ Maria Augusta Rui Barbosa faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1948.

³⁴ O Colégio Jacobina foi fundado em 1902 pelas irmãs Francisca (d. Chiquita) e Isabel (d. Belinha) Jacobina Lacombe. Em 1962, Laura Jacobina Lacombe escreveu o livro: *Como nasceu o Colégio Jacobina*.

D. Baby: Muito bem. Me lembro muito bem dela. Eu acho que era pra chamar, por exemplo, pra almoço, não é? [risos] Tocava aqui, nós ali no fundo do jardim, a criançada toda no jardim. Era sim.

Entrevistador: D. Baby, como era o sistema na hora em que estavam todos à mesa? Os empregados vinham para trazer os pratos...

D. Baby: Vinham. Vinham e serviam. Sempre à francesa.

Entrevistador: Era sempre à francesa?

D. Baby: Era sempre.

Entrevistador: Nunca deixavam as travessas na mesa?

D. Baby: Não, não, era sempre. Só quando era muito de manhã, assim, ali na sala. Mas aqui era sempre à francesa. O Antonio foi quantos anos copeiro aqui? Acho que uns 30 anos. Muito fiel, muito bom.

Entrevistador: E essas portas para a varanda ficavam sempre abertas em dia assim de verão?

D. Baby: Ficavam. Ficavam.

Entrevistador: Era mais agradável.

D. Baby: Mas as mesinhas é que eu estou curiosa de saber o fim que levaram essas mesinhas. Eram três. Ficava uma aqui em cada vão desses, não sabe?

Entrevistadora: Nós ainda temos no depósito uma mesinha, mas me parece que ela não tem tampo em azulejo.

D. Baby: Será que foram vendidas? Porque o senhor sabe que houve um leilão³⁵ aqui, não soube? De maneira que talvez tenham sido vendidas no leilão, não sei. Porque... é esquisito elas não estarem aí.

Entrevistador: Aquela que se vê daqui, d. Baby, daquela sala João Barbosa...

D. Baby: Essa que eu... sala de conversa.

Entrevistador: ... não é nenhuma a que a senhora está se referindo não? Aquela de junco ali. Aquela mesinha.³⁶

D. Baby: Aquela foi minha. Eu dei aqui pra Casa Rui Barbosa.

Entrevistadora: Ela era dessa casa?

D. Baby: Era daqui. Era daqui. Era dali mesmo o lugar dela.

Entrevistador: Dali mesmo.

D. Baby: Era.

³⁵ O anúncio do leilão foi publicado no *Jornal do Commercio*, no domingo do dia 21 de dezembro de 1924, com a lista completa dos objetos. O leilão ocorreu em 23 de dezembro de 1924.

³⁶ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: E o uso dela? Usava pra...

D. Baby: Não, era mais como enfeite, não é? A senhora quer ver, eu vou dizer que essa mobília não está na posição que era naquela época. Os vasos, são estes os dois, não é? O par.

Entrevistador: São. É o par.

Entrevistadora: D. Baby, e esses cristais e essas porcelanas, a senhora se lembra assim de algum fato...

D. Baby: Não...

Entrevistador: Se foi presente...

[Fim da gravação]

PARTE II

Entrevistador: A senhora disse que era o contrário, não é? Desse...

D. Baby: O contrário.

Entrevistador: Dessas das duas poltronas...

D. Baby: Esse sofá deve ir para lá e as poltronas aqui. Aqui que eles vinham depois do jantar todo dia, conversar e abrir os livros, as páginas dos livros, e reunia os amigos, ficava brincando. Meu pai tinha um... Artur Imbassahy. Ele era muito gaiato, sabe, brincava. Então sentava às vezes perto de papai na mesa, quando vinha almoçar... ele tinha mania de tirar... que tirava o talher, botava no bolso. Papai achava aquilo uma graça. “Não!” Fazia aquilo invariavelmente, papai não se cansava de achar graça. Artur Imbassahy. Eu acho que ele tem um filho ainda vivo. Ele ficava ali, com mamãe ao lado e os amigos por aqui. Rubem Tavares, major Antunes Aguiar, esse Licurgo José de Melo. São os que eu me lembro mais. Também eram os mais íntimos. Esses eram de toda noite.

Entrevistador: De toda noite?

D. Baby: Toda noite.

Entrevistador: Mas vinham após o jantar?

D. Baby: Após o jantar.

Entrevistadora: E após o almoço, era costume também essas reuniões?

D. Baby: Após o almoço ele saía quase sempre, ia pra... ia pro Briguet. Ia comprar livros no Briguet. Ia ao cinema. Também ele não perdia cinema. Gostava. Adorava.

Entrevistadora: E havia chás, se realizavam chás aqui, com a d. Maria Augusta...

D. Baby: Davam. Davam muitos chás aqui. Às vezes aqui nessa sala. Quando era íntimo, não?

Entrevistador: E o que que, em geral, era servido, d. Baby? O que que...

D. Baby: No lanche?

Entrevistador: É, no lanche. Era feito aqui mesmo? Biscoito...

D. Baby: Era feito em casa. Era feito em casa. Era tudo feito em casa. Agora, quando eram recepções, não. Vinha tudo da Confeitaria Paschoal.³⁷

Entrevistador: E que tipo de coisa servia? Sanduíches, biscoitos...

D. Baby: É, sanduíches, biscoitos, docinhos. Tinha um... de doceira que servia aqui sempre, trazia. Chamava-se Ernesto. Bombocados, fios de ovos, enfim, esses doces assim finos, não?

Entrevistador: E pra beber, algum refrigerante?

D. Baby: Pra beber: refrigerante, chá. Não passávamos sem chá, não. Mas isso foi a vida toda, até mamãe falecer. Toda tarde, às quatro horas, a família se reunia em Raimundo Correia³⁸ – ela já estava morando lá – íamos tomar chá.

Entrevistador: E de preferência a...

D. Baby: Acho que é por isso que eu gosto tanto de chá. Porque eu nasci na hora do chá. Exatamente às cinco horas da tarde. E mamãe diz que ficou... mamãe contava que ficou muito revoltada, porque o médico estava... ela sofrendo muito e o médico ali na cabeceira, nos pés da cama dela tomando chá. Achou aquilo um pouco caso. [risos] Ele não ligando para ela na hora que eu estava nascendo.

Entrevistador: D. Baby, ainda voltando ali, com relação às comidas, a senhora lembra assim os pratos de preferência de sua mãe ou de...

D. Baby: Papai, por exemplo, não passava sem ter sempre um pedaço grande de queijo ao lado dele e ficava tirando as fatiazinhas de queijo,

³⁷ A Confeitaria Paschoal estava localizada na rua do Ouvidor, 126. O estabelecimento gozava de grande prestígio visto que o fornecimento de gêneros alimentícios a ser servido no Baile da Ilha Fiscal, a última grande festa da Monarquia, ficou a cargo da confeitaria. (KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 2017. Disponível em: <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/187-comida-bebida-e-diversao-uma-analise-comparada-do-perfil-de-restaurantes-e-confeitarias-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix-1854-1890/file>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

³⁸ Após a venda da propriedade da rua São Clemente, em 1924, a família se muda para uma casa em Copacabana, localizada na rua Raimundo Correia.

durante a refeição toda comia aqueles pedacinhos. Mas papai comia pouco, mas comia de tudo. Gostava muito de pimenta. Era baiano, não? Os pratos mais ou menos de sempre, não é? Os pratos que ele comia. Não tinha preferência não.

Entrevistador: E as frutas do jardim?

D. Baby: Mas a cozinheira era muito boa, sempre tivemos cozinheiras ótimas. Mamãe se queixava um pouco porque papai... ele era um pouco exigente pra comida. Ele chegava ao ponto de conhecer na mesa que a cebola não era partida daquele dia. Tinha sido cebola partida na véspera. Que paladar dele, finíssimo não? E quando ele saía de casa, ia almoçar, em qualquer lugar achava uma delícia. A mamãe dizia: “Ah, pois é, Rui, você em casa exige tudo, aqui qualquer coisa acha maravilhosa”. Ele era um pouco exigente pra comida.

Entrevistadora: E as flores, costumavam guarnecer a mesa?

D. Baby: Tinha muitas flores sempre em casa, não é?

Entrevistador: Flores do jardim?

D. Baby: Flores do jardim e plantas também, até plantas da estufa, não? Muita, muita avenca, lindas, essa qualidade de avenca, mamãe tinha variedade imensa de avencas.

Entrevistador: E palmeirinha também?

D. Baby: Palmeirinhas e orquídeas. Enfim, a estufa era maravilhosa. Eu sei que quando ela saiu daqui, ela desmanchou a estufa e deu a uma amiga toda a armação, a amiga armou em casa dela, não?

Entrevistador: É que isso exatamente veio de Londres com o palácio de Cristal, não é?

D. Baby: O que?

Entrevistador: Essa armação foi iniciada em Londres, com ferro e vidro no século passado...

D. Baby: Foi é? Pois o senhor está sabendo mais do que eu. [risos] Eu não sabia disso não. Isso pra mim é novidade. [risos]

Entrevistador: D. Baby, com relação às frutas do jardim. Tinha muita coisa aqui?

D. Baby: Muita coisa, muita. Tinha muito abius, sapoti, mangas, lá no fundo, no fundo do quintal tinha um pé de carambola. Eu acho que não existe mais essa carambola aí, não? Fruta-pão também.

Entrevistador: Fruta-pão.

D. Baby: Fruta-pão, carambola...

Entrevistador: E há uma árvore aqui que consta como sendo a lichia.

D. Baby: É.

Entrevistador: É a lichia mesmo?

D. Baby: É a lichia mesmo.

Entrevistador: Mas ela infelizmente não dá mais, eu acho que o pé precisa de ser...

D. Baby: Tá velha, talvez, não é?

Entrevistador: Não, o pé talvez precisa de ser limpo. Os galhos que estão com muita trepadeira que talvez aquilo prejudique.

D. Baby: Sabe o que tinha muito aqui também? É baunilha. Nos pés. Conhece a baunilha? Fava de baunilha. A folha é como da orquídea. É igualzinha. Aquela folha assim, dura. Essas árvores todas tinham. Eu não sei, elas acabaram. Acabou, acho que não houve mais trato, não é? Foram morrendo, não? Ali na frente também tem um pé grande de... que é aquilo, meu Deus? Aquela palmeira que tem ali na frente, minha memória tá falhando muito... pra coisas atuais...

Entrevistador: Vamos passar então para o corredor.

[pausa]

Entrevistador: A senhora estava falando sobre o porão.

D. Baby: O porão. O porão sempre foi adega, não? Mamãe tinha muitos... vinhos. Todos vinhos franceses e champanhe, tudo, era tudo ali. Aqui como eu disse era o quarto. Tinha um quarto pequeno e um banheiro ao lado. Esse quarto é o que nós fazíamos a tal câmara escura para revelar as fotografias... [risos]

Entrevistador: Ah, sei. Do lado de cá. Onde é a portaria.

D. Baby: É, onde é a portaria. E ali é que era o quarto de João, meu irmão. O que ele chamava Château Misère. Parece que...

Entrevistador: E a adega ocupava muito? Era muito extensa pra dentro do porão?

D. Baby: Muito extensa. Muito extensa. Aqui era meu quarto.

Entrevistadora: O porão era todo ele ocupado pela adega ou...

D. Baby: Quase todo. Não digo todo porque era muito grande, mas grande parte. Aqui era o meu quarto, não?

Entrevistador: Ah, aqui era o seu quarto?

D. Baby: Primeiro o meu quarto, em criança meu quarto era lá no fundo. Com minha *nurse*. Depois que eu fui pro colégio, porque eu estive no

colégio interno, Sacré-Coeur,³⁹ na Tijuca, seis anos. E quando terminei o curso, aí vim pra casa e meu quarto foi aqui.

Entrevistador: Na atual sala de Haia.

D. Baby: Atual sala de Haia.

Entrevistador: Esse mobiliário foi todo trazido por seu pai, não é?

D. Baby: Esse é todo holandês. É, veio todo trazido por ele. Esse retrato⁴⁰ é de Delft, não é?

Entrevistador: É.

D. Baby: É. Feito em delft.

Entrevistador: Porcelana.

Entrevistadora: E a senhora se lembra daquela jarrinha?

D. Baby: Que jarrinha?

Entrevistadora: Que está sobre a mesa.

Entrevistador: Essa jarra aqui. Vidro com a paisagem.

D. Baby: É, me lembro. Era do quarto de mamãe, eu acho... é... quantos anos eu tive nesse quarto, hein!

[ruído de passos]

D. Baby: Estes... estavam nesse lugar mesmo, está certo.

Entrevistador: Essa jardineira? No mesmo lugar?

D. Baby: Tá direito. Tá direito.

Entrevistador: E o tipo de planta, em geral, d. Baby?

D. Baby: Sempre, quase sempre, isso tinha muito avenca, não é?

Entrevistador: Avenca, palmeirinha também...

D. Baby: É, palmeirinha.

Entrevistador: Samambaia?

Entrevistadora: Também.

D. Baby: Samambaia. Eu vou contar a vocês um caso...

Entrevistador: E esse pátio interno aqui d. Baby? Era usado assim? Se costumava estar aí ou não?

³⁹ BRITO, Angela Xavier de. O bairro do Cosme Velho e o Colégio Sion. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 6, 2012, p. 97-113. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06_a14.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.

⁴⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

D. Baby: Não, não. Depois eu vou mostrar a vocês lá fora, tinha um quarto dos jardineiros, é aqui pegado a esse pátio, do lado de fora. Ali eu não sei o que era aquilo ali. Ali era o porão, ainda.

Entrevistador: É. Ainda é a continuação do porão daquele lado de lá.

D. Baby: É. Bom, mas a adega de que eu falei era lá na parte de cá.

[ruídos de passos]

D. Baby: Eu vou contar a vocês uma coisa. Foi na campanha civilista, foi na chegada da campanha civilista. A casa ficava cheia de gente, povo em quantidade. O senhor sabe que tinha um homem escondido aqui atrás desse biombo?⁴¹ A polícia pegou. Estava aí para matá-lo.

Entrevistador: Aqui no banheiro?

D. Baby: É, no banheiro. É, tinha alguém pra matá-lo. A senhora sabe que ele tinha muitos inimigos nessa ocasião da campanha civilista, não?

Entrevistador: E a casa cheia com pessoas, era difícil controlar a entrada, não é?

D. Baby: A casa era incontrolável. Porque o povo invadia a casa. Era uma coisa! As chegadas dele foram triunfais mesmo. Eu acompanhei todo o tempo, sempre.

Entrevistador: Devia ser uma preocupação constante para sua mãe, não é?

D. Baby: Muito! Muito muito mesmo. E papai era... ele não tinha medo de nada. Onde ele sabia que tinha o perigo ele ia. Afrontava qualquer perigo... muito corajoso. Pequenino, mas valente. [risos].

Entrevistador: D. Baby, esse banheiro foi adaptado? Foi feito por ele, não?

D. Baby: Foi.

Entrevistador: Quando ele veio para a casa?

D. Baby: Foi, foi.

Entrevistador: Porque não existia.

D. Baby: Não.

Entrevistador: Só havia um lá embaixo...

D. Baby: Um lá embaixo e um lá, perto da copa, não? Tem um pequeno lá.

Entrevistador: Ah, sei. Naquela outra ala da casa.

D. Baby: É. Aquele era pra nós. Pra mim, não é, meus sobrinhos depois ficavam ali também, a Lucila...

⁴¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: As crianças costumavam ficar na ala...

D. Baby: É. É.

Entrevistadora: Aqui, d. Baby, era um aquecedor?

D. Baby: Era um aquecedor.

Entrevistador: Aqui ao lado da banheira.

D. Baby: É. Era um aquecedor.

Entrevistador: Todas as louças inglesas, não é, d. Baby?

D. Baby: Tudo inglês, é.

Entrevistador: E esse biombo aqui, d. Baby, era assim mesmo?

D. Baby: Era assim mesmo.

Entrevistador: Com tecido e...

D. Baby: Era exatamente isso. Mas como é que o homem pode se esconder baixinho aí, não é? A polícia o pegou. E ele confessou. Tinha sido mandado pra isso. Essa cama,⁴² eu nasci nela. Veio de Londres. Meu pai faleceu nela. Em Petrópolis, não? Quantas doenças graves ele teve! Meu Deus do Céu! Papai de vez em quando tinha umas gripes fortíssimas, não?

Entrevistador: E esse canapé⁴³ aqui, d. Baby. Ele sempre ficava aqui no quarto? Essa posição?

D. Baby: Ficava. Tá tudo certo...

Entrevistador: Era assim pra descanso?

D. Baby: ... a mobília era essa mesmo. Tá tudo certo.

Entrevistadora: Usava pra descanso, d. Baby?

D. Baby: É. Ali tinha a bênção papal. Não está mais não?

Entrevistador: Está sim. Está aqui.

D. Baby: Ah, é...

Entrevistadora: Costumava ficar em cima da cama?

D. Baby: Em cima da cama, é. Aquele Cristo, não sei se era de Petrópolis, não estou lembrada não. Esse aparelho mamãe tinha... três. Três ou dois? Três. Ela deu um pra Lucila. Eu acho que esse a Lucila devolveu aqui pra casa. Deu um pra... minha filha também tem um, pros netos...

Entrevistador: É o jogo de penteadeira, não é, em cristal baccarat e prata?

D. Baby: É o jogo. É. Cada um tem um igual. Mamãe deu a ela.

Entrevistador: E esses apliques todos, d. Baby...

D. Baby: São de acetileno.

⁴² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistador: É. Bico de gás.

D. Baby: É. Mas é muito bonita a luz de acetileno, não é? É muito bonita. Clara, não? Parece o ar, não é? É uma beleza a luz de acetileno. Muito linda mesmo.

Entrevistadora: E a cama tinha realmente esse cortinado?

D. Baby: Tinha. Me lembro, quando ele estava muito doente, de noite ficava sempre um tomando conta dele ali. Quantas noites eu passei aqui sentada! Ele tinha gripes muito graves, muito fortes sempre. Ele lia, a senhora sabe como é que ele lia? Ele lia sempre... de noite papai dormia quase sentado com dois, três travesseiros. Ele ia, botava a vela – aliás eu tenho esses dois castiçais. Ele usava o castiçal em cima do peito. Eu não sei como! Lia à luz de vela. Gostava de ler com a luz da vela e o castiçal aqui. Oh... se me lembro! Eu tenho esses dois castiçais aí.

Entrevistador: O genuflexório⁴⁴ ficava aí. Nessa posição mesmo?

D. Baby: Ficava aqui mesmo, é. No quarto está tudo muito... bem, está tudo... exato como era. Não tem um senão.

[ruído de passos]

Entrevistadora: A senhora se lembra dessa bolsinha de níqueis?

D. Baby: Lembro. [risos]

Entrevistador: É na vitrine do quarto.

Entrevistadora: Era de uso dele ou de d. Maria Augusta?

D. Baby: É de mamãe. Era dela. Era dela.

Entrevistador: É em ouro, é?

D. Baby: É em ouro. É em ouro.

Entrevistadora: E esse leque?

D. Baby: Também de mamãe. E o *lorgnon*,⁴⁵ ela usava. Naquele tempo se usava muito *lorgnon*, não é? Aliás, é uma coisa antipática o *lorgnon*, não?

Entrevistador: Dá uma pose, assim...

D. Baby: É, não é?

Entrevistador: Mas esse é muito bonito. É tartaruga loura, não é?

D. Baby: É tartaruga.

⁴⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Óculos antigos de uma só haste, lateral na vertical, para segurar com a mão. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/lorgnon/>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

Entrevistadora: Tartaruga loura, e bem discreta, não é?

D. Baby: É...

[ruído de passos]

D. Baby: Eu me recordo de que teve uma vez que ele teve uma gripe muito forte. Teve muito mal. E... teve que receber o presidente de Portugal aqui. Há o nome de todos eles aqui; temos até um grupo.

Entrevistador: Aqui no quarto de vestir.

D. Baby: Aqui no quarto de vestir. Ele não podia sair.

Entrevistador: Naquela cadeirinha de balanço?

D. Baby: Ah, isso deve ter sido, não?... como era o nome desse presidente de Portugal? Eu acho que tem o grupo. Vocês não têm esse, não têm não?

Entrevistadora: Tem, tem sim.

Entrevistador: Temos sim. Temos o grupo.

Entrevistador: D. Baby, e esse quarto aqui. Era só quarto de vestir?

D. Baby: Era só quarto de vestir. Só.

Entrevistador: Então a casa não tinha um quarto de hóspedes?

D. Baby: Não tinha. Não tinha mesmo. Aqui não tinha. Eu acho que a casa era muito grande, muitas salas e poucos quartos, não é pro tamanho da casa, não é?

Entrevistador: Eu imagino que se houvesse quarto de hóspede, estaria sempre cheio.

D. Baby: É [risos]... Dedélia morava aqui. A Batista Pereira morava aqui em cima.

Entrevistador: É. Lá em cima.

D. Baby: Mas a outra,⁴⁶ casada com o Airosa, morava aí em frente, uma casa pequena, que tem ali. A primeira que casou, essa que eu disse que casou. Eu tinha cinco ou seis anos. Era casada com Raul Airosa, não? Ela não morou nunca em casa.

Entrevistadora: Agora, d. Maria Augusta costumava também receber, assim, no quarto de vestir?

D. Baby: Ah... vezes, às vezes. Esse retrato dela tá muito bonito, não?

Entrevistadora: E a senhora se lembra como esse retrato foi pintado?

Entrevistador: É um pastel. Não é do Gustave Brisgand?⁴⁷

⁴⁶ Francisca Rui Barbosa Airosa era casada com Raul Antônio Airosa.

⁴⁷ O pintor francês Gustave Brisgand expôs dois de seus quadros (*Chant mystique e Extase*) na exposição geral de Belas Artes, em 1906, e retornou na exposição de 1922. Disponível

D. Baby: É um pastel. Não me lembro. Eu assisti ela posar, mas francamente...

Entrevistadora: Ela posou?

D. Baby: Posou

Entrevistador: Então foi feito aqui, não é?

D. Baby: Foi feito aqui na casa. Ah, isso eu tenho certeza.

Entrevistadora: Porque nós tínhamos dúvidas se ela tinha posado...

D. Baby: Não. Posou. Eu assisti muitas vezes ela posar. Foi feito aqui na casa. Que que tá escrito aí?

Entrevistador: Gustave Brisgand, 1922.

D. Baby: É. É isso mesmo. Foi feito aqui na casa.

Entrevistador: Um ano antes de seu pai falecer.

D. Baby: É. Eu tenho um também meu, muito bom, em criança, foi feito por um grande pintor francês. Eu posava, eu chorava!... aquele retrato. Era uma surpresa que iam fazer a papai, não é? Aniversário dele. Aquele meu retrato. Ulisses Brandão que mandou fazer. Ofereceu a ele...

Entrevistador: Está com a senhora?

D. Baby: Esse tá comigo. Já disse a Beatriz que é dela [risos].

Entrevistador: E o leque que ela tem...

D. Baby: É. Esse leque de plumas é bonito, não? Tá voltando à moda, não? É. Tá voltando à moda. A moda antiga tá toda voltando.

[pausa]

Entrevistador: Essa porta aqui, d. Baby, que dava pra sala da frente, ela ficava fecha...

D. Baby: Não abriam. Nunca abriam. Tava sempre fechada como estava aí. Tava sempre fechada.

Entrevistadora: Esse lampião, d. Baby?

D. Baby: Hum!

Entrevistadora: Esse lampião é de marca inglesa?

D. Baby: É.

Entrevistadora: ... estilo vitoriano, a senhora lembra?...

D. Baby: Lembro.

Entrevistadora: Bem?

D. Baby: Mas ele não estava aqui agora, a última vez que eu estive aqui, estava?

Entrevistadora: Não.

D. Baby: Foi posto agora.

Entrevistadora: Foi...

D. Baby: Eu notei.

Entrevistadora: Foi uma aquisição da d. Maria Ferreira.

D. Baby: Ah, coitada! Foi empregada quantos anos de mamãe. Quarenta anos. É velha, não? Ela era *femme de chambre*⁴⁸ de mamãe.

Entrevistadora: Nesta casa também?

D. Baby: Nesta casa toda a vida!

Entrevistadora: Ah é!

D. Baby: É. Maria Ferreira. Mas ela já faleceu há muito tempo. Isto deve ter sido dado pela sobrinha dela, Genoveva, não?

Entrevistadora: Foi. Foi Genoveva.

D. Baby: É. Que também foi nossa empregada... bom, o senhor estava perguntando: esses leques sempre foram assim. O senhor não me perguntou?

Entrevistador: Foi. Não, eu falei com relação ao leque de vidro...

Entrevistadora: Exterior.

Entrevistador: ... que dá pra varanda. Eu vou mostrar à senhora.

D. Baby: Porque esses eram isso mesmo. Esses espelhos são muito bonitos. São venezianos, não?

Entrevistador: Os espelhos⁴⁹ daqui da sala Federação, não?

D. Baby: É.

Entrevistadora: E o Gobelin?⁵⁰ A senhora lembra quando ela ganhou?

D. Baby: Não, isso eu não lembro não. Porque... teve toda a vida aí. Data exata eu não sei.

Entrevistador: São peças e coisas que a pessoa tá sempre habituada a ver diariamente, não é, d. Baby?

D. Baby: É. Esquece. Esses vasos também são muito lindos, não é?

Entrevistador: São muito bonitos esses jarrões.⁵¹ Essa sala, d. Baby...

D. Baby: Era a sala das recepções, não é?

⁴⁸ Camareira.

⁴⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Para maiores informações, vide verbete: Manufatura dos Gobelins, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo881/manufatura-dos-gobelins>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

⁵¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistador: Sala das recepções, quer dizer...

D. Baby: Muito baile houve aqui, muita festa, não é?

Entrevistador: ... quando havia alguma coisa na sala do piano, então era tudo aberto, essas três da frente?

D. Baby: Era tudo aberto. Ali ficava sempre o concerto, não é?

Entrevistador: E a entrada então era feita pela varanda frontal?

D. Baby: Pela varanda, naturalmente.

Entrevistadora: E quando havia baile, a festa ficava lá e dançava-se na sala Federação?

D. Baby: Dançava-se aqui e ali, nas três salas, não é?

Entrevistadora: Ah, sim. E a festa ficava na Buenos Aires?

D. Baby: É. Essa casa presta-se muito pra festas, não? Esse teto é que eu acho uma beleza!

Entrevistadora: E essa iluminação...

D. Baby: Está tudo conservado. Perfeito.

Entrevistadora: ... foi ele que colocou, a iluminação?

D. Baby: Foi. Não, esse foi justamente o Mackenzie, que eu disse a você. Quando ele fez a iluminação da casa toda, mandou botar isso.

Entrevistadora: Ah é!

D. Baby: Essa iluminação indireta é bonita, não?

Entrevistador: Muito bonita.

[ruído de passos]

D. Baby: Aquele banco fui eu que pinteí. Trabalho meu de criança. Banco do piano.⁵²

Entrevistador: Eu sei, o banco do piano.

Entrevistadora: ... pirogravado.

D. Baby: É. Pirogravura⁵³ e couro repoussé.⁵⁴

Entrevistador: É muito bonito. É em estilo *art nouveau*, não é, d. Baby?

⁵² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵³ “Arte de desenhar sobre uma superfície de madeira ou couro com uma ponta incandescente ou uma chama fina. Às vezes o desenho é reproduzido por meio de chapas quentes submetidas à pressão. O veludo e até mesmo o vidro podem ser decorados dessa maneira”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pirogravura/>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

⁵⁴ “Diz-se de ou trabalho de arte decorativa executado no avesso de metal, couro ou outro material maleável, com efeito de relevo na parte externa; repuxado”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=repouss%C3%A9&r=0&f=0&t=0>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

D. Baby: É, é... e, aliás, eu fiz também aqui pra essa para o gabinete gótico. Nós chamávamos isso gabinete gótico. Agora qual é o nome?

Entrevistador: É sala civilista.

D. Baby: É. gabinete gótico. Eu fiz também uma almofada, assim, pra cadeira que ele sentava.

Entrevistadora: É. Está no local. Também é *art nouveau*.

D. Baby: Também é. Eu era pequenina, devia ter uns quatro ou cinco anos, e eu ficava ao lado dele. “Papai, eu estou ajudando você a fazer o Código Civil.” [risos]. Eu tava convencida que de fato tava ajudando... é, é isso mesmo.

Entrevistador: É essa almofada aqui?

D. Baby: É. É. Quantos anos! E “papai, eu estou ajudando você a fazer o Código Civil”. Ele achava uma graça! Ele dizia: “minha filha, se eu for presidente da República você vai ser o meu ministro da Fazenda.” [risos].

Entrevistadora: D. Baby...

D. Baby: É que ele gostava, achava que eu era econômica... tinha tudo muito em ordem e “você vai ser o meu ministro da Fazenda”. Isso eu era garota.

Entrevistadora: E quem tocava piano, d. Baby?

[ruídos de passos]

D. Baby: Mamãe. Mamãe gostava muito, eu também toquei, mas pouco. Mamãe gostava muito. Ela sentava-se no piano... interessante, todo domingo – eu me recordo disso –, antes do almoço, mamãe muito bonita, com aqueles *déshabillés*⁵⁵ lindos que ela tinha, antes do almoço sentava ali e tocava *Home, sweet home*. Era invariavelmente isso todo domingo.

Entrevistador: E essas partituras todas, d. Baby, estão com a senhora?

D. Baby: Não tenho nada, não. Não tenho nada não.

Entrevistadora: Porque temos um armário aqui...

D. Baby: É.

Entrevistador: Um armário de música, uma estante,⁵⁶ não é?

D. Baby: É. Não sei o fim que levaram, sabe? Não sei; não sei.

⁵⁵ SOUSA, Gabriela Lúcio de. *Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas*. Rio de Janeiro: UFRJ (Trabalho de Conclusão de Curso), 2018.

⁵⁶ Estante de partitura: objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

[ruídos de passos]

D. Baby: Aqui era o gabinete gótico.

Entrevistador: E seu pai, ele estava sempre com os filhos à volta, assim, ou...

D. Baby: Sempre.

Entrevistador: ... ou tinha as horas sagradas de trabalho?

D. Baby: Não, não, quando os filhos estavam em casa, vinham sempre ficar ao lado dele, não?

Entrevistadora: E qual era o gabinete que ele costumava ficar mais?

D. Baby: Era aqui. Aqui. Sempre aqui.

Entrevistadora: Na sala Civilista.

D. Baby: É. Agora, ele gostava também muito de ficar ali naquela mesinha, quando ele chegava às vezes quatro horas da tarde, tomava lanche, depois ia trabalhar ali naquele cantinho daquela janela.

Entrevistador: Aqui na biblioteca, na sala Constituição, naquela mesa...

D. Baby: É. Naquela mesinha naquele canto lá.

Entrevistador: ... com os pés arredondados.

D. Baby: É. Justamente ali.

Entrevistadora: ... onde lia os jornais, é verdade?

D. Baby: É, também lia os jornais... e trabalhava. Tem uma dessas escadas, que ele caiu, quebrou a perna. Foi uma dessas, não sei qual foi.

Entrevistadora: Será esta, que se transforma em cadeira?

D. Baby: Não, não é essa não. Eu penso que é aquela, não? Não sei, uma escada dessas, caiu, quando quebrou a perna, tava vendo um livro lá em cima [ruídos]. Eu me recordo. Nós escutamos cair; ele deu um grito, nós viemos correndo: “Que é isso, papai?” “Não é nada não, minha filha.” Tinha quebrado a perna. Só que, imagina, quebrou... foi, mas nem sei como ele não ficou com defeito, não? Porque foi uma qued... uma fratura exposta.

Entrevistador: D. Baby, e nessa mesinha que a senhora falou que ele gostava de ficar, essas peças nós verificamos que são de procedência americana, do fabricante chamado Tiffany, a senhora se recorda como isso veio...

D. Baby: Parar aqui?

Entrevistador: ... parar aqui, se na época já era assim, ele tinha sempre isso?

D. Baby: Não, ele deve ter comprado isso, deve ter sido aquisição dele mesmo. [ruído de passos] Aqui é o quarto dele de vestir, não é. Como é o nome? sala o quê?

Entrevistador: sala casamento civil.

D. Baby: Casamento civil. Aqui era o quarto de vestir dele. E, ali, ele repousava, gostava de repousar naquele divã.⁵⁷ Tinha um divã ali, não tem mais?

Entrevistador: Tem.

D. Baby: É. Era ali que ele descansava. Porque papai sofria muito de dor de cabeça. Tinha dor de cabeça, umas enxaquecas fortes. Ia para ali, descansava ali. Tá tudo exatamente.

Entrevistador: Sempre rodeado dos livros...

D. Baby: Ah, livros por todo canto.

Entrevistadora: Isso são as... do toucador dele?

D. Baby: É, isso foi dele tudo. É. Isso era dele. Ali ainda tem uma roupa, não é, dele?

Entrevistador: Tem. Há diversas roupas, sim.

[ruído de passos]

D. Baby: Ainda tem até parece que o gesso da perna...⁵⁸ não sei se ainda tem.

Entrevistador: O gesso tem. Mas não está nesse armário não, d. Baby. Está guardado em outro local.

D. Baby: Eu me lembro que eu vi aqui, não sei. Esse é o *peignoir* dele marrom. Ele tinha um *peignoir* marrom, se vestia todo dia e ia pra fora. E nós tínhamos um papagaio aí. O papagaio tinha pertencido a uma professora e, quando ele via papai vestido com aquele *peignoir*, parecia um – aquele robe de chambre, não é? – parece uma saia, não? Então ele dizia: “A bênção minha professora, a bênção...” [risos]. O tal papagaio...

Entrevistadora: A senhora se lembra dessa escritaninha,⁵⁹ d. Baby?

D. Baby: Muito bem.

Entrevistadora: Se ela ficava realmente aqui?

D. Baby: Ficava.

Entrevistadora: Ficava aqui?

D. Baby: Me lembro perfeitamente dela.

Entrevistadora: Ele trouxe de alguma viagem...

D. Baby: Não sei.

Entrevistadora: ... não foi da Holanda...

⁵⁷ Preguiceiro: objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁸ Bota ortopédica: objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

D. Baby: Eu me lembro. Eu era criança. Eu me lembro. Toda a vida eu conheci isso. Não posso dizer a época exata. Mamãe teve uma doença muito grave aqui. Teve um tifo, não é? Um tifo, teve aqui. E transportamos ela pra cá, porque assim ficava separada do resto da casa. Porque naquele tempo o tifo era contagioso. Não sei se ainda é? E eu era pequenina, devia ter quatro ou cinco anos. Então, tava separada com a *nurse*. Eu fugi da *nurse*, vim aqui na porta, botei a mão assim para mamãe. Fiz assim pra ela. Ela, só de ver minha mãozinha ali, dando adeus a ela, teve um acesso fortíssimo.

Entrevistador: Ela ficou então aqui nessa sala do Código Civil.

D. Baby: É. Aí. Ficou. Transformamos isso num quarto pra ela.

[ruídos de passos]

Entrevistador: Nós podíamos então ir caminhando para o jardim...

D. Baby: É. Aqui é que ficava o Catulo Cearense, cantando...

Entrevistador: Ah, era aqui na sala constituição...

D. Baby: Aqui. Sempre aqui.

Entrevistador: Não na sala do Piano, não.

D. Baby: Não, sempre aqui na biblioteca. O Catulo só aqui. Me recordo dele bem aqui. E nós aqui em volta escutando. Admirando.

Entrevistadora: A família toda reunida.

D. Baby: É, toda. E alguns amigos, não é? Não sei se ainda estão aqui aqueles dois livros, *A vida de Cristo*, maravilhoso, que tinha aqui dentro. Nessas duas gavetas. Não sei se estão no mesmo lugar.

Entrevistador: Eu acho que não estão no mesmo local no momento não, d. Baby. Nós estamos fazendo um trabalho de fotografar diversas peças, documentar o acervo da casa.

D. Baby: Sei, sei.

Entrevistador: Inclusive livros. Livros raros e edições...

D. Baby: Pois esses estavam ali. Eram *A vida de Cristo*. Eu gostava muito de, em criança, folhear aquilo. E papai: “Menina, tome cuidado!” Ele tinha um cuidado! Ele virava as páginas dos livros com um cuidado, como se aquilo fosse uma relíquia. E não amassava nada, não. Você vê que os livros dele estão todos perfeitos... em cima, como eu disse a vocês, era o quarto da minha irmã, não é, o apartamento todo dela.

Entrevistador: É. Que ocupava aquelas três salas, não é?

D. Baby: Aquelas três salas.

Entrevistadora: D. Baby e o telefone, onde...

D. Baby: O telefone era ali naquele canto ali. E ele tinha um telefone oficial no quarto dele.

Entrevistadora: Ah é?

D. Baby: Daqueles antigos, de parede.

Entrevistador: Mas no quarto de vestir?

D. Baby: No quarto de vestir. E o telefone oficial. E ali era o telefone, desses pra todos, não?

Entrevistador: Logo na entrada, não, na subida da escada?

D. Baby: Na subida da escada.

Entrevistadora: No corredor?

D. Baby: Não, meu bem, ali em cima, na sala de conversa.

Entrevistador: Ah, na sala João Barbosa.

D. Baby: Na sala João Barbosa. Ali em cima, onde está aquela lâmpada. É. Me lembro uma vez, ele atendeu ao telefone, era a namorada de meu irmão João, chamando João. E ele ficou indignado porque, – coragem dela chamar ele – disse: “É Rui Barbosa que está falando? Aqui é a namorada do João. Quero falar com ele.” [risos]. Ele achou aquilo um desaforo quase. Imagina se ele vivesse hoje, hein?

[Corte na gravação]

Entrevistador: Aqui na sala da biblioteca atual, embaixo é que a senhora disse que era o quarto do João?

D. Baby: Era o quarto do João isso aqui tudo.

Entrevistadora: Mas não seria toda esta extensão, não?

D. Baby: Não. Que esperança! Nunca! Aqui tinham vários quartos de empregados.

Entrevistador: Aquela ala de lá, não é?

D. Baby: É. O quarto de João podia vir até aqui no máximo. Mas já começavam os quartos dos empregados pra lá. Tinha a sala de jantar deles, também, não é? Houve época que foi em cima, a sala de jantar dos empregados; depois passou pra aqui pra baixo.

Entrevistadora: João tinha entrada isolada, não é?

D. Baby: Tinha entrada isolada, é.

[ruído de passos]

Entrevistadora: O calçamento era o mesmo?

D. Baby: Isso mesmo. Era assim... sempre foi assim.

Entrevistadora: E as alas... é, aleias.

D. Baby: Aqui que eu tô dizendo que havia muita baunilha nessas árvores, não vejo mais nem sombra, não?

Entrevistadora: E os caminhos eram ensaibrados?

D. Baby: Eram. Mas... ainda tem pés de sapoti e abiu, não tem?

Entrevistadora: Tem.

D. Baby: Ali. Naquela parte lá.

Entrevistadora: Tem lá, tem outro ali...

D. Baby: Aquilo lá, aquilo não é baunilha? Não, não é não. Não é.

Entrevistador: E há dois pés de pau-brasil também.

D. Baby: Tinha.

Entrevistadora: Ali é as lichias?

D. Baby: E tinha as roseiras por aqui, não é? Tinha muito pé...

Entrevistador: Lichia é esta aqui, é essa árvore aqui, d. Baby?

D. Baby: É essa mesma. É muito antiga, não?

Entrevistador: É uma fruta muito boa, não é?

D. Baby: É uma delícia. Muito, muito fina, não é?

Entrevistador: De procedência chinesa.

D. Baby: Chinesa. Aí era o nosso chuveiro.⁶⁰ Não tem mais chuveiro não?

Entrevistador: Tem, ainda tem.

Entrevistadora: Inclusive o Rui Barbosa tomava banho aí?

D. Baby: Toma. Papai gostava muito de banho frio. Muito mesmo. Aqui tinha uns pés de sapoti e abiu, não sei se ainda tem?

Entrevistador: O jardim, d. Baby, nós estamos fazendo aos poucos...

D. Baby: Esses caminhos daqui não tinham não.

Entrevistadora: Não? Não dividia?

D. Baby: Aqui lá tinha, mas aqui não. Aqui era um gramado, só com essas árvores.

Entrevistador: Mas só gramado, ou flores, muitas fl...

D. Baby: Tinha. Roseiras, sempre roseiras, não é?

Entrevistador: Roseiras?

D. Baby: É.

Entrevistador: Ou margaridas, ou azaleias...

⁶⁰ Referência ao chuveiro existente no quiosque, localizado no jardim.

D. Baby: Tinha várias flores, é. Mas ele preferia sempre a rosa, não é? Ali é que nós andávamos de bote. Imagina esse barco, esse quase não dava largura, não é? [risos]. João era terrível. Na frente também.

[Fim da gravação]

PARTE III

Entrevistadora: D. Baby... e nesse muro lateral?

D. Baby: Tinha muitas árvores pequeninas de frutas, sabe? Uma fruta pequena, amarela. Não sei o nome! Tinha mania de viver comendo abius em criança. Tinha muita flor, essa flor, flor de cera...

Entrevistadora: É nêspere?

D. Baby: É. Nêspere. Isso. Isso aqui, esse muro era todo assim. Aquela flor de cera também. Conhece? Dava uns... buquês. Também era tudo aqui assim.

Entrevistadora: Meio prateada? A folha, não?

D. Baby: É, prateada, um rosado muito claro...

Entrevistadora: É, e a florzinha rosada.

D. Baby: É. Era. Tinha muito. Era o muro todo disso e daquelas nêspere.

[Interrupção da gravação]

Entrevistadora: Os bancos, d. Baby! Esses bancos eram espalhados aqui pelo caminho mesmo?

D. Baby: Pelo caminho.

Entrevistadora: E eram esses tipos de bancos?

D. Baby: Era esse tipo de banco. Eu tenho ainda uns dois. Minha filha tem em casa dela. Levou para Petrópolis. É. Mas ficaram outros aqui. Ficaram uns aqui.

Entrevistadora: É, nós temos sim. Temos uns oito.

D. Baby: É, eu levei uns dois, talvez. Se tanto. Eram... esse tipo exatamente. Aqui, então, a parreira, não é? Toda manhã ele vinha podar a parreira. Podar as rosas, enfim, tomava conta de tudo. Ia na... na estufa, ver tudo como estava, adorava plantas. Mas o tempo das roseiras que ele teve, foi mais em Flamengo, sabe, quando ele – no governo provisório – quando ele foi ministro da Fazenda. Ali... dizem que ele tinha trezentas e tantas

qualidades de roseiras, não? Não sei. Eu não peguei esse tempo. Eu nasci uns seis anos depois.

Entrevistador: E esse... que eu chamo aqui oásis, porque isto aqui parece um oásis.

Entrevistadora: Parece camareira, né?

Entrevistador: Esse fechado em circular?

D. Baby: Esqueci o nome dessa planta, meu Deus! Eu sabia. Mas como cresceram. Estão imensas. Elas eram pequeninas!

Entrevistador: Isto era assim mesmo? Era, d. Baby?

D. Baby: Era assim mesmo.

Entrevistador: E não havia bancos em redor não? Era assim mesmo como está?

D. Baby: Não, era assim como está.

Entrevistador: Com esse laguinho ao centro...

Entrevistadora: Parece...

D. Baby: ... sagu. Isso é sagu.

Entrevistador: Ah, é sagu? Mas...

D. Baby: Eu não sei, mas... é sagu.

Entrevistadora: Parecem tamareiras, não é?

D. Baby: É.

[pausa]

Entrevistador: Esses postes de iluminação que eu estava falando. Eles devem... deveriam ser da época do seu pai.

D. Baby: Eram. Eram da época sim. Mas eram a gás, era tudo de gás. Iluminação era a gás. É como a iluminação das ruas, também era de gás. Não é de seu tempo, mas...

Entrevistador: Mas esses aí eu acho que eram mesmo já...

D. Baby: Eletricidade! Mas não pode ser.

Entrevistador: ... eletrificados, não Aldeli?

Entrevistador: Não tenho certeza. Nunca tive curiosidade de verificar. Mas, é possível que fosse a gás sim. Olha aí, a fiação é toda pelo canteiro. É possível.

D. Baby: Vocês não pegaram o tempo da iluminação das ruas de gás, não?

Entrevistador: Não.

D. Baby: Toda noite vinham aqueles homens com o acendedor para acender os bicos de gás. Interessante, não?

Entrevistadora: Mas, quer dizer que aqui não era gás? Era acetileno?

[Ruídos de batidas]

D. Baby: Acetileno era dentro de casa.

Entrevistadora: E mesmo...

D. Baby: Os quartos, ali, no salão, não é? Bom, mas isso há muito tempo, porque em 1900... quando é que eu vim de Haia? Foi em 1907, não é 8. Aí é que o Mackenzie botou eletricidade na casa toda, né?

Entrevistador: D. Baby, aqui nos fundos havia uma espécie de um pica-deiro ou alguma coisa assim para os cavalos?

D. Baby: Não.

Entrevistadora: Onde ficavam os cavalos?

D. Baby: Eu vou mostrar a vocês lá.

Entrevistador: Aqui nos fundos do jardim, onde nós estamos...

D. Baby: Aqui acabou já a parreira? Está morrendo, não?

Entrevistador: Não, não está morrendo não. Mas ela tem épocas que ela vai ficando pior...

D. Baby: Quem foi que me disse que a uva daqui é muito ácida, não é, é muito ácida.

Entrevistador: ... nós até replantamos, d. Baby.

D. Baby: Ah, replantaram?

Entrevistador: Replantamos e já tem umas mudas aqui que pegaram e estão vingando.

[Ruído de batidas]

Entrevistadora: Olha aqui, esta aqui é nova. Mudinha nova.

D. Baby: É. Tão plantando...

Entrevistador: Custa, mas vai.

D. Baby: Demora, mas um dia vai. Um dia aparece, não é?

Entrevistador: Aqui que é o canteiro de obras, não é, d. Baby, pro prédio futuro.

D. Baby: Ali é que vai ser o prédio futuro...

Entrevistadora: Nessa área a senhora se recorda de algum recanto...

D. Baby: Não. Isto tudo aqui eram árvores frutíferas...

Entrevistador: É fruta-pão aquela lá.

[Ruído de batidas]

D. Baby: Tá vendo? Olha ela lá. Mas a carambola não existe mais. Isto aqui é manga, não? Mangueira.

Entrevistador: Mangueira.

Entrevistadora: O jambo é este aqui, d. Baby.

D. Baby: É. Estou vendo.

Entrevistadora: É. Já não tem mais fruta não. Ah, não, está carregado sim...

D. Baby: Sabe que eu não me lembro desse pé de jambo não. Ali ficavam os cachorros. Onde tem aquela gradezinha ali.

Entrevistadora: Ah, era lá?

D. Baby: É. O galinheiro era ali. Ali era o galinheiro.

Entrevistador: Ah, sei. Quer dizer, o canil era onde é atualmente esse depósito de plantas, aqui.

D. Baby: É. E ali dentro é onde ficava... fazia o pão. Era ali naquela parte de lá.

Entrevistador: Quarto de forno.

D. Baby: O tal fogão. Forno, o tal forno de...

Entrevistador: D. Baby, esses bancos, eu tive uma informação – esses bancos de pedra – que isso eram... eram mourões de pedra mesmo do antigo portão...

D. Baby: É?

Entrevistador: À esquerda lá, que na época em que foi feita essa obra aqui, que se quis abrir uma rua, que eles foram retirados, e que depois então se compôs com outro.

D. Baby: É possível.

Entrevistador: Eu não sei se isso é verdade.

D. Baby: Eu não sei. Eu não posso lhe dar a informação exata porque não...

Entrevistadora: Aquelas lichias já existiam?

D. Baby: Existia. Essa parreira,⁶¹ quando comprou a casa, não existia. Isto foi tudo feito por papai.

Entrevistador: Toda essa armação, com essa parreira, tudo foi feito por ele?

D. Baby: Foi toda feita por ele.

⁶¹ A pérgula, ou latada, era um elemento frequente nos quintais do Rio de Janeiro no século XIX, que, coberto por trepadeiras, fornecia sombra aos moradores. No documento de venda do primeiro proprietário, Bernardo Casimiro de Freitas, ao segundo, Albino de Oliveira Guimarães, em 1879, há a citação de uma latada na área externa: “jardim, horta e pomar, grande parreiral sobre vergalhões e barras de ferro, vasos, figuras, bancos de jardim” (CERTIDÃO, 1879).

Entrevistador: Quer dizer que nesse local, em que há a casa do zelador, então era a estufa?

D. Baby: A estufa, é. E, aqui, o galinheiro, aqui.

Entrevistadora: O galinheiro, os cachorros e os cavalos?

D. Baby: Os cavalos ficavam por aqui. Não tinha muito espaço para eles, eram só duas baias. Era só uma parelha. Aqui agora o que que é? Nada?

Entrevistadora: Agora nós deixamos assim pros vestígios do galinheiro. Tem um laguinho ali, nós temos umas plantas...

Entrevistador: Tá começando a chover.

[Interrupção para cumprimentar pessoas]

Entrevistador: D. Baby está nos visitando e prestando um favor enorme, dando várias informações importantes.

D. Baby: Falando sem parar, não é?

Entrevistador: Nada. Informações ótimas e pra nós importantes.

Entrevistadora: É, mas é mesmo, porque a gente não sabe e precisa conhecer detalhes.

Entrevistador: Certos detalhes, dúvidas que nós temos...

D. Baby: Ainda falta uma boa parte, essa parte aqui.

Entrevistador: Falta esse correr aqui, d. Baby, da garagem e...

D. Baby: Em cima, em cima também.

Entrevistador: Ah, sim, em cima também.

Entrevistadora: Aqui era quarto de empregado, não é?

D. Baby: Era quarto de empregados isso tudo aqui.

Entrevistadora: Aqui no meio não. No meio era...

D. Baby: Não, no meio já era a baia dos cavalos, primeiro, depois automóvel, não é... os cavalos... veio o carro, não? O automóvel, a Benz.

Entrevistador: Está chovendo, d. Baby. Acho melhor nós...

(Interrupção)

Entrevistador: E esses dois tanques laterais?

D. Baby: Esses tanques eram justamente dos cavalos.

Entrevistadora: E as baias? Eram onde?

D. Baby: Aquela vitória não era daqui. Aquela vitória era de Petrópolis, não?

Entrevistadora: Ahh... ela nunca esteve aqui.

D. Baby: Não. Esse carro sim. Esse carro, esse cupê, mamãe é que usava o cupê. Ali era o Landau. O Landau era...

Entrevistadora: Que era dele.

D. Baby: Ainda tinha um outro carro, aquele... ah, bom, era aquele. Aquele papai trouxe de Haia. De Paris, aliás.

Entrevistador: Qual, o Landau?

D. Baby: O Landau. Quando nós viemos de Haia. Esse aqui foi oferecido pelo Pereira Teixeira, não? A Benz. Papai não queria, devolveu duas ou três vezes. Afinal ele arranjou um jeito. Teve a presteza de oferecer à mamãe. Então... ele teve que aceitar, não? Bom, as baias eram para cá.

Entrevistador: À esquerda da garagem, então.

D. Baby: Por que que acabaram com as baias, hein?

Entrevistadora: Era à esquerda da garagem?

D. Baby: Deixa eu olhar bem isso. Espera aí. Aqui só tinha um quarto. Do Luciano. Era aquele ali. Eu acho que isso aqui era bem maior. Vinha até cá. Aqui, o quarto do *chauffeur*. Ali...

Entrevistador: ... era a parte onde está o Landau.

D. Baby: É, mas ele vinha até mais cá, eu acho. Não, aqui era o quarto do *chauffeur*. Do Luciano.

Entrevistador: Aqui onde é o almoxarifado. Era o quarto do *chauffeur*.

D. Baby: É. Era o quarto do *chauffeur*. Primeiro ele foi cocheiro, depois passou a *chauffeur*. Mas eu quero descobrir onde eram as baias. Eu acho que é ali onde estão, onde atualmente está...

Entrevistador: Onde trabalha a Beatriz, então.

D. Baby: É. É. É lá. Isso aqui era pra eles beberem água, os cavalos. Era só uma parelha e a baia era ali. É.

Entrevistadora: Porque nós sempre ficamos... porque tem a imagem de um cavalo. Gravado.

Entrevistador: Um medalhão ali, em relevo.

Entrevistadora: Um medalhão com a cabeça do cavalo, em relevo.

D. Baby: Sei.

Entrevistador: E esse bebedouro?

D. Baby: Esses bebedouros eram dos cavalos. Um deles quebrou a perna, foi preciso matar aqui a... a tiro. Né?

Entrevistadora: E aqui tem um banheiro.

D. Baby: Banheiro é.

Entrevistador: É isso?

D. Baby: É. Aqui era para aves, para limpar as aves. E também tem... tem um tanque para lavar a roupa.

Entrevistador: Tem uma pia, uma pia com mármore em cima...

D. Baby: O tanque, aqui, era o tanque, não é de lavar roupa. Aqui era pras aves... aqui era o tanque. Lavava-se a roupa em casa, não é?

Entrevistadora: E tem aqui um quarto grande, mais ou menos.

D. Baby: Tem? Aonde?

Entrevistador: É um quarto que nós estamos usando no momento para depósito de peças do acervo. É um quarto pequeno, d. Baby. Relativamente pequeno.

Entrevistadora: É daqui mais ou menos até lá.

D. Baby: É? Estou querendo me lembrar o que era. Esse aqui era o tanque da roupa e ali era de limpar as aves, de tudo que era...

Entrevistadora: As pias de mármore?

D. Baby: É. Antes de subir pra cozinha já estava limpo ali. Deixa eu ver aqui o que que pode ser, não estou lembrada disso não.

Entrevistador: Talvez a divisão interna fosse diferente, não? Tivesse alguma comunicação?

D. Baby: Aqui era um quarto de jardineiros. Porque eram dois, tinham três quartos de jardineiros. Esse era um deles. O outro é ali. Eu vou mostrar a vocês. Era quarto de jardineiro. Com certeza moravam dois aqui nesse quarto e um lá. Eu vou mostrar depois. Tinha o quarto das ferramentas, também ali. Ferramentas de jardim. Aqui embaixo tinha a sala de jantar deles, dos empregados, era aqui essa primeira porta, eu acho.

Entrevistador: É porque essa parte então, agora que está utilizada pelo Centro de Pesquisas, então deveria ser parte também dos empregados.

D. Baby: Era tudo empregado. Aqui era sala de jantar deles. Depois tinha mais dois quartos pra cá e ali tem um quarto. Eu não sei se vocês viram. Me esqueci de mostrar. Aqui que era o quarto do jardineiro também. Ele guardava ferramenta. Só falta a parte de cima agora, não é?

Entrevistador: Só.

D. Baby: É. O corredor é... escuta, me desculpe a minha indiscrição. Você é casado, é?

Entrevistador: Sou.

D. Baby: Meu Deus, mas você parece uma criança. Você é muito moço!

Entrevistador: Sou, e já tenho uma filha, de um ano e meio quase.

D. Baby: Meu Deus! Pensei que você tivesse uns 20 anos, 21 anos no máximo!

Entrevistador: Não, eu tenho 34.

D. Baby: Formidável! Bom, ali era o quarto do jardineiro e esse quarto era de guardar ferramentas.

Entrevistador: Ah, aqui onde é o atual banheiro ao lado da portaria.

D. Baby: É. É esse aqui. Agora isso aqui não era nada. Isso aqui é a entrada do, do...

Entrevistador: Do porão. Entrada do porão.

D. Baby: Ali é outra entrada também do porão. Isso aqui vivia geralmente fechado.

Entrevistador: Esse pátio aí...

D. Baby: É, não se usava quase.

Entrevistador: ... exterior...

D. Baby: É tão interessante isso, não?

Entrevistador: D. Baby! E usava-se muito naquela época se colocar essas pontes imitando raízes de árvore, não é, e bancos, e jardineiras. Tudo imitando tronco e raiz de árvore.

D. Baby: Há muitas por lá. É. Tinham várias aqui. É. Na frente também tem. Aquela águia que tem lá na frente nós adorávamos trepar em cima da águia. Até de vez em quando quebrava uma asa da águia. A criança da trepada ali.

Entrevistadora: Continua assim.

D. Baby: É. Continua, não é?

Entrevistadora: As crianças... não é?

Entrevistador: Essa varanda aqui de trás. Se costumava, às vezes, ficar na varanda, colocar cadeiras, espreguiçadeira?

D. Baby: É. Tomávamos lanche muitas vezes aqui. Lanche, é. Muitas vezes aqui.

Entrevistador: Colocava as mesinhas...

D. Baby: É. Foi aqui que eu digo a você que tinha as tais mesinhas onde eu almoçava com a *nurse*. Às vezes era na sala de jantar... de almoço, às vezes era aqui, dependia.

Entrevistador: Às vezes passava pra lá.

D. Baby: É.

Entrevistador: Quer dizer, as mesinhas não ficavam fixas num local, elas eram trazidas quando...

D. Baby: É. Eram. Bom, elas eram daqui. Mas quando precisava levar pra lá, levava. Trazia...

[pausa]

D. Baby: Aqui era o banheiro. Isso aí é banheiro. Ainda é banheiro, não?

Entrevistador: É. Ainda é.

Entrevistadora: Havia um elevador para trazer comida pro refeitório dos empregados?

D. Baby: Havia.

Entrevistador: Uma abertura, então, na cozinha, direto.

D. Baby: É. Ia direto na cozinha. Primeiro eles tiveram um refeitório em cima, mas depois, não sei por que, mamãe resolveu fazer embaixo. Primeiro foi ao lado da cozinha. Depois passou a ser aqui embaixo.

Entrevistador: Na sala do Alberlandino?

D. Baby: Talvez tivesse mais empregado. Ah, desculpe!... aqui é maior, não? Não sei a razão qual foi não... aquele pé de tâmara que tem ali na frente. Foi papai que plantou. Conhece, não?

Entrevistador: Um pé de tâmara? Não sabia que era tâmara.

D. Baby: É. Aquela que parece uma palmeira, não é? Aquilo é um pé de tâmara.

Entrevistador: Mas, no jardim da frente?

D. Baby: No jardim da frente. Encostado quase na grade. Eu vou mostrar a vocês. Comi muita tâmara dali. Aliás, ela não dá mais não. Ela tá muito velha. Acabou!

Entrevistador: D. Baby, e esses lampadários aqui da entrada. Nós tivemos informação, quer dizer, esses lampadários não eram os originais?

D. Baby: Não eram os originais não. Eu acho que esses lampadários foi o Batista Pereira que botou depois de algum tempo. Eu não sei a razão. Mas não eram os originais.

Entrevistador: E aqui se costumava colocar – nós já vimos em alguma fotografia – uns bancos também na frente, não é?

D. Baby: Tinha banco. É, aqui tinha bancos por aqui. Tinha tudo isso aqui com bancos.

Entrevistadora: A senhora se lembra se na sala federação tinham cortinas?

D. Baby: Qual é a sala federação?

Entrevistadora: Ah, é o salão nobre. Lá da frente.

D. Baby: Se tinha o que, meu bem?

Entrevistadora: Cortinas.

D. Baby: Não. É como estava agora. É. Eu vou mostrar a vocês o pé de tâmara.

[pausa]

D. Baby: Ainda está gravando?

Entrevistador: Está.

D. Baby: Vocês gostam muito desse busto? Eu não gosto muito não, sabe?

Entrevistador: A senhora não gosta muito?

D. Baby: Não. Está muito abatido, coitado, está muito magro. Ele era isso mesmo, mas... como eu gostava de viver em cima desses leões. As crianças todas montadas nesses leões da frente. Oh, crianças terríveis!

Entrevistador: A senhora vê, o jardim está sendo todo mexido, transplantado, em remodelação.

D. Baby: O senhor vê, o pé de tâmara é aquela palmeira ali.

Entrevistador: Qual, d. Baby?

D. Baby: Aquela ali no meio, bem no centro ali. Ali oh! Aquela palmeira. Mas deu muita tâmara. Mas agora não dá mais. Acho que tá muito velha. Foi plantada por papai, imagina... isso aqui, não é?

Entrevistadora: É. Engraçado. Aquela eu achava aquela parecida com tâmara. Eu não sabia que essa é que era tâmara.

D. Baby: Onde é que tá a águia? Ah, águia, é essa. É. Mas ela agora está com as asas perfeitas, ou tem a de cá quebrada?

Entrevistador: Não, tem uma parte pra ser restaurada, não é?

Entrevistadora: É. Vai ser restaurada. É.

D. Baby: É a criança.

Entrevistadora: Criança, não é?

D. Baby: É. Tá tudo muito bem. Esses caramanchões.

Entrevistador: Devia ser muito agradável isso naquela época, por causa do... não tinha esse barulho de hoje, não é, da rua?

D. Baby: Não tinha. Era muito sossegada essa rua.

Entrevistador: E tudo isso aqui em frente, d. Baby, devia ser residência, não é? Assim como o Colégio Jacobina?

D. Baby: Eram todas. Antigamente não existia apartamentos. Era residências...

Entrevistador: Eram residências com jardim. Nesse gênero, não é?

D. Baby: Aqui morou muito o Azeredo nessa casa aí, amarela, ali.

Entrevistador: Nessa casa que é o Colégio Anglo-Americano.

D. Baby: Isso, é. Antonio Azeredo.⁶² Conheceu de nome? O avô do atual ministro da...

Entrevistador: Azeredo da Silveira.⁶³

D. Baby: ... ministro do Exterior, não? Ele morou aqui, morou na praia de Botafogo, depois morou no largo dos Leões, era muito nosso amigo.

[Corte na gravação]

Entrevistador: Aqui era a copa, então.

D. Baby: Estamos na copa, não? Copa... essa mesa não. Não estava aqui, nem esses armários. Nada disso.

Entrevistadora: E essa mesa, a senhora se recorda de onde estava?

D. Baby: Bom, essa mesa era dos empregados comerem.

Entrevistador: Quer dizer que ficava lá embaixo.

D. Baby: Ficava lá embaixo.

Entrevistadora: E o armarinho?

D. Baby: O armarinho. Idêntico, é ele mesmo.

Entrevistadora: É ele, não é? E aquela pia, tudo...

D. Baby: Aquela pia tava ali, tá tudo certo. Mesmo esses armários. Nenhum deles.

[ruído de passos]

D. Baby: Aqui foi muito tempo meu banheiro, porque eu em criança, quando eu estava no colégio, eu morava aqui nesse quarto, com minha tia, uma tia de mamãe, tia Elisa. Já era de... idosa.

Entrevistador: Aqui é onde é a sala do museu atualmente, com esses azulejos todos na parede. Era esse mesmo?

D. Baby: Não, era ali, meu quarto era ali.

Entrevistador: Ah, na outra. Onde é o Serviço de Documentação, então.

Entrevistadora: E aqui, d. Baby?

D. Baby: Aqui era a despensa.

⁶² Para maiores informações, vide verbete “Antonio Azeredo”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AZEREDO,%20Ant%C3%B4nio.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

⁶³ Para maiores informações, vide verbete “Azeredo da Silveira”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-francisco-azeredo-da-silveira>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

Entrevistadora: Despensa?

D. Baby: É.

Entrevistadora: E com esses azulejos, não é?

D. Baby: Aqui era o meu quarto. Eu muitos anos morei aqui, depois que fui pro colégio. Saí do colégio, então passei pra lá. e aqui ficou então a Lucila, a com a *nurse* dela. Ficavam sempre as *nurses* com os bebês aqui.

Entrevistadora: Era um bom quarto, mesmo.

D. Baby: Era um quarto muito bom. É o banheiro, aquele, não é? Esse é que é o corredor que eu falei pra você que eu...

Entrevistador: Esse é o corredor.

D. Baby: ... vim correndo, não é? Quebrei a sopeira na cab... quebrei a cabeça na sopeira, não foi a sopeira na cab... [risos]. E a sopeira era de prata. Aqui é outro quarto.

Entrevistador: Aqui tem um outro quarto.

D. Baby: Esse aqui é que era a sala dos criados.

Entrevistadora: O comedor dos criados?

D. Baby: Deles comerem aqui; é. Passou depois pra baixo. Mas era aqui.

Entrevistador: Agora é o setor administrativo.

Entrevistador: E tem essa sala aqui que era a cozinha, não é, d. Baby?

D. Baby: Aqui era a cozinha.

Entrevistador: Aqui era a cozinha. Está ocupada agora com a administração.

[Interrupção por outras pessoas]

D. Baby: Eu não sei se... *quedê* o fogão?

Entrevistador: O fogão está ali, d. Baby, é porque...

D. Baby: Mas não está inteiro.

Entrevistadora: Está coberto.

D. Baby: Era maior que isto. Espera aí.

Entrevistador: ... como a senhora está vendo, isso aqui está aproveitado para instalação da...

D. Baby: E aquelas panelas todas, de níquel?

Entrevistadora: Estão lá no quarto do forno, onde tem o forno hoje.

D. Baby: Ah...

Entrevistador: Mas aquilo vai voltar pra aqui assim que nós formos pro prédio.

D. Baby: Vai voltar. Ficar nessas prateleiras aí. É...

Entrevistadora: D. Baby, tem uma pia ali, a senhora se lembra qual o uso dela, uma pia em separado?

D. Baby: Qual é? Aquela ali?

Entrevistadora: Ali no canto, é.

D. Baby: Aquilo ali acho que era pra aves, não é, pra...

Entrevistadora: Pra aves?

D. Baby: É. Lavar aves, não é?

Entrevistadora: ... uma pia completamente diferente.

D. Baby: Bom, naquele tempo, minha filha, as coisas não eram como são hoje. E aqui eram prateleiras. Ficava cheio de panelas.

Entrevistador: Quer dizer que era daqui, então, dessa dependência, é que havia uma abertura por onde descia a comida lá pra baixo?

D. Baby: Lá pra baixo.

Entrevistador: E foi fechada, essa abertura?

Entrevistadora: Deve ter sido fechada. Porque eu sabia da existência da abertura. Qual era a localização dela?

D. Baby: Ah, não sei. Eu não posso. Dizer ao certo, eu não posso. É boa essa cozinha, não? Enorme.

Entrevistador: É boa, muito boa sim.

Entrevistadora: Isso aqui me parece que é outro fogão.

D. Baby: Não, não tem mais fogão não.

Entrevistador: É um armário.

D. Baby: É um armário. O fogão é só... sabe que eu estou achando o fogão pequeno? Eu tinha ideia que ele era muito maior, tinha a perna...

Entrevistador: Aqui é que é uma pia, não é?

D. Baby: É. Aí é a pia.

Entrevistador: Pia, fogão, armário...

D. Baby: Então está terminado tudo, não é?

Entrevistador: Está... tarde. Nós agradecemos muito à senhora essa visita...

D. Baby: Não tem nada, nada que agradecer, tive muito prazer.

Entrevistador: ... foi de grande ajuda os esclarecimentos todos que a senhora deu.

D. Baby: Nada, não fale nisso. Gostei imenso de servir. Fui matando saudades...

[Fim da gravação]

**Antônio Ventura
(depoimento, 1975)**

VENTURA, Antônio. *Antônio Ventura. (depoimento, 1975)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Antônio Ventura

Local da entrevista: Fundação Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 25 de abril de 1975

Duração¹: 1h 18min 29s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Marcos Paulo Alvim e Aldeli Memória

Descritores/Assunto: Criação do museu, presidente Washington Luís, Maria Augusta, objetos, jardim e estruturas, plantas, flores, casa do zelador – LAMIC, monta-carga, cozinha, água quente, Château Misère, museu – primeiras instalações e funcionários, teatro, telefones, exílio, pintura pompeiana, cofres, Antônio Joaquim da Costa.

Biografia²:

Antigo funcionário do museu, ator de teatro.

Primo do sr. Antônio Joaquim da Costa que trabalhou com Rui Barbosa e d. Maria Augusta durante quase 15 anos.

¹ A entrevista está dividida em três partes com 31min 8s, 30min 31s e 16min 50s, respectivamente. No entanto, a segunda parte do áudio apresenta diversas partes inaudíveis e a sua transcrição foi realizada somente no âmbito do atual projeto. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE I

Entrevistador: Fundação Casa de Rui Barbosa, dia 25 de abril de 1975. Gravação com o sr. Antônio Ventura. Sr. Ventura, qual o primeiro contato que o senhor teve aqui com a Casa de Rui Barbosa?

Sr. Ventura: Bom, eu vim para aqui, para a Casa de Rui Barbosa, em 1926. Eu vim dos Estados Unidos, com uma licença de seis meses, que eles dão – e às vezes de um ano – para visitar os parentes nos países estrangeiros. Então eu chegando aqui, eu vim para aqui para o meu cunhado³ que está, era o mordomo da casa do Rui Barbosa. Não era a Casa de Rui Barbosa ainda. Era a casa do Rui Barbosa, mesmo. Familiar.

Entrevistador: O seu cunhado?

Sr. Ventura: Meu cunhado era mordomo do Rui. Passou depois a cuidar da biblioteca.

Entrevistadora: Antônio...

Sr. Ventura: Antônio Joaquim da Costa. Então assim, eu não queria voltar mais para os Estados Unidos, não é que eu não goste de lá não, e daquela gente toda, mas é que lá é muito frio e eu não me dou muito bem com o frio. Mas assim mesmo ainda estive nove anos lá.

Entrevistador: Nove anos?

Sr. Ventura: É. Então chegando aqui eu disse: “Ah, eu não queria voltar! Eu queria arranjar, ver se arranjava um emprego, dentro desse tempo, desta licença que eles me deram”. E ele disse: “Olha, você, se você quiser,

³ Refere-se a Antônio Joaquim da Costa, autor do livro *Rui Barbosa na intimidade*. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11997/4792>>. Acesso em: 25 maio 2020.

fica por aí, porque aqui acho que vai se criar um museu aqui nesta casa. Então, você vê, posso arranjar um lugar aí para você”. E aí eu aceitei. Deixei passar os seis meses e fiquei por aqui mesmo. Quando Washington Luís⁴ veio, baixou um decreto,⁵ do Executivo naturalmente, criando a Casa, criando o museu. Depois, em 28, foi feita a lei.⁶ Nós não tínhamos verba. Não havia verba e a gente ficou um ano trabalhando de graça. De graça não, porque eles pagaram depois. Então em 28 saiu a lei definitiva e a verba, e nós recebemos os atrasados e ficamos então com os ordenados em dia. Depois, logo que eu cheguei aqui, seu Antônio era muito ocupado, principalmente a d. Maria Augusta, para fazer certos recados, ele me deixava aqui dentro. Eu, como gosto muito de livros, já isto é uma coisa desde criança, ele disse: “Olha, você vai vistoriando isto aqui, porque os livros, às vezes costuma dar um bichinho assim, assim”, me explicou como é que era, depois, e eu corri a biblioteca toda. Então eu já tomava conta da biblioteca antes mesmo de ser empregado da casa, não é? Funcionário. Depois a casa foi criada.

Entrevistador: Sr. Ventura, o senhor então conheceu d. Maria Augusta?

Sr. Ventura: Eu não só conheci d. Maria Augusta como conheci todos os filhos e os netos, porque eram vivos todos eles. Morreram depois de eu já estar aqui na casa. A d. Maria Augusta quase que era rara a semana que ela não telefonava para o seu Antônio dizendo: “Antônio, eu hoje vou aí, lá na minha casa de São Clemente”. Como ela sempre falava, não é? Então vinha aqui, sentava, olhava os salões. d. Maria, mulher de seu Antônio, minha irmã, fazia um cafezinho. Eu vinha servir para ela. Ficava ali conversando na sala.

Entrevistadora: Que sala?

Sr. Ventura: Lá no salão grande, eu acho.

⁴ Para maiores informações, vide verbete “Washington Luís”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/washington-luis-pereira-de-sousa>>. Acesso em: 25 maio 2020.

⁵ Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17758-4-abril-1927-500996-republicacao-86883-pe.html>>. Acesso em: 25 maio 2020>.

⁶ Decreto nº 5.429, de 9 de janeiro de 1928 – Cria a “Casa de Rui Barbosa”. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5429-9-janeiro-1928-562193-publicacaooriginal-86048-pl.html>>. Acesso em: 25 maio 2020. Porém o regulamento da “Casa de Rui Barbosa” foi aprovado somente no decreto nº 18,767, de 27 de maio de 1929. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/norma/435695/publicacao/15693501>>. Acesso em: 25 maio 2020.

Entrevistadora: E a casa, antes de ser inaugurada, o mobiliário, o senhor se lembra o que existia nessa época?

Sr. Ventura: Antes de inaugurar a casa, quase não tinha mobiliário, porque o governo se desinteressou pelo mobiliário⁷ da casa. Então comprou só os livros, a biblioteca e as estantes⁸ em que eles estavam. Depois, quando Washington Luís veio aqui e pensou em transformar isso num museu, como até hoje está, ele comprou várias peças de d. Maria Augusta. Não sei se aquele Gobelin...⁹ e outras, os jarrões, aquelas estátuas que os brasileiros lhe ofereceram à volta de Haia, e as outras tantas vieram vindo depois, todas elas. A mobília¹⁰ da sala de jantar... houve a sorte nesta casa do seguinte: de se reconstituir a casa conforme era, porque as peças melhores ficaram com a família. A mobília da sala de jantar estava com dr. Batista Pereira, genro do Rui Barbosa. Então fez uma permuta. O governo mandou que ele escolhesse uma mobília no Leandro Martins¹¹ e ele deu esta em troca. Esta mobília também foi... estava não sei com quem da família e também foi a mesma coisa. O guarda-louças¹² daqui da sala do almoço, a d. Regina Monteiro Real,¹³ que foi conservadora do museu, descobriu – seu Antônio aliás é que descobriu. Ela então foi lá, na família Oliveira Castro, tinha comprado num leilão. Então eles foram lá, compraram isto baratinho aqui para casa, né? E foi assim que se pôde conservar a sala de almoço conforme ela era. A sala de jantar já foi falada, né? Aquela mobília também da sala... do salão grande, da

⁷ Decreto nº 5.566, de 5 de novembro de 1928 – Autoriza o Poder Executivo a despender a quantia de 350:000\$000, para atender à aquisição do mobiliário que pertenceu a Rui Barbosa e a despesas complementares da instalação da “Casa de Rui Barbosa”. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5566-5-novembro-1928-562575-publicacaooriginal-86646-pl.html>>. Acesso em: 25 maio 2020.

⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁹ Tapeçaria – Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹¹ É possível encontrar muitos anúncios da loja *Leandro Martins* nos jornais do início do século XX disponíveis na Hemeroteca Digital (<http://bndigital.bn.gov.br/hemerotecadigital/>) da Biblioteca Nacional.

¹² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

¹³ Regina Real Monteiro foi funcionária do Museu Casa de Rui Barbosa de 1955 até seu falecimento, ocorrido em 1969. Ela escreveu as obras *O museu ideal*, *Casa de Rui Barbosa: resumo histórico de suas atividades* e *Casa de Rui Barbosa: guia do visitante*. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 25 maio 2020.

sala das grandes recepções, a que ele trouxe de Buenos Aires, estava com d. Maria Augusta. Então voltou novamente pra casa. O tapete¹⁴ também e a outra estava com d. Dedélia. E, assim, foi-se reconstituindo a casa aos poucos, a casa está tal qual conforme era mesmo. Menos talvez assim certas coisas, certos objetos, que não seriam necessários – como eles chamavam, de teteias que se botavam aqui em volta da sala. Esses quadros¹⁵ holandeses, esses azulejos holandeses, foi a d. Baby, estavam com a d. Baby, ela cedeu pra casa também.

Entrevistador: E, sr. Ventura, nessa parte do jardim, o senhor se recorda se havia alguma modificação na parte das plantas, de como era o jardim naquela época, ou está mais ou menos...

Sr. Ventura: Olha, o jardim era o seguinte. O Rui Barbosa acho que toda, muita gente sabe que ele gostava muito de roseiras. Então nesta ala de entrada aqui, este lado, do lado direito de quem entra, era um canteiro de craveiros. Eu ainda encontrei, flores, cravos, ainda, craveiros floridos, eu encontrei. Do outro lado, eram roseiras (aqui desse lado). Que ainda tem, mas estão... estão fraquinhas, não? E pelo jardim afora, na parreira tinha também fileiras de roseiras. Que o Rui Barbosa mesmo, há fotografia até, na revista *O Tempo*, onde ele está, com uma tesoura na mão, cortando os galhos secos, ele usava mesmo. Ele gostava muito das roseiras. Na praia do Flamengo tinha não sei quantas mil roseiras que ele mesmo cuidava. E então, quando veio pra aqui, o amor às roseiras não acabou.

Entrevistador: E aquele banco de pedra que está ali embaixo daquela grande árvore ali no jardim?

Sr. Ventura: Aquele banco não existia. Nem o outro que está lá embaixo também. Aquilo eram as pilastras do portão. Porque quando houve aqui uma abertura de rua,¹⁶ em que, quando Washington Luís veio aqui, diz que cortaram um braço da casa. Como realmente o muro, a própria casa fazia muro. Eles fizeram aqui um terreno, uma passagem, e toda enviesada, para poder – o dono dessa rua Barão de Lucena – poder

¹⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁶ Referência à rua que foi aberta na lateral da Casa, cortando o jardim, com autorização do prefeito Alor Prata, em 1926, ligando São Clemente à rua Assunção. Para maiores informações, vide: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=306&ID_M=981>.

vender o terreno melhor. Washington Luís quando veio, mandou fechar. Então aquelas pilastras já não serviam mais, tavam apertando ali. Ele mandou fazer duas pilastras novas iguais àquelas da entrada, tais quais que eram. E aproveitaram estas pilastras aí para fazer um banco e botaram no jardim. Mas, aquelas pilastras não existiam. Também debaixo daquele pé de lichia, aquilo não era assim não. Era tudo essa grama que chama junquilha. Toda ela de junquilha. Em volta do quiosque também era junquilha. Toda ela em volta do lago. É. Do jardim¹⁷ acho que é isto mesmo, só.

Entrevistadora: Não tinha aquela área ensaibrada ali onde tem hoje a lichia?

Sr. Ventura: Não, aquilo ali era assim. É... tinha. Tinha. Só que a lichia veio um jardineiro pra aqui que disse que precisava aparar a árvore. Os galhos vinham aqui... imagine que a gente chegava com a mão aos galhos da lichia. Foi lá para cima e estragou a árvore completamente. Dizia ele que o gramado não vingava ali. Mas se era de junquilha. O junquilha tanto dá no sol como na sombra. Ele... acho que não teve muita visão nesse ponto. Na profissão dele de jardineiro. Então está como é hoje. Ficou como é hoje mesmo.

Entrevistador: E essa ala aqui onde funciona administração agora. Quais são as modificações? Quer dizer, onde era a rouparia? Onde eram todas as dependências? O senhor se recorda?

Sr. Ventura: Eu me recordo perfeitamente pelo seguinte: porque a princípio não havia a casa do zelador¹⁸ lá embaixo. Foi construída depois, em 1938. Então, seu Antônio morava com a família aqui até a copa aqui. Eles moravam aqui. Na cozinha tinha um fogãozinho de gás em cima do próprio fogão. Eles cozinhavam ali e ali se comia. A rouparia ficou sendo o quarto do seu Antônio, o quarto do casal. O outro era da filha, a d. Georgina, que também foi funcionária da casa. E aquele de

¹⁷ Para maiores informações sobre o Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa, ver: REIS, Claudia. *Memória de um jardim*. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Mem%C3%B3ria%20de%20um%20jardim%20OCR.pdf>>. Inventário botânico do Jardim da Casa de Rui Barbosa, disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/10729/3/Invent%C3%A1rio%20bot%C3%A2nico%20do%20Jardim%20Casa%20de%20Rui%20Barbosa_2019.pdf>. Blog do Projeto de Revitalização e Restauração do Jardim da Casa de Rui Barbosa, disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/jardim/>>.

¹⁸ Espaço construído para servir de moradia ao zelador, como era habitual em alguns órgãos públicos. Atualmente a construção é ocupada pelo SEP – Serviço de Preservação, e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, da FCRB.

cá, onde a d. Aldeli¹⁹ está, aquele era o quarto do Alfredo, meu sobrinho. Depois quando eu vim, eles me deram aquele pra mim e ele ficou dormindo num sofá. Depois, mais tarde, eu passei lá pra baixo, porque embaixo tinha muitos quartos, inclusive eu morei naquele onde é a portaria ali, que aquilo ali também era dividido. Depois eu vou falar sobre isso. Sobre a divisão daquilo.

Entrevistador: Sr. Ventura, e uma abertura que havia na cozinha, e que passava a comida lá para baixo, o senhor recorda onde era?

Sr. Ventura: Ah, perfeitamente. Era um elevadorzinho²⁰ que levava a comida pros criados; embaixo era a sala dos criados. Antes era cá em cima. Mas, como eram muitos criados, fazia muito barulho. No tempo do Rui era naquele quarto que eu já disse que era da d. Georgina. Ficou pra d. Georgina. Então abriram um buraco na cozinha, tinha um pequeno elevador, a comida descia por ali assim.

Entrevistador: O senhor se recorda se era próximo à pia?

Sr. Ventura: Não, é lá naquele canto do fogão. No cantinho lá do lado direito. Quem entra do lado direito. Ainda tem a marca do cimento, que eles depois fecharam. Aquilo depois foi fechado. Quando foi nas grandes obras fecharam aquilo ali. Em cima, na cozinha, tinha uma caixa. A caixa alimentava a serpentina que tinha no fogão para levar água quente pra copa e pra cozinha. As torneiras tinham água quente.

Entrevistador: Aquilo ia dar exatamente onde é a sala do centro de pesquisas hoje?

Sr. Ventura: É, do centro de pesquisas justamente. É ali embaixo. Não era tão largo assim. Aquilo ali é outra história, também. Aquele rompimento. Aquilo foi ideia minha.

Entrevistadora: Qual?

Sr. Ventura: Lá embaixo, até lá o Centro de Pesquisas,²¹ tinha um tabique, o quarto das crianças acompanhava só, quase só a porta; conforme a porta tinha um tabique de madeira por dentro. Depois, do lado, era onde se guardavam as carruagens. Eu ainda achei uma porta larga e enorme onde entravam e saíam as carruagens sempre por ali.

Entrevistadora: Ah é?

¹⁹ Refere-se a Aldeli Memória, museóloga e chefe do museu no período da entrevista.

²⁰ Há na cozinha do Museu Casa de Rui Barbosa uma placa em metal, no local onde havia o “elevador monta carga” citado.

²¹ Nessa ocasião, ou seja, antes da construção do prédio anexo, o Centro de Pesquisas funcionava na sala localizada abaixo da cozinha; atualmente ocupada pela administração do Museu Casa de Rui Barbosa.

Sr. Ventura: Não sei se sempre foi ali, mas quando eu vim, as encontrei ali. E era cavado, pois. Aquilo ali era cavado.²² Ainda está o sinal lá. Deve estar o sinal lá. Ali é onde tem duas janelas no Centro de Pesquisas. Ali era uma porta larga. Então havia outro tabique. Depois tinha mais um quartozinho. Outro tabique, aí vinha o quarto de engomados. Uma piazinha, umas pias cor de rosa que se usava antigamente... depois do quarto de engomados, então, na frente, tinha sido o quarto do seu Joãozinho,²³ o filho mais novo de Rui Barbosa, que ele chamava de Château Miséria. E depois ficou para escritório do dr. Batista Pereira,²⁴ quando o Joãozinho casou.

Entrevistadora: Quer dizer que naquela área onde tem hoje o Centro de Pesquisas tinha o quarto dos criados...

Sr. Ventura: A sala dos criados.

Entrevistadora: A sala dos criados, depois uma sala...

Sr. Ventura: A seguir era onde se guardava as carruagens, que eu ainda achei. Eu ainda achei ali o lugar das carruagens,²⁵ que as carruagens não estavam aqui; mas eu achei a porta larga, conforme eles entravam antes. Ali tinha um resto de biblioteca, que é uma coleção grande, que tem.

Entrevistadora: A parede que hoje separa a biblioteca do centro de pesquisas?

Sr. Ventura: Essa parede foi ideia minha. Como ali embaixo é muito úmido, eu disse. Dr. Luiz Camilo²⁶ era o diretor da casa, na ocasião. E ele aceitou a minha ideia. Como não tinha muita ventilação – aquela parede até hoje se vê que é muito úmida –, eu disse: “dr. Luiz Camilo, era melhor retirar esta parede” – que era uma parede de tijolo que tinha ali. No escritório do dr. Batista Pereira tinha um lavatório. Então mudou-se a parede lá para dividir o centro de pesquisas. E que ficaria para a sala do diretor. Como ficou muito tempo. Dr. Lacombe funcionava ali. Aquela parede foi mudada. Ideia minha para arejar mais, porque não tinha... só tinha as portas. Não tinha corrente de ar. Sabe que a corrente é necessária,

²² Cavado porque era abaixo do rés do chão; em algum momento o piso foi elevado.

²³ João Rui Barbosa – RJ 14/01/1890 + RJ 8/11/1947.

²⁴ Casado com Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira, filha mais velha de Rui Barbosa e d. Maria Augusta.

²⁵ A sala abaixo da cozinha – atual administração do museu – tinha portas duplas e as viaturas que compõem o acervo ficavam exposta neste local; posteriormente foram transferidas para a cavalaria, onde ainda se encontram.

²⁶ Luís Camilo de Oliveira Neto foi presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa no período de 1935 a 1938.

assim, numa casa. Às vezes a casa tem muita, tem muita porta e muita janela; mas é de um lado só, não adianta. Entra só aquele ar. Tem que ter uma outra porta pra corrente passar. O que eu fiz lá... [inaudível]

Entrevistador: Sr. Ventura, o senhor poderia falar alguma coisa sobre aqueles cadeirais²⁷ que são utilizadas de vez em quando nos recitais aqui da casa? Quando é que eles vieram para aqui?

Sr. Ventura: A data precisamente eu não posso dizer, mas aquilo foi oferta da Biblioteca Nacional. Aquilo estava lá no porão, não tinha utilidade nenhuma e o dr. Lacombe, um dia, vendo aquilo lá, pediu ao diretor, o então diretor da biblioteca, se eles podiam ceder aquilo pra aqui pra casa. Eles cederam e deram mesmo. Depois deram mesmo pra aqui pra casa. Foi assim que elas ficaram aqui.

Entrevistador: E o senhor havia falado de uma conferência do dr. Homero...

Sr. Ventura: Ah, sim!

Entrevistador: Para localizar...

Sr. Ventura: Isso é para localizar. Precisar a data. Quando foi da conferência do dr. Homero – Rui e os livros²⁸ –, essas cadeiras ainda não estavam aqui. Vieram... pediu-se à prefeitura do então... do estado... da capital federal, não é? Pediu-se à prefeitura 150 cadeiras. Modéstia à parte, quem arrumou essa sala, nesse dia, só tinha um servente, e eu tirei aqueles móveis todos – a secretária ficou, não é, ficava toda vez –, aquela poltrona grandona, eu... nesse tempo eu era moço, eu podia. Dei um balanço assim nela, botei na cabeça e fui com ela lá pra aquele quarto lá. As outras tudo a mesma coisa. Eu arrumei aquilo tudo. Dr. Homero, quando veio, disse: “Ih, mas... o senhor não tinha ninguém que ajudasse?” Eu disse: “Mas quem é que ia ter? Não tem mais ninguém mais mesmo!”

Entrevistador: Como é que funcionava a casa naquela época? Em termos assim de pessoal. Aqui trabalhavam quantas pessoas?

Sr. Ventura: Ah, pessoal era: dois serventes, um jardineiro, o zelador de então que era... que era seu Antônio, e tinha um... naquele tempo ele era porteiro-conservador. O zelador mesmo era o chefe. Era o chefe, dr.

²⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁸ Refere-se a Homero Pires, que proferiu conferência na Casa de Rui Barbosa, a 5 de novembro de 1938, intitulada *Rui e os livros*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_HomeroPires_RuiBarbosa_e_os_livros.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.

Fernando Nery.²⁹ Tinha o nome de zelador o cargo. Até que depois – ele ainda continuou depois da revolução, e depois – até que houve uma reforma em que o nome do zelador passou a ser diretor. O seu Antônio passou então a ser porteiro-conservador. Não tinha mais gente não. Era assim mesmo.

Entrevistador: Sr. Ventura, já nessa época o senhor se dedicava também ao teatro?

Sr. Ventura: Ah, é, eu de vez em quando eu ia, sabe? Pedia ao dr. Lacombe,³⁰ ele mesmo assistiu algumas vezes. E, quando aparecia às vezes de me convidarem assim, – “Ah, dr. Lacombe, tem um convite aí, assim assim, mas eu...” . “Vai, você vai”; ele é que me estimulava.

Entrevistador: Como é que o senhor começou e quais foram as suas primeiras experiências na...?

Sr. Ventura: Olha, esse negócio de teatro é uma coisa desde criança. Porque quando... em todos os lugares há aqueles saltimbancos, não é? Eu nasci em Portugal.

Entrevistador: E em que região?

Sr. Ventura: Beira Alta. Beira Alta. Então quando iam aqueles comediantes, eu ficava doido para assistir. Eu andava na escola, estudando. Mas às vezes o meu pai precisava de um empregado pra ir ajudar na lavoura e lá ia eu. Dizia: “Olha, você amanhã tem que tomar conta dos gados, porque o empregado vai...” Aí eu chorava porque não ia à escola. Mas não tinha por que, eu tinha mesmo que ir. Quando chegava o dia das comédias, como se chamava, eu ficava doido pra assistir. Então lá, sempre arranjava um meio. Havia uma senhora de idade, vizinha nossa, que dizia: “Ah, eu vou lá. Eu tomo conta dos gados. Você vai. Você vai assistir”. Eu ficava maluco por aquilo. Era vocação mesmo nata, não é? Até que um dia, uns garotos assim, como a gente, uns parentes meus, moravam assim na casa em frente à gente, e tinha um varandim grande – como é que chama? Um pátio, não é? Aí eu comecei a cantar as coisas que eu ouvi a atriz cantar. As cançonetas que eu ouvia cantar. Uma prima

²⁹ No Arquivo Histórico Institucional da FCRB está disponível para consulta a coleção Fernando Nery, que foi zelador da FCRB no período de 1928 a 1930. Compõe a coleção 109 cartas datilografadas de Rui Barbosa, do período de 1871 a 1922, que se referem às eleições legislativas para a Câmara de Deputados, à reforma do código civil, ao seu exílio na Inglaterra, à política baiana, à questão de limites, ao governo provisório etc.

³⁰ Refere-se a Américo Jacobina Lacombe, Presidente da FCRB no período de 1939 até 1993. Américo participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em 21 de abril de 1976.

minha, de cima da janela, quando eu dei por ela, estava entre duas colunas escutando. Aí eu fugi pra debaixo do banco. “Não, canta. Canta aí. Nós queremos ouvir”. Eu não tive argumento, encabulado, já não me saiu tão bem. Aquele canto não estava natural. Bom, eu sempre tive vontade de ir para o teatro. Foi sempre claro. Aí eu cheguei aos Estados Unidos, quando eu cheguei lá, apareceu um grupo, apareceu um rapaz lá, iam fazer um espetáculo para cobrir o telhado de uma igreja. Então andaram vendo ali. Catando lá. Um se lembrou: “Ah, você!” O meu irmão, também, Artur Ventura. “O Ventura tem um irmão que chegou agora ao Brasil, ele deve entender alguma coisa disso. Deve saber”. Foram lá, me cataram, a mim. Lá fui eu. Era o que eu queria, não queria outra coisa. Estreei... foi como peixe dentro d’água. Foi um sucesso mesmo.

Entrevistador: Quais foram as peças que o senhor gostou mais de representar?

Sr. Ventura: O que eu gostei mais, por exemplo, porque eu não sei, o meu temperamento é cômico, mas hoje eu faço dramático também. Naquele tempo eu não sabia fazer dramático. Então a peça que eu mesmo... foi *Um amigo dos diabos*, uma comédia muito engraçada de Gervásio Lobato,³¹ e outra, *Um grande hotel de sarilhos*. Que eu fazia, sempre fazia papéis de velho, mas me adaptava tão bem que não dava a perceber, que parecia mesmo um homem daquela idade. E depois fiz também Inês de Castro, fiz o d. Pedro, a tragédia. O povo gostou muito. Aí vim pro Brasil, fiquei por aí assim, quando houve... o Paschoal Carlos Magno³² pôs um anúncio dizendo que quem tivesse qualidades, assim para teatro, que já estivesse representando e coisa. Eu li aquilo. O que que eu vou fazer lá, no meio daquela gente toda, não é? Mas, em todo caso, criei coragem e fui lá. Me inscrevi. Me inscrevi, houve aquela concentração, que ele fez, né? Depois veio o dia do concurso. O Sergio também ganhou o papel por concurso. O Sérgio Cardoso.³³ Todo mundo, um leu, outro leu, o meu papel também foi lido por dois antes de mim. Depois eu fui o terceiro a ler. Eu li o papel. Depois o júri achou de me dar o papel ali. E aí, foi aí que eu estreei no ramo e no teatro de câmara, com a Maria Sampaio,

³¹ Para maiores informações, vide “Gervásio Lobato”, disponível em: <<https://www.infopedia.pt/%gervasio-lobato>>. Acesso em: 25 maio 2020.

³² Para maiores informações, vide verbete “Paschoal Carlos Magno”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa393306/paschoal-carlos-magno>>.

³³ Para maiores informações, vide verbete “Sérgio Cardoso”, disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-544199/>>.

com a Alma Flora³⁴ e outros personagens por aí, o Carlos Perry, que hoje é arquiteto aí de jardim. Fui por aí. Fiz *Quebranto*, de Coelho Neto,³⁵ também. Estreamos na penitenciária, demos espetáculo para os presos.

Entrevistadora: Quando?

Sr. Ventura: Isto já foi por mil e novecentos e... 52, por aí assim. É, 52. Eu tinha meus 54 anos. Mas muito cheio de vida, graças a Deus até hoje.

Entrevistador: No ano passado, no final do ano passado, o senhor nos brindou aqui com a *Ceia dos cardeais*.³⁶

Sr. Ventura: É, aquilo era um sonho meu, sabe? Mas eu antes não tinha coragem. Acho que eu não faria aquilo não. Mas depois amadureceu, e a coisa parece – parece – que não saiu mal.

Entrevistadora: Durante esse período aqui na casa, o senhor veio para a casa e ficou até quando?

Sr. Ventura: Fiquei até a aposentadoria, na compulsória, quando eu completei 70 anos em 1968. Que eles me prestaram uma homenagem muito bonita aqui. Me deram um cartão de prata. Houve aí um coquetel.

Entrevistadora: Em 72, o senhor retornou?

Sr. Ventura: Voltei. Agora, para acompanhar os visitantes. É um trabalho que eu gosto muito, porque me divirto. Com esse negócio de teatro, eu represento, eu estou representando. Eu estou mostrando a casa, mas estou representando. De vez em quando, eu digo uma graça, uma coisa assim... eu acho que a visita comigo sente-se satisfeita.

Entrevistador: Porque o senhor tem a vivência do local, não é?

Sr. Ventura: É, a vivência do local. Esta casa é como se fosse minha mesmo. Curioso mesmo...

Entrevistador: O senhor conhece cada canto...

Sr. Ventura: Cada canto; é, isso mesmo. Conheço também porque eu limpei cada canto. Eu entrei para aqui limpando a casa! Eu conheço os cantos todos da casa. Os pormenores.

[Corte na gravação]

³⁴ Para maiores informações sobre a atriz portuguesa Alma Flora, disponível em: <<https://frammartin.blogs.sapo.pt/alma-flora-rainha-das-atrizes-97202>>.

³⁵ Para maiores informações, vide verbete: “Coelho Neto”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>.

³⁶ *A ceia dos cardeais* (1902) é uma peça do escritor português Júlio Dantas.

Sr. Ventura: Esta mobília da sala de jantar o Rui Barbosa trouxe de Londres quando veio do exílio. Que ele comprou a casa em 93, mas, como foi exilado por causa da revolução³⁷ do Floriano, esteve em Londres praticamente perto de dois anos. Então quando, antes dele vir, não tinha ainda habitado a casa, pediu aos parentes – creio que foi o sr. Carlitos Bandeira³⁸ – para tomar medida dos espaços pra ele poder comprar uma mobília cujos móveis se adaptassem ao espaço da sala. Trouxe 12 cadeiras,³⁹ cujos estofos ainda são – essas aí, ainda é o estofa primitivo.

Entrevistador: Em couro, não é?

Sr. Ventura: Em couro lavado, é; couro lavado. E aquela cadeira lá também, e esta aqui que estava... o sr. Carlitos Bandeira devia ter sido igual àquela; depois foi reestofada. Esta daqui.

Entrevistador: Esta que está agora estofada, estofada em veludo.

Sr. Ventura: É. Ela foi igual àquela. Eles mandaram para cá. O seu Carlitos mandou para cá. Então vinha com 12 cadeiras estofadas e depois aqui ele mandou fazer mais 12, no mesmo estilo, mas, de palhinha. São 24 cadeiras.

Entrevistador: Ah, essas cadeiras, então, são feitas aqui?

Sr. Ventura: São feitas aqui. Debaixo do móvel que o senhor vê. Tá perfeita. Iguais às outras. 12 mais 12.

Entrevistador: E aqui esse aparador era, o senhor se recorda, era assim mesmo?

Sr. Ventura: Bom, eu quando vim para aqui o aparador não estava aqui, que estava na casa do dr. Batista. Aliás eu o vi lá, quando ele deu um almoço para o Washington Luís, em que eu fui servir à mesa. Nunca tinha servido, mas meu cunhado me ensinou como é que era: “Bom, tira os talheres de prata pro lado esquerdo, o lado direito...”. Depois eu sei que eu servi divinamente. Era de lado... olhava assim, disse; “Olha... está faltando vinho lá”. Eu servi a casa... então eu vi lá essa mobília na casa do dr. Batista Pereira.

Entrevistadora: E a vitrine também veio?

Sr. Ventura: Veio tudo de lá. Completo. Os consoles, tudo.

³⁷ Refere-se a Revolta da Armada. Maiores informações, vide verbete, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DA%20ARMADA.pdf>>.

³⁸ Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui.

³⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

Entrevistador: E o lustre,⁴⁰ sr. Ventura?

Sr. Ventura: Bom, o lustre estava aí. O lustre nunca saiu daí. O lustre, este, nunca saiu.

Entrevistador: O senhor se recorda a procedência dele ou não?

Sr. Ventura: Este lustre eu acho que ele é holandês o estilo, não é? Aquele lá também, foi comprado, trouxeram de Haia. Esse foi trazido de Haia. Um lustre de gás⁴¹ adaptado à eletricidade depois.

[ruído de passos]

Sr. Ventura: Aqui era a mesinha do telefone... e na sala de estar...

Entrevistador: Sala João Barbosa?

Sr. Ventura: É. Telefone daqueles de pé, que a gente pendurava assim no gancho.

Entrevistador: Preto?

Sr. Ventura: É, preto. Eu ainda o encontrei aqui. Só que era lá embaixo na portaria. Depois passou lá para baixo.

Entrevistador: E onde estará esse telefone?

Sr. Ventura: Ah, isso... a Light quando veio mudou, sabe como é, eles carregaram.

Entrevistadora: Foi recolhido, não é?

Sr. Ventura: É. Foi recolhido. Está com a Light.

Entrevistador: Podíamos tentar conseguir um telefone desses pra colocar aqui...

Sr. Ventura: Esta sala hoje, que está a sala de estar,⁴² cujas pinturas⁴³ são estilo pompeiano, elas estavam por baixo do papel. Que esta sala sofreu uma reforma e o seu Joãozinho é que presidiu a isso (o filho mais novo de Rui Barbosa). Então mandou que empapelasse, porque estava muito estragado. Devido às chuvas, não é, ficava assim; depois, para retocar isto ficava muito caro. Ele teve a ideia de – era moda de empapelar as casas – então ele empapelou. Por sinal o papel era muito escuro, não é? Papel amarronado. Não era bonito não. Depois, quando foi para

⁴⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

⁴¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

⁴² Denominamos sala íntima.

⁴³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

reempapelar – aí, com as chuvas, aquele papel estragou -, começou-se a tirar o papel, e o dr. Thiers,⁴⁴ também, viu que tinha umas pinturas por baixo do papel. Então foi o seguinte: eles acharam que era mais interessante – como é mesmo mais interessante – deixar a casa conforme era, assim noutros tempos, tiraram o papel e mandaram restaurar a pintura. Agora, para restaurar como era – porque não se percebia quase nada como era – houve a sorte do seguinte: mais uma vez eu entrei em ação. Eu sou bibliotecário nas horas vagas. Então eu trabalhava na casa do Arnaldo Guinle.⁴⁵ Ele tem umas estampas grandes, de um metro de altura, de como era Pompéia antes. E lá eu com meu espírito pesquisador fui virando a ver se eu encontrava esta sala. Eu identifiquei por aquilo lá, e aquela aqui. Aí eu vi a sala e pedi emprestado. Ainda está aí, esta pasta. Ainda está aí. Ele já morreu, mas ela ficou aí. Eu assinei um papel lá, com o mordomo deles lá, para devolver e coisa... mas ele morreu e agora só se levar para o Candidinho, Candido de Paula Machado, que foi quem herdou a biblioteca dele e deram-lhe os livros pra ele e coisa. E foi assim que se conseguiu essa sala ficar conforme ela é. É Casa... é chamada a Casa della Piccola Fontana.

[ruído de passos]

Sr. Ventura: Bom, aqui é a sala de Haia, era o seguinte: no tempo, era o quarto de d. Baby.⁴⁶ É, antes de terem mudado daqui. Essa mobília⁴⁷ estava em Petrópolis.⁴⁸ Lá, ela tinha o nome de gabinete holandês. Então, mais uma vez, lá fui eu com o seu Antônio num caminhão do Corpo de Bombeiros, do Ministério da Justiça – que acaso a esse tempo era dado ao Ministério da Justiça –, e fomos lá apanhar esta mobília e trouxemos para cá.

⁴⁴ Refere-se a Thiers Martins Moreira (1904-1970), que foi advogado, professor, escritor, pesquisador e diretor por 18 anos do Centro de pesquisas da FCRB. Para maiores informações, vide verbete “Thiers Martins Moreira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moreira-thiers-martins>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁴⁵ Para maiores informações, vide verbete “Arnaldo Guinle”, disponível em: <<https://www.pixinguinha.com.br/perfil/arnaldo-guinle/>>.

⁴⁶ Refere-se a Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra cujo depoimento foi registrado em 10 de abril de 1975, para o projeto Memória de Rui, na FCRB.

⁴⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴⁸ Rui Barbosa possuía uma casa de veraneio em Petrópolis, localizada na rua Ipiranga. Ele estava nesta residência quando faleceu, em 1 de março de 1923.

Entrevistador: Todo esse mobiliário?

Sr. Ventura: Todo esse mobiliário. Fazia parte.

Entrevistadora: E este cofre?⁴⁹

Sr. Ventura: O cofre foi comprado quando compraram as estantes, umas estantes de aço que vieram dos Estados Unidos, que estão por aí acima; então veio este cofre comprado para guardar o arquivo do Rui Barbosa como está aí, assim, os originais dele: da *Réplica*, os pareceres sobre a redação do Código Civil, a *Oração aos moços* e outros documentos valiosos que estão aí. Nessas gavetinhas.

Entrevistadora: Agora tem um outro cofre.

Sr. Ventura: Aquele era do Rui. Aquele estava no quarto de vestir dele.

Entrevistador: Quer dizer que este é que é posterior?

Sr. Ventura: Esse é posterior.

Entrevistadora: É o que hoje está lá na Administração?

Sr. Ventura: É, esse, aquele cofre⁵⁰ era do Rui Barbosa, aquele. Era o cofre dele, aquele. Que depois naturalmente vai passar pra lá.

Entrevistador: Essas estantes de aço que o senhor disse são aquelas que têm vidro, não é?

Sr. Ventura: É, vidro. Tipo caixão,⁵¹ como se chama. Superpõem-se umas às outras. No mesmo gênero que ele tinha umas de madeira aqui. Rui Barbosa tinha umas de madeira. Não é bem igual, mas é quase a mesma coisa. É de uma madeira muito boa. Esse daqui também. Quase todos estranham: “Uai! Mas o cofre é de madeira?” Que é tão bem fingido!

Entrevistador: Imita.

Sr. Ventura: É, imita perfeitamente. “Não, não é de madeira não”. “Não, mas é madeira!” E aí, bate aqui, acha que é madeira; não, mas não é não. Isto é de ferro. É muito fingido.

Entrevistador: Agora, o medalhão de Delft⁵² já estava na casa ou só veio depois?

Sr. Ventura: Não, veio depois. Isto veio de Petrópolis. Isto não estava aqui não... aquele medalhão do visconde, do barão do Rio Branco, isto foi o dr. Batista Pereira. Veio lá do d. Batista Pereira.

⁴⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵¹ Denominada: estante de padaria.

⁵² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

[Fim da gravação]

PARTE II

Sr. Ventura: ... a mesa⁵³ onde ele lia os jornais todos os dias de manhã.

Foi outro presente de aniversário que d. Dedélia, filha mais velha, lhe ofereceu. Essa pasta [inaudível] e aquela ali...

Entrevistador: [inaudível]

Sr. Ventura: O senhor já verificou, não é isso?

Entrevistador: Certo.

[Inaudível]

Sr. Ventura: Foi um presente de aniversário. Foi em 22. Foi em 22.

[Inaudível]

Sr. Ventura: Essa escada é mais como decoração. Aquela ali [inaudível]

Entrevistador: Essa aqui? Da cadeira?

Sr. Ventura: Da cadeira [inaudível]. “Ah! Joga essa escada fora!”. Ele disse: “Não joga fora não. Essa escada me serviu até hoje, se eu caí a culpa foi minha. A escada não tem culpa de nada. Deixa a escada aí!”. Então mandaram fazer aquela outra com os degraus...

[Inaudível]

Sr. Ventura: ... por isso que ele fez o quarto dos filhos dele aqui. [inaudível]. Ele saía por essa escada muitas vezes.

Entrevistador: Saía muitas vezes por essa escada!

Sr. Ventura: Saía muitas vezes [inaudível].

[Inaudível]

Entrevistador: E essa mesa aqui?

⁵³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Sr. Ventura: Essa mesa,⁵⁴ onde vocês estão, Rui Barbosa andou a fazer o parecer sobre a redação do Código Civil, a pôr os livros todos aí...

[Inaudível]

Sr. Ventura: D. Maria Augusta comprou para ele. Ela comprava com as economias que ela ia fazendo.

[Inaudível]

Sr. Ventura: Bom, os tapetes, numa ocasião... os tapetes, num leilão onde se comprava mais em conta.

[Inaudível]

Sr. Ventura: Portanto, pode-se ver por uma fotografia que tem da sala antiga...

[Inaudível]

Entrevistador: E esse leilão⁵⁵ aqui?

Sr. Ventura: Esse é cópia do jornal [inaudível]. O governo não se interessou pelo mobiliário [inaudível]. d. Maria Augusta esteve aqui no dia 24 de dezembro de 1924... [inaudível].

Sr. Ventura: Bom, a filha dela não estava aqui, não é? Eu vim em 26. Eu vim em 26. Ela [inaudível] na rua Hilário de Gouveia. Depois levou uns tempos, até que ela mandou fazer uma casa para ela mesma na rua Raimundo Correia, 77. Em frente desta casa era [inaudível].

Sr. Ventura: Aquele outro eles trouxeram de Buenos Aires em 1916 com o tapete

Entrevistador: Com esse tapete?⁵⁶

Sr. Ventura: Com esse tapete.

⁵⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁵ O anúncio do leilão foi publicado no *Jornal do Commercio*, no domingo do dia 21 de dezembro de 1924, com a lista completa dos objetos. O leilão ocorreu em 23 de dezembro de 1924.

⁵⁶ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

[Inaudível]

Entrevistador: Aqui na sala Pró-Aliados...

Sr. Ventura: Tem aquele mobiliário⁵⁷ no estilo d. José I, com estofos em grená, isso foi cedido pelo dr. Batista Pereira. E dizia ele que tinha pertencido a antiga Sé velha de São Paulo.

[Inaudível]

Entrevistador: D. Maria Augusta?

Sr. Ventura: Todos eles.

Entrevistador: Tapete solto.

Entrevistadora: Tapete solto.

Sr. Ventura: Isso foi depois que eu vim trabalhar aqui.

Entrevistador: Agora ali na sala Federação, não havia um tapete preso fixo por cima do tapete fixo? Um outro que não me recordo.

Sr. Ventura: O que eu estou dizendo

[Inaudível]

Sr. Ventura: Tem aquele [inaudível]

Entrevistador: Que está na escada dobrado?

[Inaudível]

Sr. Ventura: Já descobri. Aqui é o Egito. Lá é o farol de Alexandria. Ali parece que é a [inaudível]. Agora esse daqui eu não sei o que é. [Pausa e ruídos de passos]. Subindo ali do lado da [inaudível] da d. Dedélia.

Entrevistador: Essa louça branca aqui? [inaudível]

Sr. Ventura: Parece uma bananeira, não é?

Entrevistador: Parece folha de bananeira.

Entrevistadora: [inaudível]

Sr. Ventura: Ah! Isso foi do leilão. [pausa]. Essa cama de metal é o seguinte: d. Maria Augusta foi visitar um leilão que houve aí. Então lá ela viu esta cama e ficou encantada. Rui Barbosa quando viu que d. Maria Augusta

⁵⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

ficou encantada com um objeto tratava logo de comprar. Então ela chegou em casa e disse: “Ih, Rui! Eu vi uma cama de metal num leilão. Que beleza de cama! Eu gostaria de uma cama assim como aquela”. Aí ele mandou seu Carlito, seu cunhado, irmão de d. Maria Augusta. Mandou: “Vai lá naquele leilão, me traz aquela cama⁵⁸ que a Maria Augusta gostou muito”. Então trouxeram essa cama aqui. A de madeira está guardada. [inaudível] De madeira, de carvalho, não é?

Entrevistador: Sempre esse estrado aqui?

Sr. Ventura: Ah! O estrado sim. [pausa] Essa peça, jogo em prata e cristal Baccarat,⁵⁹ foi presente de casamento para d. Maria Augusta. Seu Antônio sempre falava.

[Inaudível]

Sr. Ventura: Esse broche.⁶⁰ Rui Barbosa ofereceu como presente de noivado a d. Maria Augusta. Dentro dele tem um retrato do Rui quando jovem.

Entrevistador: Um broche com...

Sr. Ventura: Filigrana com pérolas.

Entrevistador: ... umas pérolas.

Sr. Ventura: E acho que com uns diamantezinhos.

Entrevistadora: [Inaudível]

Sr. Ventura: [Inaudível]. Com vista não dá para alcançar nem com óculos daqui. Tão fininho. [Pausa e ruído de passos]. Esse banheiro foi mandado fazer pelo Rui Barbosa. Esse banheiro não tinha. Aqui era um quarto. O banheiro começava ali. Era muito distante. Era longe do corpo da casa, então ele mandou fazer este banheiro junto do quarto.

Entrevistador: [Inaudível]

Sr. Ventura: Moderno já era no tempo do Rui Barbosa. [Pausa e ruídos de passos]

Entrevistador: E a passadeira aqui no corredor? O senhor se recorda?

Sr. Ventura: A passadeira é o seguinte: era igual a esta. Naquele tempo havia, acho que ainda há hoje em dia, esse desenho era muito comum

⁵⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁶⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

em passadeira. E a lona também era conhecido, se tirou a lona [inaudível] fica melhor assim, não é? Passadeira era muito comum.

Entrevistador: Em época de chuva, será que isso era coberto?

Sr. Ventura: É com uma lona.

Entrevistador: Com uma lona.

Sr. Ventura: Com uma lona branca com listras vermelhas. Aquilo era classe.

Entrevistadora: [Inaudível]

Sr. Ventura: O museu teve. Alguns tempos teve.

Entrevistadora: [Inaudível]

Sr. Ventura: Teve a passadeira de lona. Era clássico. Uma lona de brim pardo com umas listras vermelhas, umas mais largas, umas mais estreitinhas. Agora uma coisa, um detalhe que esqueceu. Ali na sala Federação, aquela luz indireta, aquilo é do tempo do Rui Barbosa. Foi a Light em uma dessas viagens que ele fez, quando ele voltou encontrou essa inovação aí, a luz lá em cima. A Light mandou fazer. É outra coisa moderna, que agora estão dizendo que é moderna. [pausa] Acho essa escada muito bonita. Parece a entrada de um navio. [ruído de passos]

Entrevistador: E aqui esse porão gigantesco.

Sr. Ventura: O porão é o seguinte: para aquela ala maior é... o lugar juntava assim uma cadeira que quebrava, uma coisa assim, uma arrumação. E aqui, aqui havia uma divisão, uma paredezinha tinha uma porta – aliás uma de cada lado – então aqui era despensa. Foi a despensa muito tempo. Trancava aqui com a chave e era a despensa. O seu Antônio tinha a chave daqui.

Entrevistador: Aqui se guardavam, mas não era também adega?

Sr. Ventura: Naturalmente que a despensa implica em adega também.

Entrevistador: Não tinha nenhuma divisão especial para garrafa?

Sr. Ventura: Não. Tinha umas prateleiras. Tinha umas prateleiras aí. Tinha umas prateleiras de lado a lado aí.

Entrevistador: [Inaudível]

S. Ventura: Bom, esse rebaixamento também foi uma ideia minha. Eu falei com o dr. Lacombe que a casa estava ficando pequena para aqui. Então para se fazer uma portaria. Talvez a entrada lá pela porta da frente e rebaixar isso aqui. Ele fez um ofício. Foi lá para o ministério. Veio um engenheiro para ver se poderia, se com o rebaixamento, poderia mexer com os alicerces. Não é? O engenheiro veio olhou, mediu tudo e coisa. Esse processo nunca voltou para cá. Agora, na fundação, eles tiveram a bela ideia de fazer esse rebaixamento. Só por isso. [Inaudível]. Às

vezes autorizava para algumas coisas aí. Uma dificuldade. Isso aqui também eu dei ideia ao dr. Luís Camilo na época. A casa estava ficando pequena. A portaria estava aqui cheia de livros e a gente quase não podia mover-se aqui. Então disse a ele... aqui era três quartos. Um aqui na frente. Aqui no centro era um quarto de despejo. Era ladrilhado o chão. Tinha uma pia e assim, que depois mandei fazer um vaso para planta que está ali do lado do canto da casa. Aquilo ali era uma pia. A pia que estava aqui. É uma pia de ferro esmaltada. Aqui tinha um vaso sanitário. Tinha a caixa d'água, que hoje passou para lá. Aqui depois tinha uma parede e do lado de lá era o quarto dos jardineiros. Então foi rompida e ficou isto aqui.

Entrevistador: Sr. Ventura e esses lampadários aqui da passagem, da entrada?

Sr. Ventura: Bom, esses lampadários não são os lampadários que eram daqui da casa, porque foram em leilão e eu sei onde eles estão. Estão com a família Paula Machado. Dr. Lacombe sabendo disso por intermédio do seu Antônio, escreveu uma cartinha pedindo se eles podiam ceder aqueles lampadários para cá, porque tinham sido da casa da d. Guilhermina Guinle. Essa casa foi abaixo. Mas os lampadários eles aproveitaram. Ainda estão lá. Estão assim encostados no muro e o outro quase na frente da casa. Era uma mulher com um globo enorme assim. Então ele escreveu nova carta para ver se eles... disse ele que conseguiam daqui... eles disseram que agora não era possível. Estão colocados no lugar. Não é possível. Então ficaram esses aí, mas eles estão lá. A todo tempo, se aquela casa talvez vá abaixo, porque d. [Inaudível] morreu. Não sabe ainda se os filhos vão preservar, se não vão. Eu que sou bibliotecário lá, na hora que eu vir que aquilo vai demolir ou alguma coisa. Eu comunico aqui e faço dr. Lacombe fazer uma cartinha que eles não vão fazer questão de vender aqui não. Eles vão dar para a casa.

Entrevistador: Agora e os outros também que há no depósito? São em ferro com as [inaudível]. Estão ali no depósito. Não é Aldeli? São dois? Ferro forjado, não é?

Entrevistadora: Um só.

Entrevistador: Um só.

Entrevistadora: Ferro forjado. Parece uns castiçais.

Sr. Ventura: Uns de estilo gótico, não é?

Entrevistadora: É.

Sr. Ventura: Esse? Antes desse teve aquele. Teve aquele ali assim. Quando foram tirados aqueles e está guardado. De ferro, estilo gótico. [pausa] A gente podia ir por aqui. Lá não se gravou? Se gravou?

Entrevistadora: Qual?

Sr. Ventura: Lá em cima a gente gravou?

Entrevistador: O senhor falou aqui. O senhor falou sobre a biblioteca.

Entrevistadora: Aqui tinha uma parede?

Sr. Ventura: Aqui era assim: aqui era o quarto... o chateau miséria do Joãozinho, assim que ele chamava. Tinha aquela parede lá. Foi aqui e foi deslocada.

Entrevistadora: Era aonde? Era na altura dos carros?

Sr. Ventura: Era aqui na altura dessa porta. Aqui era a porta de entrada.

Entrevistador: Era na altura da porta de entrada aqui pro salão de leitura.

Sr. Ventura: É isso. Aqui na altura dessa porta.

Entrevistador: Lateral.

Entrevistadora: Ali era parede?

Sr. Ventura: Era parede de tijolo. Era.

Entrevistadora: Sei.

Sr. Ventura: Aqui era o quarto de engomados, nessa janela e naquela portinha. O quarto de engomados.

Entrevistador: Onde trabalha o dr. Orlando.

Sr. Ventura: Orlando. Depois tinha um tabique. Tinha mais um com... mais uma entrada de um quarto. Naquela janela era... onde fecha a janela era uma porta. Só tinha uma porta que era cerrada ao meio em cima.

Entrevistador: Qual?

Entrevistadora: Aqui.

Sr. Ventura: Aqui. Outro tabique.

Entrevistador: Ainda na biblioteca.

Sr. Ventura: Era um tabique do lado, quarto de engomado e isso aqui era outro tabique. Era um quarto que entrava por essa janela.

Entrevistadora: Era um quarto onde trabalha hoje o pessoal que está fazendo a catalogação da biblioteca.

Entrevistador: Catalogação da biblioteca.

Sr. Ventura: Não, aqui era um quarto só de uma porta. Uma porta que nem esta aqui onde foi feita a janela, mas era uma porta cerrada ao meio para entrar ar. Era a tal história que eu digo. Uma casa com uma janelona e uma porta só do lado não dá. Não tem corrente de ventilação. Então aqui... para cá, aqui eram os currais, os coches. Isso aqui bom, isso foi feito.

Entrevistadora: Tinha uma parede, não é?

Sr. Ventura: Junto à parede. A porta então era a salinha dos criados comerem, cuja refeição, a comida, saía pelo tal elevador lá pelo canto da cozinha. Não é? Aqui era os carros. Isso tudo aqui. Aí era uma porta e aqui uma janela.

Entrevistadora: Aqui ficavam os carros?

Sr. Ventura: Os carros propriamente. Eu não os encontrei aqui não, porque estavam lá no Museu Histórico os carros. Agora o automóvel é que nunca saiu daí.

Entrevistadora: Sei. E o que ficava lá na garagem?

Sr. Ventura: Na garagem ficavam os cavalos. No tempo das carruagens eram os cavalos. Era a cavalaria propriamente dita. Cocheira. A gente às vezes faz confusão de cocheira com cavalariaço. Não é?

Entrevistadora: É.

Sr. Ventura: Cocheira é o lugar onde guarda, onde estão os cavalos. Cocheira é de coche.

Entrevistadora: É de coche.

Sr. Ventura: É. [pausa]. Essa lichia vinha até embaixo. Aqui era tudo junquilha. Chamam cabelo de urso. Era grande, enorme.

Entrevistadora: [Inaudível]

Sr. Ventura: É isso aí. Toda ela. Não tinha canteiro nenhum.

Entrevistador: Isso aqui é uma oliveira?

Sr. Ventura: É uma oliveira. Isso é uma oliveira. Aqui já teve... a velha, o tronco era do tamanho do tronco da lichia, velha carcomida mesmo. Depois... lá na Europa, a gente vê aquelas carcomidas. Então em uma tempestade aí, a raiz já estava solta. Estava presa só, tinha uma rai-zinha. Ela caiu. Plantou-se outra no lugar. Mas essa aí nunca deu azeitona porque o clima... aqui no Rio, vamos dizer. Tem lugares aí lá para o Sul que eles conseguem. Paraná. Santa Catarina. Aqui era a lavanderia. A pia para descascar legumes para aí já preparado para a sujeira maior ficar por aqui. Não é? Aquela bomba⁶¹ quando faltava água na cozinha era alimentada por essa caixa de pedra. Agora essa caixa [inaudível].

Entrevistadora: Como entrava normalmente a água? Era pela bomba manual?

⁶¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Sr. Ventura: Não, ela tinha um cano lá. Tinha a entrada principal da água e aqui tinha um cano também. Ia para esta e ia também lá para a cozinha e para as outras caixas.

Entrevistadora: Então era caixa de reserva?

Sr. Ventura: Era de reserva e lavanderia também, viu. Ali era o quarto da lenha. Quarto da lenha ali. É.

Entrevistador: Quarto da lenha, onde é o atual depósito?

Sr. Ventura: É. Porque o fogão era alimentado tanto por lenha, como carvão coque. Então guardava-se aqui. Ainda tem uma caixa onde se guardava lenha lá no cantinho do fogão. Está lá [inaudível]. Aquele fundo estava carcomido, mas eu com um sobrinho meu, que veio lá da Europa, nós botamos uns fundos de caixotes que viram lá de Portugal.

Entrevistador: Sr. Ventura, aqui neste quarto era só lenha e carvão?

Sr. Ventura: Só lenha. Lenha e carvão.

Entrevistador: Não havia mais nada?

Sr. Ventura: Nada.

Entrevistador: E esse primeiro quartinho que é um depósito aqui?

Sr. Ventura: Isso é um depósito à toa. Aí sempre foi um vaso. Não tinha chuveiro. Foi posto agora, que aliás era preciso mesmo.

Entrevistador: Aqui onde...

Sr. Ventura: Aqui quarto dos... é aqui quarto do *chauffeur* aqui. *Chauffeur*. Os tanques. Os bebedouros dos cavalos. Aqui em cima tem... eu fiz uma cabeças de uns cavalos, que já era [inaudível]. Depois reencontrou [inaudível] que estava no Museu Histórico, que depois foram requisitadas, visto que aqui era um museu.

[Fim da gravação]

PARTE III

Sr. Ventura: Ou então os carros, como eu já falei, estavam no Museu Histórico, voltaram para aqui, visto que aqui era museu e não havia razão de ser. E a Vitória⁶² tinha sido vendida em Petrópolis. Seu Antônio

⁶² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

sabia com quem estava, não é? Então, foi lá em cima lá e procurou saber se já estava na praça. Tava na praça.

Entrevistador: Mas estava sendo...

Sr. Ventura: Estava na praça.

Entrevistadora: De aluguel!

Sr. Ventura: De aluguel. Então lá, entrou em entendimentos com, lá... com o dono, pois sim, e a casa comprou.

Entrevistador: E aqui onde é a sala da d. Morah?

Sr. Ventura: Quarto dos copeiros, aqui. Lá o *chauffeur* e aqui os copeiros. Galinheiro! Quase não tinha criação. Ele fala num negócio aí! Eles quase não tinham criação. Comprava-se umas galinhas assim, para quando chegasse em dia de festa e ter tudo aí a mão. Assim! Quase não tinha!

[ruídos]

Entrevistador: O senhor tem alguma informação sobre uma estufa⁶³ que existia aqui?

Sr. Ventura: Ah, sim! Eu quando vim, ela ainda... quer dizer, não tinha os ferros mais, nem nada, só estava o lugar dela ali. Aquilo ali era um cimentado, que quando eu morei aí, eu quis fazer botar um ferro ali assim para fazer uma corda para roupa, mas que não se visse daqui. Eu quis cavar lá dentro, mas não houve jeito, um concreto tão forte, tão bem-feito. Não consegui nem com talhadeira, nem de jeito nenhum. Chamei um homem, também não conseguiu. Então ficou assim mesmo. A estufa era aí neste canto.

Entrevistadora: Onde hoje é a casa do Silvano, do zelador?

Sr. Ventura: Acho que no início ela era retangular, assim compridinha.

Entrevistador: Ela era retangular? Não era redonda?

Sr. Ventura: Era retangular, não era redonda.

Entrevistadora: Era de ferro?

Sr. Ventura: De ferro. A armação era toda de ferro. Isso eu sei que era de ferro.

Entrevistador: E vidro, né?

Sr. Ventura: E tinha uns negócios assim... tinha uns negócios de tijolo para pôr as tábuas. Onde se punha naturalmente as plantas.

⁶³ Também há comentários sobre a estufa nos depoimentos de d. Baby, em 10 de abril de 1975, e de Américo Jacobina Lacombe, em 21 de abril de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB.

Entrevistador: Muito alta, seu Ventura?

Sr. Ventura: Não, não era muito alta não. Na altura daquela arvorezinha ali, assim. Daquela planta... vermelha.

Entrevistador: Talvez uns três metros, não?

Sr. Ventura: Talvez uns três metros, talvez. Três, três e meio, por aí assim.

Entrevistador: E de extensão?

Sr. Ventura: Era comprida, ia até lá... quase acompanhava essa extensão toda.

Entrevistador: Mas, quer dizer que ela não chegava propriamente ocupar o local da casa do seu Silvano?

Sr. Ventura: Um pouquinho talvez. Talvez um pouco.

Entrevistador: Talvez, aqui?

Sr. Ventura: Era pouco, porque se alcançou era pouca coisa. Era, era isso aqui assim.

Entrevistador: Era neste local de passagem?

Sr. Ventura: Era neste local de passagem.

Entrevistadora: Era estreita, então?

Entrevistador: E havia uma entrada? O senhor se lembra ou não?

Sr. Ventura: Ah, tinha uma entrada. Tinha uma entrada.

Entrevistador: Bom, por que quando o senhor veio para cá o senhor disse que só havia os restos?

Sr. Ventura: Só havia resto. Não tinha os ferros. Não tinha os vidros. Não tinha nada disso. A gente via...

Entrevistador: Ela foi desmontada?

Sr. Ventura: Foi desmontada.

Entrevistador: Mas foi... foi isso aí em vida da d. Maria Augusta? Em vida, não! Ainda com a d. Maria Augusta morando aqui?

Sr. Ventura: Não, acho que foi depois! Acho que foi depois! Quando vim já achei assim: desmontada. O seu Antônio falava que aqui era a estufa.

Entrevistador: E o quarto, então, do forno?

Sr. Ventura: O quarto do forno... [ruído de passos] O forno sempre foi aí. O forno... esse forno é do... o forno foi construído, naturalmente, quando foi feita a casa, naquela época em 1850, né? E aqui era o canil... uns cães enormes. Uns cães, sem mentira, sem exagero nenhum. Uns cães de pelo curto. Uns cães tão grandes que há aí assim. Eu ainda conheci um.

Entrevistador: Que raça?

Sr. Ventura: A raça⁶⁴ eu não sei. Eu conheci um numa casa que chamava Casa de Pastos,⁶⁵ um restaurante. Ali embaixo tinha um. Cachorro manso, mas os esses daqui não eram mansos, não! Um chamava-se Hermes. Foi Joãozinho botou o nome. [risos]

Entrevistadora: É mesmo?

Entrevistador: Chamava-se?

Sr. Ventura: Hermes.

Entrevistador: Hermes.

Sr. Ventura: Joãozinho que pôs o nome. [risos] Coisa de moço, né?

[ruídos de passos]

Entrevistador: E esse banco aqui do fundo também veio... como o senhor disse, era também do portão?

Sr. Ventura: Era também do portão. São duas. As duas pilastras de portão como elas estavam meias cortadas, meia quebradas, eles acharam de mandar fazer duas pilastras novas. Washington Luís mandou fazer as pilastras novas, iguais às outras, conforme eram e aproveitaram essas pilastras quando houve aqui a restauração do jardim. O chefe, um arquiteto italiano chamado seu Miglietta,⁶⁶ então, aproveitou para colocar um banco aqui e outro lá.

[ruídos]

Entrevistador: O senhor chegou a comer uva aqui dessas...

Sr. Ventura: Se cheguei a comer uva?⁶⁷ Nós fizemos vinho aqui!

Entrevistador: Fizeram vinho?

⁶⁴ Segundo depoimento da d. Baby, em 10 de abril de 1975, para o projeto Memória de Rui, na FCRB, eram mastins.

⁶⁵ Segundo o Priberam Dicionário, casa de pasto é um estabelecimento modesto onde se servem comidas. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/casa%20de%20pasto>>. Consultado em: 16 de junho de 2020.

⁶⁶ O engenheiro Vittorio Miglietta foi designado para reconstruir o jardim da Casa de Rui Barbosa, que estava parcialmente destruído pelo projeto de uma rua que passaria no local, mas que foi abandonado. Os trabalhos foram registrados num relatório, disponível em texto completo em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/relatorios/FCRB_Reforma_Casa_RuiBarbosa_1930.pdf>.

⁶⁷ Pode-se ver a pérgula com parreiral na fotografia intitulada “Alameda do Jardim”, referência 1.9(29).jpg, que está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Sr. Ventura: Eu, com meu cunhado. É, porque ele podava. Ele entendia disso. Podava elas, agora estão maltratadas. A videira tem que se podar, se não podar ela vai se desgastando. Vai ficando velha mais depressa.

Entrevistador: E vinho amassado com o pé?

Sr. Ventura: Ah, com o pé! Por mim mesmo!

Entrevistador: É?

Sr. Ventura: É. Fomos buscar um quinto ali no armazém. Lavamos ele bem lavado. Naturalmente, eu tomei banho, [risos] com um calção, entrei lá para dentro e pisamos vinho e ficou um vinho delicioso.

Entrevistador: E o tonel onde é que o senhor... a barrica?

Sr. Ventura: Fomos ali no armazém. Um quinto, um quinto... daqueles que vem com cachaça, com vinho do Rio Grande do Sul. Apanhei um resf...

Entrevistador: Depois puseram em uma garrafa? Engarrafaram?

Sr. Ventura: Engarrafamos. É!

Entrevistador: O senhor não conserva nenhuma?

Sr. Ventura: [risos] Ah! Aquilo foi tudo. Foi tudo. Vamos ver o pé de pau-brasil? Aqui tem umas árvores.

Entrevistador: Há dois. Há dois pau-brasil?

Sr. Ventura: Há dois. É esse aí! Esse outro aí está melhor. Curioso que é o seguinte: o que plantaram está melhorzinho, o outro que estava mais raquítico, que eu disse assim: “Esse está aqui está muito raquítico”. Pois, o outro subiu ficou bonito e o outro ficou sempre assim esmirrado. Na ocasião, veio aqui um visitante que disse que a cerca, onde está cercado ali assim, então tinha ali uns pés de tinhorão. O visitante disse: “Vocês devem tirar esses tinhorões daqui porque a batata do tinhorão come muito. Come muito da terra. Suga muito a terra”. Então tirou-se o menor. Ficou sem... nunca ficou muito bom não.

Entrevistador: O que que era plantado em volta? O senhor lembra?

Sr. Ventura: Em volta tinha...

Entrevistador: Que tipo de planta? Era assim mesmo?

Sr. Ventura: Não, isso era... deixa eu te contar! Isso aqui era assim mesmo de jardim, mais ou menos. Sempre tinha umas gradezinhas que andam aí. Devem estar aí. Umas gradezinhas de jardim. Aquelas assim. Umas gradezinhas...

Entrevistadora: Aquelas em arquinhos?

Sr. Ventura: É, em arquinhos. Elas estão por aí. Com aqueles espigões.

Entrevistador: Mas isso na reforma do jardim?

Sr. Ventura: É, na reforma.

Entrevistador: Foi colocado.

Sr. Ventura: Isso foi plantado, então, pelo Washington Luís, e a pá ainda existe aí, no dia da inauguração do museu.

(Ruídos de passos e carros)

Sr. Ventura: Ah! Estes pés de abius são do tempo de Rui Barbosa. Este, aquele, aquele lá, este que secou.

Entrevistadora: É abiu?

Sr. Ventura: É abiu.

Entrevistadora: É.

Entrevistador: Talvez tivesse que raspar um pouco, limpar o pé...

Sr. Ventura: Exatamente

Entrevistador: ... porque isso prejudica e não dá o fruto.

Sr. Ventura: Prejudica sim. Mata a árvore até. Dizem que é beleza, né? Mas eu acho que beleza numa árvore que não seja de fruto. Ai está certo! Ali... aqui são sapotis... essas são sapotis, que eu ainda achei. Aquele lá também. Tudo do tempo deles! E essa aí é uma sapota. É um sapoti maior. Sabe assim, não é... o sapoti é compridinho e essa é meio arredondada feito um pão, como se fosse um pão.

Entrevistador: E aquele fruto grande que dá ali. Chamam como? Melão de macaco?

Sr. Ventura: Abricó de macaco! Eu já comi daquilo. Aquilo é bom. Lá na Gávea tinha, na casa dr. Batista Pereira. Um dia o seu Antônio foi lá e trouxe um. Cortou aí. A gente comeu. É bom. Aquilo é assim feito uma espécie... não é com gosto de maçã, não! Mas come-se assim as fatias. Tira seus pedaços.

Entrevistador: Tem uma polpa?

Sr. Ventura: Uma popazinha, amarelada... branco amarelada. É?

Entrevistador: A flor é que é muito bonita.

Sr. Ventura: É, a flor é lindíssima, né? Agora tiraram lá. Não sei se tiraram os pés...

Entrevistador: Quer dizer, quando isso foi abert... eles planejavam fazer, então, a passagem...

Sr. Ventura: Era aqui. Esse que Washington Luís...

Entrevistador: Não foi danificado algumas árvores?

Sr. Ventura: Ah! Sem dúvida foi. Bom, aí já plantaram... aquela está plantada aí desde seu Antônio. Plantar uma árvore, a mesma árvore que tinha ali. Que é um olho de boi que se chama? Não é?

Entrevistador: Qual?

Sr. Ventura: Essa primeira ali, assim.

Entrevistador: Dentro do... do...

Sr. Ventura: Dentro daquele canteiro. É para fazer sombra ali nos gabinetes do dr... do... do Rui Barbosa, né? Que a árvore, ela foi esganhada pelo... esta é nova, né? Foi esganhada pelo jardineiro. Mas a outra não era tão esganhada, assim como essa, mais baixa, então fazia aquela copa enorme e fazia sombra no verão, que isso aqui é muito castigado pelo verão. Aqui, então fazia sombra ali, na biblioteca e na sala Civilista, no Código Civil.

Entrevistador: E essa? Isso é uma palmeira?

Sr. Ventura: É uma palmeira. Isso foi na reforma.

Entrevistador: Isso na ilha...

Sr. Ventura: Foi na reforma.

Entrevistador: Aqui do quiosque.⁶⁸

Sr. Ventura: Foi na reforma.

Entrevistadora: Agora alguns vasos em mármore?⁶⁹

Sr. Ventura: Aqueles vasos em mármore eram ali mesmo. Vieram lá da casa da d. Maria Augusta. Estiveram no porão muito tempo. Fui eu, com o jardineiro, que colocamos eles ali. Eram o lugar deles. Seu Antônio falou que era sempre ali.

Entrevistador: Isso quer dizer que d. Maria Augusta, ela...

Sr. Ventura: Tinha lá na casa...

Entrevistador: Tinha lá na casa. Depois que vieram para cá.

Sr. Ventura: É, vieram para cá. [pausa]. Esse era... esse secou. Esse era um sila sapo. Era chamado... dava um abiu muito pequenino, mas muito mais gostoso que os outros lugares, chamada de árvore maravilhosa. As crianças colocaram o nome.

Entrevistadora: [inaudível]

Entrevistador: E essa aqui tem uns frutos pelo que estou vendo ali.

Sr. Ventura: Esta é um sapoti.

Entrevistador: Esta é o sapoti?

Sr. Ventura: É o sapoti. É.

Entrevistadora: É sapoti também, é?

⁶⁸ A fotografia intitulada Quiosque, referência fcrb1.9-23(02).jpg, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

⁶⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Sr. Ventura: É sapoti. Esta foi plantada depois, mas esta não. Você vê: eles tiraram isso aqui. Cortaram um braço da casa. Aqui no chuveiro, o muro passava encostado. Tiraram essa janela aqui. Tiraram aquela janela. Uma coisa horrível!

Entrevistador: Mas chegou a danificar alguma parte?

Sr. Ventura: Chegaram. Ah, chegaram!

Entrevistadora: Ah é?

Sr. Ventura: É o que eu falei. Lá... a casa era muro, então eles ligaram aqui e fizeram para aqui uma ponta de chegada. Aqui assim. É. Aquele lago também foi danificado, né? Foi refeito depois. Ia sair lá na Assunção. Ela ia assim para sair lá na Assunção. Aí era uma rua já, só não tinha casas não. Ai do lado tinha uma casa igual a esta, era o colégio Nossa Senhora de Lourdes. Tinha uns arcos também como aquela.

Entrevistador: Mas essa rua nunca chegou a ser pavimentada?

Sr. Ventura: Não!

Entrevistador: Sempre ficou assim?

Sr. Ventura: Washington Luís logo quando veio a primeira coisa dele... a primeira medida dele, quando ele veio aqui, foi mandar fechar aqui, a entrada lá... lá na rua da Assunção. Fecharam, começaram as obras, taparam e fizeram as pilastras, como já falei.

Entrevistador: Quer dizer que chegou a varar de um lado a outro?

Sr. Ventura: Chegou a varar. Passava gente. Passava gente. E aquele portão foi colocado ali, mais ou menos, para ali assim.

Entrevistadora: Lá na frente?

Sr. Ventura: É. Aquele portão foi colocado aqui, assim.

Entrevistadora: Aqui perto do quiosque?

Sr. Ventura: É, perto do quiosque, naquela areazinha que tem ali.

[pausa]

Entrevistador: Esse pátio aqui... posterior não era muito utilizado, não né?

Sr. Ventura: É, quase não! Quase que não era mesmo. Aqui, então, Rui Barbosa às vezes saía aqui por essa escadinha da biblioteca e o cavalo, então, vinha buscá-lo aqui já virado para dar a volta lá. Vinha de lá, não é? O cocheiro prepara ele aqui e saía aqui assim para não incomodar quem estivesse lá.

Entrevistador: E esse calçamento de paralelepípedo, sempre...

Sr. Ventura: Sempre foi. Eu quando vim... isso é coisa velha, coisa antiga mesmo.

Entrevistador: Agora ali no adro... ali embaixo, quando você entra para a portaria. Ali também não seria paralelepípedo?

Sr. Ventura: Não.

Entrevistador: Atualmente...

Sr. Ventura: Eu já achei aqueles ladrilhos.

Entrevistador: É?

Sr. Ventura: É. Já achei aquilo. E ali, é o seguinte, essa casa tinha um outro arco na lá da frente. Quando foi descascada nas obras... nas obras de Washington Luís, na restauração, nas obras gigantes, como a gente chamava, descascaram e apareceu. Apareceu todo o arco em tijolo.

Entrevistadora: Onde?

Sr. Ventura: Na frente, antes da grade da entrada principal... na frente. Tem um arco, não é? Tem outro lá na sala... na sala... na biblioteca e para cá tinha outro. Aí houve uma modificação.

Entrevistadora: Não entendi!

Sr. Ventura: Vamos lá!

Entrevistador: Na entrada da sala, em frente à sala de leitura...

Sr. Ventura: É aqui do lado. Entrada da casa.

Entrevistador: Quer dizer que seria uma sucessão de três arcos?

Sr. Ventura: Três arcos.

Entrevistadora: Aqui nós temos este e aquele. [ruído de passos]

Sr. Ventura: Tinha outro aí. Tinha outro aí.

Entrevistadora: Tinha outro?

[ruídos de passos]

Sr. Ventura: Aí, tinha outro arco!

Entrevistadora: Ah!! Aqui.

Sr. Ventura: É, tinha um arco aqui, como este. Tiveram algumas obras aí, se quiserem examinar podem ver. Depois foi fechado, não é?

Entrevistadora: Ah é?

Sr. Ventura: Eu não sei se é porque aí...

Entrevistador: Pode ter alguma planta, alguma coisa que se possa ver, não é? Das obras?

Sr. Ventura: Acho que ele foi fechado pelo seguinte: acho a água castigava muito.

Entrevistadora: Aí, esse arco daria para o corredor?

Sr. Ventura: Porque aí o azulejo... o ladrilho é aquele mesmo. A gente vê que é primitivo. Então, aquele arco foi fechado não sei por que, não é?

[pausa]
[Inaudível]

Entrevistador: É, isso também! Esse arco deveria ser em cantaria, né?

Sr. Ventura: Tudo pedra, as lajotas aí, passeio, coisa da época. Não sei por que isso não é de pedra.

Entrevistadora: O senhor tem razão! Toda a fachada é de pedra. Só a arcada que não.

Sr. Ventura: Aquele era mais bem-feita. Isso aqui foi uma história.
[Inaudível]

Entrevistador: Sr. Ventura há mais alguma coisa que o senhor queira dizer?

Sr. Ventura: Posso ter esquecido de alguma coisa. Já falei nos canteiros. Aqueles... craveiros! Quando eu vim estava cheio de cravos.

Entrevistador: Toda a extensão aqui da frente?

Sr. Ventura: Florido. Toda a extensão. Esses canteirinhos eram todo cravos...

Entrevistador: Lateral.

Sr. Ventura: ... até lá embaixo e aqui eram roseiras.

[pausa]

Sr. Ventura: ... ficavam os cravos aí.

Entrevistador: E esse muro aqui ao lado da sala de leitura, o senhor lembra se ele era coberto por hera?

Sr. Ventura: Era coberto com hera, sim.

Entrevistador: É!

Sr. Ventura: É.

Entrevistador: Está um pouco... não está vingando muito não. Nós temos que...

Sr. Ventura: Deve ser por causa da [inaudível].

Entrevistador: Fazer um chapisco ou uma coisa assim no muro para que possa pegar a hera.

Sr. Ventura: Isso é, tem que fazer um chapisco aqui começa a pegar. Era hera!

Entrevistador: Bom, sr. Ventura! Então, muito obrigado pela...

Sr. Ventura: As ordens! Para o que precisarem eu estou aqui. Como eu já disse, essa casa aqui, quando entro aqui, parece que estou na minha casa. [risos] Até logo!

[Fim da gravação]

**Américo Jacobina Lacombe
(depoimento, 1976)**

LACOMBE, Américo Jacobina. *Américo Jacobina Lacombe
(depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Américo Jacobina Lacombe

Local da entrevista¹: -

Data da entrevista: 21 de abril de 1976

Duração²: 47min 18s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores³: Marcos Paulo Alvim e Regina Timbó

Descritores/Assunto: Relacionamento de Rui com crianças, Tobias Monteiro, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, Campos Salles, casa do Flamengo, Maria Augusta, dívidas, Antônio Azeredo, Antônio Joaquim da Costa, Exílio, Confeitaria Paschoal, Floriano Peixoto, jornal *La Nación*, Dreyfus, Magalhães Jr., comendador Marinhos, Revolta da Armada, Francisco de Castro, anedotas sobre Rui, fama de mau pagador, festas, saraus, Juca Rocha, Pinheiro Machado, atentado, James Darcy, Rei Alberto, queda, perna engessada, candidaturas, J. J. Seabra, tia Elisa, cozinha, monta-carga, bomba d'água, estufa, casa do zelador, LAMIC

Biografia⁴

(n. Rio de Janeiro, 1909-f. Rio de Janeiro, 1993)

Historiador e professor brasileiro.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (antiga Universidade do Brasil), onde fez o curso de doutorado.

Professor titular de História do Brasil da Universidade Santa Úrsula (USU) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), da qual é professor emérito.

¹ Ao ouvir o depoimento, as pistas apontam que provavelmente tenha ocorrido na Casa de Rui Barbosa.

² A entrevista está dividida em três partes, sendo a primeira com 20min 17s; a segunda, o áudio não foi localizado; e a terceira com 27min 1s. Este documento é composto das três partes, sendo que não houve a conferência da segunda parte, mas apenas a reprodução da transcrição realizada na década de 1970. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³ Não estão documentados quais foram os entrevistadores, porém pode-se identificar uma voz feminina e uma voz masculina elaborando as perguntas. A voz feminina é chamada de Regina no final do depoimento, que pode ser a voz de Regina Timbó. A base de dados do acervo indica o nome de Marcos Paulo Alvim como a voz masculina na entrevista.

⁴ Consultado e adaptado do perfil biográfico elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ajlacombe.html>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Diretor da Casa de Rui Barbosa e, depois, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa (1939-1993).

Algumas obras: *Paulo Barbosa, biografia* (1950); *História do Brasil* (1979); *Sobre Rui Barbosa: Mocidade e exílio*; *O pensamento vivo de Rui Barbosa* (1949); *Formação literária de Rui Barbosa* (1954); *Ensaio literários de Rui Barbosa* (1949); *Rio Branco e Rui Barbosa* (1948); entre outras.

PARTE I – LADO A

Entrevistador: 21 de abril de 1976.

Dr. Lacombe: Bom, minhas idas à casa de Rui Barbosa quando eu era muito criança. Rui Barbosa morreu em 23. Primeiro de março de 23 e eu tinha, portanto, 14 anos, mas eu fui lá entre nove e dez anos mais ou menos. E o Rui também ia à casa de minha avó,⁵ que era prima dele. Tratava com muita intimidade. De maneira que as minhas recordações são muito superficiais.

Entrevistadora: Recordação de infância.

Dr. Lacombe: Eu me lembro que ele gostava muito de criança. Lia para mim *Tico-tico*.⁶ Depois eu pedia para ele ler de novo estas coisas de criança. Agora, visitei a casa. Me lembro muito bem que fiquei impressionado com os livros mostrados pela d. Maria Augusta. Aquela estante⁷ que tem livros embaixo da mesa. Fiquei impressionado com aquilo que ela mostrou, os livros mais bonitos. Depois fui... ele estava doente. Estava num quarto dormindo de pijama. Assisti a uma cerimônia de

⁵ Seus avós eram Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina e Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina.

⁶ Semanário infantil carioca, fundado por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, em 11 de outubro de 1905. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-matico/tico-tico-o>>. Acesso em: 16 mar. 2020. A FCRB tem em seu acervo exemplares do *Almanaque Tico-tico*, informações disponíveis em <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>.

⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

entrega daquela... daquele álbum⁸ dos intelectuais baianos, dentro de um estojo que foi feito com a porta da casa da Bahia que não é a casa de ele nasceu, mas a casa em que ele morou... e de maneira que a minha relação pessoal com Rui Barbosa é muito pequena. Eu, por exemplo, tenho o grande desgosto de nunca me terem levado para assistir um discurso de Rui Barbosa. De maneira que eu ouvi o Rui Barbosa falar em conversa, mas nunca ouvi uma oração pronunciada. Meus irmãos foram várias vezes ao Senado. Me lembro que meu irmão contou que assistiu uma chegada de Rui Barbosa, de uma das viagens dele, em que ele falou, ali na esquina de São Clemente com Bambina, em pé na boleia do carro. Eu não assisti nada disso. Agora, tenho recordações contadas por minha avó e outras recordações muito importantes contadas por Tobias Monteiro.⁹ Tobias Monteiro foi... era um jornalista jovem que trabalhou no gabinete de Rui Barbosa como oficial de gabinete, quando ele era ministro da Justiça. Ministro da Fazenda. Depois passou a ser redator do *Jornal do Brasil*,¹⁰ juntamente com Rui Barbosa. Foi ele que organizou realmente o *Jornal do Brasil*. Depois, mais tarde, foi convidado pelo José Carlos Rodrigues¹¹ para diretor do *Jornal do Commercio*.¹² Foi redator do *Jornal do Commercio*, depois passou a ser um dos diretores e depois se afastou de Rui Barbosa, depois de ter sido preso por causa de ser amigo do Rui por muitos anos, há muito tempo na Casa de Detenção.¹³ Passou a ser ah... separou-se de Rui quando ele acompanhou Castro... ah, Campos Salles.¹⁴ Tobias foi designado como secret... como

⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁹ Para maiores informações, vide verbete “Tobias Monteiro” disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MONTEIRO,%20Tobias.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Jornal do Brasil”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “José Carlos Rodrigues”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RODRIGUES,%20Jos%C3%A9%20Carlos.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹² Para maiores informações, vide verbete “Jornal do Commercio”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹³ Para maiores informações, vide verbete “Casa de Detenção do Distrito Federal (1889-1930)”, disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=545>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁴ Para maiores informações, vide verbete “Campos Sales”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SALES,%20Campos.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

redator do *Jornal do Commercio* para a comitiva de Campos Salles na Europa. Aproximou-se muito de Campos Salles e, depois, não foi nada no governo de Campos Salles, ao contrário do que se diz, não foi secretário absolutamente. Secretariou durante a viagem, mas no governo não teve cargo nenhum, mas era muito amigo de Murtinho¹⁵ e solidarizou-se, naturalmente, com Campos Salles e com isso se afastou de Rui Barbosa. Como se sabe, Campos Salles seguiu a política de Murtinho, deflacionária e contrária a todo aquele espírito de industrialização de Rui Barbosa. De maneira que Rui Barbosa¹⁶ teve uma série de artigos no *Jornal do...* na imprensa, contra a política financeira de Campos Salles e Tobias ficou numa situação meio estranha e foi se afastando. Mas era um homem nobre. Muito mais tarde ele se aproximou – quando Rui morreu – ele se aproximou da d. Maria Augusta e foi até um dos grandes amigos que a ajudou em várias dificuldades. Ele me contou uma cena que eu achei muito emocionante. Em 1922, no 5 de julho de 1922, o Epitácio¹⁷ pediu o estado de sítio, para vencer a revolução de Copacabana.¹⁸ Por coincidência, Tobias era então senador pelo Rio Grande do Norte; e Rui Barbosa, senador pela Bahia. Como Rui Barbosa ia pouco ao Senado nesse ano – estava bastante doente – diz o Tobias que nunca tinha tido ainda a oportunidade de sentar-se ao lado do seu antigo chefe. Em 5 de julho de 22, ele compareceu ao Senado e o número de senadores que compareceu foi exatamente o suficiente para votar o estado de sítio. Contou-me Irineu Machado¹⁹ – que ele estava no Senado – contou o número de senadores e viu que não havia número, ia sair para não haver sessão e quando ele ia descendo as escadas do Senado viu o Rui Barbosa,

¹⁵ Para maiores informações, vide verbete “Joaquim Murtinho”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MURTINHO,%20Joaquim.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁶ Rui Barbosa atuou como jornalista, trabalhando em diferentes periódicos, inclusive no *Jornal do Commercio* e no *Jornal do Brasil*. Outras informações disponíveis em: <<http://www.projeto memoria.art.br/RuiBarbosa/variedades/jornalismo.htm>>

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Epitácio Pessoa”, disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁸ Para maiores informações, vide verbete “18 do Forte”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/18Forte>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “Irineu Machado”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Irineu%20de%20Melo.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

que entrava e subia. Ele disse: “Bom, então não adianta eu sair porque o Rui vai dar número”.

Entrevistadora: Vai dar número.

Entrevistador: Vai dar quórum.

Dr. Lacombe: É! E o Rui deu número e votou a favor do estado de sítio, num pequeno discurso que o Delgado²⁰ publica no livro dele. Rui disse assim: “Voto pelo estado de sítio, porque a ordem republicana está em perigo, mas voto com todas as restrições com que tenho votado o estado de sítio pela não suspensão do ‘habeas corpus’”. E aquela série de princípios que ele defendeu. Então, diz o Tobias, quando ele viu o Rui se levantar, com sobretudo, pálido, parecia a sombra daquele chefe que ele tinha sido e ele se lembrou daqueles discursos de Rui Barbosa em 93, contra o Floriano, brilhante e expansivo. E viu o Rui Barbosa falando com voz baixa e num tom de quem já está no outro mundo. Diz ele que não pôde se conter e chorou. Chorou feito criança. Diz ele: “Eu comecei a ver as lágrimas correndo vendo o meu antigo chefe naquele... vi a decadência física do Rui”. Mas, Tobias me contou coisas muito importantes do tempo em que ele trabalhava com Rui. Por exemplo, o papel de d. Maria Augusta. Então ele diz assim: “O Rui, vocês não podem calcular o que era o temperamento, o gênio do Rui quando ele disparava. Era uma verdadeira fera, um tigre. Quando ele ficava zangado era uma coisa horrorosa”. Então ele diz: “Vocês não fazem ideia o que era a fera sem a domadora”.

Entrevistadora: D. Maria Augusta!

Dr. Lacombe: O que o Brasil deve a d. Maria Augusta é uma coisa... o governo provisório teria se desmantelado várias vezes. Então diz ele: “Várias vezes eu chegava ao Flamengo e o Rui estava trancado no quarto”. Ele morava nesse tempo na praia do Flamengo, não tinha se mudado ainda para a São Clemente. E d. Maria Augusta dizia: “Imagine que o Rui chegou zangado. Brigou com Deodoro. Brigou com Campos Salles. Não quer receber ninguém, trancou-se no quarto e está na cama”. Daí a pouco chegava Campos Salles, Quintino Bocaiúva,²¹ o Glicério,²² que

²⁰ Refere-se a Luiz Delgado que escreveu *Rui Barbosa: tentativa de compreensão e de síntese* (1945).

²¹ Para maiores informações, vide verbete “Quintino Bocaiuva”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

²² Para maiores informações, vide verbete “Francisco Glicério”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GLIC%C3%89RIO,%20>

era muito jeitoso, muito amigo dele. Ficavam na sala, batiam na porta e o Rui não respondia. Daí a pouco chegava d. Maria Augusta: “Bom, então vou resolver o caso”. Batia na porta e começava: “Meu bem, meu bem”. Quando ele dizia lá: “O que é?” Estava perdido, já estava vencido. Daí a pouco ele abria a porta, ela entrava, saía o Rui vestidinho, já de gravata e tudo, ia para a sala e a crise se resolvia. Assim foi, muita coisa que aconteceu se deve à intervenção, à pacificação de d. Maria Augusta.

Entrevistador: Era uma pessoa de muita ascendência sobre ele?

Dr. Lacombe: Tremenda! Tremenda. Quando ela... ele não faria nada que contrariasse frontalmente a vontade dela.

Entrevistador: Mas era uma pessoa assim afável, de bom trato, ela?

Dr. Lacombe: Ela? Tremendamente agradável, esplêndida. E era o que ela tinha, porque ela não tinha quase cultura nenhuma. Teve uma cultura pouco acima da primária. Falava... estive dois anos na Inglaterra, falava inglês: “*good morning, good night e good afternoon*”, uma coisa muito rápida e recebia todo mundo sorrindo e agradavelmente. Recebia o ministro da Inglaterra na casa de São Clemente. Era uma pessoa jeitosa, sem ter grande elevação intelectual. O que ela foi muito fraca foi com os filhos. Ela ocultava as coisas que os filhos faziam para o marido não se aborrecer e com isso prejudicou muito a... e Deus sabe porque... foi um pai severo. E isso foi, chegou a empenhar joias para pagar dívidas de filho, coisas assim. Isso contou-me o Antônio, aquele português que trabalhou na casa, que às vezes ele ia ao teatro com ela e dizia assim: “Maria Augusta, leva aquele colar que você ganhou e tal”. Esse colar estava empenhado. De modo que ela, então, arranjava depressa dinheiro para ele ir buscar depressa... para ele não saber. Isso tudo era um lado, o lado fraco dela. Isso não é possível a gente narrar isso. Vocês não espalhem esta gravação. Agora, ele tinha por ela um respeito extraordinário e tanto que dava a ela a presidência da mesa. Nunca se sentou à cabeceira. Era ela que sentava à cabeceira e ele sentava ao lado e não na outra cabeceira. E teve por ela uma atenção de bom senso. O Tobias diz que muitas vezes ele via que o Rui estava sendo levado pelo Governo por pessoas de má fé, que estava sendo engambelado e ele apelava para d. Maria Augusta. E era ela que chamava a atenção do marido e muitas vezes o conteve.

Entrevistadora: E, normalmente, ele sempre atendia a esses apelos de d. Maria Augusta?

Dr. Lacombe: Atendia com muito mais força do que qualquer outro. Ela era a grande força e por isso é que o Tobias dizia que tinha por ela respeito extraordinário. Dizia: “O Brasil não sabe o que deve”. E uma coisa que nós devemos também muito a ela é a manutenção da casa. Isso pouca gente sabe, porque quando o Rui morreu, o Azeredo²³ propôs no Senado a compra da casa e isso ficou bonito porque o Azeredo tinha morrido adversário do Rui. E... mandaram avaliar e deram aquele preço que conta lá na escritura. Depois disso, ela recebeu uma proposta de compra pela embaixada inglesa, sir Arthur [inaudível] queria comprar a casa. E a biblioteca teve uma oferta do Jóquei Clube de Buenos Aires, trazida pelo João, que tinha sido secretário da embaixada do Brasil em Buenos Aires e que trouxe os argentinos que vinham com a carteira de cheques para comprar a biblioteca. A venda da casa à embaixada inglesa e a biblioteca ao Jóquei Clube de Buenos Aires daria pelo menos o dobro do que o governo pagou pelas duas coisas. E o João estava fazendo força para o negócio ser feito. Foi d. Maria Augusta quem impediu: “Não senhor! Isso vai ficar para o Brasil. Comprometi-me com o Azeredo. Vai ser vendido ao Brasil e vai ser vendido ao Brasil e não assino escritura que não seja com o governo”. E foi ela que forçou, com prejuízo monetário evidente. A casa e a biblioteca foram compradas por mil novecentos e tantos contos.²⁴ Não chegou a dois mil. De modo que é preciso fazer justiça a d. Maria Augusta, primeiro como mulher de Rui Barbosa, mulher extraordinária, domadora, como dizia o Tobias. Segundo, como defensora do Brasil na aquisição da casa. Patrimônio que hoje ficou conosco. Bom, agora outra coisa que vocês me perguntaram outro dia: pessoas que poderiam narrar discursos de Rui Barbosa que foram...

Entrevistador: Não. Que tivessem presenciado.

²³ Para maiores informações, vide verbete “Antônio Azeredo”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AZEREDO,%20Ant%C3%B4nio.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

²⁴ Segundo conta na publicação *Rui na Vila Maria Augusta*, em 1924, d. Maria Augusta vendeu a casa, mobiliário, biblioteca, manuscritos, arquivo e a propriedade intelectual das obras de Rui à Fazenda Federal dos Estados Unidos do Brasil, pelo valor de dois mil, novecentos e sessenta e cinco contos de réis (2.965:000\$000 rs). Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_RejaneMagalhaes_RuiBarbosa_na_VilaMariaAugusta.pdf>.

Dr. Lacombe: Presenciado. Eu tenho impressão que nós devemos começar pelo Edgar Batista Pereira,²⁵ irmão do genro do Rui, que mora em São Paulo e que conviveu muito com o irmão e conviveu muito na casa. Morou lá. E que sabe muita coisa da intimidade da família por intermédio desse parentesco. Se pudessem mandar uma pessoa a São Paulo, ouvi-lo seria... ele fez uma conferência²⁶ sobre a casa de São Clemente, que existe lá. Mas haverá muita coisa que ele não terá posto na conferência. Agora, pessoas que ouviram o discurso de Rui na Bahia. Que eu sei três pessoas: Pedro Calmon²⁷ assistiu ao discurso dele em 19, aquele discurso em que ele fala sobre a política baiana, a corrupção no governo; outro que assistiu, fugindo de casa e desobedecendo ao pai, foi o Mariano, que me contou também a impressão. Teve uma impressão extraordinária, porque diz ele que ficou de pé, a ponto de não poder mais andar direito porque dormente e não sentiu, porque ficou todo o tempo prestando atenção. Outro que assistiu também foi o Péricles Madureira de Pinho,²⁸ que trabalha aqui na José Olympio e que vocês podem gravar com facilidade porque o escritório dele é ali, a dez minutos a pé da casa Rui Barbosa. Basta combinar pelo telefone com ele.

Entrevistadora: Agora, o Tobias Monteiro, ainda reminiscências assim, coisas que o Tobias Monteiro tenha comentado com o senhor? O senhor não lembra de mais nada?

Dr. Lacombe: A propósito de Tobias Monteiro há alguma coisa que o Tobias me contava a respeito da prisão dele, mas eu acho que ele já contou tudo isso no prefácio que ele escreveu para as cartas de Campos Salles. “Campos Salles na Europa”.²⁹ Na segunda edição, ele fez um prefácio e conta como é que ele foi preso. É muito engraçada essa coisa, porque está nas cartas a m-eu avô que estão naquela gaveta. Ele quando viu que o Rui vinha de Buenos Aires com o intuito de ir para a Bahia, em pleno

²⁵ Para maiores informações, vide verbete “Batista Pereira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edgar-batista-pereira>>. Acesso em: 15 maio 2020.

²⁶ PEREIRA, Edgard Batista. *A casa de S. Clemente*. Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, novembro de 1949. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1949.

²⁷ Para maiores informações, vide verbete “Pedro Calmon”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-calmon-muniz-de-bittencourt>>. Acesso em: 15 maio 2020.

²⁸ Depoimento, em 10 de junho de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB.

²⁹ MONTEIRO, Tobias. *O presidente Campos Sales na Europa*. Brasília: Edições do Senado Federal, vol. 40, 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1107/743388.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

governo Floriano, percebeu que o Rui ia cair numa ratoeira, porque ele na Bahia ia ser preso. Floriano não era homem de respeitar estado de sítio na Bahia. Alegava que tinha dado uma ordem ao Rui. Rui tinha resistido e aí podia haver até um conflito e até um assassinato. O Tobias, então, resolveu impedir e foi a bordo do navio que chegava de Buenos Aires em direção à Bahia e ajudou a convencê-lo, juntamente com meu tio,³⁰ a mudar-se... voltar para Buenos Aires e o Rui voltou para Buenos Aires. Mas, não podia voltar no mesmo navio, porque o navio ia para a Europa. Então, teve que passar para um outro navio e esperar um outro que fosse para Buenos Aires. Foi aí que ele passou para o Aquidabã, que era o navio da revolução e esteve em contato com o Custódio. Foi a primeira vez que ele teve um contato com o revolucionário, porque até aí, ele não tinha tido nada com a revolução. Tinha simplesmente trabalhado, atacado Floriano, mas não tinha conspirado. Então esteve no Aquidabã e do Aquidabã esperou o navio que ia para Buenos Aires e embarcou com a família e foi para Buenos Aires. E Tobias embarcou com ele. Ele percebeu que o Rui ia sozinho, acostumado a ter uma pessoa sempre junto dele e ia somente ele, a mulher e os filhos crianças. Então, Tobias foi com ele para Buenos Aires, convencido que estava prestando realmente um serviço. Agora, impôs-se coisa curiosa. As cartas de meu avô e do Rui a meu avô, o Rui não está tão grato assim ao Tobias não. Ele se queixa do Tobias. Diz assim: “O Tobias veio comigo. A intenção dele é me ajudar etc., pode ter sido muito boa. Mas ele não é boa companhia. É um homem muito pequenino, muito preocupado com as suas coisas e não está me servindo como ele gostaria que servisse e tal”. Queixa-se um pouco amargamente do Tobias. De lá de Buenos Aires, o Rui foi direto para a Europa. Foi para Portugal, França, Inglaterra. Bom, Portugal, ele tentou ver se ficava em Portugal. Teve um incidente lá na imprensa, o governo português convidou-o a retirar-se. Ele foi para a França e da França foi à Inglaterra, aonde ficou. Mas o Tobias voltou de Buenos Aires para o Rio. Percebeu que aqui a situação não estava boa para ele, porque ele certamente seria preso e resolveu então ele ir para a Bahia,

³⁰ Segundo o livro *Mocidade e exílio*, de Rui Barbosa, Antônio Jacobina Júnior, cujo apelido era Tonton, recém-chegado de uma viagem de estudos à Europa, e Luís Carlos Barbosa de Oliveira tiveram a missão de avisar o conselheiro dos planos de prendê-lo. Quando retornaram, foram presos e conduzidos para a casa de correção, onde ficaram presos por vários meses.

onde o cunhado do Rui, o Carlito,³¹ o recebeu e procurou ocultá-lo no Rio Vermelho, que é pertinho da Bahia... você conhece a Bahia? Mas ele estava lá no Rio Vermelho e foi preso. Preso, trazido para o Rio de Janeiro, desembarcou aqui na praia Vermelha. O navio parou fora da barra. Ele desembarcou na Escola Militar, naquele tempo era... dali foi conduzido por dois alunos da Escola Militar que não eram nada menos que os dois Rabelo, o futuro general Rabelo³² e o irmão que foi médico, que naquele tempo eram também aluno da Escola de Guerra, foi conduzido para a polícia e da polícia foi para a Casa de Detenção, onde ficou preso juntamente com meu tio. Então, diz ele, que aí nessa prisão é que ele sofreu realmente muito, que meu tio também me contou. Meu tio teve uma história diferente. Meu tio era um rapaz que tinha chegado da Europa. Tinha feito um curso no colégio dos jesuítas de Tourney. Tinha 17, 18 anos, tinha feito curso secundário e estava morando com meu avô, com o pai dele, que era nesse tempo morador na rua dos Inválidos. O Rui tinha estado... ido para Buenos Aires e devia chegar no dia seguinte para seguir viagem para a Bahia. Ele tinha pedido a meu avô que conduzisse a família para bordo. Eram duas ou três horas da manhã, quando meu avô ouviu bater na porta, rua dos Inválidos. Desceu de camisola, abriu a porta, estava um homem com uma capa espanhola – diz ele – e disse: “Dr. Jacobina, eu preciso falar com o senhor em particular uma coisa muito séria”. Então entrou e era o Manoel de Carvalho, sócio da Casa Paschoal.³³ Por isso é que tinha um retrato dele na Casa Rui Barbosa. Esse homem é um benfeitor do Rui. O Floriano não tinha cozinha no Itamarati. Contratava o almoço e o jantar com a Casa Paschoal, naquele tempo era uma casa famosa, como a Colombo. Então esse Manoel da Paschoal, que era gerente da casa, assistia e presidia o jantar, então ouvia as conversas. Ouviu dois militares, um tenente e um capitão ou dois tenentes ou um capitão, qualquer um posto inferior, conversando:

³¹ Carlito era o apelido de Carlos Viana Bandeira, irmão de Maria Augusta Viana Bandeira Rui Barbosa.

³² Para maiores informações, vide verbete “Manuel Rabelo”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RABELO,%20Manuel.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2020.

³³ KARLS, Thaina Schwan. *Comida, Bebida e Diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de doutorado), 2017. (Disponível em: <<http://www.pgghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/187-comida-bebida-e-diversao-uma-analise-comparada-do-perfil-de-restaurantes-e-confeitarias-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix-1854-1890/file>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

“O Rui Barbosa vai para a Bahia. Nós vamos provocar um incidente”. Um incidente podia dar até morte. Então ele disse assim: “Eu vim avisar os senhores que o Rui não deve ir para a Bahia, porque lá ele vai ter um incidente. Certamente provocado. E a bordo já vai um indivíduo incumbido de provocar o incidente. Vai um secreta da polícia”. Então meu avô disse: “Eu preciso ir a bordo avisar isto ao Rui, mas eu não posso ir porque não me deixam entrar a bordo”. Porque meu avô era muito conhecido. Professor da Escola Central tinha sido professor do Floriano, então era negócio de... então, chamou o filho e disse: “É uma ocasião onde você, que é desconhecido aqui no Brasil, entrar em cena”. Então meu tio me contou essa história minuciosamente. Ele saiu de casa, às quatro, cinco horas da manhã. Meu avô deu a ele dinheiro suficiente, não posso dizer a quantia, e disse a ele: “Você vai aqui pela rua dos Inválidos, Riachuelo. Naquele tempo não havia Mem de Sá. Riachuelo, Lapa, pega o Boqueirão – Boqueirão era em frente ao Passeio Público – pega um catraieiro e vê se vai...”

Entrevistadora: O que é um catraieiro?

Dr. Lacombe: Catraieiro é o homem que conduz a catraia,³⁴ um pequeno barco. “... e vê se vai nessa catraia com o remador até o navio que deve estar entrando de Buenos Aires. E avisa ao Rui...”.

[Fim da gravação]

PARTE II – LADO B

Dr. Lacombe: ... bom, então meu tio dirigiu-se a dois, três cavalheiros, nenhum quis ir a bordo. Ele foi andando, continuou pela praia, o Calabouço, chegou até a praça Quinze, ali perto da estação das Barcas, praça Quinze, vendo o navio já, naquele tempo o Cais Pharoux,³⁵ que ficava ali na... em frente à praça Quinze e dali se tomava a lancha e ia-se ao navio. Os navios não atracavam. Não havia o cais do porto ainda. Os navios paravam ali. O poço era ali em frente à praça Quinze. Então que

³⁴ Catraia é uma embarcação pequena e robusta, com remos e vela triangular, geralmente usada na pesca. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/catraia>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

³⁵ Para maiores informações, vide “A quadricentenária praça Quinze”, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13032-a-quadricenten%C3%A1ria-pra%C3%A7a-quinze>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ele estava ali naquela indecisão. Como é que ele ia fazer? Ali já era mais difícil porque havia polícia, havia autoridades. Chegou junto dele um capitão e disse a ele: “O senhor está querendo chegar àquele navio, não é?” Ele disse: “É isto mesmo”. E disse de si para si: “Estou perdido”. Ele disse: “Não senhor. Eu sou o capitão Porto Carrero”. São tantos capitães Porto Carrero que ele pegou o almanaque... que a gente não pode saber qual era deles, porque vários chegaram a generais. Então diz ele: “Eu sou... eu não sou florianista. Estou aqui porque sou obrigado a cumprir ordens, mas vou lhe ajudar. O senhor faz o seguinte: fique ao meu lado porque nós vamos entrar na lancha da polícia e quando chegar a bordo o senhor corre. Sobe a escada depressa”. Ele disse: “Parece incrível, mas eu cheguei a bordo do navio para salvar o Rui na lancha da polícia”. Diz ele que durante o trajeto de dois, três ou quatro minutos, conversando... pouco conhecido daquele grupo, falando só com aquele capitão, tal, começou a desconfiar. Então foi se chegando depressa para a proa. Quando o navio encostou... a barca encostou na escada do navio, ele subiu feito um raio e aí estava salvo, porque a bordo do navio inglês era uma coisa muito engraçada. Durante a revolução da armada houve uma espécie de *agreement* entre a polícia e a esquadra revoltada. O policiamento dos navios cabia à Marinha e a polícia só tinha ação interna ou então podia visitar os navios, mas não prendia ninguém a bordo. Aquilo era pique. Ele falou com o comandante. O comandante disse: “O senhor está aqui. Não deixo prender ninguém”. Indagou onde é que estava o Rui Barbosa, diz ele “e tive um azar enorme porque na hora que meu pai me mandou para o navio eu peguei e amarrei a ceroula” – naquele tempo usava-se ceroula comprida com cadarço – “amarrei uns manifestos monarquistas”. Eu não era monarquista, nem meu pai, nem o Rui Barbosa, mas para mostrar ao Rui que estava havendo um movimento monarquista. E esqueci aqueles manifestos monarquistas amarrados no banheiro onde é que estava o camarote do Rui. Cheguei e encontrei o Rui de joelhos, escrevendo – a cama servindo de mesa –, terminando aquela carta que saiu publicada no *Jornal do Brasil*,³⁶ copiando a carta que ele tinha mandado ao *La Nación*, explicando a posição dele, que ele não era inspirador, simplesmente tinha... então interrompeu o Rui e disse a ele: “Você não pode continuar nesse navio. Você tem que voltar para

³⁶ A coletânea dos artigos publicados no *Jornal do Brasil* foi reunida no livro *A ditadura de 1893 – Jornal do Brasil* (Obras Completas de Rui Barbosa, v. XX, t.2). Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/407>>. Acesso em: 18 maio 2020.

Buenos Aires”. Aí chegou o Tobias, aí chegou um outro primo de Rui, Luis Carlos Barbosa de Oliveira e eles fizeram sinal para o Custódio de Melo,³⁷ que estava ali adiante do Aquibadã. O Custódio de Melo mandou um escaler, comandado pelo tenente Matos, que depois foi almirante Matos e que cujo filho é hoje sogro do meu filho. É muito engraçado, o mundo é muito pequeno. O brigadeiro Matos é filho do almirante Matos. Esse almirante Matos foi o tenente que conduziu o Rui do navio que vinha de Buenos Aires para o Aquibadã. E aí, no Aquibadã, ele esperou a vinda do navio que viesse da Europa para Buenos Aires de novo. E o ministro do Chile, amigo deles, levou a família do Rui para bordo. Aí se encontraram todos. Meu tio desceu do navio. Diz ele: “E, evidentemente, eu descí sabendo que ia ser preso”. Chegou na praça Quinze, já de noite, dirigiu-se a ele um oficial e disse a ele: “Me diga, qual é a senha? “Ele não sabia senha nenhuma. Ele foi e disse assim: “É de paz”. Era completamente tolo. Foi preso e avisado o Floriano. E ele foi conduzido à Casa de Detenção onde encontrou o Tobias também preso. Ficaram os dois em celas vizinhas. E meu tio ficou preso seis meses, sem nunca ser ouvido. Agora, foi preso e o corpo de delito, qual foi? Os manifestos monarquistas. Porque a carta que o Rui estava escrevendo, isto também é... o mundo é muito engraçado. Você que é de família de políticos sabe como é que são essas coisas. Quando o Rui³⁸ estava na prisão, estava com muito medo porque ele estava com a carta do Rui, que ele tinha escrito para Buenos Aires, no bolso, e que o Rui tinha pedido para entregar à direção do *Jornal do Brasil* para publicar quando houvesse oportunidade. Ora, esta carta não foi encontrada... engraçado, encontrou... mas não encontrou a carta. E quando ele estava na grade, muito triste, passou um outro primo nosso, José Peres (Teles) Barbosa de Oliveira, que era capitão do exército e oficial de gabinete do Benjamin Constant³⁹ e florianista exaltado. E disse... e chamou meu tio pelo apelido caseiro: “Tonton, que você está fazendo aí?” Ele disse: “Estou preso”. “Ah, você

³⁷ Para maiores informações, vide verbete “Custódio de Melo”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MELO,%20Cust%C3%B3dio%20Jos%C3%A9%20de.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

³⁸ Provavelmente refere-se a Antônio Jacobina Júnior (Tonton), que foi preso, após desembarcar e retornar ao continente.

³⁹ Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Arquivo Nacional, MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira, 2018. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/2/70-biografias/611-benjamin-constant-botelho-de-magalhaes>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

foi visitar o Rui?”. Ele é irmão do nosso primo. O José Peres é irmão do Luis Carlos, que tinha ido visitar o Rui. Mas esse José Peres era contra o Rui. Então... “Você quer alguma coisa para a sua família?” Diz o Rui⁴⁰: “Quero que você entregue esta carta ao meu pai”. E a carta chegou às mãos de meu avô através de um capitão florianista, que não sabia o que estava conduzindo. Coisa curiosa. Agora, esse meu tio, o Rui fala muito nas cartas dele da Europa: “Meu mártir”. Ele era realmente menor e ficou preso. Agora um lado bom para o Floriano, uma coisa muito elegante do Floriano. O Floriano morava, dormia, em plena revolução, naquela casa que pertence ao governo, ali no Silvestre.⁴¹ Pode-se subir pela ladeira do Ascurra. Morou ali o Oswaldo Aranha.⁴² Morou o Capanema.⁴³ Sobes-se pela ladeira do Ascurra. Tem a caixa d’água⁴⁴ e tem uma casa que pertence ao governo ali perto, no Silvestre. Floriano morou ali em plena revolução. Subia aquela ladeira do Ascurra em carro de cavalo, a passo de cavalo, mas não pode subir aquela ladeira alta correndo. Minha família fugindo pela rua dos Inválidos, porque a rua dos Inválidos estava no caminho do bombardeio que a esquadra fazia sobre o quartel general. Era exatamente na linha, caiu uma granada no pátio da casa do meu avô. Mudaram-se para uma casa alugada no Cosme Velho em frente à ladeira do Ascurra. De maneira que minha família via todos os dias o Floriano passar em frente à casa. E a minha tia⁴⁵ mais moça, que depois casou com o César Rabelo, que era nesse tempo uma menina de 17, 18 anos, de trancinha preta e tal, um dia resolveu dar um golpe teatral. Na hora que o Floriano passava de carro aberto, com carro de cavalo, com dois ordenanças a cavalo atrás, ela correu, pulou no estribo, subiu no carro e disse: “Marechal, tenho um pedido a fazer-lhe!” Ele foi muito gentil, botou a mão na cabeça dela, fez festa. “Você quem é?” Diz ela: “Eu sou filha do dr. Jacobina, que o senhor conhece”. “Ah, conheço!”. “Eu quero

⁴⁰ Provavelmente refere-se a Antônio Jacobina Júnior (Tonton).

⁴¹ O Silvestre é uma região do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

⁴² Para maiores informações, vide verbete “Oswaldo Aranha”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARANHA,%20Oswaldo.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁴³ Para maiores informações, vide verbete “Gustavo Capanema”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gustavo-capanema-filho>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁴⁴ Para maiores informações, vide “reservatório do Morro Inglês” disponível em http://www.inepac.rj.gov.br/application/assets/img/site/7_ficha_morrodoingles_ladas.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁴⁵ Maroquinha, (Maria) Jacobina Rabelo (1877-1957).

lhe dizer uma coisa: meu irmão está preso e amanhã é dia dos anos de minha mãe e vai ser uma tristeza porque haverá uma cadeira vazia na mesa”. Ele olhou e disse assim: “É, mas ele foi visitar o Rui Barbosa e deu o recado”. Ela disse: “Isto é verdade, mas nós somos parentes e ele tinha recados de família. Havia a... a mulher do Rui estava na nossa casa...” Ele disse: “Diga a sua mãe que o seu irmão vem jantar com vocês amanhã”. Não foi naquele dia, mas foi no outro. Quer dizer: cumpriu a palavra. Quer dizer, há um lado violento, da prisão de uma pessoa sem processo, uma prisão longa, mas há também um lado de cavalheirismo nessa questão da... eu gosto de contar a questão com as duas... a medalha com o verso e o reverso.

Entrevistador: E com relação... Rui, naquele momento, foi coisa que dividiu as opiniões naquele momento.

Dr. Lacombe: A carta do Rui a meu avô, que eu publiquei no *Mocidade e exílio*,⁴⁶ mostra que o Rui ficou realmente entusiasmado com os noticiários em inglês. O Magalhães⁴⁷ faz um grande escarcéu de que o Rui se aproveitou dos jornais ingleses, mas ele diz na carta: “Estou resumindo o debate da imprensa inglesa”.⁴⁸ Ele cita os jornais. Não há desonestidade nenhuma. É um resumo do noticiário inglês. E, depois, ele faz os comentários dele. Agora, uma porção de frases sob o ponto de vista jurídico que estão na carta dele, na carta da Inglaterra, não estão nos jornais ingleses. O Magalhães quis fazer um grande escândalo pelo fato dele ter se aproveitado dos recortes que ele próprio guardou. Ora, se ele fosse desonesto ele teria, primeira coisa que fazer era destruir os recortes. Porque ninguém, ia fazer uma pesquisa nos jornais ingleses... quer dizer, ele diz realmente que a imprensa inglesa está hoje cheia de notícias e tal e resume e depois faz o comentário dele. Agora, que... sem dúvida alguma que foi o primeiro. O Soares de Melo⁴⁹ prova isso muito

⁴⁶ BARBOSA, Rui. *Mocidade e exílio: cartas ao Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira e ao dr. Antônio D’Araújo Ferreira Jacobina*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1934. (Disponível na base da biblioteca São Clemente – FCRB, vide: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>)

⁴⁷ Refere-se a Raymundo Magalhães Jr., autor do livro *Rui: o homem e o mito* (1964). (Depoimento, em 03 de agosto de 1977, para o projeto Memória de Rui, da FCRB).

⁴⁸ BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. (Obras completas de Rui Barbosa; v. 23, t. I.). Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁴⁹ MELO, J. Soares de. *História da Oração aos Moços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.].

bem. É que o Dreyfus,⁵⁰ nas memórias dele, que eu comprei e dei à Casa de Rui Barbosa, diz: “Recebi uma publicação feita no Brasil por sr. Barbosa, antigo ministro a respeito da minha prisão”. “Esta publicação tem muita importância por causa da data”, diz o próprio Dreyfus. Ora, o Dreyfus devia saber melhor do que ninguém qual era importância da data, porque a importância da data. Porque era antes. É óbvio. Agora, o Magalhães nega isso, não sei por que que deu na cabeça dele negar tudo e aí que o Soares de Melo tem uma razão completa – diz que não é verdade, porque um francês já tinha escrito num jornal uma série de artigos a favor do Dreyfus e o Rui veio depois desse francês. O Soares de Melo foi procurar a coleção de jornais desse francês na Biblioteca de Paris. Dá a quota dos jornais que ele encontrou. Esse francês, nesse momento, não era dreyfusário. Era ao contrário. Era anti-dreyfusário e o artigo da data que coincide com a data do artigo do Rui é um artigo em que o francês pede o fuzilamento do Dreyfus. Quer dizer, o Magalhães ou foi mal-informado ou então está querendo tapear. Não é possível (impossível). Não há dúvida alguma de que a primeira defesa do Dreyfus foi a do Rui. Isso é um fato material indiscutível. Agora, ele diz na carta a meu avô: “Senti vibrar a [inaudível] da justiça e não resisti”. Escreveu nesse artigo. Agora, ele mandava os artigos do *Jornal do Commercio*, porque o José Carlos Rodrigues⁵¹ estava em Londres e encomendou a ele as cartas da Inglaterra. Agora, ele mandava cartas de Inglaterra enormes, pode-se ver na... e meu avô numa carta diz a ele: “Você está mandando artigos grandes demais, porque eles vão lhe pagar tanto por artigo. Suas cartas são tão grandes que eu estou dividindo seus artigos em três”. Porque ele disse que em cada carta de Inglaterra devem sair três artigos. Isso está na casa de meu avô.

Entrevistador: Quer dizer que a correspondência entre Rui Barbosa e o avô do senhor foi uma correspondência extensa (intensa), mas na época...

Dr. Lacombe: Eu publiquei quase tudo. Eu publiquei tudo, porque essas partes por exemplo, com restrições ao Tobias, eu ainda tenho aqui. Eu não quis publicar em vida do Tobias. Porque o Tobias foi tão carinhoso

⁵⁰ SUZANO, Milene. “Jáccuse” na imprensa brasileira: algumas repercussões e interpretações no caso Dreyfus. *Revista Escritos*, Ano 2, nº 2, 2008. pp. 75-109. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero02/FCRB_Escritos_2_4_Milene_Suzano.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

⁵¹ Para maiores informações, vide verbete “José Carlos Rodrigues”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RODRIGUES,%20Jos%C3%A9%20Carlos.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

comigo, me ajudou a arrumar as cartas e deu notas a respeito de pessoas a que as cartas se referiam e que ninguém sabia quem era. E eu achei que era uma deslealdade acrescentar aqueles trechos do Rui Barbosa em que ele fazia restrições ao Tobias. Mas agora o Tobias morreu, se houver uma nova edição eu dou o texto completo porque isso é importante para a história. E darei também a cópia das cartas de meu avô ao Rui que eu encontrei no arquivo da Casa Rui Barbosa que já copiei. De maneira que posso fazer a correspondência ativa e passiva, que valoriza muito aquele período do exílio, que é o período que eu estudei mais especificamente.

Entrevistador: Justamente é essa época que há uma correspondência mais intensa entre o avô do senhor...

Dr. Lacombe: Ah, sim, porque estavam separados, porque eles moravam perto. Meu avô morava na rua dos Inválidos e o Rui morava, a princípio, na rua do Resende. Depois é que mudou para a praia do Flamengo. Viam-se frequentemente. Nem sempre estavam de acordo. Meu avô não seguiu muito a política do Rui no governo provisório. Tanto que escreveu cartas neste sentido a ele. Mas sempre solidário com o caráter e com a... e honestidade do Rui. De modo que foi ele que salvou em grande parte aqui... foi ele que organizou a caixinha para salvar a casa de São Clemente. Porque o Rui comprou a casa de São Clemente sem dinheiro. Hipotecou e quem emprestou o dinheiro foi o comendador Marinhos,⁵² cliente do Rui, muito rico. Tio e padrinho de Alceu Amoroso Lima.⁵³ E esse comendador Marinhos evidentemente não podia ficar sem dinheiro. Então os amigos do Rui se cotizaram para pagar as prestações. Quando o Rui chegou, pagou todo mundo, tal, e a casa se salvou...

Entrevistador: O senhor tem ideia de que pessoas teriam contribuído para essa caixinha?

Dr. Lacombe: Bom, essa deve ter sido meu avô, que nesse tempo era banqueiro, tinha algum dinheiro ainda; o próprio Marinhos que deve ter facilitado; o Sanchos Barros Pimentel, que era sócio do Rui Barbosa nesse tempo... ah, e outra pessoa, o desembargador Palma, que era muito amigo do Rui também, que tinha muito boas relações. Então eram pessoas que...

Entrevistador: [inaudível]

⁵² Antônio Martins Marinhos.

⁵³ Para maiores informações, vide verbete “Alceu Amoroso Lima”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Dr. Lacombe: Pessoas que tinham sido... servido no Ministério da Fazenda. Não, isso o Rui não aceitaria, mas eram clientes de causas posteriores ao ministério.

Entrevistador: E pelo que o senhor contou, nos relatou, realmente a fuga, a ida para o exílio foi uma coisa bem atribulada. Como d. Maria Augusta e as crianças, numa situação não muito comum, vivenciada, ela... houve algum comentário assim posterior que o senhor tivesse sabido?

Dr. Lacombe: Não. O negócio foi o seguinte: a revolução rompeu a 6 de setembro de 93.⁵⁴ Nesse momento, o Rui... juntou num discurso que ele fez uma carta do irmão do Custódio, Licurgo de Melo,⁵⁵ dizendo que ele teve ordens de não falar nada com Rui da conspiração e o Rui realmente não entrou na conspiração. Mas, quando a revolução ia romper, na tarde de 6 de setembro, o Sebastião Bandeira, que estava na revolução, foi à redação do *Jornal do Brasil* para avisar o Rui que fugisse ou então que fosse para bordo do navio. O Rui não estava na redação. Estava o Tobias. O Tobias então foi ao Rui, que estava em casa e disse: “Se você ficar aqui vai ser preso, que a revolução vai romper agora, essa noite e ou você foge para uma legação, pede um asilo ou vai para o navio”. Eles então resolveram sair de casa, da rua São Clemente e foram para a... não era São Clemente, era Flamengo, foram para a casa do Francisco de Castro,⁵⁶ onde ele dormiu a noite. Francisco de Castro era o pai de Aluísio. Se não me engano morava na rua Buarque de Macedo, ali perto do Flamengo. E o Francisco de Castro e o Rui e o Tobias resolveram ir para bordo, coisa que o Tobias disse que não achou muito boa, porque assim entrar de cheio na revolução. Eles não tinham entrado na conspiração. O Sebastião Bandeira diz assim: “Se o Rui quiser ir a bordo, vá para o largo da Glória, que em frente à igreja vai um barco buscá-lo”. Ele saiu de madrugada, foram para o tal largo da Glória, não veio barco nenhum e o Tobias disse: “Olha, vamos ficar aqui? Vamos ser presos da maneira mais humilhante. Na praia... fugir. É melhor irmos para a legação do Chile, que é aqui na rua, d. Luiza”. Era ali pertinho...

⁵⁴ Para maiores informações, vide verbete “Revolta da Armada”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DA%20ARMADA.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

⁵⁵ Licurgo José de Melo foi inspetor geral de terras e colonização e irmão do almirante Custódio José de Melo. (Consultado em Magalhães, Rejane M. M. de A. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: FCRB, 2013.)

⁵⁶ Para maiores informações, vide verbete “Francisco de Castro”, disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Entrevistador: D. Luiza é a atual...

Dr. Lacombe: Ali na Glória. “E o ministro do Chile vai nos dar asilo”.

Então foram à legação do Chile e o ministro, como era de prever, deu asilo. E agora, o Rui tinha que ir embora, porque não podia ficar o resto da vida no asilo. Então teve que tomar o tal navio que foi para Buenos Aires. Aí ele foi com o Tobias. Ele foi... primeiro tinha que ir para sair da legação do Chile com o chapéu de inglês com dólman como fosse um excursionista inglês e foi passar a noite no Moinho Janelli, num trapiche, para ir com o... estava entrando carga a bordo do navio, o navio era também cargueiro e num desses barcos que ia com a carga, ele iria para bordo do navio sem chamar a atenção. E, assim que ele entrou no navio, passando a noite acordado no Moinho Janelli.

Entrevistador: O senhor outro dia se referiu a um fato pitoresco lá na casa, que d. Maria Augusta teria comentado que ela andava...

Dr. Lacombe: Ah, isso é uma das coisas mais engraçadas, porque essas são as lendas que se criavam a respeito do Rui. Lendas incríveis, de coisas inventadas, anedotas que se transformavam em lendas. Isso. D. Maria Augusta me contou que houve uma vez um chá... muito bem servido, Casa Paschoal,⁵⁷ muita gente naqueles salões etc., e, quando chegou de noite, havia muito pouca gente. Já tinha todo mundo ido embora. Ela se sentou no sofá, ao lado do marido e disse: “Eu estou cansadíssima, você sabe quantas vezes já fui à cozinha, quase cem metros daqui para verificar se tudo estava pronto, se os sorvetes estavam na bandeja, se o chá estava pronto, se as bebidas estavam em ordem? Mais de dez vezes”.

[Fim da gravação]

⁵⁷ A confeitaria Paschoal estava localizada na rua do Ouvidor, 126. O estabelecimento gozava de grande prestígio visto que o fornecimento de gêneros alimentícios a ser servido no Baile da Ilha Fiscal, a última grande festa da monarquia, ficou a cargo da confeitaria. (KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 2017. Disponível em: <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/187-comida-bebida-e-diversao-uma-analise-comparada-do-perfil-de-restaurantes-e-confeitarias-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix-1854-1890/file>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

PARTE III

Dr. Lacombe: E esperava que ele mandasse botar uns trilhos para ir num trenzinho até a cozinha e voltar. Ninguém mais... todo mundo caçoou desta piada tal e nunca mais se lembraram disso. Muitos anos depois, numa outra festa que houve lá, apareceu um desembargador do Amazonas, que ela não se lembrava mais o nome, que visitou a casa toda, acompanhado do Rui, muito interessado e tal, e no fim disse a ele: “conselheiro, o senhor perdoe que eu lhe faça um pedido que o senhor vai estranhar, mas eu tenho muita curiosidade. O senhor poderia me mostrar o trenzinho que o senhor tem para a sua senhora ir à cozinha e voltar várias vezes? “Por essa pequena anedota é que a gente vê quanta coisa se pode inventar e...

Entrevistadora: E criar...

Dr. Lacombe: Criar em torno de uma piada, uma coisa desta ordem. Uma outra coisa também é a famosa questão dos cobradores. Havia... o Rui tinha em torno – daqueles que o cercavam – pessoas que eram realmente inescrupulosas, faziam compras em nome dele sem dizer nada a ele. Ele que era um homem extremamente escrupuloso. A gente pode ver pelo livro de escrita das despesas.

Entrevistador: Tudo anotado.

Dr. Lacombe: Tudo anotado e às vezes a gente vê que é uma conta fabulosa, fornecimentos de armazéns com três, quatro meses de atraso. Ah, conta... eu me lembro que lá no livro tem uma conta de galinhas, cento e tantas galinhas, é um negócio fantástico. Quer dizer, ele pagou a conta de quitanda que estava acumulada provavelmente há vários meses. E o Antônio,⁵⁸ que foi um grande informante que eu tive lá, quando cheguei na casa, ele dizia que era uma coisa inacreditável a dificuldade das faturas chegarem até a mão do Rui. Chegava uma fatura e ele surrupiava a fatura para o Rui não ter conhecimento das despesas que estavam fazendo. Isto criou para o Rui uma fama terrível de mau pagador e que prejudicou muito a vida dele. O marquês dos Santos me contou um fato que eu contei a vocês. Vocês pediram que eu repetisse, eu posso repetir. O marquês dos Santos já morreu. marquês dos Santos era moço, empregado da Casa Prates, na rua do Ouvidor. Diz ele que quando começou a

⁵⁸ Refere-se a Antônio Ventura inicialmente mordomo de Rui Barbosa e d. Maria Augusta e depois funcionário da Fundação Casa de Rui Barbosa. (Depoimento, em 25 de abril de 1975, para o projeto Memória de Rui da FCRB)

trabalhar, a casa... disseram a ele na Casa Prates: “Você quer ganhar suas esporas de cavaleiro aqui como bom empregado? Vê se consegue arrancar do Rui Barbosa o pagamento de uma máquina de escrever portátil, que estamos há vários meses mandando a fatura e ele não paga”. Ele então disse que ficou alerta; daqui a pouco o Rui para defronte da Casa Prates, na rua do Ouvidor, conversando com um amigo. Ele se lembrava que o Rui estava de fraque cinzento, chapéu de Chile. Ele se aproximou do Rui e pediu ao Rui: “conselheiro, quando tiver tempo, podia entrar aqui? Temos um assunto que queria conversar”. O Rui ficou meio assustado, entrou logo e ele disse: “De que se trata?” Ele disse: “Essa máquina portátil que nós lhe vendemos e que estou incumbido de cobrar e tal”. E diz o Rui: “Mas eu não conheço, o que é isto. Me mostre, por favor”. Então ele mostrou aquelas maquinazinhas portáteis, antigamente ainda conheci algumas numa caixinha preta e o Rui disse: “Ah, isto é muito útil, muito interessante e eu terei muito prazer em comprar isto, porque quando eu viajo, às vezes quero copiar um documento, uma coisa, mas eu nunca vi isto nem comprei máquina nenhuma. Alguém comprou em meu nome. E quanto custa?” Ele disse: “Custa 150 mil réis”. O Rui pagou 300 mil réis e disse: “Faz favor de mandar botar esta máquina no meu carro que está parado ali em frente à Fazendas Pretas...” – era uma casa de modas que havia na avenida Rio Branco e que dava fundos para a rua Rodrigo Silva – “faz favor de mandar para... porque a outra máquina eu nunca vi. Alguém comprou em meu nome e eu não sei de que se trata”. Por esse pequeno episódio, a gente vê como muita gente se valia do Rui Barbosa para fazer despesas e contas etc. Eu sei de minha prima que estava em São Paulo e foi visitar o Rui Barbosa, que estava hóspede do Estado num hotel em São Paulo. Encontrou pessoas da família comprando camisas e gravatas e mandando pagar na conta do hotel. [risos] De modo que isso tudo explica muita coisa da fama do homem.

Entrevistadora: E contato, assim conversas com d. Maria Augusta? Porque eu já ouvi falar que... desde a morte de Rui...

Dr. Lacombe: Agora, devo lhe dizer uma coisa: o Otávio Tarquínio de Souza,⁵⁹ que era genro do Luís Alves, foi casado em primeiras núpcias

⁵⁹ Para maiores informações, vide biografia de “Octávio Tarquínio de Sousa”, disponível em: <<https://www.octavioelucia.com/otavio-tarquinio-de-sousa/>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

com a filha do João Luís Alves.⁶⁰ Diz que frequentou muitas vezes a casa do Rui e que o Rui era o perfeito dono de casa. Acolhia muito bem, recebia muito bem os visitantes, prestava atenção se eles estavam conversando, se estavam sozinhos, e que era excelente *host* para qualquer festa. Ao contrário do que pensa que ele ficava macambúzio num canto. Não era verdade.

Entrevistador: Isolado, quer dizer...

Dr. Lacombe: Não, não. Quando ele recebia, ele sentia que a obrigação dele era fazer os hóspedes sentirem-se à vontade. Nisso ele era um bom companheiro de d. Maria Augusta e gostava muito de ouvir cantar, a Bebê Lima Castro⁶¹ cantando lá canções francesas no piano. Ele gostava de ouvir; de ouvir, recitar. Ele gostava de fazer uma... as festas da casa e ele recebia bem.

Entrevistadora: E essas festas eram numerosas. Ele costumava receber...

Dr. Lacombe: Quando os filhos estavam moços eram bastante numerosas. Eram bastante...

Entrevistador: Teve uma senhora também, que aliás eu soube que faz 90 anos agora e que era afilhada de casamento do Rui. Se não me engano, o nome dela era Virginia Imbassahy.⁶²

Dr. Lacombe: Ah, Imbassahy era muito amigo do Rui.

Entrevistador: E também deu récitas lá na casa em sarau, ela cantava.

Dr. Lacombe: Cantava e a família era toda de músicos.

Entrevistador: É, e nós estamos com o nome dela para entrevistá-la.

Dr. Lacombe: Devem ouvir, devem ouvir, devem ouvir, porque ela era geralmente pessoa de intimidade do Rui. Nem há dúvida.

⁶⁰ Para maiores informações, vide verbete “João Luís Alves”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Jo%C3%A3o%20Lu%C3%ADs.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

⁶¹ “Violeta Lima Castro (Bebê Lima Castro) nasceu em Paris, em 1879, e foi registrada no consulado brasileiro, filha do dr. João da Costa Lima e Castro, professor da Faculdade de Medicina. Falava e escrevia fluentemente três idiomas: português, francês e espanhol, além de falar e ler bem o inglês e o italiano. Era pintora, tinha uma voz excelente e tornou-se uma das mais célebres cantoras líricas do seu tempo. Atuou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, viajava todos os anos à Europa, onde cantava nos principais países, e viveu 10 anos em Paris. Cantou para Mussolini e dele recebeu um retrato com primorosa dedicatória. Encerrou sua carreira artística em 1957, durante concerto realizado na ABI, Associação Brasileira de Imprensa. Levou uma vida discretíssima”. Disponível em: <<http://passarelacultural.blogspot.com/2008/03/sexo-nostalgia-violeta-lima-castro.html>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

⁶² O nome correto é Judith Imbassahy de Mello, cantora lírica. Depoimento, em 5 de maio de 1976, para o projeto Memória de Rui da FCRB

Entrevistador: Dr. Lacombe, d. Baby⁶³ numa gravação há pouco tempo se referiu também ao fato de que nas épocas de campanha política houve um atentado e ela lembra que uma pessoa se escondeu atrás daquele biombo⁶⁴ do banheiro, munido de uma faca. Foram encontrar esse sujeito lá quando foram fechar a casa, no final da tarde, e puseram ele para fora. O senhor tem também conhecimento de alguma coisa...

Dr. Lacombe: Não tenho conhecimento, mas é muito possível que quando havia... o Rui chegava de viagem ou uma excursão política... quando ele chegou, por exemplo de São Paulo, dia 31 de dezembro de 1909, que houve uma grande festa e tal. A casa ficava inteiramente aberta e entrava gente e saía e ninguém sabia quem era.

Entrevistador: Não havia policiamento? O Rui nunca teria chamado ninguém?

Dr. Lacombe: Não, não, não.

Entrevistador: Aqueles jardins tão amplos...

Dr. Lacombe: Não, não. Quem cuidava um pouco disto eram alguns amigos do Rui. Por exemplo, o Rocha, o pai do Carlito Rocha,⁶⁵ o Juca Rocha, não sei se conhece, do Botafogo. O Carlito Rocha até hoje está vivo, é um grande líder botafoguense. O pai dele, Juca Rocha, era um homem muito prestigioso, popular e tinha seus amigos. Ele era um homem de esportes, de jogo e tinha bastante... dispunha de capangas e quando o Rui ia às vezes ao Supremo Tribunal, o Juca Rocha se incumbia de botar três a quatro pessoas atentas e o Rui ficava furioso. Não gostava disso não. Ficava zangado. Mas o Carlito, que era cunhado do Rui, avisava o Juca Rocha e o Juca Rocha tomava suas providências. Eu acredito que isso era o único policiamento que havia. Era dos amigos assim espontaneamente, mas que o Rui soubesse não. Que ele providenciasse não, porque aí se pode aplicar aquilo que o Pinheiro dizia: “Vocês admiram no Rui o talento e a cultura, mas eu admiro acima de tudo é a coragem”. O João Mangabeira⁶⁶ me contou teve uma coisa que eu acho meio estranha, muito engraçado, como o Rui não tinha noção da sua fraqueza, sua

⁶³ Depoimento, em 10 de abril de 1975, para o projeto Memória de Rui da FCRB.

⁶⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁶⁵ CASÉ, Rafael. *Somos todos Carlitos: histórias, crendices e superstições de um homem que amava o Botafogo*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2018.

⁶⁶ Para maiores informações, vide verbete “João Mangabeira”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/joao_mangabeira>. Acesso em: 20 abr. 2020.

fraqueza física. Uma vez, ele discutindo com Pinheiro Machado⁶⁷ deu um aparte bastante ofensivo porque ele corrigiu a gramática, não é? O Pinheiro aplicou o verbo errado e ele repetiu a pergunta com o verbo certo. Então, o Batista quando saía com Rui do Senado disse: “conselheiro, permita que diga que sua intervenção foi demasiada, porque aquilo ofendeu o Pinheiro. E o Pinheiro, eu sei que ele comentou com os amigos: ‘Se não fosse o respeito que eu tenho ao Rui Barbosa eu teria ido às vias de fato’”. E o Rui Barbosa em vez de ficar achando que isto era uma prova de respeito, ficou zangado. Disse: “Ora esta e por que que não fez?”. [risos] Quer dizer, ele achou que isso humilhou! [risos] Isso humilhou! Quer dizer que era uma coisa... ele achava possível um encontro físico entre ele, com 1,58 metros de altura e aquele peitinho estreito, e um gigante, um atleta e um atirador como Pinheiro Machado. E achava que o fato do Pinheiro ter dito que não tinha ido às vias de fato pelo respeito que tinha, ele considerou uma ofensa, porque fez pouco da força física dele.

Entrevistadora: E do relacionamento Rui Barbosa/Pinheiro Machado, que nós sabemos que foi sempre assim meio conturbado... com uma série de problemas...

Dr. Lacombe: Quando o Rui voltou do exílio, o Pinheiro Machado que tinha sido florianista exaltado e tinha até combatido no Rio Grande, aproximou-se do Rui e eles ficaram até íntimos, a ponto do Pinheiro ir visitar em São Clemente frequentemente. Contava o Carlito que às vezes chegava lá, o Rui estava se vestindo, ele entrava pelo quarto adentro, como bom gaúcho e encontrava o Rui escolhendo a gravata e dizia: “Não, esta gravata não é para ti”. Eles falavam sempre em “tu”.

Entrevistadora: Não é para ti!

Dr. Lacombe: “Não vai com teu estilo, isto é para mim! “E tomava a gravata. [risos] E o Rui ia muito à casa do Pinheiro. O Pinheiro recebia o Rui lá muitas vezes. Eles se afastaram na ocasião do civilismo⁶⁸ quando o Pinheiro aderiu à candidatura Hermes.⁶⁹ Aí o Rui considerou o Pinheiro

⁶⁷ Para maiores informações, vide verbete “Pinheiro Machado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁶⁸ Para maiores informações, vide verbete “Campanha Civilista” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPANHA%20CIVILISTA.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁶⁹ Para maiores informações, vide verbete “Hermes da Fonseca” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Hermes%20>

um traidor, porque o Pinheiro tinha traído, tinha dito que estava com ele para a vida e para a morte e aderiu à candidatura oficial. Mas o... contou-me também o João Mangabeira um episódio curioso. James Darcy⁷⁰ era gaúcho e um *enfant terrible* da bancada gaúcha. De vez em quando, fazia uns discursos que Pinheiro não gostava tal. Escrevia uns artigos lá na Federação meio heterodoxos e era um grande admirador de Rui Barbosa. E, chegando aqui no Rio, disse ao Pinheiro: “Eu quero muito conhecer o Rui. Quero conversar com o Rui e tal” e o Pinheiro disse: “É muito fácil. Ele vem hoje jantar aqui. Tu vens hoje à noite e te sentas ao lado dele”. E botou o James Darcy ao lado do Rui. E que o James Darcy preparou uns temas para conversar com o Rui: Federação, *habeas corpus*, umas coisas bonitas, tal. E o Rui fora de casa, conhecendo umas pessoas pela primeira vez, ficava desconfiadíssimo. Ficava olhando. Não falava muito, não. Então disse que o James Darcy falava, falava e o Rui olhava, olhava e dizia assim: “Ah, é? Ah, sim, pois não, ó, quem dera” e tal. Não saiu daí. Então dizia o James Darcy muito desanimado: “No fim da noite o único verbo... a única frase completa que ele tinha ouvido do Rui Barbosa, com sujeito, verbo e complemento, tinha sido esta: ‘Dona Iaiá, me dá mais doce de coco que está muito gostoso’”. [risos]

Entrevistadora: Muito desalentador, né? Para quem queria ter uma conversa mais longa...

Entrevistador: Dr. Lacombe e por ocasião da visita do rei Alberto,⁷¹ o Rui estava em Palmira?

Dr. Lacombe: Estava em Palmira. Estava em convalescença de uma pneumonia e o...

Entrevistador: Mas houve um fato, de que o rei teria demonstrado...

Dr. Lacombe: O rei perguntou se não ia encontrar o Rui e o Barros Moreira, que estava acompanhando o rei, transmitiu esse desejo do rei ao Epiácio.⁷² E o Epiácio mandou então que perguntasse ao Rui se ele queria vir almoçar. E o Rui veio almoçar com o rei Alberto, no palácio

da.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁷⁰ Para maiores informações, vide verbete “James Darcy” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DARCY,%20James.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁷¹ BRASILIANA Fotográfica. *A viagem dos reis da Bélgica ao Brasil sob as lentes de Guilherme Santos*. [s.d.]. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=5950>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

⁷² Para maiores informações, vide biografia de “Epiácio Pessoa”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa>. Acesso em: 21 maio 2020.

Guanabara. Isso eu assisti, o Rui chegando. A chegada do Rui de Palmira foi uma chegada apoteótica. O Rui desceu de Palmira e atravessou a avenida Rio Branco, que estava tão cheia e os estudantes estavam pela rua Paissandu em frente ao palácio Guanabara e o Rui chegou muito abatido, muito... aliás o retrato que está aí a gente vê que ele está muito abatido. E almoçou com o rei, em um jantar meramente cerimonioso. Ele não ia quebrar o protocolo nem o ambiente de cordialidade que estava se... e o Rui tinha sido o grande defensor da Bélgica no Senado durante a invasão e o rei queria dar uma demonstração de... e condecorou o Rui com a Ordem da Coroa da Bélgica,⁷³ que está lá, com a Grã-Cruz.

Entrevistador: O fato dos livros de Rui... eles estarem ocupando uma grande ala da casa atualmente, quer dizer, além do local da biblioteca, isso se deve a que dr. Lacombe? Por que os livros antigamente ficavam em mais fileiras?

Dr. Lacombe: Os livros já estavam invadindo várias coisas. Os livros tinham toda aquela sala grande, tinha o quarto de vestir, tinha a sala Código Civil e aquelas salas do puxado⁷⁴ já tinham várias salas cheias de livros. Várias!

Entrevistador: Na época do Rui?

Dr. Lacombe: Na época do Rui. Já estava preocupado e já tinha até um plano...

Entrevistador: Puxado que o senhor diz é da administração...

Dr. Lacombe: Administração atual, aquelas em cima, ao lado da cozinha, aquele espaço que tem essa cozinha, estavam cheios de livros também. Lá embaixo também. Tinha aquela sala que é hoje o Centro de Pesquisas⁷⁵ – também já tinha livros. Já estava cheia de livros. Tanto que o Rui já tinha feito até um plano que estava lá, uma planta, que d. Celina deve ter no arquivo, de levantar aquela sala Constituição, levantar o pé direito e fazer

⁷³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁷⁴ Referência as salas localizadas no corredor de serviço. Na sequência, a partir da Copa, com nomes atuais: banheiro; despensa (ocupada na ocasião pela chefia do museu), sala Queda do Império (ocupada pelo Arquivo); sala Dreyfus (ocupada pelo Diretor de Administração); Cozinha (Setor de Pessoal e Financeiro). Com a construção do prédio anexo, inicialmente denominado de Sede e depois do falecimento de Américo Jacobina Lacombe, na década de 1990, passa a ter seu nome em sua homenagem, esses serviços foram remanejados para o prédio, desocupando as salas da casa histórica que, após reforma, passou a ser espaço de visitação.

⁷⁵ Antes da construção do prédio anexo, o Centro de Pesquisas funcionava na sala localizada abaixo da cozinha; atualmente ocupada pela administração do Museu Casa de Rui Barbosa.

uma galeria e dobrar a capacidade daquela sala. Teria sido ótimo, aliás, se ele tivesse feito. Vocês estavam pedindo outro dia que eu explicasse que há um retrato de uma biblioteca do Alfredo Pujol,⁷⁶ que aparece em várias publicações como sendo biblioteca do Rui e não é.

Entrevistadora: E tendo essas características já, galeria...

Dr. Lacombe: Galeria, uma escadinha.... O Rui pensou nisso, mas não chegou a executar.

Entrevistadora: A propósito de biblioteca, escada, mas voltando ao Pinheiro Machado, a história do tombo, da escada...

Dr. Lacombe: Aquilo contava o Antonio, que o Rui fez questão de ir às exéquias de Pinheiro Machado na catedral, mandada dizer pelo governo. Botou a casaca, naquele tempo se usava sempre casaca para exéquias solenes e estava com o carro à porta quando chegou o meu parente, dr. Lopes Martins, pedindo um parecer que Rui Barbosa tinha prometido a ele e o Rui Barbosa disse assim: “Está ali. O parecer está escrito. Não entrego porque ainda não conferi uma citação e não botei uma indicação bibliográfica”, – que o Rui em geral indica volume, página, direitinho. “Ainda não conferi, de maneira que eu quero conferir para terminar e lhe entregar. Já está escrito”. Ele disse: “Ah, mas eu tinha pressa” tal. O Rui então forçou apressadamente, porque estava atrasado para as exéquias. Armou mal aquela cadeira que vira escada.⁷⁷ Não abriu, não... quando pisou, caiu e quebrou a perna. Então ficou deitado com a perna quebrada em cima daquele sofá que está ali na... esperando o dr. Paes Leme que veio, botou o aparelho,⁷⁸ aparelho que aliás também está lá. E o... então diz o Antonio que ele comentou assim: “Foi a última rasteira que me passou o Pinheiro”.

Entrevistadora: A propósito das campanhas políticas de Rui Barbosa, há diversos comentários que a grande paixão do Rui foi ter sido derrotado, nunca ter alcançado a Presidência.

Dr. Lacombe: Claro, todo o homem político quer o poder. É a coisa mais natural do mundo. [risos]

Entrevistadora: Quer dizer, realmente o Rui Barbosa pretendeu alcançar essa magistratura?

⁷⁶ Para maiores informações, vide “Alfredo Pujol”, disponível em: <academia.org.br/academicos/alfredo-pujol/biografia>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁷⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

⁷⁸ Bota ortopédica: objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

Dr. Lacombe: Claro que pretendeu! Ele sempre dizia que não, mas no fundo...

Entrevistadora: Como ele se sentia, vamos dizer assim, quando... uma vez que ele não alcançou essa magistratura em 10. Na campanha de 10, ele foi derrotado, em 19...

Dr. Lacombe: Em 13, ele desistiu. Em 19, foi derrotado... foi derrotado previamente, porque ele podia ter sido candidato em 19 na convenção. Aí ele agiu conscientemente. Diz o ministro Batista Pereira que em 19, quando ele soube que a convenção talvez indicasse o nome dele, muito provavelmente, bastava ter um pouco de habilidade porque era um prêmio. Três anos de governo como Eptácio teve, ele teria desaparecido Rodrigues Alves.⁷⁹ Ele era a maior figura da geração da fundação da República. Ele poderia ter sido indicado facilmente com um pouco de habilidade; bastava ficar quieto. Mas não. Ele foi para Petrópolis e quando o Azeredo convocou-o para a Convenção, ele mandou aquele famoso telegrama que enterrou tudo. Ele dizia: “Não posso comparecer à convenção etc. e tal”. Diz o Azeredo: “Se pusesse ponto final, eu ia indicá-lo e ele ia ser indicado presidente. Mas ele botou ponto. Mas se é para fazer a convenção a comédia que costuma fazer etc., não compareço”. Aí ele enterrou o time. Acabou tudo. Então diz o Batista Pereira que isto foi consciente. Que ele dizia em Petrópolis: “Agora é que me vem o poder? Agora? Agora é inútil, agora não posso fazer mais nada. Não tenho mais força”.

Entrevistadora: Eu estive lendo o manifesto, me parece de 1913, em que o Rui Barbosa...

Dr. Lacombe: Desiste.

Entrevistadora: Desiste e eu achei um tanto assim contraditório, uma vez que vinha o governo anterior, o Hermes, tinha sido um governo...

Dr. Lacombe: E o Hermes aí portou-se bem. O Hermes aceitou a candidatura do Rui. Os paulistas aceitaram, foram lá dizer ao Rui que eles iam a São Paulo e que só faltava a aprovação da cúpula do Partido Republicano Paulista, mas que aqui no Rio já estava tudo combinado e a bancada paulista estava de acordo. Chegando a São Paulo, o Rodrigues Alves em vez de decidir imediatamente, consultou Minas sobre se aceitava a candidatura de um mineiro e aí veio o Venceslau. Quer dizer, o Rui já

⁷⁹ Para maiores informações, vide verbete “Rodrigues Alves”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

estava indicado. Chegou a chamar o Miguel Couto⁸⁰ para examinar se ele tinha força para poder ser presidente. E o Carvalho, Leão Carvalho e o – quais foram os dois? Foram os dois paulistas que foram lá. Leão Carvalho e um outro paulista dizendo a ele que estava decidida a candidatura de Rui.

Entrevistadora: Eu achei estranho...

Dr. Lacombe: O Rui ficou sempre com a mágoa do Rodrigues Alves. Ele acha que foi Rodrigues Alves que vetou essa candidatura.

Entrevistadora: Ele teve retirada a candidatura, ele faz uma série de alegações, mas ele tinha ao seu lado uma série de municípios, quer dizer, havia uma...

Dr. Lacombe: E ainda teve votos. A Bahia, por exemplo, não retirou. O Seabra,⁸¹ que estava lá na vaga de... Seabra brigou e fez as pazes com Rui umas três ou quatro vezes. Nesta ocasião, o Seabra estava a favor e não desistiu. A Bahia votou no Rui, não votou no Venceslau.

Entrevistadora: Eu achei realmente assim... não entendi muito o sentido.

Dr. Lacombe: É, ele...

Entrevistadora: Porque as forças eu acho, políticas, o momento político inclusive estavam muito mais, eu acho, para ele do que... mas realmente aquele velho sistema político, café com leite...

Dr. Lacombe: Tá bom. Mais alguma coisa?

Entrevistador: Uma coisa que eu gostaria de perguntar ao senhor. O senhor poderia dar uma ideia assim geral da casa? O que o senhor lembra ou sabe da casa? Exatamente nessa parte do puxado, como seria na época do Rui? Porque nós temos a intenção agora com o prédio novo de reabrir ao público salas...

Dr. Lacombe: Aquele puxado. Aquele puxado tem primeiro uma sala junto à copa, não é isso? Com uma caixa d'água.

Entrevistador: Andar superior, não é?

Dr. Lacombe: É. Uma caixa d'água, não é?

Entrevistadora: Caixa d'água não existe mais.

Dr. Lacombe: Não existe mais. Mas depois tinha um pequeno quarto, que era um quarto onde morava uma tia de d. Maria Augusta, chamava

⁸⁰ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Couto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/miguel-de-oliveira-couto>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁸¹ Para maiores informações, vide verbete “José Joaquim Seabra”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SEABRA,%20J.%20J..pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

tia Elisa. Tia Elisa Moniz Bandeira. Depois tinha aquela sala onde trabalhava d. Celina, era também um quarto.

Entrevistador: O senhor disse que essa sala de d. Celina...

Dr. Lacombe: Já estava com livros também.

Entrevistador: Mas ela era dividida?

Dr. Lacombe: Era dividida. Eram quatro quartos pequenos ali. Depois é que vinha então uma outra salinha de azulejos, onde trabalhou o Thiers⁸² e que era uma espécie de copa onde ficava... a escrita, governantes etc. Depois vinha a cozinha grande. A cozinha tinha um salão, tinha o fogão de coque⁸³ e tinha ao lado até um caixote para guardar o coque, que o Rui dizia que o fogão de gás esfriava muito depressa e a comida não ficava tão boa. Que o fogão de coque conservava o calor mais tempo. Eram coisas de requinte de comida, que eu não sei se é verdade. Agora, embaixo, tinha na parte da frente que dá para a entrada, dá para virar aquela porta para a rua, o escritório⁸⁴ do Batista Pereira. O Batista morava⁸⁵ naquela parte de cima, onde está a sala do Irapuã⁸⁶ hoje, naquelas duas salas moravam as crianças. Tinha uma saleta de passagem, o quarto das crianças, depois do quarto do casal. Tinha o escritório lá embaixo, no porão. Na parte da frente. Terminava naquela porta de entrada.

Entrevistador: Era dividida aquela sala...

Dr. Lacombe: Aquela sala tinha uns lambris e livros todos em volta. E a secretária no meio. Era o escritório do Batista. Agora depois seguia-se um quarto muito grande que era aonde morava o João, que ele chamava

⁸² Refere-se a Thiers Martins Moreira (1904-1970), que foi advogado, professor, escritor, pesquisador e diretor por 18 anos do Centro de pesquisas da FCRB. Para maiores informações, vide verbete “Thiers Martins Moreira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moreira-thiers-martins>>. Acesso em: 21 maio 2020.

⁸³ Ao analisar a evolução do fogão no livro *Cozinha modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*, João Luiz Máximo da Silva aponta que os fogões poderiam utilizar lenha, carvão vegetal ou coque para o seu funcionamento. Coque é um subproduto do carvão mineral, obtido por meio do processo de coqueificação, em que o carvão mineral é submetido a altas temperaturas na ausência de oxigênio.

⁸⁴ Atualmente, essa sala é ocupada pela Biblioteca Infantojuvenil Maria Mazzetti.

⁸⁵ Referência ao sobrado que em sua fase residencial fora ocupado por Maria Adélia – filha mais velha do casal Rui Barbosa e Maria Augusta – seu marido Antonio Batista Pereira e os filhos. O local é composto por três ambientes (sala Instrução Pública; sala Estado de Sítio e sala Abolição). Na fase museu, anteriormente à construção do prédio anexo, foi a sala do diretor; após 1966, com a transformação em Fundação Casa de Rui Barbosa, passou a ser ocupada pelo presidente e pelo diretor executivo.

⁸⁶ Refere-se a Irapoan Cavalcanti de Lyra, diretor executivo da FCRB, no período de 1967 a 1978.

Château Misère. Este quarto do João é que era... o João morava ali, pintava o diabo, era muito... depois ainda tinha três peças. Tinha o escritório do Batista, o quarto do João e uma parte final onde já havia livros, encadernação e etc. Aquela porta do fundo, a última porta, aonde está o centro de pesquisas era uma sala um pouco menor onde estavam livros e já havia ali uma oficina de encadernação.

Entrevistador: Mas, não era essa última parte exatamente embaixo da cozinha?

Dr. Lacombe: Embaixo da cozinha.

Entrevistador: Nunca foi refeitório de empregados?

Dr. Lacombe: Ah, havia um refeitório de empregado,⁸⁷ agora onde é que eu não sei.

Entrevistador: Porque havia até aquele tipo de elevador⁸⁸ que a comida descia.

Dr. Lacombe: Descia, é. Eu tenho impressão que ali ainda havia um refeitório de empregados, tem razão. Havia um refeitório de empregados sim. Ao lado do quarto do João. E o depósito de livros era lá no fundo, perto da cocheira.

Entrevistador: Ah, sim, perto da cocheira.

Dr. Lacombe: É, naquela parte do fundo, onde estive o quarto do Ventura e depois se fez ali uma...

Entrevistador: E tem uma pequena salinha onde eu trabalho, ao lado do tanque de pedra e que eu fui informado que teria sido ali o depósito de carvão coque e de lenha.

Dr. Lacombe: É possível, não me lembro não. Me lembro que tem uma bomba⁸⁹ ali de...

Entrevistador: Tem.

Dr. Lacombe: ... de subir água onde o João quebrou uma falange de um dedo.

Entrevistador: É?

Dr. Lacombe: É, ficou com o dedo com defeito o resto da vida. Ele foi fazer aquilo muito violentamente e quebrou o dedo. Ele teve que arrancar a falange.

Entrevistador: E aquela estufa, dr. Lacombe?

⁸⁷ Fase residencial.

⁸⁸ Na cozinha do museu há uma placa onde ficava o elevador monta carga.

⁸⁹ Bomba d'água: objeto do acervo museológico, disponível em: <<http://acervos.casaruiarbosa.gov.br/>>.

Dr. Lacombe: Essa estufa é que é uma pena. A estufa parece que já estava em decadência. A casa ficou em abandono, como sabem, porque o governo comprou a casa e não sabia o que fazer dela. Comprou em 23 e a casa só se inaugurou em 30. Nesse meio tempo, cresceu mato, tudo se abandonou, até uma cobra foi apanhada lá e com a pele dessa cobra se encadernou um livro que está lá na...

Entrevistador: Um relatório da...

Dr. Lacombe: Agora... nesse momento acho que a estufa foi abandonada. De modo que quando se reconstruiu a casa,⁹⁰ a estufa não foi mais aproveitada. E o Luís Camilo quando era diretor construiu aquela casa, que o ministro... que desejava que fosse dele e acabou destinando ao zelador. E a casa tem muito mau gosto.

Entrevistador: Não tem nada a ver com aquilo.

Dr. Lacombe: Não tem nada que ver. Podia ter feito uma coisa em seguimento com aquele puxado.

Entrevistadora: Exato. Ficaria mais recuado.

Dr. Lacombe: Ficaria recuado, mas ele fez ali porque ele diz que dali via o portão. Realmente daquela varanda vê-se a entrada. De maneira que quebrou muito o encanto. O certo será destruir a casa e reconstituir a estufa porque o jardim deve estar mais bem tratado e precisa ter samambaias guardadas em estufas.

Entrevistador: Dr. Lacombe, muito obrigada. Eu acho que... Regina quer perguntar mais alguma coisa?

Entrevistadora: Eu não.

Dr. Lacombe: Está bom. Se quiserem mais outro dia, eu estarei aqui. Tem muito papel aqui do Rui Barbosa.

Entrevistador: Numa outra oportunidade então. Obrigada.

[Fim da gravação]

⁹⁰ Este espaço é hoje ocupado pelo Laboratório de Digitalização e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da FCRB.

**Judith Imbassahy De Mello
(depoimento, 1976)**

MELLO, Judith Imbassahy de. *Judith Imbassahy de Mello. (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Judith Imbassahy de Mello

Local da entrevista: Residência da entrevistada, rua Newton Prado, nº 37, apto. 301 – Santa Rosa, Niterói, Rio de Janeiro

Data da entrevista: 5 de maio de 1976

Duração¹: 30min 47s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann e Marcos Paulo Alvim

Descritores/Assunto: Arthur Imbassahy, sarau, casamento, música, festas, J. J. Seabra, filhos, chás, Confeitaria Paschoal, Confeitaria Colombo, canto lírico, personalidade de Rui, Maria Augusta, refeições, Niterói, indumentária.

Biografia²:

(n. Recife, PE, 1886-f. [?])

Foi cantora lírica.

Era filha de Artur Imbassahy e Idalina Soares Imbassahy. Seu pai era médico e foi amigo íntimo de Rui Barbosa. Tanto Artur Imbassahy quanto Rui Barbosa e J. J. Seabra foram alunos de latim de Henrique dos Santos Imbassahy, avô paterno de Judith.

Foi casada com o médico Vital de Mello (sanitarista) e tiveram como padrinho de casamento de Rui Barbosa.

Teve três filhos: Geraldo Imbassahy de Mello (advogado), Ernesto Imbassahy de Mello (advogado) e Vital Imbassahy de Mello (médico).

É avó da cantora lírica Judith Imbassahy de Mello Fortes.

¹ A entrevista está dividida em duas partes com 30min 20s e 27s, respectivamente. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A biografia foi adaptada do texto elaborado pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE I

Entrevistador: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui, estamos hoje em Niterói, na residência de d. Judith Imbassahy de Mello para gravar o seu depoimento. D. Judith, nós gostaríamos de saber alguns dados sobre o seu contato com a família Rui Barbosa e as vezes em que a senhora frequentou a residência. Qual era exatamente a relação que a senhora mantinha com a família Rui Barbosa?

(Música clássica ao fundo – piano)

Judith: Bem, a amizade era muito grande entre eles, o conselheiro Rui Barbosa e meu pai, Artur Imbassahy. Ambos baianos, ambos foram discípulos de latim do meu avô³ Imbassahy e mantiveram uma amizade muito leal durante a vida inteira de ambos. Então, eu frequentava a casa dele e, depois, quando moça cantava. Cantei muito. Na data de 5 de novembro, data do aniversário do conselheiro e a última vez que tomei parte nesse programa de arte, festivo, portanto, foi um mês depois do meu casamento. Aí ele interrogou o meu pai: “Como é Imbassahy, não temos este ano a Judith?” Meu pai disse: “Bom, agora dirija-se a ela”. E eu prontamente muito feliz, satisfeita, tirei a cauda do meu vestido de noiva e tomei parte no concerto. Fui muito bem recebida, um sucesso, e terminou o programa eu cantando um dueto com um baixo de uma

³ Henrique dos Santos Imbassahy era avô paterno de Judith.

companhia lírica que estava no momento aqui no Brasil. Chamava-se Giuseppe Soldi.

Entrevistador: Isso foi quando mais ou menos, d. Judith?

Judith: Em 19... em 1906. Eu me casei em outubro de 1906 e o aniversário dele foi em novembro de 1906. Foi a última vez. E agora deu-se o seguinte: há poucos meses, a minha neta, que tem o meu nome, tomou parte num concerto justamente na casa do Rui Barbosa. Depois da morte do Rui, eu não voltei lá. Casei-me, tive filhos, vida diferente e tal. Acabou. Mas minha neta foi convidada e o concerto era em três partes: piano, a primeira parte; segunda parte, harpa; e terceira parte, canto. E então eu tive uma emoção muito grande, muito grande mesmo. Primeiro, saudade do meu pai, me lembrando do passado, aquilo era como que a segunda casa dele. Depois a minha neta. Eu estava me vendo na neta. E depois a saudade que eu estava de meu filho, pai da menina, que não estava presente para participar daquela nossa alegria, porque não existia mais, tinha morrido.

Entrevistador: A senhora foi... o Rui Barbosa foi seu padrinho de casamento?

Judith: Foi meu padrinho de casamento juntamente com a senhora⁴ de Nilo Peçanha.

Entrevistador: E aquele fato a que a senhora se referiu com relação ao convite para...

Judith: Porque meu pai tinha convidado o Rui e a esposa, d. Maria Augusta, e eu muito amiga da Anita Peçanha desejava que Anita fosse minha madrinha. Então, o Rui Barbosa achou isso muito natural e disse: “Bom Imbassahy, então nesse dia eu me descaso de Maria Augusta e nós dois, eu e Anita, seremos os padrinhos da Judith” – o que realmente aconteceu. [risos]

Entrevistador: D. Judith, a senhora se recorda desses saraus que a senhora tomava parte. Quais eram as músicas da preferência do Rui Barbosa, da d. Maria Augusta?

Judith: Música erudita, sempre música erudita.

Entrevistadora: E nesses concertos que a senhora participava, outros artistas também eram convidados, que a senhora lembrasse o nome que

⁴ Anita de Castro Belisário Soares de Sousa Peçanha. (Consultado em GUEDES, Ciça. *Todas as mulheres dos presidentes: a história pouco conhecida das primeiras-damas do Brasil desde o início da República*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2019.)

compartilhassem com a senhora nessas noites festivas? Eram necessariamente à noite os saraus?

Judith: À noite, é! As festas do Rui eram festas que deixavam um nome mesmo. Outros artistas tomavam parte, mas eu não me lembro.

Entrevistadora: Não no momento, não.

Entrevistador: E ficavam os salões⁵ todos abertos?

Judith: Abertos, a casa muito elegante sempre.

Entrevistadora: E a entrada pela frente?

Judith: Pela frente, justo.

Entrevistadora: Os salões eram abertos e a entrada era feita pela frente.

Judith: Justo.

Entrevistador: Era usado aquele piano⁶ Bechstein, aquele piano que tem lá na frente, numa das salas da frente?

Judith: Eu não sei se o piano é o mesmo, porque o tempo já vai muito longe, mas os salões e o ambiente mesmo. Tanto que me trouxe muita recordação e muita saudade.

Entrevistador: A senhora acha que a casa atualmente está... lembra muito na feição...

Judith: É, perfeitamente.

Entrevistador: D. Judith, o que que... d. Maria Augusta participava ativamente dessas reuniões?

Judith: Ah, muito. Era uma senhora muito fina e viviam muito bem. O Rui era um eterno apaixonado da esposa. Ele adorava a esposa, que realmente era muito bonita, muito virtuosa e muito amiga dele.

Entrevistador: E com relação a algum artista, algum cantor lírico estrangeiro que tivesse estado aqui e que tivesse cantado na casa do Rui Barbosa?

Judith: Além do baixo que cantou comigo a cena da Aída... da ópera, eu não lembro mesmo.

Entrevistadora: Nós temos notícia que o Rui Barbosa sabia tocar piano, porque ele quando criança aprendeu a tocar piano para incentivar a irmã dele, que também tocava. A senhora alguma vez teve oportunidade de vê-lo tocando?

Judith: Nem sabia desse detalhe.

Entrevistadora: Não sabia não?

⁵ Refere-se as três salas destinadas às festas, denominadas na fase museu de: sala Pró-Aliados (sala de visitas); sala Federação (sala de festas) e sala Buenos Aires (sala de música).

⁶ *Piano de meia cauda* marca C. Bechstein, Alemanha (século XIX); objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Judith: Apesar de íntima não sabia desse detalhe. Agora, ele era um apreciador da música, música boa. Ele e ela.

Entrevistador: E a senhora se referiu também ao fato de... foi seu avô que era amigo do J. J. Seabra⁷ também?

Judith: É, meu pai.

Entrevistador: Seu pai, não é? Seu pai que era amigo do J. J. Seabra.

Judith: Baianos, todos da mesma época, não é? Se conheciam. Meu pai também era um médico, como meu marido também foi.

Entrevistador: Mas veio morar no Rio de Janeiro?

Judith: Veio. Casou e veio morar no Rio de Janeiro, porque minha mãe era carioca.

Entrevistador: Ah, tem um retrato aqui.

Judith: Ele e ela. Minha mãe era filha do comendador Aparício Leocádio Soares. Está ali, meu avó. Eu aqui vivo no meu mundo, viu?

Entrevistador: Ah, faz muito bem! Uma casa muito bem decorada.

Judith: Tudo muito simples, porque eu sou simples mesmo. E perdi meu marido infelizmente. Casei os filhos. Moro aqui, moro só, então vivo no meu mundo, com fotografias de todos.

Entrevistador: E com muito boa música também. [risos] Muito musical aqui.

Judith: A música sempre fez parte da minha vida.

Entrevistador: D. Judith, e nessas suas idas à casa de Rui Barbosa, a senhora se recorda... a senhora ia também frequentava a casa fora dos dias do recital?

Judith: Dos dias festivos.

Entrevistador: Dos dias festivos.

Judith: Porque meu pai era *persona grata*, como se diz, do Rui. Era um grande amigo. Ele fazia uma distinção muito grande e meu pai todas as semanas jantava com ele um dia.

Entrevistador: E a senhora às vezes ia também?

Judith: Eu nem sempre ia, mas ia muitas vezes. Era mocinha, nem sempre ia.

Entrevistador: E a senhora se recorda de algum fato, alguma coisa lá na casa durante uma dessas suas idas lá, os jardins, como eram os jardins?

Judith: Tudo muito cuidado, até muito rico, muito bonito. Ele recebia a melhor gente e a casa do Rui era até... era notável mesmo. Conheci bem

⁷ Para maiores informações, vide verbete J. J. Seabra, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SEABRA,%20J.%20J..pdf>>. Acesso em: 9 maio 2020.

os filhos dele. Era muito amiga eu da mais velha, Dedélia.⁸ Ele tinha três filhas: Dedélia, a mais velha; a Chiquita,⁹ que casou com o Airoso; e a mais moça, que tinha o apelido de Baby.¹⁰ E dois filhos, o Ruizinho,¹¹ mais velho, que era oficial da Marinha...

Entrevistadora: Era Alfredo Rui e João Rui.¹²

Entrevistador: E a d. Baby está sempre lá na casa, ela vai sempre lá.

Judith: É?

Entrevistadora: Inclusive ela já prestou um depoimento¹³ para nós semelhante ao da senhora.

Judith: Nunca mais a vi. Sabe, essa coisa... a vida, não?

Entrevistadora: Ela mora no Rio, lá na Urca. Volta e meia ela nos frequenta.

Judith: Também deve estar senhora.

Entrevistadora: E um fato interessante também, que a neta dela, a Beatrix,¹⁴ trabalha conosco lá na Casa de Rui.

Judith: Ah é, não é?

Entrevistador: D. Judith, nós gostaríamos muito se a senhora quisesse voltar na casa e nos visitar mais uma vez lá na Casa de Rui Barbosa. Se a senhora quiser ir, temos o máximo prazer.

Judith: Pois não. Vocês moram lá?

Entrevistador: Não, não, eu digo...

Entrevistadora: Trabalhamos.

Judith: Trabalham lá.

Entrevistador: Eu digo a casa porque nós diariamente estamos lá.

Judith: Exato.

Entrevistador: E agora a casa vai ser totalmente reaproveitada, quer dizer, reaberta ao público.¹⁵ Toda a parte de administração vai sair para um prédio

⁸ Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira casou-se com Antonio Batista Pereira.

⁹ Francisca Rui Barbosa Airoso casou-se com Raul Antônio Airoso.

¹⁰ Maria Luisa Vitória Rui Barbosa Guerra casou-se com José da Costa Guerra.

¹¹ Alfredo Rui Barbosa casou-se com Marina Braga Rui Barbosa.

¹² João Rui Barbosa casou-se três vezes: o primeiro casamento com Hermengarda Helena Valentim Rui Barbosa; o segundo casamento com Cecília e o terceiro com Raymonde.

¹³ D. Baby foi entrevistada para o projeto Memória de Rui, em 10 de abril de 1975.

¹⁴ Beatrix Rui Barbosa Guerra Martins. Foi servidora da Fundação Casa de Rui Barbosa, ocupou o cargo de Pesquisadora de 1975 a 1998, ano de sua aposentadoria.

¹⁵ “Durante a década de 1970, realizaram-se as grandes transformações físicas e institucionais que acabaram por delinear o contorno contemporâneo da fundação: foram ampliadas as suas instalações, tendo-se construído um prédio nos fundos do jardim (projeto de arquitetos do Sphan) para abrigar a biblioteca, o arquivo, a administração da fundação e os setores de pesquisa. A antiga residência ficaria dedicada ao museu e à sua administração” (MUSEU Casa de Rui Barbosa. São Paulo: Banco Safra, 2013. p. 10).

novo que tem nos fundos do jardim. Dando saída para a rua Assunção. E, com isso, toda a casa vai poder ser reaproveitada como era na época do Rui.

Entrevistadora: E seria interessante inclusive que numa dessas visitas da senhora, se a senhora lembrasse de alguma disposição de mobiliário, como era aproveitada determinada sala. Isso para nós seria de grande valia na recomposição.

Judith: Pois sim. Combinamos, eu vou um dia e procuro me lembrar.

Entrevistador: A senhora frequentou algum chá, assim ao ar livre lá no jardim? Porque nós soubemos também que à tarde havia chá servido em mesinhas naquela varanda que dá para o jardim interno.

Judith: Não.

Entrevistadora: Os chás, as recepções que a senhora foi foram sempre internos?

Judith: Internas.

Entrevistadora: Nunca ao ar livre.

Entrevistador: D. Judith, essas recepções, por exemplo, o casamento de d. Dedélia foi lá? Não foi?

Judith: Foi.

Entrevistador: A senhora por acaso tem alguma...

Judith: Eu não fui ao casamento.

Entrevistador: Esses saraus, d. Maria Augusta também tocava piano?

Judith: Não, os elementos eram todos de fora: parentes, amigos, artistas.

Entrevistador: E como se desenvolvia um sarau naquela época? As pessoas chegavam... como era em geral que se desenvolvia, o canto, as conversas eram entremeadas, ou havia uma hora só para aquilo?

Judith: Não. Muito respeito quando se fazia música.

Entrevistador: Não, mas eu digo, havia uma hora especial depois, mais tarde todos paravam e iam para as proximidades do piano e então ouviam as músicas ou era entremeadado?

Judith: As festas do Rui... primeiro concerto. Concertos e somente concertos. Em silêncio, para que se ouvisse bem.

Entrevistador: Nessa hora não se servia nada?

Judith: Nada. Era somente música. Agora, depois disso sempre um baile e, então, o serviço.

Entrevistador: Em geral, Colombo¹⁶ ou aquelas Casas Paschoal.¹⁷

¹⁶ FREIRE, Renato. *Confeitaria Colombo: sabores de uma cidade*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

¹⁷ A Confeitaria Paschoal estava localizada na rua do Ouvidor, 126. O estabelecimento gozava de grande prestígio visto que o fornecimento de gêneros alimentícios a ser servido no Baile

Judith: É, Paschoal e Colombo, justamente, as duas.

Entrevistador: Paschoal e Colombo.

Entrevistadora: Uma característica da época.

Judith: Uma parece que não existe mais.

Entrevistadora: Paschoal. Eu não estou lembrada.

Judith: Acho que só tem Colombo agora, acho que na Gonçalves Dias. É, a outra acabou.

Entrevistador: Mas depois do concerto então havia baile?

Judith: Sempre! No aniversário dele era isso: concerto, depois do concerto, baile e serviço de *buffet*.

Entrevistadora: E o baile era no salão central da casa? Aquele espelhado que nós damos agora o nome de sala Federação?

Judith: Não sei.

Entrevistadora: Porque na frente são três salas.

Judith: Ficava a sala de música e numa outra. Em todas.

Entrevistador: Em todas da frente.

Judith: Todas da frente, é isso mesmo.

Entrevistador: E as portas abertas para a varanda?

Judith: Abertas, é, varanda, sempre muita gente. As festas lá eram muito boas.

Entrevistador: E a senhora conheceu então também o Batista Pereira, que foi casado com a filha dele, não?

Judith: Mais ou menos. Meu pai conheceu melhor.

Entrevistador: D. Judith, a senhora terá aí com a senhora algumas partituras de músicas da época?

Judith: Tive todas, mas não tenho nenhuma.

Entrevistador: Não tem nenhuma, né? É, porque isso seria interessante, volta e meia nós encontramos alguma referência na correspondência de Rui e da d. Maria Augusta, vice-versa; encontramos alguma referência sobre uma música da preferência deles. E isso era interessante, nós poderíamos levantar, fazer um levantamento disso. De modo que...

da Ilha Fiscal, a última grande festa da monarquia, ficou sob responsabilidade da extinta confeitaria. (KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 2017. Disponível em: <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/187-comida-bebida-e-diversao-uma-analise-comparada-do-perfil-de-restaurantes-e-confeitarias-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix-1854-1890/file>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

Judith: Infelizmente nesse ponto eu não posso ajudar. Tive as partituras muitas, mas...

Entrevistador: D. Judith, eu queria que a senhora falasse agora um pouco sobre as suas atividades no canto.

Judith: Bem, eu vou ler só um pouquinho aqui de uma notícia de um dos nossos jornais, quando eu apareci pela primeira vez em público.

Entrevistador: Foi?

Judith: Em 1905, junho de 1905. O primeiro concerto e a primeira vez que eu me apresentei. Então de um dos nossos jornais a notícia é essa:

Entrevistador: *Tribuna*.

Judith: *A Tribuna*. Esse aqui é d'*A Tribuna*. Tem d'*O País*, *Jornal do Commercio*, todas iguais mais ou menos. “Com o gracioso concurso de sua gentilíssima discípula, Srta. Judith Imbassahy, realizou ontem o professor Amaro Barreto o seu anunciado concerto do Salão do Instituto Nacional de Música” – digo eu hoje Escola Nacional de Música. “À fiel e brilhante execução do programa interpretado a capricho por artistas de mérito incontestemente bem couberam às palmas que lhe foi pródigo o auditório. Não é propósito nosso realçar com galhardia como que todos superiormente se houveram no desempenho de seus respectivos números, dizendo ter o sr. Amaro Barreto, que com maestria executou o *Noturno* em si bemol, de Chopin, e a *Polonaise* também de Chopin, reunido aos esforços dos professores Larrigue de Faro, Biloró e Chernekiario, nomes consagrados no nosso meio musical. Facilmente se concebe quão difícil nos fora tal empresa. De justiça é, porém, salientarmos aqui como revelação preciosíssima o sentimento, a graça, a perfeição com que foram pela srta. Judith Imbassahy interpretadas todas as partes que lhe designara o programa. A cantilena *Cinq Mars*, de Gounod, e a ária do *Schiavo*, de Carlos Gomes, deram-lhe o ensejo para deixar bem patentes os formosos dotes de sua voz de soprano. Mas foi sobretudo no admirável dueto do *Navio fantasma*, de Wagner, que mais se evidenciou. Facilmente, vencendo as dificuldades do trecho e arrancado de todo o auditório prolongadíssimos aplausos”. Essa é uma notícia de jornal *Tribuna*.

Entrevistador: D. Judith, a senhora era meio-soprano?

Judith: É, comecei como meio-soprano. Cantei muito com algum sucesso a Carmen, aquela ária das Cartas, quando a Carmen estava lá com os contrabandistas. Depois, com o continuar dos estudos eu passei a soprano lírico e aí me firmei.

Entrevistador: E essas apresentações eram feitas em geral em casas de família?

Judith: É, casas de família, relações de meu pai, em salões. Em teatro, muito pouco.

Entrevistador: Mas a senhora se referiu a uma apresentação no Theatro Municipal de Niterói.

Judith: Aqui de Niterói, onde eu cantei mais de uma vez aqui no teatro de Niterói.

Entrevistadora: A família da senhora é tradicional aqui de Niterói?

Judith: É, embora eu não seja fluminense nem mesmo carioca. Eu sou de Pernambuco.

Entrevistador: A senhora é de Pernambuco? Nascida em Recife?

Judith: Justo. E fico muito satisfeita por ter nascido lá. Gosto do pernambucano.

Entrevistadora: A senhora veio para cá muito jovem?

Judith: Eu vim cedo, me criei aqui, mas acho que tem muito dentro de mim...

Entrevistadora: Ainda, de lá.

Judith: É, de lá.

Entrevistadora: E visitou algumas outras vezes também?

Judith: Fui. Fui e casei-me com um pernambucano. E meu marido, então é um pernambucano de verdade. O pai nasceu lá, nunca saiu de lá, a mãe também.

Entrevistador: E o nome dele?

Judith: Meu marido?

Entrevistador: É.

Judith: Vital Modesto da Silva Mello. E meu cunhado, irmão dele mais velho foi deputado por Pernambuco, foi líder da bancada pernambucana, depois foi senador da República e quando morreu era governador do estado dele, Pernambuco.

Entrevistador: D. Judith, voltando ao Rui Barbosa, a senhora poderia dizer alguma coisa sobre o modo de ser do Rui Barbosa, uma pessoa que privasse com ele, quer dizer, qual era a impressão que a pessoa tinha?

Judith: Quanto ao talento, não preciso dizer nada, porque todos sabem, não é? Uma cabeça formidável, um talento ímpar. Era uma coisa absoluta, total. Agora, ele não sentia felicidade dentro dele. Era um homem amargo, amargurado, tristonho, decepcionado.

Entrevistador: Que demonstrava isso?

Judith: É.

Entrevistadora: Não com relação, como a senhora já disse, à mulher dele, não é?

Judith: Ah! Com a mulher ele vivia no céu. Ele era apaixonadíssimo por ela, admirava mesmo e viviam muito bem. Ela muito distinta sempre.

Entrevistadora: Mas talvez com a vida assim atribulada, de carreira política dele e outro fato assim que a senhora lembre que possa ter feito com que ele se demonstrasse assim triste como a senhora fala?

Judith: Ele se afastava muito das conversas. Não procurava e até se afastava. Agora, com meu pai, ele era um grande amigo do meu pai. Ele sentia prazer na companhia, na conversa e meu pai era um admirador extraordinário.

Entrevistador: E às vezes a senhora disse que ele até interrompia a refeição e chamava seu pai para conversar.

Judith: Justamente. Nem sempre ele terminava. Sentia-se cansado ou enfadado. Não sei! Amargurado como ele era muito. Ele se levantava muitas vezes antes de terminar e chamava: “Imbassahy, vamos para o escritório, ao gabinete”. Fazia muita pilhéria com meu pai, apesar disso fazia muita graça. Às vezes botava garfos, colheres, coisas nos bolsos de meu pai e chamava atenção da d. Maria Augusta: “Maria Augusta, presta atenção aqui ao Imbassahy. É melhor revistá-lo e tal”.

Entrevistadora: Está faltando alguma coisa. [risos]

Judith: “Conta vê se falta alguma coisa”. E até meu pai ficava satisfeito porque era um momento em que ele estava alegre.

Entrevistadora: Estava descontraído, não é?

Judith: Descontraído. Justo.

Entrevistador: D. Judith, e eu gostaria de saber aqui em Niterói... como era a vida aqui em Niterói. As pessoas se frequentavam ou iam à praia também, como era?

Judith: Muito agradável. Um grupo amigo, um grupo grande – não muito grande –, mas um grupo grande de amigos. Então tomávamos banhos de mar juntos e... muito bem, mas um dia, depois de alguns banhos de mar, de muita alegria, os maiôs começaram a aparecer. E numa vez...

Entrevistador: Até então como era a vestimenta?

Judith: Ah, até então era calça bem comprida, ainda com babado caindo no peito do pé, manga, meia manga, nada de decote – a minha roupa era assim, e a de todo mundo mais ou menos também assim. E tomávamos... íamos todos, vários casais amigos para banho de mar. Era uma alegria mesmo. Não tem dúvida. Mas nisso a coisa foi mudando. Apareceu maiô

e numa ocasião meu marido me chamou e disse: “Judith, meu bem, os banhos de mar se acabaram”. [risos] Por que dizia ele? “Não, porque...” Já se entende, não é? E acabaram-se mesmo. Mas eu não me importei com isso, ele não queria, estava no seu direito de não querer e eu não tomei mais banho de mar. O tempo passou, meus filhos cresceram, fizeram-se homens, rapazes. Eu sempre com muita visita em casa, sempre procurando fazer um ambiente alegre, um lar agradável. Então tinha hóspedes, amigos e tal. Todos aos domingos iam para o banho de mar. Inclusive meu marido. [risos]

Entrevistadora: Ele não deixou de ir.

Judith: Inclusive ele. E eu ficava muito satisfeita em casa, fazendo as sobremesas para a volta do banho de mar e tal. E assim me sentindo bem, me sentindo realizada com o companheiro que Deus me deu, vivi muito feliz, fiz bodas de ouro. E eu não sei se digo aqui uma frase que meu marido me dizia sempre.

Entrevistador: Diga.

Entrevistadora: Diga, sim!

Judith: E tenho no coração uma frase de meu marido repetida: “Judith, eu sou um homem feliz porque encontrei você no meu caminho”.

Entrevistador: D. Judith, a senhora poderia ler então um trecho do que ele escreveu?

Judith: Pois não. Um trecho aqui no livro de bodas de ouro: “Minha querida Judith: eis chegado o dia tão almejado das nossas bodas de ouro, o maior e mais significativo acontecimento da nossa união conjugal, carinhosamente celebrado por iniciativa dos nossos filhos Ernesto e Vital”. O que disse ele: “a você minha Judith, minha companheira fiel e dedicada de meio século de convivência diária, que soube fazer do nosso lar um centro de bem-estar físico e espiritual, ambiente de felicidade, com a sua bondade e os seus exemplos de dignidade, amor e lealdade, sabiamente orientados pela sua inteligência e grande coração, o meu agradecimento muito afetuoso”.

Entrevistador: E agora eu pedi à senhora também um trecho...

Judith: O meu?

Entrevistador: Certo.

Judith: Um trecho: “Meu querido Vidal: o meu pensamento a Deus por me ter dado como marido um homem honrado, bondoso, de caráter firme. Bens que os nossos filhos Geraldo, Ernesto e Vital souberam herdar, completando assim a minha alegria de viver, com felicidade e

paz no nosso lar. Por mais que agradeça a Deus todas essas graças com preces de amor ao meu próximo, sinto-me sempre em dívida com Ele. Somos pobres de coisas materiais, porém ricos no que sempre tivemos e sentimos de espiritual”.

Entrevistador: Agora eu ia pedir a senhora que lesse essa... o que seu filho escreveu, que é muito bonito.

Judith: “Minha querida mãe, meu bom pai: estais a colher o que plantastes nesta vida. Bondade, muita bondade, minha mãe. Respeito, merecido respeito, meu pai. Cuidados, desvelos, sacrifícios, renúncias e amor pelos filhos, santificaram a tua vida, minha mãe. És exemplo de virtudes e de superior espiritualidade. Sinto-me dignificado por ser teu filho. Probidade e cumprimento firme do dever, coragem e simplicidade valorizam a tua personalidade, meu pai. Sinto-me honrado por ser teu filho. Abençoado lar de 50 anos, simples, modesto, de pobreza honesta, dificuldades, mas sempre digno. Conheceu alegrias e dores. Foi povoado de risos e lágrimas e sempre humano com grandeza d’alma. Nele tiveram ressonância dores alheias e, também, as próprias profundas, inesquecidas, quando por desígnios da providência encerrou-se a vida humana do vosso filho Geraldo, meu querido irmão, que tem uma página em branco nesse álbum e é a mais cheia de sentimentos. A fé nunca vos abandonou nem a bondade de coração. Nunca feristes ninguém nem por palavra nem por ações. Construístes o mais belo dos monumentos, um lar cristão. Meu pai: por ti, seguindo os teus exemplos, caminharei com segurança no plano terreno. Minha mãe: por ti, através de sua imagem, pressinto o mais além: o Divino, a graça de Deus”.

Entrevistador: Muito obrigado, d. Judith...

Judith: Eu estou lendo um trecho do meu filho e fica desigual não ler um pedacinho feito pelo outro.

Entrevistador: Ah, então a senhora lê, por favor. Então a senhora lê o trecho do outro.

Judith: Porque eu tenho dois filhos, não é?

Entrevistador: É claro, a senhora lê sim.

Judith: É uma exceção que eu faço, porque não é simpático.

Entrevistador: Claro, por favor, a senhora lê.

Judith: Bom, lendo o que disse o meu filho Ernesto, agora eu vou ler o que disse o outro meu filho, Vital. Não é isto? Eu vou fazer aqui um interregno. Toda a mãe dá a seu filho no dia de comunhão um livro de primeira comunhão como eu fiz com este que hoje é o médico. Então ele aproveitou

um trecho da minha dedicatória e encaixou no que escreveu no nosso álbum. “Queridos pais: venturoso filho que aos 9 anos de idade, no dia de sua primeira comunhão recebe de sua mãe palavras tão belas dedicadas com a bondade sempre existente em seu coração”. E aqui ele tira, quer dizer: “Meu filho, tenha sempre o seu coração pronto ao perdão e à caridade. Fuja ao que é errado, trilhando o caminho da honra e da virtude. Eis o segredo da verdadeira felicidade”. Diz ele: “Guardei-as com merecido carinho e cada vez mais as admiro porque reflete fielmente a existência de vocês, de vida para o bem, exemplos a serem seguidos pelos filhos e netos. Com gratidão e humildade elevo meu pensamento a Deus pedindo-lhe para o querido Geraldo participar da nossa felicidade”.

Entrevistador: Muito bem. Bom, d. Judith, eu quero agradecer a senhora esse depoimento hoje, dia 5 de maio de 1976.

Fim da gravação

PARTE II

Entrevistador: D. Judith, então eu quero agradecer à senhora pelo depoimento, hoje, dia 5 de maio de 1976, e lembrando aqui que estamos há cerca de cinco meses da data em que a senhora irá completar os seus 90 anos. Muito obrigado e até uma outra oportunidade.

[Fim da gravação]

**Maria Carolina Nabuco de Araújo (Carolina Nabuco)
(depoimento, 1976)**

ARAÚJO, Maria Carolina Nabuco de. *Maria Carolina Nabuco de Araújo
(Carolina Nabuco). (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Maria Carolina Nabuco de Araújo, com participação de Maurício Nabuco¹ (irmão).

Local da entrevista: Em sua residência, à rua Marquês de Olinda, nº 58, em Botafogo

Data da entrevista: 5 de maio de 1976

Duração²: 26min 36s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: saraus, Teatro Cassino, Maria Augusta, Batista Pereira, personalidade, Casa de São Clemente, Conferência de Haia, diplomata, Fluminense, tênis, Santos Dumont, Pinheiro Machado, Venceslau Brás.

Biografia³:

(n. Rio de Janeiro, 1890-f. Rio de Janeiro, 1981)

Romancista, memorialista, biógrafa e tradutora.

Filha de d. Evelina Torres Ribeiro Nabuco e de Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, escritor, diplomata e senador do Império, cofundador da Academia Brasileira de Letras.

Autora dos livros: *A vida de Joaquim Nabuco* (1929, biografia); *A sucessora* (1934, romance) – O romance foi adaptado para a televisão por Manoel Carlos (*A sucessora*, telenovela); *Chama e cinzas* (1947, romance); *Meu livro de cozinha* (1977, receitas culinárias); *O ladrão de guarda-chuva e dez outras histórias* (contos); dentre outros.

¹ Para maiores informações, vide o verbete “Maurício Nabuco”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-hilario-barreto-nabuco-de-araujo>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

² O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruiarbosa.gov.br/>>.

³ Consultado em: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711 – 2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

Entrevista 05/05/1976

Entrevistadora: Dia 5 de maio de 1976. Estamos em companhia da escritora Carolina Nabuco, filha do ilustre historiador e político brasileiro Joaquim Nabuco.⁴ Estamos em sua residência, à rua Marquês de Olinda, nº 58, em Botafogo, dando continuidade ao projeto levado a efeito atualmente na Casa de Rui Barbosa, chamado Memória de Rui. O nosso trabalho consiste em colher depoimentos de pessoas que tenham participado da vida particular ou pública de Rui Barbosa, que tenham presenciado manifestações públicas de Rui ou que tenham fatos interessantes a nos relatar sobre a época de Rui Barbosa. O seu nome, d. Carolina, foi lembrado pelo professor Américo Jacobina Lacombe⁵ em depoimento semelhante e por esse motivo estamos agora aqui para ouvi-la como mais uma fonte de informações para os nossos trabalhos futuros. D. Carolina, eu gostaria de escutar da senhora algum pronunciamento relacionado a alguma festa, alguma ocasião que a senhora tenha participado de algum movimento na casa de Rui Barbosa, um sarau, o que a senhora lembrasse, se a senhora pudesse esclarecer.

Carolina: Infelizmente não posso recordar nenhum sarau, nenhuma visita sequer à casa do Rui Barbosa, que eu não me dava com a família, com eles, com os mais velhos. Nunca vi o Rui Barbosa. Nunca ouvi. Nunca tive essa honra de poder dizer que eu vi o Rui Barbosa fazer um discurso. Nunca.

Entrevistadora: A senhora se dava mais com os filhos dele no caso?

Carolina: Eu me dava com os filhos. Me dava sobretudo muito bem, me lembro muito do João, sobretudo. Conhecia os outros também.

⁴ Para maiores informações, vide verbete “Joaquim Nabuco”, disponível em: <<http://www.joaquimnabuco.org.br/>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁵ Para maiores informações, vide verbete “Américo Jacobina Lacombe”, disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ajlacombe.html>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Entrevistadora: O Armando?⁶

Carolina: Mas o João...

Entrevistadora: Ruizinho? Armando Rui, chamado Ruizinho. A senhora conheceu?

Carolina: Conheço um neto dele.

Entrevistadora: E o nome a senhora lembra?

Carolina: Não... um que foi diplomata, não é, não... esse foi o genro dele. Os genros, os dois. O marido da filha também.

Entrevistadora: Ah, sim, o dr. Batista Pereira, que era o marido de d. Adélia.

Carolina: É.

Entrevistadora: E dele, o que a senhora lembra?

Carolina: Dele eu me lembro muito. Dele eu conheci muito. Porque ele frequentava aqui em casa também, era relação nossa e era uma pessoa muito interessante. Eu achava muito interessante.

Entrevistadora: Muito alegre...

Carolina: Pois é. Sempre cheio de vida, informado sobre tudo.

Entrevistadora: Nós temos inclusive depoimentos de outras pessoas que disseram que o dr. Batista Pereira acompanhava sempre o Rui nas jornadas políticas, sobretudo com ele. Que nas campanhas inclusive ele era como que um braço forte, estava sempre com Rui Barbosa. A senhora lembra disso?

Carolina: Não me lembro disso, nada disso. Mas acredito que ele tenha sido muito útil ao Rui Barbosa de qualquer forma, porque ele era... primeiro ele era muito inteligente e muito despachado, dinâmico...

Entrevistadora: Sim, isso é bastante interessante de saber. d. Carolina, nós sabemos também que a sua residência oficial era em Petrópolis e o Rui também teve a residência dele de verão lá, na avenida Ipiranga. A senhora lembra de algum fato de Petrópolis que pudesse ser interessante relatar no momento?

Carolina: Não, não me lembro de nenhum fato relacionado com Rui Barbosa. Me lembro de muitas histórias, além dos que eu conheci, histórias que contavam da família, que não eram sempre em abono deles, não é para beneficiar-se do Rui. Inclusive isso, isso eu não devo dizer, que d. Maria Augusta fazia muita questão de que ele cobrar muito mais do que ele queria, que às vezes ele queria pedir uma coisa mais modesta e

⁶ Armando Braga Rui Barbosa era neto de Rui Barbosa e filho de Alfredo Rui Barbosa.

que ela falava com os clientes. “Não senhor, é isso, aquilo, aquilo outro”. Isso eu nunca testemunhei, não tenho o direito de contar... [risos] Porque eu ouvi assim de terceiros.

Entrevistadora: Não, mas isso é interessante também.

Carolina: Mas não só isso é muito comum nos casais, como...

Entrevistadora: ... a mulher tem tino comercial também, não é...

Maurício Nabuco: E ele cobrava de menos. Ele era modesto... era um traço de modéstia de Rui.

Carolina: Uma coisa interessante é que o Rui nunca escapou dos ataques, embora muitos como esses tenham sido injustos. Esses, como d. Maria Luiza, talvez tenha sido injusto. Mas eu me lembro que quando ele recebeu a casa,⁷ onde ele residiu, quando a casa foi dada a ele, oferecida a ele pelo comércio do Rio de Janeiro, e como ele era ministro da Fazenda, houve grandes ataques achando que ele tava abusando do seu lugar aceitando um prédio de tal valor, quando ele podia fazer favores equivalentes.

Entrevistadora: A casa que a senhora está se referindo é a da São Clemente?

Carolina: É da rua São Clemente. Eu me lembro disso porque eu ouvi criticar o Rui pelo povo, não só pelo povo – o povo é modo de falar –, mas por muita gente. Entre os fatos de que o Rui foi acusado nessa ocasião foi o de aceitar de presente do comércio do Rio de Janeiro uma casa do valor daquela de São Clemente. Eu não estou gostando de falar mal.

Entrevistadora: Não, não se trata de falar mal. A senhora fala das ideias que a senhora tem do que ocorria na época e esse fato que a senhora relacionou sobre a roda de amigos que a senhora...

Carolina: Eu devo dizer que para agravar todos os defeitos que porventura o Rui tivesse e que como creio ter mostrado não eram grandes, não eram fundamente desonestos. Nunca ele... ele era também de uma roda de gente bem-nascida e bom... era o fato de eu viver numa roda muito fechada, muito monarquista... que acusava... descobria todas as culpas da gente ligada ao governo. Este é apenas um fato, esse da casa, como

⁷ No livro *Rui Barbosa na vila Maria Augusta*, Rejane M. M. de Almeida Magalhães desmente os boatos que surgiram ao esclarecer que a aquisição da casa custou o preço de 130 contos de réis. Para a entrada de 60 contos de réis, Rui tomou empréstimo com Afonso Luís Pereira da Silva – capitalista, amigo e colaborador de Carlito (Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui) –, e deu como garantia o prédio adquirido. Fez ainda uma segunda hipoteca da casa, em notas de cartório à Companhia Mercantil Hipotecária, no valor de 70 contos, que seriam pagos no dia 24 de outubro do mesmo ano de 1893. (Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_RejaneMagalhaes_RuiBarbosa_na_VilaMariaAugusta.pdf>. Acesso em 7 jul. 2020.

deve haver outros talvez menos graves, mas certamente outros. Gostaria de citar também um exemplo de como o Rui também era bom amigo. O Rui toda vida teve um amigo chegado, da idade dele, um velho – porque eu conheci velho –, que era igualmente amigo de meu pai, tinham sido todos colegas em São Paulo na universidade. E o Rui, já na velhice muitos anos depois, quando teve... foi chamado para representar o Brasil em Haia, lembrou-se logo desse velho companheiro que tinha sido disposto em disponibilidade da carreira diplomática por causa de uma dívida de jogo que era coisa gravíssima naquele tempo. E ele ficou encostado e pobre e assim passou a vida e chegou à velhice. E já na velhice, porque eles deviam ter os seus 70 anos, certo eu não sei, mas perto. O Rui teve essa ocasião de fazer um grande favor a ele e pediu ao Itamaraty para nomeá-lo secretário, isto é, restituiu-o à diplomacia. De fato, eu sei que ele recebeu os atrasados dos ordenados durante muitos anos que foi uma grande quantia.

Entrevistadora: E foi uma prova de amizade aí de ter reincorporado esse amigo dele como secretário na missão de Haia.

Maurício Nabuco: Até logo!

Entrevistadora: Já vai? Não quer mesmo falar conosco?

Maurício Nabuco: Em outra oportunidade.

Entrevistadora: Aqui? Particularmente?

Maurício Nabuco: Eu não tenho nada a contar.

Entrevistadora: Não! Eu acredito que tenha bastante. O senhor também com carreira diplomática. O senhor deve ter bastante coisa para contar. Não quer, se recusa.

Maurício Nabuco: Eu falo contigo outro dia, com muito prazer. Mas eu não tenho nada a dizer sobre o Rui. Eu era amigo dele. Quer dizer, era amigo? Eu frequentava a casa dele. Hoje eu acho que há pouca gente viva que frequentava a casa dele. Eu ia jantar lá com eles. Lá em Petrópolis, eu punha sempre um casaco para ir lá. Um dia eu fui de casaco e esqueci de botar a gravata.

Entrevistadora: E daí, como é que você se arranjou?

Maurício Nabuco: Eu voltei para casa... pus outra... coloquei a gravata...

Carolina: Gravata preta, naturalmente, de *smoking*.

Entrevistadora: *Papillon*. Gravata *papillon*. D. Carolina, agora a gente falando de amenidades, vamos falar de sua época, da moda, das coisas gostosas que a senhora participou ativamente, como escritora e como persona da sociedade.

Carolina: Infelizmente da casa de Rui propriamente eu não entrei. Me lembro muito bem da casa, mas não das festas que lá havia. Aliás, não era das casas que mais recebia. As casas que recebiam muito eram a casa de Juca Figueiredo, por exemplo, cuja mulher, d. Heloisa, era tida como a mulher mais bonita do Rio; e do conde de Figueiredo,⁸ o velho, pai deles; e do chamado Príncipe de Belfort, que não era príncipe, mas que usava esse título... [risos]. Enfim, havia muitas festas e sobretudo as festas se reuniam não em casas particulares, mas nos clubes. No Rio de Janeiro, no clube chamado do Cassino,⁹ que é hoje o Clube dos Automóveis... lá então eu ia muito a festa. Minha vida era muito disso, mais tarde, tanto em Petrópolis no verão como no Rio, onde eu me divertia bastante e me interessava muito pelas modas como todo mundo daquela ocasião. Usávamos saias compridas até o tornozelo.

Entrevistadora: Isso está na moda outra vez agora, quase, é.. *Mimoléé...*

Carolina: Sempre, sempre. E em certa época foram muito apertadas, além de curtas, além de compridas, eram muito apertadas no tornozelo. A gente tinha dificuldade em andar, chamavam as saias *entrevée*. Isso foi no apogeu da minha mocidade, essa época das saias *entravée*. Mas o que eu usava diariamente era roupa branca de jogar tênis.

Entrevistadora: Ah, que lindo!

Carolina: Porque eu jogava todo dia. Era campeã de tênis lá de Petrópolis e até do Fluminense aqui no Rio, quando eu tomei parte nos...

Entrevistadora: Torneios?

Carolina: Campeonatos. De maneira que essa roupa sempre ficará na minha memória.

Entrevistadora: Em que época era essa mais ou menos? O ano a senhora lembra? Que possa dizer, por volta de quando?

Carolina: Isto durou bastantes anos até. Eu joguei tênis bem uns 10 ou 15 anos. Todos os 20 e o princípio dos 30 e antes também, desde 18.

⁸ Para maiores informações, vide o verbete “Francisco de Figueiredo”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FIGUEIREDO,%20Francisco%20de.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁹ Localizado onde é o Automóvel Clube do Brasil, à rua do Passeio, 90, Rio de Janeiro. “Originalmente uma residência, projetada em meados do século XIX, por Manuel de Araújo Porto-Alegre. Foi posteriormente adquirida pelo Clube Cassino Fluminense e em 1854 reformada pelo arquiteto Luís Hoske, que a dotou de dois pavimentos com linhas neoclássicas, em 1924, passou a sediar o Automóvel Club do Brasil”. (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Guia do patrimônio cultural carioca – bens tombados 2014*. Online. 288p. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6442881/4172719/guiatombamentoport20.12baixa.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2020.)

Enfim, desde que meu pai morreu e nos instalamos em Petrópolis. O tênis foi minha principal ocupação esportiva. Guardo muito boa lembrança disso, das partidas. Meu parceiro era o Ricardo Pernambuco,¹⁰ o campeão daquele tempo. Conhecido como tal.

Entrevistadora: Era parceiro de dupla?

Carolina: Parceiro de dupla. E outro parceiro de quem eu falei no meu livro e não posso deixar de falar era o Santos Dumont¹¹ que morava em Petrópolis. Tinha uma casa lá e gostava muito de tênis, de jogar tênis. Jogava mal. Era um mau jogador e os bons jogavam com ele por amabilidade e tal. Eu, por exemplo, ele sempre me procurava por eu ser uma boa parceira e eu sempre aceitava por ele ser quem ele era. [risos] Aceitava com prazer. Isso todo dia. Ele ficava tristíssimo de perder. Perdia quase sempre, mas não sabia. Ficava muito triste.

Entrevistadora: Ele era mais de inventar, trabalhava mais com a cabeça do que [risos] com a agilidade física. [risos]

Carolina: Corria ali atrás da bola. Corria bem como um cachorrinho, como um *telliezinho*, correndo, correndo, correndo... para pegar as bolas.

Entrevistadora: Mas não tinha técnica.

Carolina: E jogava de modos já passados. Jogava sempre com a bola para cima. Que é coisa que já naquele tempo era para baixo que se jogava ou então reto. Não posso deixar de dizer sobre Santos Dumont naquele tempo, um sucesso que ele tinha pelo nome que ele já trazia. Todo mundo... todas as senhoras se prestavam muito a corte dele. E ele era, sempre foi, um grande apreciador da beleza feminina. E havia algumas senhoras lá nesse tênis clube que ele ficava olhando de longe bater a bola e torcendo para ganharem, para fazerem os pontos, torcendo mesmo de chamar a atenção. Éramos convidados para os mesmos jantares, para as mesmas rodas, depois passado mais algum tempo, quando eu andava mais com casais do que com a mocidade de meus dias de tênis.

Entrevistadora: Sei. Que mais de interessante a senhora lembra, então? Das suas viagens, a senhora teria alguma coisa para dizer?

Carolina: O que eu posso me lembrar melhor é de ter assistido... a minha geração assistiu a duas guerras mundiais, não é? E isso eu acompanhei diariamente pelos jornais e naturalmente com grande... uma paixão louca

¹⁰ CARTA, Gianni; MARCHER, Roberto. *O tênis no Brasil: de Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten*. São Paulo: Códex, 2004.

¹¹ Para maiores informações, vide o verbete “Santos Dumont”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/santos-dumont/biografia>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

pelos ingleses, sempre. Procuravam tudo que era possível por amar e havia navios de todos os tamanhos desde os maiores até os pequenos, até os pobres pescadores davam, os iates de luxo, tudo tava levando as tropas da França para a Inglaterra.

Entrevistadora: D. Carolina e sobre a política da sua época? O que a senhora lembra que possa nos relatar? Uma fase assim de política que tenha lhe marcado de alguma forma.

Carolina: O fato que apareceu... que me deu mais motivo de torcer foi a subida na política do Pinheiro Machado,¹² que se fez dono do Brasil. Eles escolhiam os deputados. Eu sei por causa de conhecidos meus, inclusive um primo disse: “Ah, agora eu quero ser deputado. Vou falar com o Pinheiro Machado”. [risos] Pois não, Pinheiro Machado disse: “Pois não, agora você vai ser deputado pelo...”.

Entrevistadora: Por um partido?

Carolina: É.

Entrevistadora: Já existiam os partidos?

Carolina: À vontade. E imediatamente esse meu primo que nunca tinha nada com a política, coisa nenhuma com política. Me lembro que a política naquele tempo do Pinheiro Machado era como sempre foram os políticos, desonesta, dizia que havia muita roubalheira de todo jeito.

Entrevistadora: E sobre o Venceslau Brás¹³ que a senhora contou agora? Que o pessoal não acreditava no Venceslau Brás?

Carolina: Venceslau Brás era uma pessoa que não era um lutador de modo nenhum. Pinheiro o fez presidente porque convinha e o outro foi presidente dentro das leis, completamente correto, um homem muito correto.

Entrevistadora: Dentro das normas, né?

Carolina: Nisso o Pinheiro Machado andou bem e escolheu um homem digno.

Entrevistadora: Sim. E sobre esse outro fato da morte do Pinheiro Machado?

Carolina: Eu, no tempo em que eu estava torcendo mais contra tudo de mal, de abusos que se fazia no Brasil e dessas injustiças de Pinheiro Machado. Dessa autoridade excessiva de que ele gozava. Daquele congresso que

¹² Para maiores informações, vide o verbete “Pinheiro Machado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

¹³ Para maiores informações, vide o verbete “Venceslau Brás”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/venceslau-bras-pereira-gomes>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

estava todo nas mãos dele. Eu não fiquei espantada, quase que esperava, os jornais quase que indicavam o caso, que ele seria assassinado. Eu me lembro do dia em que ele foi assassinado. Eu morava defronte do Hotel dos Estrangeiros,¹⁴ de maneira que na rua Barão do Flamengo, bem defronte do... ele entrou e as pessoas que passavam pela rua disseram que ele foi assassinado lá mesmo na entrada... e as pessoas sem se conhecer se falavam, foi um grande alvoroço na cidade ali naquela praça onde eu morava, na praça José de Alencar.

Entrevistadora: A senhora ia passando naquela ocasião? Mas a senhora não escutou estampido? Não soube de nada, só viu o alvoroço, e ficou consciente de que o Pinheiro Machado...

Carolina: E soube... não, o fato todo mundo sabia... o Pinheiro Machado entrou lá e foi assassinado. Foi fazer uma visita.

Entrevistadora: A casa de algum amigo?

Carolina: Foi. No Cardoso de Menezes. Eu acho que é esse, um político paulista. Aquele momento de todos irem para a casa dele e subir lá, sendo que parentes e amigos meus eram muito amigos da D... da mulher do Pinheiro Machado, da viúva, que ficou desolada e que estava lá indignada de não terem avisado a ela que existia um colete impermeável, que ela teria obrigado o marido a usar sempre à prova de bala.

Entrevistadora: D. Carolina, quantos irmãos são? A senhora e mais quantos?

Carolina: Tenho uma irmã, Maria Ana e três irmãos, do qual um infelizmente, monsenhor Nabuco, já faleceu. O padre. O mais velho, Maurício, o embaixador esteve aqui conversando conosco...

Entrevistadora: E não quis prestar depoimentos hoje, mas eu vou voltar aqui para ele dar também as impressões dele sobre esse trabalho.

Carolina: E o mais novo, que ambos meus irmãos todos se saíram muito bem. Porque Maurício foi sempre muito brilhante como embaixador de toda parte e José é um dos maiores juristas e advogados do Rio de Janeiro.

Entrevistadora: É o pai da Nininha e da Vivi Nabuco.

Carolina: É. O escritório dele que é na cidade, na Rui Barbosa. É o maior escritório de advocacia do Rio de Janeiro e tem acho que uns 14 advogados auxiliares – uma coisa assim. Inclusive os quatro filhos homens.

Entrevistadora: Que beleza! E quantos netos tem nessa história? [risos]

¹⁴ Para maiores informações, vide “O Hotel dos Estrangeiros (1849-1950)”, disponível em: <<http://fragmentosarqueologicos.blogspot.com/2015/12/o-hotel-dos-estrangeiros-1849-1950.html>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Carolina: Então são... José, é o único da família que tem filhos. Tem seis filhos e 23 netos.

Entrevistadora: Puxa, a família aumentou! [risos] Isso é bastante interessante também para nós. E todos frequentam aqui a sua casa?

Carolina: E um dos filhos dele, o mais velho, chama-se Joaquim. Tinha que se chamar Joaquim.

Entrevistadora: ... em homenagem ao seu pai...

Carolina: Joaquim Nabuco Neto. Depois, o segundo é José Tomás, que também tem o nome do terceiro e do quarto senador José Tomás porque é família também. E o terceiro é Afrânio, que tem o nome do avô materno, Afrânio de Mello Franco. E esse já quer deixar o escritório do pai. Estão arrastando ele para muitas outras coisas, inclusive a televisão. Ele vai deixar também a advocacia.

Entrevistadora: Para a carreira artística no caso.

Carolina: E o mais moço, João Maurício. Todos são bem-casados, todos são felizes. A média de filhos é quatro, por isso dá 23.

Entrevistadora: Dá 23 netos. [risos]

Carolina: Vivi tem quatro. Nininha tem quatro. Todos têm quatro. Um tem cinco. O Joaquim tem cinco filhos homens. São todos homens.

Entrevistadora: Eu queria então agradecer a senhora pela colaboração que a senhora prestou a nós e gostaria de sair daqui com a promessa que a senhora fosse interferir com seu irmão, embaixador Maurício Nabuco, para que numa outra oportunidade ele desse as impressões dele, tudo que ele lembrasse relacionado à época, porque isso...

Carolina: Ah, ele tem muito boa vontade, e ele tem muita facilidade para falar, muito mais do que eu, porque a memória me falha muito.

Entrevistadora: Mas isso daí não tem a menor importância, a senhora não deve se preocupar com isso não. O importante é que ele faça o depoimento dele também, porque isso ficará guardado para o futuro.

Carolina: É, mas isso não vai ser difícil não.

Entrevistadora: Então, está bom. Eu agradeço muito e espero o seu telefonema.

Carolina: Ele fala muito...

[Fim da gravação]

**Austregésilo de Athayde
(depoimento, 1976)**

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE. *Austregésilo de Athayde. (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Austregésilo de Athayde

Local da entrevista: Academia Brasileira de Letras

Data da entrevista: 28 de abril de 1976

Duração¹: 33min 06s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Campanha Civilista, obras de Rui, A Tribuna, campanha presidencial de 1919, discursos de Rui, Teatro Lírico, senador, Batista Pereira, Macedo Soares, livrarias, indumentária, jornalismo, Correio da Manhã, Assis Chateaubriand, personalidade, Dreyfus, Conferência de Haia, imagem de Rui no exterior, Primeira Guerra, Liga das Nações, Otavio Mangabeira, João Mangabeira, imprensa, Academia Brasileira de Letras, Anatole France.

Biografia²:

(n. Caruaru, PE, 1898-f. Rio de Janeiro, 1993)

Foi professor, jornalista, cronista, ensaísta, tradutor, orador, acadêmico e presidente da Academia Brasileira de Letras.

Foi delegado do Brasil na III Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), em Paris, tendo sido membro da comissão que redigiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Algumas obras: *Histórias amargas*, contos (1921); *Fora da imprensa*, ensaio (1948); *Mestres do liberalismo*, ensaio (1951); d. *Pedro II e a cultura do Brasil*, ensaio (1966); *Crônicas de natal* (2013), crônicas; dentre outras.

¹ A entrevista está dividida em duas partes com 28min 36s e 4min 30s, respectivamente. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

² Consultado em Academia Brasileira de Letras. *Austregélio de Athayde*. [s. d.]. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia>>. Acesso em: 7 maio 2020.

PARTE I

Entrevistadora: Dia 28 de abril de 1976, o local é Academia Brasileira de Letras,³ e estamos em companhia do professor Austregésilo de Athayde. Estamos em prosseguimento ao projeto atualmente levado a efeito na Casa de Rui Barbosa, chamado Memória de Rui. Este projeto, professor, consiste em que colhamos informações de pessoas que tenham participado da vida particular ou pública de Rui Barbosa, que tenham presenciado manifestações públicas de Rui, que tenham frequentado a residência de Rui e, em depoimento semelhante, o professor Américo Jacobina Lacombe⁴ mencionou o seu nome. Eis porque no momento estamos aqui em sua companhia para ouvi-lo, como mais uma fonte de informações para os nossos trabalhos posteriores.

Austregésilo: Desde muito criança, meu pai ensinou-me a admirar Rui Barbosa. Ele era um jurista e, como tal, tinha um grande apreço intelectual pelo brasileiro ilustre que foi o mestre de todos nós em tantos aspectos da vida intelectual. Meu pai tinha, quando moço, na faculdade do Recife, hostilizado o presidente da República de então, marechal Floriano Peixoto.⁵ E isso explicava por que ele tinha uma especial predileção por Rui Barbosa, que estava nas fileiras dos grandes combatentes do que naquele tempo se chamava a ditadura florianista. Assim, eu recebi desde muito cedo a inspiração do amor e da devoção a essa figura em que nós todos consideramos excelsa. Quando em 1910, depois da campanha, da primeira campanha civilista,⁶ de que resultou a derrota de

³ Para maiores informações, vide verbete “Academia Brasileira de Letras”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ACADEMIA%20BRASILEIRA%20DE%20LETRAS.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2020. Ver também: <<http://www.academia.org.br/>>.

⁴ Américo Jacobina Lacombe foi diretor da Casa de Rui Barbosa e, depois, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, no período de 1939-1993. (Depoimento, em 21 de abril de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB)

⁵ Para maiores informações, vide verbete “Floriano Peixoto”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEIXOTO,%20Floriano.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁶ Para maiores informações, vide verbete “Campanha Civilista”, disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPANHA%20CIVILISTA.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2020.

Rui Barbosa e a eleição do Marechal Hermes da Fonseca,⁷ já eu estava no Seminário de Fortaleza, e aí, numa sessão literária de um pequeno grêmio existia nesse educandário para sacerdotes, eu tive que fazer um discurso e escolhi como tema exatamente aquela situação política que se criara em virtude de não haver Rui Barbosa conseguido eleger-se para presidência da República. Estava muito entusiasmado atacando a política do Marechal Hermes, quando o padre reitor, padre Vicente Peronelli, suspendeu a sessão e obrigou-me a deixar a tribuna. Chegou lá de dedo em riste no meu nariz e disse: “Menino, aqui não se fala de política. Aqui não se trata de assuntos dessa natureza. Você foi chamado para falar de literatura e não combater o partido do presidente da República”. [risos] Eu tinha na ocasião apenas de 11 para 12 anos e fiquei muito vexado diante daquela reprimenda que recebi. Mas isso não arrefeceu no meu ânimo, no meu espírito, a afeição profunda que eu tinha pelas ideias de Rui Barbosa. Eu desde muito cedo fui um leitor dos seus trabalhos. [som de uma campainha] Eu possuía a *Réplica*,⁸ possuía as *Cartas da Inglaterra*⁹ e outros livros em que Rui Barbosa revelava ao mesmo tempo seu alto conhecimento jurídico, as suas posições políticas, como também o seu, a sua grande ciência em matéria de filologia. Quando vim para o Rio de Janeiro, em 1918, pouco depois deu-se a morte do presidente Rodrigues Alves,¹⁰ que não chegou a tomar posse, e logo surgiu o problema das novas candidaturas. E apa... e Rui Barbosa foi apontado como candidato por um grupo bastante numeroso e sólido de políticos, e apoiado pela opinião pública, a grande opinião pública liberal de todo país. Eu nessa ocasião já era redator de um jornal chamado *A Tribuna*, que existiu aqui até o ano de 1923, e que no momento era dirigido pelo saudoso Lindolfo Collor.¹¹ Era um jornalista e parla-

⁷ Para maiores informações, vide a biografia “Hermes da Fonseca”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hermes_da_fonseca>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁸ BARBOSA, Rui. *Réplica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953. (Obras Completas de Rui Barbosa, Vol. XXIX, 1902, Tomo II). Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁹ BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. (Obras Completas de Rui Barbosa, Vol. XXIII, 1896, Tomo I). Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Rodrigues Alves”, disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/rodrigues-alves>>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “Lindolfo Collor”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COLLOR,%20Lindolfo.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2020.

mentar do Rio Grande do Sul, que foi o primeiro-ministro do Trabalho, depois da Revolução de 1930. [som de campainha] O interessante é que o jornal defendia a candidatura contrária, de Epitácio Pessoa,¹² e eu tinha, portanto, dificuldade em escrever na minha coluna algo que representasse o preconceito e a defesa da candidatura de Rui Barbosa.

(Gravação interrompida)

Austregésilo: Quer continuar daí, é?... no entanto, o diretor do jornal, Lindolfo Collor, era um espírito liberal e aceitava que eu exprimisse o meu pensamento com certa liberdade. Mas algumas vezes eu, que era muito moço – tinha 20 anos –, me excedia em atacar o candidato contrário. Nessas ocasiões, ele chegava e me chamava a atenção: “Você pode defender o Rui, mas não pode atacar a candidatura do Epitácio Pessoa”. Nesse momento, em toda esta fase, eu já tinha acompanhado as festas de 1918 que celebraram o jubileu de Rui Barbosa. Acompanhei os discursos pronunciados, as manifestações, inclusive um no antigo Theatro São Pedro, quando Rui Barbosa – era chamada então a Festa do Sol –, e Rui Barbosa foi saudado por uma multidão enorme que foi acorrer ali exatamente para celebrar a glória do escritor, do parlamentar, do jurista, do homem que nos representara na Conferência de Haia.¹³ Eu, muito jovem ainda, tinha um entusiasmo enorme. Acompanhava o discurso de Rui, palavra por palavra. E nessa ocasião se vê que ele estava muito comovido na resposta que deu. Rui Barbosa era um orador firme, a palavra era um pouco refinante nos agudos, mas ele olhava sempre o auditório. E quando não lia, ou mesmo quando lia, tinha-se a impressão de que a grande parte do discurso ele a sabia de cor, porque retirava os olhos do papel e falava como que de improviso. Eu assisti às conferências que ele pronunciou no Teatro Lírico,¹⁴ não é? Inclusive aquela da banda alemã, a famosa conferência da banda alemã. O público recebia

¹² Para maiores informações, vide biografia “Epitácio Pessoa”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹³ MAGALHÃES, Rejane M. M. de A. *Presença de Rui Barbosa em Haia*. Rio de Janeiro: FCRB, [s. d.]. 14p. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/sobre_rui_barbosa/FCRB_RejaneMagalhaes_PresencaRuiBarbosa_em_Haia.pdf>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹⁴ Para maiores informações, vide verbete “Theatro Lyrico”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=89&cdP=19>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

com entusiasmo enorme os longos discursos de Rui Barbosa, porque às vezes por mais de duas horas, uma conferência daquelas. Mas naquele tempo, a gente acompanhava essas coisas, suportava essas coisas e gostava delas. Também eu vi muitas vezes Rui Barbosa em discursos pronunciados no Senado. Ia propositadamente assistir às sessões, só naqueles dias em que sabia que o Rui ia falar. Assisti aos debates, às réplicas em que ele era inigualável, com a palavra sempre segura e ferina, derribando e abatendo o adversário que o contrariasse ou que o apartasse. Nessa ocasião, o Batista Pereira, que era genro de Rui Barbosa e que acompanhava a imprensa, especialmente na aquele caso da candidatura, da segunda candidatura presidencial. Ele era o homem que de certo modo se ocupava de esclarecer os jornalistas, de conduzir os problemas e amaciar as coisas e tal, e me procurava muito, com grande entusiasmo, dizendo que o Rui lia os meus artigos: “O Rui Barbosa leu os seus artigos. Um desses dias eu vou levá-lo à casa de Rui Barbosa; e o Rui, porque ele deseja muito conhecê-lo” e tal. Eu recebia aquilo com um certo receio, pouco cheio de... um pouco timorato, não é, não acreditando muito que o Rui estivesse lendo os artigos de um menino de 20 anos, se interessando por isto, e quisesse na verdade me conhecer. Mas o certo é que chegou um dia em que o Batista Pereira disse: “Você tem que ir lá. Vamos lá às quatro horas. Vamos lá à casa da rua São Clemente. O Rui deseja muito conhecê-lo”. E eu fui. Cheguei lá e encontrei o Batista Pereira. Mas a sala do Rui estava nessa ocasião cheia de personalidades, de jornalistas; estava lá o Macedo Soares,¹⁵ o jornalista Macedo Soares, e outros que no momento compunham exatamente o estado-maior da luta eleitoral de Rui. Mas o Rui ocupado falando com todo mundo, e o Batista Pereira querendo me levar... ah, pra... me empurrando para falar com Rui Barbosa e tudo isto... e eu afinal de contas aproximei-me do Rui. O Rui voltou-se para mim e o Batista Pereira disse: “Este é o Austregésilo de Athayde, aquele que escreve na Tribuna” e tal. O Rui olhou para mim, assim meio com olhar assim um pouco à distância, me deu uma mão, apertou e disse: “Ah, muito bom, muito agradável saber que os jovens estão de minha parte” e tal, e foi embora. [risos] Evidentemente ele não tinha tempo para me dar maior atenção. Depois o Rui vinha sempre à tarde para percorrer livrarias no

¹⁵ NASSIF, Luís. O “príncipe” dos jornalistas. *Folha de S.Paulo*, 25 dez. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2512200510.htm>>. Acesso em: 7 maio 2020.

centro da cidade. E era hábito dos intelectuais, os escritores daquele tempo, que o admirava à distância, era hábito de o acompanharem. E eu acompanhei muitas vezes. Ele vestido daquele fraque cinzento, do chapéu de massa também cinzento, com a fita larga. Ele seguia, passo a passo, vagaroso pela avenida e eu ia atrás para saber para onde ele se dirigia. Ele entrava na Brigueuet,¹⁶ entrava nas livrarias aí, Garnier¹⁷ e outras livrarias, então, e começava a percorrer os livros, a pedir livros, a ver, e eu me lembro que eu ia de longe depois verificar quais eram os livros que o Rui estava lendo naquele momento. [risos]

Entrevistadora: E nessas caminhadas, assim, Rui Barbosa costumava ser assediado por pessoas...

Austregésilo: Não, acho que raramente. Era tal o respeito que se tinha em torno da personalidade dele, que creio que aproximar-se do Rui Barbosa era algo tido como um atrevimento, de uma audácia então não se fazia, sobretudo os moços que não faziam isso. Mas eu tive muitas vezes nas livrarias a tentação de me dirigir a ele. Mas não tive coragem.

Entrevistadora: E ele estava sempre sozinho? Geralmente ele estava sozinho?

Austregésilo: Não, ele est... é, nas livrarias ele estava sempre. Agora, vinham muitas pessoas curiosas. Os conhecidos, os homens de mais projeção vinham, falavam com ele. Mas assim, aqueles que como eu, em 1919, 1920, 21, eram... já em 21 já, eu era diretor de jornal, já tinha passado à direção d'*A Tribuna*, mas não tive contatos pessoais maiores com Rui Barbosa. Admirava-o sempre à distância, conhecia toda a sua obra, lia avidamente os seus discursos, procurava compreender a personalidade do homem público, do liberal, do democrata, porque ele exercia uma sedução enorme sobre a juventude do meu tempo. Nós formamos

¹⁶ Localizamos no *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial* (RJ), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, registros da Brigueuet em dois momentos, ambos na secção de livrarias. O primeiro registro é do ano de 1908 como F. Brigueuet, na travessa Ouvidor, 14; e o segundo do ano de 1910, já como livraria Brigueuet na rua Sachet, 20. A travessa do Ouvidor alterou o nome em 1902 para rua Sachet, todavia o nome antigo acabou prevalecendo com o tempo. Sendo assim, a livraria se manteve no mesmo lugar.

¹⁷ GRANJA, Lúcia. *Entre homens e livros: contribuições para a História da livraria Garnier no Brasil*. LIVRO: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição. São Paulo: Ateliê Editorial. pp. 41-49.

GRANJA Lúcia. *Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira*. Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, 45(3): p. 1205-1216, 2016. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/594/1126>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

os espíritos à luz dos ensinamentos democráticos de Rui Barbosa. Do liberalismo ruibarbosiano. Das suas interpretações da Constituição brasileira. Das suas posições políticas. Daquilo que ele nos ensinava com o seu alto civismo. Eu pertença a – talvez fui a última geração, sem dúvida, porque ele morreu em 1923 – a última geração que, de certo modo, ainda ouviu a sua palavra, e que acompanhava as suas ideias, e que era devotada àquela espécie de liberalismo, hoje considerado morto, mas que eu, na minha teimosia liberal, acho que não morrerá jamais, porque o liberalismo é inerente à formação do espírito humano. Um espírito, quanto mais largo e quanto mais alto seja o pensamento, não pode deixar de ser liberal na aceitação das ideias alheias, na análise e de todos os aspectos da vida social e da vida política, sem jamais oferecer relutância àquilo que, vindo, partindo de outros, pode, no entanto, envolver uma parte da verdade. São essas as lembranças que eu tenho de Rui Barbosa. Escrevi numerosas vezes sobre ele. Tem uma conferência que pronunciei sobre ele num livro meu chamado *Mestres do liberalismo*,¹⁸ em que exatamente eu estudava aquilo que o Rui Barbosa representou para o liberalismo brasileiro, que é um liberalismo que vem do fundo da alma do povo: a tolerância, a igualdade política, a igualdade racial. Tudo o que representa, na formação das gerações brasileiras, aquele espírito de compreensão, de boa vontade e de mútuo respeito, que é um dos traços que muitos teimam em não reconhecer, mas, que na verdade, é um traço da nossa verdadeira formação democrática.

Entrevistadora: Agora, nós sabemos que a campanha presidencial de Rui Barbosa, ele fez em diversos estados...

Austregésilo: É, na Bahia...

Entrevistadora: Agora, nós gostaríamos de saber, por exemplo, o senhor tinha possibilidade de acesso a essa... a viagem era algo da... dos jornalistas ou não...?

Austregésilo: Naquele tempo, os jornalistas, alguns acompanhavam, mas não havia o jornalismo dinâmico que hoje existe, não é? Os correspondentes. Porque os meios de comunicação eram muito diversos e muito mais difíceis. Mas, o Rui era sempre acompanhado por jornalistas, sobretudo aqui na campanha de 1919 pelo *Correio da Manhã*, que mandava seus correspondentes e... eu nunca acompanhei Rui nessas campanhas porque,

¹⁸ ATHAYDE, Austregésilo de. *Mestres do liberalismo* (Chateaubriand, político e jornalista – A crise religiosa de Nabuco – Rui Barbosa, jornalista). Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1951.

como diretor de jornal, por outras obrigações que eu tinha aqui no Rio de Janeiro. Nunca pude sair para isso. Depois eu vivi também, durante muito tempo, com alguns homens que não eram – embora admiradores de Rui – não eram tão devotados às suas orientações e diretrizes políticas, como foi, por exemplo, o Assis Chateaubriand.¹⁹ O Assis Chateaubriand era um espírito muito irrequieto e, muitas vezes, ele criticava o conselheiro – como ele chamava, o conselheiro Rui Barbosa – com uma certa acrimônia e eu travava grandes debates com ele, eu defendendo o Rui e o Chateaubriand mostrando o que para ele representava alguma falha na formação da personalidade do Rui Barbosa. Sobretudo que ele considerava que o Rui não estava suficientemente preparado para sair do campo teórico, do puro campo das ideias, para os problemas objetivos da vida brasileira e para resolvê-los.

Entrevistadora: Mas o senhor concorda que a figura dele então já naquele tempo tinha um certo carisma? Era uma criatura, assim, carismática?

Austregésilo: Não, era absolutamente. É, carismática. Creio que não houve outro brasileiro em torno do qual se formasse uma corrente tão forte e tão poderosa de opinião pública, sobretudo da juventude. Ele era naquele tempo um ídolo da juventude brasileira. Da juventude intelectual, dos universitários. Vocês conhecem a *Oração aos moços*²⁰ pronunciada por ele, não é?

[Interrupção da gravação]

Austregésilo: Eu quero dizer que todos os moços do meu tempo, aqueles moços – eu falo dos estudiosos, dos que se preocupavam com esses assuntos superiores do espírito – sofreram uma grande influência do Rui Barbosa, sobretudo no sentido de amar o trabalho. O Rui Barbosa era apontado não apenas como um grande intelectual, um orador, um jurista, era também como um homem devotado ao trabalho, que se fez, não tanto pelos dotes que ele possuía naturalmente, como pelo esforço em cultivar esses dotes. Então nós vimos em Rui Barbosa um padrão do trabalhador, daquele que se dedica inteiramente às causas em que se empenha, e nesse sentido eu creio que nenhum outro brasileiro do meu tempo teve o mesmo papel,

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “Assis Chateaubriand”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>>. Acesso em: 7 maio 2020.

²⁰ Barbosa, Rui. *Oração aos moços*. *Memória e informação*, 1(1), 2017. Disponível em: <<http://memoriaeinformacao.casarui Barbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/20>>. Acesso em: 7 maio 2020.

e exerceu sobre o espírito da mocidade contemporânea a mesma saudável influência. O Rui Barbosa foi um grande nome internacional, é certo, durante algum tempo. Ele era apontado na América Latina e nos Estados Unidos e em alguns países da Europa como exatamente um dos homens que encaravam o espírito liberal do seu tempo, não do tempo brasileiro, mas de um tempo mundial. O fato de que tenha sido Rui Barbosa o primeiro a denunciar os erros do processo contra Dreyfus,²¹ na sua famosa Carta da Inglaterra, teve uma grande repercussão na Europa, nos meios intelectuais evidentemente. Se você fosse procurar saber no meio do povo quem era Rui Barbosa, os europeus não sabem nem onde é o Brasil, quanto mais quem era Rui Barbosa, uma alta personalidade brasileira. Mas eu... era imbuído dessa admiração profunda por Rui Barbosa, procurava muito nos meus contatos no exterior, nas minhas visitas à Europa e aos Estados Unidos, sondar aquelas personalidades de mais relevo, para ter uma ideia de como eles conheciam a intelectualidade brasileira, a cultura brasileira, e se tinham uma noção exata de quem foi Rui Barbosa e o que representou. Para minha decepção, verifiquei que não havia quase reminiscência da passagem de Rui Barbosa pela Conferência de Haia nos contatos que eu tive com diplomatas e estadistas europeus mais antigos. Mas, quando eu Mesmo fui delegado à Terceira Comissão das Nações Unidas, que elaborou a Declaração Universal dos Direitos Humanos,²² de que eu sou um dos colaboradores e signatário, eu tive contato com um conde belga, conde Carton de Viars. E esse homem, já bastante idoso em 1948, tinha sido secretário da legação do seu país que representou a Bélgica na Conferência da Haia. E tinha acompanhado Rui Barbosa e o admirava muito. E ele então me contou várias passagens do prestígio intelectual do Rui Barbosa, da maneira como ele, depois de ser considerado o Rui Verbosa, [risos] porque falava muito, e ser tratado assim com um ar meio de desprezo por

²¹ *Uma voz contra a injustiça*: Rui Barbosa e o caso Dreyfus (Coleção FCRB. Documentos; 2). Homero Senna. Organização e notas Laura do Carmo e Marta de Senna. Publicado pela primeira vez em 1987, este livro, há muito esgotado, trata da questão Dreyfus, que mobilizou a opinião pública mundial no final do século XIX. O capitão francês Alfred Dreyfus, por um dos maiores erros judiciários de todos os tempos, foi condenado em 1894 como traidor da pátria. Rui Barbosa, então exilado em Londres, escreve para o *Jornal do Commercio* um artigo datado de 7 de janeiro de 1895. Rui não silenciou diante da injustiça que o mundo presenciava, tornando-se a primeira voz a levantar-se em defesa do militar, o que lhe valeu no livro de memórias de Dreyfus uma elogiosa menção a seu “discernimento notável e grande liberdade de espírito”. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=43&ID_M=375>. Acesso em: 7 maio 2020.

²² Para maiores informações, vide “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso em: 7 maio 2020.

parte dos delegados das grandes potências, captou, pela sua inteligência, pela sua cultura, pela sua tenacidade, também as atenções e admiração de todos, quando então ele passou a ser ouvido em silêncio. O velho Carton de Viers me falou isso muitas vezes e, quando eu pronunciava discursos na Terceira Comissão, defendendo os pontos de vista brasileiros, ele ouvia sempre com muita atenção, dizendo: “Eu acostumei-me a ver na palavra do Rui Barbosa que os brasileiros sempre falam em profundidade dos assuntos que tratam. Eles falam para dizer alguma coisa útil. Não são como muitos dos latino-americanos que são meros verbalistas, que querem apenas se exibir, sem aprofundar nenhuma das ideias, das teses ou dos temas por eles tratados”. Então eu... mais tarde, justamente em 1931, eu fiz uma viagem aos Estados Unidos e fui a Washington. E lá em Washington eu fui recebido por um senador americano que ofereceu-me um coquetel, porque eu era... esse homem era amigo do embaixador do Brasil, que era o Cochrane de Alencar,²³ e decidi me oferecer uma pequena festa na casa dele. E esse homem também tinha conhecido Rui Barbosa. E me falou de Rui Barbosa, e dizendo: “Olha, aqui pouca gente sabe quem é o Rui Barbosa. A obra imensa do Rui nunca foi traduzida para o inglês. Conhece-se vagamente o nome. Isso mesmo dos especialistas de direito internacional, que reconhecem o grande papel que ele desempenhou e, sobretudo, a sua grande tese da igualdade e da soberania das nações. E, no entanto há ainda, mesmo nos Estados Unidos, de quando em quando ainda aparecem alguns que acusam Rui Barbosa de ter uma certa responsabilidade no desencadeamento da Primeira Guerra Mundial, alegando que ele, tendo impedido que se organizasse uma corte de justiça em vista das suas posições de certo modo radicais sobre a igualdade das nações, que isso contribuiu para a humanidade não ter um órgão, um organismo internacional capaz de dirimir as questões e de certo modo impedir uma guerra, um conflito armado”.

Entrevistadora: Seria uma antecipação da Liga das Nações?²⁴

Austregésilo: É, uma antecipação da Liga das Nações. Ele dizia exatamente isto. Que o Rui Barbosa impediu que se fizesse isso. O que não é verdade. A tese do Rui Barbosa acabou sendo reconhecida, proclamada, e como a

²³ Para maiores informações, vide verbete “José Cochrane de Alencar”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alencar-jose-cochrane-de>>. Acesso em: 7 maio 2020.

²⁴ Para maiores informações, vide “Liga das Nações”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>>. Acesso em: 7 maio 2020.

única capaz justamente de aliciar todos os povos num organismo único para defender a paz mundial. A prova é que, mesmo que o Rui Barbosa tivesse concordado com as teses, defendidas, sobretudo pela Alemanha e pela Inglaterra e pela Rússia naquela ocasião, que eram teses de certo modo humilhantes para os países considerados pequenos. Mesmo que ele tivesse concordado com a criação de uma corte internacional, essa corte não teria impedido o desencadeamento da luta armada em 1914, pois que a própria Liga das Nações não conseguiu evitar a guerra em 1939, não é, isto é uma coisa óbvia e tudo. Agora, o que é admirável, o que realmente é surpreendente num país como o nosso, é ver a permanência, a permanência da glória de Rui Barbosa, do seu pensamento ainda vivo. É que quase não se passa dia nesse país em que algum jornal, em algum arquivo, nas conversas, nas aulas dadas nas universidades, não se fale no nome do Rui Barbosa, não se aluda à sua obra, que ele não seja chamado como testemunho, ele não seja chamado para provar a veracidade ou a elevação de uma tese, ou o propósito e a necessidade determinadas posições na ordem jurídica, social ou política. Eis aí.

Entrevistadora: Professor Austregésilo, o senhor teria, por exemplo, lembrança de outros depoimentos de pessoas contemporâneas com quem o senhor tivesse privado e que tivessem feito comentários a respeito de Rui Barbosa?

Austregésilo: Sim, eu tive muitos contatos, por exemplo, com o Otávio Mangabeira²⁵ e com o João Mangabeira,²⁶ que foram os discípulos prediletos dele. E contato com o José Eduardo Macedo Soares, jornalista que foi também um dos grandes seguidores e um dos combatentes mais afirmados em favor da política do Rui Barbosa. Contatos com Edmundo Bittencourt, jornalista diretor do *Correio da Manhã*, que deu seu pleno apoio. Com paulistas e mineiros que no curso dos tempos apoiaram Rui Barbosa. Todos esses davam esse testemunho. Rui Barbosa era um homem de certo modo distante. Ele guardava daqueles que o cercavam, ele guardava, não digo uma distância orgulhosa, mas uma certa precaução de não criar intimidades. Mas ele, no entanto, era afetuoso. Em muitas circunstâncias a palavra

²⁵ Para maiores informações, vide verbete “Otávio Mangabeira”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio_mangabeira>. Acesso em: 8 maio 2020.

²⁶ Para maiores informações, vide verbete “João Mangabeira”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MANGABEIRA,%20Jo%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2020.

do Rui Barbosa, como eu vi através de cartas e documentos que existem, era uma palavra muito humana e muito carinhosa para com seus amigos.

Entrevistadora: Agora uma outra coisa, professor, que nós temos curiosidade de saber, o senhor, como homem ligado aos jornais, à imprensa, de que maneira repercutia na imprensa o problema das fraudes eleitorais? Nós sabemos que no período, nas campanhas de Rui Barbosa e tudo o mais, há sempre o questionamento das fraudes eleitorais. Como a opinião pública, despertada através da imprensa, via esse problema das fraudes?

Austregésilo: Como a imprensa era dividida: uns contra, outros a favor; a imprensa que era contra o governo acusava-o permanentemente de fraude. E a imprensa governista acusava os oposicionistas, os adversários de, eles sim, tentarem fazer fraudes naqueles estados que apoiavam o Rui Barbosa. Havia sempre essa controvérsia, nunca se podendo apurar porque não existia então o que mais tarde, só depois do Getúlio Vargas, da Revolução de 30, veio a se criar, quer dizer, uma justiça eleitoral isenta, autônoma e capaz de dirigir os pleitos com absoluta liberdade e decência, procurando acautelar as eleições de toda a possibilidade de fraude ou de lesão moral, como acontecia antes. Muitos dizem que o Rui Barbosa foi eleito em 1910; mas, dentro do quadro eleitoral que então existia, da eleição a bico de pena, da fraude generalizada, eu estou quase certo de que seria impossível alguém dizer que o Rui Barbosa foi realmente eleito o que havia era...

[Fim da gravação]

PARTE II

Austregésilo: Bom, o que agora eu queria dizer, para finalizar, era a presença do Rui Barbosa na Academia Brasileira de Letras.

Entrevistadora: Era o assunto que nós íamos realmente abordar...

Austregésilo: Como vocês sabem, ele foi e constituiu um dos elementos fundamentais para a organização da academia. Pelo seu prestígio pessoal. A Academia repousou na verdade sobre três pilares muito fortes, que eram o Machado de Assis,²⁷ o Rui Barbosa e o Joaquim Nabuco,²⁸ que são as

²⁷ Para maiores informações, vide o site desenvolvido pelo Ministério da Educação, intitulado “Machado de Assis – Vida e Obra”, disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/>>.

²⁸ Para maiores informações, vide a biografia de Joaquim Nabuco, no site da Academia Brasileira de Letras, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joaquim->

três figuras, além dos outros valores puramente literários do tempo, como Coelho Neto, ou Olavo Bilac, ou José Veríssimo, ou Silvio Romero, essas grandes figuras. Mas, o Rui Barbosa pertencer à Academia foi realmente um acontecimento que preponderou no espírito de todo o país no sentido de dar logo um prestígio especial a essa instituição. E tanto a posição dele era incomparável e só entestava com a do Machado de Assis é que, quando Machado de Assis morreu, a 30 de setembro de 1908, logo Rui Barbosa foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo em que ele esteve por nove anos seguidos, embora nunca tivesse comparecido senão para o efeito de tomar posse do cargo da presidência.

Entrevistadora: Então ele nunca mais veio à academia? Não vinha à academia?

Austregésilo: Não, não vinha. Não vinha, não se associava aos debates, não tinha nenhuma atividade, passava tudo isto ao cargo do secretário-geral, mas era reeleito sempre, porque a academia, de certo modo, tinha a necessidade de ter o amparo, o patrocínio daquele grande nome.

Entrevistadora: O prestígio, não é?

Austregésilo: É. Depois, creio que já em 1917, depois dele passar nove anos como presidente, tendo vindo apenas nove vezes à academia...

Entrevistadora: Que curiosidade essa, não é?

Austregésilo: Ele enviou um voto por telegrama e a academia não aceitou, porque era antirregimental mandar o voto aberto por telegrama para uma eleição de acadêmico. O Rui Barbosa molestou-se com isso e renunciou ao cargo.

Entrevistadora: E nessa passagem dessas nove...

Austregésilo: Agora, na passagem dele pela academia há dois documentos maravilhosos. O primeiro foi o discurso²⁹ que ele pronunciou recebendo o Anatole France,³⁰ na Academia Brasileira de Letras. Um discurso que ele fez em francês que teve uma grande repercussão e que foi muito elogiado pelo próprio Anatole France. E o segundo foi o discurso³¹ com que

nabuco/biografia>.

²⁹ O discurso *Saudação a Anatole France*, proferido por Rui Barbosa, na Academia Brasileira de Letras em 1909, está disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Saudacao_a_AnatoleFrance.pdf>.

³⁰ Para maiores informações, vide biografia de Anatole France disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=875>>.

³¹ O discurso *Adeus a Machado de Assis*, proferido por Rui Barbosa, está disponível em: <<https://bit.ly/43eWq8Q>>.

ele se despediu de Machado de Assis em nome da Academia Brasileira, por ocasião do sepultamento do primeiro presidente.

Entrevistadora: E tem tudo isso aqui nos arquivos da academia?

Austregésilo: Tem tudo. Todas essas coisas.

Entrevistadora: Parece que essa mensagem em relação à Anatole France foi publicada pela casa, não é? O discurso de Rui Barbosa?

Austregésilo: Foi. Era discurso e teve de ser publicado. Tem publicado. Foi um grande discurso. Aí são as duas notas máximas da presença dele na Academia, e em função de ser acadêmico.

Entrevistadora: O número da cadeira dele aqui? Ele teria número ou...

Austregésilo: Tem. Não, ele tinha número. Parece que é a cadeira nº 30.³² Não sei exatamente! Eu não tenho de cor, mas eu sei que ele foi substituído mais tarde pelo Laudelino Freire e hoje a cadeira dele parece que é do Osvaldo Orico.³³

Entrevistadora: E há fotos, aqui na academia, de Rui Barbosa quando da presidência?

Austregésilo: Não. Como ele não vinha, há pouca coisa. Ele não vinha, ele não apareceu. Não há. No entanto, nos arquivos da academia, há cartas, há muita coisa interessante sobre o Rui Barbosa. Nos arquivos.

Entrevistadora: E nós teríamos acesso, caso houvesse uma curiosidade?

Austregésilo: Teriam acesso a ver todas essas coisas.

Entrevistadora: Isso é interessante.

Austregésilo: Tá bom?

Entrevistadora: Nós temos só que agradecer a sua colaboração e tudo.

E colocar a casa a sua disposição, que isso daí é uma coisa que já está implícita. O senhor pode aparecer na hora que o senhor quiser que será um prazer para todos nós lá.

[Fim da gravação]

³² Segundo o perfil do acadêmico no site da Academia Brasileira de Letras, a cadeira ocupada por Rui Barbosa foi a de número 10. Consultado em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

³³ A cadeira nº 10 foi ocupada por Evaristo da Veiga (patrono), Rui Barbosa (fundador), Laudelino Freire (posição 2), Osvaldo Orico (posição 3), Orígenes Lessa (posição 4), Lêdo Ivo (posição 5) e, atualmente, por Rosiska Darcy de Oliveira (posição 6). Curiosamente, Orígenes Lessa e Lêdo Ivo trabalharam na FCRB. O primeiro foi funcionário na década de 1980. E o segundo foi diretor do Centro de Pesquisa no período de 1992-1993 e presidente da fundação de 1993-1995.

**Péricles Madureira de Pinho
(depoimento, 1976)**

PINHO, Péricles Madureira de. *Péricles Madureira de Pinho
(depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Péricles Madureira de Pinho

Local da entrevista: Editora José Olympio, à rua Marquês de Olinda, nº 12, Botafogo – Rio de Janeiro – Brasil.

Data da entrevista: 10 de junho de 1976

Duração¹: -

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: -

Biografia²:

(n. Salvador, 1908-f. Rio de Janeiro, 1978)

Administrador, político e escritor brasileiro.

Bacharel em Direito, em 1931, pela Faculdade de Direito da Bahia.

Encarregado do projeto da Casa do Brasil,³ na Cidade Universitária de Paris de 1954-1959.

Diretor-executivo do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais em 1957.

Vice-presidente da Editora José Olympio.

Obras: *As dívidas de agricultores e a solução corporativa* (1939); *O problema da sindicalização rural* (1939); *Luís Tarquínio: pioneiro da justiça social no Brasil* (1944); *Notas à margem do problema agrário* (1952); *São assim os baianos* (1960).

¹ O áudio não foi localizado, sendo assim esse documento reproduz a transcrição realizada na década de 1970. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² GOUVÊA, Fernando César Ferreira. São assim os baianos: entre afinidades eletivas e regionais a presença de Anísio Teixeira e dos Intelectuais baianos no Ministério da Educação nos anos 1950 e 1960. *Revista Entreideias*, Salvador, v.7, n.2, p. 22-37, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/23521/16533>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

³ Para maiores informações sobre “Casa do Brasil”, consulte: PUPPI, Marcelo. Espaços inacabados: Le Corbusier, Lucio Costa e a saga da Casa do Brasil, 1953-56. *ArqTexto*, Porto Alegre/RS, UFRGS, nº 12, p. 160-203, 1º semestre de 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_12/07_MP_espa%C3%A7os_300409C.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Entrevistador: Dia 10 de junho de 1976. Estamos em companhia do professor Péricles Madureira de Pinho, vice-presidente da Editora José Olympio, à rua Marquês de Olinda, nº 12, em Botafogo. Dando prosseguimento ao nosso projeto atualmente levado a efeito, Memória de Rui, na Casa Rui Barbosa, queremos, antes de mais nada, dar um breve esclarecimento ao senhor sobre o nosso trabalho. Estamos colhendo informações de pessoas que tenham participado da vida particular ou pública de Rui Barbosa, que tenham presenciado manifestações públicas de Rui, que tenham frequentado a residência de Rui, sendo que um depoimento semelhante ao seu foi o do professor Américo Jacobina Lacombe,⁴ e foi quando ele mencionou o seu nome, estando nós agora aqui em sua companhia. Gostaríamos de ouvi-lo como mais uma fonte de informação para os nossos trabalhos posteriores.

Péricles: Minhas lembranças do conselheiro surgem dos primeiros episódios que me devolve a memória. Eu tinha pouco mais de três anos quando, em janeiro de 1912, a cidade de Salvador foi bombardeada,⁵ desfecho de triste e famosa disputa pelo governo do Estado. Minha família refugiou-se numa praia onde tínhamos casa de veraneio, São Tomé de Paripe, e de lá avistamos as altas labaredas que envolviam a praça do Palácio. Estas as mais recuadas cenas do meu consciente. E nelas aparece a figura de Rui defendendo a Bahia de tamanha agressão. Tudo na sensibilidade da criança, antecipando a noção do grande homem, do homem excepcional, capaz de enfrentar o fogo vomitado pelos canhões. Meu pai, Bernardino Madureira de Pinho, era *ruísta* histórico. Foi o menino que na visita de Rui à terra natal, em 1892, pediu em discurso uma conferência em benefício do asilo de órfãos da Feira de Santana. Ele ainda o escolhido para agradecer a Rui no dia da conferência. Ambos os espetáculos no velho Teatro São João. Foi o orador em nome da classe acadêmica em 1897, no Polytheama Bahiano.⁶ Daí a minha infância ter sido toda ela cheia de evocações de Rui, mesmo antes de sua presença

⁴ Para maiores informações, vide “Américo Jacobina Lacombe”, disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ajlacombe.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁵ Para maiores informações, vide o verbete “Bombardeio de Salvador”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOMBARDEIO%20DE%20SALVADOR.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁶ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

física na Bahia, em abril de 1919, em dezembro do mesmo ano. A primeira era a campanha presidencial.⁷ A segunda, na campanha pelo governo do Estado, enfrentando o velho Seabra,⁸ candidato ele próprio. Rui, apoiando a candidatura oposicionista do juiz federal Paulo Fontes. O desembarque à noite e o desfile pela cidade em carro aberto, empurrado pelo povo, foram visões de sonho para os meus 11 anos. Um navio do Lloyd Brasileiro propositalmente atrasado na chegada ao porto, poria a cidade às escuras impedindo a grandiosidade da manifestação. A reação popular não estava no cálculo dos governistas. Ninguém arredou pé dos locais onde passaria o carro de Rui. Vieram para as ruas milhares de palmas secas, então usadas para matar formigas, iluminando com as chamas improvisadas e dando um toque revolucionário e trágico ao entusiasmo da multidão. Meu pai, tendo ido a bordo, ouviu o conselheiro receber a notícia do que o orador no desembarque seria o professor Ernesto Carneiro Ribeiro,⁹ antigo mestre de Rui, antagonistas que foram na famosa polêmica sobre a redação do Código Civil.¹⁰ A pugna era recente, e o gesto do velho professor comoveu Rui até às lágrimas. A reconciliação dos dois gigantes iniciou as grandes emoções daquela noite. A multidão dirigia o cortejo e em sinal de desprezo contornou o Campo Grande, a praça Dois de Julho, evitando passar em frente ao palácio da Aclamação. Do alto de um sobrado, na esquina da rua do Canela, vimos Rui pela primeira vez em um carro aberto, empurrado pelo povo, numa cena que nos ficou como uma visão. Ele acenava em todas as direções, e no ar espocavam fogos de artifícios, que em todo o percurso completavam a iluminação daqueles fochos bem semelhantes aos da Revolução

⁷ Sobre a campanha pelo governo do estado da Bahia, há uma série de fotografias na base iconográfica da FCRB. Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

⁸ Para maiores informações, vide o verbete “José Joaquim Seabra”, disponível em: <<http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/ultimas-noticias/658-jose-joaquim-seabra>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁹ Para maiores informações, vide o verbete “Ernesto Carneiro”, disponível em <http://academiafriburguensedeletras.blogspot.com/2016/02/biografia-dos-patronos-ernesto-carneiro.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹⁰ Em 1902, Rui Barbosa foi designado presidente da Comissão Especial do Código Civil, no Senado. Apresentou parecer-crítica sobre a redação do Projeto do Código Civil da Câmara, em 3 de abril. Em outubro, o professor Carneiro Ribeiro divulga *Ligeiras observações sobre as emendas do dr. Rui Barbosa ao projeto do Código Civil*. É o início da polêmica filológica conhecida como Réplica. Sobre essa polêmica temos cinco tomos nas *Obras completas de Rui Barbosa*, Volume XXIX. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>.

Francesa nas ruas de Paris. A estada de Rui na Bahia foi de poucos dias, pois a campanha presidencial¹¹ se processava no Sul. Lembro, daqueles dias, comentários em torno de Rui e Epitácio.¹² Sempre acompanhados de prognósticos em favor de Epitácio. O entusiasmo dos ruístas, não esqueciam que o adversário era homem de valor e o de mais sorte da política brasileira. Tudo se confirmou com o regresso triunfal de Epitácio da Europa e dos Estados Unidos para assumir a presidência da República. Minhas lembranças de Rui são mais vivas quando de sua permanência na Bahia, em dezembro de 1919 a janeiro de 1920, chefiando a luta pela eleição de Paulo Fontes ao governo do estado. Meu pai estava na linha de frente da campanha. Rui chegou numa bela tarde, sem os atropelos da noite de abril. Repetiu-se o espetáculo do carro aberto impulsionado pelo povo, do cais até a residência do professor Augusto Vianna no largo da Graça, os mesmos entusiasmos e ovações. A convenção de representantes dos municípios, sob a presidência de Rui, para a homologação da candidatura Paulo Fontes, realizou-se no Polytheama Bahiano. Velho teatro que fora circo e se transformara na grande casa de espetáculos da cidade. Sua estrutura de madeira inspirava maus prognósticos sobre a resistência ao peso da multidão incalculável que o superlotaria. Aí é que pude medir a importância de Rui. Menino órfão de mãe, acariciado por toda a família, ninguém titubeou sobre a necessidade da minha presença no teatro. Seria a última oportunidade de ouvir o grande homem, e superando todos os desvelos pela minha segurança estava a grandiosidade do espetáculo. A oração¹³ de Rui durou cerca de três horas. Ocupamos, com quase toda a família, um dos camarotes da ala direita do teatro. Era gente por todo lado. Plateia, corredores, galerias. Tudo regurgitando. A entrada de Rui em cena aberta, na presidência da grande mesa, contagiou toda aquela massa humana de entusiasmo expresso em aclamações delirantes. A presença feminina era notável para aqueles tempos. As frisas e camarotes, todas ocupadas por

¹¹ Referência à campanha presidencial na qual Rui Barbosa disputava com Epitácio Pessoa, em 1919.

¹² Para maiores informações, vide o verbete “Epitácio Pessoa”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹³ Intitulado “A conferência do cons. Rui Barbosa na Convenção de 20 de novembro de 1919 no Politeama Baiano” o discurso foi reproduzido nas Obras completas de Rui Barbosa, Vol. XLVI 1919, Tomo III, intitulado *Campanha da Bahia*. Disponível para download em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompleatas.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

senhoras, com chapéus e luvas então indispensáveis. O timbre de voz de um homem idoso, franzino, era de um vigor, de um timbre harmônico hoje só obtido com microfones e amplificadores. Os outros oradores da noite foram Otávio Mangabeira,¹⁴ Américo Barreto e Bernardino Madureira de Pinho, meu pai. Ouvi tudo sem pestanejar. Lembro-me de duas frases de Rui. “Na Bahia tudo é grande, menos o seu governo”. Comparando as duas convenções que indicaram os candidatos ao pleito, assim formulava o contraste: “Da rua de baixo o Politeama”. Naquela rua, atualmente denominada Carlos Gomes, localizava-se o baixo mere-trício. E ali, na redação do jornal governista, reuniu-se a convenção do partido oficial. Recordo as excursões ao interior. Rui visitou Feira de Santana, Alagoinha, Serrinha, Bonfim, Santo Amaro e Nazaré. Cada regresso a Salvador proporcionava uma recepção popular. Fui pra rua em várias e ainda me recordo dos vivas que me causaram rouquidão e tosse. Meu pai recebeu um cartão manuscrito de Rui – o original está nos arquivos da Casa Rui Barbosa –, convidando-o para acompanhá-lo na excursão ao interior. Dois episódios dessa viagem, por ele narrados, documentam o temperamento do conselheiro, capaz de razões inesperadas. Na Feira de Santana, seria hóspede de um dedicado correligionário, que fizeram sacrifícios financeiros para recebê-lo. Quando lhe apresentaram os cômodos que deveria ocupar, Rui protestou. Nunca dormira em alcova, quarto sem janela, e ali não poderia escrever a conferência a ser pronunciada no dia seguinte. O assunto foi contornado com os pernoites na chácara do professor Fernando São Paulo, nos arredores da cidade, cercada de varandas, ampla e ventilada; era ambiente ideal para o trabalho e o repouso de que tanto precisava Rui. Outro episódio foi na passagem pela cidade de Bonfim, então Vila Nova da Rainha. Rui já tinha proferido o seu discurso. Retornara ao trem de ferro, quando na praça fronteira à estação ouviram-se tiros. Eram os adversários pretendendo esfriar o entusiasmo dos ruístas. Um dos membros da comitiva, escritor ilustre, entra esbaforido no trem e dirige-se a Rui: “conselheiro, não há perigo. Os nossos amigos garantem que não seremos atingidos”. A resposta foi enérgica e veemente: “Se alguém aqui está com medo é o senhor. Estamos todos na tranquilidade dos que

¹⁴ Para maiores informações, vide o verbete “Otávio Mangabeira”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio_mangabeira>. Acesso em: 20 abr. 2020.

cumprem o seu dever”. Bem razão tinha Pinheiro Machado,¹⁵ dizendo: “Mais do que talento, o Rui tem coragem”. Com os meus dois irmãos fizemos uma visita a Rui e d. Maria Augusta, na casa do professor Augusto Vianna que os hospedava. Ele trajava linho branco e colarinho duro. Tenho viva recordação da merenda que nos foi servida na mesa de jantar. Era um suculento mingau. E Rui recusava-se a aceitá-lo. d. Maria Augusta, em tom severo, trouxe-o até a mesa, colocou-lhe um guardanapo ao pescoço e assistiu à nossa pequena refeição. O conselheiro desceu a conversa até nós e nos falou da importância da alimentação e da vida das formigas. Manso e afetuoso, em contraste com o tribuno que ouvíamos dias antes no Politheama. Vi Rui pela última vez, já no saguão da Biblioteca Nacional no Rio. Na ocasião já ele estava no caixão que o encerraria para sempre, aquele corpo franzino, que a morte ainda diminuiu. Passava as férias de 22, 23, na antiga capital, e a 1^o de março¹⁶ ainda não regressara à Bahia. No dia dos funerais, estava no largo da Glória para assistir à passagem do cortejo. Nos meus 14 anos, já prestados os exames finais em português e geografia do Brasil, tive bem a ideia de que, sem Rui, viveríamos num outro país. E muito do que nos aconteceu dali por diante significou a ausência de Rui. Mas isso é outra história.

Entrevistador: Está muito bom seu depoimento. E estou sensibilizada e super agradecida por tudo isso. E agora eu gostaria de fazer uma pergunta ao senhor, acerca da editora José Olympio. Quais são os planos que o senhor tem acerca de alguma edição sobre Rui Barbosa? Tem alguma coisa em mente para o momento?

Péricles: Temos em preparo uma nova edição da vida de Rui Barbosa, por Luiz Vianna Filho.¹⁷ O autor tem se esmerado em pesquisas, de maneira que nos dá novos dados sobre a vida do conselheiro, e há uma ilustração inteiramente inédita. O episódio a que eu referi, por exemplo, dos pernites na chácara do professor Fernando São Paulo, estão documentados numa excelente fotografia tirada na chácara, em que se vê o conselheiro ladeado pelo casal e por um filhinho pequeno. Essa fotografia absolutamente inédita. Como há uma outra, na prefeitura de

¹⁵ Para maiores informações, vide o verbete “Pinheiro Machado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹⁶ Rui Barbosa faleceu na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1 de março de 1923.

¹⁷ Provavelmente, trata-se de *Rui Barbosa: seis conferências*, lançado em 1977. Consta na base da Biblioteca São Clemente. Vide: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/externo/busca.asp>>.

Bonfim, ao alto da escadaria, em que aparecem figuras políticas cercando o conselheiro,¹⁸ já com o seu terno branco, tão usado naqueles dias de verão baiano, e com a sua inclinação de pescoço, e um ar de velhice que seria momentos depois desmentido no episódio que narrei, em que ele respondeu com tanta veemência ao correligionário amedrontado pelos tiros dos adversários. A capa dessa nova edição será uma fotografia de Rui aos 31 anos. Inteiramente inédita. De maneira que nós, como editores, sugerimos ao autor que essa edição seja uma edição consagrada à mocidade de hoje, que precisa estudar o que foi a mocidade de Rui. O Rui não nasceu velho, nem nasceu jurista, nem nasceu apóstolo. Nasceu um jovem e teve uma mocidade de lutas, de lutas pelos motivos sociais da sua época. Foi o abolicionista. Foi o homem dedicado ao estudo da educação numa época em que esses estudos eram raríssimos entre nós. Enfim, uma edição de Rui para a mocidade de hoje, e sob a égide de uma fotografia de Rui jovem, muito pouco conhecida dos maiores especialistas em documentação de Rui Barbosa.

Entrevistador: Dr. Péricles, o senhor teria alguma ideia de como a gente poderia ficar a par desse texto, que deve ser bastante interessante e é pouco divulgado, do discurso pronunciado pelo professor Carneiro Ribeiro na ocasião da chegada do Rui, já que também foi um encontro que Rui de forma nenhuma poderia prever que fosse acontecer, foi uma surpresa geral para ele, como o senhor nos disse?

Péricles: Eu acredito que só os jornais da época poderão devolver esse texto. Como *A Tarde*, o grande jornal do estado, inda hoje o maior jornal da Bahia, dedicava páginas inteiras, com grande minúcia, a tudo o que se referisse a Rui, muito possivelmente no jornal do dia encontrar-se-á o texto de Carneiro Ribeiro, que era um homem extraordinariamente admirado por todas as novas gerações de baianos.

Entrevistador: Uma outra pergunta também que gostaria de formular ao senhor seria o seguinte: O senhor lembra de alguma coisa que caracterizasse a toda aquela massa que mostrava sua dedicação e o seu agrado por Rui Barbosa, já que ele, conforme já foi declarado, era uma pessoa carismática?

¹⁸ A fotografia intitulada “Campanha Eleitoral Paulo Fontes x J. J. Seabra – Bahia, 1919”, referência rb-rbic1798.jpeg, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Péricles: Lembro, por exemplo, os pequenos retratos¹⁹ de Rui para serem usados na lapela dos paletós. Toda a rapaziada da época, mesmo nós, os meninos, não importava a idade nem a condição social – o popular, o homem de sociedade, o político –, todos usavam o retratinho de Rui na lapela durante as campanhas políticas de que me recordo e a que fiz alusão. Alguma coisa de parecido com o que hoje se dedica aos jogadores de futebol, às grandes figuras do nosso meio esportivo. Naquele tempo, Rui era objeto de toda uma força de admiração expressa nesses objetos e nessa intensa admiração popular.

[Fim da gravação]

¹⁹ Provável referência ao botão de propaganda (bóton) confeccionado para a campanha civilista. Item do acervo museológico. Informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>>.

**Marcos Carneiro de Mendonça
(depoimento, 1976)**

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Marcos Carneiro de Mendonça.
(depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Marcos Carneiro de Mendonça

Local da entrevista: Rio de Janeiro. Residência do entrevistado, à rua Cosme Velho, 857.

Data da entrevista: 15 de julho de 1976

Duração¹: -

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Conferência de Haia, cinema, Tom Mix, futebol, Buenos Aires, Fluminense, Eptácio Pessoa, Mário Rodrigues Filho, clubes de futebol, Teatro Lírico, Toscanini, marquês de Pombal, Machado de Assis, Lauro Sodre, Churchill.

Biografia²:

(n. Cataguases, MG, 1894-f. Rio de Janeiro, 1988)

Historiador autodidata e esportista (tricampeão carioca de futebol pelo Fluminense Football Club, clube de que foi presidente e campeão sul-americano, em 1919).

Além de artigos na Revista do IHGB e outros periódicos, e várias conferências, escreveu os livros: *O intendente Câmara* (1958); *O marquês de Pombal e o Brasil* (1960); *A amazônia na era pombalina* (1963); *Raízes da formação administrativa do Brasil*, (1972); *D. João VI e o Império no Brasil: a Independência e a missão rio maior* (1985); dentre outros.

¹ Apesar do depoimento estar registrado no Arquivo Institucional da FCRB (disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>), o áudio não foi localizado sendo assim esse documento reproduz a transcrição realizada na década de 1970.

² Consultado em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/mcdmendon%C3%A7a.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PARTE I

Entrevistadora: Estamos no dia 15 de julho de 1976, em companhia do professor Marcos Carneiro de Mendonça, em sua residência, à rua Cosme Velho, 857, dando prosseguimento ao projeto levado a efeito atualmente na Casa de Rui Barbosa, Memória de Rui. Professor, nós gostaríamos de ouvi-lo sobre qualquer assunto relacionado com a sua época ou alguma coisa em particular que o senhor também tivesse sobre Rui Barbosa. O que o senhor pode me acrescentar?

Marcos: Sobre Rui Barbosa, o que eu acho mais interessante, que eu esperava que fosse oferecer a vocês é um soneto feito por Ana Amélia,³ em Minas, “Na Esperança”, por ocasião da campanha presidencial.⁴ O seu entusiasmo de menina está perfeitamente consignado na forma pela qual ela representou este entusiasmo. Um soneto que a meu ver parece ótimo para a idade dela e para o tempo em que o soneto foi feito.

Entrevistadora: Agora, professor, Ana Amélia prosseguiu defendendo ou achando válido os ideais defendidos por Rui Barbosa... ela continuou sendo ruísta ou o soneto apenas foi uma fase da juventude?

Marcos: Não, Ana Amélia tinha ideias absolutamente amplas sobre as liberdades humanas e essa foi uma das características da campanha do

³ Ana Amélia foi esposa do entrevistado. Para maiores informações, vide biografia “Anna Amélia Carneiro de Mendonça”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AACM>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁴ Rui Barbosa participou das eleições presidenciais de 1910 e sua campanha ficou conhecida como campanha civilista. Para maiores informações, vide o verbete “Campanha Civilista”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPANHA%20CIVILISTA.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Rui Barbosa. Foi essa campanha justamente pelos direitos humanos, pelas liberdades humanas, e isso manteve toda a vida, até morrer foi o... foi uma das características essenciais da vida da Ana Amélia.

Entrevistadora: O senhor em oportunidade anterior nos disse que não teria muita contribuição a nos dar a respeito de fatos relacionados diretamente a Rui Barbosa...

Marcos: Não, eu só posso ter impressões sobre, por exemplo... meninos, quando foi o Congresso de Haia. Todo mundo teve entusiasmo excepcional sobre a conduta e a maneira pela qual o Rui Barbosa se transformou num líder dos países de menor importância então para o mundo. E houve mesmo um grande escritor e repórter⁵ que fez um trabalho excepcional que morreu naquele desastre do Titanic e deixou um livro em que mostrou a forma excepcional pelo qual Rui Barbosa impôs as suas ideias no Congresso de Haia.

Entrevistadora: Quer dizer que então no próprio seio da população, na época, repercutiu muito a Conferência de Haia...

Marcos: ... extraordinariamente...

Entrevistadora: ... são reminiscências de menino que o senhor tem, mas que ficaram gravados...

Marcos: ... completamente. E a figura então nessa época do Rui Barbosa era muito interessante porque como nós morávamos na cidade frequentemente eu o via nas proximidades do cinema Odeon. Esse cinema Odeon, na ocasião, não era no lugar atual, do bairro Serrador, que foi construído onde era o antigo convento d'Ajuda, que eu conheci o convento. E vi a abertura da avenida Rio Branco e vi a instalação do cinema que era frequentado pelo conselheiro Rui Barbosa. Havia... a maior saída do cinema era pela rua Sete de Setembro. A entrada era pela esquina da rua Sete de Setembro com avenida Central, que depois passou a ser avenida Rio Branco.

Entrevistadora: Quer dizer então que o senhor viu o conselheiro que nós sabemos que gostava bastante...

Marcos: ... vi, várias vezes...

Entrevistadora: ... de cinema...

Marcos: Todo mundo sabia que era frequentador daquele cinema...

Entrevistadora: ... que era um cinema de elite naquela época...

⁵ Refere-se a William T. Stead, citado também no depoimento de Raymundo Magalhães Jr. para o projeto Memória de Rui, em 3 de agosto de 1977.

Marcos: ... era um cinema. Havia uma orquestra ótima na entrada, de maneira que era o cinema mais frequentado de então. Depois vieram outros. Tivemos Avenida... e outros cinemas...

Entrevistadora: ... Pathé também...

Marcos: ... Pathé também... era muito interessante...

Entrevistadora: Agora, o senhor tem lembrança por acaso assim de algum filme... porque nós temos assim livros e comentários de pessoas que conheceram Rui Barbosa, que tinha uma certa apreciação por filmes de Tom Mix...⁶

Marcos: ... ah, isso eu não sei... isso eu não sei não...

Entrevistadora: ... isso o senhor não se lembra...

Marcos: O contato dele com a família dele só se fez sentir durante algum tempo por intermédio do João Rui Barbosa;⁷ se interessava, conversávamos etc., mas sempre muito... era uma relação muito limitada...

Entrevistadora: ... mas ele tinha interesse pelo esporte, ele tinha interesse de entrar e ser jogador também ou discutia... apenas futebol...

Marcos: Não, não. Mas a respeito do futebol, a nota mais curiosa que se pode imaginar é que quando houve a comemoração do Congresso de Tucumã,⁸ comemorativo do primeiro Centenário da Independência da Argentina...

Entrevistadora: ... é a Copa Roque... nessa ocasião...

Marcos: Não, foi em 1916. Na última hora eles organizaram um campeonato sul-americano de futebol, futebol amador e nessa ocasião o famosíssimo conselheiro Rui Barbosa e foi convidado especial para fazer uma manifestação pró-aliados, um discurso⁹ memorável que ele fez no Congresso de Tucumã, em Buenos Aires. Então, já estávamos durante a guerra e nós já tínhamos viajado de Buenos Aires para o Rio de Janeiro a bordo

⁶ Thomas Hezikiah Mix, cujo nome artístico era Tom Mix, foi um ator norte-americano de grande sucesso na era do cinema mudo e atuava preferencialmente no gênero western. Consultado em: <<https://www.imdb.com/name/nm0594291/bio>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁷ Filho de Rui Barbosa.

⁸ O Congresso de Tucumán foi uma assembleia legislativa e constituinte realizada de 24 de março de 1816 até 11 de fevereiro de 1820. O principal marco desse congresso foi a Declaração de Independência da Argentina, feita em 9 de julho de 1816. Consultado em: <<https://web.archive.org/web/20090224144926/http://www.me.gov.ar/efeme/9dejulio/congreso.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁹ BARBOSA, Rui. *Embaixada a Buenos Aires*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981. (Obras Completas de Rui Barbosa, v.43, t.1). Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/bibliotecadigital/RuiBarbosa/66402/PDF/66402.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

de um navio que fomos tomar em La Plata. Havia ainda três cruzadores alemães lá no Sul de maneira que a viagem... esperamos um dia, dois dias, três dias para sair de La Plata escondidos porque a situação não era nada boa, em 14. Em 16... então houve o Congresso Sul-Americano e nós fomos convocados. E ao que eu sei positivamente foi posto um navio especial para o conselheiro Rui Barbosa ir daqui para Buenos Aires. E ele teria sido consultado se concordava que nós amadores, estudantes de engenharia, de politécnica, de direito etc., e tinha que ir jogar o campeonato sul-americano, se poderíamos ir com ele no navio. Ele ia só. E ele que tinha traduzido um livro sobre educação física...¹⁰ um livro que há uns 100 anos quase passados foi coisa célebre. O conselheiro Rui Barbosa achou que a nossa companhia poderia perturbar a vida dele a bordo. Resultado: tivemos que comer 3.300 quilômetros em estrada de ferro daqui até Montevidéu, onde chegamos com as pernas bambas para que o muito ilustre senhor conselheiro Rui Barbosa fosse sozinho no navio fazer sua grande e extraordinária Conferência de 1916... mas ele não está sozinho com relação a minha pessoa em fato dessa natureza... muito mais tarde, aí em 19, o Fluminense tava disputando com o Flamengo o final do campeonato de 1919. Já tinham sido campeões em 1919, em maio. E nesse final, a situação era a seguinte: o Fluminense, empatando ou ganhando, ganhava o tricampeonato e o campeonato de 1919. O jogo foi considerado tão importante que lá estava o presidente da República, Epiácio Pessoa.¹¹ Nós disputamos o jogo final. Foi bonito com o Flamengo e vencemos. O senhor doutor Epiácio Pessoa me viu jogar. Não sei se ele era torcedor do Fluminense ou do Flamengo... em 31, o professor Rodolfo Garcia...¹² eu, numa visita rápida ao Instituto Histórico, e disse: “Olha, ô, Marco, você que mexe aí. Você que trata aí de siderurgia. Você podia defender aí a tese Câmara Bittencourt... um

¹⁰ Rui Barbosa redigiu os pareceres sobre a Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior proveniente da análise detalhada do decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que reformava o ensino primário e secundário no município da Corte e o ensino superior em todo o Império, e encaminhou um projeto substitutivo. Rui, então, expõe em sua proposta a importância da adoção da educação física e sua função educativo-moral. Para maiores informações, vide: “Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública” em *Obras completas*, Vol. X, tomo II, disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “Epiácio Pessoa”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹² Para maiores informações, vide verbete “Rodolfo Garcia”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

homem que teve muito interesse pela implantação da siderurgia no Brasil. Você podia fazer essa tese”. Disse: “Perfeitamente”. Então era a tese do temário para o Congresso Comemorativo do 1º Centenário da Abdicação de d. Pedro I, de 31, 7 de abril de 31, eu aceitei relatar a tese Câmara Bittencourt. Pesquisei, pesquisei, pesquisei e dei a minha tese e saiu o livro “O Intendente Câmara”. Parece que não foi ruim o resultado porque por causa do meu livro, “O Intendente Câmara”, a grande usina de Minas, dos mineiros e dos japoneses, a Usiminas, se chama Usina Intendente Câmara por causa do meu livro, por proposta do Congresso Mineiro. Resultado, apresentei a minha tese, foi aceita. O dr. Marcos [inaudível] me disse: “Olha, a sua tese foi apresentada, você vai entrar para o Instituto”. “Ah, dr. [inaudível] muito obrigado etc.” Eu não voltei mais lá no Instituto. Daí há uns tempos, eu estava no escritório quando me telefonaram: “Ô, seu Marcos, o senhor podia dar a sua impressão sobre a Taça Rio Branco que vai ser disputada entre os uruguaios e brasileiros”. Eu disse: “Pois não”. E lá foram ao meu escritório onde a gente trabalha em manga de camisa. Lá foi um repórter, perguntou a minha ideia a respeito do significado da Copa. Eu fiz muitos elogios, achei ótima, esses jogos assim internacionais de aproximação enfim... fiz o elogio. “– O senhor me dá licença de tirar um retrato juntos?” “Pois não”. O repórter ficou ao meu lado, tiramos os retratos e no dia seguinte saiu a entrevista do sr. Marcos Mendonça dando opinião sobre a Copa Rio Branco. O ex-presidente da República, dr. Epitácio Pessoa, pegou num jornal, folheou e deu com sr. Marcos Mendonça entrevistado em mangas de camisa sobre a Copa Roque. Botou o jornal debaixo do braço, partiu para o Instituto Histórico, chegou lá e disse: quem dá entrevista em manga de camisa sobre futebol não está à altura de ser membro do Instituto Histórico. E me barrou...

Entrevistadora: ... ah, mas que absurdo...

Marcos: Nos dias de hoje, nos dias de hoje... isso era diferente... mas isso foi em 1931... de maneira que os meus dois encontros com o conselheiro Rui Barbosa e com Epitácio Pessoa sobre futebol não deixam de ser interessantes...

Entrevistadora: Bastante interessantes realmente. Ô professor, é verdade que na ocasião que o senhor foi um grande goleiro conhecido aí e tudo... o senhor usava uma fitinha no cabelo...

Marcos: Não...

Entrevistadora: ... eu ouvi dizer que usava uma fita roxa...

Marcos: ... não era isso, não...

Entrevistadora: Como era essa história... isso aí já era um avanço para a época...

Marcos: Não era isso não. Eu vou dizer: uma ocasião, quando eu estava para entrar num jogo, eu usava um cinto sem fivela... para não me machucar... então era um cinto de fibra. A ligação das pontas era em couro, se infiltrava um pedaço no outro, e eu não achei o cinto. Procurei... não achei e me trouxeram uma faixa... tem isso aqui para amarrar... estava na hora de entrar no futebol e eu amarrei a porcaria da faixa na cintura... sobrava um pedacinho de nada, eu tenho várias fotografias a respeito e tenho várias fotografias de um milhão de jogadores de futebol com faixas também na cintura como se usava. Faixas algumas escandalosas. Resultado, como eu tenho dois álbuns preciosos e invejados sobre todos os jogos que eu tomei parte. Eu emprestei um desses álbuns ao Mário Rodrigues Filho,¹³ meu amigo, um grande cronista e etc. Desse empréstimo nasceu um livro dele em que ele diz no prefácio que graças ao meu álbum ele pode escrever aquele livro¹⁴ sobre o negro no futebol nacional. Mas eu emprestei o álbum por oito dias e ele ficou mais de três anos com o álbum. E nesse álbum como eu sempre coleí tudo que era a favor ou contra, engraçado ou não engraçado etc. Um antigo colega meu, Pacheco Leão, para mexer comigo, escreveu uns versos sobre o moço da fita roxa.¹⁵ Nos meus dois álbuns de duzentos álbuns aproximadamente, não há uma única menção do fato de eu ter jogado naquela ocasião e posteriormente com aquela coisa. Foi o Mário Rodrigues vendo aquela poesia no meu álbum é que ele passou a achar engraçado, escreveu “O moço da fita roxa” etc... então gozaram... daí por diante e só depois do Mário Rodrigues é que começaram a inventar esse negócio do moço da fita roxa, porque era uma fita roxa que me deram e como a gente mesmo não sendo [inaudível] engraçado com relação a achar que dá azar ou dá... como eu joguei e ganhamos um jogo difícil com a fita roxa, eu tornei

¹³ Para maiores informações, vide “Mário Filho”, disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colonistas/mario-filho-1-12047153>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

¹⁴ MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1994.

¹⁵ SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol e cultura visual: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21022020-171827/publico/2019_DianaMendesMachadoDaSilva_VCorr.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

a usar a fita roxa e tornei a usar e nunca ninguém absolutamente fez a menor menção dessa licença porque outros mais jogavam. O próprio na criação do futebol aqui no Rio de Janeiro, o Rio Futebol Clube, era o Fluminense Mirim, os meninos todos jogavam com uma faixa roxa até arroxeadada do Rio etc. De maneira que essa é que é a origem da fita roxa. Mas só depois do Mário Rodrigues. Porque nos meus álbuns, eu posso colocar os meus álbuns aqui a disposição, no tempo que eu jogava futebol ninguém fez menção dessa fita. A senhora tá vendo como é a fama, que a senhora já está me perguntando se era na testa...

Entrevistadora: ... exatamente, a informação que eu tive é que era na testa...

Marcos: ... pois é, pois é...

Entrevistadora: ... que era o que esse Koch¹⁶ do tênis usa...

Marcos: Pois é, pois é... também que eu acho isso ridículo...

Entrevistadora: Agora professor Marcos, o senhor como jogador de futebol, como era a repercussão do futebol, porque nós já vimos inclusive em filmes que o futebol era concorrido, muito concorrido, as senhoras iam ao jogo muito bem arrumadas, quer dizer que o futebol era mais uma coisa de elite do que popular...

Marcos: Quando a senhora em vez de querer falar do Rui Barbosa quiser falar comigo sobre o futebol então eu posso falar perfeitamente... mostrar os álbuns e mostrar realmente era uma elite do Rio de Janeiro que frequentava o futebol. E os meus álbuns são positivos nesse sentido sobretudo assistência no Campeonato Sul-Americano de 19, impressionante, de gente, muito mais do que se supõe hoje.

Entrevistadora: Os próprios jogadores, como no caso o senhor, eram pessoas assim como a gente vê hoje nesse *futebol society*, que joga o Rafael Magalhães... e outras pessoas, os próprios jogadores...

Marcos: É, pois é, durante muitos anos até 1913... até 1911, o jogo era absolutamente um jogo de elite. Os clubes eram Fluminense, Botafogo, América e Paissandu, Rio Cricket.¹⁷ Depois de 1911, o Botafogo saiu da liga porque um dos seus jogadores ia ser suspenso, porque tinha brigado. Saiu da liga e formou então uma organização a liga com clubes mais modestos, mas em 1913 ele voltou, mas voltou acompanhado desses

¹⁶ Thomaz Koch é tenista profissional brasileiro. Consultado em NASSIF, Luís. *Koch e o tênis brasileiro*. Folha de São Paulo, 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/f0310199907.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

¹⁷ ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA RIO CRICKET. *História*. [s.d.]. Disponível em: <<http://riocricket.com.br/wp/sobre-o-rio-cricket/historia/>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

clubes mais modestos. De maneira que foi da briga do América com o Botafogo e a possível suspensão do jogador é que houve a primeira evolução social do futebol na implantação.

Entrevistadora: Agora nós, nessa entrevista que nós estamos fazendo com o senhor, nós estamos focalizando, nós vamos focalizar muito mais a época do Rui Barbosa do que o próprio Rui Barbosa. Então, além do futebol, nós sabemos que a ópera, as temporadas líricas, o cinema...

Marcos: ... ainda havia, ainda havia... no largo da Carioca o célebre Teatro Lírico.¹⁸ Não sei se a senhora sabe que o Teatro Lírico foi feito mais especialmente para ser circo de cavalinho, mas era dos teatros do mundo de melhor acústica. Era uma acústica extraordinária a do Teatro Lírico. Nós vimos muito circo... o Frank Brown, todos aqueles circos famosos que vinham... vinham quase todos para o Teatro Lírico. Mas ali houve manifestações excepcionais, por exemplo uma ocasião veio aí um conjunto de cantores, uma ópera famosa e o maestro desagradou inteiramente o público porque era um público selecionado. Eles mostraram o seu desgosto... mostraram o seu desgosto, afinal chegou uma noite em que o maestro ao se apresentar tomou vaia. Tomou vaia... ele teve que se retirar e houve um impasse... e deste impasse de repente surgiu então para substituir o maestro um jovem violinista da orquestra que vinha junto com toda turma de cantores. Quem era o jovem violinista que estreou por acaso aqui no Teatro Lírico? Toscanini.¹⁹

Entrevistadora: Puxa! Que maravilha! E o senhor teve oportunidade de ver o Toscanini... no caso regendo aí...

Marcos: Pois é... mas isso foi muito antes, foi muito antes do meu tempo... pois é, oportunidade que não deve ser perdida. Ela se me ofereceu algumas vezes. Quanto a minha vida, eu fui ser *goalkeeper*²⁰ por prescrição médica. Tão fraco eu era, proibido de jogar futebol. Comecei a jogar futebol escondido. A proibição foi em... com 13 anos e com 15 anos, eu comecei a jogar escondido. Fui assistir a uma partida do meu clube, Haddock Lobo, contra o Fluminense, que era o campeão da cidade. Isso

¹⁸ Para maiores informações, vide “Theatro Lyrico”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=89&cdP=19>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

¹⁹ Para maiores informações: Opera Mundi. *Hoje na história: 1957 – Morre o maestro italiano Arturo Toscanini*. 2018. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/historia/19188/hoje-na-historia-1957-morre-o-maestro-italiano-arturo-toscanini>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

²⁰ Segundo o Cambridge Dictionary, *goalkeeper* significa goleiro. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

foi outro dia mesmo... foi em 1910. Eu estava na arquibancada para assistir o jogo. Houve o jogo do segundo time e quando ia começar o jogo do primeiro time, contra o time do Fluminense que era o campeão da cidade, foram me buscar na arquibancada para jogar com quinze anos e quatro meses e pouco de jogo... contra o primeiro time do Fluminense. Nunca joguei em segundo time.

Entrevistadora: Que oportunidade!

Marcos: Resultado, foi a essa oportunidade que devo a minha vida até os dias de hoje. Porque o melhor cronista da época, Neto Machado, no dia seguinte ao jogo mencionou o meu jogo como sendo um jogo bom, me colocando sempre bem, com uma escora de mão segura e firme, enfim... fez o elogio que deu lugar a que eu ficasse no primeiro time do Haddock Lobo.²¹ Fiquei porque... por acaso, porque o *goalkeeper* do Haddock Lobo, um engenheiro, embarcou para os Estados Unidos, ficando o clube mais ou menos na dúvida se ele teria ou não embarcado. Então, aí deixaram o jogador do segundo time jogar na esperança dele por acaso chegar. Não chegou. E eu estreei. Resultado... no fim do ano de 1910, eu tinha jogado quatro vezes mais pelo Haddock Lobo. Com 16 anos, foi o ano seguinte, eu fui para o América e vejam bem, nova oportunidade. O *goalkeeper* do primeiro time do América de 1910, em 1911 passou para o Botafogo... abriu vaga no gol do América e lá fui eu treinar no América. Treinei, treinei, treinei. Começou o campeonato e eu fui para o primeiro time do América. Quer dizer, foram essas duas oportunidades, do *goalkeeper* do América do primeiro time passar para o Botafogo, estas duas oportunidades é que foram a razão de ser da minha vida...

Entrevistadora: Quais os times que o senhor jogou, Haddock Lobo, América...

Marcos: ... América e Fluminense...

Entrevistadora: ... Fluminense.

Marcos: Mas o que é importante é que com 16 anos, com um ano de jogo, eu já jogando no primeiro time do América, recebi um ofício assinado pelo presidente da Liga Metropolitana de Football,²² dr. Alvaro Zanick

²¹ Haddock Lobo Football Club foi uma agremiação localizada na Tijuca, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Fundada em 23 de julho de 1908, existiu por aproximadamente três anos. Em 17 de maio de 1911, uniu-se ao América Football Club. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/haddock_lobo_rj.html>. Acesso em: 1 jun. 2020)

²² A Liga Metropolitana de Futebol (LMF) foi criada em 1905, após campanha para a criação de uma liga de futebol carioca reunindo Rio Cricket and Athletic Association, Fluminense

me convocando com um ano de jogo para ser o *goalkeeper* do escrete de brasileiros. Quer dizer, não há possibilidade de haver no mundo um jogador que alcançou determinada categoria com 16 anos e um ano de jogo, apenas vá ser o *goalkeeper* do escrete brasileiro...

Entrevistadora: Agora voltando ao Teatro Lírico... o Teatro Lírico também foi alvo de manifestações políticas, não? Ele era utilizado também para reuniões políticas...

Marcos: ... reuniões políticas, conferências...

Entrevistadora: ... conferências...

Marcos: ... de toda natureza. Por exemplo, os primeiros filmes de importância mudos apresentados aqui no Rio de Janeiro foram feitos no palco do Teatro Lírico...

Entrevistadora: ... e onde ficava situado o Teatro Lírico...

Marcos: O Teatro Lírico ficava situado exatamente ali na entrada onde hoje é avenida Chile...

Entrevistadora: ... ah, perto do Tabuleiro da Baiana...²³

Marcos: É, exatamente. Ali é que era o Teatro Lírico.

Entrevistadora: E era o teatro assim mais importante da época...

Marcos: Era o mais importante do Brasil, sem dúvida. Um dos melhores da América do Sul. Era o Lírico e o Colón de Buenos Aires, eram os dois teatros.

Entrevistadora: Colón tá lá em pé até hoje...

Marcos: Antes de haver a construção do Theatro Municipal.²⁴

Entrevistadora: Agora o senhor lembra de companhias assim artísticas de importância que tenham passado pelo Teatro Lírico, que o senhor tenha assistido, artistas de renome na época...

Marcos: Quase todos os grandes cantores da época nós assistimos com muito prazer...

Entrevistadora: O senhor lembra... assim de algum... porque para nós é assim difícil. Nós não temos conhecimento... nós temos num arquivo

Football Club, Football Athletic Club, América Football Club, Bangu Atlético Club, Botafogo Football Club, Sport Club Petrópolis e Paysandu Cricket Club. Em 1907, a LMF muda sua denominação para Liga Metropolitana de Esportes Terrestres, que foi extinta ao final do campeonato do mesmo ano por atitudes racistas. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_carioca.html>. Acesso em: 1 jun. 2020.

²³ Antigo ponto de bonde do Centro da Cidade. Consultado em: FLICKR. *Tabuleiro da Baiana*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/carioca_da_gema/34993393>. Acesso em: 22 abr. 2020.

²⁴ Para maiores informações, vide “Theatro Municipal do Rio de Janeiro”, disponível em: <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/sobre/historia/>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

de fotografias de Rui Barbosa alguns cantores líricos, alguns artistas de ópera, mas a gente não sabe a projeção que as pessoas tinham no cenário artístico. O senhor lembra de algum artista de destaque, de renome, que tenha vindo... que o senhor tenha assistido nesse período...

Marcos: Eu assisti o Titta Ruffo²⁵ cantando *A cavalleria rusticana* e *Os palhaços*,²⁶ eu assisti o Caruso cantar uma vez...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Marcos: Se voltarmos ao futebol vamos nos enquadrar ao ano de 1916. Ano em que Rui Barbosa e o navio brasileiro foi fazer aquele monumental discurso de Buenos Aires nas comemorações de 1916, no Congresso de Tucumã. Nessa ocasião nós fomos consultados sobre a possibilidade de irmos também no mesmo navio. Sou pessoalmente muito grato a Rui Barbosa por não ter concedido que a delegação fosse juntamente com ele para Buenos Aires por mar. Porque da sua recusa ou da sua dúvida em irmos no mesmo navio que ele para Buenos Aires... – não tenha medo –... resultou o seguinte, tivemos que ir 3.300 quilômetros de estrada de ferro, daqui do Rio de Janeiro até Montevidéu. A saída do Rio de Janeiro para São Paulo foi mais ou menos assim como a senhora está nesse momento aqui sentada... fomos sentados em cadeiras daqui para São Paulo. Destinando-nos a uma competição de jogo internacional e uma cadeira rotativa como esta, de maneira que passamos a noite praticamente em claro, a primeira etapa da nossa viagem. Daí de São Paulo até Montevidéu fomos em vagão especial, mas quando chegamos por exemplo a região do Paraná, Santa Catarina, onde acabava de haver aquela grande luta²⁷ pela determinação dos limites entre um estado e o

²⁵ Para maiores informações, vide biografia “Titta Ruffo”, disponível em: <<https://www.allmusic.com/artist/titta-ruffo-mn002205346/biography>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

²⁶ “As óperas *I pagliacci*, de Leoncavallo, e *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, ambas classificadas como tragédia, são tradicionalmente executadas juntas, principalmente devido à curta duração e à semelhança no estilo. Essa tradição teve início depois que as duas óperas foram encenadas juntas em 1893 no Metropolitan Opera House, de Nova Iorque”. Consultado em: <<https://radios.ebc.com.br/opera-completa/2019/08/i-pagliacci-de-leoncavallo-e-o-destaque-do-opera-completa-deste-domingo>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

²⁷ Para maiores informações, vide verbete “Guerra do Contestado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUERRA%20DO%20>

outro. Passamos a conhecer todo esse Brasil central, hoje fundamentalmente transformado, mas naquela época ainda perfeitamente selvagem e quase inculto. Passamos na região onde tinha havido conflitos, onde as estações tavam todas queimadas, as casas queimadas, enfim manifestações claras de como a luta tinha sido intensa. Na estação, por exemplo, do São João, eu creio é o nome, e uma das estações mais altas do Brasil, tava tudo escangalhado. Iam sempre no nosso trem na nossa região, porque havia uma só linha e íamos sempre com o engenheiro residente na locomotiva, porque o trem que encontramos que estava mais em dia, vindo da região Sul, estava com 24 horas de atraso e por aí se vê muito bem o quanto era precária a nossa viagem. E houve um momento grave para nós quase... parecia grave, que a locomotiva apitou e outra locomotiva apitou, também, então seria o encontro das três numa mesma linha. Fomos todos acordados assustados, um companheiro caiu da cabine no chão, saltou ainda meio dormindo... mas era uma coisa curiosíssima... a locomotiva apitava e havia um eco do apito de maneira que o chefe do trem considerou que aquilo seria um outro trem que vinha em sentido contrário. Mas isso se passou. Depois, quando entramos no território do Rio Grande do Sul, todas aquelas planícies... e antes no Paraná e em Santa Catarina aqueles eucaliptais maravilhosos, que estão todos... mais ou menos... os pinheirais, não são eucaliptais, são os pinheirais. E era como todos sabem a fonte alimentadora das bandeiras, porque as bandeiras só penetravam especialmente na região quando os pinheiros estavam amadurecidos de maneira que havia a possibilidade de haver alimentação ampla para todos aqueles que andavam catando isso, aquilo e acolá para poder se alimentar e sobreviver. Entrando no Rio Grande do Sul, em Cruz Alta... eu me lembro muito bem, na estação a população preparou, a população se reuniu e nós na estação de trem, o peso dos presentes que não eram muitos, fez com que o chão da estação desabasse... felizmente não houve ferimento de ninguém, mas foi um bom susto. Quando chegamos em Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, a população ficou abismada, porque nós seguimos no mesmo vagão, coisa que nunca tinha acontecido, seguimos no mesmo vagão que estava... até Montevideú. Conhecemos assim todas aquelas planícies. Aqueles pontos do Uruguai até chegarmos sem pernas, porque o engenheiro chefe que ia conosco na locomotiva, sabendo do intuito da nossa

expedição por vezes de manhã cedo, como nós íamos sem pressa, não podíamos ter nenhuma pressa, ele dava ordem ao homem da locomotiva e a locomotiva ia a passo. Então para a equipe treinar um pouco e não ficar inteiramente sem pernas, descíamos todos do trem e saía correndo ao lado do trem para fazer o treinamento para a nossa competição no Campeonato Sul-Americano de Tucumã, em 1916. Ora o campeonato, nós chegamos lá sem o preparo devido, é claro, de Montevidéu atravessamos naquele vaporzinho da Companhia Bianovitch e a apresentação da equipe brasileira não foi das mais brilhantes, que o Brasil merecia ter já naquela ocasião em competições de toda natureza. Só viemos a ser campeões em 1919. Antes, os campeões eram sempre os uruguaios e os argentinos. Os chilenos sempre foram fracos competidores até um determinado ponto. De maneira que isso praticamente é o que eu tenho a dizer a respeito do conselheiro Rui Barbosa e que graças ao ponto de vista dele manifestado, quando foi consultado sobre a nossa viagem em conjunto... nós lucrámos, pelo menos eu pessoalmente achei que lucrei muito mais conhecendo o interior do Brasil e indo nessa experiência de trem daqui até Montevidéu.

Entrevistadora: Professor, o senhor como grande historiador e pesquisador sobre marquês de Pombal²⁸ abordou um tema agora comigo que realmente não foi divulgado em nenhuma biografia feita do Rui Barbosa... e eu gostaria que o senhor explicasse melhor essa questão da participação do Rui Barbosa no centenário da morte do marquês de Pombal.

Marcos: Pela leitura que tenho feito a respeito de trabalhos preciosos sobre Rui Barbosa, como conhecedor da obra pombalina, tenho notado haver uma lacuna grave nessas biografias... que é a parte referente às comemorações havidas aqui no Rio de Janeiro do primeiro centenário da morte do marquês de Pombal, em 1882. Tenho a certeza de que para mim, um dos mais altos trabalhos de Capistrano de Abreu sobre a história do Brasil escrita em alguns artigos de jornais aqui do Rio de Janeiro... esses artigos foram publicados logo após as comemorações, em que o ambiente cultural, histórico do Brasil estavam como que saturados pelo passado nessas comemorações nas quais tomaram parte não só os jovens do Brasil... porque aqui temos em mão um livro raríssimo, precioso, sobre o centenário do marquês de Pombal, homenagem da

²⁸ São obras de Marcos Carneiro de Mendonça sobre o marquês de Pombal: *O marquês de Pombal e o Brasil* (1960) e *A Amazônia na era pombalina*, em 03 volumes (1963).

mocidade acadêmica brasileira de Rio de Janeiro, 1882, com o relacionamento das contribuições de quase toda a grande mocidade da época que depois se transformavam em homens notabilíssimos no decorrer da vida do Brasil. Chefe dessas comemorações foi o general Lauro Sodré. A par dessas comemorações da mocidade do Brasil, desse livro interessantíssimo que aqui temos em mão, houve um Clube de Regatas Guanabareense cuja existência devia ser estudada... esse Clube de Regatas Guanabareense talvez por influência portuguesa... então nós tivemos aqui as importantíssimas conferências de diversos homens da maior importância da época, como cultura histórica do Brasil e de Portugal. Nesse grande volume do Clube de Regatas Guanabareense não consta a conferência do conselheiro Rui Barbosa²⁹ também feita na ocasião. Mas colaboraram como conferencistas José Maria Ladino Coelho, Henrique Correia Moreira, Machado de Assis, com uma poesia longa muito interessante, Silvio Romero, um dos grandes pensadores do Brasil, o dr. Tomás Alves Júnior, o conte Angelo de Gugernatis, o dr. Jorge Weber, em alemão, o dr. Manoel Egídio... Lídio Garcia, grande professor da Universidade de Coimbra, Oliveira Martins, considerado um dos maiores historiadores de Portugal de todos os tempos, Julio Matos e Teófilo Braga que foi um grande historiador da Universidade de Coimbra. Por aí se vê, pelo simples enunciado desses conferencistas, a importância emprestada às comemorações em 1882. Ora, nesse livro³⁰ nós temos a relação dos homens que colaboraram para que se dessem as manifestações. E a grande comissão executiva da comemoração desse primeiro centenário, dessa grande comissão, faziam parte como presidente o barão do Rio Branco e vem toda a relação do vice-presidente, do secretário etc., e pergunte-se, quem era o orador oficial das comemorações, quer dizer o orador oficial tinha que ser uma pessoa amplamente integrada em tudo, o que se dissesse ou se tivesse dito sobre a vida e obra do marquês de Pombal. Esse colaborador tinha que ser um

²⁹ BARBOSA, Rui. Discurso pronunciado em 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabareense, no Imperial Theatro Pedro II – Centenário do Marquez de Pombal. In: *Obras Completas de Rui Barbosa*, vol. IX, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1882. Disponível em <http://www.casarui Barbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>. Acesso em: 22 abr. 2020.

³⁰ CLUB DE REGATAS GUANABARENSE. *O marquês de Pombal*: obra comemorativa do centenário de sua morte. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. Disponível em: <https://archive.org/details/omarquezdepombal00clubuoft/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 22 abr. 2020.

homem de alta capacidade para corresponder ao núcleo de contribuidores as comemorações. E este orador era nada mais nada menos que o senhor dr. Rui Barbosa. De maneira que nas biografias que eu tenho lido, nos trabalhos que eu tenho lido – sem um propósito deliberado de me enfronhar mais na vida do conselheiro Rui Barbosa – eu tenho notado como historiador e conhecedor da obra do marquês de Pombal e da influência decisiva e importantíssima a contribuição que do gabinete de Pombal teve sobre a vida e formação do Brasil no século XVIII, considero como um lapso grave e importante nessas biografias. Porque o conselheiro Rui Barbosa como orador não pode ter deixado de se integrar amplamente na importância das contribuições pombalinas no Brasil e esse conhecimento, esse recheio de notícias a respeito das contribuições pombalinas ao Brasil encheram o cérebro e a cultura do conselheiro Rui Barbosa. De maneira que eu penso que deveria ser objeto de um estudo acurado, já com base em toda a documentação que não foi levada a crédito nessas biografias para ver até que ponto... como aconteceu com Capistrano de Abreu no seu relato sobre a história do Brasil do período pombalino – logo depois das comemorações – para ver até que ponto as manifestações culturais do conselheiro Rui Barbosa sobre assuntos de interesse de estudos econômicos e culturais etc., ele terá tido o reflexo do ambiente das comemorações de 1882. Quanto a mim, uma única vez... não sei se já falei a respeito... quanto a mim, uma única vez eu me vali do conselheiro Rui Barbosa em uma das minhas conferências realizadas no Instituto Histórico. A certa altura lembrei-me que Churchill como ministro das Finanças da Inglaterra a certa altura ele parou e virou-se para o ambiente e disse: “Deixe-me reforçar o meu orçamento”. [inaudível] Puxou do bolso traseiro um frasco... um pequeno frasco... deu um bom gole de uísque com aplauso geral e prosseguiu na sua fala, na sua grande exposição... eu também na minha conferência a certa altura seguindo a norma de Churchill disse que precisava reforçar minha conferência perante o auditório e trouxe então a palavra de Rui Barbosa na conferência que ele havia feito nas comemorações de 82. E que pela primeira vez ele fez sentir o fato do marquês de Pombal ter pela primeira vez no mundo organizado uma exposição... uma exposição econômica, cultural etc., em Portugal. Que serviu então de exemplo para todas as demais exposições do mesmo caráter depois havidas no mundo. Foi esta a única vez em que realmente eu tive um contato de qualquer natureza... intelectual com o conselheiro Rui Barbosa. Como

ponto final dessa nossa conversa, eu devo dizer que já tenho procurado para localizar a poesia que Ana Amélia fez menina ainda mocinha quando o conselheiro Rui Barbosa esteve em minas para a sua candidatura civilista, na disputa com o Marechal Hermes da Fonseca. Ainda não a localizei. Mas tenho a certeza que vou encontrá-la, de maneira que fico a dever na nossa conversa... dever a entrega da cópia ou do original dessa poesia que será o fecho deste nosso encontro... quando eu poderei se quiserem lê-la para que fique então gravado o que ela como menina de vocação espontânea para tudo que dizia respeito ao belo e a cultura veio dar como recado quanto ao conselheiro Rui Barbosa.

Entrevistadora: Eu só tenho a agradecer isso dr. Marcos. Espero que muito breve possa voltar para escutar de viva voz essa poesia que me parece de extrema importância. Muito obrigada.

[Fim da gravação]

**Alfredo Rui Barbosa
(depoimento, 1976)**

RUI BARBOSA, Alfredo. *Alfredo Rui Barbosa. (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Alfredo Rui Barbosa

Local da entrevista: No escritório do entrevistado à avenida Marechal Câmara, nº 150.

Data da entrevista: 5 de agosto de 1976

Duração¹: 08min 55s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: João Valentim Rui Barbosa (Boy), Alfredo Rui (avô), sugestões de nomes para entrevistas.

Biografia²:

Advogado. Bisneto de Rui Barbosa. Filho de Rui Barbosa Neto e Irene Valadão Rui Barbosa. É neto de Alfredo Rui Barbosa – segundo filho do casal Rui Barbosa e Maria Augusta.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

Entrevista 05/08/1976

Entrevistadora: Dia 5 de agosto de 1976. Estamos em companhia do doutor Alfredo Rui, bisneto de Rui Barbosa, para dar prosseguimento ao projeto Memória de Rui, levada a efeito atualmente na Fundação Casa de Rui Barbosa. Doutor Alfredo Rui, gostaríamos de início que o senhor nos dissesse a que geração pertence dentro da família Rui Barbosa?

Alfredo Rui: Bem, eu sou filho do Rui Barbosa Neto, que por sua vez era filho do Alfredo Rui Barbosa,³ meu avô, cujo nome eu tenho igualzinho, sem mudar uma letra, sem acrescentar nem Neto, nem nada. Meu pai é casado com Irene... nome de solteira, Irene Belford Valadão. O nome de casada dela ficou como Irene Valadão Rui Barbosa. E eu sou filho único. Inclusive um detalhe interessante, que eu me lembro agora, é que o meu primo Boy, João Valentim Rui Barbosa, que eu te falei há pouco. Ele, há uns dois a três anos atrás, ele chegou a uma conclusão e eu não posso confirmar se é verdadeiro ou não, que eu confesso que eu não tive nem o tempo, nem o trabalho de verificar. Mas ele disse que naquela época, eu era o último varão da família, ou seja, se eu não tivesse filhos homens, que o nome do Rui Barbosa iria sumir. Entende? E de fato... essa... esse aspecto parece que foi confirmado por uma tia minha, tia Isa. Porque, realmente, ah... os meus os meus primos, aliás... pronto, as minhas primas, que não tenho primos, claro vão perdendo... vão casando e vão perdendo sobrenome. Entende? E eu era de fato, interessante, até bem pouco... agora já cumpri minha missão. Tenho dois filhos homens: Fernando e Alexandre.

Entrevistadora: Rui Barbosa!

³ Para maiores informações, vide verbete “Alfredo Rui Barbosa”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARBOSA,%20Alfredo%20Rui.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

Alfredo Rui: Então quer dizer, vão continuar o nome, se Deus quiser.

Entrevistadora: Uma outra coisa que eu gostaria de saber do senhor, é se o senhor é também advogado e se essa escolha, por acaso, sofreu alguma influência decorrente da atuação, do conhecimento da atuação, de Rui Barbosa?

Alfredo Rui: Não. Olha, de fato, eu posso dizer tranquilamente que eu cheguei à profissão de advogado por minha conta própria. Eu antes andei... na época de adolescência, andei namorando uma ou outra profissão, mas assim, não era um namoro sério. E... de uma certa forma, eu não sei lhe explicar, eu posso dizer que não houve de fato uma influência. Vamos dizer assim, decisiva, positiva. Porque eu tenho a impressão que eu nasci com alguma coisa já... com alguma parte, talvez, hereditária sobre advocacia. Tanto que, apesar dos namoros que eu tive, eu fui tendendo quase que naturalmente... eu entrei para faculdade como se fosse uma coisa natural da minha vida. Sabe? Quanto à especialidade, eu fiz advocacia de empresa e, de fato, isso foi mais uma circunstância do que uma escolha. Realmente. Circunstância essa que hoje, que eu acho que foi uma escolha. Não uma escolha, mas uma aceitação feliz. Eu gosto dessa especialidade muito mais pelo lado preventivo que ela tem. Sem entrar muito nesse detalhe aí de... da especialidade em si. Agora realmente eu acho que não houve uma influência maior, não. Se bem que, ah, a influên... para a escolha da minha profissão, não. Meu pai é advogado também, mas nunca chegou a exercer a profissão em termos concretos, em termos profundos. Ele fez uma opção na vida dele, mas se formou em advogado. Eu não sei que influência teria tido ele na decisão que ele fez. Entende? Talvez, vamos dizer a proximidade e convivência até que ele teve com avô, acredito que possa ter tido alguma influência nele. Mas em mim, a coisa, é claro, já ficou um pouco mais distante. Nesse ponto meus pais me deixam sempre muito à vontade. De modo que, eu por formação e personalidade sempre fui muito mais voltado para... vamos dizer, as humanidades, ciências humanísticas, de modo geral como já no sangue mesmo. Entende?

Entrevistadora: E o dr. Alfredo Rui, o seu avô, ele também foi advogado?

Alfredo Rui: Vovô, ele era oficial de Marinha. E... olha, para lhe ser franco, eu não sei responder essa pergunta. Sabe? Eu me lembro, ele era oficial de Marinha. Não sei se chegou a se formar em direito e foi deputado federal, uma ou duas vezes. Entende? Eu confesso que não me lembro se ele era formado ou não.

Entrevistadora: Uma outra pergunta que eu gostaria de fazer, se alguma vez o senhor foi levado a fazer pesquisas mais profundas sobre a obra, sobre a vida de Rui Barbosa?

Alfredo Rui: Olha, pesquisa sim. Profunda, eu não teria a temeridade de dizer tanto. Pelo seguinte, na época da faculdade, eu... eu fui... eu fiz política estudantil. Eu fui presidente do Diretório Central dos Estudantes da minha universidade. E, nessa época, é claro, bastante animado, pelo... até pelo tipo de debate que à época, então permitia, evidente que eu precisava de subsídios para defender uma série de posições, que não só pessoais, mas até do meu diretório. E política é uma coisa, que de uma certa forma, eu acho que eu tenho esses pequenos germezinhas no sangue, mas isso aí é um outro problema hoje. E... então, eu fiz aí nessa época, fiz uma leitura de alguns textos. É claro, eu confesso que não tenho fôlego de ler a obra inteira. Mas na vida parlamentar dele, certas ideias que eu considero atualíssimas até hoje. Evidentemente que me entusiasmarem bastante e me entusiasmarem até hoje. E foi nesta época, então, que eu tive a motivação e o interesse em me aprofundar em algumas posições que ele assumiu e defendeu brilhantemente. E... claro! Então, eu fiz nessa época essa pesquisa. Não foi profunda. Ela foi, vamos dizer, mais para atender o meu dia a dia, para ser franco, meu dia a dia da época. Entende? Mas deu para gravar bem uma série de posições, uma série de ideias que defendeu. Que eu acho deveriam ser defendidas até hoje.

Entrevistadora: Exato! São básicas. Verdade. Outra coisa que eu gostaria de saber: é se o senhor tem conhecimento de fatos interessantes relacionados com a vida de Rui Barbosa, que pudessem me ser contadas. Ah!... por uma conversa também que nós tivemos há pouco tempo, eu sei que a pessoa mais indicada no caso é o seu pai. E inclusive gostaria de ter uma conversa direta com ele, porque seria bastante interessante para esse tipo de projeto que nós estamos levando a efeito atualmente.

Alfredo Rui: Os fatos que eu conheço, eu conheço todos por tradição oral de meu pai, meus tios e tudo. Então, eu não me sinto, vamos dizer assim, à vontade para falar sobre esse aspecto. Meu pai, conforme já lhe disse, ele mora na rua Gustavo Sampaio, 358, apartamento 1303, telefone novo dele é 275-1107. O nome dele é Rui. Eu acho que uma outra sugestão interessante seria do meu primo Boy, lá de São Paulo. João Valentim, apelido Boy, que lhe falei. E o pai, eu sei que tem alguns fatos bastante curiosos, principalmente, sobre o lado humano, aspecto humano. Aliás, é um lado que me interessa muito. Do Rui, entende?

Que eu gostaria levantar. E hoje eu tenho a certeza de que a imagem a de... de gente dele é completamente diferente daquela imagem de político, de advogado, de parlamentar que nos é transmitida, que nos foi transmitida por livros e tal. Até a aparência física dele. Me lembra um pouco aquela história do Tiradentes. Como era o Tiradentes, afinal? Com barba, sem barba e tudo. Hoje eu tenho uma imagem um pouco diferente dele. Entende? Internamente. Uma outra pessoa que me ocorre agora, que seria interessante ser entrevistada é a minha Tia Isa, Maria Luíza Rui Barbosa Leite. Casada com Antônio Ático Leite. Ela mora em Botafogo. Eu não me recordo o endereço dela, mas isso é fácil da gente verificar. Ela tem uma filha, minha prima-irmã, Sônia. Sônia, deixa eu ver... o nome dela todo é Sônia Rui Barbosa Garcia Rosa. Ela é casada com um juiz de direito chamado Ernani Garcia Rosa. Família da Bahia, também! Tia Isa, pelo que eu sei de meu pai, ela era a neta mais moça do Rui Barbosa. Ela era mignonzinha da família, inclusive ela tinha um apelido que o Rui Barbosa tinha colocado nela, formiguinha, qualquer coisa, minha formiguinha. Se não me engano, eu acho que era isso o nome. E ela é uma pessoa de um temperamento muito carinhoso, muito afável. E eu sei que ele tinha uma certa predileçãozinha por ela, que ele mal conseguia esconder. Eu tenho a impressão que ela pode fazer também um depoimento muito interessante. Inclusive, ela tem um material na casa dela muito bom também.

[Fim da gravação]

**Rui Barbosa Neto
(depoimento, 1976)**

RUI BARBOSA NETO. *Rui Barbosa Neto. (depoimento, 1976).*
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Rui Barbosa Neto

Local da entrevista: Fundação Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 23 de agosto de 1976

Duração¹: 31min 40s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: netos, relacionamento de Rui com crianças, Boy, morte de Rui, enterro de Rui, conde Paes Leme, Botafogo, Petrópolis, Casa de Petrópolis, Maria Augusta, cinema, filmes, livrarias, popularidade, *Tico-tico*, Charles Chaplin, Vitória, motorista Luciano, Benz, Armando Braga, Antônio Joaquim da Costa, Arthur Viana, escritório da rua da Assembleia, questão Amazonas-Acre, traslado do corpo de Rui, personalidade, Maria Augusta e os netos, casa da Raimundo Correia.

Biografia³:

(n. Rio de Janeiro, 1905)

Advogado.

Neto de Rui Barbosa e d. Maria Augusta.

Filho de Alfredo Rui Barbosa e Marina Braga Rui Barbosa.

Casado com Irene Rui Barbosa. Teve um filho – Alfredo Rui Barbosa – também advogado.

Irmãos: Maria de Lourdes Rui Barbosa Paes Leme, Maria Luiza Rui Barbosa Átila Leite (Tia Isa) e Armando Braga Rui Barbosa (falecido em Sória – 1965, onde era embaixador).

¹ A entrevista está dividida em duas partes com 20min 55s e 10min 45s, respectivamente. A primeira parte foi registrada juntamente com o depoimento de Alfredo Rui Barbosa, todavia cada depoimento refere-se a uma data diferente. Logo, supõe-se que uma única fita cassete foi utilizada para realizar os registros das entrevistas de pessoas diferentes. Na segunda parte não há registro no áudio acerca da data de realização da entrevista, contudo a documentação gerada na década de 1970 define que foi na mesma data da primeira parte e com a participação de d. Irene, esposa do entrevistado. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Encontramos na documentação apenas o registro de Jurena Porto Neumann como responsável pela entrevista, todavia percebe-se que a entrevista foi realizada por duas pessoas, sendo uma voz masculina e outra feminina.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE I – FITA 11^a

Entrevistadora: Estamos no dia 23 de agosto de 1976, na sala de Haia da Fundação Casa de Rui Barbosa, na rua São Clemente, e daremos prosseguimento ao nosso trabalho ouvindo agora as informações do dr. Rui Barbosa Neto, pai do dr. Alfredo Rui Barbosa anteriormente entrevistado. Dr. Rui Barbosa a maior parte das informações que nós temos neste projeto já são de terceira geração, daí a grande importância de colhermos as suas impressões devido ao contato direto que o senhor manteve com seu avô. Gostaria de saber a princípio, qual a sua posição dentre os netos de Rui Barbosa?

Dr. Rui Barbosa Neto: Meu nome é Rui Barbosa Neto. Eu sou filho de Alfredo Rui Barbosa e de Marina Braga Rui Barbosa. Sou neto de Rui Barbosa. Sou o quarto neto de Rui Barbosa. Também sou afilhado de Rui Barbosa. Ah!... quando meu avô morreu, faleceu, e eu tinha 17 anos, ainda não tinha completado os 18. Me recordo perfeitamente da morte do meu avô, porque houve um fato interessante. Durante o embalsamamento de meu... do corpo do meu avô, feito pelo conde Paes Leme, acompanhado do dr. Omar Campelo, médico do pronto-socorro, eu estive no quarto onde era feito o embalsamamento até um certo ponto. Nesse... depois que foi retirada, foram retirados os... as vísceras começaram a serrar a cabeça. Neste ponto eu fiquei num estado de vertigem e o conde Paes Leme determinou que eu me retirasse do quarto para que não atrapalhassem os trabalhos.

Entrevistador: E quem estava no quarto? O senhor se recorda?

Dr. Rui Barbosa Neto: Só estava conde Paes Leme e o dr. Omar Campelo e eu. Éramos só os três no quarto. O processo do conde Paes Leme era um

processo próprio e ele garantiu após o embalsamamento, que garante... que pelo menos por 50 anos o corpo seria conservado. E já ultrapassou esse prazo. Estamos em 76, ele faleceu em 23 já, portanto, há 53 anos que esse corpo continua intacto.

Entrevistador: Dr. Rui, qual foi o motivo que levou o senhor a estar presente na hora do embalsamamento?

Dr. Rui Barbosa Neto: Acontece que eu era aluno da Faculdade de Medicina. Eu era aluno do primeiro ano da faculdade de medicina e o dr. Omar Campelo achou interessante que eu participasse também dos trabalhos. E aconteceu... eu... após este embalsamamento me chocou muito, eu fiz mais três anos de medicina e no quarto ano desisti. Entrei para a faculdade de direito e me formei em direito, então.

Entrevistador: O senhor se recorda de alguns fatos relacionados ao enterro?

Dr. Rui Barbosa Neto: Bom, vovô morreu em Petrópolis. O corpo ficou em Petrópolis até uma certa hora, que eu não me recordo, e depois foi transferido aqui para o Rio, para a Biblioteca Nacional, onde o corpo ficou exposto durante três dias. Foram três dias e três noites, que eu passei com meu pai e alguns familiares, velando corpo de vovô. No fim desses três dias, o corpo foi transportado em uma carreta puxada pelo povo para o cemitério São João Batista. E... nós fizemos esse trajeto todo a pé até ao cemitério São João Batista.

Entrevistadora: Dr. Rui, o senhor teve convívio assíduo com seu avô? Chegou a morar aqui na mansão de São Clemente? Ou senhor vinha aqui esporadicamente?

Dr. Rui Barbosa Neto: Eu morava aqui próximo da casa do meu avô. Morava na rua Evonias, número 14. Hoje com o nome de Vicente de Souza. Eu era aluno do colégio Dona Marieta Resende, que ficava na rua Bambina. Sempre que não tinha aulas eu vinha visitar vovô. Isso normalmente acontecia às quintas-feiras. Me recordo até de um fato que eu considero interessante! Todas as quintas-feiras, saíamos... eu saía com vovô após o almoço para irmos à cidade. Íamos de carro. O cocheiro chamava-se Luciano e esse carro costumava parar ali próximo à rua Chile. Ali junto da... do Edifício Sul-rio-grandense. Aí saímos a pé e percorríamos as livrarias. Normalmente a São José, a Garnier,⁴ a

⁴ GRANJA, Lúcia. *Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil*. LIVRO: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição. São Paulo: Ateliê Editorial. pp. 41-49. GRANJA, Lúcia. *Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira*. Revista Estudos Linguísticos, São

Briguiet,⁵ a Francisco Alves,⁶ onde vovô procurava livros, edições novas e, enfim, livros que interessassem a ele. Durante o trajeto era comum o povo... o povo afastar-se, cumprimentando-o sempre e eu também vestido de Chiquinho do *Tico-tico*, com um chapéu de abas largas. Eu cumprimentava também. Após essas visitas às livrarias, costumávamos ir a um cinema. Nesse dia íamos a um cinema Odeon, que ficava na avenida Rio Branco, esquina de Assembleia. Ao nos aproximarmos do cinema, ah... depois de já termos cumprimentados algumas dezenas de pessoas, um homem de cor cumprimentou meu avô. E meu avô respondeu e eu olhei e não respondi. Quando o homem se afastou meu avô perguntou: “Meu filho, você não viu o homem cumprimentá-lo?” Disse: “Vi sim, vovô. Mas era um preto, né?” Então, vovô indignado disse-me assim: “Você permite, então, que um preto demonstre que tem mais educação do que você?” Essa foi uma lição que eu guard... gravei para toda minha vida. Ao chegar em casa, contei a meu pai o fato que tinha ocorrido e ele me disse: “Bom, você nunca mais se esqueça disso”. E até hoje, eu confesso nunca mais me esqueci dessa lição.

Entrevistadora: Dr. Rui, o senhor já nos relatou que costumava sair às quintas-feiras com o conselheiro Rui Barbosa e nesses passeios, que incluíam as livrarias, também estava sempre à frequência aos cinemas. Nós sabemos por outras fontes, queríamos confirmar com senhor que era justamente a pessoa que passeava com o conselheiro às quintas-feiras, se a preferência do conselheiro Rui Barbosa, em matéria de filme, era relacionada realmente a Tom Mix.⁷ As fitas de Tom Mix, que era um ídolo, me parece, na época?

Paulo, 45(3): p. 1205-1216, 2016. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/594/1126>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁵ Localizamos no *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial* (RJ), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, registros da Briguet em dois momentos, ambos na seção de livrarias. O primeiro registro é do ano de 1908 como F. Briguet, na Trav. Ouvidor, 14; e o segundo do ano de 1910, já como livraria Briguet na rua Sachet, 20. A travessa do Ouvidor alterou o nome em 1902 para rua Sachet, ou seja, a livraria se manteve no mesmo lugar.

⁶ MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundo_moniz_-_para_internet.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁷ Tom Mix, nome artístico de Thomas Hezikiah Mix, era um ator norte-americano que atuava, principalmente, no gênero *western* na era do cinema mudo. Estrelou filmes como *Treinando animais selvagens* (1910), *Devoção da esposa índia* (1910), *Corações do oeste* (1911), *Como isso aconteceu* (1913), dentre muitos outros. Consultado em: <<https://www.tommixmapuseum.com/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

Dr. Rui Barbosa Neto: Realmente, a senhora tem razão! Ele costumava... apreciava muito Tom Mix. E o interessante é que ele torcia muito mais pelo Tom Mix, nas horas de aperto, do que eu que era criança ainda. [risos] Ele vibrava! Não só aqui no Rio, como em Petrópolis também. Ele frequentava muito o Cinema Petrópolis. Hoje ainda com mesmo nome. Cinema até, na qual ele tinha conta, pagava por mês, e nós usávamos também... [risos] Esse, essa, essas entradas, né?... adquiríamos as entradas para que vovô as pagasse no fim do mês. E, vovô adorava! Toda vez que existia um filme assim de Tom Mix, ele não perdia. Em Petrópolis, principalmente!

Entrevistador: Tinha algum outro tipo de filme que o senhor se recorda, que o senhor ia com ele, além de Tom Mix?

Dr. Rui Barbosa Neto: Bom, ele também gostava de filmes, assim, do tipo do Charles Chaplin.⁸ Ah... aqueles filmes, ah... cômicos. Não é? Ele apreciava também. Mas ah... gostava mais dos filmes de Tom Mix, nos quais ele torcia mais do que a criançada. [risos] Ah, sim! A senhora me perguntou também sobre o carro que era usado. Né? O carro que costumávamos usar era a Vitória.⁹ Ainda hoje, está aqui no Museu Rui Barbosa, né? Esse carro era puxado por duas bestas, geralmente, duas bestas pretas e o chof... o cocheiro era o Luciano que, posteriormente, quando Francisco de Castro¹⁰ presenteou-o com uma Benz,¹¹ ele passou a ser *chauffeur*. Ele tirou a carteira de *chauffeur* e foi *chauffeur* até morte de vovô Rui. Posteriormente, ainda serviu vovó algum tempo. Depois, eu perdi de vista o Luciano. Não sei mais que fim ele levou. Ou minto!

⁸ Charles Chaplin foi ator, diretor de cinema, escritor, músico e roteirista. Nasceu em Londres, no ano de 1889, e iniciou sua carreira como mímico, fazendo excursões para apresentar sua arte. Em 1913, conheceu o cineasta Mack Sennett, em Nova York (Estados Unidos), que o contratou para estrelar seus filmes. Atuou em: *O idílio desfeito* (1914), *Carlitos, guarda noturno* (1917), *O circo* (1928), *Luzes da cidade* (1931), *O grande ditador* (1940), *Tempos modernos* (1936), dentre muitos outros. Algumas biografias foram escritas sobre a trajetória de Charles Chaplin, são elas: *Chaplin: uma biografia definitiva*, de David Robinson; *Minha vida*, do próprio Charles Chaplin; *Chaplin: – uma vida*, de Stephen Weissman; dentre muitas outras. Consultado em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-5711/biografia/>>. Acesso em: 18 maio 2020

⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁰ Segundo consta na ficha catalográfica, o automóvel Benz foi dado de presente ao casal Rui Barbosa pelo sr. Joaquim Pereira Teixeira. Vide base do acervo museológico, disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/externo/busca.asp>>.

¹¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Sei que ele foi *chauffeur* de praça. Esteve na praça. Depois não sei mais sobre ele, me perdi!

Entrevistadora: E o Benz? O Benz era o único carro que o conselheiro possuía?

Dr. Rui Barbosa Neto: Aqui no Rio era. Era o único carro Benz. Em Petrópolis, ele tinha um carro, que não tenho muita certeza, mas me parece que era um Ford. E... ele usava em Petrópolis, no final, em 22, ou 21, ou 22. Ele usava muito esse automóvel. O carro era usado, mas menos vezes, porque lá também tinha garagem e tinha cocheira. Em Petrópolis, na casa na avenida Ipiranga, 405, senão me engano, em frente à igreja, ah... a igreja alemã. É uma igreja alemã que tinha lá em frente à casa. Eu não me recordo do nome da igreja.

Entrevistador: O senhor se referiu também ao fato do... da alimentação do carro com gasolina. [risos] É um fato muito pitoresco se o senhor pudesse contar. Inclusive citar o nome da garagem onde ele tinha conta.

Dr. Rui Barbosa Neto: Aí!... [risos] Acontece que esse carro que existia em Petrópolis, à noite, eu e meu irmão costumávamos tirar o carro da garagem, sem ligar o motor, empurrando a até a rua. Na rua, então, ligávamos o motor e saímos para passear. Mas como não tínhamos dinheiro para botar gasolina e vovô tinha conta na garagem Philpo, nós íamos lá e colocávamos gasolina no tanque do carro por conta de vovô. Isso fizemos durante uns dois meses. No final quando a conta da garagem chegou à vovó, as mãos de vovó, vovó estranhou a quantia. Achou muito elevada e procurou saber na garagem porque esse... essa quantia tão elevada. Então foi informada que eu e meu irmão íamos todas as noites à garagem, colocávamos gasolina no carro e saímos para passear. Daí em diante, claro, ficou cortado. [risos] Foram cortados os nossos passeios.

Entrevistadora: Qual era o seu irmão amigo dessa brincadeira?

Dr. Rui Barbosa Neto: O meu irmão era o Armando Braga Rui Barbosa, que morreu em Sofia.¹² Ele era embaixador em Sofia. Morreu no ano de 65. E... morreu de enfarte em Belgra... em Sofia e... até hoje nos deixa muita saudade, porque era um homem de um coração maravilhoso. Eu queria até dizer à senhora, aconteceu que o povo de Sofia, o povo da cidade de Sofia, nas imediações, durante os três dias que ele ficou... foi velado lá, o povo acorreu e prestando homenagens, porque acontecia que no verão, ah... no inverno, ah... a alimentação do povo lá era apenas

¹² Sófia é a capital da Bulgária e maior *cidade* do país.

de batatas e ele tinha sempre um freezer muito grande em que ele mandava matar dois ou três carneiros colocava nesse freezer. E nesse tempo de inverno, ele fornecia as pessoas pobres das imediações carneiro, e por isso ele... a morte dele foi muito sentida lá.

Entrevistador: O senhor conta... o senhor fez uma referência aos passeios em Vitória,¹³ na Vitória e eu queria saber o carro nessa ocasião. Ele ia com a capota descida ou não?

Dr. Rui Barbosa Neto: Normalmente, ele ia com a capota levantada, porque era na parte da tarde. O sol era forte, então, nós normalmente íamos com a capota levantada. Poucas vezes fomos com a capota arriada.

Entrevistador: Nós temos a informação, que eu queria que o senhor confirmasse de... da... de uma preferência do Rui, fora as outras tantas leituras, pelo *Tico-tico*¹⁴ e também por romances policiais.

Dr. Rui Barbosa Neto: Realmente, essa leitura do *Tico-tico* era muito disputada. Quando eu levantava, mais ou menos 7 horas, 7 e meia, corria procurando *Tico-tico*. Ah!... então, procurava o Antônio Costa, que era o copeiro nosso e hoje... depois foi mordomo. Se não me engano esteve aqui na casa Rui Barbosa, na mordomia. Se não me engano! Não tem muita certeza. E ele me dizia: “O seu avô está lendo o *Tico-tico*”. Então, eu entrava... entrava na sala, na bibliotecazinha dele que tinha em Petrópolis, e encontrava ele sentado na cadeira rindo com as piadas do *Tico-tico*. Quando ele terminava, eu pegava o *Tico-tico*, saía lia. Depois lia o meu irmão, minhas irmãs, minhas primas, todos nós líamos o *Tico-tico* do qual gostávamos muito. E, com relação a romances policiais, me recordo que ele gostava também muito de ler nas horas de lazer.

Entrevistador: O *Tico-tico* era semanal?

Dr. Rui Barbosa Neto: É, saía uma vez por semana. Me parece que as quartas-feiras. Eu não tenho muita certeza, não! Mas acredito que seja às quartas-feiras.

Entrevistadora: E era a única revista infantil da época?

Dr. Rui Barbosa Neto: Na época era a única revista infantil, sim.

Entrevistadora: Não tinha gibi? Gibi?

¹³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁴ Semanário infantil carioca, fundado por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, em 11 de outubro de 1905. Consultado em O TICO-TICO. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tico-tico-o>>. Acesso em: 13 abr. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

Dr. Rui Barbosa Neto: Não! Gibi veio muito depois. Gibi é agora dessa geração. Naquele tempo, era só o *Tico-tico*. Tinha história do Cachimbombo. *Tico-tico*, Cachimbombo e... não me lembro mais agora. Já fazem tantos anos. Né? Mais de 70 anos, 60 anos.

Entrevistadora: Azeitona, reco-reco... reco-reco, bolão e azeitona.

Dr. Rui Barbosa Neto: É... já passaram tantos anos, que eu não me lembro mais bem.

Entrevistadora: Dr. Rui, na entrevista que nós tivemos com o seu filho, dr. Alfredo Rui, ele... eu perguntei se o avô dele, seu pai, ele tinha sido advogado militante? E ele me disse que não tinha certeza. Eu gostaria, por favor, que o senhor elucidasse essa dúvida.

Dr. Rui Barbosa Neto: Realmente, meu pai foi também advogado e militou como advogado. Ele tinha escritório na rua da Assembleia, número 12. Escritório esse do qual fazia parte meu avô, Rui Barbosa, meu tio, Batista Pereira, meu pai e... e... quem foi mais?... Viana. O... Artur Viana. É interessante nesse escritório, era a pessoa que servia o escritório. Um empregado chamado Manoel Vieira de Sá. Manoel, ele, quando vovô terminava seus trabalhos lá no... escritório, ia para o Senado. Então, Manoel carregava a valise de vovô, a pasta de vovô. E ele achou, então, que devia fazer um cartão de visitas com o nome dele dizendo o que é que ele era. E escreveu neste cartão... cartão muito bonito, de papel pergaminhado, dizendo assim: “Manoel Vieira de Sá, zelador das coisas do Senador Rui Barbosa”. [risos] Isso era muito interessante. [risos].

PARTE II – FITA 11B

Entrevistador: E uma informação que nós desejamos do senhor! Se houve um assessoramento do dr. Alfredo Rui ao Rui Barbosa na questão do Amazonas ao Acre?

Dr. Rui Barbosa Neto: Realmente, papai terminou essa questão do direito do Amazonas ao Acre, porque vovô ficando muito doente quis desistir da... da procuração que lhe tinha sido dada pelo governador do Amazonas na questão do direito do Amazonas ao Acre. Mas papai pediu a ele que não desistisse, que ele continuaria, que ele faria a questão, que ele continuaria a fazer a questão e traria o vovô para que ele lesse. Então, assim foi feito. Papai terminou praticamente essa questão, sendo claro

que vovô reviu os trabalhos de papai. Emendou onde achava que devia ser emendado e a letra de papai era praticamente igual à de vovô, de maneira que, se não me engano aqui na Casa Rui Barbosa ainda deve ter esse trabalho feito por papai com as emendas de vovô.

Entrevistador: E uma... uma pergunta também sobre a transladação do corpo de Rui Barbosa¹⁵ para o fórum lá na Bahia. Eu queria que o senhor relatasse os dados relativos a isso.

Dr. Rui Barbosa Neto: Bom, eu fui a convite do governador Otávio Mangabeira.¹⁶ Eu fui chefiando a delegação da família a esse ato. Nós saímos daqui em avião. O corpo de vovô foi trasladado num navio da Marinha de Guerra, nossa Marinha de Guerra, e nós fomos de avião. Chegamos lá, aguardamos a chegada do corpo. O corpo foi depositado na igreja – me esqueci o nome da igreja, não me lembro o nome da igreja. Mas ele ficou, ficou 24 horas nessa igreja, depois foi feito um cortejo e o corpo foi trasladado para o foro. Interessante é que nesse cortejo, quando nós percorríamos as ruas da Bahia, as janelas estavam todas com bandeiras negras, com tarjas negras e o povo da Bahia se ajoelhava, tirava o chapéu. Muitos ajoelhados, tirando o chapéu quando o cortejo passou e fomos até o foro, onde o corpo foi depositado. Ali, houve uma série de discursos: ministros de Estados e desembargadores da Bahia. Discursos muito interessantes que todos eles evocavam a memória de Rui, sendo que, posteriormente, foi pedido à família que fosse também trasladada o corpo de vovó. Esse corpo, nós transportamos cerca de três anos depois. Ele hoje está depositado ao lado do corpo¹⁷ de vovó numa cripta, ao lado do corpo de vovô numa cripta, e os dois jazem juntos lá, como viveram juntos sempre. E é só o que só que eu tinha que dizer!

Entrevistador: O senhor se referiu ao fato de que depois da morte dele, ela, o senhor não gostava muito de tocar no assunto, ah... de falar de seu avô porque isso a comovia muito. E ela não gostava muito de falar.

¹⁵ Em 1949, no ano do centenário de nascimento de Rui Barbosa, foi realizada a transladação de seus restos mortais para Salvador e sepultamento no Fórum Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_RejaneMagalhaes_Cronologia_grande_vida.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.)

¹⁶ Para maiores informações, vide verbete “Otávio Mangabeira”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio_mangabeira>. Acesso em: 13 abr. 2020.

¹⁷ Maria Augusta Viana Bandeira Rui Barbosa faleceu no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1948.

Dr. Rui Barbosa Neto: Vovó era um espírito muito alegre e... quando se tocava sobre o nome de vovô, ela transfigurava. Ficava triste. Então, nós procurávamos não conversar sobre esse assunto. Vovó era um espírito tão alegre que, tem um fato interessante que ocorreu uma vez. Num seu aniversário, ela convidou os netos todos, que éramos todos moços, relativamente moço, e deu um almoço. Nesse almoço, durante o transcórre do almoço, chegou a filha, a Francisca Airosa Rui Barbosa, a Chiquita. E vendo-nos todos reunidos e ela não estando presente indagou da mãe, de vovó: “Ora, mamãe! Você não me convidou? Todos aqui reunidos e você não me convidou?” Ela disse: “Ah, minha filha! Hoje eu não quero saber de nada de velhice. Eu hoje estou aqui com os netos. Estou me rindo. Estou me divertindo a valer. Você vindo para cá, vai me falar sobre doença e tal. Hoje eu não quero. Hoje eu quero estar com os meus netos”. E é até interessante que meu irmão gostava de contar piadas e anedotas para vovó e vovó se divertia ria a morrer. [risos]

Entrevistador: O senhor frequentou muito a casa para onde ela foi quando saiu daqui?

Dr. Rui Barbosa Neto: Ah, sim! Íamos sempre lá. Estávamos sempre lá, eu e minha mulher. Minha mulher também está aqui presente, também frequentava muito a casa. Vovó gostava muito dela e muito do meu filho. Meu filho, eu acredito que era o neto, bisneto, querido dela. Meu filho Alfredo Rui que já fez um depoimento aí. Era muito... gostava tanto dele e ele adorava vovó. Até uma vez, ele disse ao médico de vovó – vovó tinha um artrismo – e nesse dia, ela estava de cama e ele foi visitá-la e disse assim: “Ora, Vovó! Você está doente? Mas você não tá aí com médico junto? E olha, quando eu crescer eu vou ser médico e você nunca mais vai ficar doente”. [risos]

Entrevistadora: D. Irene, o que que a senhora teria para nos relatar sobre d. Maria Augusta? O jeitão dela? A intimidade que a senhora tinha? Como era recebida e a preferência também no neto – que a gente já sabe que era o Ruizinho?

D. Irene: A recordação que eu tenho da d. Maria Augusta é de uma mulher maravilhosa que inclusive me serviu, e serve até hoje, como exemplo não só para envelhecimento. A pessoa saber envelhecer, na sua posição, e conservar o mesmo espírito alegre de uma pessoa jovem. Ela nos proporcionava horas muito alegres com sua conversa sempre atualizada. Era uma mulher de uma inteligência, que hoje em dia eu compreendo como ela pode ser companheira de um homem tão culto. Porque ela

também tinha uma inteligência que transferia os conhecimentos dela para os netos. E... conservando sempre aquele espírito leve, jovial, e fazendo com que os netos a procurasse como se fosse uma pessoa da sua idade. Então eu... ela tinha uma amizade profunda pelo meu filho, que eu ficava muito grata, e ele tinha um carinho enorme por ela, por sentir justamente nela essa... essa parte jovial. É o que eu tenho a dizer da d. Maria Augusta de quem eu guardo uma grande recordação.

Entrevistadora: A residência que ela passou a habitar, depois que ela saiu daqui da rua São Clemente, a senhora frequentou assiduamente? Onde foi?

D. Irene: Ela residia na rua Raimundo Correia. Não me recordo o número, porque hoje em dia a casa foi demolida. E lá, é que eu costumava, muito com meu marido, frequentar a casa, assim como outros netos também dela. Nós estávamos habitualmente sempre lá. Eu gostava, justamente, de... de ver como ela sabia receber não só as pessoas de mais idade, como também as pessoas mais jovens. Ela sabia distinguir uma faixa da outra.

Entrevistadora: Então, eu gostaria de agradecer a presença de d. Irene aqui, dr. Rui Barbosa Neto e pelo depoimento. Uma coisa bastante agradável também porque foi bem informal e gostaria de... de colocar aqui à disposição a Casa de Rui Barbosa para qualquer eventualidade e, inclusive se tiver alguma outra informação que os senhores possam lembrar no decorrer do tempo, vir aqui que nós estaremos inteiro dispor.

Dr. Rui Barbosa Neto: Agradeço muito à senhora, a gentileza com que nos receberam e prometo que se me recordar de algum outro fato que considere interessante eu virei novamente prestar meu depoimento. Muito obrigado!

Entrevistador: Obrigado o senhor!

[Fim da gravação]

**Luís Vianna Filho
(depoimento, 1976)**

VIANNA FILHO, Luís. *Luís Vianna Filho. (depoimento, 1976)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Luís Vianna Filho

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 10 de setembro de 1976

Duração¹: 34min 41s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Estado Novo, Américo Jacobina Lacombe, Maria Augusta, Clemente Mariani, Paulo Fontes, jubileu cívico, *A Tarde*, Ginásio Bahiano, cinema, refeições, Pathé, ideal, Benz, Batista Pereira, morte de Rui, traslado do corpo de Rui. Indumentária.

Biografia²:

(n. Paris, França, 1908-f. São Paulo, 1990)

Advogado, escritor, professor e político baiano.

Trabalhou no *Diário da Bahia* e no jornal *A Tarde*.

Foi ministro para assuntos da Casa Civil da presidência da República, no Governo de Castelo Branco (1964-1967), onde acumulou, durante algum tempo, o Ministério da Justiça (1966).

Foi Governador do Estado da Bahia (1967-1971).

Algumas obras: *A vida de Rui Barbosa* (1941); *O negro na Bahia* (1946); *Rui e Nabuco* (1949); *Antologia de Rui Barbosa* (1954); *Rui Barbosa e os Militares* (1968); *O último ano de Rui na Bahia* (1972); *Rui Barbosa: seis conferências* (1977); *Três estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco* (1981); dentre outros.

¹ A entrevista está dividida em duas partes com 30min 22s e 4min 19s, respectivamente. Encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Consultado em VIANNA FILHO, Luís. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/viana-filho-luis>>. Acesso em: 29 abr. 2020. Verbete da Enciclopédia.

PARTE I

Entrevistadora: Dia 10 de setembro de 1976. Estamos no Museu Casa de Rui Barbosa em companhia do Senador Luís Vianna Filho e vamos ouvir o seu depoimento sobre Rui Barbosa, dando continuidade ao projeto ora levado a efeito chamado Memória de Rui. Dr. Luís Vianna, como surgiu a ideia do senhor escrever o livro *A vida de Rui Barbosa*³ e de que fonte se utilizou inicialmente para reunir o material necessário para esse livro?

Luís Vianna: A ideia de escrever a vida do Rui, na realidade, ela nasceu de conversas minhas com o hoje ministro Aliomar Baleeiro,⁴ naquele tempo, meu colega de escritório na Bahia e que morava no Cabula,⁵ onde eu ia frequentemente. Estávamos justamente em plena fase do Estado Novo e nós éramos contra o Estado Novo. Então, nos ocorreu que uma boa maneira de combater o Estado Novo, de pregar novas ideias, de disseminar, enfim, as doutrinas liberais, democráticas do Rui, era escrever a sua biografia. Foi assim que nasceu em mim essa ideia... em vez dela ficar com Aliomar, ficou comigo, então eu aí me dediquei muito

³ VIANNA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

⁴ Para maiores informações, vide “Aliomar de Andrade Baleeiro”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verministro.asp?periodo=stf&id=198>>. Acesso em: 5 maio 2020.

⁵ “O Cabula hoje é um dos bairros centrais de Salvador. Mas sua história não é nem um pouco recente. A área foi povoada por povos africanos que vieram de países como Angola e Congo, e que tocavam e dançavam um ritmo quicongo religioso, conhecido como kabula”. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/viver-cabula/detalhe/noticia/gosta-de-historia-da-bahia-conheca-a-tradicao-e-resistencia-do-cabula/>>. Acesso em: 5 maio 2020.

a escrever esse livro. Eu já tinha outros trabalhos de história, quer dizer, de fato eu tinha uma certa ideia de pesquisa, de como pesquisar. Aí eu vim aqui para o Rio e, sobretudo, sentei praça aqui na Casa Rui e me foi, naturalmente, fundamental para poder fazer esse trabalho. O dr. Lacombe⁶ já era o diretor da casa, botou uma datilógrafa para copiar todos os documentos que eu precisava e dessa base e, naturalmente, de outras pesquisas que fiz em jornais e tal... com isso, eu recolhi o material que se transformou na vida de Rui. Naturalmente, eu procurei na ocasião fazer um livro – não sei se alcancei esse objetivo – mas um livro que fosse legível, um livro para um grande público. De forma que naturalmente tinha que sacrificar muita coisa. Depois é que eu... quando fiz acho que a segunda ou a terceira edição é que eu coloquei as notas. Que na primeira edição, eu a fiz sem qualquer nota, de pé de página, de fim de capítulo. Eu não dei as fontes do livro. Essas fontes, eu só as integrei já na segunda ou terceira edição, acho que na terceira e, sobretudo, em função da polêmica que tive então com o dr. Mello Pires, que contestou muita coisa. Disse que o livro era fantasioso. Eu então aí me julguei na obrigação de mencionar todas as fontes para que o livro se tornasse, naturalmente, um livro realmente histórico.

Entrevistadora: E já está em que edição?

Luís Vianna: Está na sétima e já vou... já estou trabalhando para fazer a oitava.

Entrevistadora: O livro, ele tem um aspecto bastante comercial. Inclusive o senhor acabou de frisar que ele justamente foi feito para um grande público. Agora é claro que o fato, a essência, muitas coisas que aparecem no livro, elas não são tiradas à luz de documentos. O senhor se valeu de depoimentos de pessoas que conheceram Rui Barbosa, que lidaram com o Rui Barbosa?

Luís Vianna: Bem, naturalmente, uma parte eu procurei colher através de depoimentos, mas é... em matéria de fato, ele é inteiramente exato. Quer dizer que não há um fato do livro sobre o qual eu não tenha ou um documento ou um depoimento. Quer dizer, se eu digo que naquele dia havia sol é porque eu tenho um documento para isso. Quer dizer, não há nada em matéria de fato que não esteja baseado em documentos. Naturalmente, quando se trata de opinião, é diferente porque aí as

⁶ Américo Jacobina Lacombe foi diretor da Casa de Rui Barbosa e, depois, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, no período de 1939-93. (Depoimento, em 21 de abril de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB)

opiniões, a crítica, a maneira de ver o mesmo fato, ela varia de pessoa a pessoa. Mas, em relação ao fato, o livro é absolutamente exato. Isso eu tenho absolutamente segurança.

Entrevistadora: D. Maria Augusta teria contribuído para a realização desse livro na medida em que deu depoimento?

Luís Vianna: Ela contribuiu bastante e realmente eu conservo dela uma lembrança extremamente simpática. Ela, na ocasião, já era uma senhora de mais de 80 anos e de vez em quando ela vinha aqui na Casa Rui. Eu muitas vezes a encontrei aqui. Outras vezes eu fui à casa dela... na época, ela morava na rua Raimundo Correia e então ela me auxiliou muito, contando episódios da vida do Rui, da mocidade do Rui, quer dizer como ela tinha conhecido o Rui e sobre pessoas da época, o Salustiano Souto, Rodolfo Dantas,^{7,8} o conselheiro Dantas,⁹ enfim ela falou muito. Me lembro que uma vez ela me disse que o homem mais bonito que ela conheceu foi o visconde do Rio Branco.¹⁰

Entrevistadora: O senhor escreveu sobre ele também, não é?

Luís Vianna: Não. Escrevi sobre o barão.

Entrevistadora: Ah! Sobre o barão do Rio Branco?¹¹

Luís Vianna: É, ele é o pai do visconde. Mas ela contribuiu muito e foi extremamente simpática e sempre procurou me ajudar. Me dar o seu depoimento com muita franqueza. Eu acabei, digamos, com a tal intimidade na família Rui. Depois disso... que quando d. Maria Augusta

⁷ “Advogado e político (1854 -1901) Filho do conselheiro Dantas, Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas nasceu em Salvador, Bahia, no ano de 1854. Formado em Direito pela Faculdade de Recife em 1875, exerceria o jornalismo no Diário da Bahia, órgão do Partido Liberal. Entrou para a Câmara em 1878, tornando-se ministro no gabinete de Martinho de Campos, em 1882. Afastado da política, foi morar em Paris até 1891, quando, com Joaquim Nabuco, fundou o *Jornal do Brasil*. Deixaria a direção do jornal no ano seguinte”. (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. *Projeto Memória*. 1999. Página inicial. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/r/index.htm>>. Acesso em: 5 maio 2020.

⁸ A FCRB possui no Arquivo Rui Barbosa, Série Correspondência, o dossiê de Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas composto por 228 documentos textuais, sendo um em francês e um em inglês: cartas, cartões e telegramas. Disponível para consulta em: <<http://www.casarui Barbosa.gov.br/rbonline/arquivoRuiBarbosa.htm>>. Acesso em: 5 maio 2020.

⁹ Para maiores informações, vide verbete “Manuel Pinto de Sousa Dantas”, disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/710-manuel-pinto-de-sousa-dantas>>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁰ Para maiores informações, vide “Visconde do Rio Branco”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/visconde-do-rio-branco/biografia>>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIO%20BRANCO,%20Bar%C3%A3o%20do.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2020.

morreu é... ela tinha determinado que as cartas do Rui para ela,¹² logo que ela morresse, fossem entregues aqui a Casa Rui. E eu cheguei lá, na casa dela justamente quando ela tinha acabado de falecer, lá na rua Raimundo Correia. Então o Carlito Bandeira,¹³ irmão dela, bastante mais moço, mas irmão dela, então me chamou e disse: “Bem, agora você vai comigo à Casa Rui para entregarmos aqui esse maço de cartas”. As cartas estavam lá, ela tinha guardado, estavam com uma fita e nós trouxemos na mesma hora aqui a Casa Rui.

Entrevistadora: E, neste contato com d. Maria Augusta, ela teria colocado à disposição do senhor documentos que não tivessem...

Luís Vianna: Não, documentos não teria. Foi só depoimentos, conversa... acho mesmo que ela não tinha, porque o arquivo do Rui ficou todo aqui. Ela só tinha...

Entrevistadora: Em contato com o professor Clemente Mariani,¹⁴ ele nos disse que ao tempo em que ele fazia faculdade de direito, havia na faculdade duas facções, uma ruísta e outra não ruísta. Na sua época de estudante, também de direito, existiam essas duas facções?

Luís Vianna: Não, isso já estava inteiramente superado. O dr. Clemente Mariani saiu da escola, ele se formou em 1920 e eu só entrei para a escola em 1925. A existência dessas facções realmente ao tempo do dr. Clemente elas estavam em função, sobretudo da política da Bahia, porque a campanha Paulo Fontes que era feita contra o candidato que era o próprio, o antigo governador, o J. J. Seabra.¹⁵ De forma que aí havia opiniões divergentes, havia facções divergentes, mesmo dentro da escola. Mas, no meu tempo, acho que isso já estava inteiramente superado. O Rui também já tinha morrido, de forma que não existia mais. Havia apenas uma aura assim de entusiasmo, de admiração e de orgulho baiano em torno do Rui.

¹² Sobre as cartas, sugerimos leitura da publicação: BARBOSA, Rui; QUEIRÓS, Maria José de (prefácio). *Cartas à noiva: correspondência com D. Maria Augusta*. Rio de Janeiro (BR): Casa de Rui Barbosa: Civilização Brasileira, 1982. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/559>>.

¹³ Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui e autor da obra *Lado a lado de Rui: 1876-1923*, publicada pela Casa de Rui Barbosa, em 1960. O livro está disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/9039>>.

¹⁴ Para maiores informações, vide verbete “Clemente Mariani”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/clemente_mariani>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁵ Para maiores informações, vide verbete “José Joaquim Seabra”, disponível em: <<http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/ultimas-noticias/658-jose-joaquim-seabra>>. Acesso em: 5 maio 2020.

Entrevistadora: A formação de... defesas liberais, das ideias liberais e de uma atitude assim em defesa ou de aproximação dos ideais de Rui Barbosa, o senhor teve através da família? O seu pai teria orientado? Eram ruístas, defendia os ideais de Rui Barbosa ou isso à medida que o senhor foi crescendo e vendo as atitudes de Rui teria sido influenciado?

Luís Vianna: É, eu sou de 8, o meu pai morreu em 20. Portanto, quando meu pai morreu, eu tinha 12 anos. A influência dele, naturalmente, teria sido relativamente pequena. Mas – e aí eu chego justamente para contar um fato que é do interesse aqui da nossa conversa – eu era interno aqui no colégio Hórus, era um colégio aqui na praia de Botafogo, depois no prédio onde foi o Anglo-Americano. Eu era interno aí e meu pai na ocasião estava na Bahia, justamente por ocasião do Jubileu do Rui, em 1918. E, quando foi um dia com total surpresa para mim, apareceu lá no colégio o dr. Simões Filho,¹⁶ que depois foi ministro, deputado e era o diretor do maior jornal da Bahia, que era *A Tarde* e que era da intimidade lá da casa de meu pai. Então, o Simões, na ocasião, estava aqui no Rio e ele apareceu lá no colégio com um telegrama de meu pai, pedindo que ele me fosse buscar no colégio para assistir a conferência do Rui na Biblioteca Nacional. De forma que eu, com 10 anos de idade, botei a farda de gala do colégio, compreendeu? E fui, me lembro bem que também foi conosco o dr. Pedro Lago,¹⁷ que depois foi senador e também estava aqui. Nós fomos, mas quando chegamos lá na Biblioteca não era possível mais entrar no salão. Estava repleto, topetado de gente, então ficamos ali naquele *hall* da biblioteca... eu um pouco aturdido... menino, não é... mas, naturalmente, o dr. Lago era um homem muito conhecido, era deputado. Simões também era um homem importante... então, o diretor da biblioteca chamou-os e nos botou no gabinete dele... eu depois frequentei muito esse gabinete ao tempo do dr. Rodolfo Garcia,¹⁸ de quem fui amigo, e nesse gabinete havia um óculo grande que dava para o salão. Aí então botaram as cadeiras e daí então nós ouvimos o Rui. Eu me lembro bastante do Rui falando neste dia. É a primeira

¹⁶ Para maiores informações, vide verbete “Ernesto Simões Filho”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Ernesto_Simoes_Filho>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Pedro Lago”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-francisco-rodrigues-lago>>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Rodolfo Garcia”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>>. Acesso em: 5 maio 2020.

impressão que eu tive do Rui foi essa. Foi na ocasião do jubileu ouvindo-o lá na Biblioteca Nacional e isso, naturalmente, me marcou, porque mostrava também a importância que meu pai dava ao fato. Quer dizer, ele quis que eu, naquela idade, guardasse aquela lembrança... ele não podendo ir. Estava na Bahia. Estava ausente... ele tinha sido colega de colégio do Rui, no Ginásio Bahiano, o Macaúbas, e mesmo apesar de terem divergido politicamente algumas vezes, mas sempre conservaram uma amizade antiga de colégio. Essa foi a primeira vez que eu vi o Rui. A outra vez que eu vi o Rui foi justamente na campanha de 19,¹⁹ mas aí eu vi ligeiramente... mas me lembro bem. Ele ficou na Bahia, hospedado na casa do professor Augusto Vianna, que era parente, primo, da d. Maria Augusta e então... era ali na Graça e nós íamos pra lá pra ver o Rui. Rui de vez em quando aparecia... nós meninos ficávamos assim muito curiosos e tal... mas aí foi só uma visão assim de longe. Agora em 1920... foi a primeira vez que eu vim aqui a Casa Rui. Meu pai me trouxe para almoçar com o Rui. Eu tinha 12 anos. E aí nós viemos. Eu me lembro perfeitamente disso... naturalmente meu pai fez uma porção de recomendações, como eu devia me sentar na mesa, como eu devia fazer, como eu não devia fazer...

Entrevistador: Não podia falar à mesa?

Luís Vianna: Não podia falar. De modo que eu só fiz ouvir, né? [risos]

E eu me lembro, nós chegamos na hora do almoço, antes do almoço, e entramos aí no salão da biblioteca e havia uma cadeira... que acho que ainda existe lá que era a cadeira do Rui, e junto tinha um porta-jornais. Mas o Rui não estava aí. O Rui estava no jardim, lá no fundo e então quando anunciaram lá que papai tinha chegado. Ele veio e aí sentou nessa cadeira e eles ficaram lá conversando... eu não tenho nenhuma lembrança disso... e daí passamos para a sala de jantar, ou de almoço... era almoço... aí só d. Maria Augusta, o Rui, eu e papai. d. Maria Augusta me tratou muito e tal... me agradou e... agora como um hábito bastante baiano, quando acabou o almoço, todo mundo continuou na mesa. Papai e o Rui, naturalmente, a falarem da sua mocidade, das coisas do colégio. O que para mim não era, naturalmente, nada interessante! E eu me lembro que eu então, para me distrair, peguei um pão que havia assim na mesa e comi. Depois tive uma grande repreensão de meu pai.

¹⁹ A Campanha Civilista foi em 1909/1910; nessa eleição, à qual ele se refere, ocorrida em 1919 Rui Barbosa concorreu com Epitácio Pessoa, vencedor do pleito.

Entrevistadora: Porque ele tinha percebido. [risos]

Luís Vianna: ... de eu ter, depois do almoço, ainda pegado aquele pão assim. Mas, quando acabou o almoço, nós saímos com o Rui no carro dele e fomos deixá-lo então no cinema. Não era o cinema... porque o cinema tido como o do Rui era o cinema Ideal,²⁰ mas o cinema que nesse dia ele ficou – eu me lembro bastante – foi o cinema Pathé,²¹ na avenida Central. Ele ficou aí e meu pai... eu tenho a lembrança que beijei a mão do Rui e fui a última vez que eu vi o Rui...

Entrevistadora: E o senhor não recorda se o filme era de Tom Mix?²²

Luís Vianna: Não, porque nós não fomos. Nós deixamos o Rui na porta do cinema e papai não ficou com ele pro filme não. Aí nós saímos.

Entrevistadora: Agora a sala que houve o almoço, o senhor recorda qual das duas foi. Essa grande, a sala Bahia ou aquela lá do cantinho?

Luís Vianna: Não, essa sala grande aqui...

Entrevistadora: Então, é a sala Bahia.

Luís Vianna: ... logo depois da... quando se sobe à entrada, disso eu me lembro perfeitamente... da biblioteca, do Rui sentado bastante aquebrado...

Entrevistadora: ... e o carro... qual foi que o senhor foi levá-lo à cidade...

Luís Vianna: ... era um automóvel, mas não me lembro...

Entrevistadora: ... não lembra se era esse Benz...

Luís Vianna: ... não, acho que não... era um carro menor...

Entrevistadora: ... talvez seja aquele de Petrópolis...

Luís Vianna: ... não, era um carro menor, não era aquele carro tão grande não... esse Benz que tinha aí, mas não foi aquele não, era um carro

²⁰ “Os quatro sobrados que compunham originalmente o Cinema Ideal foram construídos em 1905 pelo construtor Miguel Bruno, a mando de seu proprietário, o Visconde de Moraes. O Cinema Ideal foi inaugurado em 1909, quando a Empresa Pereira, Pinto e Cia., do ramo cinematográfico, adquiriu os quatro imóveis. Em 1913, o local passou por uma grande reforma que ampliou sua sala de projeção e colocou-o entre os maiores cinemas da cidade, ao lado do Cinema Avenida Central e do Íris, situado também na rua da Carioca. A cúpula assinada por Gustave Eiffel foi introduzida nesta grande reforma, transformando-se na grande novidade da cidade à época: por um dispositivo mecânico, se abria durante as sessões para renovar o ar e refrescar o ambiente. Era a única casa na América do Sul a projetar ao ar livre”. Disponível em: <<https://diariodorio.com/onde-era-o-cine-ideal-agora-tem-uma-casa-de-eventos-a-maison-leffie/>>. Acesso em: 5 maio 2020.

²¹ “O Pathé Palace e o Cine Pathé eram de propriedade da família do fotógrafo Marc Ferrez, que teve participação destacada na introdução do cinema no Brasil”. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=cine-pathe>>. Acesso em: 5 maio 2020.)

²² Thomas Hezikiah Mix, cujo nome artístico era Tom Mix, foi um ator norte-americano de grande sucesso na era do cinema mudo e atuava preferencialmente no gênero western. Consultado em: <<https://www.imdb.com/name/nm0594291/bio>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

menor... que nós saímos daqui... fomos lá para o cinema Phaté... isso pessoalmente são as lembranças que eu tenho do Rui são essas... as três vezes que eu o vi... conservo bastante viva porque, naturalmente, pela aura que havia em torno do Rui... isso desde menino que eu ouvia falar no Rui... de fato, quando se aproximava tinha uma sensação...

Entrevistador: Dr. Luís, o senhor disse agora que o senhor e outras crianças ficavam às vezes para ver o Rui...

Luís Vianna: ... é, é...

Entrevistador: ... quer dizer que havia um sentimento entre as crianças de importância daquele homem?

Luís Vianna: Ah, havia, isso não há dúvida que havia! Naturalmente nós ouvíamos falar tanto do Rui aqui em casa... é que, naturalmente, não podíamos deixar de sofrer essa influência sobretudo em crianças de um determinado nível social... havia... e papai naquela época era muito ligado à campanha do Paulo Fontes e papai sempre me levava... de sorte que eu fui várias vezes a casa do Paulo Fontes e tal, eu ia com ele... de modo, que eu me lembro bem dos fatos assim, das pessoas, compreende?

Entrevistadora: E o bairro da Graça naquela ocasião já era um bairro assim conceituado como é hoje?

Luís Vianna: ... ah, já era...

Entrevistadora: Na Bahia, já era? O senhor frisou o bairro da Graça, eu me lembrei agora... que era um bairro conceituado...

Luís Vianna: Era, era um bairro elegante naquele tempo. Havia várias casas que eu conhecia. Casa do Manoel Joaquim, a casa do Luis Tarquínio, a casa do Teixeira Leal, tudo, tudo era na Graça e ali nas imediações... havia a casa do Catarino, só que ali já era um bairro chique, um bairro elegante.

Entrevistador: Dr. Luís, voltando ao seu livro, nós estamos tentando, como o senhor sabe, trazer uma série de correspondências que estão com a família Batista Pereira. O senhor acredita que a visão desses documentos vá alterar alguma coisa ou... ou reforçar os pontos do seu livro?

Luís Vianna: Não sei. Eu até... eu tô empenhadíssimo nesses documentos. Hoje já falei com a neta do Rui, a filha do Batista, a irmã, mais uma vez, daqui a pouco vou tocar para São Paulo, mas é uma novela. [risos] Mas acho que... eu não sei. Mas... realmente eu já vi a relação dos documentos... não sei se todos, mas uma parte... e há coisas que devem ser interessantes. Há uma carta do Rui para d. Maria Augusta justamente quando ele ganhou *habeas corpus* para que os discursos dele fossem publicados.

E há carta de oito páginas... então o Rui deve fazer considerações que devem ser importantes... mas... disseram lá a família Batista Pereira que a divulgação dos documentos os desvaloriza... então com isso eles estão com receio dessa divulgação para não perderem o valor. O que eu, naturalmente, contesto, mas... mas eu estou muito empenhado nisso...

Entrevistador: Dr. Lacombe acha que inclusive é o contrário, que de alguma forma a visão que o Rui tinha da família vai mudar. Vai mudar para o mundo.

Luís Vianna: Sim, aliás eu disse isso a eles. Quer dizer... acho que essa correspondência, sobretudo com o Batista, que ela poderá permitir – inclusive a mim – de dar uma nova fisionomia nas relações do Batista com o Rui ou do Rui com o Batista. É... realmente talvez por falta disso os elementos eram muito poucos e eu me lembro que na primeira edição que fiz, eu tendo que fazer assim um traço sobre Batista, eu chamei-o de tagarela... quer dizer como homem loquaz que falava muito, que eu me dei muito com ele. E ele era um grande conversador. E ele depois reclamou essa expressão, que ele achou que não era própria, tanto que eu depois retirei...

Entrevistadora: Bem polêmico!

Luís Vianna: E não era minha ideia aborrecê-lo, nem criar nenhum problema, mas ele era realmente um grande conversador.

Entrevistadora: ... à luz dessa correspondência então poder-se-ia...

Luís Vianna: Vamos ver então como o Rui o tratava, a importância que o Rui dava, os papéis... a posição que o Rui atribuiu a ele na sua vida política. Porque isso até agora não é conhecido.

Entrevistadora: O fato é que ele realmente sempre acompanhou Rui Barbosa...

Luís Vianna: Sim, ele casou... foi secretário lá para a missão de Haia...

Entrevistador: O senhor que sempre se deu muito bem com ele, o senhor tem alguma notícia se realmente os recortes de jornais foi Batista quem guardou? Se foi o próprio Rui?

Luís Vianna: Bem, eu acredito... quer dizer, eu não sei... mas eu acredito que fosse o Rui. Quer dizer por que o Rui era tão minucioso em tudo. Bom, pelo menos o Rui mandou guardar... mas que o Rui teria o cuidado de guardar, se vê pelo arquivo dele, quer dizer, desde as épocas mais remotas em que o Batista nem existia... então não tem porque pensar que fosse por uma iniciativa do Batista. Agora... o Batista pode ter contribuído...

Entrevistador: Porque a quantidade era imensa!

Entrevistador: E entre essa vinda sua a casa nesse almoço e a sua vinda seguinte, houve um grande hiato, não.

Luís Vianna: Ah, grande hiato!

Entrevistador: Quando é que o senhor retornou aqui a casa depois disso... que o senhor possa contar...

Luís Vianna: Ah, depois disso eu devo ter vindo aqui mais ou menos em 28 ou 29, não é? Porque o Batista, ele era muito amigo do meu sogro, de forma que eu fiquei noivo na Bahia e quando eu vim aqui então o meu sogro me deu uma carta para o Batista. Ele era muito agradável e tal. E daí então eu vim ver a casa... isso deve ter sido em 28 mais ou menos... foi nesse espaço de tempo mais ou menos... quer dizer também o Eugênio Gomes²³ estava aqui. Eu acho que esteve aqui. O próprio Homero Filho que era baiano, eu me dava bem com o Homero... de forma que foi daí que eu conheci o dr. Lacombe e aí nos aproximamos muito.

Entrevistadora: O senhor teria lembrança, por exemplo, em 1923 com a morte de Rui Barbosa, se foi um acontecimento de comoção assim na Bahia, que aqui no Rio de Janeiro, através de documentários nós temos a visão que foi o féretro de Rui Barbosa, de como a população acorreu às ruas para ver... houve uma, digamos assim, na Bahia assim o povo sentiu ou refletiu essa admiração?

Luís Vianna: Quer dizer, eu no dia mesmo eu tava fora. Eu me lembro. Eu tava na fazenda porque foi primeiro de março, época ainda de férias. Eu ainda estava na fazenda... uma fazenda que não é longe da cidade... da capital. É perto relativamente... e me lembro bem que chegou lá o jornal e isso eu guardo muito... essa imagem da manchete que o jornal dava que era assim: “Apagou-se o sol”. Era a morte do Rui. De forma que causou realmente muita emoção a morte do Rui. Isso não há dúvida nenhuma. Quer dizer na Bahia, quer dizer em Salvador. Embora fosse comum naquela época, mas realmente já houve um sentimento público muito grande em torno da morte de Rui...

Entrevistadora: E na ocasião do traslado²⁴ do corpo, depois lá para a Bahia, o senhor estava atuante lá em Salvador? E o senhor lembra de algum fato?

²³ Para maiores informações, vide “Eugênio Gomes”, disponível em: <<https://anenet.com.br/eugenio-gomes/>>. Acesso em: 5 maio 2020.

²⁴ Em 1949, como parte das comemorações do centenário de Rui Barbosa, seu corpo foi trasladado do cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, para o Fórum Rui Barbosa, em Salvador. A missa de corpo presente foi realizada no Museu Casa de Rui Barbosa.

Luís Vianna: Estava. Fato, me lembro do fato, quer dizer...

Entrevistadora: ... foi a mesma comoção assim...

Luís Vianna: Sim, foi, quer dizer, foi promovido pelo dr. Mangabeira, que era o governador na época, justamente para colocar lá no fórum Rui Barbosa. Então houve... podemos dizer que toda a Bahia se mobilizou para receber o corpo do Rui e sepultá-lo lá na cripta do fórum. Foram realmente homenagens muito expressivas, muito bonitas e que toda a Bahia, todas as classes, digamos assim, participou.

Entrevistador: Dr. Luís... com o passar do tempo, a memória dos acontecimentos vão esmaecendo. Para mim hoje, eu tenho a sensação, pelos documentos que eu vi, alguns filmes, que a vida de Rui Barbosa e a morte dele, comparativamente com tudo que houve depois no Brasil, não se encontra algo semelhante. Embora nós tenhamos tido algumas coisas bastante importantes. Eu não vejo nenhum acontecimento para mim semelhante ao que foi Rui Barbosa no Brasil. A importância relativa dele na sociedade.

Luís Vianna: Bem, não há, realmente não há... quer dizer... e daí a proeminência do Rui. Quer dizer que o Rui era único... d. Maria Augusta dizia isso, que Rui era um só...

Entrevistadora: [risos] Ela melhor do que ninguém para falar...

Luís Vianna: ... e de fato era...

Entrevistador: O senhor acha também que depois realmente nunca se teve uma coisa semelhante...

Luís Vianna: ... nem antes, nem depois. Quer dizer, nenhuma personalidade que tivesse monopolizado ou suscitado em torno de si uma tal admiração nacional, não teve não... quer dizer... não com influência, mas como admiração nacional... não se pode deixar de lembrar o barão do Rio Branco... quer dizer, o Rio Branco...

PARTE II

Entrevistador: Professor, ah... dr. Luís Vianna, a imagem que de uma maneira geral o público, os estudiosos, estudantes, pessoas que quando nós falamos de Rui Barbosa tem dele, sua figura, é de um homem muito sério, homem voltado para os livros, homem que não devia rir sequer, é a imagem que nós fazemos dele. Eu gostaria de saber do senhor, neste contato, nesse almoço que o senhor esteve presente juntamente com o senhor seu pai qual foi a impressão que

lhe ficou de Rui Barbosa, uma vez que o senhor teve possibilidade de vê-lo na intimidade?

Luís Vianna: A impressão... é preciso também, porque o Rui... ou a maneira das pessoas serem naquela época era diferente da nossa, de forma que um homem como era o Rui, como era meu pai, não é? Quer dizer, naquela idade, naquela posição, então eram homens realmente que guardavam uma certa distância e eram sempre sérios... quer dizer, eu não me lembro de ver, mesmo nessa conversa de papai com o Rui assim de eles estarem rindo e tal... podiam estar comentando, estar achando graça em certos episódios, não é? Fazendo certas críticas a pessoas... agora o Rui me deu... sobretudo a impressão que me ficou na época foi de uma pessoa frágil, pequeno... a tez era um pouco morena... e ele quando chegou, ele trazia até umas luvas. Depois ele mudou a roupa, botou um fraque cinza para sair. Mas, quando ele veio do jardim, ele tava com uma roupa clara, paletó claro, não é? Ele tava de luvas, não é?

Entrevistadora: Cuidando do jardim?

Luís Vianna: Protegido do sol e tal, mas muito débil. Dava a impressão de uma pessoa muito frágil.

Entrevistador: E ele lhe dedicou algum gesto assim...

Luís Vianna: Não falou comigo e tal... papai... naturalmente que eu vinha... naturalmente que era justamente para conhecer o Rui de forma que ele... disse, é meu filho, e tal... e o Rui naturalmente falou comigo. Deve ter feito um agrado qualquer, mas não passou também...

Entrevistador: ... não passou daí...

Luís Vianna: ... não... não era muito disso não...

Entrevistador: Agora, finalizando então aqui a nossa entrevista e a gente sabendo que o senhor foi formado pela faculdade de direito, na turma de 29, e tudo, queríamos saber se o senhor teria assim em mente alguns contemporâneos seus que pudessem ser entrevistados da mesma forma que o senhor e que tivessem alguma coisa para acrescentar.

Luís Vianna: Certo, eu não sei... tenho, mas naturalmente, certamente viram o Rui, devem ter sentido o Rui, eu me lembro do ministro Baleeiro, do ministro Adalício Nogueira,²⁵ que também é aposentado do supremo e que na época era poeta e acredito até que deve ter feito alguma poesia

²⁵ Para maiores informações, vide verbete “Adalício Coelho Nogueira”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=190>>.

para o Rui. Não pode deixar de ter feito, não é? Quer dizer, já falei do Péricles Madureira²⁶ também...

Entrevistador: Que já esteve aqui conosco...

Luís Vianna: Que já teve... é só o que ocorre assim no momento são esses. Não sei, pode ser que com o tempo eu venha a me lembrar de outros, não é?

Entrevistador: Então queria só despedir, agradecendo a sua atenção, a sua vinda aqui...

Luís Vianna: E qualquer coisa que eu tenha mais... que eu me lembre e que ache que possa ser útil, eu venho e transmito aqui para vocês...

Entrevistador: Exatamente.

[Fim da gravação]

²⁶ Depoimento de Péricles Madureira foi registrado, em 10 de junho de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB.

**Elisa e Rosa Curvelo Vieira
(depoimento, 1976)**

VIEIRA, Elisa e Rosa Curvelo. *Elisa e Rosa Curvelo Vieira. (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Elisa e Rosa Curvelo Vieira

Local da entrevista: Residência das entrevistadas, à rua Rainha Elizabeth, 758/201- Rio de Janeiro.

Data da entrevista: 29 de outubro de 1976

Duração¹: 13min 09s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: -

Descritores/Assunto: Francisca Airosa, infância, relacionamento de Rui com as crianças, confeitarias, moradores, rua São Clemente, casa da rua São Clemente, automóvel, bondes, teatro.

Biografia³:

Vizinhas da residência de Rui Barbosa à época que residiam na rua São Clemente e amigas das netas de Rui.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Não foi registrado o nome de quem realizou a entrevista, porém nota-se a presença de um entrevistador cuja voz parece ser masculina.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

Entrevistador: Dando prosseguimento ao projeto Memória de Rui, estamos hoje em companhia de d. Elisa e d. Rosa Curvelo Vieira. D. Elisa e d. Rosa são irmãs e residem hoje em dia, à rua Rainha Elizabeth, 758 – 201. Quando crianças foram amigas das filhas de Rui Barbosa e residiam em casa ao lado à casa de Rui, na rua São Clemente, 134. Vamos ouvir então os depoimentos. d. Rosa, o que a senhora tem para falar então?

D. Rosa: Eu tenho a falar o seguinte: eu não ia passear com a filha do Rui, era com a neta dele, filha de Chiquita⁴ Rui Barbosa, que era filha do Rui Barbosa e a menina era filha dela, era neta do Rui Barbosa. Que eu passeava muito, nós íamos a tudo quanto era divertimento, a passeios, não é? Então o lugar que íamos... íamos para o Colombo.⁵ Naquele tempo o Colombo, antigo da rua do Ouvidor. Era na rua do Ouvidor. Não é como é hoje, era na rua do Ouvidor. Íamos para lá, fazer lanche, comer, trazer bombons e tudo o que tivesse lá de bom. Éramos duas meninas, eu com meus dez anos mais ou menos e a Mariazinha com os oito mais ou menos, ou nove. Era uma diferença assim de pouca idade.

Entrevistador: E quem levava a senhora e a d. Elisa para esses passeios?

D. Rosa: Era o cocheiro da casa que ia me levar no carro e nós íamos com a dama de companhia. Era de toda a confiança. Uma senhora que aliás eu esqueci o nome dela. Não posso me lembrar. Agora o nome que eu esqueci. Ela que passeava. Uma senhora de certa idade, não era moça, era mulher de seus quarenta e poucos anos, é que nos levava para esses

⁴ Francisca Rui Barbosa, filha de Rui Barbosa e Maria Augusta, nasceu no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1880. Casou-se com Raul Antônio Airoso em 1 de setembro de 1900 e tiveram dois filhos: Raul e Maria Augusta.

⁵ Para maiores informações, vide “Confeitaria Colombo”, disponível em: <<http://www.confeitariacolombo.com.br/>>.

passeios todos. Nós levávamos o dia todo passeando. Brincávamos muito. Eu passava lá o dia todo, almoçava, jantava, tomava banho, tudo lá em casa deles e me divertia muito e éramos muito amigas. E não podia deixar de ir um dia, porque a menina chorava tanto que o avô tinha que ir lá em casa pedir a mamãe para deixar eu ficar com a neta, porque a neta não se separava de mim, de coisa nenhuma.

Entrevistador: O Rui Barbosa então ia pessoalmente a sua casa para fazer essa solicitação?

D. Rosa: A janela da casa dele dava para nossa casa, não sabe, e ele de lá pedia: “d. Matilde, a senhora vai deixar Rosinha vir? A Mariazinha está chorando muito. Ela não pode ficar sem a Rosinha. A senhora sabe que elas são amigas inseparáveis”. Aí a mamãe disse: “Vai, vai, pode ir, pode ir. Eu não vou contrariar o senhor”. E eu vinha novamente para a casa dela.

Entrevistador: E ele era uma pessoa assim muito afável? Muito... gostava muito de criança?

D. Rosa: Muito boa criatura, muito dado, a família toda era muito dada, muito simples, não tinha vaidades, nem nada. Me tratava como se eu fosse a neta dele também. Eu tinha o mesmo tratamento que ele dava a neta me dava para mim. Até inclusive roupas, né? Que eu, às vezes não podia acompanhar que a minha família era pobre. E ele, Mariazinha e a mãe prontamente o que eu precisasse de roupa para sair com ela e tudo. Ele me auxiliava e tudo...

D. Elisa: ... esses fatos eu me lembro...

Entrevistador: D. Elisa, eu gostaria que a senhora nos descrevesse como era a vizinhança na rua São Clemente naquela época? O tipo de mansões e as pessoas que coabitavam lá.

D. Elisa: Ao lado da nossa casa tinha a casa do comendador Braga, uma casa muito... um palacete grande também. Do lado oposto. Do lado oposto tinha a casa do Guinle,⁶ do Gaffrée, tinha a casa do... do... do... também do... pera aí... como é?... do barão de Lucena⁷ também... espera aí, deixa eu me lembrar qual é a outra casa que eu não estou me lembrando agora o nome da casa... aliás, essas casas todas eram casas, palacetes

⁶ LISBOA, Luis Fernando. Saga de glória e decadência da família Guinle vira livro. *A tarde*, 2015. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/1700509-saga-de-gloria-e-decadencia-da-familia-guinle-vira-livro-premium>. Acesso em: 17 abr. 2020. BULCÃO, Clóvis. *Os Guinle: a história de uma dinastia*. Editora Intrínseca, 2015.

⁷ Para maiores informações, vide “*Barão de Lucena (Henrique Pereira de Lucena)*”, disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=497. Acesso em: 17 abr. 2020.

grandes, de chácaras que iam até a rua da Assunção.⁸ Todas as casas tinham terreno que iam até a rua da Assunção. Em frente tinha um armazém onde morava uma família que era muito amiga nossa. Aliás, a filha mais velha era minha colega de escola e está hoje com 82 anos também. Eu me recordo muito de um sargento de polícia que era débil mental e que gostava muito do Rui Barbosa. Vivia passeando na calçada e dando vivas ao Rui Barbosa. A família de Rui Barbosa era uma família muito boa. Uma gente muito simples que dava, mandava dar alimentação a esse sargento. E muitas vezes vi o Rui Barbosa dar até esmola a ele na porta. Quando ele saía no tílburí⁹ para ir para o Senado, dava até esmola a este sargento. Sobre alimentação do Rui Barbosa, uma das coisas que me lembro muito era que ele gostava muito de caça. Muitas vezes ele mandava o cozinheiro, pedindo licença a minha mãe, para ir ao quintal da nossa casa para matar um gambá, matar um gato. Ele gostava muito. Mandava cozinheiro preparar e deixar dormir no sereno junto com os frangos também. A alimentação dele... ele não mandava matar a criação para comer no mesmo dia não... era pendurado tudo no sereno para preparar no dia seguinte.

Entrevistador: D. Elisa está explicando que a residência dela era no número 102 antigamente e atualmente é o número 130 onde está se construindo um prédio, um edifício de apartamentos. E d. Elisa também vai continuar também falando sobre as peculiaridades da caça de Rui Barbosa que ficavam penduradas. Aonde era d. Elisa?

D. Elisa: Numa varanda que tinha, que dava para a copa cozinha. Lá de casa nós apreciávamos vendo a criação toda pendurada lá no sereno para ser preparada para no dia seguinte.

Entrevistador: D. Rosa, eu gostaria de saber se quando desses passeios, desses dias que a senhora ficava com a Mariazinha na mansão do Rui Barbosa, se as crianças tinham acesso à casa, se todos os cômodos eram conhecidos, se era permitida a entrada.

⁸ D. Elisa diz “rua da Assunção”, todavia a rua localizada nos fundos da FCRB é chamada de “rua Assunção”.

⁹ Carro pequeno de duas rodas e dois assentos, puxado por um só animal. (Consultado em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/t%C3%ADlburi>>. Acesso em: 17 abr. 2020. A utilização do tílburí está presente nos textos de Machado de Assis (Contos Fluminenses) e de José de Alencar (Lucíola), sugerindo que era transporte conhecido e utilizado no final do século XIX, no Rio de Janeiro.

D. Rosa: Nós ficávamos passeando dentro de casa, mas não assim sabe... quando ela entrava no quarto da avó eu ia acompanhar, mas quase sempre fazíamos refeição na copa. Nós não fazíamos refeição na sala. Eu com a Mariazinha, nós comíamos na copa e andava mais nos pedaços mais dos fundos. A Mariazinha não gostava de vir cá para dentro e essas coisas. E de tarde a dama de companhia levava para a casa da mãe dela que era na rua Bambina. E eu ficava lá com eles até os dois dormirem, ela e o irmão. Porque eles não deixavam eu vir para casa enquanto estivessem acordados. Ficavam segurando nas minhas mãos e eu tinha que ficar aqui. Só depois que eles dormissem então é que eu ia para casa. Porque da casa dela para minha casa era perto. Eles moravam na rua Bambina e eu morava do lado do avô. Aí a empregada vinha me trazer depois em casa.

Entrevistador: D. Rosa, a senhora lembra de alguma festa na casa de Rui Barbosa. Não que a senhora tivesse participado que eram crianças. Mas a senhora lembra de alguma festa importante na casa de Rui Barbosa e poderia descrever essas festas?

D. Rosa: A festa que eu me lembro foi o casamento da filha do Azeredo, Nair Azeredo. O casamento saiu da casa do Rui Barbosa, porque a casa do Azeredo acredito que era menor ou não sei... Azeredo morava na rua Voluntários da Pátria, mas eu me lembro que o casamento foi na casa do Rui Barbosa.

Entrevistador: E o Rui Barbosa, por acaso, foi padrinho? Ou d. Maria Augusta foram padrinhos?

D. Rosa: Acredito que sim. Não tenho a ideia muito firme nisto não, não posso confirmar, porque eu era muito criança. Me lembro muito do casamento que era uma quantidade enorme de carros, que quando eles estavam de volta da igreja ainda tinham pessoas que não conseguiram descer do carro para assistir. Era na igreja São João Batista na rua Voluntários da Pátria. O casamento foi lá.

Entrevistador: D. Elisa vai prosseguir agora falando de outros acontecimentos da rua São Clemente.

D. Elisa: Bom, o primeiro automóvel que surgiu na rua São Clemente foi um sucesso. Teve um caso muito trágico. Um menino que morava em frente a nossa casa atravessou a rua no momento que passava o carro e morreu desse desastre. Era filho de um bombeiro.

Entrevistador: ... de tão entusiasmado...

D. Rosa: ... tão entusiasmado que ele ficou de ver o primeiro carro que apareceu na rua São Clemente, primeiro automóvel. Outra coisa também

que eu recordo, que me recordo é dos bondes forrados e encapados de branco que paravam em frente à casa do Rui Barbosa, que a d. Maria Augusta e Adélia Rui Barbosa¹⁰ iam neste bonde ao Teatro Lírico.

Entrevistador: Nem sempre o Rui Barbosa podia acompanhá-las ao teatro, então...

D. Rosa: Eu sempre me recordo que o bonde parava em frente a nossa casa e elas iam muito bem trajadas, e com umas mantilhas que usava... essas mantilhas de renda. Ia d. Maria Augusta e Adélia.

Entrevistador: E esses espetáculos eram noturnos?

D. Rosa: Eram noturnos, espetáculos noturnos. Era o Teatro Lírico...¹¹ antigo Teatro Lírico que hoje não existe mais.

Entrevistador: Onde era o Teatro Lírico?

D. Rosa: Era na rua do Passeio.

Entrevistador: D. Elisa e d. Rosa explicam que esses bondes que passavam na rua São Clemente eram chamados de bondes ceroulas. O nome vem porque eles eram todos encapados de branco e amarradinhos com a forração e esse nome advém daí então. d. Rosa, o que a senhora lembra mais que pudesse acrescentar à nossa gravação?

D. Rosa: Posso falar agora, não é? Eu me lembro muito das festas que davam lá, umas festas muito animadas, muito bonitas, que eu não ia porque era criança. Mas ficava da minha casa apreciando. E os carros, muitos carros, pessoal da alta sociedade entravam pelo portão da frente, só davam uma volta em todo o jardim para sair no outro portão do outro lado. Era uma festa muito conhecida, muito bonita, apreciada por todos, né? E tinha o seguinte também que depois mudei-me de lá. Mudei-me de lá com uns dez, doze anos. Minha irmã com quatorze, eu com doze, treze mais ou menos... fomos para fora, para uma fazenda. Aí separei e nunca mais eu tive contato com eles. Agora no aniversário da minha irmã, agora no dia 5 de outubro, nós voltamos à casa do Rui Barbosa para apreciar. Achei tudo muito bonito, tudo muito bem conservado, aliás o quarto dela que eu sempre apreciei muito, que era uma cama muito bonita, quarto muito bonito como aliás a casa toda, né? Fiquei

¹⁰ Maria Adélia Rui Barbosa, filha primogênita do casal Rui Barbosa e Maria Augusta, nasceu em Salvador, em 2 de junho de 1878.

¹¹ Para maiores informações consultar: QUANDO O LIRISMO VEIO ABAIXO. *História do Rio*, 2012. Disponível em: <<https://historiadorio.wordpress.com/tag/theatro-lirico/>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

muito satisfeita. Estou imensamente feliz de ter podido voltar lá novamente na casa.

D. Elisa: Estou me recordando de uns vizinhos. Em frente à casa do Rui Barbosa tinha a casa do dr. Niemeyer e em frente à rua Bambina tinha a casa do professor Aloísio de Castro.¹²

D. Rosa: Dessas duas eu me lembro.

Entrevistador: E o nome do sargento era Marcelino.

D. Rosa: É, o nome do sargento era Marcelino.

Entrevistador: Eu gostaria de terminar agradecendo a participação das senhoras e felicitando a d. Rosa, porque hoje é o aniversário dela [risos]. Tá! Muito agradecida e espero que, por acaso lembrarem de alguma coisa e quiserem contribuir, é só nos procurar que ficaremos inteiramente à disposição.

[Fim da gravação]

¹² Para maiores informações, vide verbete “Aloisio Castro”, disponível em: <www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 17 abr. 2020.

**Roberto de Lira Tavares
(depoimento, 1976)**

TAVARES, Roberto de Lira. *Roberto de Lira Tavares.
(depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Roberto de Lira Tavares

Local da entrevista: Residência do entrevistado, à praia do Flamengo, 284, apartamento 602, no Rio de Janeiro.

Data da entrevista: 8 de dezembro de 1976

Duração¹: 16min 09s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora²: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Pernambuco, Rui Barbosa, livrarias, Casa de Rui Barbosa, rua São Clemente, cinema, cinema Pathé, personalidades, *Jornal do Commercio*, Primeira Guerra, discursos de Rui, *O Imparcial*, entrevistas com Rui, Rei Alberto, voz e oratória.

Biografia³:

(n. Recife, 1902-f. Rio de Janeiro, 1982)

Advogado, jornalista e professor universitário.

Atuou na Procuradoria de Justiça.

Foi membro do Conselho Penitenciário e da Inspeção Geral Penitenciária.

Instalou, organizou e dirigiu o Instituto de Criminologia da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Juiz permanente da corte de Haia e ministro da Educação e Cultura, no período de 12 de julho de 1962 a 14 de setembro de 1962.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>>.

² No início da entrevista, percebe-se uma voz feminina que relata de forma sucinta a biografia do entrevistado. Contudo não foi possível identificar a quem pertencia a voz.

³ Consultado em: TAVARES, Roberto de Lira In: *DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/Roberto_Lira>. Acesso em: 20 abr. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

Entrevistadora: Dia 8 de dezembro de 1976. Estamos em companhia do professor Roberto de Lira Tavares, em sua residência, à praia do Flamengo, 284, apartamento 602, no Rio. E daremos prosseguimento ao nosso projeto Memória de Rui, ora levado a efeito na Casa de Rui Barbosa. Professor, antes um breve esclarecimento sobre o nosso trabalho. Estamos colhendo depoimentos de pessoas que tenham participado da vida particular ou pública de Rui Barbosa, que tenham presenciado manifestações públicas de Rui, ou que tenham fatos interessantes a nos relatar sobre a época de Rui Barbosa. O seu nome nos foi lembrado pelo professor Américo Jacobina Lacombe,⁴ em depoimento semelhante. Por este motivo, estamos agora aqui para ouvi-lo, como mais uma fonte de informações para os nossos futuros trabalhos.

Voz feminina: Roberto de Lira Tavares, abreviadamente Roberto Lira, é membro da Corte Permanente de Arbitragem na Haia, foi ministro da Educação e Cultura, é professor titular da Universidade Federal e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Roberto Lira: Escrevi vários trabalhos sobre Rui Barbosa. Dos quais só foram publicados em livros: *A obra de Rui Barbosa em criminologia e direito criminal*,⁵ Rio 1949, com seleções e dicionário de pensamentos, e longa introdução. E *O juri sob todos aspectos*,⁶ Rio, 1950, com textos

⁴ Américo Jacobina Lacombe foi diretor da Casa de Rui Barbosa e, depois, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, no período de 1939-1993. (Depoimento, em 21 de abril de 1976, para o projeto Memória de Rui, na FCRB).

⁵ A publicação está disponível na base da biblioteca São Clemente – FCRB, vide: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>>.

⁶ A publicação está disponível na base da biblioteca São Clemente – FCRB, vide: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br>>.

de Rui Barbosa sobre a instituição e desenvolvida introdução histórica e crítica. Em 1952, apareceu nova edição do primeiro livro.

[Corte na gravação]

Roberto Lira: Em Pernambuco. E fiz os então chamados preparatórios na Paraíba do Norte. Em janeiro de 1916, vim para o Rio tentar exame vestibular na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, no edifício da rua do Catete, 243. Ainda em pé. Fiz o curso de 1916 a 1920, tendo fixado residência no Rio. Daqui não saí mais. A não ser para viagens de ida e volta. Minha principal preocupação ao chegar era conhecer Rui Barbosa. Vê-lo atravessando as ruas. Falar com ele e, quem sabe, apertar-lhe a mão. Sonho de nordestino, que guardava no espírito e no coração os ecos da campanha civilista. Não sabia ir ao Senado, como entrar e orientar-me lá dentro. Andei pela avenida Rio Branco, pela rua do Ouvidor, pela rua Gonçalves Dias, pela rua Uruguaiana, o velho centro da cidade. O Rio atordoava o menino provinciano. Além de tudo, retraído e desconfiado de perigos e mistérios. Os guias naturais – os parentes – não se interessavam por gênios e águias: manias do Roberto. Indicaram-me uma livraria na rua São José. Lá estava Rui Barbosa. No recanto reservado às novidades. Folheando livros. Lia páginas, concentradamente, como se estivesse em seu gabinete. Acompanhei todos os gestos e movimentos de Rui Barbosa. Depois, segui-o como um espião, até o carro que o esperava perto. E lá se foi ele. Ignorando aquela tímida devoção. Não tive coragem para aproximar-me do santo. Depois, ficava parado diante de sua casa na rua São Clemente, na esperança de vê-lo chegar ou sair. Devassava com os olhos os jardins internos, dos quais tanto se falava. Não sabia que Rui Barbosa madrugava para os seus trabalhos de jardineiro. Com o início das aulas, familiarizei-me com os veteranos. Todos também ruístas; alguns fanáticos como eu. Um deles convidou-me para ir ao beija-mão à porta do cinema Pathé, na rua da Carioca. E lá beijei também a mão de Rui Barbosa. Em toda mudança de filme reproduzia-se o encontro. Não me lembro bem a resposta de Rui Barbosa, talvez o resmungo de um muito obrigado. Para a exaltação da expectativa, era frio e indiferente. Não revelei a ninguém o desapontamento de que hoje sorrio. Não seria a emoção de Rui Barbosa a causa daquela aparente *secura*? O tempo em que fui estudante de direito – 1916/1920 – já pertence à história, com a primeira grande guerra e as transformações

sociais fundamentais ainda em desenvolvimento. Particpei das passeatas e comícios. Sobretudo depois que a Alemanha torpedeou – torpe mesmo – navios mercantes brasileiros em nossas águas. Acompanhei todas as lutas de Rui Barbosa pela entrada do Brasil na guerra. Os estudantes superlotavam sempre as galerias do Senado. Estava a seu lado, à porta do *Jornal do Commercio*,⁷ de cujo primeiro andar ele falava, e aonde quer que aparecesse. Interrompemos a marcha de seu carro pela rua do Catete, no meio do povo, para que ele fosse saudado da sacada do primeiro andar do edifício da faculdade. Pinto da Rocha⁸ falou pelos professores e vários colegas trepados no portão improvisavam versos. Parecia que estavam revivendo o tempo de Castro Alves.⁹ Rui Barbosa limpava as lágrimas rapidamente, com lenço branco. “Muito obrigado, muito obrigado”, repetia comovidamente. Aquela reiteração murmurada autenticava um sentimento desapropriador da eloquência. Em nossos desfiles rumos à casa de Rui Barbosa cantávamos: “A mocidade estudiosa vem saudar a Rui Barbosa”. Pedia que não corrêsemos riscos por sua causa. Sorríamos, decididos a desobedecer. No fim do curso de direito, entrei para a redação do matutino *O Imparcial*,¹⁰ considerado Verdun da imprensa carioca. Verdun, cidade símbolo da resistência da Bélgica à invasão alemã. *O Imparcial* era o defensor gratuito e corajoso de Rui Barbosa. Fui muitas vezes à sua casa para entrevistá-lo. Esta a missão jornalística. Mas suas entrevistas já vinham manuscritas – não havia máquina de escrever –, em caligrafia larga, talvez para torná-la mais legível. A forma revelava cuidados especiais de acessibilidade. Pensava, suponho, no público. Nunca ditou uma só palavra. Fazia na minha presença uma última leitura. Às vezes, a interrompia, como a hesitar, mas prosseguia. O pedido de entrevista era feito por escrito ou por telefone. Praticamente, eu ia buscar os originais. Tentava perguntas, mas as respostas de Rui Barbosa não passavam de informações sobre a campanha.

⁷ Rui Barbosa atuou como jornalista, trabalhando em diferentes periódicos, inclusive no *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil*. Outras informações disponíveis em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/variedades/jornalismo.htm>>.

⁸ Para maiores informações, vide biografia de “Arthur Pinto da Rocha”, disponível em: <<http://www.arl.org.br/content/index.php?link=academicos&sub=Quadro%20Acad%C3%AAmico&page=arthur-pinto-da-rocha>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁹ Para maiores informações, vide biografia de “Castro Alves”, disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=571&Itemid=1>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “*O Imparcial*”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imparcial-o>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Amável, mas sem efusões. A condição de redator d'*O Imparcial* – que eu o procurava nessa qualidade – amiudou os encontros. Ele os marcava em regra para antes do café. Rui Barbosa ainda não estava cercado por visitantes. Aproveitei uma madrugada para satisfazer minha ansiedade de moço que tanto tinha a perguntar. Não conseguia vencer o nervosismo trêmulo e gaguejante do antigo devoto. Mas precisava insistir. Deixei em sua mão uma lista de perguntas, suplicando respostas. Rui Barbosa pôs no bolso o papel. Publicaríamos n'*O Imparcial* uma entrevista; o texto esperado na redação. Sobrevieram empastelamentos, prisões, suspeições, fechamentos. Desapareceu nos arquivos policiais a correspondência que hoje serviria à história do Brasil. A voz de Rui Barbosa foi a primeira e a maior a erguer-se em defesa da Bélgica, vítima das brutalidades das tropas alemãs na Grande Guerra de 14 a 18. O melhor de sua eloquência – a princípio solitário – foi empregado na repulsa ao martírio imposto à pequena nação. Derrotados os inimigos, as primazias e os sacrifícios de Rui Barbosa foram exaltados em todo o mundo, sobretudo na Bélgica. Em 1922, o então presidente Epitácio Pessoa convidou o rei Alberto da Bélgica a participar das comemorações do centenário de nossa independência política. O Rei Soldado, como era chamado, visitou o Brasil, hospedando-se, se não me engano, no palácio Guanabara. Constatou que o protocolo não incluía encontro de Rui Barbosa com o rei Alberto. Como jornalista, convoquei antigos colegas de faculdade e fizemos uma passeata de protesto, a que aderiram os novos alunos, inclusive ginásianos. E acompanhamos Rui Barbosa até o palácio. As reações de Rui Barbosa limitavam-se a acenos leves e constrangidos. Ajustava os óculos, caminhava lentamente, ao subir e descer as escadarias. Tristeza pela atitude atribuída ao governo de seu país? Quando conheci Rui Barbosa, ele estava com 67 anos. Íamos ouvi-lo sempre, com as mãos previamente postas para as palmas. Nós o aplaudíamos antes, durante e depois dos longos discursos. Não chegou até nós o tribuno, o debatedor que ele foi. Mas apesar da voz nasalada, sem transições, gestos e efeitos, nós o aclamávamos. Gravávamos, sobretudo a riqueza vocabular. Tomávamos nota e corríamos para os dicionários. Não era mais adição, era lição com que seu gênio nos instruíra, sem encantar e sem convencer. O moço é maior do que o velho. O moço, cuidando de episódios jurídicos, políticos e religiosos, ia mais à base da sociedade do que o velho, considerando-a diretamente, ante evidências históricas decisivas. O Rui da velhice não era mais uma daquelas almas que pertencem

ao futuro pela clara intuição do ideal. *Obras completas*, 11 volume 7, tomo I, página 71. Ao menos, para repetir a nobre linguagem do escritor alemão, que aludidas opiniões destinadas a triunfar tarde, escreveu estas belas palavras: “Eu colocarei o meu barco no mais elevado promontório da praga e esperarei que a maré cresça bem alto, até que ele flutue”. *Obras completas*, volume 16, tomo I, página 345. O fato é que, depois da guerra de 14 a 18, já não encontrávamos em Rui Barbosa sintonia para as nossas revoltas e esperanças. Ele esqueceu o prefácio de *O papa e o concílio*.¹² O grito pela desenfeudação da propriedade em 1888. As primeiras leis republicanas fiéis à revolução de 89. A luta contra um Brasil essencialmente agrícola, culminando no discurso de 13 de novembro de 1890. Mas foi na velhice que o patriotismo concentrou as idades nesta advertência: “Guardemo-nos das proteções internacionais. Acautelemo-nos das invasões econômicas”.

[Fim da gravação]

¹¹ Para acesso a versão digital das *Obras completas* de Rui Barbosa, vide: <<http://www.casarui Barbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>.

¹² Disponível download do texto completo em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222262>>. Acesso em: 18 maio 2020.

**Paulo Marques de Faria
(depoimento, 1977)**

FARIA, Paulo Marques de. *Paulo Marques de Faria. (depoimento, 1977)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Paulo Marques de Faria

Local da entrevista: residência do entrevistado, à rua Esteves Júnior, 56, no largo do Machado/RJ

Data da entrevista: 12 de maio de 1977

Duração¹: 11min 06s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: -

Descritores/Assunto: Hermes da Fonseca, Galeria Cruzeiro, casa da rua São Clemente, Hermes Fontes, Pedro Moacir, José Pires do Rio, Maria Augusta, *Jornal do Commercio*, transformação em museu, livrarias.

Biografia:

Advogado e sócio fundador da Homeopatia de Faria.

Faleceu em 21 de janeiro de 1982.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

² Não foi registrado o nome de quem realizou a entrevista, porém nota-se a presença de uma entrevistadora cuja voz parece ser feminina.

Entrevistadora: Estamos na residência do dr. Paulo Marques de Faria, à rua Esteves Júnior, 56, no largo do Machado, e vamos escutar o seu depoimento, já que ele participou e ouviu algumas das conferências, alguns dos discursos, importantes de Rui Barbosa.

Dr. Paulo: Quando Rui Barbosa foi indicado para candidato à Presidência da República para competir com Marechal Hermes da Fonseca,³ os seus admiradores fizeram-lhe uma manifestação em sua casa, tendo como orador para exprimir os seus votos o deputado Pedro Moacir Gonçalves.⁴ Lá che... lá che... tomei um bonde na galeria Cruzeiro, que estava à disposição dos manifestantes. Lá descí, entrei na casa do Rui Barbosa, que estava de portas abertas para quem quisesse entrar e alojei-me perto da tribuna onde iria falar o nosso orador. E aí... e que queria respostas de senador Rui Barbosa. Ele chegou, compassou com os olhos, com o olhar, a imensa biblioteca de Rui e tendo assumido a tribuna, começou seu discurso dizendo: “Estamos na cidadela do saber, sempre inexpugnável!”. E por aí foi dizendo todos os méritos, com rara eloquência, do senador Rui Barbosa, que quando lhe respondeu disse que tendo sido deputado pela Monarquia, senador pela República, membro da Corte de Haia, nunca ouvira, nunca ouvira elevar-se tão alto a eloquência como pela boca do nosso orador.

Entrevistadora: E esse orador era?

³ Para maiores informações, vide verbete “Hermes da Fonseca”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hermes_da_fonseca>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁴ Para maiores informações, vide verbete “Pedro Moacir”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOACIR,%20Pedro.doc.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Dr. Paulo: Esse orador era o deputado Pedro Moacir. Estavam presentes várias pessoas de expressão política, mas... depois da... de Rui Barbosa falou... falar, falou o poeta Hermes Fontes,⁵ que disse palavras, naturalmente, sem o fulgor da tribuna que saudara Rui Barbosa. Deputado Barbosa Lima foi perguntado se desejava falar. Ele disse que não, que depois daquele discurso tudo mais ficaria apagado. Depois de... permanecemos algum tempo e já se dispersando os manifestantes, eu saí da casa de Rui Barbosa nunca mais esquecendo do magnífico espetáculo cívico a que tinha assistido.

Entrevistadora: Uma outra ocasião...

Dr. Paulo: Numa outra ocasião, eu fui à casa de Rui Barbosa em companhia do... do ministro José Pires do Rio,⁶ ministro da Viação e Obras Públicas do governo do Epitácio Pessoa, que foi visitar o senador Rui Barbosa que estava doente. Fomos recebidos com muita fidalguia por d. Maria Augusta, que nos deu informações a respeito do estado de saúde do senador, que ia se recuperando. Então, depois de uma palestra de alguns minutos, retiramo-nos. A visita que eu fiz em companhia do ministro Pires do Rio à casa do senador Rui Barbosa foi realizada em julho de 1919. Assisti outra vez o senador Rui Barbosa falar para multidão, quando da declaração da guerra do Brasil à Alemanha. Ele falou da sacada do *Jornal do Commercio*,⁷ que estava situado naquele tempo na avenida Central com esquina da rua do Ouvidor. Ele falou eloquentemente para uma multidão de milhares de pessoas. Como sempre as suas palavras foram reproduzidas na imprensa e constam da... dos... das suas obras... e contam das suas obras. Então...

Entrevistadora: Dr. Paulo, depois dessas duas vezes que o senhor esteve presente lá na casa de Rui Barbosa, o senhor teve oportunidade de voltar a visitar já como museu? E se por acaso isso aconteceu, eu gostaria que o senhor explicasse: quais as diferenças que o senhor notou? E se o senhor acha que a conservação está bem próxima do que era na época que o senhor lá esteve?

⁵ Para maiores informações, vide verbete “Hermes Fontes”, disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/hermes-fontes>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁶ Para maiores informações, vide verbete “Pires do Rio”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-pires-do-rio>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁷ Para maiores informações, vide verbete “Jornal do Commercio”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Dr. Paulo: Eu voltei depois de... à Casa de Rui Barbosa quando ela já transformada em museu. Devo dizer que colhi a melhor impressão do cuidado em que a Casa de Rui Barbosa tem sido tratada. Livros sempre primorosamente cuidados. A casa mantendo aquele mesmo aspecto que mantinha no tempo de sua vida agitada ao lado de sua maravilhosa esposa, d. Maria Augusta.

Entrevistadora: Agora, dr. Paulo, nós poderíamos falar sobre os encontros que o senhor teve com o Rui Barbosa não só na livraria Garnier, como na Briguiet,⁸ sobretudo.

Dr. Paulo: Como eu sempre fui amigo dos livros, eu frequentava livrarias. E então, tive várias oportunidades de encontros com o senador Rui Barbosa na livraria Briguiet, situada na rua nova do Ouvidor, onde ele ia fazer aquisição de mais livros para sua vastíssima biblioteca. Também na livraria Garnier, eu o vi algumas vezes. Porém, a Briguiet era a sua preferida. Ele trajava sempre, com muito cuidado, fraque cinza... com chapéu gelo, e às vezes, chapéu de Chile. Mas eu guardei sempre distância, como todo mundo. Quando se via Rui Barbosa a gente sentia a admiração respeitosa que o grande homem inspirava pela sua admirável vida, toda ela dedicada ao trabalho jurídico e as manifestações cívicas, quando precisa-se.

Entrevistadora: Dr. Paulo, o senhor não teve a oportunidade de... de frequentar nenhuma festa, de ter assistido nenhuma festa, nos salões abertos na casa de Rui Barbosa? Os famosos saraus? O senhor nunca assistiu a nenhum?

Dr. Paulo: Eu sempre tive uma vida muito modesta e sempre muito recatado. Não tinha como frequentar a casa de Rui Barbosa. Eu, como o maior número de seus admiradores, guardávamos dele uma respeitosa distância. Toda a admiração e todo o deslumbramento pela grande inteligência que o homem despertava aos brasileiros, em geral. Toda vez que o senador Rui Barbosa anunciava pelos jornais que ia proferir algum discurso no Senado, um dos frequentadores que estava sempre

⁸ Localizamos no *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial* (RJ), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, registros da Briguiet em dois momentos, ambos na seção de livrarias. O primeiro registro é do ano de 1908 como F. Briguiet, na travessa do Ouvidor, 14; e o segundo do ano de 1910, já como livraria Briguiet, na rua Sachet, 20. A travessa do Ouvidor alterou o nome em 1902 para rua Sachet, todavia o nome antigo acabou prevalecendo com o tempo. Sendo assim, a livraria se manteve no mesmo lugar.

presente era o seu modesto admirador Paulo Faria, lá empoleirado nas galerias do Senado.

Entrevistadora: O que o senhor acha... qual a repercussão que o senhor acha teria o Rui Barbosa numa época como a de hoje?

Dr. Paulo: Rui Barbosa, numa época como a atual, estaria sempre dando conselhos ao governo para encaminhar a sua gente para uma democracia cada vez mais apurada. [risos]

Entrevistadora: Dr. Paulo, vendo a sua biblioteca, bastante grande e importante também, gostaria que o senhor dissesse para nós qual a obra que o senhor considera a mais valiosa?

Dr. Paulo: A mais valiosa obra da minha biblioteca chama-se *Memórias de um sargento de milícias*, na primeira edição. Ela não saiu com o nome do autor e vem à edição que eu possuo um exemplar com *Um brasileiro*. Esta é raríssima. É de 1854 e existem pelo menos, na notícia que me chega, só há quatro exemplares dela.

Entrevistadora: E uma delas o senhor me falou que está na Biblioteca Nacional. As outras duas o senhor tem ideia?

Dr. Paulo: ... está na Biblioteca de Lisboa e outra eu não sei onde para, mas uma está comigo.

Entrevistadora: É, então perfaz quatro.

[Fim da gravação]

**Bianor de Lamare
(depoimento, 1977)**

DE LAMARE, Bianor. *Bianor de Lamare. (depoimento, 1977)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Bianor de Lamare

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 17 de maio de 1977

Duração¹: 21min 25s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Benz: venda, estrutura, acessórios, reformas, funcionamento, uso, Clube Botafogo, Petrópolis, carteira de habilitação, emplacamento de automóveis.

Biografia³:

Filho de Joaquim Raymundo de Lamare e Lívia de Almeida e Silva. Seu pai foi um antigo industrial e primeiro proprietário do automóvel Benz.

Bianor de Almeida Lamare foi casado com Margarida Fabrino de Lamare.

Trabalhou em diferentes empresas como: Empresa Brasileira de Águas S.A., Companhia de Estudos e Execução de Obras CECOB, Companhia Construtora Pederneiras, entre outras.

Faleceu em 5 de setembro de 1994.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Não estão documentados quais foram os entrevistadores, todavia segundo a museóloga Jurema Seckler, a servidora envolvida nessa entrevista foi Jurena Porto Neumann.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

Entrevista 17/05/1977

Entrevistadora: Estamos na Casa de Rui Barbosa em companhia do dr. Bianor de Lamare, filho do dr. Joaquim de Lamare, primeiro proprietário do Benz 833,⁴ que posteriormente pertenceu a Rui Barbosa. Vamos ouvir sua entrevista. Dr. Bianor, eu gostaria que o senhor explicasse como o seu pai conseguiu este carro e, posteriormente, quando ele vendeu, a quem vendeu e como veio parar justamente com os outros carros que hoje fazem parte da nossa garagem aqui na Casa Rui Barbosa.

Bianor: Meu pai sempre foi um grande admirador de automóveis, principalmente os alemães. Então nesta ocasião ele tinha três automóveis e morava na rua Marquês de Olinda, onde hoje é o Clube Sírio e Libanês. Mais tarde, por questões financeiras, ele mudou-se para uma pequena casa na Gávea aonde ele foi obrigado a construir uma garagem onde coubessem os três carros. Depois ele também, por medidas financeiras, foi obrigado a começar a vender os carros. Vendeu o primeiro, o Benz que foi de Rui Barbosa. Depois vendeu uma baratinha Benz que servia para ele ir para a fábrica. E posteriormente antes de nós nos mudarmos para Petrópolis ele vendeu o terceiro carro.

Entrevistadora: Dr. Bianor, o senhor tem ideia de quem o seu pai adquiriu o Benz?

Bianor: O Benz foi adquirido da firma Steinberg.

Entrevistadora: E a quem o seu pai vendeu esse Benz?

⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>.

Bianor: Ao sr. Joaquim Pereira Teixeira,⁵ que se supunha que tivesse comprado para depois ofertá-lo a Rui Barbosa.

Entrevistadora: Isso já está esclarecido hoje em dia que realmente ele deu de presente ao conselheiro. Eu gostaria então agora que o senhor me contasse algumas particularidades do carro já que o senhor passou diversas vezes nele, acerca dos painéis, dos botõezinhos de marfim do interior do carro para comunicação com o *chauffeur*. Detalhadamente, por favor.

Bianor: O que mais me chamava atenção quando eu era criança e andava naquele automóvel era o painel que servia para dar instruções ao *chauffeur*. Era um painel colocado na parte posterior do carro, com diversos botões que davam indicações ao *chauffeur*, qual seria... o que ele teria que fazer. Ou ir para casa, ou parar, ou andar, ou virar à direita, ou virar à esquerda e sempre me chamou a atenção porque ele foi o único automóvel que eu conheci na minha vida com essa aparelhagem.

Entrevistadora: Esse sistema a que o senhor se refere é exatamente esse das campainhas aqui das salas da Casa de Rui Barbosa. A gente aperta uma determinada campainha e cai um painel na portaria com um número dizendo qual a sala que chamou. No caso então do carro quando ele falava alguma coisa, caía uma tampinha na frente do *chauffeur*, e dizendo exatamente o que ele deveria fazer. Isso... o painel era colorido ou eram todos...

Bianor: Pelo que eu me lembro era de uma cor só.

Entrevistadora: O senhor se lembra se por acaso o carro recebeu alguma reforma enquanto esteve com o seu pai ou o senhor tem ideia que posteriormente é que ele foi reformado? Agora o senhor vendo o carro outra vez, o senhor notou alguma diferença?

Bianor: Não, no tempo do meu pai não foi feita nenhuma reforma no carro. E, pelo que posso me lembrar, o estofamento do carro é original. Os pneus é que são totalmente diferentes, são mais grossos e são muito mais modernos do que eram os do carro.

Entrevistadora: O senhor tem ideia a quantia que foi cobrada ao seu pai ter vendido o carro para o sr. Joaquim Teixeira?

Bianor: Meu pai nunca foi de dizer o preço das coisas. Ele fazia as despesas dele, gastava com a família, gastava com as casas e nunca ninguém

⁵ Para maiores informações, vide verbete “Joaquim Teixeira”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TEIXEIRA,%20Joaquim.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

sabia o que ele gastava. Nem o que ele tinha. Aliás, eu acho esse sistema muito bom e adoto até hoje. [risos]

Entrevistadora: Sr. Bianor, o seu pai dirigia, ele próprio, o carro ou dispunha de um *chauffeur*? Já que sua família era abastada.

Bianor: Ele dirigia muito o carro e dispunha de um *chauffeur* também. Muito bom, que se chamava Augusto. E, quando eles iam para a fábrica na baratinha; um dia, dirigia um, outro dia, dirigia outro. E eles sempre faziam uma disputa para ver quem chegava mais depressa.

Entrevistadora: E onde era essa fábrica de seu pai? Ele era engenheiro, não?

Bianor: A fábrica⁶ era na rua Barão de Mesquita. Eles iam da Gávea até a Tijuca e... agora nunca me lembro de ter visto meu pai dirigir o carro que atualmente... que foi de Rui Barbosa. Me lembro muito de ele dirigir a baratinha. Acho que a limusine – como se chamava naquela época – só ficava bem dirigida por um *chauffeur*.

Entrevistadora: Dois esclarecimentos que eu gostaria que o senhor me dissesse, era se o senhor recorda se as rodas, os pneus, eram de inflar como é até hoje, um sistema de câmara de ar, ou se já eram maciços? E outra coisa, se o senhor se lembra de como era posto este tipo de automóvel para funcionar?

Bianor: Eu tenho a impressão de que os pneus já eram de inflar com câmara de ar como são os de hoje, que deviam ser os mais modernos da época. Agora, quanto ao sistema de arranque do motor, era um sistema bem, bem primitivo. Era no braço. Era preciso que o motorista, além de bom motorista fosse um homem bem forte, capaz de fazer um motor pegar.

Entrevistadora: E, nesse caso, como é que se faria. O seu pai ficaria na direção e o motorista ia dar a volta na alavanca para pegar ou o próprio motorista dava a volta e logo ia tomar o volante para que já saísse com o carro?

Bianor: Naquele tempo os carros tinham não só o acelerador manual como eles tinham uma regulagem para avanço da chispa do motor de uma maneira tal que eles podiam deixar preparados na própria direção e depois ir lá fora virar a manivela e nesse caso o carro pegava. E, quando não pegava, ele tinha que voltar e fazer uma nova regulagem a fim que ele pegasse se estivesse muito frio.

⁶ PIMENTA, Ricardo M. Memória em ruínas: desindustrialização fluminense no limiar do século XX. In: SANGLARD, Gisele et al (orgs.). *História urbana: memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. pp. 303-321.

Entrevistadora: O senhor lembra, por acaso, qual o sistema de iluminação dos faróis? Se era carbureto, como é que era feito.

Bianor: Eu sei que naquela época se usava carbureto, mas no momento assim não me lembro qual era o sistema do carro, nem onde era colocado o depósito de carbureto.

Entrevistadora: Outra coisa também que eu gostaria que o senhor me contasse é se o senhor recorda de algum passeio que o senhor tenha feito nesse carro, com a família? Se era usado só para altas galas, para dias de festas ou se era feito também para viagens interestaduais, já que o senhor também tinha casa em Petrópolis, não é?

Bianor: Não, o carro praticamente só saía para grandes solenidades. Como havia um outro carro aberto, era o que era o mais usado e esse automóvel sempre foi um pouco mais temperamental. Às vezes, ele resolvia que não queria andar e não havia nada que fizesse ele andar. [risos]

Entrevistadora: Tá muito interessante isso realmente. [risos] E acerca da licença, desde que o senhor comprou, o senhor se lembra se desde o início a placa era 33?

Bianor: Não, essa parte eu não me lembro. Sinceramente, eu não me lembro do número dos carros e eu vim praticamente a saber que ele era 833 depois que vi a fotografia dele publicada no jornal.

Entrevistadora: Eu agora vou querer que o senhor fale um pouco do senhor, da sua vida particular e um pouco de seu pai também que eu estou encantada com as coisas que eu estou sabendo a respeito dele. Ele foi já uma criatura avançada para a época, não só dedicado aos carros, mas também ao esporte. Vamos falar um pouquinho sobre isto.

Bianor: Meu pai de fato foi um homem muito adiantado. Ele gostava sempre do bom, do melhor e do mais avançado. Começou tendo uma pequena fábrica de tecidos em Botafogo, por isso se chamava Fábrica de Tecidos Botafogo,⁷ na esquina da rua Conde de Irajá. Ali tinha um pequeno campo onde diversos jogadores de futebol do Botafogo treinaram, inclusive o irmão dele, que foi campeão em 1910, quando meu pai era presidente do Botafogo. Depois ele partiu para uma coisa muito maior, acima das possibilidades dele, que foi a Fábrica de Tecidos Botafogo, na rua Barão de Mesquita. Lá ele instalou uma indústria ultramoderna onde

⁷ MOURA, Ruy. Fábrica de Tecidos Botafogo. *Mundo Botafogo*, 2012. Disponível em: <<http://mundobotafogo.blogspot.com/2012/04/fabrica-de-tecidos-botafogo.html>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

naquela época já existia escola, auxílio à maternidade e férias. Coisas que só vieram a ser instaladas na indústria brasileira muitos anos depois.

Entrevistadora: Em que época foi isso, o senhor lembra?

Bianor: Isso foi mais ou menos pela essa mesma época, entre 1912... 1910, 12 a 14, 15. Ele deve ter perdido a fábrica em 1914 ou 1915, no começo da guerra.

Entrevistadora: E essa de Petrópolis foi contemporânea a essa da Barão de Mesquita ou não?

Bianor: Não, foi muito depois. Ele depois que perdeu aquela fábrica, ele se associou a um outro grupo de amigos. Fez uma fábrica de tecidos em Petrópolis, no Morin, que se chamava Don'Ana. E aí, durante muitos anos, nós moramos em Petrópolis, porque ele tinha essa fábrica lá.

Entrevistadora: Era uma fábrica especializada em tecidos de lã...

Bianor: É, tecidos de lã, mas uma fábrica muito menor do que a outra que ele não tinha podido conservar. Essa fábrica de tecidos depois foi parar na mão do grupo do Corcovado e hoje foi loteado e estão fazendo um grande center, *shopping center* lá na Tijuca. Em Petrópolis, ele voltou à velha tradição de reter automóveis, foi comprando até chegar a ter três. Pra isso também ele teve que aumentar a garagem da casa onde ele morava na rua Sete de Setembro. Nesta ocasião, ele tinha um Buick,⁸ um Studebaker⁹ e um Packard.¹⁰ E mais tarde começou a mesma história, começou a vender um, outro e outro, até ficar sem nenhum.

Entrevistadora: E o senhor vai explicar agora a questão das placas do carro que já que ele tinha mais de um. Como é que era a história?

⁸ Buick é uma divisão da fabricante de automóveis norte-americana General Motors (GM), sendo considerada uma marca de luxo. Em 2019, foi lançado o Buick Excelle. Consultado em: <https://www.buickheritagealliance.org/buick_history/motor_division>. Acesso em: 18 maio 2020.

⁹ A história da Studebaker Corporation começou quando os irmãos Studebaker: Henry (1826-1895) e Clement (1831-1901) fundaram, em 1852, uma loja de manufatura e serviços para ferraria e fundição, a H & C Studebaker. Em 1895, começaram as pesquisas para desenvolver uma carruagem sem cavalos. Todavia, somente em 1902 a empresa lançou o Studebaker Runabout, um automóvel tração dianteira com o Standard Westinghouse Vehicle Motor (motor padrão para veículos, marca Westinghouse). Na década de 1950, devido a uma grave crise financeira, a Studebaker fundiu-se com a Packard, formando assim a Studebaker-Packard Corporation. A empresa construiu caminhões no período de 1929 a 1963; e a linha automotiva até 1966. Consultado em: <<https://gasolinaveia.com.br/the-studebaker-story/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

¹⁰ Fundada em 1899, nos Estados Unidos, a Packard Motor Car Company foi uma fabricante de automóveis. Sua falência ocorreu em 1958, apesar de ter se fundido com a Studebaker. Consultado em: <<http://www.encyclopediaf1.com.br/historia/packard-2>>. Acesso em: 18 maio 2020.

Bianor: Em Petrópolis, uma ocasião nós tínhamos três carros e só tínhamos dois números. Tínhamos dois carros com o mesmo número. Era o 168 e 169. Numa ocasião, foi preciso recolher um dos carros rapidamente porque eram dois carros muito diferentes para terem a mesma placa. [risos]

Entrevistadora: Mas isso era um costume da época, não era... era... como eu vou dizer agora?

Bianor: Não era uma fraude.

Entrevistadora: Não era uma fraude.

Bianor: Era um costume da época e acontecia isso em diversas ocasiões lá em Petrópolis. A própria carteira de *chauffeur* eram tiradas sem documentação nenhuma. Praticamente baseada no que a pessoa que ia tirar a carteira dizia. Se dizia que tinha 20 anos, eles declaravam 20 anos. De maneira que era tudo assim naquela época e o número dos carros em Petrópolis era muito pequeno porque naquela época não havia estrada Rio-Petrópolis. Os carros subiam de trem para se instalarem em Petrópolis.

Entrevistadora: Dr. Bianor, voltando ao carro agora. O seu pai, ele ficou sabendo que naturalmente o seu carro foi doado ao Rui Barbosa. O senhor tem ideia se ele alguma vez veio visitar o carro aqui na casa de Rui Barbosa? Se ele sentiu alguma emoção? E o senhor próprio, qual foi a primeira vez que o senhor voltou a ver o carro depois de ele já estar conosco?

Bianor: Eu acredito que o meu pai não tivesse vindo ver o carro. Ele no fundo era muito emotivo. Principalmente as coisas que ele mais gostava, ele tinha um verdadeiro ciúme. Ele só admitia se desfazer de uma coisa quando dava de presente para alguém de quem ele muito gostasse. Ele foi um homem que sempre deu muitos presentes a muita gente, a muitas associações de caridade, a pessoas, a amigos. Todo lugar que eu vou hoje encontro amigos antigos dele. Encontro alguma coisa que ele deu. Livros, principalmente, porque ele tinha uma grande biblioteca e tinha admiração profunda por tudo que era brasileiro. Eu acredito que ele não tivesse coragem de vir ver o carro. Ele não tinha essa tendência a voltar atrás. Ele caminhava sempre para frente, sempre vendo alguma coisa. No fim da vida dele, ele só se preocupava com os filhos e o progresso dos filhos e a família. Ele foi ficando mais velho, mais cansado, ele morreu já muito idoso, mas sempre perfeitamente lúcido e lendo muito sobre o Brasil. Quanto a mim, a primeira vez que

eu vi o carro depois de adulto, foi numa exposição que se eu não me engano foi realizada na Caixa Econômica, no cinquentenário da morte do Rui Barbosa, em 1973. Eu soube dessa exposição, então fui lá com meu irmão para darmos uma volta. Nesse tempo meu irmão mais velho ainda estava vivo e nós fomos dar uma volta para ver o carro que tinha sido da nossa infância.

Entrevistadora: O senhor atualmente é uma fonte viva das mais importantes que pode falar sobre esse carro, porque segundo essas fotografias que o senhor trouxe muito interessantes que eu estou vendo aqui, o senhor tem uma historinha também a contar...

Bianor: A única história que eu tenho para contar talvez não é muito agradável. É que talvez eu seja o único sobrevivente que tenha andado nesse carro enquanto ele pertenceu à família do meu pai. Meu pai está morto, minha mãe, meus irmãos...

Entrevistadora: O senhor tem ideia, dr. De Lamare, se por acaso naquela ocasião já se convencionava colocar carros em seguro?

Bianor: Eu acho que não, mesmo porque meu pai não botaria porque ele não foi nunca de botar coisa nenhuma no seguro. A vida dele sempre foi insegura. [risos]

Entrevistadora: O que o senhor teria mais para declarar, dr. De Lamare, acerca do carro? Alguma coisa que o senhor lembre no momento aqui que possa acrescentar na nossa entrevista. O senhor acha que ele está em bom estado, enfim, o que o senhor tem a declarar?

Bianor: Parece que é um dos carros daquela época em melhores condições. Consta até que a própria fábrica Benz se interessou em recuperar este carro, fazendo valiosa oferta que foi recusada pelo governo, pelos atuais proprietários.

Entrevistadora: Tá bom, então eu agradeço demais a sua participação e não vou dar essa entrevista por encerrada não. Espero ter o senhor aqui numa outra oportunidade e qualquer coisa que o senhor lembrar ainda acerca disso será de grande valia para nós.

Bianor: Muito obrigado pela atenção e por achar que o que eu possa dizer tenha algum valor.

Entrevistadora: Após a entrevista com o dr. Bianor de Lamare, eu vou ler um artigo do suplemento da revista *Automóvel Clube* de dezembro de 72, nº 13: “Carro Benz de luxo de Rui Barbosa faz 70 anos. Presente de um admirador, está na Casa São Clemente e é cobiçado pela fábrica alemã que o compraria a qualquer tempo, mas o carro não tem preço. O

automóvel marca Benz com 8 cilindros em linha, montado em 2 seções de 4 cilindros cada, com 55 HP, motor nº 4698, fabricado em 1903¹¹ foi um dos primeiros a circular no Rio de Janeiro. Automóvel de alto luxo, como o que serviu ao barão do Rio Branco foi por muitos anos usado pelo conselheiro Rui Barbosa. Mas assim como o Protos de Rio Branco inicialmente não se destinava a ele, e sim para ser usado pelo rei d. Carlos, de Portugal, que visitaria o Brasil, mas foi assassinado em Lisboa antes que a visita se realizasse. O Benz foi a princípio de propriedade do sr. Joaquim de Lamare que o adquiriu da fábrica Steriberg & Mayer, sucessores de Carlos Schloser, únicos representantes da fábrica Benz no Brasil. O sr. Joaquim de Lamare não se sabe por que motivo logo se desfez do carro, vendendo-o ao sr. Joaquim Pereira Teixeira, grande admirador de Rui Barbosa e a compra deve ter sido feita com a finalidade do sr. Joaquim Teixeira oferecer o veículo de presente ao casal Rui Barbosa. Não apenas o conselheiro usava o Benz, mas também d. Maria Augusta. O carro era frequentemente visto percorrendo as ruas do Rio sobretudo o bairro de Botafogo. O Benz de Rui Barbosa era um dos poucos automóveis de alto luxo do princípio do século. Carroceria de madeira pintada de preto, o carro internamente tinha forro e estofado de tecido adamacado de cor creme, sendo decorado com floreiras, cinzeiro e papeleiras, além de guarnições de prata e marfim. Ao contrário do carro do barão do Rio Branco tinha o teto fixo. No exterior, o vidro da frente era reversível, sendo as lanternas e faróis em metal prateado. Iluminação feita pelo sistema de carbureto. A parte destinada aos passageiros é inteiramente separada do local do motorista. Este recebia

¹¹ Até 1974, a documentação museológica se referia ao Benz como automóvel de 1903, apesar de, em 1968, a Mercedes-Benz na Alemanha – sucessora da Benz & Cia – ter estimado nova datação em torno de 1910, a partir do exame por fotografias enviadas pela Divisão Técnica da Casa de Rui Barbosa. Após 1974, os documentos administrativos passam a tratar o Benz de Rui Barbosa como um modelo de 1913, mas nenhum documento que justifique a alteração foi encontrado até o momento. Há um documento sem data, em que se lê 1913(?), com ponto de interrogação. Ainda é possível que a customização da carroceria tenha sido bem posterior ao ano de fabricação dos chassis e do motor original de Mannheim nº4698, motor que a Mercedes-Benz do Brasil, ao revisar em 1956, substituiu parcialmente por um motor nº13009. Joaquim de Lamare afirmou, por carta de 1954 solicitada pela Casa de Rui Barbosa, ter sido o primeiro proprietário do Benz. Como não foram encontradas fontes primárias que embasassem nenhuma das versões de trajetória do automóvel, não é possível afirmar que uma versão invalide as demais. A consulta ao arquivo histórico da Receita Federal pode oferecer dados relevantes de sua encomenda e trajetória, mas o acesso aos documentos de 1900 a 1920 ainda não foi possível. Nota elaborada pela conservadora do Museu Casa de Rui Barbosa, Marcia Pinheiro, que desde 2015 desenvolve pesquisa sobre o automóvel Benz.

ordens através de um painel com botões e de um telefone de marfim. Assim é que ele sabia qual o itinerário de Rui Barbosa em cada saída, fosse a serviço ou a passeio. O carro continua bem conservado inclusive as duas banquetas situadas à frente do banco traseiro e os pinos de segurança das portas. Costuma-se divulgar que o Benz que durante vários anos serviu a Rui Barbosa havia pertencido ao kaiser Guilherme II da Alemanha, tendo sido depois da primeira Grande Guerra comprado pelo marechal Hermes da Fonseca, que não podendo retirá-lo da alfândega, o vendeu ao sr. Joaquim Pereira Teixeira. Isso, no entanto, não passa de pura lenda. Depois da morte de Rui Barbosa, por sugestão de Batista Pereira, seu genro, o Benz foi remetido para o Museu Histórico Nacional. Só em 1936 foi enviado à Casa de Rui Barbosa. Em 1956, o carro figurou na exposição da Mercedes Benz no Brasil, em São José dos Campos, em São Paulo. Nessa ocasião, a Mercedes fez realizar uma apólice de seguro que cobria não só o transporte do automóvel como também o período de permanência na exposição. A apólice de nº H30.135, da The Home Insurance Company New York, tinha o valor de um milhão de cruzeiros na época. A Mercedes por sua própria conta restaurou a pintura, colocou novos pneus especialmente fabricados e revisou o motor. Em 1967, quando da exposição em homenagem a Rui Barbosa, inaugurada a 5 de novembro, o automóvel permaneceu exposto à visitação pública na Cinelândia durante cerca de um mês. A devoção por tudo quanto pertenceu a Rui Barbosa é enorme da parte dos que trabalham na Fundação que hoje tem o seu nome e que funciona na casa onde por muitos anos residiu o eminente jurista e político brasileiro. De modo que os objetos, todos eles que foram de propriedade de Rui ou de d. Maria Augusta são considerados verdadeiras relíquias. Isso não impediu, porém que uma firma alemã tentasse comprar o automóvel Benz em 1968. A Daimler Benz de Stuttgart dirigiu-se à Casa de Rui Barbosa oferecendo-se para se em qualquer altura houver a intenção de vender o referido veículo de nossa parte estaríamos interessados na aquisição a fim de completar a nossa coleção. É evidente que a coleção da firma alemã continuará incompleta”.

[Fim da gravação]

**Odete Barcellos
(depoimento, 1977)**

BARCELLOS, Odete. *Odete Barcellos. (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Odete Barcellos

Local da entrevista: Residência da entrevistada localizada à rua Maria Eugenia, 79, no Humaitá/RJ (Castelinho do Corcovado)

Data da entrevista: 27 de julho de 1977

Duração¹: 30min 55s

Nome do projeto²: Memória de Botafogo

Entrevistador: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: Botafogo

Biografia³:

(n. 1895-f. Rio de Janeiro, 1979)

Artista plástica, residente no Castelinho do Corcovado, amiga de Getúlio Vargas.

Foi casada com Ermano Barcellos e tinha três filhos: Izeu, Ito e Ione.

Fundadora e presidente da Sociedade dos Artistas Nacionais.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Memória de Botafogo foi um dos desdobramentos do projeto Botafogo que visava integrar a vida comunitária no bairro, utilizando a capacidade instalada e a tradição da casa como centro de pesquisa, de documentação e de produção cultural.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970 e complementada com o necrológio publicado no *Jornal do Brasil*, em 6 de setembro de 1979.

Entrevistadora: Estamos em companhia de d. Odete Barcellos, residente à rua Maria Eugenia, 79, no Humaitá. A residência também conhecida como Castelinho do Corcovado. d. Odete reside desde 1921 neste castelinho e vamos ouvir o depoimento em continuidade ao nosso projeto da Casa de Rui Barbosa, Memória de Rui. d. Odete, gostaria que a senhora externasse o que a senhora lembra de Botafogo desde a época que a senhora veio para cá e a história que a senhora me contou de como era o lugar, quem construiu o castelinho, enfim tudo que a senhora lembrar a respeito.

Odete: Já tá ligado aí?

Entrevistadora: Já.

Odete: Foi construído dez anos antes de 1921, porque o homem não morou aqui nem a senhora dele. Só vinham aqui passear, depois não gostaram...

Entrevistadora: Quem era, por favor, a pessoa que construiu o castelinho e em homenagem a essa pessoa que foi construído o castelo é em estilo francês. Se eu não me engano.

Odete: Típico chalé francês, mas chamavam castelinho e ficou castelinho até hoje.

Entrevistadora: Talvez por causa da localização.

Odete: Da localidade, é. É um panorama raro. Eu creio que aqui é o melhor e o mais bonito, porque você divisa tudo daqui. Olha aí, espia bem lá...

Entrevistadora: É, a vista toda da enseada de Botafogo e se vê até Niterói daqui. É, a praia de Icaraí exatamente do outro lado.

Odete: É, até Itaipu. Vai longe, né? E, deste lado aqui à direita você vê a Pedra da Gávea muito bem. Parece perto, a Pedra da Gávea, parece perto...

Entrevistadora: Agora, o acesso era bastante difícil, talvez por isso a pessoa não veio morar aqui?

Odete: Não veio porque quando ela subia também tinha que dar um jeito de vir ou de carro de boi ou... eu sei que eu subi num burrinho a primeira vez. Depois eu passei a subir a cavalo, que aí já tinha cavalo. Mas a primeira vez, minha filha, eu até estava assustada, sabe? Mas cheguei direitinho e gostei. Depois, o meu marido mandou alargar, fazer estrada, não é? Preparada para carro e nós vínhamos de carro. A cavalo que eu gostava muito e passear a cavalo. Descia, subia, embaixo tudo era plano, bom para passear e de modo que só tenho saudade sabe de que? Do perfume, como eu já te falei de dama da noite. Era a flor que mais tinha aqui. Você... antes de você nascer, quando se entrava pela rua São Clemente ou a Voluntários da Pátria, você só sentia perfume de flores...

Entrevistadora: Esse bairro sempre foi privilegiado.

Odete: Privilegiado, bairro de muita gente boa. Quanta gente boa morou aqui, não é? Até a Gabriela era minha vizinha. A Gabriela Besanzoni⁴ morava aqui onde hoje é a escolinha da Lages. Não, é...

Entrevistadora: Parque Lage.⁵

Odete: É, Parque Lage. O terreno dela confinava com o meu, aqui. Ela até dizia: quando você quiser vir aqui em casa, você grita daí que eu te [inaudível], né. Eu gostava muito da Gabriela, minha amiga. E muita gente boa morava aqui na praia de Botafogo, por aqui, embaixadas na São Clemente, e o perfume era outro. Era só flores. Principalmente dama da noite que eu adorava e adoro até hoje. Eu tenho pé de dama da noite aí. Adorava principalmente a noite de verão. Mas agora você não sente mais esse perfume de flores não.

Entrevistadora: Agora a gente está atrapalhada com a obra do metrô...

Odete: Não, você agora sente é fedor de gasolina de não sei de que...

Entrevistadora: Poluição.

Odete: Poluição. É uma coisa triste. Eu tenho saudades de Botafogo antigo, mas o que é que eu vou fazer. É o progresso. Mas, aqui de cima, domino tudo. Porque eu já nasci dominando os amplos horizontes. Eu nasci em Santa Teresa.

Entrevistadora: É um bairro maravilhoso. Eu nasci lá também.

⁴ Gabriella Besanzoni foi uma cantora lírica italiana, casada com o empresário brasileiro Henrique Lage, que viveu parte de sua vida no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cantabile-subito.de/Mezzo-Sopranos/Besanzoni__Gabriella/hauptteil_besanzoni__gabriella.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁵ Para maiores informações consultar em: *História. Escola de Artes Visuais do Parque Lage*, s.d. Disponível em: <<http://eavparquelage.rj.gov.br/servicos/parque-lage/historia/>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Odete: Já dominando os amplos horizontes. Já nasci com o narizinho virado para o Pão de Açúcar. Daí que essa paisagem para mim é sagrada. Agora, vamos vivendo.

Entrevistadora: D. Odete, a senhora habitando uma residência com essa localização e nesse estilo super agradável naturalmente a senhora tinha uma vida social bastante intensa. Eu gostaria que a senhora me contasse a respeito disso também.

Odete: As festas são sempre as mesmas. Naquele tempo se usava tomar chá às quintas-feiras nas casas das amigas ricas e das pobres também. Mas é a mesma coisa em toda a parte. Era... havia chá. As recepções sempre as mesmas, a mesma coisa – não é? -, sempre. Uma queria mostrar um bolinho mais bem-feito, outra queria mostrar um não sei o que melhor. Eu gostaria de mostrar meus quadrinhos. Fazer minhas exposiçõezinhas, fazer uns quadrinhos...

Entrevistadora: Quadrinhos! A senhora foi uma excelente pintora. Eu tô vendo com medalha e tudo!

Odete: Depois comecei a fazer quadros. Tenho aí uma porção, uns quadros grandes. Já ganhei vários prêmios.

Entrevistadora: Eu já vi a medalha, inclusive de ouro. As suas exposições, fale sobre elas.

Odete: As minhas exposições, eu sempre tive uma equipe muito boa para trabalhar comigo. De maneira que fundei uma sociedade, Sociedade dos Artistas Nacionais. Fez trinta anos no dia dois de julho agora.

Entrevistadora: E onde era essa sociedade aqui no Rio de Janeiro?

Odete: Era na rua México. Primeiro era no portão do Belas Artes, no Museu de Belas Artes. Depois cresceu e eu tive que arrumar outro jeito. Passamos para a rua México. Depois da rua México, eu passei para a rua Maria Eugênia. Mandeí fazer o atelier, porque aqui em cima não podia, muitas amigas não têm carro, e lá embaixo na rua Maria Eugênia era perto da calçada e aí saíram... se eu fizesse agora o salão desse ano, seria 30, número trinta, mas não vou fazer não.

Entrevistadora: Por quê?

Odete: Porque perdi minha filha. E eu perdendo a minha filha não tenho mais gosto de nada. Perdi uma filha rica, boa, bonita, trabalhadora, estudiosa e depois da morte da minha filha, não quis saber de mais nada não. Nem de pintar. Não tenho pintado nada.

Entrevistadora: Mas isso é uma fase, eu acredito que a senhora vai superar isso.

Odete: Pode ser. Pode ser, minha filha. Pode ser. Bom isso aí a família de Getúlio toda em festas aqui em casa. Tem aí a Nair de Teffé,⁶ tem...

Entrevistadora: Qual é a Nair de Teffé aqui?

Odete: Nair de Teffé? Deixa eu botar os óculos.

Entrevistadora: Ah é, a campanha de Getúlio⁷ foi toda feita aqui na sua casa, né? Vamos reconhecer os personagens aqui do retrato.

Odete: A Nair de Teffé está aqui...

Entrevistadora: Ah, sei...

Odete: Aqui é Laura Slopia, aqui é Darcy Vargas,⁸ aqui é Getúlio Vargas...

Entrevistadora: É, moço, bastante moço!

Odete: Aqui é Alzirinha.

Entrevistadora: Uma garota a Alzirinha.

Odete: Jandira.

Entrevistadora: Meninas ainda.

Odete: Aqui a Vitória, casada com o... não lembro mais o nome dele.

Entrevistadora: Bocayúva.

Odete: Bocayúva! Isso mesmo, eu nem me lembrava. Godofredo Cunha esse que está aqui. ministro Godofredo Cunha.⁹ Esses aqui são os dois: Manezinho e Getulinho, os dois filhos de Getúlio. E o resto tudo é gente importante, sabe?

Entrevistadora: Sei...

Odete: Mas o mais importante é esse casal: Darcy Vargas e Getúlio Vargas, aqui em casa, na minha piscina.

Entrevistadora: Que maravilha, hein?

Odete: É. Ele era magrinho, né?

Entrevistadora: É, elegante, de colete...

Odete: Era muito bonito.

Entrevistadora: Ele era muito bonito, sim.

Odete: A Darcy já era gordinha.

⁶ Para maiores informações, vide “Nair de Teffé”, disponível em: <<https://www.escriitoridearte.com/artista/nair-de-teffe>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁷ Para maiores informações, vide verbete “Getúlio Vargas”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁸ Casada com Getúlio Vargas, tiveram cinco filhos: Lutero, Getulinho (morreu cedo), Alzira, Jandira e Manuel (o Maneco). Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁹ Para maiores informações, vide verbete “Godofredo Xavier da Cunha”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cunha-godofredo-xavier-da>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Entrevistadora: É, já estava um pouco, mas também muito elegante. Aqui a garotada?

Odete: É, meus filhos. Aqui está Manezinho, Getulinho, o meu filho Ito, o meu filho Ione, o meu filho Ivan. Esse que morreu há pouco tempo também.

Entrevistadora: O Izeu não está?

Odete: O Izeu não tava nascido.

Entrevistadora: Ah, não era nascido nessa ocasião...

Odete: A filhinha que morreu está aqui.

Entrevistadora: Ah, que gracinha a lourinha!

Odete: Essa boneca! E aqui a Alzira e Jandira. Os filhos do Getúlio estavam sempre comigo. Acho que eles agora se esqueceram, sabe? Que nunca mais me apareceram. Acho que se esqueceram de mim, mas brincaram muito aqui em casa. Ficava com eles e eles brincavam muito aqui na piscina. Brincavam muito... a Alzirinha se lembra que há pouco tempo ela falou com esse meu filho que ela se lembrava daqui...

Entrevistadora: A vida da gente toma outros rumos, não é, e a gente acaba não podendo fazer às vezes o que a gente pretende, o que a gente quer. Não é?

Odete: Eu pintei muito. Tive muitas alunas. Estão todas formadas, pintam melhor do que eu até.

Entrevistadora: A senhora não poderia citar algumas de suas alunas que estão expondo por aí, talvez a gente conheça?

Odete: Tem a Elodia. Como é o sobrenome da Elodia? Elodia Macedo, não é?

Entrevistadora: Macedo

Odete: Macedo. Já ganhou até prêmio e outras por aí. Não me lembro mais. São muitas.

Entrevistadora: Essa medalha de ouro aqui é de 1948.

Odete: É.

Entrevistadora: Láurea da Academia Brasileira de Belas Artes.

Odete: Essa é a que eu gosto mais. Foi a última que eu ganhei. Eu não tenho mais idade de ganhar medalha.

Entrevistadora: Ah, que é isso! Tem que continuar ganhando medalha, com essa atividade toda, gravando e sendo procurada.

Odete: Eu tenho de ouro. Tenho de bronze. Tenho uma de bronze da Casa da Moeda. Tenho muitas medalhas, mas... não adianta não. Agora não dá mais para ganhar medalha. Essa foi a última que eu ganhei. Mas

minhas alunas todas estão pintando melhor do que eu. Sabe, que cérebro de criança é mais forte de que o meu cérebro. Sabe, eles criam...

Entrevistadora: Não, mas as bases foram dadas pela senhora e isso é de uma importância vital.

Odete: Eu nunca me incomodei nem com o moderno, nem com o antigo, nem com o clássico, nem com isso, nem com aquilo. Eu tive amigos que brigaram comigo porque eu deixava pintar moderno.

Entrevistadora: Não tem nada a ver!

Odete: Que que eu vou brigar porque um quer pintar assim. Cada um pinta como quiser. Agora, eu tenho um amigo que brigou comigo porque deixava lá no meu ateliê fazer coisas modernas. Fazer moderno. Digo, eu não vou brigar por isso não. Cada um pinta... faça como eu. Eu pinto como quero, pra quem quer e quando quero...

Entrevistadora: Exatamente. Esse é o artista.

Odete: Aí quem quiser pintar, como quiser, quando quiser e para quem quiser, pode fazer isso também.

Entrevistadora: O que a senhora tem para dizer sobre o movimento de 1922.¹⁰

Odete: Oh, isso já não me lembro. A minha cabeça não está boa não, minha filha!

Entrevistadora: Eu acho que está ótima! [risos]

Odete: Sabe quantos anos eu tenho para poder me lembrar de tudo. Tô com 82 anos.

Entrevistadora: Super bem vividos. Isso é maravilhoso!

Odete: Não tem muita coisa não. Já tive muitos amigos antigos que já morreram como Pederneiras e todos aqueles caricaturistas, tudo que era pintura, Hélios Seelinger,¹¹ e muitos outros que já se foram. Estou durando mais! Estou vivendo demais! É, minha filha, é sim. O Hélios Seelinger, meu amigo muito antigo. Fizemos a exposição juntos, a primeira da sociedade. Ele... o Oswaldo Teixeira¹² também, não é, e tudo isso já morreu. Triste! É sim, minha filha, lembrar aquilo tudo. Todos eram meus amigos. Há pouco tempo eu ganhei uma comenda e não fui buscar.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Semana de Arte Moderna”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SEMANA%20DE%20ARTE%20MODERNA.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “Hélios Seelinger”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21462/helios-seelinger>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

¹² Para maiores informações, vide verbete “Oswaldo Teixeira”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa706/oswaldo-teixeira>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Entrevistadora: Onde foi?

Odete: Foi agora no dia 14 do passado. Porque eu não podia, eu estava doente e de todos os pintores antigos só havia uma mulher lá que era eu. Eu tinha que buscar minha comenda. Diz que é muito bonita, mas acontece que eu estava na casa de saúde. Eu estava na Clínica Sorocaba.

Entrevistadora: É, eu soube, o dr. Izeu me falou.

Odete: É, eu estava lá. E vou receber qualquer dia quando eu estiver melhor de saúde, que eu puder...

Entrevistadora: Quando a senhora puder curtir a comenda!

Odete: Pois é, eu estou fazendo tempo, mas ficaram até aborrecidos comigo. Mas eu avisei. Depois a sobrinha do presidente da sociedade do SBBA,¹³ ela me viu lá no hospital, portanto ela viu que não era mentira minha. Ela estava lá e não pude receber. Qualquer dia eles vêm aqui e trazem. Eu já estou cheia de medalha.

Entrevistadora: E aqui, poxa, também eu acho que é super agradável a vinda, o acesso, a conversa com a senhora.

Odete: Mas aqui, tem uma estrada que tá escangalhada. Você subiu pela estrada escangalhada?

Entrevistadora: Não, eu dei uma voltinha naquela casa que já está construída embaixo da piscina branca e peguei a estrada da direita. Não vim pela esquerda que não dá para sair que tem um trator agora...

Odete: Tá vendo. Vocês viram... trator lá na estrada.

Entrevistadora: D. Odete, voltando então às festas que eram dadas aqui a senhora diz que as festas eram em estilo gaúcho, porque seu marido era gaúcho. Fale um pouco dele, dos conhecimentos dele.

Odete: Ele era muito trabalhador, venceu à própria custa, trabalhando sempre. Não era tubarão. Apesar de ser comerciante, ele não era tubarão. Ele ajudava muita gente, trabalhou muito. Não é? E como eu já falei da gasolina no álcool, foi ele um dos primeiros a botar gasolina no álcool. Misturar álcool... isso agora é novidade aí, mas ele já fazia isso tudo. E também trabalhava muito com minérios. Tinha umas cinco minas de minérios. Mármore cor de rosa que é uma beleza, mármore rosado e depois coitado trabalhou muito mais.

Entrevistadora: A senhora não frequentava as festas nas residências nas quais a senhora era chamada...

¹³ Sociedade Brasileira de Belas Artes

Odete: Algumas eu ia, né? Por exemplo, a do Mário de Almeida. Você sabe é, era o Mário de Almeida?

Entrevistadora: Não, eu não me recordo.

Odete: Era um milionário, ai! Mas as festas aqui eram mais de políticos, Flores da Cunha,¹⁴ fulano, políticos. Ele se dava muito com...

Entrevistadora: Lopes Trovão¹⁵ também...

Odete: Lopes Trovão era parente de meu pai. Mas isso aí eu era menina ainda. Foi ele que pagou a minha educação, porque meu pai morreu cedo. Quer dizer, me deixou eu cedo... de maneira que tudo passa. Agora, agora é isso mesmo minha filha que você está vendo aqui. É um paradoxo.

Entrevistadora: O paraíso foi transformado em paradoxo.

Odete: É, porque minha filha morreu. Morreu meu filho. Aquele que está ali. Morreu meu marido, que acha, como é que eu vou achar graça nisso aqui. Não, acho graça na paisagem. Serve para a minha meditação. Eu sempre tenho minhas meditações... morro, você olha para o morro, montanhas...

Entrevistadora: As árvores, o verde, a natureza...

Odete: O jardim antigo. Olha, mostra o retrato da minha filha.

Entrevistadora: A sua filha residia aqui nesta casa com a senhora?

Odete: Não, residia aqui perto. Tudo isso aqui é Barcellos. Cada um em uma casa. Era a galinhazinha aqui e os pintinhos em volta.

Entrevistadora: D. Odete, era notório que a sociedade pertencia a determinados clubes, o Clube Guanabara, o próprio Botafogo de Regatas e tudo. A senhora tem alguma coisa a declarar. A senhora pertencia a algum desses clubes?

Odete: Não, eu não pertencia. Eu só pertencia ao clube que eu fiz, Sociedade dos Artistas Nacionais. Aí, eu tinha quase todos os pintores que estavam comigo sempre.

Entrevistadora: Mas, o seu filho pertenceu...

Odete: O meu filho pertenceu ao Guanabara.

Entrevistadora: Foi inclusive campeão...

¹⁴ Para maiores informações, vide verbete “Flores da Cunha”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/flores_da_cunha>. Acesso em: 13 abr. 2020.

¹⁵ Para maiores informações, vide verbete “Lopes Trovão”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TROV%C3%83O,%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Odete: Foi campeão de remo, que é o Ione Barcellos. Todo mundo conhecia ele, conhece ele ainda. Graças a Deus também... hoje é engenheiro, trabalha muito...

Entrevistadora: O dr. Izeu, seu outro filho, é de que carreira?

Odete: É comércio. Ele largou a Marinha. Ele não quis ficar marinheiro não. Não quis ser oficial da Marinha, porque achou que os calouros eram muito maltratados lá. Tinham coisas horríveis que ele dizia: “Minha mãe, eu não posso contar para a senhora. O que eu me admiro é que tudo lá é filho de rico e só a senhora vendo o que é. E eu não quero ficar mais”. E não ficou, saiu.

Entrevistadora: Ele largou em que posição lá...

Odete: Guarda-marinha.

Entrevistadora: Então ele é da reserva? Tenente?

Odete: Ele era tão bonitinho fardado. Eu gostava, mas ele não quis. Quis trabalhar com o pai. E eu tenho um outro, chama-se Ito, esse também não quis estudar não. Chegou pro pai e disse: “Meu pai, eu não quero estudar mais”. E o pai disse: “Como é? Você quer ser *chauffeur* de francesa?” Que naquele tempo se usava dizer *chauffeur* de francesa. “Quer ser *chauffeur* de francesa?” Ele disse: “Não, meu pai! Eu não quero trabalhar. Lá no escritório só falta ser doutor o que aperta o botão do elevador e eu não quero ser doutor não. Quero ganhar dinheiro com você meu pai”. E ganhou e trabalhou.

Entrevistadora: [risos] Fez muito bem. Hoje em dia o que a gente vê de doutor é uma verdade. Antigamente doutor eu considerava médico, não é? Atualmente não, um economista, um administrador, qualquer coisa é doutor...

Odete: Tudo é doutor. Interessante é que ele foi para o pai e disse isso mesmo. “Não quero estudar mais não, meu pai. Já sou bacharel, agora não quero ser mais nada. Então só falta ser doutor lá no escritório, papai, o que aperta o botão do elevador” e era mesmo. Tudo lá era formado. O guarda-livro, isso, tudo, tudo, quase tudo era gente formada. E ele trabalhou e trabalhou quarenta anos, que ele agora já está velho, até, né? Que agora que se aposentou, o meu filho. Se chama Ito. Ito Barcellos.

Entrevistadora: Eu tive contato foi com o dr. Izeu.

Odete: Izeu era da Marinha. Não quis ser mais porque disse que era uma coisa horrorosa. Se admirava que tudo lá era filho de rico, mas não parecia. Então o pai disse: “Mas, meu filho, o que você quer ser, quer ser

chauffeur de francesa?” Ele disse: “Não meu pai! O senhor espera passar o carnaval. Depois do carnaval, eu venho trabalhar com você, meu pai”.

Entrevistadora: E se realizou, o importante é isto.

Odete: Se realizou. Tá até hoje lá. Você viu? Não é? Porque ele achou uma coisa horrerosa aquilo lá. Nem podia nem contar para a mãe...

Entrevistadora: Imagino.

Odete: ... de tanta coisa feia. Depois houve uma reforma lá. Os jornais falaram. Os calouros, sabe?

Entrevistadora: Isso foi pelo ano de que?

Odete: Isso não me lembro agora não. Minha cabeça tá velhinha.

Entrevistadora: [risos] Tá maravilhosa! Com uma blusa de renda lindíssima...

Odete: Só aguentar com essa casa 57 anos, aqui, trabalho de dia...

Entrevistadora: ... uma prova de bravura...

Odete: De bravura. Cinco filhos. Tinha mordomo. Tinha o homem que cuidava dos cavalos, homem que cuidava... cavalos e cachorros... tinha muito cachorro, galgo russo. Tinha cozinheira, lavadeira e a babá, que ajudava. A babá morreu com 105 anos.

Entrevistadora: Essa inclusive, uma criada que me atendeu aí embaixo disse que esteve com a senhora durante muito tempo e que agora voltou. Tinha uma que me atendeu.

Odete: É a Maria Grande que nós chamamos. Não é uma grande?

Entrevistadora: Uma alta.

Odete: Tem uma que teve 20 anos. Essa tem quase 20. Tá lá embaixo.

Entrevistadora: Isso é uma prova de que... de que a senhora é uma criatura maravilhosa.

Odete: Tá todo mundo precisando de empregada, eu não... tenho essa aqui bonitinha que tá comigo há um ano já. Essa é a Terezinha. Tá comigo. Muito direitinha, correta. Eu, graças a Deus, nunca senti falta de empregada não. Pelo contrário até... arranjava empregada aqui para os outros. Agora esta que foi como babá, mas é como cria da casa. Ela morreu aos 105 anos, ainda cuidava dos meus netos e quando chegava a hora do cafezinho: “Olha, tá na hora do colégio não sei o que, vai fazer o cafezinho, vamos tomar o cafezinho”. A Firmina, chamava-se Firmina. Uma mulatinha velhinha, 105 anos, você já pensou.

Entrevistadora: Incrível! Não é? Incrível!

Odete: Aqui em casa é assim, tudo tem vinte. E os empregados homens, todos têm mais de vinte também. Tem dois Totas, chama-se Antonio

com apelido de Tota. Tem um chamado Ênio, outro chamado Acácio, são empregados daí de fora.

Entrevistadora: Tomam conta da parte externa da casa.

Odete: São bons, eu não posso me queixar. Pode ser que de agora em diante...

Entrevistadora: Não acredito, não. E a senhora costuma sair daqui do castelinho para fazer visitas.

Odete: Não saio para lugar nenhum. Desde que morreu a minha filha.

Entrevistadora: Mas tem que superar essa crise. Vamos sair, viver.

Odete: Eu fiquei muito tempo sem poder andar. É, por causa do choque que eu tive, fiquei com mielite. Eu não comia. Você sabe mielite é inflamação dos nervos. Você sabe que eu não comia nada, eu não podia. Aí eu fiquei magrinha, como estou hoje, magrinha... eu era gordinha, mas a vida é essa mesma. O que eu vou fazer, né? Mas eu gosto muito da minha casa. Agora tô com vontade de vender.

Entrevistadora: Ah, não vende não. Curte isso.

Odete: É, mas cada um quer dar uma miséria. Um terreno desses! Você sabe que o Cristo Redentor¹⁶ está na minha escritura. Minha escritura está lá o Cristo Redentor. Depois que eu vim para aqui é que o Cristo veio. Tá lá, mas ninguém pode fazer nada. Você não pode botar uma árvore abaixo. Árvore eu não boto abaixo. Árvore eu não ponho abaixo.

Entrevistadora: Estou sabendo da história do jequitibá que a senhora plantou e que a D...

Odete: D. Helena.

Entrevistadora: D. Helena Ribenboim, que vai ser sua vizinha, não deixou tirar também e desviou o projeto.

Odete: E o pé de grumixama, que ela cuidou e que dá uma fruta que ninguém conhecia. A Gabriela disse que era cereja brasileira e ficou encantada, mas é gostoso...

Entrevistadora: Ah, é comestível essa frutinha...

Odete: É

Entrevistadora: Eu não sabia!

Odete: Dá em dezembro, fica cheio. Ela salvou. Essa sra. Helena...

¹⁶ O monumento conhecido como Cristo Redentor é uma escultura Art Déco, que começou a ser planejada em 1921 e foi desenvolvida pelo engenheiro Heitor da Silva Costa ao longo de cinco anos de trabalho, de 1926 a 1931, o ano de inauguração do monumento. Ela está situada no Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, a 710 metros do nível do mar. Foi ainda eleita uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno em votação organizada em 2007 pela instituição Suíça New 7 Wonders Foundation. Consultada em: <http://visit.rio/que_fazer/cristoredentor/>. Acesso em: 18 maio 2020.

Entrevistadora: Então a senhora tem que continuar vivendo aqui porque em breve a senhora vai ter uma família muito conhecida, Ribenboim...

Odete: ... uma moça muito distinta, d. Helena, eu gosto muito dela, ela sempre vem me ver. Tá fazendo a casa dela aí nesse terreno. E salvou essa árvore, dizem que é jequitibá, mas eu não sei. É uma árvore grande, sabe, não sei quantos metros tem ela. Salvou, ela calçou e fez várias mudanças na planta para poder salvar aquela árvore, mas não botou abaixo. Agora no outro dia botaram abaixo uma mangueira cheinha de manga.

Entrevistadora: Outro dia...

Odete: Para alargar a rua, minha filha! Para alargar a estrada, tiveram que fazer isso. Mas com muita pena, que eu fiquei com muita pena. Mas tem muito macaco aqui também.

Entrevistadora: Macaco! É? Outros bichinhos também? Castor tem? Castorzinho?

Odete: Ih, tem. Castor? Não tem aquele que tem um rabinho assim? Esquilo.

Entrevistadora: Esquilo, não é castor. Bobagem minha, é esquilo.

Odete: Tem esquilo, tem macaco grande, não é de tamanho de gorila não, mas é assim desse tamanho... tem um metro mais ou menos. E quando a jaqueira está cheia de jaca e naquele cheiro, eles vêm todos comer. Comem jaca, botam todas as jacas abaixo. É jaca mesmo...

Entrevistadora: E fazem barulho...

Odete: Fazem, dá susto até na gente. É, tem muitos, vem aqui lá de cima. Eles sentem o cheiro da fruta, né. E tem muita preguiça. Tem preguiça, cobra. Cobra também tem bastante. Agora elas estão fugindo. As cobras estão fugindo.

Entrevistadora: [risos] Estão fugindo dos tratores e do progresso. Estão salvando a pele. Senão vão virar bolsa e sapato. [risos]

Odete: Agora, uma coisa boa! Quando você vê que tem cobra aí no terreno, bem perto da cozinha, não tem rato. Os ratos somem. Elas comem ratos.

Entrevistadora: É, e nós temos esse problema lá embaixo, porque dizem que tem sete ou oito ratos para cada morador.

Odete: Aqui não. Cobra come rato. Tendo cobra, os ratos se somem. E quando não tem cobra começa a aparecer rato. É assim.

Entrevistadora: É a lei da natureza, né? Do mais forte.

Odete: Mas o macaco dá susto na gente. É sim, que não é macaco pequeninho não assim, mico não. Tem mico também, aquele engraçadinho. Tem mico. Até o meu filho dava frutinhas na boquinha deles, mas eu não

gosto muito de ver bicho não. Tenho medo. Pulam em cima da gente. Agora, cobra tenho mais medo ainda.

Entrevistadora: É, incrível, isso aí não pode facilitar não. E sobre os seus cachorros galgos russos?

Odete: Ah, todo mundo que tinha cachorro lá em Porto Alegre, fui eu que mandei de presente.

Entrevistadora: A senhora tinha criação.

Odete: Tinha.

Entrevistadora: Para exposição e tudo.

Odete: Não, não fazia nada dessas vaidades não. Tinha porque eu gosto, acho bonito. Eu passeava a cavalo.

Entrevistadora: Tem estátuas de mármore aí, de galgos, eu vi...

Odete: Pois é, eu passeava a cavalo, o galgo vinha atrás de mim. Aí eu era prosa, aí eu era convencida. E ainda vinha o picador – picador é o homem que cuida do cavalo – e vinha também atrás. Eu, meu marido a cavalo e o galgo. Gostava. Isso eu era vaidosa.

Entrevistadora: Como eram os nomes dos cachorros? A senhora lembra?

Odete: Lembro. Tinha czar, príncipe. Tinha um chamado Jorge...

Entrevistadora: [risos] Por quê?

Odete: Eu não sei, me deu vontade... o czar era muito bonito. Veio da Rússia mesmo, importado. E veio um outro da Rússia, chamado... não, não era o Príncipe não. Era o Negrão, porque era um bocadinho sujo. Não era preto, mas era um bocadinho sujo. Chamava ele de Negrão. Eu criei dezesseis.

Entrevistadora: Puxa, a senhora tinha um canil mesmo para eles?

Odete: É, tinha o homem que cuidava e eu também cuidava. Tinha os cachorrinhos nascendo e eu cuidava e sabe como é que se cria galgo russo, eles têm as pernas moles.

Entrevistadora: Não se põe em pé...

Odete: Não se põe em pé, então botava muletinhas. Você achava engraçado eles de muletinha andando por aí, tec, tec, tec, de muletinhas.

Entrevistadora: E como é que prendiam muletinhas no galgo?

Odete: Direitinho, com pano...

Entrevistadora: ... e atava nas costas...

Odete: Atava e assim eles foram se criando. Quase todo mundo em Porto Alegre que tem galgo russo é filho do meu... importamos um da Rússia uma vez. Aliás foi por intermédio do barão mesmo.

Entrevistadora: Barão de Icaray.

Odete: É, foi por intermédio dele. Ele tinha muitos conhecimentos, essas coisas e gostava também. Eu gostava muito de cachorros. Agora não gosto mais.

Entrevistadora: Não quer saber mais de animal.

Odete: Não gosto, mas não maltrato. Não quero saber... depois que eu perdi a minha filha, ah...

Entrevistadora: D. Odete, a senhora fala então das reuniões que a senhora tinha de artistas, o local inclusive, era no Palace Hotel.

Odete: O local, a Associação dos Artistas Brasileiros. Presidente: Celso Kelly.¹⁷ Você deve conhecer?

Entrevistadora: Ele foi meu professor.

Odete: É, Celso Kelly. Eu era vice-presidente e tinham muitos artistas lá, amigos todos juntos lá. Tinha Oswaldo Teixeira, Hélios Seelinger – que é um monumento da arte nacional – e muitos modernos. Agora, muitos outros, que não posso me lembrar o nome e se lembrar de um e não lembrar do outro fica mal para mim... admiro todos, são todos meus amigos... os que já morreram, ainda são mais amigos, porque me ajudam até hoje. Porque eu sou espírita, quer dizer, eu sou espiritualista. De maneira que eu tenho esta fé no Espírito Santo. Não sou macumbeira não. Eu agora estou seguindo um outro rumo com meu filho Ione. Ele gosta muito do Maharishi, não sei se você sabe quem é...

Entrevistadora: Conheço.

Odete: O Maharishi Yogi. O Maharishi, eu já traduzi toda a história dele para o meu filho e aí eu aprendi com ele a apreciar também essas coisas da Índia, mas não me envolvo muito nisso não. Para mim, eu tenho fé no Jesus Cristo. Jesus Cristo para mim é tudo. O Espírito Santo é tudo e isso é que está me dando um pouco mais de força, porque se nós vamos mudar de religião de vez em quando... não sei, eu não tenho fé em ninguém, em nada, não pode ser. Agora o dia que o urso se agarrar com o dragão, aí é que eu tenho medo de viver.

Entrevistadora: [risos] Tá ótimo, entendi perfeitamente!

Odete: O urso se agarrar com o dragão, aí eu vou ter medo de viver...

[Fim da gravação]

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Celso Kelly”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa284700/celso-kelly>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

**Raymundo Magalhães Jr.
(depoimento, 1977)**

MAGALHÃES JR, Raymundo. *Raymundo Magalhães Jr. (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Raymundo Magalhães Jr

Local da entrevista: Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 3 de agosto de 1977

Duração¹: -

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Jurena Porto Neumann

Descritores/Assunto: carnaval, cinemas, bares, confeitarias, Galeria Cruzeiro, Odeon, Pathé, *Jornal do Brasil*, Teatro Cassino, Virgínia Lane, Hotel Copacabana, Ipanema, presidente Jânio Quadros, *Manchete*, *Time*, *A Noite*, *O Dia*, ceia dos cardeais, teatro, Casa de Rui Barbosa, Conferência de Haia.

Biografia²:

(n. Ubajara, CE, 1907-f. Rio de Janeiro, 1981)

Jornalista, escritor, acadêmico, teatrólogo e biógrafo de Rui.

Foi membro do Conselho Deliberativo e diretor da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Algumas obras: *O homem que fica* (1934); *Um judeu* (1939); *Carlota Joaquina* (1940); *A família Lero-Lero* (1941); *Trio em lá menor* (1942); *O imperador galante* (1946); *Artur Azevedo e sua época* (1953); *Machado de Assis, funcionário público* (1958); *Três panfletos do Segundo Reinado* (1956); *Rui: o homem e o mito* (1964); dentre outros.

¹ A entrevista está dividida em duas partes: o áudio da primeira parte não foi localizado, sendo então reproduzido a transcrição realizada na década de 1970; e a segunda parte tem 8min e 59s. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² Consultado em: <<http://www.academia.org.br/academicos/raimundo-magalhaes-junior/biografia>>. Acesso em: 9 maio 2020.

PARTE I

Entrevistadora: Estamos em companhia do professor Raymundo Magalhães Jr. e vamos ouvir o seu depoimento para continuação do projeto Memória de Rui. Casa de Rui Barbosa, dia 3 de agosto de 1977. Professor, após incansáveis idas e vindas, estamos aqui agora para ouvir o depoimento, enfim, o que o senhor tiver para falar. Um bate-papo super informal acerca da época de 1920, 1930, enfim o que lembrar. Quais os costumes, as maneiras de vestir, os pontos de encontro, tudo aquilo que nós já conversamos anteriormente...

Raymundo: Bem... eu cheguei ao Rio de Janeiro vindo do Ceará, em 10 de setembro de 1924. Era uma época em que todos os jovens da minha idade estavam em idade e mais do que isso usavam chapéu. Era uma característica da época o chapéu e, principalmente, o chapéu-palheta, o *canotier* como diziam os franceses. Ninguém podia dispensar um chapéu quando saía à rua. Usava-se ainda bengala. Bengala fazia parte da elegância masculina. E também as polainas sobre os sapatos ou polainas de casimira ou polainas de brim, às vezes de brim branco no verão ou então de casimira de lã mais quente durante o inverno. Era a época também das calças de flanela introduzidas... moda introduzida no Brasil pelos filmes americanos de Charles Ray e de outros atores populares naquele tempo que apareciam em trajes esportivos, com calças de flanela, jogando tênis ou fazendo automobilismo etc. E essa época no Rio de Janeiro havia coisas que não existem mais hoje. Por exemplo, o carnaval³ era animado com um curso em automóveis enfeitados, floridos,

³ MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

ou adornados com chalés coloridos etc., muitas moças bonitas fantasiadas, alguns rapazes fantasiados também, mas geralmente moças em quantidade. E esse curso era em carros abertos, que era o tempo do automóvel conversível. E começava na praça Mauá e nos anos em que havia um movimento intenso o curso seguia pelo Flamengo e ia até a avenida Pasteur, geralmente fazia a volta ao pavilhão do Mourisco⁴ e voltava. O pavilhão Mourisco, você sabe desapareceu, mas era ali em Botafogo perto do cinema Guanabara... havia ali um pavilhão onde havia festividades, bailes de carnaval, chás dançantes, conferências etc. O Rio também era um Rio dos cafés e das confeitarias. Grande parte da vida social do Rio de Janeiro se desenrolava na Confeitaria Paschoal, da rua do Ouvidor, na Confeitaria Paschoal, da rua São José, perto da Galeria Cruzeiro, da Confeitaria Colombo, da Cavé,⁵ da Lalais e em grande número de cafés onde se podia pedir um café ou uma soda ou uma bebida qualquer, uma água tônica e havia um grupo de quatro, cinco pessoas que ficava uma hora conversando despreocupadamente sentados e não havia nenhum garçom passando um guardanapo na mesa para que a gente fosse embora. Era uma vida ainda tranquila... e tinha também os grandes bares como o Bar da Brahma, o Bar Nacional...

Entrevistadora: Onde era esse Bar da Brahma?

Raymundo: Era na galeria Cruzeiro... também desapareceu. Os bondes passavam ali pela galeria Cruzeiro, depois saíram dali e foram para o Tabuleiro da Baiana,⁶ mas esses bares subsistiram por um grande período. Era o encontro dos escritores, dos artistas, dos jornalistas, das grandes mulheres, das grandes cocotes, e havia também um ponto muito movimentado que era o bar do Palace Hotel que também era a grande reunião das mundanas como eram chamadas... do lado esquerdo do

⁴ O edifício do Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier e construído durante a administração do Prefeito Souza Aguiar, de 1906 a 1909. Inicialmente destinava-se a ser Music-Hall, mas funcionou como salão de chá, restaurante e café. A partir da década de 1930 abrigou a Biblioteca Infantil, gerida por Cecília Meireles, que o transformou num centro de cultura infantil ao conjugar outras atividades como o cinema, música, cartografia, jogos etc. A biblioteca foi fechada em 1937. Foi ainda ponto de coleta de impostos e até ser demolido em 1952, para a construção do túnel do Pasmado. Consultado em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/12/07/pavilhao-mourisco/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁵ A Casa Cavé, localizada no centro do Rio de Janeiro, foi criada em 5 de março de 1860, por Charles Auguste Cavé, francês que ficou à frente do negócio até 1922. Consultado em: <<https://www.casacave.com.br/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁶ Antigo ponto de bonde do Centro da Cidade. Consultado em: FLICKR. *Tabuleiro da Baiana*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/carioca_da_gema/34993393>. Acesso em: 22 abr. 2020.

hotel. Do lado direito havia um salão de chá e a Associação dos Artistas Brasileiros⁷ que tinha uma galeria ali com exposições permanentemente abertas... de sorte que havia sempre um movimento social intenso. Também o centro da cidade era cheio de teatros e cinemas que desapareceram em grande parte. Quando eu cheguei no Rio de Janeiro havia os cinemas de luxo e estavam localizados na avenida Rio Branco. Era o Odeon onde hoje é esquina da rua Sete de Setembro com avenida Rio Branco...

Entrevistadora: Ah, quer dizer que o Odeon daquela época não tem nada a ver...

Raymundo: Não, o primeiro Odeon era ali naquela localização. O Pathé era ali ao lado do Clube de Engenharia, entre o Clube de Engenharia e o *Jornal do Brasil*, o antigo *Jornal do Brasil*.

Entrevistadora: Perto da galeria do Comércio, dos Comerciantes...

Raymundo: É, ali havia lá o Pathé, o primeiro, o primitivo Pathé. Do mesmo lado do Odeon, no quarteirão entre a rua da Assembleia e a rua Sete de Setembro havia o Palais, o cinema Palais. Hoje eu acho que é uma agência de Correios ou a Caixa Econômica, uma coisa assim... havia o cinema Central ali onde é o edifício da Caixa Econômica hoje. Havia o cinema Rialto onde é hoje o Teatro Nacional de Comédia,⁸ do lado do Teatro Nacional de Comédia havia o Teatro Trianon.⁹ O Teatro Trianon depois era o reduto do Procópio Ferreira, do Jaime Costa, do [inaudível]. Depois foi destruído e fizeram um cinema, o Cineac. Um

⁷ “Entidade de caráter cultural criada no Rio de Janeiro, em 1929, por artistas plásticos, arquitetos, escritores dramaturgos, atores, músicos e outros intelectuais, que defendiam a renovação do ambiente artístico e cultural da então capital do país; opondo-se, em especial, ao conservadorismo da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA)”. Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao_dos_artistas_brasileiros.php>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁸ “Criada no governo de Juscelino Kubitschek, é a terceira, última e mais duradoura das companhias oficiais patrocinadas pelo Serviço Nacional de Teatro nas décadas de 1940 e 1950. Em dez anos, o Teatro Nacional de Comédia realiza duas montagens importantes: *Pedro Mico*, seu único sucesso de público, e *Rasto Atrás*, seu único sucesso artístico”. TEATRO Nacional de Comédia (TNC). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399326/teatro-nacional-de-comedia-tnc>>. Acesso em: 11 maio 2020. Verbetes da Enciclopédia.

⁹ “Inaugurado em 25 de maio de 1921, após dois anos de obras, e demolido em 1975, o então Cine Teatro Trianon era equipado com 156 frisas, 554 cadeiras na plateia, 290 balcões, 38 camarotes e 610 gerais para comportar 1.800 pessoas, além de possuir coxia com 25 camarins”. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/teatro-municipal-trianon>>. Acesso em: 9 maio 2020.

pouco adiante, ao lado do Palace Hotel, na avenida Almirante Barroso, havia o teatro Phoenix¹⁰ que foi um grande teatro de grande sucesso. Ali ao lado do local, que foi depois conhecido como o Tabuleiro da Baiana, havia o Teatro Lírico,¹¹ um grande teatro, um dos melhores teatros do Rio de Janeiro...

Entrevistadora: Com pessoas importadas, inclusive artistas...

Raymundo: Sim e às vezes companhias nacionais. Como havia o grande teatro de revista também perto da praça Tiradentes, Teatro Recreio¹² que foi demolido com umas obras de urbanização. E o Rio foi sendo desfalcado. Ali na Lapa, perto do Instituto Histórico,¹³ onde havia não só o Teatro Cassino,¹⁴ como havia também o chamado Cassino Beira Mar,¹⁵ onde havia no porão uma grande *boîte*, muito divertida. Eu dancei muitas vezes lá...

Entrevistadora: Qual era o nome da *boîte*?

Raymundo: Chamava-se a Caverna do Cassino Beira Mar. E então ali havia um movimento noturno intenso, dançava-se música argentina, tango... no período do tango, havia sempre ali dançarinas de tango que se exibiam como no Municipal também, onde havia o famoso Cabaret Assírio,¹⁶ que também tinha um funcionamento que ia até três, quatro, cinco horas da manhã. A cidade era muito animada e, além disso, havia as numerosas escolas de dança. O Eldorado, o Farolito etc.... eu, por exemplo, no Farolito, eu conheci uma menina que dançava muito bem, furei muito cartão com ela naquela época e depois se tornou uma vedete do teatro musicado...

Entrevistadora: Quem é?

¹⁰ Para maiores informações, vide “Teatro Fênix”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=85&cdP=5>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide “Theatro Lyrico”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=89&cdP=19>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

¹² Para maiores informações, vide “Theatro Recreio”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=128&cdP=17>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹³ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

¹⁴ Para maiores informações, vide “Theatro Cassino”, disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=149&cdP=5>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹⁵ Para maiores informações, vide “Theatro Cassino Beira Mar”, disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec20.asp#teatro>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹⁶ Para maiores informações, vide “Salão Assyrio”, disponível em: <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/sobre/salao-assyrio/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

Raymundo: A Virgínia Lane.¹⁷ A Virgínia Lane era uma antiga conhecida desse tempo. No Eldorado tinha uma maravilhosa menina que dançava... parecia uma pluma, chamava-se Toneca.

Entrevistadora: E essa se tornou hoje em dia alguém que a gente conhece...

Raymundo: Não. A Toneca já morreu coitadinha. Mas ela dançava tão bem e ela tão bonitinha que todos os frequentadores eram apaixonados por ela. Inclusive eu. Mas ela era inteiramente fiel à dança e ficava exausta até às quatro horas da madrugada. Não havia nenhuma possibilidade de aceitar convites...

Entrevistadora: Que não fosse para dançar, né?

Raymundo: De maneira que o Rio de Janeiro era realmente uma cidade muito alegre, muito diferente do que é hoje, porque nesse período a vida carioca começou a se mudar para bairros distantes. Quando eu cheguei no Rio de Janeiro ia-se de bonde ainda até Ipanema. E Ipanema era um areal quase deserto. Quando o bonde passava perto do Hotel Copacabana, os fundos do Hotel Copacabana, havia quarteirões e quarteirões devolutos, cobertos de pitangueiras, um areal muito grande.

Entrevistadora: E o bonde passava pela avenida Copacabana hoje...

Raymundo: Pela Nossa Senhora de Copacabana, que era raramente povoada, não havia arranha-céus. Eram chácaras, eram casas, algumas no máximo de dois andares como a casa de Edmundo Bittencourt, a casa de Afrânio de Mello Franco e tal... mas era um bairro ainda modesto, mas com o crescimento desses bairros, a dificuldade de locomoção, os problemas de tráfego, a vida carioca foi mudando muito, então houve uma espécie de... não digo morte, mas houve um declínio muito grande do centro da cidade. Eu tiro por mim mesmo que atualmente eu passo às vezes dois meses sem ir ao centro da cidade. Só vou quando tenho um negócio ou a livraria Cosmos anuncia um livro raro, eu passo lá para ver... ou tenho um negócio no centro da cidade, um problema qualquer como...

Entrevistadora: Como ontem...

Raymundo: Com banco...

Entrevistadora: ... no serviço de teatro, dos autores teatrais...

Raymundo: É, eu tenho que ir duas vezes por semana na Sociedade de Autores Teatrais pelo menos duas vezes por semana, sou presidente. Naturalmente não posso deixar de ir...

¹⁷ Para maiores informações, vide a biografia de “Virgínia Lane”. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografia/virginia-lane/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

Entrevistadora: É uma coisa que lhe agrada...

Raymundo: Tenho que ir uma vez por semana à academia,¹⁸ que é uma sessão semanal, de maneiras que são problemas que eu tenho... sim, mas se não fosse isso eu acredito que eu nem passaria hoje no centro da cidade. Eu sempre fui mais ou menos eclético nas minhas atividades. Eu fiz um pouco de teatro, fiz jornalismo toda a minha vida e essa é minha atividade dominante, escrevi livros, fui professor, ainda sou porque estou em processo de aposentadoria agora, mas até o fim do ano estarei lecionando.

Entrevistadora: Onde o senhor está lecionando?

Raymundo: Na Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIERJ.¹⁹ Mas, o que eu posso dizer é o seguinte, é que tudo o que eu faço, quando faço, é com o mesmo grau de interesse. Eu não sou capaz de fazer coisas de que eu não goste. Quando não gosto de uma coisa simplesmente eu desisto de fazer a coisa... de maneira que eu acho que é uma satisfação muito grande, satisfação íntima para a pessoa... fazer as coisas de que gosta ainda que não sejam importantes para nós mesmos, já é realmente uma compensação pelo menos de caráter pessoal. Se eu já fui inclinado a exercer... eu, por exemplo, eu tive convites para exercer atividades outras que não estavam dentro da minha embocadura. Eu cito apenas um caso: quando Jânio Quadros foi empossado na Presidência da República. Eu não tinha feito campanha a favor dele, fiz campanha contra ele, apoiei um outro candidato contra ele, que era o general Lott na ocasião. Mas, eu tinha feito campanha em favor do Jânio quando ele foi candidato a prefeito de São Paulo. Fiz quando ele foi candidato a governador. Eu escrevia um artigo diário num grande jornal paulista, sempre o apoiava e ele nomeou então um amigo meu e dele para diretor do Banco de Desenvolvimento Econômico. Foi o brigadeiro Faria

¹⁸ Academia Brasileira de Letras (ABL).

¹⁹ A Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj) deu origem à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). A criação da Federação promoveu a integração de vários outros estabelecimentos isolados de ensino superior, como a Escola Central de Nutrição, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, o Conservatório Nacional de Teatro (atual Escola de Teatro), o Instituto Villa-Lobos, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Em 1979, pela lei nº 6.655, a Fefierj foi institucionalizada com o nome de Universidade do Rio de Janeiro (Unirio). E, em 2003, a lei nº 10.750 alterou o nome da Universidade para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, contudo a sigla foi mantida. Disponível em: <<http://www.unirio.br/institucional/historia>>. Acesso em: 29 maio 2020.

Lima, que foi prefeito de São Paulo. Faria Lima tocou o telefone para a minha casa e me disse: “Olha, Magalhães, o Jânio me nomeou presidente do Banco de Desenvolvimento Econômico e recomendou que eu nomeasse você para diretor de uma das cadeiras do Banco. Então eu estou fazendo a você essa comunicação, quero saber se você aceita”. Eu digo não. Não quero. Eu não sou banqueiro, que eu vou fazer lá no Banco do Desenvolvimento Econômico? “Não, mas isso abre para você uma carreira nova, e você daí e tal... sai para outras coisas, outras realizações... abre uma perspectiva nova na sua vida”. Eu digo: “Olha você me dá 48 horas para pensar nisso”. Ele disse: “Pois não, em 48 horas eu peço a você a sua decisão...” Aí eu falo para a minha mulher que tem um bom senso muito grande. Eu digo: “Olha me convidaram para isso e eu não estou querendo aceitar. O que que você acha?” E ela com aquele bom senso que era característico: “Você não é banqueiro. Você não tem dinheiro. Nunca geriu dinheiro seu, nem de ninguém. Que que você vai fazer num banco desses?”. Bom, evidentemente é um banco do Estado, nós saberíamos o que fazer com o dinheiro do Estado... mas eu achei aquilo tão ponderado, tão razoável que digo, não, eu mesmo não quero, e realmente não há razão para querer, esta opinião é boa. Quarenta e oito horas vencidas. Faria Lima me telefona: “Então, posso lavar a nomeação?” Digo: “Não, não lavre porque eu não quero”. “Não, não faça isso e tal, dou mais vinte e quatro horas a você para pensar”. Fico eu com aquele problema as vinte e quatro horas. No fim de vinte e quatro horas, ele telefona para mim e digo: “Olha você sabe de uma coisa, eu não quero ser diretor de banco nenhum. Agora se você quer ser amável comigo há um filho de um amigo meu, desempregado, é um amigo do Jânio Quadros, filho de um amigo do Jânio Quadros, que ele acaba de indicar para embaixador. E ele indicado para embaixador não ousa pedir nada para o filho dele, eu peço. Nomeia esse rapaz para um lugar no Banco, não precisa ser diretor do banco não, um lugar qualquer de relações públicas etc...” “Diz, quem é?” Eu digo: “É o filho do Rubem Braga... Roberto Braga”. “Mande o rapaz falar comigo que ele está nomeado”. Nomeou, o rapaz ficou oito anos no banco. Depois saiu do banco, mas ficou lá... quer dizer, isso eu estou lhe dando um caso para mostrar que eu podia ter tido outras possibilidades fora da minha profissão que não me interessaram, nada me interessa fora as coisas que eu realmente eu quero fazer...

Entrevistadora: E o seu trabalho na *Manchete* hoje em dia, do que consiste?

Raymundo: O meu trabalho²⁰ na *Manchete* consiste em fazer tudo o que o diretor da *Manchete* me pede que faça.

Entrevistadora: ... escreve artigos também...

Raymundo: Eu não tenho uma seção de caráter fixo. Eu escrevo às vezes uns artigos que assino, muitas vezes faço trabalho anônimo, eu reescrevo matérias feitas por outros, por um repórter... que traz a informação, mas que não tem a forma jornalística ainda aceitável ou boa. Eu faço traduções do francês, do inglês, do italiano, do espanhol, o que é necessário...

Entrevistadora: Eu vi lá aquele americano lhe procurando com uma série de documentos...

Raymundo: Pois é. De maneira que traduzo o *Time*, aquela seção do *Time* que sai no final da revista, não é. Toda segunda-feira chegam as provas do *Time* lá, então aquilo é escolhido e eu traduzo ali quatro páginas, cinco páginas entre nove horas da manhã e quatro da tarde. Meu trabalho é este. Não é nada de extraordinário, mas eu acredito que é útil à revista. E lá eu estou há dezenove anos. Eu já trabalhei n'*A Noite* primeiro. Eu fiquei n'*A Noite* vinte anos. Lá estou há dezenove anos. No meio, entre *A Noite* e a *Manchete*, eu tive oito anos de vereador.

Entrevistadora: E não trabalhou n'*O Dia*. Já teve n'*A Noite* e na *Manchete*, n'*O Dia* não...

Raymundo: Não, n'*O Dia* não, mas eu trabalhei no *Diário de Notícias* muito tempo.

Entrevistadora: Vamos agora falar de alguma coisa de sua vida junto ao teatro particularmente, as grandes companhias da época, as grandes peças, tudo o que for...

Raymundo: Bem, eu posso dizer que o meu interesse pelo teatro começou quando eu estava ainda no Ceará e resolvemos fazer uma apresentação de amadores da *Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas. Eu ensaiei o papel de um dos cardeais, decorei tudo, mas não chegamos a apresentar... mas aquilo ficou, li, comecei a ler peças de teatro e quando vim para o Rio de Janeiro aquela ideia de fazer teatro já estava dentro da minha cabeça. Eu fui para Campos, eu morei alguns anos em Campos onde iniciei a minha carreira de jornalista e lá eu escrevi as minhas primeiras peças, escrevi duas comédias, algumas revistas e quando vim para o Rio continuei...

Entrevistadora: E que modéstia é essa de não falar o nome das peças?

²⁰ Foi redator chefe na Revista *Manchete*.

Raymundo: Não, essas peças não têm importância nenhuma... eu continuei aqui no Rio, escrevi algumas revistas, tal etc.... até que parei de fazer teatro, mas eu estava n’*A Noite*. Mas em 1937 ou 1938, a Dulcina²¹ e o Odilon²² foram aos Estados Unidos convidados pelo Departamento de Estado até na campanha da boa vizinhança, viram peças lá a trouxeram peças americanas para o Brasil e iam representar no Teatro Rival. E *A Noite* me mandou eu entrevistar Dulcina que estava morando num hotel com o marido. Tinha chegado e não tinha se instalado ainda. “E aí Dulcina? O que você viu lá? Viu muito teatro?” “Trouxe umas peças. *Tovaritch*, do Jacques Deval, que vi representar. Muito boa. Já mandei traduzir, porque os tradutores daqui geralmente só traduzem do francês. O Renato Alvim aliás traduziu *Tovaritch* que é uma peça francesa, do francês. Você sabe quem possa traduzir...”. Eu digo: “Não, não sei. Agora se você quiser me dá uma das peças e eu vou ver se eu traduzo. Eu faço uma experiência. Não posso assegurar a você que eu traduza não, porque o meu inglês era um inglês preparatório...”

Entrevistadora: Nessa ocasião você ainda não tinha tido nenhum trabalho especial nos Estados Unidos como teve depois...

Raymundo: ... não, eu nunca tinha tido... nunca tinha feito nenhuma tradução da língua inglesa e não me dava com a língua inglesa senão como leitura de jornal americano etc., uma revista, uma coisa assim... então peguei uma peça de [inaudível] que depois foi um grande diretor de cinema. A peça chamava-se [inaudível]. E eu levei a peça para casa e traduzi. Traduzi a peça facilmente em uma semana de trabalho e quando eu acabei de traduzir a peça, disse para a minha mulher... eu estava casado há uns meses, não tinha nem um ano de casado. Disse a ela: “Que tolice! Como é que uma peça dessa fez tanto sucesso nos Estados Unidos e é uma peça inteiramente boba. Uma peça como esta eu faço com a maior facilidade”. Ela disse: “Não faz, não. Você está se gabando e tal, mas não faz coisa nenhuma... é a mania de brasileiro e tal de dizer, ah, eu faço melhor e acaba não fazendo”. Digo: “Olha, eu vou provar a você que faço”.

Entrevistadora: Era um desafio para o senhor...

²¹ Para maiores informações, vide a biografia de “Dulcina de Moraes”, disponível em: <http://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/atores-do-brasil/biografia-de-dulcina-de-moraes/>. Acesso em: 11 maio 2020.

²² Para maiores informações, vide a biografia de “Odilon Azevedo”, disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/odilon-azevedo/>. Acesso em: 11 maio 2020.

Raymundo: Então meti o papel na máquina de escrever em casa e de noite... escrevi, escrevi e quando acabei de escrever, terminei um ato e a minha mulher estava dormindo. Eu saía muito cedo de casa, porque eu trabalhava n’*A Noite* e entrava às sete horas da manhã. Então deixei um bilhete para ela, digo a ela: “Quando você acordar leia o ato que eu fiz para provar a você que sou capaz de fazer uma comédia”. Chamava-se, botei o título *Mentirosa*. Escrevi o ato, mas não sabia o que ia sair daquilo e estava desinteressado em fazer uma comédia. De noite quando eu cheguei para jantar ela disse: “Olha eu li o ato... está bem-feito. Está engraçado. Você pode fazer, hein! Mas um ato não é uma peça. Eu quero é ver o resto...” Bom aí, eu escrevi nessa mesma noite o ato. Era uma noite de sexta-feira e no sábado e domingo, eu terminei a peça. Levei para a Dulcina. A Dulcina leu e resolveu representar e daí comecei então a fazer comédias. Escrevi essa peça e depois escrevi outras para o Jaime Costa,²³ para o Procópio,²⁴ para a própria Dulcina. As de maior sucesso foram *Carlota Joaquina*, com o Jaime Costa, *Família Lero-Lero* com o Jaime Costa, *O imperador galante* com a Dulcina. Além desta que já falei e escrevi também para o Mesquitinha, o *Testa de ferro* e outras coisas...

Entrevistadora: ... tem aí um filme, *Testa de ferro*, por acaso...

Raymundo: Por acaso, mas esse é um tema de um indivíduo que assume o papel de outro e tal... uma espécie de para-raios... e daí escrevi cerca de umas trinta peças, algumas delas foram filmadas ainda no ano passado... não foi no ano passado... ou este ano... foi no ano passado... um filme chamado *Essa mulher é minha*, acrescentaram *E de meus amigos*, que não tinha no meu título. Essa é a história do meu teatro. Mas hoje eu não faço mais. Eu não escrevo mais pelo seguinte, porque os atores para quem eu escrevia ou morreram, como o Jaime Costa, Mesquitinha, ou envelheceram muito, como Procópio, que está uma ruína viva ou se afastaram do teatro como a Dulcina...

Entrevistadora: Ela depois da morte do Odilon...

Raymundo: ... nunca mais fez nada. A última peça de sucesso que eu tive foi com a Dercy, *Escândalos romanos*, que é uma peça que eu escrevi num fim de semana e me deu direito autoral que eu nunca sonhei ganhar,

²³ Para maiores informações, vide verbete “Jaime Costa”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349474/jaime-costa>>. Acesso em: 11 maio 2020.

²⁴ Para maiores informações, vide verbete “Procópio Ferreira”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8154/procopio-ferreira>>. Acesso em: 11 maio 2020.

uma coisa tremenda, mas em grande parte devido à própria Dercy, que enfiou a cara de todo jeito. É, ela recria as peças. Um dos que desapareceram foi o Sérgio Cardoso, para quem eu escrevi a peça *A canção dentro do pão*. Foi representada e dirigida por ele com a Nydia Licia...²⁵

Entrevistadora: Nydia Licia que era a mulher dele...

Raymundo: Mulher dele... e o Leonardo Villar²⁶ e outros. Uma peça que foi grande sucesso e foi até premiada em São Paulo, o prêmio Governador do Estado de São Paulo.

Entrevistadora: Cinema, alguma coisa de peça adaptada ao cinema sem ser...

Raymundo: ... não, essa foi ao cinema, *A família Lero-Lero* foi também comprada pela Vera Cruz. Foi filmada. Agora estou em negócios para filmar uma peça minha chamada *Vila Rica*, com uma moça que está iniciando carreira no cinema chamada Miriam Scovronski, uma coisa assim...

Entrevistadora: Nome complicado...

Raymundo: ... nome polonês. Mas ela é muito bonita. É brasileira, muito bonita, descendente de poloneses.

Entrevistadora: Professor, vamos falar agora sobre como surgiu a ideia da criação desse livro tão polêmico²⁷ e maravilhoso *Rui e o Mito*...

Raymundo: *Rui, o homem e o mito*. É, esse livro é o seguinte. Eu devo a realização desse livro indiretamente a Casa de Rui Barbosa. Porque em primeiro lugar eu estou na lista das publicações da Casa de Rui Barbosa e sendo um leitor, eu sofro de insônia. Eu durmo muito pouco, quatro horas, cinco horas no máximo. Então eu leio e geralmente leio com atenção. E tenho um processo de leitura que consiste em indexar os livros a lápis no final... sempre que eu acho a ideia interessante, eu escrevo lá por exemplo: imposto indireto, página tal, imposto direto, página tal. E assim vou estabelecendo consenso, censura à imprensa, página tal etc. Então, depois de ter feito essa indexação em numerosos volumes, eu verifiquei a extrema volatilidade, volubilidade do pensamento político de Rui Barbosa que era um liberal que eu poderei chamar de esvoaçante.

²⁵ Para maiores informações, vide biografia de “Nydia Licia”, disponível em: <<http://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/atores-do-brasil/biografia-de-nydia-licia/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

²⁶ Para maiores informações, vide verbete “Leonardo Villar”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa16097/leonardo-villar>>. Acesso em: 11 maio 2020.

²⁷ LACOMBE, Américo Jacobina. A propósito de Rui, o Homem e o Mito. In: *Digesto Econômico*, ano 20, nº 183, maio/jun. 1965. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_AmericoJacobinaLacombe_AProposito_de_Rui.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

Ele não se fixava muito bem nas ideias. Ele mudava de opinião constantemente de acordo com a sua posição política no momento, com a sua conveniência política e então comecei a ver também que, por trás da figura hierática oficial apresentada, havia uma figura diferente, uma figura humana, uma figura com os deslizes humanos, com as contradições humanas, com as incoerências humanas e então o que despira aquela imagem que estava dentro de uma couraça dourada e para mostrar que havia carne viva por baixo daquilo. Eu não disse no meu livro que Rui era um ignorante, que era um cretino, que era um analfabeto. Agora disse que ele não falou em todas as línguas em Haia. Que é sabido a língua única falada em Haia foi o francês, porque era a língua oficial da conferência, e tanto que ele levou um assessor francês de redação, contratado pelo barão do Rio Branco... não é vergonha para ninguém porque é um estrangeiro, adulto, que aprende uma língua fora do seu país... por maior intimidade que ele tenha com aquela língua, ele dá seus escorregões, não é?... então eu procurei fazer e fui descobrindo outras coisas que eu achei até estranhas. E, na terceira edição do livro, eu vou ainda introduzir algumas coisas que estão mal explicadas. Na correspondência de Rui Barbosa publicada pelo professor Homero Pires há uma carta de Rui Barbosa...

PARTE II

Entrevistadora: ... então essa carta...

Raymundo: Há uma carta dirigida a um filho do Francisco Solano Lopes,²⁸ Henrique Venâncio Lopes. O Homero Pires²⁹ anotou tudo, mas não anotou essa carta. A carta; Rui Barbosa diz que o caso proposto pelo filho de Lopes é líquido e certo, que não há dúvida nenhuma, que ele terá razão naquele pleito. Mas que pleito é este? Depois é que eu vim a descobrir que se tratava de uma ação para devolver ao... para emitir o filho de Lopes na posse de mais de 30 mil quilômetros quadrados sobre o seu estado de Mato Grosso e quem é que começa, que dá início a esse pleito? Rui Barbosa como senador da República, advogando a causa do

²⁸ Para maiores informações, vide “Solano López”, disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai/os-personagens/solano-lopez/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

²⁹ Homero Pires publicou as seguintes obras: *Rui Barbosa e os livros* (1949); *Rui Barbosa e o Exército* (1950); e *Rui Barbosa escritor e orador*, dentre outras.

filho de Lopes. Na época podia ser uma coisa permissível, mas perante a ética política dos nossos dias... um senador da República não pode advogar contra a União de maneira nenhuma. Mesmo em favor de um nacional... agora... em favor do filho do Lopes é possível.

Entrevistadora: Bastante contraditório!

Raymundo: Eu acho bastante singular pelo menos. E então como é que o Homero Pires, que é um ruísta, publica esta carta e não anota...

Entrevistadora: Exatamente o âmago da questão.

Raymundo: São coisas assim que eu acho incompreensível, que não se pode deixar de trazer ao conhecimento público. O Rui tinha outras coisas em que ele foi grande e não precisa então que estejam a botar remendos nas coisas que devem... que devem aparecer como elas são.

Entrevistadora: Aquele problema também que eu li no seu livro, daquele livro impresso, é uma outra...

Raymundo: Aquele livro não existe. Aquele livro não existe. Aquele livro é um suplemento pago numa revista de pequena circulação.

Entrevistadora: Por uma pessoa, por um jornalista.

Raymundo: Por um jornalista.

Entrevistadora: Que já fazia aquilo em outras conferências.

Raymundo: Que fazia aquilo em outras conferências e que fazia aquilo era um jornalista que fazia as escavações das conferências... e que não era aquela celebridade não, já tinha sido condenado pela justiça inglesa a uma pena de prisão.

Entrevistadora: ... justamente no caso...

Raymundo: Não, não, por uma coisa pior. Ele simulou... ele, querendo criticar a sociedade... William T. Stead...³⁰ ele querendo criticar a sociedade inglesa e fazer uma campanha de escândalo para levantar a circulação do jornal...

Entrevistadora: A imprensa marrom já existia naquela época.

Raymundo: É, típica. Ele foi à Escócia, contratou uma mocinha e de menor idade como empregada doméstica. Levou para Londres, colocou na casa de uma ex-prostituta aposentada que figurou de dona de um bordel. E ele se apresentou como cliente do bordel e fez depois a descrição na

³⁰ CORREA, Alexandre Augusto de Castro. As “Águias de Haia” e o falso livro de William Stead. In: *Revista da Faculdade de Direito da USP*, v. 62, n. 1, 1967. pp. 283-292. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/issue/view/5392>>. Acesso em: 29 maio 2020.

reportagem de que famílias escocesas vendiam as mocinhas para bordéis de Londres.

Entrevistadora: Malicioso, né?

Raymundo: Bem, então o resultado é que houve um processo. Essa mulher era cúmplice dele. Era uma protestante que tinha se regenerado aparentemente. Fugiu levando a menina para a França para não haver o corpo delito. E ele foi condenado a pena de prisão e pagou a...

Entrevistadora: A fiança.

Raymundo: Fiança? Ele pagou a cadeia.

Entrevistadora: Ficou preso mesmo!

Raymundo: Ficou preso. Enfim...

Entrevistadora: Não é digno de grande confiança.

Raymundo: Então esse grande jornalista já não era uma flor de um cheiro... [risos]

Entrevistadora: A flor do lodo. [risos] É isso aí!

Raymundo: Depois ele se pegou com o cardeal Newman... o cardeal Newman fez uma carta pedindo para ele ser perdoado e tal. Houve um movimento de protestantes também a favor dele, compreendeu, mas ele pagou na prisão. Esteve preso. Ele cumpriu pena de prisão. Mas o essencial... isso é secundário. A pena de prisão é secundária... o fato é o seguinte, é que não existiu o livro. Que o livro foi criado no Brasil. Então... a tal ponto que publicaram o livro lá... nada o livro só foi publicado aqui, meus Deus!

Entrevistadora: Professor, queria então deixar o agradecimento enorme não só meu que estou trabalhando neste projeto, mas como da casa também pela sua participação e queria por favor ouvir as suas palavras finais.

Raymundo: Muito obrigado a você, foi encantadora comigo, teve uma paciência muito grande em procurar tantas vezes até para fazer essa entrevista...

Entrevistadora: Breves dados sobre o professor Raymundo Magalhães Jr.: escritor e jornalista brasileiro. Nasceu em Ubajara, Ceará, em 1907, é membro da Academia Brasileira de Letras e ocupa a cadeira nº 34 desde 1956. Fez seus estudos em Fortaleza e em Campos, Rio de Janeiro, onde iniciou sua atividade jornalística na *Folha de Comércio* de que seria depois redator-chefe. Em 1930, transferiu-se para o Rio de Janeiro, logo ingressando na imprensa carioca onde desempenhou as funções de diretor das revistas *Carioca*, *Vamos Ler* e *Revista da Semana*. Foi secretário de *A Noite Ilustrada*, colunista da *Folha Carioca* e do *Diário de Notícias*... foi também correspondente no estrangeiro e nessa condição visitou alguns

países da América do Sul e os Estados Unidos, pelo ano de 1940. A esse último país voltou, em 1942, como assistente especial do escritório do coordenador de assuntos interamericanos, Nelson Rockefeller, cargo pelo qual respondeu até 1944. Durante esse tempo, colaborou em diversas publicações norte-americanas, como *The New York Times*, *American Mercury*, *Pan American Magazine* and *The Theater Arts*. De regresso ao Brasil, reiniciou suas atividades na imprensa e em 1952 visitou a Europa. Membro do conselho deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e seu diretor desde 1959 foi censor cinematográfico e vereador em duas legislaturas pelo Partido Socialista Brasileiro, de 1949 a 1953, e de 1954 a 1958. Atualmente é redator chefe da revista *Manchete*. Em sua vasta obra ressaltam a coletânea de contos, *Fuga e outros contos*, de 1936; as peças teatrais, *Um judeu*, de 1939, *Carlota Joaquina*, em 1940, *Trio em lá menor*, em 1942, *Vila Rica*, de 1944 e *Canção dentro do pão*, de 1957. Também os ensaios críticos: *Artur Azevedo e sua época*, de 1953, *Machado de Assis desconhecido*, de 1955, *Poesia e vida de Cruz e Souza*, de 1961, *Poesia e vida de Álvares de Azevedo*, de 1962, os ensaios historiográficos: *Três panfletários do Segundo Império*, de 1956; *D. Pedro II e a condessa de Barral*, de 1956; *Deodoro, a espada contra o império*, de 1957 e *Rui, o homem e o mito*, de 1965. Também o dicionário antológico *Ideias e imagens de Machado de Assis*, de 1957, uma antologia de humanismo e sátira de Gregório de Matos e Millor Fernandes, de 1957 também. Duas de suas peças já foram adaptadas ao cinema, *Esta mulher é minha*, 1952 e *A família Lero-Lero*, 1953. Além disso, diretamente para o cinema escreveu com Henrique Pongetti o argumento de *O cavalo treze*, em 1946. Em 1970, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia, conferido aos escritores que mais se destacaram durante o ano.

[Fim da gravação]

PARTE 2
ANOS 1980/1990

**Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira
(Irmã Ana de Lourdes) e Estela Batista Pereira
(depoimento, 1985)**

PEREIRA, Lucila Maria Rui Barbosa Batista e PEREIRA, Estela Batista.
*Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes) e
Estela Batista Pereira. (depoimento, 1985).* Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome das entrevistadas: Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes) e Estela Batista Pereira

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 25 de junho de 1985

Duração¹: 01h 14min 51s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²:

Descritores/Assunto: Jardim (roseiras, canteiros e lagos), aposentos dos empregados, animais, pratos e quitutes das festas, Confeitaria Colombo, vizinhança, carros (Landau, cupê, Vitoria), chá das cinco de Maria Augusta, Cinema Guanabara, visitas a praia de Botafogo, festas, Catulo da Paixão Cearense, *guignol*, falecimento de Rui.

Biografia³:

Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes)
(n. 16/04/1914 – f. [?])

Neta de Rui Barbosa e Maria Augusta.

Filha de Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira e Antônio Batista Pereira.

Médica e irmã de caridade, com o nome de Ana de Lourdes.

Estela⁴ Batista Pereira (Estela Maria Rui Barbosa Batista Pereira)

Neta de Rui Barbosa e Maria Augusta.

Filha de Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira e Antônio Batista Pereira.

¹ A entrevista está dividida em três partes com 31min 15s, 31min 21s e 12min 15s, respectivamente. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² O entrevistador não foi identificado ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por uma pessoa, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui, nos anos 1970.

⁴ Encontramos o nome grafado de duas formas: Estela e Stella.

Entrevista 25/06/1985

PARTE I

Entrevistadora: Projeto Memória de Rui, temos conosco hoje, no dia 25 de junho de 1985, aqui na Casa de Rui Barbosa, d. Estela Batista Pereira e irmã Ana de Lourdes, netas de Rui Barbosa.

Ana: Meu nome de batismo é Lucila Maria. E eu nasci em São Paulo, em 1914, durante um período de dificuldades políticas e ameaças de revolução, quando mamãe foi, então, levada para lá, onde se encontrava a família de papai, para dar à luz a mim. Eu nasci, então, em São Paulo, durante este período conturbado, em 16 de abril de 1914. Minha mãe era Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira, filha mais velha de vovô e de vovó, nascida na Bahia. E eu tive um contato bastante íntimo com meus avós maternos porquanto eu habitei em Casa Rui Barbosa até 1924, dezembro de 1924, quando vovó Maria Augusta deixou a casa para morar em Copacabana na rua Hilário de Gouveia, 88. Eu me lembro... minha primeira recordação, como eu disse a pouco a senhora, é da falta que todos me fizeram quando foram para a Argentina⁵ quando tinha dois anos. Fiquei em casa de tios aqui na rua São Clemente, de tio Carlitos, tia Iaiá, Ana Bandeira.

Entrevistadora: Foram para a Argentina só para a...

⁵ Em junho de 1916, Rui Barbosa foi nomeado, por decreto do presidente Venceslau Brás, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário para representar o Brasil no Primeiro Centenário da Independência Argentina. Em 14 de julho, pronunciou na Faculdade de Direito de Buenos Aires a conferência *Conceitos modernos de Direito Internacional*, conhecida como *O dever dos neutros*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/p_a3.pdf>.

Ana: Foi para o centenário da Argentina. Vovô e vovó foram. Papai e mamãe também foram. Papai foi como conselheiro da embaixada. E eu fiquei com meus tios. E a minha governanta não devia estar presente que era uma pessoa muito querida, uma *nurse* inglesa, *miss* Anny Jered. E eu acordei no meio da noite em uma casa estranha, apavorada, gritando. Depois a segunda recordação, data dos quatro anos, na época 1918, no Jubileu⁶ Cívico⁷ de vovô, na volta de Petrópolis quando eu fiquei deslumbrada com a beleza das samambaias da São Clemente que cercavam a árvore de lichia. E, depois, nós fomos levados para fazer fotografias. Todo mundo... havia um grande movimento na casa e eu fui fotografada⁸ com meu irmão Antônio, minha irmã Delita,⁹ minha irmã Estela, junto à água. Eu me sentei em cima da água. Então, com quatro anos. Depois disso, mais ou menos nessa época, talvez um pouco depois, a minha recordação mais recente é de uma volta de meu avô de Palmira. Então Palmira, hoje Santos Dumont, estado de Minas, onde ele fora descansar. Estava com a saúde precária e procurava de vez em quando uma casa de repouso de um primo nosso, Maneco. Eu não me lembro o sobrenome dele, que era casado com uma das nossas primas, Dobert. E, nós... eu esperava... sentava na beira, no peitoril da janela, da primeira janela da sala da frente. Quando de repente nós ouvimos um barulho. Uma coisa que não sabíamos identificar e os portões se abriram, e a multidão entrou carregando, e os cavalos tinham sumido. Tinham tirado os cavalos dele, a carruagem para transportá-lo. Depois tenho outras recordações que estou à disposição da senhora para elucidar.

Entrevistadora: A senhora estava conversando comigo antes da entrevista sobre o jardim, sobre os animais que existiam na casa, que eu achei muito interessante.

⁶ Sobre o Jubileu Cívico, há uma série de fotografias na base iconográfica da FCRB. Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

⁷ Os festejos do jubileu cívico tiveram início a 11 de agosto de 1918 com uma missa campal celebrada pelo Cardeal Arcoverde no Campo de São Cristóvão, presentes Venceslau Brás, presidente da República, ministros e demais autoridades. No dia 13, Rui recebeu a Legião de Honra do ministro francês Paul Claudel, saudações do Império Britânico, a Cruz de Ouro da Academia de Ciências de Lisboa e a Ordem da Coroa da Bélgica. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/periodo4/lamina27/index.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

⁸ A fotografia rb-rbic 1431.jpg, intitulada de “Netos de Rui Barbosa”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

⁹ Refere-se a Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira.

Ana: Ah, bom! Aqui na casa, a casa era uma casa com bastantes animais. No fundo, nós tínhamos: primeiro, junto ao galinheiro, chamado galinheiro, nós tínhamos gansos, que faziam grande barulho, que chamavam a atenção e que diziam são muito bons guardas. Já na história, eles já... já... uma vez salvaram a cidade e depois soube que era Roma. Ao lado havia dois mastins. São uns cachorros enormes, ferozes, pareciam animais selvagens. Quando a gente chegava parecia que eles queriam comer a gente. Eles eram tão grandes e precisavam de tanta comida, que a comida deles vinha de uma casa de pasto¹⁰ aqui ao lado. A gente às vezes chegava perto, mas ninguém ousava muito brincar com eles. Mas nós tínhamos um papagaio que tinha sido da vovó que era muito... que cantava. Era muito simpático. Ele cantava aportunuguesado. Ele fala aportunuguesado por causa dos empregados que eram todos portugueses. Ele dizia: “Viva o chegada da terra! É co, co, co, co...” E cantava algumas coisas, assim familiares, e me chamava muito pelo nome, porque...

Entrevistadora: Está chegando aqui d. Estela Batista Pereira, que vai também dar o depoimento. Mas agora vamos continuar com d. Ana.

Ana: Mas é... então esse papagaio, nós chamamos de Louro. Ele falava. Falava as coisas mais... que ele ouvia sempre. Chamava muito meu nome porque eu desaparecia pelos jardins e a portuguesa chamava: “Lucila! Lucila!” Então, o papagaio vivia chamando Lucila. Também chamava o nome dos cachorros. Quando nós íamos para Petrópolis, eu acho que o papagaio não ia, mas ia um cachorro de tia Baby, um collie, um policial collie. Chamava-se Joy. E eu tinha um cachorrinho também, pequeno, o Maruf. E no fundo, onde hoje é perto... vizinho ali da... do atual laboratório, havia um galinheirozinho pequeno onde tia Baby criava pintos de raça legorne e red Rhode Island, especialmente legorne. Então, um desses pintos foi salvo nessa época e depois se tornou meu... ele era caolho. Chamava-se então... recebeu o nome de Camões. E ele me conhecia. Ele às vezes entrava dentro de casa. Ele me conhecia pelos passos. Ele morreu, porque nós fomos fazer ele de equilibrista na corda do quarador. Caiu e morreu. E quando nós íamos para Petrópolis nós levávamos os cachorros, esses dois cachorros. Papagaio não sei se levávamos. Não me lembro muito não, mas eu me lembro que era uma mudança em que ia criado, ia bicho, ia... uma verdadeira mudança. Nós

¹⁰ Segundo o Priberam Dicionário, casa de pasto é um estabelecimento modesto onde se servem comidas. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/casa%20de%20pasto>>. Consultado em: 16 jun. 2020.

íamos pela Leopoldina até Raiz da Serra.¹¹ Andávamos de trem e subíamos para Petrópolis.

Estela: Meu nome é Estela Maria. E eu sou a terceira na série dos irmãos, a mais velha era a Maria Adélia, veio depois o meu irmão Rui e depois eu sou a terceira, Estela Maria. E uma ocasião, que ficou gravada na minha mente, foi indo à biblioteca tomar a bênção ao avô e olhando aqueles livros todos nas estantes, eu perguntei: “Vovô, o senhor que tem tantos livros, terá o primeiro livro de leitura?” [risos] Ele achou muita graça. Fora disso a lembrança dele era de uma pessoa sempre preservada, muito carinhosa, mas que a gente olhava à distância com medo de incomodar. Mas, não obstante, ele era muito afetuoso. Se dirigia às crianças, fazia festa. Mas havia ao entorno dele uma espécie de necessidade de preservá-lo, não é? Enfim, de manha de criança, de barulho, de traquinice, essas coisas. E no consenso de todos nós, ele era realmente uma pessoa muito afetuosa.

Entrevistadora: Agora eu pergunto para as senhoras: como era a vida na casa? Era uma vida alegre? Era uma vida animada? Havia acontecimentos sociais frequentes na casa? Festas? Outra coisa também que eu gostaria de saber: havia um relacionamento de vocês com os vizinhos? Né? Aqui da São Clemente? Com pessoas que morassem aqui? Vocês se visitavam? Vocês se lembram disso?

Ana: Primeiro o ambiente da casa, como a senhora está perguntando. O ambiente da casa, eu me lembro, talvez a Estela possa completar, do modo geral era o ambiente da época. Era um ambiente familiar tranquilo, com muitos parentes visitando sempre e muitos amigos. Sempre... era uma casa cheia, de muito movimento, mas era uma casa também onde ocorriam muitos fatos sociais marcantes, como festas. Os aniversários de vovô e de vovó eram sempre muito comemorados. Eram grandes festas. E quando havia delegações estrangeiras que vinham aqui. Hóspedes ilustres. Havia os chamados *garden party*. Naquela época eram de moda. Eram muito conhecidos. O jardim ficava todo iluminado. As árvores iluminadas. E havia também saraus na sala de música, onde as pessoas cantavam. Ah! Violeta... acho que... não me lembro bem os nomes. Eu me lembro da Guiomar Novaes¹² tocar aqui e da Magdalena Tagliaferro,¹³

¹¹ Para maiores informações, vide “história da Estação Leopoldina”, disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-da-estacao-leopoldina/>>.

¹² Para maiores informações, vide o verbete “Guiomar Novaes”, disponível em: <<http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopedia/Guiomar-Novaes>>.

¹³ Para maiores informações, vide o verbete “Magdalena Tagliaferro”, disponível em: <<http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopedia/Magda-Tagliaferro>>.

mocinha, tocar aqui. A vovó... eu me lembro de algumas senhoras cantarem e cantavam até em francês. Eu ficava cheia de admiração de falar uma língua que eu não entendia nada. Eu dizia: “Como é que ela está cantando assim?” E as senhoras cantavam, faziam gestos e todo mundo extasiado. Então, havia com bastante frequência esse ambiente de festa, mas não é uma coisa contínua. Havia em determinadas ocasiões marcando a presença de certas pessoas aqui. Agora de um modo geral, era uma vida de família. Agora, a vovó tinha o hábito de às cinco horas da tarde... naquele tempo mais ou menos todo mundo tomava o *five o'clock tea*, o chá das cinco. Então, ela recebia na sala de conversa e vinham as amigas mais íntimas. D. Iaiá Mangabeira...¹⁴

Entrevistadora: A sala de conversa é aqui em cima no topo da escada?

A sala chamada hoje João Barbosa?

Ana: É, sim senhora! Perto da varanda. Iaiá Mangabeira...

Estela: D. Sinhá Azeredo.¹⁵

Ana: D. Sinhá Azeredo. Você lembrou muito bem. E quem mais vinha, Estela? Você lembra? D. Maricota Palma, né?

Estela: D. Maricota Gordilho, que era prima.

Ana: Maricota Gordilho, nossa prima. Era meio brava. Era prima lá de vovó. Era Moniz de Aragão. E quem mais? E vinham às vezes uns primos lá dos Barbosas de Oliveira. Eu me lembro de tia Camila, muito bonita.

Estela: Vovozinha.

Ana: Vovozinha Jacobina,¹⁶ avó do Américo. Era... vovó grande. Eu não conhecia a avó do Américo. Só ouvia falar muito dela. Mas havia sempre... às cinco horas, havia sempre uma certa reunião. Vovô chegava mais ou menos por essa hora ou um pouco antes. Ele vinha da cidade. Que eu me lembro assim do ambiente da casa era isso. Realmente eu me lembro de acontecimentos marcantes aqui, por exemplo, no centenário,¹⁷ a vinda dos jangadeiros. Vieram de jangada de Pernambuco até o Rio. Não vieram visitar o vovô. O Gago e o Sacadura.¹⁸ Aí então, a colônia portuguesa da

¹⁴ Refere-se a Constança Steiger de Magalhães Castro, esposa de João Mangabeira, político baiano.

¹⁵ Refere-se a Bernardina (Sinhá) Azeredo, esposa do Senador Antônio Azeredo.

¹⁶ Refere-se a Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina (Chiquinha), esposa de Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina.

¹⁷ Refere-se aos festejos do Centenário da Independência do Brasil, em 1922.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Os aeronautas portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Brasil, em 1922”, disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=gago-coutinho>>.

casa, que eram os empregados todos, se embandeirou. O Antônio foi para a porta. Havia o Manoel do escritório, que era português, usava uns grandes bigodes. Foram todos. Queriam beijar a mão do Gago e do Sacadura, e depois o presidente de Portugal, Antônio José de Almeida,¹⁹ que veio aqui. Essas pessoas, aliás, eu me lembro. Também houve uma delegação de juristas, parece de americanos, que vieram aqui. Isso eu tenho uma ideia mais vaga.

Estela: E o rei Alberto?

Ana: O rei Alberto não esteve aqui. Ele veio ao Rio²⁰ e vovô estava em Palmira. Ele mandou avisar o vovô que se ele não viesse ao Rio, ele iria a Palmira. Então vovô veio e almoçou com ele no palácio Guanabara.²¹ Há uma fotografia a esse respeito.

Estela: Se lembra do Catulo Cearense?²²

Ana: Ah! Muito bem! Muito bem!

Estela: Cantando aqui...

Ana: Fala do Catulo.

Estela: ... na biblioteca. Trazido por papai, não é?

Ana: É. Fala do Catulo.

Estela: Bom, eu me lembro dessa festa que me impressionou muito. O Catulo, naquele tempo, era para todo mundo excepcional, uma pessoa excepcional. De modo que ele veio cantar aqui de noite e aquele vulto dele desengonçado, meio grandalhão e trazido por papai.

Ana: É. E vovô tinha uma grande admiração por ele. Vovô gostava muito de “Luar do Sertão”. E nós então fomos admitidos a ouvir o Catulo cantar na biblioteca. Mais de uma vez, Estela!

Estela: Eu me lembro de uma noite. Não sei se foi mais de uma vez.

Ana: Você lembrou bem. Mais de uma vez o Catulo veio aqui. É verdade. Isso sim.

Entrevistadora: D. Ana, a senhora estava falando das festas no jardim. Como é que era o jardim naquela época? Era muito diferente do que ele é hoje?

Ana: Completamente diferente. Primeiramente, a rua que foi passada aqui ao lado desfigurou muito o jardim. Embora tivessem feito esforço para

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “Antônio José de Almeida”, disponível em: <https://www.ebiografia.com/antonio_jose_de_almeida/>.

²⁰ O rei Alberto da Bélgica viajou pelo Brasil no ano de 1920.

²¹ Para maiores informações, vide “história do palácio Guanabara”, disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-palacio-guanabara/>>.

²² Para maiores informações, vide verbete “Catulo da Paixão Cearense”, disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/catulo-da-paixao-cearense/biografia/>>.

reconstituí-lo, algumas árvores foram derrubadas, como o Olho de Boi. Plantado um no lugar do antigo, mas está pequena. É uma árvore que demora muitos anos para crescer. Havia um lindo *ficus* que se deitava sobre o lago, aquele lago do lado esquerdo. Havia um outro lago, igual ao da frente, muito bonito, muito bem tratado. O *Ficus* se deitava sobre aquela alameda. Havia um pé de... braunia, é o que se chama sol do peru. Uma vez perguntei ao vovô: “como chama isso?” E ele disse: “chama-se braunia”. E depois eu soube que o nome popular é “sol do peru”. Mas muito bonita. Havia muito... eu gostava muito de plantas, por isso que eu estou fazendo essa lista. Havia muito aquele... aquela flor que dá em cachos dourados... acácia imperial. Florescia em novembro, dezembro. O aniversário de Estela era no dia do Armistício,²³ 11 de dezembro.

Estela: Novembro.

Ana: Novembro é! Dia 11 de novembro é o dia do Armistício. Então, eu me lembro bem dessas árvores. Depois um grande flamboyant atrás do chuveiro que uma tempestade derrubou. Flamboyant enorme. E as árvores eram muito mais copadas do que são hoje. Porque elas já estão idosas. Já estão morrendo e outras não foram plantadas no lugar. Mas, de um modo geral, o aspecto do jardim era um jardim com grama inglesa – em grande parte, o quarador, ali em frente à garagem, ali perto do outro lago – e os lugares de sombra com junquilha – aquela grama mais escura. E, dentro dos lagos, em volta dos lagos, havia então uma grande riqueza de folhagens tropicais, onde nós gostávamos de brincar nos esconder. Você se lembra? Lembra disso?

Estela: É e com medo. “Essa grama tem cobra!” Porque era uma grama muito alta.

Ana: É. Isso era o junquilha. Essa grama tem cobra. Uma vez encontrei um ninho até de passarinho lá no junquilha. Mas lá na frente onde a gente brincava no meio daquelas pedras, a gente também tinha um pouco de medo. A gente brincava, mas tinha medo. Agora a grande riqueza do jardim eram as roseiras, que eram muito bem tratadas e que recebiam quase que diariamente a visita de vovô,²⁴ que ia em uma por uma e que podava as rosas que estavam secas.

²³ O Dia do Armistício é uma comemoração do fim simbólico da Primeira Guerra Mundial, em 11 de novembro de 1918.

²⁴ A fotografia rb-rbic 2015.jpg, intitulada de “Rui Barbosa fazendo jardinagem”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Entrevistadora: A senhora me disse também que os canteiros eram limitados por uma gradezinha?

Ana: É. Eram limitados por uma gradezinha para preservar inclusive de nossas incursões. As crianças eram policiadas para não estragar o jardim. “Não pode estragar o jardim!”. Mas, brincávamos muito. Mas, tínhamos uma certa polícia para não poder estragar as coisas.

Entrevistadora: Nessa época, d. Estela, quais eram os carros? Não eram esses que estavam aqui? Quais eram os carros que havia na garagem? A senhora se lembra? A senhora me falou de um Ford.²⁵

Ana: Você se lembra?

Estela: Não eram esses?

Ana: Eu me lembro dos carros que ficavam aqui. Havia o Landau²⁶ que ficava na garagem. A Vitória²⁷ ficava em Petrópolis. O Landau e o cupê.²⁸ O cupê, nós disputávamos em momentos de distração para ir brincar dentro do cupê de vovó. Mas, os momentos não eram muito frequentes não. Ele era forrado de um cetim cor de pérola.

Entrevistadora: Esse carro era usado por d. Maria Augusta?

Ana: Era usado por vovó. Eu nunca ouvi assim... não me lembro assim... eu me lembro bem da Vitória em Petrópolis. Agora, havia o Benz,²⁹ também nós não podíamos mexer. Acho que vovô usava muito raramente.

Entrevistadora: Usava muito raramente...

Ana: E o que era mais usado e era usado pela família era um Ford com vidros. Um Ford bigodes com vidros. E nós, a família de papai, tínhamos um Ford de bigode aberto e que nos levava à escola. Nós íamos oito crianças para lá. Não sei como cabia oito crianças...

Estela: Cabia tanta gente!

Ana: ... e a empregada também. Então...

Entrevistadora: E as senhoras não sabem o que foi feito desses carros?

Ana: Não sabemos não!

²⁵ Para maiores informações, vide “O lendário modelo T comemora 100 anos” disponível em: <<https://autobrasil.wordpress.com/2008/03/14/o-lendario-modelo-t-comemora-100-anos/>>.

²⁶ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: D. Ana e d. Estela, e sobre os vizinhos? Havia vizinhos ilustres que moravam por aqui, que as senhoras se lembrem?

Ana: Bom, eu me lembro dos vizinhos. Mas amigos nossos eram a família Steele, não é?

Estela: Mas de frente tinha os amigos de vovô. Seu Aguiar.

Ana: Seu Aguiar não morava em frente? Morava?

Estela: Naquela casa que é o Colégio Jacobina.³⁰

Ana: Era o seu Aguiar?

Estela: É.

Ana: Major Aguiar,³¹ então!

Estela: Major Aguiar e major Palmas.

Ana: Desembargador!

Estela: Desembargador Palmas.³²

Ana: Desembargador Palmas que morava aqui perto.

Estela: Major Aguiar.

Ana: O sr. Rubens Tavares que morava no largo dos Leões. Eram os três comensais mais efetivos daqui. Quase todas as noites eles estavam aqui. E, bom, nós tínhamos o barão de Lucena³³ aqui perto, mas não tínhamos grandes relações.

Estela: Aqui ao lado onde havia depois o colégio de Lourdes. Ao final...

Ana: Havia o colégio de Lourdes e depois a casa do barão de Lucena. Pegava do lado esquerdo o colégio Nossa Senhora de Lourdes e depois a casa do barão de Lucena. Depois havia os Jennys, que eram conhecidos mais distantes...

Estela: Os Jennys eram do outro lado.

³⁰ O Colégio Jacobina foi fundado por Isabel Jacobina Lacombe e Francisca Jacobina Lacombe. Começou a funcionar em 1902 como uma escola familiar na casa de Isabel Jacobina Lacombe, na rua Almirante Tamandaré, Flamengo/RJ. O colégio cresceu e tornou-se um educandário feminino modelo de renome na cidade do Rio de Janeiro. Para maiores informações consulte o livro de Laura Jacobina Lacombe intitulado *Como nasceu o Colégio Jacobina?*.

³¹ Major Carlos Nunes Aguiar, falecido em outubro de 1930. Ele, Carlos Viana Bandeira e Antônio Barroso Fernandes apresentaram Rui com o Landau. (Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=59&ID_M=97>. Acesso em: 20 fev. 2020)

³² Para maiores informações, vide verbete “J. J. Palmas” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PALMA,%20J.%20J..pdf>>.

³³ Para maiores informações, vide verbete “LUCENA, Henrique Pereira de” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUCENA,%20Henrique%20Pereira%20de.pdf>>.

Ana: ... do outro lado, mas eram conhecidos mais distantes. Mas, os que eram assim amigos chegados eram esses três, o desembargador Palma, o major Aguiar e o sr. Rubens Tavares que moravam então nas imediações e a família Steele que morava aqui perto que...

Entrevistadora: Agora as crianças daqui, como as senhoras, não iam brincar na casa de outros vizinhos? Não havia esse hábito de crianças da vizinhança virem brincar com vocês aqui?

Estela: Isso eu creio que não.

Ana: Não. O que havia... nós tínhamos vários primos. Os primos vinham para cá e nós íamos muito para a chácara de papai na Gávea. A única casa de vizinho que eu me lembro de ter brincado foi na casa dos Steele. Tinha uma entrada de cavalos grande e uma porta cocher...

Estela: Uma porta cocheira.

Ana: Uma porta cocheira.

Estela: E tinha um jardim dos fundos.

Ana: Tinha um jardim dos fundos. Eu me lembro de ter brincado lá. Mas fora disso, o jardim aqui era tão grande que nós recebíamos. Eu me lembro da Edyla Mangabeira³⁴ e da Regina Simões³⁵ que vinham aqui, que eu ensinei a subir em árvores, elas duas. E os primos todos que vinham. Geralmente se reuniam. E nas quintas feiras e nos domingos, então, era a sessão de cinema matinê no Guanabara... no cinema Guanabara.³⁶

Entrevistadora: Aqui na praia de Botafogo?

Ana: É na praia de Botafogo. Um pouco depois da rua Voluntários, onde hoje há um grande prédio de apartamentos. Então, havia essa matinê que nós íamos com a empregada. [Inaudível] não ia à matinê. E comíamos... pedíamos licença para comer mariola e pirulito, que eram os grandes sabores desses dias. E nós íamos muito às vezes brincar na chácara de

³⁴ Edyla Mangabeira era jornalista e poetisa. Filha de Otávio Mangabeira e casada com o advogado alemão naturalizado norte-americano Arthur Unger. Para maiores informações, vide “Edyla Mangabeira Unger” disponível em: <<http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0804L4>>.

³⁵ Regina Simões era filha de Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, jornalista fundador do periódico *A Tarde* e político baiano. Após o falecimento do pai, Regina assume junto com o irmão, Renato Simões, e Jorge Calmon a direção de *A Tarde*, em 1957. Para maiores informações, vide “Morre a grande matriarca da Bahia: Regina Simões de Mello Leitão!”, disponível em: <<http://www.hildeangel.com.br/morre-a-grande-matriarca-da-bahia-regina-simo-es-de-mello-leitao/>>.

³⁶ O cinema Guanabara, localizado na praia de Botafogo, 506, foi inaugurado em 1920 e encerrou suas atividades em 1977, mesmo ano da demolição do prédio. (Consultado em <<https://cinemagia.wordpress.com/2019/07/10/cinemas-antigos-cine-guanabara-botafogo-rio/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.)

papai na Gávea. Tomar banho de rio. Tinha uma piscina natural em uma vizinha nossa. Ah!... d. Susana, uma inglesa, e que depois foi à casa do general Rondon. General Rondon morou lá. E depois papai construiu uma represa lajeada que se tornou piscina, onde nós tomávamos banho frequentemente e era uma gostosura ir para lá.

Entrevistadora: E a senhora se lembra: como é que era usado o quiosque?³⁷

Ana: O quiosque era usado no verão para banho de chuveiro, mas quem usou mais o quiosque foi tio João.³⁸ Tio João, quando solteiro, morava ali embaixo do arco. Ali, aquele apartamento era dele. Ele chamava de Château Misère. Ele era muito engraçado, tio João, e meio boêmio. Ele usava muito aquele chuveiro. Ele gostava muito daquele chuveiro. Eu me lembro de ter usado no verão uma vez ou outra. O chuveiro era muito bom.

Entrevistadora: Existe alguma verdade no fato de que Rui fazia ginástica ali? A senhora sabe disso?

Ana: Não! Nunca ouvi dizer. Isso eu acho que é lenda. Você ouviu?

Estela: Não, nunca ouvi dizer.

Entrevistadora: Agora deixa eu te perguntar: havia o hábito de Rui Barbosa e d. Maria Augusta de irem à missa frequentemente? A senhora saberia em que igreja que eles iriam?

Ana: Não. A missa aos domingos, eu não me lembro desse hábito frequente de vovô, porque eu já o conheci idoso. Era uma época em que vovô e vovó eram dispensados disso. Eu me lembro de vovô ir à missa em certas ocasiões, por exemplo, no jubileu cívico e de vez em quando era... a missa era em Santo Inácio. Quando vovó ia. Mamãe ia. Era em Santo Inácio. Frequentava, mas era Santo Inácio. Ele tinha um grande amigo, um padre que era monsenhor Rangel.³⁹

Estela: Monsenhor Rangel que morreu.

Ana: Monsenhor Rangel era amigo muito frequente. E ele se dava com jesuítas. Escrevia com os jesuítas. Escrevia aos jesuítas. Nesse tempo já... acho que já tinham, talvez, falecido. Eles falavam muito em padre [inaudível] que tinha sido professor de tio João. E contava que tio João

³⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³⁸ João Rui Barbosa

³⁹ Para maiores informações, vide “Fernando Rangel de Melo” disponível em: <<http://www.gararu.com/2011/06/fernando-rangel-de-melo.html>>.

quando foi para o colégio Anchieta,⁴⁰ em Friburgo, escreveu uma carta a vovô dizendo: “Papai, eu estou aqui me sentido muito sozinho. Eu acho que tenho vocação para padre. Se você não me tirar daqui eu vou ser padre”. Então, vovô escreveu para ele. Respondeu: “meu filho, se sua vocação for ser padre, eu fico muito satisfeito. Pode seguir a sua vocação”. Vale dizer que meu tio desistiu de ser padre. [risos]

Entrevistadora: Quem é que tomava conta da decoração da casa? Era a d. Maria Augusta mesmo que era a responsável pela decoração da casa?

Estela: Naquele tempo não havia essa decora... essa ideia de decoração, de decoradora. De modo que ela tinha bom gosto, não é? Agora vovô é que trazia as peças...

Ana: Exatamente!

Estela: Ele que adquiria todos os objetos. Ele que trazia. Ele que escolhia. E ela arranjava ao jeito dela. Mas, era ele que trazia.

Entrevistadora: E pela lembrança de vocês, vocês acham que o museu, a casa, está muito diferente ou está bem próxima do que era na época em que vocês viviam aqui?

Ana: Eu acho que está... diferente. Primeiro é uma casa onde não se mora. Então, há essa diferença. Depois, infelizmente, quando vovô morreu, nós tivemos que vender a casa e o que a casa continha. Eram todas peças grandes, nenhum de nós tinha residência capaz de receber essas peças, que eram casas todas de gente que não tinha dinheiro. Gente que vivia, como se dizia antigamente, se vivia bem, mas sem fortuna. Então, vovô também vivia bem sem fortuna. Ganhava e isso dava para sustentar a vida dele e a vida política. Mas então o tapete, por exemplo, vou lhe dar um exemplo. O tapete da biblioteca era um tapete lindo, enorme. Você se lembra?

Estela: Vermelho, não é?

Ana: Vermelho. E ele foi vendido em leilão. Lustres enormes. Lembra dos lustres?

Estela: Lembro. Foram todos vendidos.

Ana: Foram vendidos em leilão.

Estela: Tinha uma passadeira aqui, inglesa, vermelha, que ela tem na Europa. Hoje em dia ainda fabricam aquilo. É uma coisa tradicional. Era toda...

⁴⁰ Para maiores informações, vide “História e arquitetura – Colégio Anchieta”, disponível em: <<https://colegioanchieta.org.br/historia-e-arquitetura>>.

Entrevistadora: E d. Maria Augusta... o que a gente sabe é que o Ministério da Justiça se interessou pela compra da casa e d. Maria Augusta logo após a morte de Rui, ela teve esse desprendimento. Ela já sabia que a casa ia se transformar em museu ou não?

Ana: Aí eu tenho um fato interessante a lhe contar. Quando vovô morreu... se você se lembrar de alguma coisa você acrescenta. Vovô deixou um seguro de cinquenta contos para a filha solteira, que era a tia Baby,⁴¹ e uma causa para receber da Light, 100 contos. Com essa quantia vovó viveu dois anos aqui, porque vovô não deixou mais nada. Dinheiro, coisa nenhuma. E a casa era dispendiosa. E imediatamente levantou-se a ideia de transformar a casa em museu. Mas quando começaram os primeiros entendimentos, o Jockey Club da Argentina mandou oferecer à vovó pela biblioteca cinco mil contos. Só pela biblioteca, deixando a vovó os direitos autorais e a casa intacta, como era. E havia um projeto, uma ideia, de que o governo comprasse todos os objetos da casa, a biblioteca e os direitos autorais por cinco mil contos. Vovó ficou diante da tentação de ficar na casa de que ela gostava muito e com os direitos autorais e de se desfazer da biblioteca. Ou então esperar as negociações com o governo brasileiro que se arrastavam. Mas aí vovó reagiu, como em toda a vida dela, olhando o interesse do país e não dela. Ela disse: “Rui se fosse vivo não deixaria essa biblioteca sair daqui.” De modo que a resposta à Argentina foi: não. E ela aguardou durante dois anos, com as negociações longas que se arrastaram, difíceis, e finalmente o governo comprou⁴² por menos de três mil contos: a casa, a biblioteca e os direitos autorais. E não quis saber de nenhum objeto. Então, nós fomos obrigados a nos desfazer dos objetos maiores. Vovó ficou com os mais preciosos, que posteriormente foram adquiridos pelo presidente Washington Luís, que constituem os objetos do museu que a senhora tem aqui.

⁴¹ Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby) registrou seu depoimento, em 10 de abril de 1975, para o projeto Memória de Rui, na FCRB. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴² Segundo conta na publicação *Rui na vila Maria Augusta*, em 1924, d. Maria Augusta vendeu a casa, mobiliário, biblioteca, manuscritos, arquivo e a propriedade intelectual das obras de Rui à Fazenda Federal dos Estados Unidos do Brasil, pelo valor de dois mil, novecentos e sessenta e cinco contos de réis – 2.965:000\$000 rs. (Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_RejaneMagalhaes_RuiBarbosa_na_VilaMariaAugusta.pdf>.

Estela: E fez-se o leilão⁴³ que deu na época 30 contos. Que era uma coisa irrisória mesmo na época.

Ana: Ah! Isso eu não me lembrava. Eu ouvia dizer que o leilão deu para pagar o leiloeiro apenas.

Estela: Eu me lembro de ter falado nos tais 30 contos, que era pouco pelo que se vendeu, não é?

Entrevistadora: Agora, as senhoras poderiam me dizer o seguinte: vocês se lembram como era Botafogo nessa época? Vocês tinham o hábito de ir ao banho de mar na praia de Botafogo?

Ana: Estela, você se lembra de Botafogo?

Estela: Mas não o banho de mar.

Ana: O banho de mar, não! O banho de mar, não!

Estela: Me lembro de ir no Flamengo.

Ana: Bom, eu não tomei banho de mar no Flamengo. Eu me lembro...

Estela: Com um banhista que levava as crianças.

Ana: Eu me lembro da praia de Botafogo muito bem, porque nós tínhamos uma governanta inglesa que pegava todas as manhãs em mim e pegava no meu irmão Antonio, que é um ano mais moço que eu...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Ana: Passear na praia do Fla... do Botafogo, que era uma praia fechada por um muro de pedra e no meio da praia, mais ou menos, na altura da... antes da rua Bambina, antes da rua Marquês de Olinda, havia o pavilhão, o grande pavilhão. Não sei se você está recordada? Pavilhão de... chamava-se pavilhão de regatas. Pavilhão de regatas onde se serviam sorvetes e coisas assim. Então, a Miss nos levava para passear. No pavilhão de regatas – raramente nós éramos admitidos ir até lá – eram as crianças mais velhas, a Estela, a Delita⁴⁴ e a Lurdinha,⁴⁵ e a Isa,⁴⁶ minha

⁴³ O anúncio do leilão foi publicado *Jornal do Commercio*, no domingo do dia 21 de dezembro de 1924, com a lista completa dos objetos. O leilão ocorreu em 23 de dezembro de 1924.

⁴⁴ Refere-se à irmã cujo nome é Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira.

⁴⁵ Refere-se à prima cujo nome é Maria de Lourdes Rui Barbosa Monte, filha de Alfredo Rui Barbosa e Marina Braga Rui Barbosa.

⁴⁶ Refere-se à prima cujo nome é Maria Luisa Rui Barbosa Leite, filha de Alfredo Rui Barbosa e Marina Braga Rui Barbosa.

prima, que tem retratos até lá no pavilhão de regatas. Nós íamos a pé. Havia no meio da... havia a calçada, que dava para o mar, fechada por essa muralha no meio havia a alameda dos Cavaleiros, onde andavam a cavalo os elegantes da época. Eram alamedas com dois ficus de cada lado. Depois havia a calçada por onde nós íamos a pé, em passo acelerado, até a avenida chamada da Ligação, que é o Oswaldo Cruz, onde havia um *guignol*.⁴⁷ *Guignol* é um teatrinho de crianças. Às vezes, nós assistíamos uma representação e voltamos a pé. Isso é nós dois. Os mais velhos de vez em quando iam lá no pavilhão de regatas, mas eu me lembro da praia de Botafogo, em 22, na festa veneziana do Centenário. Que foi uma beleza! Nós fomos assistir e você deve ter ido também. Na rua Farani, esquina de Botafogo, ali havia uma delegacia de polícia, onde o delegado era nosso primo, então nós fomos para a varanda assistir à festa veneziana. Os barcos todos iluminados e os fogos de artifício era a festa veneziana do centenário. 1922.

Entrevistadora: Isso em que ano?

Ana: 1922.

Entrevistadora: 1922.

Ana: Eu me lembro de ter ido com Antônio hastear a bandeira brasileira aqui no quarto de mamãe na noite de 6 para 7 de setembro. Foi com Antônio.

Estela: Escuta, e aquele pavilhão que havia do lado direito do prédio...

Ana: Esse era o pavilhão que chamavam pavilhão de regatas. Não sei... se era pavilhão de regatas, porque havia do lado direito um pavilhão grande, onde os barcos atracavam, onde se tomava chá e onde havia uma certa vida social ali. Agora, havia depois um clube de regatas mais perto do pavilhão Mourisco⁴⁸ ali.

⁴⁷ “A origem da palavra *Guignol* é o personagem central de um tipo de teatro de bonecos de luva, de feição popular e satírica, apresentado em largos e cafés, desenvolvido em Lyon, no final do século XVIII, por um tecelão de seda desempregado, Laurent Mourguet. O sucesso alcançado em suas apresentações fez com que o nome se confundisse com o do teatro de bonecos francês e viesse a denominar o próprio castelete – caixa cênica enfeitada para apresentação de teatro de bonecos – onde se realizam os espetáculos”. Consultado em: PESSOA, Ana. O Teatro de Bonecos na Belle-Époque carioca. In: *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. v.1, n.03, 2007, pp 193-206. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/issue/view/630/showToc>. Acesso em: 26 jun. 2020.

⁴⁸ O edifício do Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier e construído durante a administração do prefeito Souza Aguiar, de 1906 a 1909. Inicialmente destinava-se a ser Music-Hall, mas funcionou como salão de chá, restaurante e café. A partir da década de 1930, abrigou a biblioteca infantil, gerida por Cecília Meireles, que o transformou num

Entrevistadora: Pavilhão Mourisco?

Estela: Isso que eu queria me lembrar.

Ana: Havia o pavilhão Mourisco que era uma construção de estilo Mourisco, que posteriormente se tornou restaurante. Eu cheguei a jantar lá em 1932. Uma vez comi lá. Era um restaurante como outro qualquer. Não tinha vida noturna. Não era um restaurante. Era o pavilhão Mourisco.

Entrevistadora: E a rua São Clemente?

Ana: A rua São Clemente no começo havia muitas casas antigas, muitas casas de pasto, muitos restaurantes. Eram casas antigas, velhas. Acho que até de período colonial e havia casa de pasto. Eram restaurantes populares. Havia uma grande clientela portuguesa. Tinha umas... na porta tinha umas plantas alongadas – essas que existem aqui no jardim – enfeitando e umas cortinas todas de... de...

Estela: Contas?

Ana: De contas assim.

Entrevistadora: Essas casas se concentravam mais ou menos. Se espalhavam ao longo da rua? Mais aqui no início?

Ana: Não, da rua Bambina para lá.

Entrevistadora: Para praia?

Ana: Da rua Bambina para a praia. Eram umas cortinas, mas não eram propriamente cortinas. Eram vários pendentos assim, de diferentes cores e formas, que serviam também contra as moscas. Pegavam as moscas. Ali chamavam se casas de pasto ou frez de mosca.

Entrevistadora: Falando em casa de pasto. Durante essas festas que vocês comentavam aqui na casa, as festas no jardim, quais os quitutes, vocês se lembram, que eram servidos?

Ana: Bom, eu me lembro... o que você se lembra Estela?

Estela: Bom, nas festas grandes eram diferentes dos almoços e dos jantares. Não é? Então passavam aquelas bandejas com refrescos, com doces, com sanduíches. Aqueles sanduíches que vinham da Casa Colombo.⁴⁹ Naquele tempo só vendiam na Colombo, com aquele presunto fininho. Todo mundo adorava. E era mais isso, porque para os almoços e jantares...

centro de cultura infantil ao conjugar outras atividades como o cinema, música, cartografia, jogos etc. A biblioteca foi fechada em 1937. Foi ainda ponto de coleta de impostos e até ser demolido em 1952, para a construção do Túnel do Pasmado. Consultado em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/12/07/pavilhao-mourisco/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁴⁹ Para maiores informações, vide “Mais de 100 anos de História” disponível em: <<http://www.confeitariacolombo.com.br/#historia>>.

Ana: Eram salgadinhos.

Estela: Havia comidas muito baianas.

Ana: Eram salgadinhos.

Entrevistadora: Era a comida baiana que prevalecia?

Ana: É, mas nesses encontros havia salgadinhos. Havia os sorvetes que vinham da Lalet.⁵⁰

Estela: Da Cavé.⁵¹

Ana: E da Cavé. Que eram lindos!

Estela: Umas bolas assim.

Ana: Bolas não. Às vezes se faziam coisas... formavam pratos artísticos. Não é? Cestas de frutas e vários ornamentos assim. E havia também como bebida alcoólica, eles serviam champanhe ou serviam ponche.

Estela: Ponche é.

Ana: Ponche! Ponche! Agora, se visse a louça em que era servida era o bico de jaca, o jacarandá, porque quebrava menos. [risos] Imaginem quando o meu tio João chegou da Europa, ficou escandalizado. “Vocês são uns bárbaros usando jacarandá por aí!” Vovó dizia: “quebra menos, meu filho!” Agora a comida daqui... isso eu posso dizer porque a gula é comigo. [risos] A Estela é menos gulosa do que eu.

Entrevistadora: Então isso ficou mais gravado na sua memória.

Ana: Se você quiser alguma coisa para lembrar...

Estela: Os pratos baianos também não eram do diário sempre.

Ana: Mas eram muito frequentes.

Estela: Permaneciam. Sempre com muita pimenta. Pimenteiras...

Ana: Duas pimenteiras na mesa.

Estela: Minha irmã...

Ana: Uma para a mamãe com vinagre e outra para a tia Baby com limão. E havia quatro pratos, geralmente. Três no almoço. Era, geralmente, prato de peixe, muitas vezes moqueca de peixe ou de camarão, coisas do mar. Depois tinha uma galinha ou uma carne. Deve ser bife ou ros-bife, uma coisa assim.

Estela: Era da época.

Ana: Era época, todas as casas mais ou menos tinham. E o jantar tinha uma entrada a mais, que era um suflê, uma coisa qualquer assim, e sopa.

⁵⁰ Próximo da Casa Cavé existia uma confeitaria chamada Lalet que ficou aberta até a dona, também francesa, falecer.

⁵¹ Para maiores informações, vide “Vai lá vê a confeitaria Cavé”, disponível em: <<https://historiasporai.blogspot.com/2015/03/vai-la-ve-confeitaria-cave.html>>.

E agora comia... me lembro muito bem da frequência do que se comia aqui de pratos baianos. Moqueca era muito frequente.

Estela: Vatapá.

Ana: Vatapá, caruru e arroz de hauçá, que é carne seca preta... frita no azeite de dendê e a pimenta frita no azeite de dendê.

Estela: Arroz branco.

Ana: Arroz branco.

Entrevistadora: E essas refeições normalmente eram realizadas aonde? Na sala de jantar ou na sala, que nós chamamos de sala de almoço, ali...

Ana e Estela: Na sala de almoço.

Ana: A sala de jantar era usada para cerimônias. Não é?

Estela: Era usada para ocasiões especiais: aniversários, festas.

Entrevistadora: E naquela parte, que atualmente agora está fechada, que é a parte de serviço da casa. A copa era usada como copa. O antigo banheiro. Aquele banheiro era utilizado pelos empregados?

Ana: Não senhora! Nós tínhamos o banheiro de vovô que era usado por vovô, vovó, tia Baby. E quando eu estava com tia Baby sozinha, que mamãe estava em São Paulo operada, eu usei esse banheiro. Mas, geralmente, aquele era usado pelas crianças e pela governanta. Agora, havia um banheiro aqui embaixo que era usado também pela família, por papai, por mamãe, que também usavam aquele banheiro. Havia um aqui embaixo onde é a entrada... havia o quarto da empregada da tia Baby e havia um banheiro.

Estela: Me lembro de vovó contar que quando ela chegou em uma casa que tinha três banheiros ela foi muito criticada, porque naquela época ter três banheiros era um escândalo.

Entrevistadora: E aqueles dois quartos ali em cima, próximos da cozinha, eram usados por quem?

Ana: Ali naqueles quartos nós tínhamos: um quarto que foi quarto de criança. Indiscriminadamente, dormia eu, uma época, com meu irmão Antônio – que tem uma diferença de um ano –, e a governanta inglesa. Dormíamos os três. E ao lado tinha um quarto que era da Maria Ferreira, que era a empregada de quarto de vovó.

Entrevistadora: Sei.

Ana: E depois tinha uma copa. Uma despensa, se não me engano. Depois a copa e cozinha.

Entrevistadora: A senhora se lembra como é que era a cozinha? O fogão?

Ana: Me lembro. Estela deve se lembrar bem? Conta Estela como era.

Estela: Não tinha um fogão muito grande. Como é?

Ana: A lenha.

Estela: A lenha, mas fogão dourado porque...

Ana: Ah! Cobre.

Estela: Cobre

Ana: Era muito brilhante. Era muito bonito.

Estela: Era muito brilhante. Umas panelas imensas. A gente olhava e ficava assustada com o tamanho das panelas. Não é? E tinha sempre uma cozinheira, não é? Era cozinheira, não havia cozinheiro.

Ana: Houve cozinheiro também, Estela. Havia sempre cozinheiro e ajudante.

Estela: Cozinheiro e ajudante, é.

Ana: Houve cozinheiro também e houve cozinheira. Havia essa cozinheira que era ótima. Ficou muitos anos conosco. Mas eu me lembro vaga...

Estela: Como é que ela se chamava? Maria Caseira.

Ana: Não. É Maria Caseira. É Maria Caseira. Agora lá na cozinha, havia uma coisa interessante. Havia a bateria de cobre em exposição, porque eles disseram... eu ouvia dizer em criança que cobre fazia mal, então retiraram e passaram para uma bateria de alumínio. Então nós entrávamos lá e tínhamos aquela exposição, uma bateria de cobre e outra de alumínio. E havia um elevador que levava a comida para a sala de baixo que os empregados almoçavam e jantavam. Eles tinham uma sala de almoço e de jantar para eles.

Estela: Onde atualmente é...

Entrevistadora: Onde atualmente é a biblioteca infantil? Não?

Estela: É a última sala...

Entrevistadora: É a última sala que nós utilizamos para atividades educativas. É essa sala.

Ana: Agora, tínhamos aquela escada que descia da cozinha que vinha para o lugar onde tinha a bomba d'água. [risos] Nós gostávamos de brincar... você nunca brincou na bomba d'água? Nunca te avisaram porque tivesse cuidado com a bomba d'água?

Estela: Não. Isso eu não me lembro, não.

Ana: Porque diziam assim: “tenha cuidado que o seu tio João perdeu um dedo nessa bomba d'água”. Tio João em criança pôs o dedo na bomba. A bomba tirou a primeira falange do dedo. Havia uma grande caixa d'água, que a gente olhava assim meio com espanto, e o tanque de lavar roupas. Ai, depois vinha a cocheira, porque eles dormiam...

Entrevistadora: Na cozinha, a senhora se lembra se havia alguma geladeira? Alguma coisa..

Ana: Não. Havia uma geladeira, eu acho que, na copa. Estela se lembra?

Estela: Na copa havia uma geladeira sim. Na cozinha, eu não lembro.

Ana: Como era a geladeira? Se lembra?

Estela: Grande. Não é?

Ana: Grande. E era uma geladeira que o gelo vinha em grandes pedras.

Entrevistadora: Sim.

Ana: Vinha em grandes pedras e punha-se o gelo dentro da geladeira, e conservava. Agora me lembro também... você se lembra do sorvete como eram feitos?

Estela: Vinha numas caixas, não?

Ana: Isso quando vinham de fora, mas quando era feito em casa.

Estela: Claro que eu não me lembro.

Ana: Eu me lembro. Havia uma máquina de fazer sorvete que a gente punha gelo. Se lembra?

Estela: Agora estou me lembrando.

Ana: E ia sendo batido.

Entrevistadora: Havia isso aqui?

Ana: Havia isso. Havia o sorveteiro que às vezes vinha aqui, mas não gostavam que a gente tomasse sorvete de fora porque diziam que a gente podia pegar... que podia não ser muito limpo.

Entrevistadora: Então, quer dizer que os empregados dormiam aonde? Os empregados da casa?

Ana: Bom, havia a Maria Ferreira que dormia num quarto aqui, rente ao quarto de vovó. A Emília dormia embaixo num quarto pequeno lá perto onde há um serviço... perto da entrada. Havia um quarto pequeno e a Emília dormia. O Antônio morava aqui em frente em uma avenida com a família dele. O Antônio copeiro. Agora os ajudantes... porque tudo tinha ajudante. Havia ajudante de copeiro, ajudante de cozinheiro. Ahh...

Estela: Tinha uns quartos aqui...

Ana: Jardineiros. Mas os jardineiros... o quarto dos jardineiros aqui eram mais as ferramentas. Eu não sei se eles dormiam. Eu não posso garantir.

Estela: Eles dormiam aonde então?

Ana: Acho que dormiam todos aqui por perto. Porque havia muitas casas para portugueses, muitas avenidas.

Entrevistadora: Casas de cômodos, passeio...

Ana: E avenidas. Avenidas. O Antônio tinha uma casa em uma avenida onde ele morava com a família dele quase em frente, praticamente em frente de casa. E quem dormia, eu me lembro bem. Era a Maria Ferreira. Era a Emília, a governanta. A nossa empregada, eu não sei onde ela... ah, aqui embaixo tinha um quarto!

Estela: Era de tia Baby.

Ana: Era a empregada da tia Baby que dormia aqui. Agora os cozinheiros? Maria caseira acho que dormia aqui também. Maria caseira e a filha deviam dormir em quartos lá embaixo.

Entrevistadora: O pão era feito lá naquela sala do forno lá atrás?

Ana: Não, o pão raramente. Era muito gostoso quando era feito lá, mas o movimento era muito grande para fazer pão lá para todo dia. Uma vez ou outra se fazia pão, se fazia um leitão, mas geralmente...

Entrevistadora: Não faz.

Estela: Tinha um pão de Provence.

Ana: Era uma delícia.

Entrevistadora: A senhora disse que onde é atualmente é o Laboratório de Microfilmagem, onde foi à casa do sr. Silvano durante muitos anos, que ali havia uma estufa de avencas?

Ana: Ah, linda! Você se lembra? Que que você lembra da estufa, Estela?

Estela: Era linda! Eu me lembro que era muito grande

Ana: Era uma estufa de vidro...

Entrevistadora: De vidro?

Ana: De vidro fosco e tinha avencas e tinha orquídeas. Era uma beleza. Depois havia um pomar...

Entrevistadora: Lá atrás?

Ana: Havia um pomar e uns canteiros. Vovó me cedeu dois canteiros para poder fazer horta, um canteiro de horta. Depois, havia as mangueiras. Havia um detalhe muito interessante, entre duas alamedas de mangueira, onde está hoje o laguinho, depois vinham as grandes mangueiras. Duas fileiras de mangueiras, no meio devia ter havido uma outra fileira de mangueiras que foi cortada e havia troncos enormes que a gente não conseguia abraçar e que foram transformados em mesas. Você se lembra? Mesas para piquenique, para coisas assim.

Estela: Era no fundo do jardim.

Entrevistadora: d. Estela, a senhora tinha quantos anos quando Rui Barbosa faleceu?

Estela: Eu tinha 11 anos. Ele faleceu em 23, não é? Eu sou de 11.

Entrevistadora: E d. Ana?

Ana: Eu tinha quase nove anos. Eu ia fazer 9 anos em abril e vovô faleceu em março. Eu tinha 8 anos e 11 meses.

Entrevistadora: A senhora habitava esta casa?

Ana: Habitava.

Entrevistadora: E o que que vocês se lembram desse dia?

Ana: Ah! Mas vovô não morreu aqui. Vovô morreu em Petrópolis

Entrevistadora: É. Sim.

Ana: Eu me lembro... talvez eu posso ter uma memória melhor que os outros, porque eu era muito xereta. Como se diz? Muito metida nas coisas. E nesse dia, eu tanto amolei mamãe que mamãe permitiu que eu fosse com tia Baby a um cinema. Porque as sessões de cinema era às três horas da tarde no cinema Petrópolis ou no cinema Odeon. Não lembro?

Entrevistadora: A senhora estava lá em Petrópolis?

Ana: Estava em Petrópolis. Estávamos todos.

Estela: Queria me lembrar o nome. Cinema Odeon.

Ana: Odeon e Petrópolis. Mas era esse nome Petrópolis. E havia uma fita que diziam que era bonita, então eu pedi: “mãe deixa eu ir com tia Baby”. Era uma sessão especial um pouco mais tarde, que acaba às seis e meia ou sete horas. Mas não era hora de criança estar na rua, mas enfim eu tanto chorei que me deixaram ir. Então, eu fui com tia Baby. Quando eu cheguei, encontrei o vovô sentado no sofá. Havia uma sala de jantar e almoço ao comprido e depois havia um *bay window*.⁵² *Bay window* é um prolon...

Estela: Reentrância.

Ana: Reentrância, um prolongamento, onde havia um sofá, janelas de vidro, flores. Vovô estava sentado com um penhoar – devia ser de pelo de camelo – e com um cachecol assim enrolado. E tia Baby perguntou: “o que que você tem papai? Você está doente?”. Ele disse: “Não. Estou com uma ligeira traqueíte”.⁵³ Acontece, no entanto, que este dia foi um

⁵² “Bay Windows são janelas salientes à construção. São projetadas para ficarem desta forma e trazerem mais luminosidade ao ambiente. São uma graça na fachada e também um encanto do lado de dentro”. Disponível em: <<http://itideias.com.br/o-charme-singular-da-bay-window/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

⁵³ A traqueíte corresponde à inflamação da traquéia, que é um órgão do sistema respiratório responsável por conduzir o ar até os brônquios. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/traqueite/#:~:text=A%20traque%C3%ADte%20%C3%A9%20rara%2C%20mas,ao%20g%C3%AAnero%20Staphylococcus%20e%20Streptococcus>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

dia todo especial. Esse dia que eu consegui ir ao cinema, que de manhã subi a bancada baiana toda para Petrópolis. Eu me lembro bem do d. Miguel Calmon,⁵⁴ por quem eu tinha um encanto. Achava que ele era a personificação do príncipe. Que o príncipe deveria ser como ele. Ele era muito bonito, muito fino. Eu me lembro dos Mangabeira, do Imbassahy – que tinha barba –, do Simões Filho.⁵⁵ Subiram todos para lá. Era uma questão da Bahia. E vovó disse: “você vão todos para os fundos do jardim. Não quero ninguém aqui perto, porque o seu avô não pode ser incomodado”. E vovô falou durante quatro horas. A gente ouvia do fundo do jardim. O jardim era grande. Tinha uma outra casa na frente e do outro lado do jardim, quer dizer, do outro lado da rua havia uma catedral protestante que se ouvia a voz de vovô. Ele falou durante quatro horas, a manhã toda. De noite, ele estava, naturalmente, com problema de garganta. Não achamos nada. Fui dormir. Aí, no dia seguinte, começou o movimento na casa. Eu desci para tomar café e vi o dr. Miguel Lemos,⁵⁶ que era médico de vovô, em Petrópolis.

Estela: Baixinho.

Ana: Baixinho, baixinho. Daí a pouco, chega o dr. Luís Barbosa.⁵⁷ Como era o dr. Luís Barbosa?

Estela: Era muito baixo.

Ana: Mas tinha um bigodão. Não tinha? Depois chega o dr. Miguel Couto,⁵⁸ que era alto. Começaram a chegar. O João Marinho.⁵⁹ Começaram a chegar todos os médicos. Então, a casa começou a tomar um ar de preocupação, de movimentação. Começaram a vir os políticos também. E aí fizeram a operação habitual. Tira a criança. Então, nós fomos brincar na outra casa o dia todo. E, de noite, umas sete horas mais ou menos, me puseram na cama e daí a pouco eu ouvi um choro. Choro, choro, choro. Eu perguntei a minha empregada: “o que é isso? O que é isso?”, “isso não é nada. Dorme, dorme”. Dormi. Aí, no dia seguinte, eu fui acordada me sacudindo. “Levanta. Vai se vestir. Vai se lavar. Vai se vestir. Para

⁵⁴ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Calmon”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CALMON,%20Miguel.pdf>>.

⁵⁵ Para maiores informações, vide verbete “Ernesto Simões Filho”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ernesto_simoes_filho>.

⁵⁶ Provavelmente d. Ana trocou o nome de Edgar Correia de Lemos, médico de Rui Barbosa, por Miguel Lemos.

⁵⁷ Médico da família no Rio de Janeiro.

⁵⁸ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Couto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-de-oliveira-couto>>.

⁵⁹ Era otorrinolaringologista.

tomar a bênção ao seu avô.” Eu perguntei: “o que aconteceu?”, “Seu avô morreu essa noite”. Aí nos vestimos e fomos tomar a bênção de meu vovô. Vovô estava deitado na cama, de fraque, com as mãos cruzadas sobre o peito, em cima de um crucifixo⁶⁰ de marfim. Que eu não sei com quem que ficou.

Estela: Não sei.

Ana: Não sei se está com a tia Baby. Por um tempo ficou nas mãos da tia Baby. Agora não sei mais onde está. Então, tomamos a bênção e depois houve a missa de corpo presente. E depois o transporte aqui para o Rio. Mais ou menos meio-dia e meio, uma hora, nós saímos de casa e chegamos em São Clemente às sete e meia da noite. Porque o trem ia parando em todas as estações para o povo ver. O povo chorava. E quando chegamos na praia Vermelha,⁶¹ já à tardinha, era aquela multidão que a gente ficava apavorado. Tiraram o corpo⁶² pela janela. Nós mal vimos isso. Eu me lembro dos soldados. Os soldados todos fardados assim de roupa escura. Quando passava o cortejo, eles punham a espingarda para baixo. Achei aquilo esquisito. E os postes de luz estavam com crepe preto e a multidão chorava muito. E tinha uma cavalaria. Uma cavalaria grande. Tinha muitos cavalos. Ai na fotografia da época, o sr. pode ver melhor isso. O carro em que foi o corpo eu não me lembro. Eu sei que nós fomos a passo até a Biblioteca Nacional, onde o corpo ficou e nós voltamos para casa. Chegamos aqui às sete e tanto da noite. Encontramos os empregados em lágrimas. E veio a portuguesa, sra. Emília e disse que o relógio tinha parado na hora justa que o vovô havia morrido, às oito e meia. Aí ficamos aqui com vovó. Mamãe e eu dormimos com vovó no quarto uns dias. Depois mamãe foi dormir lá para cima e eu fiquei dormindo com vovó um tempo.

Entrevistadora: E as senhoras, depois que houve a venda da casa, foram morar aonde?

Ana: Fomos morar na rua Hilário de Gouveia, 88. Uma casinha muito boazinha para onde ela levou esses móveis bonitos que as senhoras têm aqui na frente. A casa era arrumada realmente com muito gosto. Era uma casa que tinha em cima, eu acho...

⁶⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁶¹ Infere-se que irmã Ana tenha se referido, na verdade, à praia Formosa, estação da Estrada de Ferro Leopoldina onde o esquife desembarcou.

⁶² Há um conjunto de fotografias intituladas “Enterro de Rui Barbosa – 1923”, que estão disponíveis em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Estela: Três quartos.

Ana: Três quartos e um embaixo. E ela levou três empregadas: a cozinheira e mais dois, a copeira e uma outra. Havia um quintalzinho no fundo, com uma grande figueira e um jardimzinho na frente. Então, nas primeiras noites, papai e mamãe dormiam no quarto de baixo. Eu fiquei com vovó em cima. Eu e Delita. Depois nós fomos para a casa de papai na Gávea. E Delita é minha irmã mais velha que ficou morando com vovó. De vez em quando, eu ia para lá. Ou, às vezes, quando Delita passou um tempo no Sul, ficava com vovó. Mas, quem ficou mais fixa foi a Delita.

Entrevistadora: Outro dia eu vi um grupo de pessoas que estava muito interessada em saber como é que era a casa, quer dizer, antes de Rui Barbosa comprar. E me fizeram uma pergunta que é o seguinte: quando o barão da Lagoa⁶³ – que construiu a casa, no caso do século passado, que morava aqui – onde ficavam os escravos? Possivelmente... a senhora teria ideia? Porque a gente não tem aqui nenhum indício de senzala, nada disso.

Ana: Não, nós não conhecemos nenhum indício de escravos aqui. De escravo, o único contato que eu me lembro que nós tivemos, foi com uma velha escrava de uma tia nossa, da família de uma tia nossa, tia por casamento, a mulher⁶⁴ de meu tio Alfredo Rui. A família dela tinha uma escrava muito idosa chamada de Capitulina. Você se lembra? Capitulina. Então ela era uma preta com a cabeça branquinha, branquinha. E eles pediram, como a casa da Gávea era uma chácara muito grande, para a Capitulina ficar lá. E a Capitulina ficou lá e morreu lá. Você se lembra da gente ver a Capitulina? É a única coisa que eu me lembro de escravo. É a única coisa. Agora eu me lembro de muito pobre aqui. Eu me lembro de um que até veio no enterro de vovó. Era menininha, mocinha, vinha aqui receber comida.

Estela: Ximena... magrinha.

Ana: Hein?

Estela: Que os meninos chamavam de Ximena, uma magrinha.

Ana: Ximena, isso mesmo. E que vovô e vovó foram padrinhos de casamento depois dela, porque ela foi casada na polícia. Ela era menor. Um sujeito pegou. A polícia, então, disse que precisava se casar e ela, então,

⁶³ Para maiores informações consultar: PESSOA, Ana. De caixeiro a barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista. In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n.5, 2011, p.97-113. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e05_a21.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

⁶⁴ Refere-se à Marina Braga Rui Barbosa.

chamou o testemunho de vovô e vovó. E vovô e vovó foram padrinhos dela. E havia os pobres que vinham aqui. Agora, como eu lhe disse lá, eu tinha o hábito de ir com tia Baby, aos domingos, visitar os cortiços lá do Humaitá, onde a gente visitava os pobres e via aqueles que tinham necessidade de alguma coisa. E no domingo seguinte, nós trazíamos ou mandávamos levar remédios – eram poções naquele tempo, poção disso, poção daquilo – e comida. Agora a figura de tia Baby era... deu vida aqui... eu não sei de você se lembra. Dois fins de ano que ela fez distribuição de brinquedos e comidas para os pobres aqui.

Estela: Ela que fazia, porque ela era solteira. Nós achamos que ela casou muito tarde. [risos] Mas, casou com 34 anos.

Entrevistadora: E ela se dedicava muito a este trabalho?

Ana: Ela era filha de Maria e ela era muito piedosa. Então ela fez essas duas festas aqui. E a entronização do coração de Jesus foi feita no primeiro salão da frente feita por... foi mais... como dizer, uma iniciativa dela. Depois foi feita em Petrópolis também.

Entrevistadora: Agora, d. Ana e d. Estela, durante as visitas a casa, principalmente com estudantes, nós, os museólogos, tentamos transmitir uma imagem de Rui Barbosa como um estudioso, como um idealista, como uma pessoa dedicada à família. Na opinião das senhoras, qual seria o maior evento de Rui que nós poderíamos transmitir a essas pessoas que nos visitam? d. Estela?

[Risos]

Ana: Eu vou dizer os exemplos que eu me lembro e a Estela vai dizer os que ela se lembra. Eu me lembro primeiro um exemplo, nós não éramos quando crianças admitidas a comer na mesa. A não ser uma vez ou outra, quando era um pouquinho maior nos almoços. Mas, nós íamos dar boa noite ou cumprimentar. E um dia o vovô estava falando, virou-se e disse: “vocês sabem do que eu tenho mais medo?”; “não, vovô. De que? Ladrão?”; “não, de mentiroso.” [risos] “Por quê de mentiroso, vovô?”; “porque a gente não se defende do mentiroso. A gente se defende do ladrão, se defende do assassino, mas do mentiroso a gente não se defende. Não há defesa contra a mentira. E é bom que vocês aprendam que eu prefiro, preferia qualquer outra espécie de homem em minha família do que um mentiroso”. Então, ele dava essas pequenas lições assim. Outra coisa que ele deu uma grande lição de... de igualitarismo.

Uma vez falando com um copeiro, não sei se foi o Antônio ou com outro, eu pedi uma coisa assim. Ele disse: “você precisa aprender uma coisa. Você fez muito mal. Você tem que dizer ‘por favor’ e ‘obrigado’ sempre, porque eles são iguais a você. Você não é mais do que eles”. Ele dava o exemplo e até o Antônio. Ele, um dia, fala para o Antônio: “Antônio, dá-me água!”; “o vovô porque o senhor diz: Antônio, dá-me água! E não diz: Dá-me água! Ou: Me dá água?”; “porque o certo é ‘dá-me água’. Eu não trato o Antônio de vos. Eu trato o Antônio de tu e ‘me dá água’ não é certo”. [Risos] Em bom português. Então, eu me lembro desse... agora o exemplo que mais me ficou foi a coragem dele. Foi na revolução de 22.⁶⁵ Não sei se vocês estão lembrados.

Estela: Vamos ver do que você vai lembrar.

[Risos]

Ana: Em 1922, havia um casamento no dia 4 ou 5 de julho, em Copacabana da Cordelia de Castro Barbosa,⁶⁶ uma grande amiga nossa. E eu fui levar as alianças. Eu era muito pequenininha, embora tivesse oito anos, era muito pequena. Então eu, com um sobrinho dela, fomos levar as alianças. E depois houve a festa, que era na rua Barata Ribeiro, a casa dela. Nós ficamos lá no jardim brincando, quando anoiteceu, tantas horas da noite, apareceu o noivo de uma de nossas primas, que ia se casar logo. Apareceu... os homens iam de casaca nos casamentos. Ele estava de casaca e cartola, uma capa espanhola, e muito aflito, dizendo assim: “ponha os noivos no carro de vocês”. Que era o fordinho de vidro. “Eu já arranjei um táxi para levar a família para São Clemente”. E tia Baby: “o que está acontecendo?” Ele... Eraldo... Eraldo Souza Matos. Ele disse: “o Forte de Copacabana acaba de se revoltar. Vamos embora enquanto não fecham os túneis”. E nós viemos. Encontramos vovó aqui, neste ponto. E vovó disse que não sabe se ficou com mais medo da revolução ou do tamanho dos olhos de tia Baby, que estavam assim. Essa foi a revolução de 9 de junho de 22. Depois eu queria contar o exemplo de vovô. Vovô tinha estado muito doente. Ele nem foi nesse casamento. Ele tinha estado a

⁶⁵ Para maiores informações, vide verbete “Revolta de 5 de julho de 1922”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DE%205%20DE%20JULHO%20DE%201922.pdf>>.

⁶⁶ Segundo o periódico *O Paiz*, de 5 de julho de 1922, o casamento de Cordelia de Castro Barbosa com o dr. José Novaes de Souza Carvalho Netto ocorreu neste mesmo dia na residência da mãe da noiva, à rua Barata Ribeiro n. 299, em Copacabana.

morte a uns meses antes. Teve uremia.⁶⁷ A casa vivia aberta com luzes. As portas não se fechavam. Um dia esqueceram um...

[Fim da gravação]

PARTE 3 (LADO 3 – CORRESPONDE AO LADO 1 DA FITA)

Ana: ... mas, então voltando ao assunto. Vovô havia estado muito doente uns meses atrás e essa casa não se fechava noite e dia e o telefone também não parava. E, depois da doença, os médicos puseram vovô em rigoroso repouso. Tinha que ficar numa cama ou então sentado em poltrona. Não podia estar saindo nem se agitando. Quando houve a revolução, eu acordei com esses vidros aqui desta sala todos balançando e quando fui à sala de jantar todas as cristaleiras balançavam e os cristais também. Porque era grande canhão, da Fortaleza de Copacabana, que atirava contra a cidade. Atirou no centro da cidade para atingir o palácio Guanabara, não conseguiu, mas atingiu o centro da cidade e até houve mortos parece ou feridos. Então na Constituição há dois casos de estado de sítio: guerra com estrangeiro ou população civil em perigo de vida. Aí, nesses casos, pode-se pedir o estado de sítio provisoriamente, por tempo determinado, enquanto existe esse perigo. Então, eu estava aqui andando pelo corredor e ouço uma discussão de vovô e vovó. Vovô dizia assim: “Cota (ele chamava vovó de Cota), eu tenho que sair e tenho que ir ao Senado”. “Rui, você não vai porque os médicos não querem, você esteve muito mal”. “Não, é meu dever ir”. “Você não pode ir”. “Eu vou, porque eu tenho que ir, a cidade está em perigo”. E vovô de fato foi. Depois posteriormente eu soube pelo Tobias Monteiro,⁶⁸ que tinha sido secretário de vovô, que então era senador que estreava no Senado, que estavam todos no Senado reunidos e iam fechar a sessão porque não havia ainda quórum suficiente e eles estavam desorientados, não sabiam o que fazer. Quando viram o vovô subir enrolado num sobretudo, num cachecol, subiu assim com dificuldade, sentou na cadeira, levantou-se e disse: “Está aberta a sessão”. Depois disse: “Voto pelo estado de sítio”. Votou pelo estado de sítio porque a cidade... “porque os civis estão em

⁶⁷ O termo uremia se refere ao nível elevado de ureia existente no sangue.

⁶⁸ Para maiores informações, vide verbete “Tobias Monteiro”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MONTEIRO,%20Tobias.pdf>>.

perigo”. E foi embora. Agora ele votava pelo estado de sítio a favor do adversário da véspera dele que era o Epitácio Pessoa.⁶⁹ Ele, em vez de tomar o partido contra o Epitácio, ele achou que a justiça estava em defender os civis. Então o estado de sítio por um tempo curto, como de fato foi decretado por um tempo curto. E voltou para casa. Nós íamos lá para a chácara de papai, as crianças e tia Baby e tudo isso quando aí telefonaram do palácio avisando que tinha... a revolução tinha sido contida. Isso eu me lembro bem desse rasgo de coragem de vovô. Agora a parte humana dele era muito impressionante o exemplo que ele dava. Isso eu gostaria que a Estela falasse um pouquinho...

Estela: O amor aos humildes, o respeito pela condição dele já é de inferior, então se pode inferiorizar, temos que dar a ele mais do que Deus proporcionou a ele...

Ana: Impressionava muito o respeito com que ele tratava os empregados e obrigava... o ser humano em geral. Quando ele saía na rua, ele era cumprimentado, era muito por desconhecidos. Ele nunca deixava de cumprimentar. E se alguém vinha desconhecido lhe dava a mão, ele dava a mão, agradecia com toda a urbanidade e um de nossos primos um dia estava com ele e não tirou o chapéu... e levou um pito: “o que você pensa que é, você pensa que é melhor que ele, não, não é... não é melhor do que ele não, ele é igual a você. Você fez muito mal e eu não quero mais ver uma atitude semelhante”. Acho que o grande exemplo que deu foi o exemplo da vida dele. Esse exemplo de coragem, de defender um adversário porque o direito estava ao lado do adversário, com o perigo da própria vida. Esse amor aos humildes que a Estela se lembra também que eu me lembro porque ele repisava muito: “não quero ouvir você pedir uma coisa sem pedir ‘por favor’ e ‘obrigado’” e o respeito que ele dava, o exemplo para com um e todos.

Entrevistadora: Qual a influência que teve na vida de vocês o fato de serem netas de Rui Barbosa?

Ana: Fala você primeiro Estela...

Estela: No sentido de querer merecer...

Ana: Para mim um sentido de uma responsabilidade muito grande como Estela disse de estar à altura e nós sabemos que nós não podemos estar à altura dele, mas pelo menos não desmerecer o fato de termos tido esse

⁶⁹ Para maiores informações, vide verbete “Epitácio Pessoa”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PESSOA,%20Epit%C3%A1cio.pdf>>.

privilégio de convivermos com uma pessoa que pregou principalmente pelo exemplo de vida. Ele pregou pela palavra, mas ele pregou especialmente pelo exemplo. Então, a gente tendo convivido... tendo recebido essa graça de termos convivido com uma pessoa que nos deu esse exemplo então a gente procurar de alguma forma se aproximar desse legado que ele nos deu de respeito, de valorização da pessoa humana, de amor ao ser humano... eu acho muito, muito importante...

Estela: Amor à humanidade, sem restrições.

Ana: Sem restrições.

Entrevistadora: Bom, eu queria agradecer demais a vocês que deram uma contribuição valiosa a esse arquivo e vocês teriam mais alguma coisa para dizer?

Ana: Bom, eu acho que a figura de vovô para o arquivo do vovô não seria completa se gente não falasse do convívio com o casal. Maria Augusta e Rui, porque os dois formavam realmente uma unidade complementar. Vovô foi uma pessoa que deu ao vovô aquilo de que ele necessitava, que era a paz de espírito. Vovô foi sempre um espírito atormentado, um espírito mais pessimista e num certo sentido talvez um pouco desencantado das coisas políticas, do relacionamento humano, dos frutos dos relacionamentos humanos. Mas vovó constituía então o lado humano que seria uma imagem muito vulgar, mas seria o lugar de repouso para a vovó... vovó constituía o elemento de repouso de toda a vida dele de luta. Ele, quando chegava em casa, ele encontrava na pessoa da vovó a doçura, a compreensão e o descanso além de um grande amor e de uma grande admiração, porque vovó era uma pessoa belíssima. Um tipo de beleza mesmo. Parecia uma rainha. E muito simples, muito acessível, muito tranquila, muito equilibrada. De modo que ela dava a vovô que era um vulcão, ela dava aquele apaziguamento. Então acho que vovó foi, segundo a palavra acho que de João Mangabeira,⁷⁰ a grande mulher de um grande homem. E eu tenho a impressão que vovô não teria dado talvez toda a sua medida talvez até por situação até de fraqueza de saúde, fraqueza física, se não tivesse tido aquele anjo da guarda que era vovó, que o protegia e que era para ele um ponto seguro, um porto seguro, de descanso, de auxílio, um verdadeiro oásis no meio das tempestades da vida. De modo que eu acho que nunca será demais, falando de vovó,

⁷⁰ Para maiores informações, vide verbete “João Mangabeira” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PESSOA,%20Epit%C3%A1cio.pdf>>.

ressaltar a figura de vovó, que aliás era uma figura que enchia esta casa. E nas festas então... a figura dela brilhava. Você se lembra de alguma...

Estela: Estou me lembrando daquela referência, mas não sei dizer direito que ele disse que do pai herdou a cabeça, da mãe o coração e a minha mulher foi a âncora...

Ana: Foi a âncora...

Estela: ... do meu amor...

Ana: Do meu coração.

Estela: ... da minha vida, do meu braço, do meu coração uma coisa assim.

Isso é uma citação. Vovó realmente ancorava, era o porto seguro.

Ana: Ele chegava aqui. Vinha sempre carregado de livros. Ele encontrava Maria Augusta.

Estela: Ela tinha uma admiração. Ela dizia que era o homem mais bem-educado que ela conheceu. Quando ela descia do carro, ele sempre tirava o chapéu assim para ela como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Ana: Uma coisa... é que de manhã eu descia, me arrumava e ia ver os dois na biblioteca. Os dois estavam tomando chá com torrada naquela... numa mesinha ali numa mesa da biblioteca, no salão grande. Vovô acordava muito cedo, trabalhava até a hora do chá. Depois fazia a barba. Vinha o barbeiro, fazia a barba, fazia o *toilette*. Ainda ficava de pijama e de peignoir, se agasalhava bastante. Tomava o chá com a vovó, depois ia percorrer o jardim, visitar o jardim e visitar suas roseiras. Depois é que ele vinha para o trabalho, acabava sua *toilette* e ia pro trabalho até a hora do almoço. Quer dizer que a vovó, que a manhã toda era de convívio entre os dois e depois quando ele ia a cidade para a banca de advogado que era na rua Assembleia, 12. Ia ao Senado. Ia às livrarias. Ia ao cinema. Sempre que ele podia, ia ao cinema à tarde. Voltava para casa. Ele voltava, além de seus livros, sempre com um presentinho para vovó. Você se lembra? Aquelas estatuetazinhas de sax, uma orquestra de anjinhos e umas bailarinas muito bonitas.

Entrevistadora: Bibelôs?

Ana: Bibelôs de sax. Lindíssimos. Todos comprados de vovô.

Estela: Ele gostava de comprar tudo para casa.

Ana: Gostava de tudo.

Entrevistadora: Ele que comprava?

Ana: Comprou muito porque viu o encanto de vovó por ela de modo que eu acho que nosso depoimento... você se lembra mais de alguma coisa, coisa que a senhora queira em outra ocasião, a gente poderá completar...

agora eu acho que com essa visualização dos dois juntos, porque acho que a figura de vovô é inseparável da de vovó, eu acho que nós estamos procurando dar à senhora a nossa impressão e que eu acho que não é só nossa, é a impressão de todos os que conheceram os dois, os que conhecem a vida dele. Muito obrigada.

Entrevistadora: Muito obrigada a vocês.

[Fim da gravação]

**Odete Parreira Lucena Reis e Lúdia Parreira Loureiro
(depoimento, 1985)**

REIS, Odete Parreira Lucena e LOUREIRO, Lúdia Parreira. *Odete Parreira Lucena Reis e Lúdia Parreira Loureiro. (depoimento, 1985)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição¹

Nome do entrevistado: Odete Parreira Lucena Reis e Lídia Parreira Loureiro

Local da entrevista: Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 13 de agosto de 1985

Duração²: 49min 58s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora: Lídia Cordeiro de Oliveira

Descritores/Assunto: carnaval, vacarias, dr. Monteiro da Silveira, casas, vilas, bonde infância, praia, indumentária, cinema, colégios, rádio, moradores, comércio, jornais, igreja, clubes, enterros, leite, hábitos

Biografia³:

Irmãs, moradoras antigas de Botafogo, o pai tinha uma vacaria na rua São Clemente.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A entrevista está dividida em duas partes com, respectivamente, 31 min 56s e 18min 2s.

³ Biografia elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui, nos anos 1980.

PARTE 1

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui Barbosa, temos conosco hoje aqui na Casa de Rui Barbosa, dia 13 de agosto, as senhoras Odete Parreira Lucena Reis e Lídia Parreira Loureiro, antigas moradoras de Botafogo, e que vão nos contar um pouco sobre aquele Botafogo que elas viveram quando eram meninas. d. Odete e d. Lídia, qual a idade das senhoras?

Odete: Odete, 64 anos.

Lídia: Lídia, 67.

Entrevistadora: Em que época as senhoras vieram viver aqui em Botafogo?

Odete: Vim com seis meses e alguns dias, talvez. Foi em 1922. Eu nasci em julho, chegamos em fevereiro aqui. Lógico que eu não me lembro. Lídia já veio com três anos – não é? – para cá.

Lídia: Eu vim com três, quase quatro. Eu vim em fevereiro, chegamos na véspera de carnaval. E achei muito interessante, porque eu era pequenina. Eu vinha com a família toda de Portugal. E lá não conhecia carnaval. Então cheguei aqui, me deixaram sentadinha na soleira da porta. Eu fiquei maravilhada. Ao mesmo tempo assustada, não é? Com as máscaras. E depois, no dia seguinte era carnaval. No dia seguinte era carnaval. Foram três dias, não é? E eu achava que aqui no Brasil era carnaval toda a vida. Não sabia contar tempo, ainda, quando se tem três para quatro anos, não é? Nunca mais eu me esqueço disso. Porque achava aqui tinha carnaval o ano inteiro. Na minha ideia de criança.

Entrevistadora: E exatamente em que local vocês residiam?

Odete: Na Dezenove de Fevereiro, 49... 47. Passei lá ainda agora mesmo. É. 47. É uma usina de automóveis, uma...

Lídia: Oficina.

Odete: ... casa de motores, de peças de automóveis, forra agora. Passei lá agora mesmo.

Entrevistadora: Quer dizer que atualmente é uma casa de peças...

Lídia: Naquele tempo era um estábulo⁴ que em Botafogo havia muitos. Aqui em São Clemente tinha um no 76...

Odete: Quase todas as ruas tinha um.

Lídia: ... ainda existe o galpão lá nos fundos onde era o estábulo. Agora, na nossa casa, nós não morávamos... o estábulo era em frente, nós morávamos nos fundos, o terreno era muito grande...

Odete: Juntava com o de Voluntários.

Lídia: Nós... muito. Era um terreno que ia de Voluntários a São Clemente. Então nós...

Odete: Formava um T, sabe? O terreno formava um T. A perna do T, Dezenove de Fevereiro...

Lídia: A entrada era pela Dezenove de Fevereiro, 47.

Odete: Se abria para Voluntários e para São Clemente.

Lídia: Depois, quando acabaram os estábulos, que a saúde pública⁵ começou a achar que já não era uma cidade, que não cabia estábulos aqui, porque tinha aquele mau cheiro. Porque tinha mesmo, não é? Com toda a higiene que havia, todo cuidado, aquele cheiro dos animais... então houve uma campanha.⁶ Me lembro de discussões na Câmara sobre isso, querendo acabar, que era contraindicado aqui na cidade. Então terminaram os estábulos, agora é uma oficina de carros e conserto...

Entrevistadora: Sei. Quer dizer que na época esse estábulo pertencia a quem?

Odete: A nosso pai.

Entrevistadora: E a casa de vocês ficava... dava para a Dezenove...

⁴ Segundo o *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e comercial*, do ano de 1926, existia um estábulo pertencente a José Martins, na rua Dezenove de Fevereiro, nº 47. Consultado em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=93234&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

⁵ Para maiores informações, vide “Departamento Nacional de Saúde Pública”, disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=682>>.

⁶ Para maiores informações, vide verbete “Movimento Sanitarista”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/MovimentoSanitarista>>.

Odete: Nos fundos. Bem na parte do T que dá para a Voluntários da Pátria. Quase Voluntários. Ali era uma chácara de flores, uma coisa assim, na Voluntários da Pátria, que juntava com o nosso terreno, com o nosso quintal.

Entrevistadora: Quer dizer que além do estábulo continuava...

Odete: Continuava uma chácara, mas não pertencia a nosso pai. E na São Clemente, a parte de lá, tinha outra chácara também.

Lídia: Ainda era no tempo das chácaras... aquelas chácaras todas...

Entrevistadora: Quer dizer que as pessoas todas das redondezas, os vizinhos, as pessoas que moravam por aqui, iam comprar leite?

Lídia: Compravam o leite.

Entrevistadora: E que mais que o estábulo vendia, além do leite?

Odete: Não, eles vendiam só leite mesmo.

Lídia: Porque naquele tempo...

Odete: E tinham umas mesas na frente...

Lídia: Naquele tempo não havia assim leite em pacotes...

Odete: Engarrafado, não havia.

Lídia: Nem o leite pasteurizado que havia, só vendia em leiterias. Chamavam leite de Minas. Era diferente do estábulo. E havia as pessoas que tinham mais recursos que preferiam leite de vaca, como eles chamavam, não é? Então ia diretamente, tiravam e era engar... – tudo muito cuidado, não é, com latões bem escaldados, então aquele leite era posto naqueles latões...

Odete: Xi, mas era proibido vender leite puro de uma vaca só. Tinha que ser misturado.

Lídia: Mas acontecia... sempre misturava. Baldeava aquilo tudo e depois então era engarrafado. Tudo manual. Mas tudo com muita higiene. Os empregados tinham avental branco, um gorro na cabeça...

Entrevistadora: Tinha vários empregados?

Odete: É. Muitos. Todos comiam em casa.

Lídia: A cauda da vaca era amarrada nas pernas para não esparramar, para não sujar o leite. O leite era coado. Tudo muito limpo. Papai era muito cuidadoso. E como ele, os outros, não é? Papai tinha dois estábulos. Um na rua Paulo Barreto, outro na rua Dezenove de Fevereiro. Então era aquele trabalho de cuidar. E havia pessoas que queriam tomar o leite de uma, daquela vaca.

Odete: O médico mandava, não é? Era. O dr. Monteiro de Silveira, que era médico daqui do bairro, muito conhecido.

Entrevistadora: Como era o nome dele?

Odete: Dr. Monteiro de Silveira. José Luiz Monteiro da Silveira.

Entrevistadora: Ele é morador, era morador daqui?

Odete: Já morreu.

Lídia: Era, morava na rua Voluntário da Pátria, muitos anos.

Odete: Então ele mandava, quando tinha assim uma criança passando mal, uma coisa do intestino, qualquer coisa, ele mandava para lá para casa com um bilhetezinho para o meu pai. “Seu Parreira, para atender essa criança”. Então teve uma ocasião, lembra do guarda que a filhinha tava doente. Deu um retrato até para a mamãe? Esse guarda tinha a filha doente, o outro combinou de ir lá fazer uma vistoria para ver se... ouviram falar que estavam vendendo leite de uma vaca só, ele disse: “Não, não vou porque minha filha se salvou com o leite de lá”. Aí ele deu o retratinho da menininha já sadia, forte. Mamãe guardava com carinho aquele retratinho.

Lídia: Havia paz, amor, as mães que levavam as crianças todo dia para ver.

Odete: Para ver. Mas isso é uma bobagem aquilo, não?

Lídia: Para se respirar aquele ar como se fosse fazenda. Nós que já vivíamos ali achávamos até esquisito.

Odete: Bobagem, não é?

Lídia: Nós achávamos aquilo bobagem. Pois já estávamos ali dentro sempre, aquilo não era novidade. Mas para essas crianças aquilo era novidade, ver a vaca, o bezerrinho mamando.

Entrevistadora: Mas nessa época em que vocês moravam aqui. Botafogo já era muito povoado ou tinha assim muitos terrenos ainda vazios? Tinha muitas casas?

Odete: Não, tinha bastante...

Lídia: Era mais casarões. Tinha poucos edifícios.

Entrevistadora: Eram casarões e não havia casas?

Odete: Depois aos pouquinhos foram fazendo edifício. Derrubando uma casa, fazendo edifício...

Lídia: E muita vila.

Odete: Muita vila de casas pequenas.

Entrevistadora: Ainda existe, não é?

Odete: Ainda existe, é, a rua Dezenove de Fevereiro, por exemplo, é muito antiga.

Lídia: E muitos palacetes. A rua Dona Mariana era toda quase de palacetes. Agora é...

Entrevistadora: E a rua São Clemente. Como é que vocês lembram que era?

Odete: São Clemente era só palacete também.

Lídia: Bonde passando, não é? É, bondes, pouco movimento de carros, muito pouco, a gente atravessava muito a rua com facilidade, e muito casarão. Uns palacetes bonitos, mesmo. Que hoje alguns ainda existem.

Odete: ... de passagem.

Lídia: Existem, é. Tem o Colégio Jacobina...⁷

Entrevistadora: E vocês se lembram de algum contato com a família de Rui Barbosa? Alguém que tenha ido lá comprar o leite, ou qualquer coisa assim?

Odete: Não, não sei.

Lídia: Talvez até fossem fregueses de papai. Porque essas casas todas eram clientes assim mensais. Pagavam mensalmente. Com o caderno, aquela cadernetazinha, não? E os empregados traziam, saíam de madrugada, com o leite engarrafado, botando nas caixinhas, tipo caixa de correio. Alguns tinham até chave para botar o leite ali dentro. O padeiro vinha e botava o pão. Ainda daquele tempo. O padeiro vinha, botava o pão, o jornaleiro botava, aquelas caixas grandes. E quase...

Entrevistadora: E quer dizer que tinha os empregados que levavam o...

Lídia: Muitos.

Odete: Muitos empregados.

Entrevistadora: ... leite na casa das pessoas?

Odete: Eles levantavam às duas da manhã para fazer a ordenha do gado, depois...

Lídia: Escovavam, lavavam...

Odete: ... iam tomar seu banho, tomavam o café, saíam para rua, voltavam às oito horas – para a rua entregar o leite, não é? – de bicicleta, depois voltavam. Meu pai chegou a ter uma égua [risos]. Que era a nossa festa. A gente ia esperar na esquina de... de Voluntários, para ele botar todo mundo em cima da égua.

Entrevistadora: No caso de vocês que moravam perto desse estábulo, vocês tinham uma vida como se fosse de fazenda?

Lídia: Como se fosse de fazenda, é. Pode... as pessoas diziam: “Mas no Botafogo vocês foram criadas assim?”.

Odete: Fomos. Igual à fazenda!

Lídia: Era enorme.

⁷ O Colégio Jacobina foi fundado em 1902 pelas irmãs Francisca (d. Chiquita) e Isabel (d. Belinha) Jacobina Lacombe. Em 1962, Laura Jacobina Lacombe escreveu o livro *Como nasceu o Colégio Jacobina*.

Odete: E tinha criações de porcos, de cabras, de galinha. Um galinheiro grande fechado. Tinha uma horta.

Entrevistadora: Porque quando eu perguntei se vocês vendiam só leite, vocês não vendiam carne nem manteiga, nada disso era...

Lídia: Não, não, vendia só leite.

Odete: Quando matava o bezerro, era só para família. Mas se nascia macho meu pai cortava, dava perna para o médico, uma perna para o advogado, uma perna para o procurador, outra... [risos] então era dividida entre os amigos, dividida entre os importantes lá dele.

Entrevistadora: E dava muito, sobrava para a família?

Lídia: Sobrava muito. Porque tinha bezerro quase sempre, não é?

Odete: As fêmeas, ele criava, entendeu? Os machos ele matava para gente comer, para todos comerem.

Entrevistadora: E me conta um pouco. Como era a vida de vocês assim de criança? Onde é que vocês estudavam? Estudavam em algum colégio...

Lídia: Primeiro eu estudei num colégio antigo, de uma senhora, d. Santinha...

Odete: D. Santinha, pouco conhecida.

Lídia: ... que tinha... é. É uma casinha baixa aqui na rua Dezenove de Fevereiro, número 31, parece, umas casinhas iguais, baixas. Ela era dessas prof... senhoras muito delicadas, que...

Odete: Uma senhora de óculos, cabelo presinho...

Lídia: ... amava ensinar as crianças, sabe? Então ela cuidava... era uma turma só, tudo: primeiro, segundo e terceiro ano em diante. Era primeiro livro, segundo livro, terceiro livro, até chegar a um certo ponto que eu já não tinha mais o que aprender e então fui para a escola pública. Papai não queria deixar não. Porque naquele tempo havia uma prevenção contra a escola pública...

Odete: Menina não precisa estudar...

Lídia: É. Eu consegui. Consegui. Mas era assim nesse coleginho. Depois fomos para a rua da Matriz, que era o colégio público Basílio da Gama. Agora, México.⁸

Odete: Era Escola Basílio da Gama. É. Muito boa.

⁸ Na gestão de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, entre 1931 e 1935, foi elaborado um plano mínimo de edificações que previa para o período de 1934 a 1938, a construção de 74 novas unidades escolares, a ampliação de 16 prédios municipais já erguidos e o aproveitamento de 25 prédios existentes. Desse plano, a construção realizada abrangeu efetivamente 25 novos prédios, dentre eles a da Escola Municipal México, em Botafogo. Consultado em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

Lídia: É. De tarde. De manhã Afrânio Peixoto. No mesmo prédio. Era um prédio grande, desses de varandas, as escadarias...

Odete: Escadas pelos lados, sabe?

Lídia: Depois demoliram e fizeram esse prédio. Talvez maior, com a capacidade mais... mas era muito bom. Professoras muito boas. Aquelas professoras assim...

Entrevistadora: Vocês têm uma boa lembrança do período de escola.

Lídia: Tenho, muito boa.

Entrevistadora: Não têm aqueles traumas de...

Lídia: Não. De jeito nenhum. Às vezes fico impressionada quando a gente fala em trauma. Nós tínhamos aquela vida simples, de brincar no quintal, com os bichos...

Odete: A gente ia brincar na rua. Largava o calçado atrás da porta do estábulo. Saía descalça para a rua.

Lídia: É, escondido.

Odete: Se meu pai via!

Entrevistadora: Vocês brincavam com, tinham muitos colegas...

Odete: Brincava muito na rua...

Lídia: Naquele tempo as crianças brincavam muito na rua.

Odete: ... na calçada, brincava de correr no meio da rua.

Lídia: As meninas brincavam muito. Os meninos se afastavam mais, não queriam se ligar não. Mas as meninas brincavam de roda, pulavam amarelinha, faziam aquele caracol riscado com giz ou com carvão até, que a gente arranjou no chão. Pulávamos, brincávamos de pique, esta história de “o pique é uma pedra”, ou “encosta no portão”...

Odete: A brincadeira da margarida, onde está a margarida...

Lídia: Onde está a margarida...

Odete: Eu queria sempre ficar no meio. Só empurrava... [risos]

Entrevistadora: Essas eram algumas brincadeiras, não?

Lídia: São brincadeiras antigas, de cantar, entrar na roda, dança...

Odete: Passe-passe gavião...

Lídia: Passe-passe gavião, coisas mesmo bem antigas. Mas, isto foi até 1930 e tantos, essas brincadeiras.

Odete: Foi. A gente saiu de lá foi em 1932.

Lídia: Depois, com o progresso, mudou.

Odete: Saímos de lá em 32, não é?

[Corte na gravação]

Odete: A história da [inaudível], que tinha o colégio, Nossa Senhora de Lourdes, aqui da esquina quase, não é?

Lídia: Eu fiz a primeira comunhão no colégio aqui do lado.

Entrevistadora: Vocês tinham o hábito de ir à praia?

Lídia: Ih... [risos] De madrugada.

Odete: Meu pai não deixava. [risos]

Lídia: Naquele tempo se ia à praia de manhã muito cedo, antes do sol, sabe? Não se usava queimar na praia. Então nós íamos cedo. E acompanhada, não é? Mãe, irmãos, aquele grupo.

Odete: A família inteira.

Lídia: Levantava cedo, um ia chamar a outra. Batia na porta de outra, levantava todo mundo.

Odete: As vizinhas todas, a criançada toda.

Entrevistadora: Iam todos de manhã bem cedinho.

Lídia: Ali para a praia de Botafogo. Naquele tempo...

Entrevistadora: Como é que era a praia naquela época?

Lídia: Naquela época a praia era pequena.

Entrevistadora: Não era aterrada, não é?

Lídia: Não tinha o aterro. A praia chegava quase na primeira avenida. Só tinha duas avenidas. Duas avenidas. O resto tudo já foi aterro, por mais de uma vez que fizeram. Então nós descíamos uma rampa, não é? Uma prainha muito pequena. Mas sossegada, não é?

Odete: Como essa praia da Urca, não é, um pouco menor...

Lídia: Menor, bem menor que a da Urca.

Odete: Menos areia.

Lídia: Muito menos areia. Mas, mansinha, então as crianças brincavam à vontade, aprendiam a nadar ali mesmo e aquele grupo amigo voltava tudo junto, na rua, a gente já vinha comendo... que vinha tudo com fome.

Odete: Aí encontrava o padeiro na rua, não é?... as carrocinhas...

Lídia: Comprava aquele pão quentinho das carrocinhas, que ainda havia aquelas carrocinhas na rua, não é? Era um tempo muito bom.

Entrevistadora: E os trajes de banho? Como é que eram os trajes de banho?

Lídia: Ah, como eram engraçados! [risos]

Odete: A Carmem, a nossa irmã, tinha um. Se usava um roupão, com os sapatinhos de borracha, acho que tão usando agora novamente, não é? O sapatinho de borracha, assim cavadinho, entrava na água com sapatinho e tudo, o gorro igual...

Entrevistadora: Se entrava na água com sapatinho...?

Odete: Com sapato e tudo.

Lídia: Para não machucar os pés, não é?

Odete: Para não machucar os pés na areia. E o gorro, também, igual ao das nadadoras, também de borracha prendendo por baixo do queixo, igual ao sapato, o conjunto, não é? E mais o que? O roupão...

Entrevistadora: O maiô era de...

Lídia: O maiô era de ombreiras, feito camiseta.

Odete: Tinha umas ombreiras largas, a gente tinha vergonha, tinha uma sainha na frente, o próprio maiô tinha uma sainha na frente para cobrir um pouquinho da perna, não é? Para crianças, nós íamos geralmente de flanela, não é? Coisas de flanela, com sianinha...

Lídia: Não havia muita malha como agora, não é?

Odete: Depois veio a malha, mas uma malha grossona, quente. Mas é o que se usava. Depois da guerra é que veio com essas mais modernas, lycra, essas coisas todas, não é?

Entrevistadora: Quer dizer que não se costumava ficar bronzeada não?

Lídia: Não, não.

Entrevistadora: Quando o sol começava a apertar vocês vinham...

Lídia: Todos de volta, mas não éramos só nós não. Todo mundo.

Entrevistadora: Todo mundo voltava.

Lídia: Naquele tempo era assim.

Entrevistadora: E a praia não tinha poluição nenhuma.

Odete: Tinha também.

Lídia: Bom, só nos dias de feira, que ali tinha uma feira, no Mour... tinha o Pavilhão Mourisco,⁹ um prédio lindo. Que pena, desmancharam! Não é? E ali tinha em volta do... por ali tinha uma feira.

Entrevistadora: No Pavilhão Mourisco, quais eram as atrações? O que que acontecia?

Lídia: Eu não me lembro de nada.

⁹ O edifício do Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier e construído durante a administração do prefeito Souza Aguiar, de 1906 a 1909. Inicialmente destinava-se a ser Music-Hall, mas funcionou como salão de chá, restaurante e café. A partir da década de 1930 abrigou a Biblioteca Infantil, gerida por Cecília Meireles, que o transformou num centro de cultura infantil ao conjugar outras atividades como o cinema, música, cartografia, jogos etc. A biblioteca foi fechada em 1937. Foi ainda ponto de coleta de impostos até ser demolido, em 1952, para a construção do túnel do Pasmado. (Consultado em <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/12/07/pavilhao-mourisco/>>. Acesso em: 9 maio 2020)

Odete: Eu me lembro de passar lá, de quando estava na escola da praia Vermelha, na Escola Minas Gerais, estava o pessoal fazendo ginástica, acho que era o clube Botafogo, talvez, ou Guanabara, fazendo aquelas ginásticas de barra, ficavam aquelas vidraças abertas, tudo colorido, não é, e então o pessoal fazia ginástica ali, homens e senhoras, moças, não é? O que eu via, não é, não sei.

Entrevistadora: E vocês se lembram do teatrinho de marionete que havia ali?

Odete: Não, não chegamos a ver...

Lídia: Não era ali... tinha ali?

Entrevistadora: Por ali tinha um teatrinho, que a gente sabe, chamado Grand Guignol,¹⁰ um teatro de marionetes. Então, naturalmente foi destruído antes de vocês...

Odete: Uma coisa que está aqui...

Lídia: Eu me lembro em Copacabana.

Odete: ... que eu me lembro muito do nosso tempo, sabe o que é? As batalhas de carnaval, aquele monte de serpentinas na praia, a gente sentava aquelas...

Lídia: Não, aquilo era o curso,¹¹ que juntávamos...

Odete: A gente ia para a praia, os moços...

Lídia: ... de tanta serpentina fazia aquela camada, um carro ligava no outro por serpentinas. E nós que éramos crianças apanhávamos. Todas as crianças apanhavam aqueles montes...

Entrevistadora: E esse curso passava por onde? Aqui pela Voluntários?

Odete: Pela beirada da praia.

Entrevistadora: Ah, sim, pela margem.

Lídia: Até a cidade.

Odete: Mas era juntinho, perto da Voluntários.

¹⁰ “A origem da palavra *guignol* é o personagem central de um tipo de teatro de bonecos de luva, de feição popular e satírica, apresentado em largos e cafés, desenvolvido em Lyon, no final do século XVIII, por um tecelão de seda desempregado, Laurent Mourguet. O sucesso alcançado em suas apresentações fez com que o nome se confundisse com o do teatro de bonecos francês e viesse a denominar o próprio castelete – caixa cênica enfeitada para apresentação de teatro de bonecos – onde se realizam os espetáculos”. Consultado em: PESSOA, Ana. O Teatro de Bonecos na Belle-Époque carioca. In: *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. v.1, n.03, 2007, pp 193-206. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/issue/view/630/showToc>. Acesso em: 26 jun. 2020.

¹¹ Para maiores informações, vide “Cursos carnavalescos e Batalhas de confete”, disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cursos.html>>.

Lídia: Encostado.

Odete: [inaudível]

Lídia: Nós chegamos a fazer também. Aquelas moças fantasiadas, os carros eram todos abertos. Nós abríamos a capota, não é, e nós sentávamos ali na capota, quando aquelas...

Odete: Vestida de bailarina, não é? [risos]

Lídia: ... aquelas fantasias de dama antiga, aquele organdi cheio de babado, a gente jogava assim por fora para aparecer mais. [risos] E cantando, brincando ali dentro do carro. Era uma brincadeira simples, sadia. Sem maldade, não é?

Odete: Não havia maldade.

Entrevistadora: E vocês costumavam ir ao cinema?

Lídia: Muito pouco.

Entrevistadora: Quais eram os cinemas, vocês se lembram?

Lídia: Guanabara.

Odete: Nacional.

Lídia: Primeiro, só o Guanabara.

Entrevistadora: O Guanabara onde era?

Lídia: Esquina de General Polidoro...

Odete: Passagem.

Lídia: É, Passagem com praia de Botafogo.

Odete: Foi derrubado há pouco tempo, não tem muitos anos que foi derribado isso [inaudível]

Entrevistadora: E tinha outro cinema?

Lídia: Só depois, mais tarde, fizeram o Nacional, bem mais tarde. Inda é do nosso tempo. Tempo de mocinha, assim de menina já crescida. Mas de criança mesmo era o Guanabara.

Odete: Guanabara. Tinha teatrinhos por aqui.

Lídia: As escolas também davam...

Odete: Representações.

Lídia: ... davam assim umas entradas que a gente dava só um pouquinho, sabe? Não pagavam. Tinha um desconto. Então, na época de dia da criança, faziam também uma sessão gratuita para crianças.

Odete: Esse colégio fazia representações.

Lídia: E “Vida de Cristo”. Nós não faltávamos. [risos] Todo ano. Era isso. Porque nós tínhamos tanta brincadeira em casa...

Odete: Não dava tempo mesmo.

Lídia: ... tanto espaço e tanta colega, que não dava tempo para estudar e aproveitar o quintal, brincar; porque se brincava mesmo. Toda tarde ia-se para calçada brincar, depois que fazia os trabalhos.

Odete: E, às noites, contando histórias de fantasmas, não é?

Lídia: De noite sentava todo mundo, assim, nas soleiras das portas, aquele grupinho de sete, seis meninas, oito, contando história. Uma sempre mais ativa contava histórias – da carochinha mesmo, daqueles livros, histórias da carochinha mesmo. E começava a contar história. E tinha sempre uma que gostava de contar histórias de impressionar, de assustar. Eu então, era medrosa, não conseguia dormir lembrando das histórias de fantasmas.

Odete: De fantasmas. [inaudível]

Lídia: É, a brincadeira daquele tempo era essa; não tinha televisão, nem rádio tinha ainda. Depois teve rádio.

Odete: A primeira vez que eu ouvi rádio, eu ia passando na Dezenove de Fevereiro mesmo, lá perto de São Clemente, tinha uma casa com o rádio ligado, eu imaginei que era rádio, tanto que não parava de falar, e fiquei passando toda hora na porta, não é, para ouvir o rádio da vizinha, da casa pela janela. Ficava passando toda hora na porta para ouvir o locutor falando. E nunca tinha visto um rádio na minha vida. Eu devia ter que idade? Talvez uns seis, sete anos, oito?

Lídia: É, mais depois, um pouquinho mais tarde, papai tinha um inquilino, um outro prédio, que tinha também um estábulo, tinha umas casas nos fundos, tinha um inquilino nosso – aí nós já tínhamos... não, ainda não tínhamos mudado para lá, nós ainda estávamos em Dezenove de Fevereiro. Mas uma irmã nossa...

Odete: Ordaleta.

Lídia: ... morava lá. E ao lado tinha a casa de um senhor, um inquilino do papai também, que tinha um rádio, mas não era como esses de agora não. Acho que era – não sei como chamava aquilo. Tinha um chassi, com aquelas válvulas. E ficava todo mundo sentado olhando para aquilo e eu inclusive [risos], até uma certa hora da noite. Depois todo mundo se despedia – os vizinhos, que iam escutar. Porque era novidade. Ninguém tinha rádio. Não tinha nem ainda caixa, não. Era só um...

Odete: Um motor com certeza.

Lídia: Eu acho até...

Entrevistadora: [inaudível]

Lídia: Não, mas quase todo mundo tinha era daquilo mesmo. E uns botavam nos ouvidos, até aqueles fones. Depois é que começaram. Já os rádios, o que tinha era microf...

Entrevistadora: É gramofone, não é?

Lídia: Gramofone nós tínhamos.

Odete: Tinha gramofone em casa.

Lídia: [inaudível] Até pouco tempo, eu tinha os discos dele para ouvir. E aquela fala, como é? “Casa... casa Edson, do Rio de Janeiro”, é. Eram assim os discos. Mas, era gramofone. Isso papai já tinha há muito, desde quando eu nasci já tinha.

Odete: Tocava com manivela, não é?

Lídia: É.

Entrevistadora: E vocês, o que vocês acham? Vocês acham que Botafogo mudou muito desde aquela época?

Odete: Mudou demais.

Lídia: Ih, acho que muito mesmo. Muito.

Odete: Mudou muito mesmo. Agora está muito, assim, muito comercializado.

Lídia: Muito bonito.

Odete: As ruas bonitas viraram comércio, quase. Comércio e indústria. Mais indústria, aliás.

Entrevistadora: Muitas empresas, não é?

Odete: Muitas indústrias. A São João Batista, por exemplo, é só de oficinas, não é?

Lídia: É.

Odete: Antigamente era uma rua bonita. Só tem oficinas. Dona Mariana também agora há quanto tempo só tem oficina.

Lídia: Ah, os casarões desapareceram.

Odete: Vão virando clínicas de...

Lídia: Os menores viraram clínicas, mas os maiores desmancharam. Tinha a do Weinchenk. Tinha a do – como é que é o nome dele – Granel. Oswaldo Aranha¹² morava ali na rua. Hime,¹³ industrial muito rico. Tinha Aloísio Salles, o pai dele, não é?

¹² Para maiores informações, vide “Oswaldo Aranha”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/oswaldo_aranha>.

¹³ Segundo o *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial*, do ano de 1903, existia a Hime & C. que eram: “Proprietários das fábricas de laminação de ferro, pontas de Pariz, fundição de metais, ferros de engomar, fogareiros, panelas, ferraduras e canos de chumbo. Importadores de ferro e outros metais, cimento, correias, querosene, ferragens, tintas etc. Material fixo e rodante para estradas de ferro, máquinas para

Odete: [inaudível] deve ter sido na Mariana.

Lídia: Na Mariana. Tinha Weinchenk, Oscar Weinchenk,¹⁴ na esquina de Mariana com a Voluntários. Era um que foi prefeito de Petrópolis, que morava ali. Muita gente importante morava ali na rua Dona Mariana.

Odete: Dona Mariana era muito falada. Até em romances antigos. A gente pagava aqueles romances antigos, papai dizia: “Isto aqui deve ser na Dona Mariana.” Conhecia o bairro também, ele gostava de ver.

Entrevistadora: O que vocês mais lamentam ter sido destruído aqui em Botafogo? Vocês ficaram com muita pena...

Odete: Ah, eu lamentei muito foi a escola ter sumido. A Escola Basílio da Gama, de quando botaram aquela escola abaixo. Foi pena. Mas era escola pública, continua escola pública.

Entrevistadora: Para vocês representava muito...

Odete: Ah, era tudo, não é, aquela escola. Sei lá, onde nós descobrimos a vida foi ali dentro, não é? Aquelas professoras antigas, dedicadas aos alunos, com muito carinho, com amor mesmo, a d. Noêmia, a d. Francisca, a irmã dela...

Lídia: Judite.

Odete: D. Judite. Tinha uma Francisca também. A outra, uma loura...

Lídia: As nossas professoras foram: Judite...

Odete: A minha foi Noêmia. Eu tenho uma recordação delas! Tinha uma outra irmã delas. Gostaria tanto de vê-las novamente!

Lídia: Eu tenho muita pena da praia de Botafogo. Agora está muito bonita, com aqueles jardins, tudo. Mas eu tenho saudades.

Odete: Antigamente, esses jardins, eram todos com... os canteiros todos iguais. Se era margarida, tudo de margaridinha branca. Se era amarelo, todo de margaridinha amarela. E ficava tudo aquilo balançando [inaudível].

Lídia: Naqueles tempos, quando eu ia para escola, porque eu estudava na Escola... Escola Amaro Cavalcanti.¹⁵ Era na esquina de...

lavoura e estabelecimentos industriais”. Associado a companhia temos os nomes de Edward G. Hime, residente à rua Dona Mariana, 11; e Edwin E. Hime, residente à rua da Matriz, 40. Consultado em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=24119&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

¹⁴ Para maiores informações, vide “O nome e o sobrenome do Píer Mauá” disponível em: <<https://portomaravilha.com.br/uploads/revistas/af9662e4dd637e8d5364dd9f65c8db0f.pdf>>.

¹⁵ Para maiores informações, vide “Escolas do Imperador”, disponível em: <<http://urbecarioca.com.br/2019/06/escolas-do-imperador.html>>.

também em Botafogo, não é? Esquina de praia de Botafogo com Marquês de Olinda. Então eu ia pisando naquelas sementinhas do fícus. Eu gostava. Ainda tenho saudades disso. Daquela praia de Botafogo antiga.

Entrevistadora: Vocês iam a pé para a escola?

Lídia: Às vezes íamos de bonde. Mas como aquele grupo ia junto, gostávamos de ir a pé conversando, brincando. E havia sossego nas ruas. Não tinha perigo de assalto não.

Entrevistadora: E a rua Voluntários já tinha bastante comércio, como tem hoje? Qual era o local onde havia mais comércio?

Odete: Tinha muito comércio entre Mariana e São João Batista. Quer dizer, aquela parte de lá.

Lídia: Mais Sorocaba e João Batista.

Odete: Dali para mais, não é? Mariana já tinha leiteria... mais tarde, não é?

Lídia: Um pouquinho mais tarde. No nosso tempo era entre Sorocaba e São João Batista.

Odete: A parte comercial já havia. Já tinha charutaria, tinha leiteria...

Lídia: Era o pedaço do comércio hoje.

Odete: ... tinha ali a Galeria Moderna, muito antiga...

Lídia: Ainda continua.

Odete: ... a Casa Brasil, que é do meu cunhado, muito antiga...

Lídia: Tudo antigo.

Odete: ... mais de cem anos tem aquela casa. Muito mais. A Casa Brasil...

Lídia: Tinha uma chapelaria...

Odete: Chapelaria também. Tinha a Casa Augusto, muito antiga...

Lídia: Muito mais para lá!

Odete: A [inaudível] também, tinha o Correio também.

Entrevistadora: Tinha algum restaurante famoso, importante?

Lídia: Não. Tinha o prédio dos Correios, que era na esquina de São João Batista com rua Voluntários, depois é que mudou.

Odete: Foi para Palmeiras.

Lídia: E em cima tinha um colégio antigo, Pedro Karan. Muito antigo. Eu sei que aquilo ali, eu me lembro desse bairro com muito sossego. Eu saí daqui já com 39 anos. Ainda não tinha esses prédios todos. Então, quando eu venho aqui, eu sinto assim uma diferença! Aquilo me choca. Porque eu estou morando e, bairro sossegado, não é? Lins de Vasconcelos. E quando eu venho para cá, aquela diferença, não sei, me dá uma saudade! Parece que não é mais o mesmo.

Entrevistadora: Porque Botafogo ainda está presente na sua memória e quando a senhora chega aqui sente que o bairro se descaracterizou muito.

Lídia: Eu saí já 30, quase 30 anos. Há 28, mais ou menos. Então, eu ainda sinto, quando eu venho para cá, parece que ainda vou encontrar aquele bairro. E não encontro. Encontro um mundão de prédios.

Odete: É porque hoje é diferente...

Lídia: Eu sei que é progresso, é muito bom, é útil, é interessante, mas dá saudade.

Odete: Aqui na esquina de Dezenove de Fevereiro tinha um depósito de pão, que a gente ia comprar pão ali.

Lídia: Em São Clemente.

Odete: Em São Clemente. 400 réis o pão.

Lídia: Depósitos de pão, vendiam balas, aquelas chupetinhas de açúcar, aqueles pirulitos, tudo a gente comprava por ali.

Entrevistadora: E vocês nessa época se lembram... já sabiam que o Rui Barbosa, que a família Rui Barbosa...

Odete: Já sabíamos. Lá em casa, tinha muito homem, muito empregado; então a mais velha, que era ela, sentava na beira da mesa lendo o jornal, para todo mundo escutar. Porque a maioria dos rapazes, ninguém sabia ler. Os empregados, que vinham de Portugal analfabetos, vindo de trabalhar no gado, não é, já trabalhavam no gado lá em Portugal na terra deles, então uma, a mais um pouco, que sabia ler melhor, sentava na mesa para todo mundo escutar. Lia o *Jornal do Brasil*¹⁶ e...

Lídia: E os correios? Eu escrevia cartas para eles. Não sabiam escrever. Escrevia cartas para família e respondia.

Odete: E havia outro jornal, na época, do comércio,¹⁷ não é, que papai comprava? Era o *Jornal do Commercio*, não é?

Lídia: Eu me lembro do *Jornal do Brasil*.

Odete: *Jornal do Brasil. A Noite*,¹⁸ não é?

Lídia: Não tinha Globo¹⁹ ainda. *A Noite* começou [inaudível].

¹⁶ Para maiores informações, vide verbete “Jornal do Brasil”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>>.

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Jornal do Commercio”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>.

¹⁸ Para maiores informações, vide verbete “A Noite”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a>>.

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “O Globo”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>>.

Entrevistadora: Como é que vocês viam, aqui a casa, Rui Barbosa já era uma pessoa famosa?

Odete: Ah, é. Sempre foi, não é? A gente sempre ouvia falar nele como se fosse um deus. O dr. Monteiro representava a mesma coisa para mim, não é?

Lídia: Para nós, não é?

Odete: Eram os grandes da época, os deuses da época, a gente ouvia falar...

Lídia: E tinha também, em Voluntários, a casa do Miguel Couto,²⁰ muito considerado, um médico...

Odete: E do Artur Bernardes²¹ também. Na esquina de Paulo Barreto, não tinha?

Lídia: Tinha a casa do Artur...

Odete: Aquele cavanhaque dele...

Lídia: Nós passávamos assim e víamos aquela biblioteca enorme, olhámos pela janela, no térreo, e víamos aquela...

Entrevistadora: Em casa de quem, de Artur...

Odete: De Artur Bernardes.

Entrevistadora: Onde que ficava?

Odete: Esquina de Voluntários com Paulo Barreto. E tinha um cajueiro grande que dava para Paulo Barreto, às vezes a senhora dele chegava na porta, não é, com aquele bando que eu chamo aquele penteado dela para cima, tinha uma parte branca aqui em cima, não sei se ela tingia, ou se era postiço...

Lídia: Não, devia ser...

Odete: Então ficava aquelas...

Entrevistadora: Quer dizer que em Botafogo moravam grandes personalidades da época.

Lídia: Muitas, muitas mesmo. Miguel Couto foi um [inaudível] com voluntários.

Odete: Também era aqui.

Lídia: Ainda existe a vila: Miguel Couto. [inaudível] Ainda existe a vila.

Odete: [inaudível] É onde está o hospital do INPS, acho que era ali, não?

Lídia: Não, não [inaudível] não sei se era 36-A [inaudível]

Odete: É onde está o INPS. Derrubaram.

²⁰ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Couto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-de-oliveira-couto>>.

²¹ Para maiores informações, vide verbete “Artur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

Lídia: E essas casas todas eram freguesas de papai. Por isso que nós sabíamos. Tinha aquele livro enorme para botar o nome dos fregueses. Aquele livro. Aquele livro grandão que uma vez uma cabra comeu [risos]. Eu ajudava papai na escrita, na contabilidade. Ajudava, que eu tava estudando. Depois mais tarde eu fui estudar contabilidade, e eu ajudava, ajudei muito a papai a tirar as contas no fim do mês. Eram contas do fim do mês...

Odete: [inaudível]

Lídia: No fim do mês, não podia, se eu me enganasse. Ele: “Vão pensar que fez de propósito, que é isso?” “Papai, já tava feito.”

Odete: Ele era muito honesto nessa parte.

Lídia: Antigamente os comerciantes eram... não digo que agora não sejam. Mas, agora há outras facilidades. Naquele tempo era tudo assim de cabeça, tomava muito [inaudível], honestidade. Basta dizer que papai não permitia que botasse uma gota de água no leite. Havia fama [inaudível]. O leite era puríssimo. Puríssimo. Não permitia. Ele tinha um aparelho para medir a densidade do leite.

Odete: Eu me lembro que chegava a saúde pública várias horas assim.

Lídia: Podia pegar. A qualquer hora. Não encontrava [inaudível]

Odete: Era de madrugada, era às 5 horas da manhã, era 5 da tarde, assim, horários intermediários, para ver se pegava de surpresa. Podia medir que meu pai não se assustava. Pode entrar à vontade...

Lídia: Pode ser que outros botassem, mas meu pai não permitia.

Odete: Ele nunca foi preso, nunca foi multado por causa de estar pondo leite assim.

Entrevistadora: Qual era a igreja; vocês frequentavam igreja?

Odete: A igreja era São João Batista, a população do bairro é a que frequentava.

Lídia: Mas, no meu tempo tinha aqui do lado...

Odete: Deve ser Nossa Senhora de Lourdes, aqui pertinho.

Lídia: ... tinha ao lado disso um convento, colégio – que está agora mais adiante, em São Clemente...

Odete: igreja de Lourdes.

Lídia: Era Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Odete: Agora é igreja de Lourdes.

Lídia: É, mas naquele tempo era Colégio Nossa Senhora de Lourdes.²² Era um colégio particular de meninas que tinham posses, porque

²² Para maiores informações, vide “Nossa história – Colégio Nossa Senhora de Lourdes”, disponível em: <<https://www.cnslb.com.br/historia.html>>.

tinha uniforme de gala, tinha uniforme de todo dia, era um colégio frequentado pelas meninas ricas daqui do bairro. E tinha um catecismo para todos, qualquer pessoa. Eu frequentei esse catecismo. Fiz a Primeira Comunhão. Tinha muito amor a isso. Tinha uma chácara lá nos fundos, agora parece que é a rua Barão de Lucena, não?

Odete: Acho que é.

Lídia: É. Era aquele prédio ali.

Entrevistadora: A rua Barão de Lucena é esta aqui bem do lado aqui da Casa Rui Barbosa.

Odete: Passava o rio por ali, não passava o rio por ali?

Lídia: Passava. Acho que tinha [inaudível], sabe, para regar as plantas e nós gostávamos. Às vezes faziam... as freiras faziam procissão. Era tão grande. Faziam procissão para crianças lá dentro. E eu adorava esse colégio. Fiz primeira comunhão. Tinha teatrinhos, a gente ensaiava, as freiras ensaiavam, fazia aquelas roupas bonitinhas para que nós... e fazia aquelas festinhas...

Entrevistadora: Falando em festas, quais as festas que havia durante o ano, por exemplo, festas juninas já eram comemoradas na época de vocês? Como é que era?

Odete: Comemorar, a gente comemorava no nosso próprio quintal. Quando era criança.

Lídia: Fazia uma fogueira grande...

Odete: Papai comprava jacás, comprava aqueles jacás de vime...

Lídia: Para fazer mais fogo, juntava todo mundo, sempre tinha alguém que tocasse...

Odete: Trazia balão lá da vizinha. Os garotos soltavam balão.

Lídia: Naquele tempo não era acordeom não. Era o que?

Odete: Sanfona.

Lídia: Sanfona... um tocava, a gente assava batata doce e soltava estrelinhas. Esses fogos simples que papai comprava com medo de que nós nos queimássemos, não é? E era assim a nossa brincadeira. Embandeirávamos o quintal; quase todas as casas que tinham quintal faziam isso.

Entrevistadora: Era bem comemorada a festa junina, não é?

Lídia: Era. Agora a igreja fazia no adro, no dia... que a igreja São João Batista fazia uma festinha, com aquelas barraquinhas...

Odete: Ainda faz agora.

Lídia: Aí era frequentado pelo povo do lugar. Agora, depois, fizeram a igreja de Santo Inácio. Mas foi depois que nós viemos para aqui. Em vinte e

poucos. Demorou muito tempo construindo aquela igreja... e nós passamos a frequentar Santo Inácio, não foi.

Odete: É. Eu frequentei lá. Mamãe, nós íamos muito.

Lídia: Era mais perto de nós. Eram nossas missas. É. Sete e meia.

Odete: Aliás, nosso passeio era a missa.

Lídia: Nosso passeio era missa.

Odete: Então a gente ia de boina, não é, de chapeuzinho, de luva, de...

Lídia: Tudo direitinho.

Odete: Quando chegava na igreja voltava.

Lídia: Mas era [inaudível]

Odete: Eu me lembro, ainda se usava véu. Eu vi na televisão.

Lídia: Eu ainda usei véu para comungar.

Odete: Pois é, mas agora eu vi naquela novela do Roque Santeiro [inaudível] descia o véu na cabeça. Eu me lembrei dessa época, não é?

Lídia: É, nós tínhamos aquele filó com rendinha na volta, ninguém comungava sem...

Odete: Para confessar e comungar.

Lídia: Era um respeito, talvez não seja respeito, porque agora tanto podem ter respeito sem cobrir a cabeça, não é?

Entrevistadora: Era um hábito.

Lídia: Era hábito. Era hábito.

Odete: É. Mas era bonito.

Entrevistadora: E falando nisso, em tradição, as festas de Cosme e Damião? Na época de vocês não eram comemoradas ainda?

Lídia: Não havia não. Eu só fui conhecer isso quando eu já tinha filho pequeno. Não conhecemos. Nem se falava em umbanda. Não se falava.

Entrevistadora: É porque é a festa do...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Entrevistadora: Clubes do bairro? Vocês costumavam frequentar?

Odete: Não frequentávamos não.

Lídia: Não, porque meu pai era muito severo e achava que aquilo não era lugar para meninas. Mas havia lugares muito sérios. Tinha o Botafogo Futebol Clube,²³ esse agora ainda, não é?

Entrevistadora: E tinha o de Regatas...

Odete: Guanabara.

Lídia: Guanabara. Que ainda existe. Mas eles estavam quase dentro d'água, não é, agora foram retirados por causa do aterro. E, nesse clube, além dos bailes, tinha natação...

Odete: Faziam regatas, eram bonitas, não é?

Lídia: Regatas, natação, tinha o tiro de guerra, que os rapazes que não iam para o exército, porque trabalhavam e estudavam, eles faziam o tiro de guerra e no fim tiravam o certificado. Aqui tinham exercícios, marchas e eles saíam preparados como se, talvez como saem do exército, não sei.

Entrevistadora: Agora, d. Odete, eu soube de uma história, que a senhora talvez gostasse de contar para a gente, sobre o seu tesouro que foi enterrado e que a senhora até hoje gostaria de rever o seu tesouro. Que história é essa?

Lídia: Eu não sei disso.

Odete: Meus irmãos tinham – garotos, não é? – com 14, 12 anos, 11 anos. É aquela idade da fantasia, não é? Então, a gente tinha um namoradinho da mesma idade deles, dos irmãos...

Lídia: Ah, eu me lembro...

Odete: Então eles faziam... por exemplo, roubavam fitinha da namorada, não é, e botavam numa caixinha de charuto. E eu também tinha os meus; mas o meu era dentro do colchão.

Lídia: Eu me lembro do buraco no quintal em que você escondia cartinhas, não sei que, para o papai não ver. E depois tapava com uma pedra.

Odete: Os meninos, o Tarcílio, não é, que era meu namoradinho. O Tarcílio, o José, nosso irmão, o Alfredo, cada um tinha sua caixinha de charuto e botava as cartinhas de namorada ali, com aquele coraçãozinho desenhado, uma setinha caindo feito uma gotinha de sangue, então botava florzinha que pegava uma do outro, então botava ali dentro daquela caixinha, tirava o paralelepípedo da rua – paralelepípedo, falei certo –, tirava da rua, furavam mais, botava a caixinha de charuto assim envolvida em papel jornal e botava o paralelepípedo novamente ali em cima. Quer dizer, cada um

²³ Para maiores informações, vide “História – Botafogo”, disponível em: <<https://www.botafogo.com.br/historia.php>>.

tinha o seu, não é? Quando queria guardar alguma coisa, ia lá – em frente à nossa porta mesmo, não é? –, aí até que um dia a família descobria do namorinho, dava um esculacho para cada um, brigavam e ameaçava bater e prender... prender, mas assim, dentro de casa, não é? Até que a gente desistia do namorinho e partia para outra, não é?

Lídia: Mas, lá em casa tinha um buraco também no quintal. Eu me lembro, não é? Lá em Paulo Barreto – nós já morávamos em Paulo Barreto. Eu já era mocinha, não participava disso não. Mas eu me lembro – acho que era seu – que escavou e botava ali os segredos e cobria com uma pedra.

Odete: Eram os meninos que faziam.

Lídia: Os garotos é que faziam. Eu tinha um irmão que fazia até casa no quintal. De madeira! Casa que a gente entrava e saía...

Odete: E charretes!

Lídia: Para nós brincarmos, não é? Tinha janela, porta, tinha tudo. Quando ele cismava, mudava a casa de lugar. Porque ele sempre teve jeito para isso. Com soalho e tudo. Papai deixava. Porque papai deixava a gente costurar na máquina, pequena ainda, podia quebrar...

Entrevistadora: Vocês tiveram uma educação assim muito alegre, mas vocês não acham que tiveram uma educação rígida?

Lídia: Foi rígida. Mas ao mesmo tempo com li... dentro de casa, ali no quintal, podia fazer o que quisesse. Desde que não fosse saliência! Mas, assim: se queria costurar na máquina? Podia até quebrar as agulhas todas que papai não se importava. Como é que vai aprender se não quebrar? Sabe? Dava peças de fazenda, pano baratinho para nós cortarmos roupinha, até para dar para crianças pobres por ali. Podia estragar que não fazia mal não. Opala baratinha, flanelinha, assim, quer dizer, muito à vontade, para nós termos liberdade de fazer, criar até. Agora: rua, sozinha, andar de noite, sair para passeio...

Odete: Isso não.

Lídia: ... bailes, nada disso. Ele não deixava. Isso até mocinha, até casar.

Odete: Eu nunca fui a um baile, aliás.

Lídia: Eu também.

Odete: Eu nunca fui, porque meu pai não deixava mesmo.

Lídia: Não deixava. Nem a da minha formatura!

Odete: Eu não sei dançar. Essa dança moderna eu sei, mas agora, dança de coladinho, não sei mesmo.

Entrevistadora: Agora, esse tesouro que vocês falam, da caixinha, não aconteceu de o asfalto passar por cima?

Odete: Ah, depois, quando veio o asfalto para rua, nós já estávamos maiores, não é?

Lídia: Já não pensávamos mais nisso.

Odete: Eu tinha outras ideias. Não tinha mais aquela fase de segredinhos, de cartinha de namorado. Eu tava com outras ideias, diferentes, estudando mais, mais velha...

Lídia: O asfalto veio depois. Era tudo paralelepípedo. Paulo Barreto foi paralelepípedo até muito tarde. Dezenove de Fevereiro já foi mais cedo um pouquinho. Mas aí nós já estávamos mocinhas.

Odete: É, nesta fase devia estar com uns 11, 12 anos.

Lídia: É. Já não interessava mais. Eu nem estava mais no primário...

Entrevistadora: Além das festas, por exemplo, festa junina ou do carnaval, existia alguma outra festa em que a população do bairro... vocês se lembram?

Lídia: Só as procissões.

Odete: E tinha também outra coisa: os enterros. Lembra os enterros, passavam à pompa.

Lídia: Ah, os enterros eram a pompa. Tinha para todo jeito!

Odete: Ia a pé para o cemitério...

Lídia: Outra coisa que eu me lembro muito bem, os clubes de carnaval. Não tinha desfiles como agora. Era tudo baiana. Então passava até tarde da noite...

Entrevistadora: As escolas de samba?

Lídia: Não eram escolas de samba. Era...

Entrevistadora: Como se fossem grandes blocos.

Lídia: Blocos. É. Aqui em São Clemente tinha um. Passagem tinha mais de um. Então saía aquela gente toda. Sempre homens fantasiados. Era mais homem.

Odete: Homem vestido de mulher. De baiana.

Lídia: Baiana. Bem-vestidas e tudo. Mas era hábito. Os homens é que se fantasiavam mais. De baianas.

Odete: Colares enormes...

Lídia: Aqueles colares enormes, aqueles torsos na cabeça, aquelas saias rodadas, então a gente saía da cama às vezes tarde da noite. Não sei nem a que horas, que eu era criança, para olhar, achava lindo. O pessoal cantando... mas muito diferente de agora.

Entrevistadora: E vocês têm alguma lembrança, assim de uma coisa que vocês se lembram, dessa época que marcou vocês aqui? Vocês fizeram grandes amigos aqui, que até hoje...

Lídia: Muitos. Mesmo porque nós daqui, da rua Dezenove de Fevereiro, fomos para Paulo Barreto. Aqui pertinho. Continuamos com as mesmas amigadas.

Odete: Depois, no tempo do colégio continuou. Desde o primeiro ano, toda a vida sempre as mesmas turmas.

Lídia: Depois muitas foram comigo para Amaro Cavalcanti. Quer dizer, continuou aquela amizade da rua. Quer dizer, gente da rua mesmo. Depois nós...

Odete: Foram casando. Depois todo mundo foi casando.

Lídia: Foram casando. Um para um lado, outras foram para o outro... mas... e que eu ia dizer, que eu *tou* me lembrando de um negócio... ah, depois de casada fui morar em São João Batista. Sempre em Botafogo. Meu filho nasceu, eu morava em São João Batista. Depois fui para Real Grandeza. Não, Dona Mariana. Eu casei, fui para São João Batista, depois vim para Dona Mariana. Quando meu filho nasceu, eu estava ali. Saí dali quando ele já tinha um ano e pouco. Fui morar em Real Grandeza. Sempre em Botafogo. Também era outra rua, só de gente, quase, casarões. Depois voltei para São João Batista. Fiquei alguns anos. Aí já era apartamento. Já estava a rua diferente. Já era cheia de prédios de... de oficinas, já estava mudando.

Lídia: Eu saí em... 54, em 57, parece. Aí fui [inaudível] para o Lins. Quer dizer, morei aqui em Botafogo, dos três anos, quase quatro, até os 38, ou 39. Muito tempo. Então tenho amor a esse bairro. É por isso que eu sinto pena quando vejo tudo tão diferente. Agora, essa rua ainda tem muitos casarões bonitos. Tinha a embaixada de Portugal ali em São Clemente, não é?

Odete: É.

Entrevistadora: Ainda tem alguma coisa que pode se preservar, inclusive guardar aquela memória, que para vocês ainda é tão viva, não é, vocês viram que a gente não consegue ainda nem imaginar, não consegue mais imaginar. Está tão descaracterizada!

Odete: Outra coisa que eu tava me lembrando. Quem fala assim em estábulo, também – nosso pai era vaqueiro –, pensa assim num estábulo de fazenda, estábulo de sítio, era completamente diferente. Não é como aqueles que se vê sempre em fazenda não.

Lídia: Na frente tinha como se fosse um bar. Com uma porção de mesas para pessoas tomar leite.

Odete: É como se fosse uma leiteria.

Lídia: Todo ladrilhado de branco...

Odete: Com mesinhas de mármore...

Lídia: Aquelas mesinhas...

Odete: ... de pés de ferro, cadeiras de ferro, mármore por cima...

Entrevistadora: Essa leiteria ficava aonde?

Odete: A gente chamava de botequim.

Lídia: Ficava aqui na frente do prédio...

Odete: Na frente da rua.

Lídia: Era uma loja. Ainda existe a loja. De costas para a rua. E portas comuns de loja.

Odete: E ali tinha mesinhas de mármore, e o freguês sentava ali, queria tomar leite cru ali na hora. Então tirava e tomava o leite ali na hora, levava biscoito, levava alguma coisa, tomava um copo de leite ali na hora.

Lídia: Era só isso. Também não tinha mais nada.

Odete: Então tinha um caminho acimentado pelo meio e uma ala para botar o gado de cada lado. O gado era alimentado com feijão, com fubá, com farelo...

Lídia: Feijão cozido, hein?

Odete: ... farelo de trigo, feijão cozido e moído com...

Entrevistadora: E a casa de vocês então ficava...

Lídia: No fundo, é. Bem nos fundos.

Odete: Bem distante.

Entrevistadora: Como é que era a casa de vocês?

Odete: Era uma casa muito simples.

Lídia: Bem simples. Chão de soalho, não é? Que naquele tempo não se encerava, era lavado. Uma cozinha enorme! Tinha uma mesa grande onde os empregados comiam...

Odete: Eram duas mesas, não é?

Lídia: ... papai... bom, mas a mesa de refeição era enorme, cobria com um oleado – naquele tempo era oleado que se chamava –, papai comia junto com os outros...

Odete: A mesa dos homens, ele dizia que era...

Lídia: ... a família não se juntava naquela mesa. Papai comia da mesma comida deles para manter também respeito, não é? Para não haver confusão, nem discussão, nem palavrão. Então eles comiam com todo respeito, aqueles travessões enormes de cozido, feijão, aquilo tudo, eram muito bem alimentados.

Entrevistadora: E quem fazia essa...

Odete: Tinha empregada. Era a empregada.

Lídia: Tinha empregada. Mas, mamãe sempre dava uma mãozinha. Nós também fomos crescendo. Papai queria que nós aprendêssemos de tudo, então nos obrigava a fazer alguma coisa. Lavar um pouquinho de louça e arrumar a casa... isso mais para nós termos uma base, para saber... ele dizia: “Mesmo que vocês casem com homem rico, vocês precisam saber mandar”. A gente dizia: “Ah, papai...” “Tem que aprender, um dia vocês vão precisar talvez mandar. Se vocês não precisarem fazer, vão precisar mandar”. Era aquela teoria daquele tempo, não é? Porque naquele tempo as mulheres não trabalhavam fora.

Entrevistadora: Mas então o gado...

Odete: O gado era alimentado com feijão, com fubá, com farelo de trigo, casca de trigo, com cevada...

Lídia: A casca da cevada vinha da cervejaria na rua São Clemente.

Odete: Caminhões de cevada. Botava tudo num tanque. Aí misturava tudo com água.

Entrevistadora: Que cerveja era?

Odete: Ah, não sabemos.

Lídia: Não me lembro. Tinha uma cervejaria em São Clemente, então nós íamos buscar até fermento de cerveja para tomar com água e açúcar que era bom, diziam que era bom para o sangue. E, também, aquelas sobras, as cascas da cevada iam para o gado, aqueles caminhões.

Odete: Eles misturavam no alimento do gado.

Lídia: E o capim verde também vinha.

Odete: O capim verde que comprava aqueles caminhões de capim...

Lídia: No início tinha até carro de boi. Tinha carro de boi. Ia apanhar no Leblon...

Odete: Na Lagoa, pois a Lagoa Rodrigo de Freitas era cob... as beiradas, as orlas todas de... com capim. Nó! Mas da altura de uma pessoa...

Lídia: Os empregados tinham foice.

Odete: ... cortar com foice, botar no caminhão e levar.

Lídia: Mas, era uma vida diferente que nós tivemos.

Entrevistadora: Quer dizer que o capim do gado vinha da Lagoa?

Lídia: É, da Lagoa, do Leblon...

Odete: E rã! Eles apanhavam rãs.

Lídia: Eu tinha pavor daquilo. Nunca comi. Mas o pessoal gostava. Agora, trazia aquele capim e botava... no estábulo tinha aquela, chamavam baias, feito cocho, mas era inteiriço. Era de ponta a ponta. E ali botavam

o capim, elas comiam. Agora, a comida mesmo era em tinas. Mas, as vacas eram escovadas, dá impressão: “Estábulo, que horror!”.

Odete: Não, mas eram escovadas muitas vezes ao dia.

Lídia: ... mas eram escovadas todo dia. Eram lavadas de vez em quando, dia certo eu não sei, mas os empregados sabiam. Papai controlava tudo. E aquilo tudo era muito lavado, muito... tinha um rego assim grande, uma...

Odete: Um corregozinho, não é?

Lídia: ... é, onde saía a urina das vacas, aquilo tudo...

Odete: Elas urinavam no lugar certinho...

Lídia: ... tinha aqueles, como têm na rua, esses bueiros grandes, tinha lá no quintal para escorrer para lá, direto. Então era muito higiênico. Era tudo lavado com creolina...

Odete: Eu me lembrei agora, por causa do nome estábulo dá impressão de uma vacar... numa fazenda, mas é completamente diferente da fazenda.

Entrevistadora: E o seu pai foi obrigado, por causa daquela lei, foi obrigado a acabar com o estábulo...

Odete: É. Começaram as campanhas...

Entrevistadora: ... e transferir para um outro local que não...

Odete: Por causa das campanhas pelo jornal, não é?

Lídia: Ele tinha comprado um terreno em Jacarepaguá, um sítio grande.

Então, como já tinha muito gado, e quando chegava a época que as vacas ficavam prenhes, como ele dizia, não é – grávidas, é, mas em animal diziam prenhes. Então levava um caminhão, botava para lá, para chegar a época de ter o filho, e aquele tempo daquele leite que não podia ser usado, o colostro, não é? Então depois elas vinham com o bezerro, e vinham para cá. Então elas iam e vinham; trocavam.

Odete: Num caminhão.

Lídia: Porque tinha muito gado, mesmo, bastante vaca. Eram duas filas; uma de cada lado. Ainda existe aqui em São Clemente um. Um galpão nos fundos do 76, que eu passei agora lá e vi o galpão. Era assim: a parte de baixo era de... feito de material de argamassa mesmo, coluna, e depois tinha um espaço vazio, como se fosse um janelão, e a parte de cima então madeira.

Odete: Para entrar ar.

Lídia: É. Madeira. Que era para ter bastante arejamento. E coberto, com telhas, direitinho. E a frente é que era o tal botequim. Mas ficava superaberto.

Odete: Ela falou, chama de botequim, mas não. Era um barzinho, não é?

Lídia: Era uma loja, ladrilhada e arejada...

Odete: Tinha um balcão grande, as garrafas de leite ali por baixo...

Lídia: E ali é que engarrafavam o leite. Tudo manual. As rolhas eram de papelão...

Odete: Enceradas, não é?

Lídia: ... com o nome do estábulo, tudo, não é? Era Estábulo Modelo de Botafogo.

Odete: O telefone ainda era Sul 0914, não é?

Lídia: Sul 914. Depois é que veio o zero. Porque havia poucos telefones. Depois. Você se lembra ainda do zero. Eu ainda me lembro do Sul 914. Era Norte, Centro... os prefixos.

Odete: Foi até anos e anos o mesmo número. Só que botando...60914, 260914, 246, não é?

Entrevistadora: E depois então que seu pai transferiu esse estábulo...

Odete: Para a Paulo Barreto. Mas já tinha o tempo todo.

Lídia: Ele já tinha um em Paulo Barreto. Que o prédio era próprio. Então ele levou tudo para lá. Depois veio a Campanha da Saúde Pública, porque na verdade não compor... não aguentava numa cidade aquilo. Porque tinha o cheiro da urina, o cheiro das fezes, mas toda higiene tinha, e depois mosqui... moscas. Apesar de todo cuidado.

Odete: Papai tinha muito cuidado. Desinfetava com creolina, desinfetante...

Lídia: Muito lavado. Várias vezes por dia. Mas, a cidade já estava crescendo demais. Não podia. E apareceram as vacas que chamavam “vaca leiteira”. Aqueles caminhões, que carregam, enchem – caminhão tipo o de querosene agora – cheio de leite com torneira.

Entrevistadora: E as pessoas faziam fila, não é?

Lídia: Aí entravam em fila e compravam leite. E então nós chamávamos aquilo de vaca leiteira.

Odete: Nós achávamos horrível aquele leite.

Lídia: Nós não suportávamos aquele leite. Era o gosto diferente. Muito de água. Agora eu gosto. Era o leite pasteurizado, não é? O do estábulo não era. Era puro. Tudo muito simples. Então nós não gostávamos daquele outro leite não. Agora eu gosto.

Odete: Achava que era água pura.

Lídia: Então vinha o leite de Minas e nós achávamos aquilo uma coisa inferior. Vendiam... essas “vacas leiteiras” vendiam manteiga também. Então faziam aquelas filas. Aí começou a diminuir a freguesia. Porque o outro era mais barato. Começou a diminuir a freguesia. Quando

chegava a época de verão então, que aquelas famílias todas iam para fora – naquele tempo ia tudo para Petrópolis e Teresópolis – esses casarões tudo ficava vazio. Então diminuía o gasto de leite. E as vacas continuavam dando. Então se fazia queijo em casa, se fazia muito arroz doce, muita... ia para o gasto dos empregados, de todo mundo, e se dava muito para pessoas pobres. Porque sobrava, não é? Não ia estragar. Mesmo perdendo com...

Odete: Fazia coalhada também.

Lídia: Naquele tempo não tinha congelção. Sabe como é que conservava o leite de de manhã para tarde? Tinha um tanque enorme, cheio d'água, e os varais grossos, ali, botava a alça dos latões...

Odete: ... dos latões dentro d'água.

Lídia: ... dentro d'água, mergulhados, não é? Com as... bocas para cima. Para não entrar água. Muito fechados.

Odete: É, boca oca, não é? Gargalo grande, esses latões, enfiavam o pau nas alças e prendiam na beira do tanque.

Lídia: Esses latões grandes que a gente ainda vê por aí. Era assim. O tanque aqui, passava aqueles varais, grossos, porque é para aguentar. Eram latões de 50, 60 litros de leite, são pesados. Mas, dentro da água, a água empurra, eles ficavam mais leves. Mesmo para os empregados trabalharem com aquilo, tirar de dentro d'água, era mais fácil.

Entrevistadora: E depois que seu pai saiu dali o que que... aquele terreno foi utilizado?

Lídia: Aquilo é uma oficina. Mas nós fomos para a Paulo Barreto, continuou. Depois, com essa campanha, papai ficou desgostoso e vendeu. Disse: “Olha, vou vender antes que acabe e o prejuízo seja total”. E vendeu para um outro vaqueiro. E ele passou, mudou de ramo, para outro lado. E nós então já tínhamos outra vida, já nem pensávamos mais em gado... depois, no fim aquilo... aquela segunda... o segundo estábulo virou carpintaria. Depois, oficina de automóveis. Papai era proprietário e alugava...

Odete: Tinturaria também.

Lídia: Cada vez... e vai passando assim... agora, com a morte de papai houve um inventário e foi vendido para um prédio e agora tem apartamento lá. 39, Paulo Barreto. Quando eu passo ali ainda sinto um pouquinho de saudade. Mas, aí já não foi o tempo de infância. Já fui para lá com 14 anos. Já foi diferente.

Odete: Já tinha outras ideias.

Lídia: Já estava frequentando um colégio secundário – comercial –, já não tinha essas brincadeiras de rua, que a gente já estava ficando mocinha. Foi diferente. Mas, eu ainda lembro com saudade.

Entrevistadora: Bom, eu queria agradecer demais a vocês, quem sabe em uma outra oportunidade a gente... mais lembranças a gente pode gravar. Agradeço muito.

[Fim da gravação]

**Charles Brooking
(depoimento, 1985)**

BROOKING, Charles. *Charles Brooking. (depoimento, 1985)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado: Charles Brooking

Local da entrevista: Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 19 de setembro de 1985

Duração¹: 38min 35s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora²: -

Descritores/Assunto: Francisca Airosa, Maria Augusta, Maria Augusta Brooking, anedotas, João Rui, brasão da família, casa da rua Raimundo Correia, livros, saraus.

Biografia³:

Médico. Trabalhou no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Viúvo de Maria Augusta Rui Barbosa Brooking (filha de Raul Airosa e Francisca Rui Barbosa Airosa).

¹ A entrevista apresenta duas partes com respectivamente 31min e 6s e 7min e 29s.

² A entrevistadora não foi identificada ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por uma pessoa, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³ Atualização da biografia elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui, nos anos 1980.

PARTE 1

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui, estamos hoje, 19 de setembro de 1985, aqui na Casa de Rui Barbosa em companhia do dr. Charles Brooking, marido de d. Maria Augusta Rui Barbosa Airoso Brooking, neta de Rui Barbosa e filha de Raul Antônio Airoso e Francisca Rui Barbosa Airoso, que nos prestará depoimentos com o objetivo de enriquecer o nosso arquivo. Dr. Charles, o senhor poderia começar então a nos relembr... a nos contar algumas das suas lembranças sobre a família Rui Barbosa?

Charles: A contragosto, faço uma retificação. Eu já fui marido de Maria Augusta. Hoje, infelizmente, sou viúvo dela. Maria Augusta nasceu num 5 de fevereiro, segunda-feira de Carnaval. Naquela época os partos se realizavam nas casas. Não havia maternidade, como hoje, coisa alguma. E o dr. Raul, apreensivo com o nascimento da filha, ele ficou... foi para a varanda, onde tem as três portas que dão para a rua. Ele ficou na porta do meio, apreensivo, porque por ocasião do nascimento, naquela confusão natural da situação, alguém fechou a porta da varanda. E o dr. Raul ficou preso o tempo todo do parto, enquanto a filha estava nascendo, assistindo aos blocos carnavalescos passaram pela rua. Este é o fato mais interessante por ocasião do nascimento. Uma sua pergunta vou responder logo de início. Por que Maria Augusta botava o nome dela por extenso? A razão foi simples. Quando ela era garota, havia o célebre boletim escolar em que o espaço era pequeno para que fosse colocado o nome todo. Então Maria Augusta escreveu no boletim Maria Augusta Airoso.

D. Chiquita,⁴ como boa e feroz defensora do pai, protestou. “Você não pode tirar o nome do seu avô. porque você nasceu e há aquela norma de que todos descendentes de Rui Barbosa têm o nome”. No mês seguinte, Maria Augusta escreveu Maria Augusta Rui Barbosa. Então o dr. Raul, que eu não conheci, ele viu o boletim e disse: “É natural, minha filha, que você deixe de botar o nome de seu pai, que afinal o nome de seu avô é bem mais importante que o meu”. Maria Augusta sentiu uma ferroada na pele; então fez uma espécie de juramento de que o resto da vida dela ela escreveria Maria Augusta Rui Barbosa Airosa fosse o espaço que houvesse para escrever. Nunca mais deixou de botar. Então era o nome todo por extenso. Isso no estrangeiro causava alguns problemas, porque o estrangeiro não está acostumado com essas coisas.

Entrevistadora: Agora, eu gostaria de fazer uma perguntinha, dr. Charles.

Charles: Diga!

Entrevistadora: O senhor estava comentando, então, que d. Maria Augusta nasceu aqui na casa do avô.

Charles: Moravam aqui na rua Bambina, mas por ocasião do nascimento veio para cá. Nasceu aqui. Naquele quarto da frente em cima onde tem as três portas que tem as varandinhas ali.

Entrevistadora: Que eles chamavam de sobrado. Aquela parte lá de cima.

Charles: Exato, lá em cima.

Entrevistadora: Bom, o senhor poderia contar para a gente... será que o senhor teria lembrança de d. Maria Augusta da infância dela? Da infância particularmente passada aqui na casa, no jardim ou mesmo aqui no bairro de Botafogo? Nós gostaríamos de saber se o senhor tem essas recordações sobre o bairro de Botafogo daquela época.

Charles: Não, isso não tenho nenhuma. Agora, há alguns fatos de que quando criança Maria Augusta gostava muito de ler. Estava sempre às voltas com livros, isso, aquilo, aquilo outro. Então havia uma determinada pessoa de determinado país que virava-se para Maria Augusta assim “mas, a menina é muito leitosa”. E quando passava naquela época o verão em Petrópolis, na casa da rua Ipiranga, então esta mesma pessoa virava-se para Maria Augusta e dizia assim: “Porque a menina não limpa logo os dentes de véspera para guardar a escova de dentes?” Em relação a alguns fatos que talvez não sejam muito do conhecimento, duas pessoas se equivaliam na maneira de espirrar. Era o conselheiro Rui Barbosa

⁴ Francisca Rui Barbosa Airosa (n. 1880, f. 1965).

e o pai de Maria Augusta, Raul Antônio Airosa. Então, dr. Raul virava-se e dizia assim: “Nesta coisa nós somos muito parecidos. Ambos temos espirros de carroceiro”. Eu não sei se isso é fato sabido ou não, mas os espirros do conselheiro eram coisas de estremecer as paredes. [risos] A d. Chiquita, como grande defensora do pai, não tinha papas na língua em dizer essas coisas. Assim, que alguém em conversa com ela – bom, é preciso convir que certas coisas que se diz hoje não causam o impacto de há muitos anos atrás. Então esta pessoa virou-se para d. Chiquita e disse assim: “O Rui só tem cabeça”. d. Chiquita sentiu a fisgada e disse: “Só cabeça não, tem cinco filhos também”. O outro era o João, que era um sujeito fabuloso, morreu moço, 57⁵ anos, mas ele vivia, viveu uma vida fabulosa. Ele na mesa do jantar... ele virou-se para o pai e disse: “Papai, qual é o brasão da nossa família?”. Ao Rui Barbosa isso pouco incomodava, pouco se lhe dava e ele como bom republicano não dava muita confiança para isso. Mas, ele virou-se para o João e disse: “Meu filho, brasão na minha família, na nossa família não sei se há, existe realmente. Mas, se houvesse eu tenho certeza de que seria uma canga de boi com uma cangalha de burro”. [risos] De maneira que o João silenciou nesse momento, né? Uma outra coisa também, isso sobre a personalidade de Maria Augusta, que eu a conheci e gostava imensamente dela. d. Maria Augusta era uma pessoa fabulosa, bastante avançada para a mentalidade da época e ela tinha uma reação muito curiosa. O João era um sujeito conversador, brincalhão, alegre e contava anedotas mais ou menos picantes, qualquer coisa assim. Então d. Maria Augusta, ela abria o leque, escondia o rosto atrás do leque e dizia assim: “Ih, mas que coisa horrorosa!” Mas ela estava apreciando imensamente o sabor da anedota. Não anedotas como hoje em dia são contadas e tal, essas coisas todas, mas ela sentia a malícia, então ela escondia o rosto: “Ih, mas que coisa horrorosa!”, não sei mais o quê, mas ela gostava da brincadeira. Uma outra... uma outra situação foi que d. Maria Augusta foi almoçar em nossa casa, lá em Teixeira de Melo e logo após o período pós-guerra, em que não havia a facilidade de condução, difícil. Então houve uma situação que depois eu fiquei me rindo à bandeira despregada. Meu automóvel enguiçou e eu não podia trazer d. Maria Augusta de volta ali para a Raimundo Correia. Fiquei angustiado, sem saber como é que eu ia fazer até que eu apelei para uma situação que hoje em

⁵ João Rui Barbosa faleceu no Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1947.

dia a gente acha muita graça. Eu fretei um autolotação,⁶ o *chauffeur* pegou d. Maria Augusta em Teixeira de Melo, nos levou até a Raimundo Correia e depois para descer eu tive que pegar d. Maria Augusta no colo, perto até lá dentro da casa de Raimundo Correia. [risos] Ela disse assim: “Ih, mas esse homem é forte como ele só!”. Em relação a minha mulher, Maria Augusta, há alguns fatos que merecem uma certa consideração. Maria Augusta era um verdadeiro para-raios de coisas para acontecer a ela. Eu não tenho certeza se foi aqui no São Clemente ou se foi em Petrópolis. Eu sei que uma tardinha, era lusco-fusco, ela sentou-se no chão. Depois é que ela foi verificar que tinha sentado em cima de um formigueiro. Como ela contava: “quando a última formiga chegou em cima da minha cabeça deu o sinal e todas elas começaram a me morder ao mesmo tempo”. [risos] Até que ela correu, não houve nada de mais, mas em todo caso foi isso. Um outro fato, ela era repórter dos *Diários Associados*⁷ e tinha que fazer uma entrevista de manhã cedo, uma coisa assim, e saiu de casa sem tomar café. Eu acho que ainda não a conhecia nessa época, ela me contou isso. E ela pegou a condução e foi para a cidade e entrou num restaurante, bar e pediu uma média com pão e manteiga. Quando estava no meio do negócio, ela deu uma trincada. Tirou um objeto da boca que era uma coroa de ouro. Ficou apavorada com o negócio. “Eu tenho uma entrevista e caiu esta coroa de ouro, como é que eu vou fazer, isso, aquilo, aquilo outro” e foi correndo para o dentista dela, o Quintela. “Quintela, pelo amor de Deus, você me ajuda. Socorro, eu tenho uma entrevista e me caiu essa coroa de ouro”. O Quintela, muito amigo, mandou sentar, examinou e ficou às gargalhadas. “Maria Augusta, me conta a verdade. Quem é que você beijou para arrancar a coroa de ouro, porque você nunca teve coroa de ouro na vida”. [risos] Ela ficou tão afrontada com o negócio que não se lembrava que não tinha coroa de ouro. Estava dentro do pão lá do tal bar. Uma outra história de que ela era para-raios – essa é muito engraçada – eu estava sem carro naquela época, qualquer coisa assim, já muito tempo, os ônibus ainda passavam pela avenida Atlântica. Não tinha nada de aterro nem nada nem coisa alguma. E um dia meio chuvoso,

⁶ Para maiores informações, vide “Lotações”, disponível em: <<http://memoria7311.blogspot.com/2018/03/lotacoes.html>>.

⁷ Para maiores informações, vide verbete “Assis Chateaubriand”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHATEAUBRIAND,%20Assis.pdf>>.

ela pegou o ônibus ali em Teixeira de Melo e pendurou o guarda-chuva no encosto do banco da frente. Com aquele balançar ela tirou o guarda-chuva, botou encostado no colo. Na hora da saída, tinha um outro guarda-chuva de um outro passageiro, ela distraída pegou a mão, passou a mão nesse guarda-chuva e o sujeito reclamou: “Esse guarda-chuva é meu!”. “Ah, o senhor desculpe, isso, aquilo, aquilo outro”. À tarde ela me telefonou e – “Olha, você vai demorar muito! Eu vou pegar o bonde ali no Tabuleiro da Baiana.⁸ Vou passar ali no Vesúvio.⁹ Vou apanhar o seu guarda-chuva e o de mamãe que estão para conserto”. E ela assim fez. O rapaz solícito: “A senhora quer que embrulhe dona?” “Não, não precisa não, eu vou pegar o bonde logo aqui”. E saiu com os três guarda-chuvas pendurados no braço. Entrou no bonde de Ipanema ou praça Gal. Osório, sei lá, qualquer coisa assim. No banco – tal negócio de probabilidade é um em milhões – quem é que estava sentado no banco? O mesmo sujeito de de manhã do ônibus. O sujeito olhou para Maria Augusta, virou-se, olhou os três guarda-chuvas, virou-se para ela e disse assim: “A coleta hoje foi boa, hein?”. [risos] Ela não disse nada porque se dissesse ia complicar toda a situação. Era muito mais difícil. Silenciou e deixou. Mas a expressão do sujeito – ele puxou os óculos, olhou e disse: “A coleta hoje foi boa, hein?”. Uma outra situação dela que foi muito curiosa, quando houve o Congresso Internacional de Pediatria,¹⁰ em Copenhague. Esses congressos internacionais eram sempre presididos por pessoas de alto gabarito, como o de Lisboa, que foi o Salazar, quem presidiu a sessão inaugural; o da Dinamarca que foi a rainha Astrid; no Japão, foi o príncipe herdeiro; no Canadá, que foi o primeiro-ministro. E nós tínhamos estado em 53 num congresso em Belém. Fomos até Santarém e vimos aqueles leques feitos de penas de pássaros com capim cheiroso, patchouli, eram verdadeiras obras-primas. Houve esse congresso de 56, e para você ter uma ideia, um amigo que vivia lá então encomendou o leque mais bonito que ele pudesse mandar confeccionar e levamos aquilo para Copenhague. Ela disse: “Não, eu vou dar isso para a rainha”. Muito bem. Após a sessão inaugural houve a

⁸ Antigo ponto de bonde do Centro da Cidade. Consultado em: FLICKR. *Tabuleiro da Baiana*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/carioca_da_gema/34993393>. Acesso em: 22 abr. 2020.

⁹ Loja comercial especializada em guarda-chuva, localizada na rua da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro.

¹⁰ Refere-se ao VIII Congresso Internacional de Pediatria, realizado de 22 a 27 de julho de 1956 em Copenhague.

reunião na prefeitura e todo mundo chique e elegante e Maria Augusta com aquele pacotinho na mão. As outras senhoras dos doutores: “Maria Augusta, o que é isso?” – “Ah, eu passei por aí e vi esse negócio, achei interessante e comprei”. Não disse nada. Quando chegou num determinado momento, nós estávamos num pequeno tablado e a rainha lá separada com as damas de *honor*, cercada, e ela disse: “Eu vou entregar isso à rainha agora”. Minha Nossa Senhora, 56 estava mais ou menos de orelha quente com uma série de circunstâncias que tinham acontecido algum tempo antes aqui no Brasil, de modo que a mentalidade ficava sempre pensando naqueles eventos de falar com uma pessoa de alta categoria. Eu fiquei espiando, Maria Augusta foi correndo, passo apressado, falou lá com o guarda e eu vi que o guarda abanou a cabeça. De longe eu estava vendo. O guarda virou as costas, Maria Augusta não teve dúvida. Se abaixou, passou por debaixo do cordão de isolamento, já com o leque na mão e apresentou aquilo à rainha. A rainha recebeu, agradeceu, elogiou e imediatamente passou a dama de *honor*. Daí, a uns dois ou três dias depois, à noite, numa solenidade qualquer, nós chegamos lá no hotel e na portaria tinha um rapaz da noite – “um telegrama para o senhor”. Telegrama no estrangeiro a gente fica apreensivo. Abri o telegrama na hora. E aí de brincadeira, eu falei em inglês para Maria Augusta: “chegou um telegrama para nós”. Maria Augusta percebeu mais ou menos o que era a situação disse: “o que é?”. Eu disse: “é um telegrama de sua majestade, a rainha Astrid da Dinamarca”. [risos] Quando eu disse isso o porteiro da noite arregalou cada olho! Mas eu fiz aquilo de brincadeira e tal e tenho até esse telegrama ainda hoje em casa. Eu não sei se seria de interesse fazer doação desse telegrama para aqui, para a casa ou não. Telegrama absolutamente particular, essas coisas todas, mas é um telegrama do palácio Real da Dinamarca e mandado pela rainha, que ela gostou e tudo. São esses fatos que eu digo que minha mulher era uma para-raios de casos como o de formigueiro, coroa de ouro e negócio de guarda-chuva. Não sei se tenho mais alguma coisa.

Entrevistadora: Eu queria fazer algumas perguntinhas para o senhor aqui, que ao longo das suas lembranças o senhor falou da casa de d. Maria Augusta, na Raimundo Correia. Era 1929. Em que ano exatamente d. Maria Augusta se mudou, saiu daqui da casa da São Clemente? Porque o museu foi inaugurado em 1930.

Charles: Não, mas antes ela já tinha saído.

Entrevistadora: E foi morar nessa...

Charles: Foi para a Raimundo Correia. d. Maria Augusta durante muito tempo comprava naftalina inglesa para manter esses livros todos. Porque houve alguém que queria comprar os livros, mas não comprar as estantes. E isso absolutamente estava fora de cogitação. d. Maria Augusta dava ao Antônio, se não me engano, a importância para que fosse adquirida naftalina para conservação desses livros todos. Não, a d. Maria Augusta foi para lá pouco depois do falecimento do Rui, em 23. Ela foi para lá e ficou esse tempo todo. Acho que ficou em Raimundo Correia, eu não me...

Entrevistadora: Ela adquiriu a casa?

Charles: Casa em Raimundo Correia, entre Barata Ribeiro e Cinco de Julho.

Entrevistadora: E ela morou sempre até o falecimento...

Charles: Ah, até o falecimento lá.

Entrevistadora: E, por exemplo, o senhor fez doação de várias peças ao museu, ao acervo do museu. Essas peças, naturalmente, foram herdadas de d. Maria Augusta...

Charles: D. Maria Augusta tinha essas peças, deu para d. Chiquita. Depois houve após o falecimento de d. Maria Augusta, houve um leilão na casa de Raimundo Correia, mas que a família tinha prioridade para ficar com os objetos. Mas, em caso de empate, a preferência era dada aos membros da família e houve aliás gente...

Entrevistadora: O senhor assistiu a esse leilão?

Charles: Assisti.

Entrevistadora: E nesse leilão havia pessoas do governo que tinham interesse de comprar peças para colocar já no museu ou não?

Charles: Não, isso não me lembro. Havia, como há em todo leilão, pessoas que queriam adquirir os objetos e ficavam aborrecidas porque a igualdade, a prioridade ficava para a família. Se alguém da família cobrisse aquele lance seria...

Entrevistadora: O senhor se lembra de alguma pessoa que estaria viva hoje, alguma pessoa importante que tivesse adquirido alguma peça?

Charles: Ah, não. Isso já tem... Maria Augusta faleceu em 48. Já tem 30 e muitos anos, fica muito difícil de poder lembrar, assim. Não me lembro de alguém.

Entrevistadora: Assim, basicamente, o que sua esposa herdou no caso da mãe, da avó, foram peças, que tipo assim de peças? Joias também?

Charles: Bom, isso está tudo relacionado, coisas que foram relacionadas e que estão aí nos arquivos. Por exemplo, tem aquela cadeira de

balanço, ali na sala de Petrópolis. Ainda outro dia, eu estava dizendo a essa moça que atendeu aqui, a Jane. Eu disse a ela: “Jane, já xinguei muito essa cadeira. Ela ficava numa situação lá em Teixeira de Melo que era passagem, quantas vezes meu tornozelo bateu na ponta desta cadeira”. Ela está aí. Cadeiras, móveis, objetos pessoais, muita coisa foi dada; agora, naturalmente o número já foi decrescendo, mas já vim aqui com um carregamento grande que eu dei na presença do Américo lá no pavilhão novo.

Entrevistadora: Existia a casa de Petrópolis...

Charles: Na rua Ipiranga.

Entrevistadora: ... onde o pessoal passava o verão. Esse mobiliário, essas peças todas, essa casa não pertence mais à família, não é?

Charles: Não.

Entrevistadora: Foi vendida.

Charles: A casa ainda está lá.

Entrevistadora: A casa está lá. E o mobiliário todo da casa de Petrópolis, o senhor tem ideia de onde está? Com quem ficou?

Charles: Não sei. Talvez quem pudesse dizer alguma coisa, completar essa fase seria o Rui Neto ou a Isinha,¹¹ talvez Estella ou Lucila. Elas poderiam dar informação mais precisa.

Entrevistadora: Agora, dr. Charles, para a gente encerrar essa entrevista a qual eu agradeço muito, o senhor poderia dizer assim qual a visão que a sua esposa fazia do avô. Não só como homem público, como também como avô. Qual relacionamento? Qual ideia que ela tinha dele?

Charles: Eu posso resumir isso em pouquíssimas palavras. Pode haver algum protesto, qualquer coisa assim, mas ela era a neta predileta do Rui. Em matéria de defesa do avô e do pai eram duas feras, no bom sentido, duas feras acuadas que não admitiam que se dissesse nada do avô. Maria Augusta tinha verdadeira adoração pelo avô. Eu creio que com isso estou dizendo tudo. Ela gostava muito do conselheiro.

Entrevistadora: Pelos outros depoimentos a gente sentiu que, foi dada essa informação, que era uma pessoa que tinha um relacionamento muito bom, muito carinhoso...

[Fim da gravação]

¹¹ Maria Luisa Rui Barbosa Leite.

PARTE 2

Charles: Ah, mas claro que sim. Ele podia ter... ah... os milhões de atribuições que teve na vida, mas em relação à família, ele colocava sempre em primeiro lugar. Ele sempre tinha palavra de carinho, de conselho aos netos. Sempre, sempre, nunca deixou a família relegada ao segundo plano, de maneira alguma.

Entrevistadora: E dr. Charles, o senhor se lembra da primeira vez que o senhor veio aqui a essa casa da São Clemente?

Charles: Não, já faz muito tempo.

Entrevistadora: E o senhor se lembra... d. Maria Augusta ainda residia aqui quando o senhor a conheceu?

Charles: Não. Maria Augusta residia lá em Teixeira de Melo, 26. Que elas saíram daqui e foram lá para a Teixeira de Melo a conselho, porque o choque moral que d. Chiquita teve foi muito violento e o médico...

Entrevistadora: Com a morte do pai.

Charles: Do pai, exato. Eles moravam ainda aqui na rua Bambina e ele disse: “Absolutamente vocês não podem ficar aqui de maneira alguma”. E foram para lá. Ficaram lá em Teixeira de Melo desde 1923 até – nessa época d. Chiquita já tinha falecido, até 73, quando nós tivemos que sair de lá. 50 anos naquela casa de Teixeira de Melo.

Entrevistadora: Vocês residiram lá 50 anos.

Charles: Ah, foi. Maria Augusta foi para lá em 23.

Entrevistadora: Quer dizer que quando... a primeira vez que o senhor veio aqui nessa casa já era o museu?

Charles: Já, seguramente. Não com as características que está hoje porque nos vários salões havia muito mostruário com as medalhas e condecorações e muitos outros objetos espalhados pela sala.

Entrevistadora: Não havia uma preocupação de manter o ambiente original como existe hoje.

Charles: Bom, eu acredito muito que por falta de espaço. Porque hoje em dia, mesmo com a construção da sede nova, a quantidade de objetos que tem aqui é uma coisa impressionante. Porque – isso eu sei porque Maria Augusta me contava – essa situação de biblioteca como está, não era absolutamente como era. Os livros estavam todos na biblioteca em fileiras de dois, três, quatro livros com livros superpostos, deitados, porque a biblioteca era uma só. E o Rui não tinha arquivo nem nada, que ele pegava qualquer livro...

Entrevistadora: Os livros eram muito mais empilhados.

Charles: Ah, eles eram. Se não me engano, lá no sótão está cheio de livros.

Entrevistadora: É, eles ficavam espalhados.

Charles: Não existia livro lá. Absolutamente. Os livros estavam todos concentrados na biblioteca. Porque essas estantes concentravam vários livros, então eram duas, três carreiras de livros, tudo...

Entrevistadora: Quando nós fazemos a visita, a gente até passa essa informação para o visitante, que havia muitas dessas estantes menores, inclusive essas estantes...

Charles: Giratórias.

Entrevistadora: Uma grande quantidade delas espalhadas pelas salas e que se a gente fosse manter, dificultava até a passagem dos visitantes.

Charles: Porque aqui, não foi do meu tempo, mas aqueles salões estavam livres. Então eles davam recitais aqui. Teve por exemplo, vi até num livro, que foi recomposto aqui pelo serviço, quem deu recital aqui foi Enrico Caruso.¹² Enrico Caruso veio aqui. O Catulo da Paixão Cearense¹³ veio aqui várias vezes.

Entrevistadora: Isso na época que o Rui vivia aqui?

Charles: Exato.

Entrevistadora: Eu estou tentando saber, não sei se o senhor sabe, se Magdalena Tagliaferro¹⁴ tocou aqui. O senhor tem alguma lembrança? Porque d. Magdalena ainda está viva e eu tenho a impressão que ela fez algum depoimento em que ela conta...

Charles: Não posso lhe dizer. Não sei lhe dizer. Talvez o Rui Neto pudessem informar alguma coisa a respeito. O Rui Neto poderia dizer alguma coisa, ou Estela.

Entrevistadora: O senhor se lembra do Caruso, o Catulo, mais alguma pessoa de projeção da época?

¹² Para maiores informações, vide “Enrico Caruso”, disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/biografias/enrico-caruso.html>>.

¹³ Catulo da Paixão Cearense (n. 1863 – f. 1946). Compôs a modinha *Ao luar*. Em 1908, protagonizou audição de modinhas e violão no Instituto Nacional de Música. Compôs o poema “O marrueiro”, em 1912. Dois anos depois, fez recital de modinhas no palácio do Catete, convidado pelo então presidente Hermes da Fonseca e sua esposa. Entre suas obras poéticas estão *Um caboclo brasileiro* (1900), *Poemas bravios* (1925), *Fábulas e alegorias* (1934), *Um boêmio no céu* (1938) e *Modinhas* (1943). CATULO da Paixão Cearense. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de arte e cultura brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>>. Acesso em: 6 mar. 2020. Verbete da Enciclopédia.

¹⁴ Para maiores informações, vide o verbete “Magdalena Tagliaferro”, disponível em: <<http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopedia/Magda-Tagliaferro>>.

Charles: Houve esse grande pianista que me esqueci, faltou o nome agora. Nesse tal livro tem uma dedicatória dele em que ele diz que lamenta não saber fazer um elogio na língua portuguesa, que a única maneira seria no piano. Nesse tal livro que está lá, que eu tenho aí, é um livro de recordação, Maria Augusta tem autógrafos de várias personalidades e...

Entrevistadora: O senhor sabe se, por exemplo, havia bailes em que as pessoas realmente dançavam ou havia mais saraus, tipo de apresentação, com Catulo, ou se havia bailes em que as pessoas dançavam?

Charles: Não, isso eu não sei informar. Seguramente não sei. Talvez soubesse, me esqueci, mas as reuniões dançantes eram, talvez não fossem em grande número aqui. Eram mais reuniões sociais, saraus, essas coisas todas.

Entrevistadora: Dr. Charles, eu queria fazer publicamente um agradecimento ao senhor não só pela entrevista, mas principalmente pela doação de peças que há muitos anos o senhor vem fazendo frequentemente, que enriqueceu demais o acervo do museu e...

Charles: Demais, eu protesto. Nunca é demais.

Entrevistadora: E como já aconteceu inclusive com outros entrevistados, sempre fica alguma coisinha que depois a gente se lembra que gostaria de ter perguntado. Então eu gostaria que o senhor se colocasse à disposição para outras entrevistas e outros esclarecimentos.

Charles: Mas claro, sem dúvida de espécie alguma. Estou à disposição no que puder auxiliar. Mas, como lhe disse quando vínhamos aqui à escada, não gosto muito de vir aqui à Casa de Rui Barbosa porque faz ressaltar por demais a minha ignorância.

Entrevistadora: [risos] Muito obrigada.

Charles: Nada.

[Fim da gravação]

**Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira
(Irmã Ana De Lourdes)
(depoimento, 1985)**

PEREIRA, Lucila Maria Rui Barbosa Batista. *Lucila Maria Rui Barbosa
Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes). (depoimento, 1985).*
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes)

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 16 de outubro de 1985

Duração: 19min 49s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistador¹: -

Descritores/Assunto: Revolta da Armada, fuga para Argentina, exílio na Inglaterra, picadeiro de animais, jardim.

Biografia²:

(n. 16/04/1914 – f. [?])

Neta de Rui Barbosa e Maria Augusta.

Filha de Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira e Antônio Batista Pereira.

Médica e irmã de caridade, com o nome de Ana de Lourdes.

¹ O entrevistador não foi identificado ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por uma pessoa, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui, nos anos 1970.

Entrevista 16/10/1985

Entrevistadora: Estamos novamente aqui com irmã Ana de Lourdes, neta de Rui Barbosa, e que vai complementar e enriquecer o seu primeiro depoimento.³ Hoje é dia 16 de outubro de 1985 e estamos aqui na sala de Haia da Casa de Rui Barbosa. d. Ana tem a palavra.

Ana: Uma das histórias que mais fascinou a nossa infância foi a história da perseguição ao nosso avô Rui, ao vô conselheiro, e a sua fuga⁴ para o Bras... para a Argentina, do Brasil para Argentina e os primórdios do exílio na Inglaterra. Terminada a defesa⁵ do *habeas corpus*, que ele impetrou a favor dos almirantes e civis, e também militares que havia sido perseguidos pelo Marechal Floriano, que se achavam muitos exilados em [inaudível]. Ao sair dessa defesa que constitui um verdadeiro espetáculo, como dizia minha avó, ao qual compareceu pelo corpo diplomático e no fim do qual Rui Barbosa foi vencido pelo voto da maioria dos ministros do Supremo. Somente o ministro Piza e Almeida,⁶ de São Paulo, tendo dado o voto a favor dos perseguidos. Neste momento, no final... no término da sessão, vovô se dirigiu a ele e beijou-lhe a mão. Dizendo que beijava a mão de um homem de coragem. Mas ao sair ele encontrou-se com o ministro do Chile que lhe disse: “Rui, conselheiro”. Não sei como o chamava. “Sua vida está em perigo e a minha legação

³ O primeiro depoimento foi registrado, em 25 de junho de 1985, para o projeto Memória de Rui da FCRB.

⁴ Em setembro de 1893, devido às atitudes antes e durante a Revolta da Armada, é obrigado a refugiar-se na Legação do Chile, dando início ao seu exílio.

⁵ Para maiores informações, vide “Julgamentos históricos do Supremo Tribunal Federal”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=sobreStfConhecaStfJulgamentoHistorico&pagina=STFLista1>>.

⁶ Para maiores informações, vide verbete “Piza e Almeida”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALMEIDA,%20Piza%20e.pdf>>.

está a sua disposição. Vou levá-lo comigo”. E assim meu avô foi para a legação do Chile em Santa Teresa. Que era num segundo andar ou um primeiro andar de uma casa. Lá ele ficou uns dias e depois deveria tomar um navio para Buenos Aires. Então para... nas vésperas da partida, ele esteve escondido entre sacos de farinha no Moinho Gianelle e depois ele saiu de lá acompanhado pelo ministro e com bigodes brancos, cabelos brancos e com um chapéu de... colonial, chapéu usado pelos ingleses nas colônias, e acompanhado pelo ministro ele passou entre duas fileiras de soldados e tomou um navio e foi para Buenos Aires. De Buenos Aires, ele escrevia frequentemente a minha avó e fez então o projeto, que ele pensava ser secreto, de passar pelo Rio. E naquele tempo não abrigava os navios diretamente no cais, mas os navios ficavam ao lado. Então ele esperaria a bordo e minha avó iria encontrá-lo com os filhos e iriam todos para Bahia onde não havia estado de sítio. Esse o projeto. No entanto, esse projeto foi... chegou aos ouvidos do Marechal Floriano⁷ e em conversa na mesa, durante uma refeição, ele se referiu ao caso e deu ordens para a polícia fosse a bordo e que quando meu avô tentasse resistir a prisão que liquidassem com ele. Quem ouviu isso foi o Manuel, antigo menino de entregas da Confeitaria Paschoal⁸ e então copeiro do palácio, e que tinha uma grande amizade pela família. Saído de lá, ele foi procurar a família na rua dos Inválidos na casa dos parentes, mas não os encontrando, foi até o Alto da Boa Vista até Tijuca onde ele se acha. E, então tomando conhecimento do caso, a família se reuniu e chegou à conclusão que a única pessoa que não era visada pela polícia era o jovem Antônio Jacobina, recém-chegado da Europa, mocinho e que se achava na rua dos Inválidos. Então Antônio Jacobina, o primo Totonho, como nós o chamávamos, foi avisado que fosse a bordo avisar vovô do perigo que corria. Ele saiu da rua dos Inválidos, percorreu aquela zona antiga da cidade e chegou até o Boqueirão do passeio, encontrou lá vários barcos

⁷ Para maiores informações, vide verbete “Floriano Peixoto”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEIXOTO,%20Floriano.pdf>>.

⁸ A Confeitaria Paschoal estava localizada à rua do Ouvidor, 126. O estabelecimento gozava de grande prestígio, visto que o fornecimento de gêneros alimentícios a ser servido no Baile da Ilha Fiscal, a última grande festa da monarquia, ficou a cargo desta confeitaria. (KARLS, Thaina Schwan. *Comida, bebida e diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 2017. Disponível em: <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/187-comida-bebida-e-diversao-uma-analise-comparada-do-perfil-de-restaurantes-e-confeitarias-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix-1854-1890/file>>. Acesso em: 6 mar. 2020.)

e pediu aos barqueiros que o levassem a bordo do Madalena que estava entrando na baía. Mas, nenhum aceitou por quanto eles tinham medo que fossem apanhados pelo bombardeio da Esquadra, que às vezes era até diário. A esquadra e as fortalezas e as forças trocavam tiros. Então, ele não conseguiu nenhum barco para ir a bordo. Então, ele foi andando até o chamado cais Pharoux,⁹ hoje a praça Quinze de Novembro, e quando ele procurava, olhava, examinava, procurava, falava com um e com outro, se aproximou dele um oficial e lhe disse: “O senhor está querendo se contatar, tomar, ter contato com o conselheiro Rui Barbosa?” Nosso primo teve um grande susto. Ele disse: “Não se assuste! Eu sou capitão Porto Carreiro e sou um dos admiradores do conselheiro. O senhor vai a bordo na lancha da polícia comigo”. Então, o Totonho foi a bordo na lancha da polícia e procurou imediatamente meu avô. Avisou e meu avô se colocou sobre a proteção do comandante do navio inglês. E depois então ele... daí ele saiu para o Aquidabã, navio chefe da esquadra que estava revoltada, e esperou para que o navio saísse, o próprio navio em inglês, e aí tomou o navio fora já da baía. Então esse é um episódio que eu acho bastante pitoresco na vida de meu avô.

Entrevistadora: E, no caso, ele depois partiu para onde?

Ana: Ele partiu para Portugal, onde ele não foi muito bem recebido. Era ainda regime de realeza, há pouco tempo a República tinha sido proclamada. E ele depois foi para Inglaterra. Agora isso tudo foi o prefácio¹⁰ do exílio na Inglaterra. E esse nosso primo Totonho¹¹ Jacobina ficou preso mais de um ano. E foi tirado da prisão graças à intervenção também pitoresca da sua irmã Maroquinha¹² Jacobina Rabello. Essa morava no Cosme Velho no caminho que o marechal Floriano fazia durante o verão para ir na sua casa no Silvestre. Uma casa que havia do governo. Passava algum verão e outras temporadas. Nas vésperas do aniversário da mãe dela, Francisco e Lídia Jacobina, a vovozinha, ela tinha lavado os cabelos e tinha os cabelos longos quase até os tornozelos. Estava

⁹ Para maiores informações, vide “A quadricentenária praça Quinze”, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13032-a-quadricenten%C3%A1ria-pra%C3%A7a-quinze>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

¹⁰ BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. (Obras completas de Rui Barbosa; v. 23, t. I.). Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>. Acesso em: 21 maio 2020. sa&pasta=Vol.%20XX%20(1893) Tomo%20V&pesq=cartas%20a%20inglaterra&pagfis=46748>.

¹¹ Segundo o livro *Mocidade e exílio* de Rui Barbosa, o apelido de Antônio Jacobina Júnior era Tonton.

¹² Maroquinha, (Maria) Jacobina Rabelo (1877-1957).

secando os cabelos, quando viu Floriano se aproximar numa carruagem simples sem nenhuma pompa. Então ela se dirigiu para rua e se jogou na frente do carro e disse: “Marechal! Marechal! Quero falar com o senhor!” Ele disse: “Menina, você... que é isso! Que loucura! O que você quer?”, “Marechal, faça uma família feliz”. “Mas como? O que você quer comigo?” “Amanhã é aniversário da minha mãe – a Vovozinha – e meu irmão tá preso há tanto tempo sem julgamento, tudo isso, nós estamos sofrendo tanto. Nós queríamos ele livre”. O Floriano não deu resposta, mas, no dia seguinte, Totonho estava solto. Mas realmente ele padeceu na prisão por esse crime, como aliás vários amigos e parentes também sofrerão a prisão e coisas muito desagradáveis pelo fato de terem ligação ou de sangue ou de amizade com vovô.

Entrevistadora: E d. Maria Augusta então quando foi para... logo após, logo depois foi para a Inglaterra?

Ana: Vovó avisada tomou o navio Madalena e vovô depois saiu do Aquidabã e foi para o Madalena e foram juntos para a Europa. Vovó, minha mãe, Maria Adélia, minha tia Francisca, meu tio João, que era o mais moço. Porque o meu tio Alfredo se achava interno num colégio na Suíça.

Entrevistadora: E quanto tempo passaram fora?

Ana: Não sei bem, só vendo a data, mas eu acho que mais de dois anos.

Entrevistadora: Eu queria perguntar era o seguinte: a família...

Ana: Tia Baby nasceu lá.

Entrevistadora: ... sofreu neste período que Rui estava fugido praticamente do país?

Ana: Sim!

Entrevistadora: A família sofreu alguma represália? Alguma pressão?

Ana: Bom, a família teve que se refugiar em casa dos parentes da família Jacobina. Na casa do conselheiro Jacobina que morava então na rua dos Inválidos e que também passava um tempo na Tijuca, porque a casa estava constantemente ameaçada. Um dos nossos empregados, que era um nordestino muito... violento, um dia acho que excedeu na cachaça e deu uns morras ao Floriano e desapareceu para sempre. A família estava realmente insegura. Depois o irmão de vovó foi preso, tio Carlito.¹³ Todos os amigos estavam ou preso, ou sob vigilância, então vovó se sentiu mais segura ficando em casa dos parentes que foram os Jacobinas.

¹³ Carlito era o apelido de Carlos Viana Bandeira, irmão de Maria Augusta Viana Bandeira Rui Barbosa.

Entrevistadora: E como é que foi o fim do exílio?

Ana: Bom! O vovô voltou.¹⁴ O Floriano já não era mais o governante e não sei se já tinha morrido. Me parece que já tinha falecido.¹⁵ Não tenho certeza. Só conferindo as datas.

Entrevistadora: E como é que foi essa volta?

Ana: Essa volta foi... ele voltou muito feliz e retomou a vida normal sem grandes problemas. Retomou a sua vida normal de advogado. Depois com as eleições...

Entrevistadora: Ele veio morar nesta casa, não é?

Ana: Sim. Ele veio morar nessa casa. Durante o exílio quem trataram os negócios amigos, entre eles o conselheiro Jacobina, que era um dos seus procuradores, e que adiantou lhe dinheiro, que pagou as hipotecas. Porque essa casa foi comprada por meio de 13 hipotecas, se não me engano por centos e poucos... 130... cento e poucos contos. E... vovô hesitou em comprar, mas ele necessitava de um lugar para sua biblioteca, que já estava muito grande, e vovó ficou encantada com a casa. Havia um jardim que era muito bonito e vovó... vovó, então, pensou em vovó lá em na rua... na praia do Flamengo onde eles residiam, eles tinham uma coleção de roseiras enorme no jardim de traz... era na parte... posterior da casa, nos fundos da casa como muitas vezes acontecia aqui no Brasil e lá vovô tinha muitas roseiras. Ele se encantou com a possibilidade de ter um jardim e de ter muitas roseiras aqui, o que realmente esse jardim se caracterizava por um grande número, variedades de roseiras. Então, ela foi comprada com essas hipotecas. Os documentos todos se encontram aqui no arquivo da casa. O pagamento das hipotecas durante o resíduo, também ele foi ajudado por amigos e ele trabalhou lá na Inglaterra.

Entrevistadora: Irmã Ana e sobre o jardim, os detalhes que ficou faltando, que a senhora...? [risos]

Ana: Alguns detalhes ficaram esquecidos naquela entrevista porque havia tanta coisa a falar. Uma das coisas que tocou muita imaginação de criança foi o picadeiro dos animais. O picadeiro era um recinto quase encostado à rua da Assunção. Um recinto oval, com uma cerca viva, aonde eram soltos, para nós, eram cavalos. Vovó às vezes falava nas bestinhas. Parece que havia um par de bestinhas cinzentas, muito bonitinhas, que

¹⁴ Rui Barbosa e família regressaram do exílio em junho de 1895.

¹⁵ Floriano Peixoto tinha a saúde em estado muito precário. Com o fim de seu governo, mudou-se para uma fazenda em Barra Mansa (RJ) para recuperar-se. Falecendo no dia 29 de junho de 1895.

às vezes puxavam os carros, mas eu me lembro dos cavalos enfim dos equinos que estavam lá no picadeiro e que ficavam soltos. Eram desatrelados dos carros e ficavam lá. Outra... o detalhe era... outro detalhe é constituído pelas mesas para piqueniques. Mesas que foram usadas muitas vezes por tio João, seus amigos e amigas. No fundo onde acaba a parreira havia uma alameda de enormes mangueiras dos dois lados e no meio havia então umas três ou quatro grandes mesas com tampo de madeira e esse tampo apoiado em antigos troncos muito grossos, talvez com um diâmetro de – não sei – um metro talvez. Um pouco menores, talvez. Essas antigas árvores que havia sido cerradas então serviam de apoio a essas mesas.

Entrevistadora: Não havia bancos, não?

Ana: Não, não havia bancos. Havia isso. Havia essas mangueiras. Isso tudo foi derrubado quando foi passado a rua aqui ao lado e o jardim foi destruído em grande parte no tempo do governo Artur Bernardes.¹⁶ A casa foi encostada à nova rua que eles pretendiam fazer passar aqui. E no governo de Washington Luís,¹⁷ então presidente... o Mangabeira que tinha frequentado muito aqui, o Otávio Mangabeira,¹⁸ procuraram...

Entrevistadora: Que rua a senhora está falando?

Ana: Essa rua passava aqui ao lado encostada a casa. Nós estamos de frente para casa, não é? Do lado esquerdo, encostado...

Entrevistadora: A rua Barão de Lucena a senhora diz?

Ana: Era. Era uma rua...

Entrevistadora: Quer dizer que o jardim ia até ali? O jardim se estendia nessa parte lateral até lá?

Ana: Se estendia até onde se estende hoje. Ali ao lado havia o convento Nossa Senhora de Lourdes e depois se mudou. Depois havia a casa do barão de Lucena.¹⁹ Mas, esse projeto visava valorizar os terrenos. As irmãs de Lourdes saíram daí. Então valorizavam os terrenos todos que havia. Então passaram uma rua encostando o muro da rua a casa, ao lado

¹⁶ Para maiores informações, vide verbete “Artur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Washington Luís”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/washington-luis-pereira-de-sousa>>.

¹⁸ Para maiores informações, vide verbete “Otávio Mangabeira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mangabeira-otavio>>.

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “Henrique Pereira de Lucena” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUCENA,%20Henrique%20Pereira%20de.pdf>>.

esquerdo da casa, e derrubaram todas as árvores, árvores centenárias, e desfizeram o jardim todo. Foi uma verdadeira tristeza.

Entrevistadora: Houve alguma indenização? Alguma coisa?

Ana: Nada. Somente quando se resolveu realmente dar vida ao museu, no governo do Washington Luís, que o Washington Luís procurou reunir todos os objetos dispersos e reconstituir o jardim à semelhança do que fora. Então foi fechada a rua e foi feito isso que está aí.²⁰ Por exemplo, a árvore de olho de boi, de longana, está no lugar exato onde estava a antiga, que era uma árvore imensa. Umhas duas ou três vezes maior do que essa. Havia um ficus benjamin, um dos maiores que eu já vi, que se deitava sobre a rua de paralelepípedos que passava ali ao lado. E, ali no lago, naquela extremidade esquerda do lago, havia então um conjunto de guaiambés, de palmeiras, de tudo que fazia um recanto assim fechado, onde as crianças gostavam muito de xeretar, de brincar e tudo. Isso tudo foi derrubado e depois reconstituído na medida do possível.

Entrevistadora: Irmã Ana, a senhora tem alguma coisa a mais...

Ana: Que eu me lembre assim, não. A não ser que a senhora faça pergunta ou queria saber alguma coisa.

Entrevistadora: Então nós podemos deixar o seguinte: em outras conversas, talvez outros fatos ocorram na sua memória e a senhora está convidada a conhecer o evento.

Ana: Posso lhe dizer olhando o quiosque,²¹ que hoje é um dia quente, eu tive saudade do chuveiro do quiosque que era muito bom. A gente descia. Davam a mão, que eu era pequena. A gente ficava lá embaixo e soltavam o chuveiro, então era uma delícia.

Entrevistadora: Ai, que delícia! Obrigada!

Ana: Obrigada!

[Fim da gravação]

²⁰ Sobre as obras de conservação e restauração do jardim realizada em 1930, há uma série de fotografias na base iconográfica da FCRB. Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

²¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

**Adroaldo Alencar Costa
(depoimento, 1986)**

COSTA, Adroaldo Alencar. *Adroaldo Alencar Costa. (depoimento, 1986)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Adroaldo Alencar Costa

Local da entrevista: Consultório do entrevistado

Data da entrevista: 7 de agosto de 1986

Duração: 11min 24s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora¹: -

Descritores/Assunto: Virgílio Clímaco Damásio, Salvador – Bahia, relacionamento de Rui com crianças, Godofredo Filgueiras Filho, Humberto de Castro Lima.

Biografia²:

Médico oftalmologista, sobrinho neto de Virgílio Clímaco Damásio, político baiano, médico e professor de medicina legal da Faculdade de Medicina da Bahia.

¹ O entrevistador não foi identificado ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por uma pessoa, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruiarbosa.gov.br/>>.

² A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui, nos anos 1970.

Entrevistadora: ... de Rui Barbosa, estamos hoje, dia 7 de agosto de 1986, no consultório do dr. Adroaldo de Alencar Costa, oftalmologista, sobrinho-neto de Virgílio Clímaco Damásio.³ Político e médico baiano nascido em 1838 e falecido em 1913. Dr. Adroaldo, o senhor poderia nos informar exatamente o seu parentesco com o dr. Virgílio Damásio e qual o relacionamento do dr. Virgílio com o Rui Barbosa?

Adroaldo: Pois não. Eu não tenho muita coisa, ou melhor, muito relacionamento com Rui Barbosa porque eu me lembro perfeitamente quando menino, muito criança, que ele ia lá à casa de minha avó, minha avó materna, que era irmã de tio Virgílio. Tanto que Virgílio Clímaco Damásio era meu tio-avô, que era irmão de minha avó materna e chamava também Amália. Eu me lembro perfeitamente. Tio Virgílio era professor da faculdade de medicina...

Entrevistadora: Na Bahia?

Adroaldo: Na Bahia... e foi médico do imperador e tio Virgílio foi o primeiro médico brasileiro que foi à Europa mandado pelo imperador para tomar conhecimento do progresso da medicina para melhorar o ensino médico no Brasil, que naquele tempo só existia a Faculdade de Medicina da Bahia.

Entrevistadora: Ele era clínico-geral.

Adroaldo: Ele era clínico-geral. Então, quando ele voltou da Europa, ele trouxe um relatório... apresentou ao imperador... um relatório à faculdade de medicina, não é? Um relatório muito interessante e que naquela época foi considerado de grande valor para a melhoria do ensino. Ele era

³ Para maiores informações, vide verbete “Virgílio Damásio”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAM%C3%81SIO,%20Virg%C3%ADlio.pdf>>.

professor de medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia. Este relatório, após este relatório, ele recebeu uma condecoração e o que eu me lembro é de que nenhum homem de nossa família poderia entrar para o exército como soldado raso. Entrava como cadete, que era o primeiro... quando saía da escola militar saía cadete.

Entrevistadora: Era a regalia que tinha... que depois da condecoração foi concedida.

Adroaldo: Eu estou falando isto, porque me lembro perfeitamente do Rui Barbosa quando ia na casa de minha avó visitá-la, que... minha avó morava num lugar chamado Bom Gosto do Canela 33, o que me lembro até hoje. Fica ali perto do Campo Grande, na Bahia.

Entrevistadora: E quantos anos o Rui tinha? Já era um homem...

Adroaldo: Sim, já era. Isto deveria ter sido no ano de 19... o quê? 1914, 1915. Eu devia ter 4 ou 5 anos. Eu nasci em 1911. Ele ia lá e eu tinha uns quatro, cinco anos de idade e então ele chegava e mexia na minha cabeça, sacodia assim e dizia, e me chamava “Seu cadete”. E dizia: “Seu Cadete, você ou vai ser um grande homem ou vai ser um malandrão”. Ele, o Rui Barbosa me dizia isto e minha avó perguntava: “Mas por que?” E ele dizia: “Porque olha o riso dele. Ele dá uma risada... que eu gosto deste menino... ele vai ser assim... ele parece muito inteligente ou então vai ser muito malandro”. [Risos]. Isto é uma passagem que eu me lembro daquela época. Agora, eu não me lembro perfeitamente porque mamãe já é morta, minha avó e todos. Eu não me lembro se eu sou primo em terceiro grau ou em quarto grau de Rui Barbosa. Ele era da minha avó, não sei se primo carnal, primo em primeiro grau ou primo em segundo grau, uma coisa desta.

Entrevistadora: Quer dizer que existe... que havia um parentesco da sua família com a família de Rui Barbosa?

Adroaldo: ... de Rui Barbosa... ele era parente de tio Virgílio e eram antagonistas políticos. Porque Rui Barbosa queria, vamos dizer, ser governador da Bahia e não conseguia porque tio Virgílio era médico clínico, tinha muita clientela e todo mundo votava nele. Tanto que tio Virgílio foi o primeiro governador com a República. Quando foi proclamada a República, o primeiro governador foi tio Virgílio.

Entrevistadora: Quer dizer, seu tio foi governador da Bahia.

Adroaldo: Foi governador. Foi o primeiro governador. Não sei quanto tempo... e ele concorreu com Rui Barbosa e Rui Barbosa tinha aquela mágoa de não conseguir vencê-lo politicamente. Porque ele como médico

tinha todas as facilidades... atendia... os médicos têm muita... se ele se mete em política arranja muito voto, não é? Eu, felizmente, nunca me meti em política; tenho sim, uma grande clínica de políticos, mas nunca me meti em política. Tenho horror à política.

Entrevistadora: O senhor poderia, assim, traçar rapidamente qual a atuação política do seu tio, do dr. Virgílio? Então ele era um médico famoso...

Adroaldo: Era um médico famoso, professor da faculdade de medicina, foi... chamava-se conselheiro Virgílio Damásio... porque ele foi conselheiro de... ele foi deputado, foi senador, foi conselheiro da República e foi o primeiro governador lá.

Entrevistadora: E essa parte... pelo fato de ele ser médico, ele teve algum relacionamento neste aspecto... tenha sido clinicado Rui Barbosa? Ou alguma coisa nesse gênero ou não, eles só tinham um relacionamento político?

Adroaldo: Relacionamento político e de parentesco. Eu me lembro perfeitamente que Rui Barbosa queria muito bem à minha avó. Ele ia lá em casa, e... abraçava, ia sempre nos ver... porque papai era engenheiro e viajava muito e nós corríamos este Brasil todo. E, de vez em quando, íamos passar dois, três meses na Bahia, com minha avó. Eu saí da Bahia muito pequeno e vim para o Rio. Morava em São Cristóvão, depois voltei. Voltamos para... fomos a Pernambuco, fomos a Alagoas, voltava para a Bahia depois fomos para Minas. Tive muito tempo em Minas; tanto... eu tenho um grande relacionamento com o professor Hilton Rocha,⁴ do Instituto Hilton Rocha, de Belo Horizonte, que é o maior serviço de olhos da América Latina e eu sou até membro de honra do instituto. Foi agraciado com esse título há dois anos. Em 1984, precisamente. Foi até dr. Tancredo,⁵ coitado, que já faleceu, que ia me entregar este título lá. Eles lá dizem que eu sou o mineiro nascido na Bahia, porque fui muito pequeno para Minas. De maneiras que eu não convivi muito tempo com parentes e pessoas lá na Bahia, mas sei perfeitamente estes pequenos detalhes...

Entrevistadora: E sua avó, o senhor herdou alguma lembrança de sua avó em relação a Rui Barbosa? Algum fato pitoresco, algum fato interessante que tenha se destacado?

⁴ Para maiores informações, vide “Hilton Ribeiro da Rocha”, disponível em: <[http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=386&descricao=Hilton+Ribeiro+da+Rocha+\(Cadeira+No.+79\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=386&descricao=Hilton+Ribeiro+da+Rocha+(Cadeira+No.+79))>.

⁵ Para maiores informações, vide verbete “Tancredo Neves”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/tancredo-de-almeida-neves>>.

Adroaldo: Assim que eu me lembro, não. A lembrança mais que eu tenho sobre Rui Barbosa é esta questão dele me chamar de “Seu Cadete”. E com o tempo então, é que eu fui saber por que era que ele me chamava... que eu era cadete.

Entrevistadora: E o senhor teria guardado, ou algum membro de sua família lá na Bahia, que o senhor saiba, alguma fotografia, algum documento sobre a família sobre Rui?

Adroaldo: Sobre a família, eu soube que sobre tio Virgílio tinha um primo nosso chamado Godofredo Filgueiras Filho e que eu poderei depois lhe dar o endereço dele. Ele está muito idoso e vive aqui no Rio. E ele está escrevendo qualquer coisa sobre tio Virgílio – memórias, um livro, qualquer coisa... eu soube isto. Ele está escrevendo. E outra pessoa que sabe e que tem detalhes a respeito é dr. Humberto de Castro Lima,⁶ que é grande oftalmologista lá na Bahia. E eu, quando por acaso vou a algum congresso que eu vou e que eu encontro, ele de vez em quando conversa comigo coisas sobre este respeito. São duas pessoas que eu sei que devem ter... Humberto de Castro Lima, é Salvador e Godofredo Filgueiras Filho, que mora aqui no Rio e mora ali na avenida Presidente Antônio Carlos, mais ou menos ali defronte da Maison de France – por ali assim. Ele mora por ali, eu não sei bem o endereço, mas sei que... porque ele até me telefonou há um mês e pouco perguntando se eu tinha alguns detalhes sobre tio Virgílio, porque ele está escrevendo. Ele esteve na Bahia, pegou dados, tudo mais e estava escrevendo qualquer coisa... uma monografia, ou um livro, eu não sei o quê... se... memória de Virgílio Clímaco Damásio.

Entrevistadora: Agora este relacionamento do dr. Virgílio com Rui Barbosa, quer dizer, eles eram apenas... havia um antagonismo apenas político... mas havia uma amizade?

Adroaldo: Apenas político... uma amizade de família... eram amigos tanto que Rui Barbosa visitava lá a casa de tio Virgílio, que morava no Corredor da Vitória, que era um dos melhores lugares... bairro mais chique... Vitória... corredor da Vitória, como chamava. Ele visitava, se visitavam e o Rui Barbosa visitava muito a minha avó; tanto que ia lá e eu estava descalço brincando, pulando ali... pulava... eu via que ele tinha chegado e ele era muito simpático, muito agradável...

⁶ Para maiores informações, vide “Em memória do Prof. Humberto de Castro Lima (1924 – 2008)” disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/abo/v71n6/a32v71n6.pdf>>.

Entrevistadora: Era isto que eu ia perguntar: qual é a memória que o senhor tem dele? Uma pessoa simpática, agradável?

Adroaldo: A memória é esta. Era uma pessoa muito agradável. Sempre muito bem-posto, muito bem-vestido. Isto eu me lembro perfeitamente.

Entrevistadora: E o senhor se lembra de ele ter ido com outros membros da família?

Adroaldo: Não. Isto eu não me lembro. Eu tenho relativamente muitos poucos dados... enfim... possa ser que sirva para alguma coisa.

Entrevistadora: É... por exemplo, uma coisa que eu queria perguntar: o Rui Barbosa... porque eu estava achando que o dr. Virgílio foi médico de Rui, mas não...

Adroaldo: Isto que eu saiba não; talvez tenha sido, porque ele era um médico eminente naquela época, de maneira que...

Entrevistadora: Porque eu ia lhe fazer uma pergunta... porque na casa de Rui nós encontramos uma... nós temos no acervo, um estojo de remédios homeopáticos então eu ia... [toque do telefone] é uma coisa interessante de saber se o sr. Virgílio era um médico alopata atendendo Rui... que é interessante estes dois lados, da homeopatia e da alopatia. Na Bahia, naquela época se usava muito a homeopatia...

Adroaldo: Isto eu não sei. Eu não me lembro absolutamente.

Entrevistadora: Bom, eu... agradeço muito...

Adroaldo: Agora, estes dois nomes que eu citei podem lhe servir principalmente aqui no Rio, o Godofredo Filgueiras Filho.

Entrevistadora: Bom, depois eu [inaudível] gravação... [inaudível] eu anoto.

Adroaldo: Anota, não é?

Entrevistadora: E obrigado por ter... assim a gente vai encontrando pistas de pessoas que conviveram e assim a gente vai enriquecendo o nosso acervo de memórias...

Adroaldo: Muito bem.

[Fim da gravação]

**Rubem Pereira Braga
(depoimento, 1986)**

BRAGA, Rubem Pereira. *Rubem Pereira Braga. (depoimento, 1986)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Rubem Pereira Braga

Local da entrevista: Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 13 de agosto de 1986

Duração¹: 01h 3min 1s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadoras²: -

Descritores/Assunto: Botafogo, ruas, casa da rua São Clemente, infância, personalidade, cometa Halley, carnaval, igreja São João Batista, Cajado de Ouro, praia, cinema, colégios, comércio, Colégio Santo Inácio, mourisco, clima, hábitos, colégios, transformações, metrô, vila, cabeça de porco, cortiços, lavadeiras, rua Assunção, comércio, Clube Botafogo.

Biografia³:

(n. Rio de Janeiro, 1904 – f. [?])

Antigo morador de Botafogo.

Dentista.

Filho de José da Silva Braga e de Hercília Pereira Braga.

Sobrinho de um vizinho de Rui, Artur Antunes Pereira.

¹ A entrevista está dividida em duas partes, com respectivamente, 31min e 35s e 31min e 26s.

² As entrevistadoras não foram identificadas ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por duas pessoas, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1980.

PARTE 1

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui, estamos hoje, 13 de agosto de 1986, aqui na Casa de Rui Barbosa com o sr. Rubem Pereira Braga, antigo morador de Botafogo, vizinho de Rui Barbosa e que vai nos contar alguns casos desse relacionamento com esses vizinhos e nos falar também sobre Botafogo daquela época. Sr. Rubem, desde quando o senhor mora aqui em Botafogo? Seus pais já viviam aqui? E exatamente onde vocês moravam aqui em Botafogo?

Rubem: Bom, eu nasci em Botafogo. Nasci na rua Dezenove de Fevereiro. O número não me recordo bem. Mas, com dois anos, meu pai comprou um terreno na rua Dona Mariana, onde atualmente existe a clínica do dr. Pitanguy. Aquela casa era casa de meu pai e nós vendemos ao dr. Pitanguy.

Entrevistadora: Sim

Rubem: Eu nunca saí de Botafogo.

Entrevistadora: Quer dizer que hoje no local é a clínica do dr. Pitanguy?

Rubem: É a clínica do dr. Pitanguy, sim.

Entrevistadora: Então, vocês eram vizinhos de Rui Barbosa, né?

Rubem: Mais ou menos vizinhos porque... eu vinha muito aqui no terreno dele porque meu tio, um tio meu, o Artur Antunes Pereira, residia aqui ao lado. Neste terreno que hoje está demolido.

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Quer dizer que eu vinha aqui brincar no jardim quando tinha, quando era garoto.

Entrevistadora: Mas o senhor vinha brincar com o pessoal da família, não?

Rubem: Não, não, não. Eu entrava porque eu me dava com o jardineiro.

[pausa]

Entrevistadora: Bom, o senhor brincava, então, com o jardineiro e...

Rubem: Não, não brincava. O jardineiro me facilitava a entrada porque eu era garoto e tal. Então, ele deixava e eu ficava ali no jardim, passeando ali dentro do jardim, correndo por ali e tal e assistia ao movimento da casa às vezes, principalmente do escritório do conselheiro Rui Barbosa porque dava para a parte da frente.

Entrevistadora: Exatamente, aonde que era o escritório dele?

Rubem: Devia, o dele... parece que era correspondente a segunda... são dois, são seis janelas mais na frente... dois, quatro, é... a terceira e quarta janela. Era ali. Ali tinha...

Entrevistadora: O senhor diz na parte da frente ou nessa parte daqui de...

Rubem: Na parte da frente, na parte da frente.

Entrevistadora: Sei.

Rubem: E tinha do lado uma biblioteca nas duas últimas janelas. Na última ou nas duas últimas.

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Isso eu não preciso. Não tenho mais precisão assim. Eu nunca mais voltei aqui desde aquela época. Não localizei mais, né?

Entrevistadora: Porque aqui na parte de trás são as janelas da biblioteca e na parte lateral, então, tem uma outra janela que seria o escritório dele.

Rubem: Não, não. Ele atendia as pessoas lá na frente.

Entrevistadora: Lá na frente onde tem a varanda?

Rubem: É.

Entrevistadora: O senhor se lembra bem disso?

Rubem: Tinha um canto ali no lado que ele recebia os colegas dele, advogados que vinham consultá-lo. Eu via dos jardins, conversando e tal. Daqui a pouco ele passava para a outra sala, pegava lá um livro, lia depressa, colocava lá e voltava e continuava a conversar.

Entrevistadora: E qual, assim... o senhor tinha quantos anos nessa época?

Rubem: Devia ter mais ou menos uns oito anos, sete/oito anos.

Entrevistadora: E qual a impressão que o senhor teve de Rui Barbosa, da pessoa dele?

Rubem: Bom, ele era muito vaidoso. Muito vaidoso demais. Estava sempre numa linha terrível, né? E, e então, eu... ele com aquele negócio ele não

podia, por exemplo... tinha esse meu tio que também era muito vaidoso. Os dois se equilibravam mais ou menos.

Entrevistadora: Mas havia um relacionamento do seu tio com ele?

Rubem: Não.

Entrevistadora: De vizinho, não?

Rubem: Não, não. Vizinhos, só. Cumprimentos e tal. Agora ele, um comprava, por exemplo, meu tio comprava um cavalo, uma parelha de cavalos... na ocasião era um carro. Eram carros puxados a cavalo. Comprava uma parelha, no dia seguinte ou dois dias depois ele estava com uma parelha, assim, um comprava o branco o outro comprava um...

Entrevistadora: Quer dizer que havia uma competição... uma guerra fria?

Rubem: Uma espécie até de competição. Uma exibição, vamos dizer assim. É uma exibição. E ele saía naquele carrinho com uma pose... sempre muito esticatinho, muito durinho, com aquele fraque? Como é? Com aquele paletó, né? Não era um fraque propriamente. Mas por outra, não era um fraque assim. Ele usava como um jaquetão, vez por outra. Não me lembro de tê-lo visto assim com aquele paletó⁴ comprido, aquelas casacas. Nunca lembro de ter visto ele assim nos carros. Uma cartolina branca, às vezes. Acho que era branca. Não sei se era branca ou cinza clara porque agora não tenho ideia, mas sabia que era mais para branca que para cinza.

Entrevistadora: Sei. E o senhor se lembra das crianças da família, de filhos de Rui brincando aqui no jardim?

Rubem: Não, não. Nunca vi criança nenhuma por aí. Nunca vi. Eu sabia que tinha as filhas dele e tal, mas nunca vi.

Entrevistadora: Em que ano, mais ou menos, era esse que o senhor tinha oito/sete anos?

Rubem: 1912, mais ou menos. Aliás, eu queria abrir um parêntesis. Esse ano eu fiquei decepcionado com uma coisa. Tive uma grande decepção.

Entrevistadora: Por quê?

Rubem: Porque eu espalhei para todo mundo que eu vi o planeta Halley...

Entrevistadora: O cometa Halley...

Rubem: O planeta, o cometa Halley em 1910. Eu tinha cinco para seis anos. Vi o cometa Halley.⁵ Vi a beleza que foi aquilo. Quando me fala-

⁴ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

⁵ Para maiores informações, vide "18/05/1910 – O cometa Halley passa entre o sol e a Terra", disponível em: <<https://www.bn.gov.br/es/node/514>>.

ram... comprar luneta e tal, eu disse: “Não precisa. Vocês quase que seguram ele”. E, no entanto, me passa um *espermatoidezinho* de planeta, de cometa. Sim, porque aquilo ali é um...

Entrevistadora: Não foi nada em relação à visão que vocês tiveram...

Rubem: Ih, que nada! Mas não foi coisíssima nenhuma, mas coisíssima nenhuma. A nossa sorte, talvez, me disseram que ele afastou-se da terra. Ótimo, porque se ele desse aquele afastamento ao contrário, ele ia dar uma trombada aqui em nós.

Entrevistadora: É porque, eu li uma reportagem que a pessoa coloca que essas pessoas que viram em 1910 estão fantasiando muito que viram. Ele não era assim tão belo e tão visível.

Rubem: Não, não. É o seguinte: a senhora, eu digo a todo mundo, aquela estrela do natal, que depois eu soube que tinha o... pintor tinha... copiado aquela estrela, justamente do cometa Halley. É aquilo mesmo, mas [inaudível]. A senhora vê. Aparecia primeiro aquela bola de... prateada. Não era amarela, não. Era prateada clara. Vinha avançando, ia alargando, alargando. Ele ia passando e não assim numa corrida como muita gente imagina, não. Ele ia aos saltos. Dava um esticão assim parava, parava, dava um tempo enorme, depois dava outro avanço.

Entrevistadora: Então ficava muito tempo visível...

Rubem: Ah, visível, e depois...

Entrevistadora: À noite?

Rubem: A hora não posso precisar, porque na minha idade eu não lembro a hora. Sei que meu pai me tirou da cama, a mim e a meus dois irmãos mais velhos. Minha irmã mais velha me tirou da cama para nós vermos. Eu sei que dava uma aparência, aspecto de atualmente cinco e meia/seis horas da manhã. Aquela... a claridade que estava.

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Agora, não sei se devido a ser de manhã, mas eu acho que era mais devido à cauda porque era branca. Conforme ele ia desaparecendo, aquela bola bem na frente, ia abrindo a cauda atrás. É como se fosse um projetor de cinema antigo que a senhora jogasse mais umas prateadas, uns pedacinhos de papel prateado, dava aqueles cintilantes de vez em quando, né? Uma luz clara, uma luz clara... fluorescente como essa daqui, de gabinete.

Entrevistadora: Sei, sei. E as pessoas iam todas para a rua, ficavam na rua, os vizinhos...

Rubem: Isso eu não sei, porque eu não saí do quintal lá de casa.

Entrevistadora: Ah, sim. Sua casa era uma casa grande de quintal...

Rubem: Era uma casa grande, dava aqui para os fundos, para o quintal do... do Guinle.⁶

Entrevistadora: Sei, sei.

Rubem: Daquele terreno do Guinle, da esquina da rua das [inaudível] no largo do Machado, então aquilo ali, aquela rua Guilhermina Guinle era o quintal. Era quintal do, do... lá de casa, era quintal do [inaudível] encostava no fundo lá de casa. E tinham umas palmeiras até ali, nós ficávamos na escada da cozinha, como nós chamávamos, uma escada que dava para o... pelo nosso quintal. Ficávamos ali vendo dali da escada, passou, assim veio na direção de, do Corcovado caindo para o lado do Pão de Açúcar. Não é? Mas era uma coisa que não precisava de binóculo. Coisíssima nenhuma! Aquilo, até, você tinha quase que fechar os olhos para não ficar com os olhos ardendo, não é?

Entrevistadora: E, sr. Rubem, como é que foi a infância de vocês aqui em Botafogo, né? Do senhor aqui em Botafogo?

Rubem: Ah, isso...

Entrevistadora: Vocês brincavam na rua?

Rubem: Não, não brincávamos na rua.

Entrevistadora: Como é que era?

Rubem: Porque papai era daquele tipo antigo ainda, né?

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Era um patriarca, como dizia Rui.

Entrevistadora: E tinha irmãos?

Rubem: Eu tinha uns oito irmãos...

Entrevistadora: Sei...

Rubem: Era tipo patriarcal antigamente, vamos dizer assim. E aquilo era... meu irmão mais velho parecia que era o chefe da família toda. Como o meu avô... era, como é que se diz... então, tudo que os Bragas queriam da família iam consultar com ele e essa herança caiu para cima de papai. Então, nós tínhamos uma infância, quer dizer, brincar na rua não havia, podia brincar na rua, porque não havia perigo nenhum.

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Mas era um pouco...

⁶ Para maiores informações, vide “Palacete Guinle de Paula Machado”, disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-avancada-2/169-palacete-guinle-de-paula-machado>>.

Entrevistadora: Normalmente as crianças brincavam? Muitas crianças que brincavam e jogavam bola na rua...

Rubem: ... bola de gude...

Entrevistadora: ... bola de gude...

Rubem: Mais nos quintais das casas, porque todas as casas aqui, não tinha casinha pequena aqui. Era tudo isso mais ou menos como aqui o...

Entrevistadora: Nem precisava brincar na rua?

Rubem: Não precisava, porque tinha tudo dentro de casa. Tinha tudo dentro de casa, não havia necessidade de ir na rua. Muito embora pudesse ir porque a senhora podia sair, por exemplo, às duas, três horas da madrugada, a senhora sozinha, não havia ninguém que lhe dissesse qualquer coisa, lhe faltasse com respeito. Não saía porque mulher não saía de noite, praticamente, mas se saísse... eu saía qualquer hora da noite quando criança, não tinha...

Entrevistadora: Perigo nenhum.

Rubem: Perigo absolutamente nenhum.

Entrevistadora: E havia algumas... porque é o seguinte: o senhor se lembra se havia alguma festa popular, por exemplo, aqui no bairro? De igreja? Alguma coisa que todo ano acontecesse?

Rubem: Não, não. A única coisa, aí é outra história. A única coisa que acontecia de popular aqui no bairro, que era mesmo de fato de peso, era o carnaval.

Entrevistadora: Era o carnaval, né? E havia alguma festa de igreja, de alguma dessas igrejas...

Rubem: Na igreja de São João Batista. Não havia essas festas. Assim grandes assim não, não havia.

Entrevistadora: Sei. Havia aquelas pequenas quermesses.

Rubem: Quermesse, uma coisinha assim, muito...

Entrevistadora: Agora, que mobilizasse todo bairro era o carnaval.

Rubem: Era o carnaval, isso aí mobilizava...

Entrevistadora: E como era?

Rubem: O carnaval era na rua de São Clemente.

Entrevistadora: Na rua São Clemente. Aqui mesmo?

Rubem: Aqui na rua São Clemente...

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Na loja de um tio meu, Cajado de Ouro. Tem aqui um Cajado de Ouro. Esse Cajado de Ouro não é do meu tio. Esse é... esse comprou o negócio do meu tio depois e quando acabou lá em... lá aquela casa com as obras do metrô ele veio por aqui.

Entrevistadora: Mas onde era o Cajado de Ouro? É onde atualmente é o metrô?

Rubem: Onde está o metrô. Está o metrô.

Entrevistadora: Ah, sim.

Rubem: O Cajado de Ouro. Então, acontecia o seguinte. Os blocos, durante o mês do carnaval, desde o começo, antes do carnaval,⁷ um mês antes levavam lá para... era um armarinho. Chamavam os armarinhos, vendiam fazenda.

Entrevistadora: Agora, os blocos eram originários aqui mesmo de Botafogo?

Rubem: De Botafogo. Botafogo pegava até o largo do Machado. Vamos dizer, marquês de Abrantes, essas coisas...

Entrevistadora: Sim, era maior.

Rubem: Eles levavam uma... a bandeira deles, do clube, e ficava em exposição lá na loja. E no domingo de carnaval, então, eles iam... sábado ou domingo, não me lembro se era sábado ou domingo, mas eu acho que era...

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Ou era sábado ou domingo de carnaval. Eles iam apanhar lá as bandeiras. Então havia aquela coisa toda. Aquela batucada. A bandeira... eles pegavam a bandeira...

Entrevistadora: O senhor se lembra de algum nome de algum...? O nome desses blocos?

Rubem: Tinha aquele... tinha um na rua da Passagem. Era um... eu acho que ainda existe alguns até aí. Assim de nome assim não me recordo bem não. Mas, na rua da Passagem tinha um; um ou dois. Tinha em todo lugar, quando era canto tinha um bloco, não é?

Entrevistadora: Todos os blocos do bairro mesmo?

Rubem: Do bairro mesmo. Não vinha de fora, não. Era tudo daqui.

Entrevistadora: Não era ainda escola de samba. Não havia escola de samba.

Rubem: Não, não, era bloco. Bloco de índios e qualquer negócio de índios, cabeça de burro e aquilo tudo. Era um carnaval que havia de vez em quando umas briguinhas como houve uma muito grande ali no começo da praia de Botafogo que houve até mortes, capoeiras. Compreendeu? Encontraram-se blocos e...

⁷ Para maiores informações, vide “O carnaval nas primeiras décadas do século XX”, disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=4376>>.

Entrevistadora: Quer dizer que Botafogo era um bairro que tinha uma atuação carnavalesca grande durante o ano inteiro, porque havia os blocos já organizados.

Rubem: Tinham aquelas festazinhas depois, aquelas gafeiras... chamavam gafeiras, não é? E tinham aqueles, aquelas coisinhas, mas não havia festa da envergadura, nem um quarto, nem um quinto do que é hoje. Porque aquilo era uma coisa... era uma coisa muito, muito restrita. Compreendeu? Guardando a proporção de população, não é? A senhora vê: a rua São Clemente ficava entupida, mas era naquele trecho da praia até a rua Bambina, no máximo. Naquele trecho ficava o carnaval todo.

Entrevistadora: Sei. E o senhor me diz o seguinte e na praia de Botafogo? Havia o cortejo na praia de Botafogo?

Rubem: Na praia de Botafogo não tinha nada. De carnaval não tinha nada.

Entrevistadora: Não né? Que o senhor se lembre não?

Rubem: Carnaval só no centro da cidade.

Entrevistadora: E aqui do bairro era aqui na rua São Clemente?

Rubem: Na rua de São Clemente. Na rua São Clemente que se fazia blocos de Carnaval.

Entrevistadora: Mas a população, quer dizer, vocês, o senhor como criança, os seus pais deixavam o senhor participar daquela alegria?

Rubem: Eu ficava aqui na loja, no armarinho aqui, assistindo aquilo tudo. Vendiam lança-perfume. Hoje em dia não se pode nem falar de lança-perfume.

Entrevistadora: E aí vocês dançavam e cantavam as músicas...

Rubem: Era aquela brincadeira, aquela brincadeira...

Entrevistadora: As crianças das famílias mais tradicionais podiam participar? Não era proibido. Carnaval não era uma coisa negativa.

Rubem: Não! Qualquer um ia. Qualquer um ia. Agora quanto ao carnaval maior era no centro da cidade, na avenida. Que tinha aquele curso⁸ e tudo mais. Nós íamos primeiro de carro, depois de automóvel. Tá compreendendo? Trepados nas capotas. Até a primeira vez que eu vi uma pornografia pública. [risos] Posso falar?

Entrevistadora: Pode. Não tem problema. Pode falar. [risos]

Rubem: A primeira vez que eu vi isso. Até papai ficou indignado. Nós tínhamos o nosso carrinho e tal [inaudível], sei lá. Aí, nós íamos uns na

⁸ Para maiores informações, vide “Cursos carnavalescos e batalhas de confete”, disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cursos.html>>.

capota, outros sentados atrás, assim, num banquinho que tinha, numa cadeirinha... era duas, quatro portas mas tinha o banco de trás, tinha umas duas cadeirinhas, o *chauffeur* e tal, botava [inaudível] toda e estava tudo muito bem na avenida. Na nossa frente num desses corsos ia um bloco de rapazes e moças num carro na frente e um bloco de rapazes no carro de trás. E essas moças levavam um quati. Esse bichinho que tinha muito aqui no Corcovado. Aquele quatizinho. E as moças... os rapazes gritavam para as moças: “Me dá o quati!” E elas diziam: “Não dou o qu-a-ti”.

Entrevistadora: [risos] Pra época já era... bem pesada.

Rubem: Foi a maior pornografia. Uma vez eu nunca mais parei o... lá perto do carro do papai, ele saiu de lá, quase que meteu o braço no sujeito. Porque um sujeito fazer um gesto deste na rua. Era pegar um...

Entrevistadora: E sr. Rubem, como é que era a praia?⁹ Vocês iam à praia... porque era perto da praia?

Rubem: Íamos. De manhã cedo. Íamos de quase roupão.

Entrevistadora: E como é que era? Como é que vocês iam vestidos?

Rubem: Era camisa de meia, calção até o joelho e roupão, porque ninguém saía de casa sem roupão.

Entrevistadora: Claro, não podia sair...

Rubem: As moças eram com aquele elasticozinho ainda lá embaixo na perna para não entrar tatuí. [risos] E tudo uma beleza, porque era tudo feito com muita calma. O único perigo que havia era o siri, porque tinha muito siri e eles ficavam enterradinhos, ali, na boca de espera. Por isso que você vê essas gravuras hoje que têm um siri pegado no dedão do pé...

Entrevistadora: Que horário vocês iam? Vocês ficavam muito tempo na praia como hoje?

Rubem: Das seis às oito horas no máximo. Depois das oito horas...

Entrevistadora: Esquentava o sol e vinha todo mundo embora.

Rubem: Todo mundo embora. Porque todo mundo tinha que trabalhar e não podia...

Entrevistadora: Mas vocês tinham o hábito de ir à praia? Mesmo as crianças das famílias mais conservadoras... era uma coisa normal as crianças irem à praia.

⁹ Para maiores informações, vide o artigo “As praias cariocas no início do século XX: sociabilidade e espetáculos do corpo” de Rosane Feijão, publicado na revista *Escritos* e disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero07/escritos%207_09_as%20praias%20cariocas.pdf>.

Rubem: Eu ia, por exemplo, com meu companheiro de garoto ainda, Fábio Penna da Veiga.¹⁰ Não sei se já ouviu falar, construtor atualmente. Ele ainda é muito meu amigo até hoje. Ele morava na rua Sorocaba, o pai dele era o dr. Edmundo Veiga. d. Conceição era filha do Afonso Pena, presidente, ex-presidente Afonso Pena. Nós andávamos todos com ele ali e tal, e ele ia conosco. Todo mundo ia à praia assim. Compreendeu? Íamos lá na Urca, às vezes, outras vezes ali no, na praia de Botafogo.

Entrevistadora: Agora uma perguntinha que eu ia fazer ao senhor. Muitas pessoas que visitam aqui, a casa de Rui Barbosa, dizem que uma lenda, um caso, que o Rui Barbosa não gostou, não gostava que o bonde passasse aí na porta dele.

Rubem: Ah, isso ele não queria mesmo não.

Entrevistadora: Agora, o que que o senhor diz disso? O que o seu tio que morava, que era vizinho dele?

Rubem: Não, aquele negócio da... o bonde veio muito depois. O bonde é quase de ontem para mim. Não é? É quase de ontem. Mas ele não gostava era da... vaidade só, vaidade.

Entrevistadora: O senhor confirma que havia essa implicância dele com o bonde?

Rubem: Havia sim. Havia porque ele não queria, ele queria ir sozinho no carro dele porque aquilo não era um... um negócio qualquer que ele tinha um recalque, sei lá o que... ele tinha disso.

Entrevistadora: Sei. Agora, além das brincadeiras, que vocês brincavam mais em casa do que na rua, né? E da praia, que outro tipo de lazer o bairro proporcionava para vocês? Cinema! Vocês iam ao cinema?

Rubem: Tinha. Tinha aqui na rua São Clemente, tinha o... o cinema São Clemente. Tinha o High Life,¹¹ que era na praia, que é na esquina da rua da Passagem. Tinha o Edson, o cinema Edson, na rua Voluntários da Pátria. Quinhentos réis a entrada. Quinhentos réis hoje é um pedacinho assim de uma moedinha. Não existe mais.

Entrevistadora: Que tipo de filme vocês assistiam? As crianças assistiam?

Rubem: Era só cowboy. Era cowboy. Depois, a senhora quer saber de uma coisa? Eu me lembro dos filmes de quando eu era garoto. Agora não me

¹⁰ Fábio Penna da Veiga foi engenheiro, casado com Lygia Daudt Lyra e neto do presidente Afonso Pena.

¹¹ O cinema High Life ficava na praia de Botafogo esquina com rua da Passagem e funcionou como High Life até 1922. Consultado em: <<https://br.pinterest.com/pin/422281200422594/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

lembro de nenhum porque é tanto na televisão que a gente se [inaudível] do outro, não se guarda mais filme assim. Mas a gente até tomava nota dos filmes bons e tal, porque era uma coisa interessante. Porque eram poucos filmes. Os filmes levavam uma semana, quinze dias em cartaz, pessoal ia, mudava e tal.

Entrevistadora: Era seriado, não era?

Rubem: Hãh?

Entrevistadora: Tinha seriado?

Rubem: É, tinha seriado. Muitos seriados, tinha.

Entrevistadora: E a escola? Onde é que vocês estudavam?

Rubem: Bom, eu comecei no Colégio Rampi Williams.¹²

Entrevistadora: Mas aqui em Botafogo?

Rubem: Era onde está o metrô hoje. Do lado da rua Voluntários da Pátria.

Entrevistadora: Como é que é o nome do colégio?

Rubem: Rampi Williams.

Entrevistadora: Era um colégio brasileiro?

Rubem: Era do... o marido era inglês, a senhora era brasileira. Era um casal. Era um colégio para crianças, sabe?

Entrevistadora: Então, era perto do Cajado de Ouro?

Rubem: Não, mas o Cajado de Ouro era cá em São Clemente e esse era lá em Voluntários. E eu fui para lá com quatro anos de idade. Já alfabetizado, porque a alfabetização começava em casa antigamente. Com quatro anos era difícil encontrar uma criança de família mais assim que não tivesse já alfabetizada. Alfabetizada pelos pais. Sempre, principalmente pelo pai.

Entrevistadora: Sei. E quais os outros colégios do bairro que... esse era um colégio mais da elite. Colégio pago, né?

Rubem: É pago. Agora, depois só tinha a escola pública, mas foi muito tempo depois. Quase todo mundo... porque os colégios não eram caros também. Tinha facilidade para muita gente.

Entrevistadora: De colégio público na sua época não, quer dizer...

Rubem: Não, é, lá para mais tarde. Naquela época não me lembro mesmo de colégio público nenhum.

Entrevistadora: Já havia o Santo Inácio,¹³ né?

¹² Para maiores informações, vide “Colégio Rampi Williams”, disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/341398/per341398_1909_00560.pdf>.

¹³ Para maiores informações, vide “Colégio Santo Inácio – História”, disponível em: <<https://www.santoinacio-rio.com.br/historia>>.

Rubem: Eu fui do Santo Inácio também. Eu saí do Rampi Williams e fui para o Santo Inácio. Do Rampi Williams e Santo Inácio têm coisas engraçadas para eu... posso contar como folclórica. Este colégio tinha um casazinho de irerês. Conhece irerê? É esse patinhozinho feito um marroquinho, pequenininho. O macho é bonito, a fêmea é mais marronzinha e tal. Mas era... não sei por que que cismaram com minha cara. Eu era garoto de quatro anos para cinco anos, muito gordinho, calcinha curtinha, e assim e tal e... e... esses irerês têm implicância comigo. O banheiro era lá embaixo. As aulas eram em cima. Tinha aula primeiro no porão, depois conforme ia crescendo, ia para as aulas nos andares de cima. Esses irerês quando eu ia no banheiro, não dava certo. Porque cortaram a porta embaixo, eu acho que naquele tempo já havia até maldade para cortarem a porta numa altura assim do chão, é porque alguma coisa os diretores queriam saber que que estava passando lá dentro. Eu presumo isso. Porque... mas acontece, eu descia, os marrecos vinham atrás de mim e começavam com aquele “*qué qué qué qué*” me pegar a perna e eu ficava sem saber o que eu fazia. Tinha um negócio daquele ele pode até me comer [risos]. Eu ficava com medo até de ir no banheiro. Isso eu estou falando a título de...

Entrevistadora: Curiosidade

Rubem: ... não ficar uma coisa muito formal. Bem, dali eu vim para o... o... era até uma educação muito boa, tinha teatrinho, tinha um teatro lá no próprio estabelecimento, os alunos representavam...

Entrevistadora: E quando é que foi que o colégio foi desativado?

Rubem: Logo um tempo depois. Talvez quando eu saí de lá, uns seis ou sete anos depois, desapareceu. Tinha...

Entrevistadora: Por volta de 1920, o senhor acha que já não existia mais.

Rubem: Por volta de 1920, acho que não existia mais não. Nós tínhamos os domingos, por exemplo, nós fazíamos aqueles piqueniques iam lá para o Leme, que antigamente no Leme tinha lá um cercado, ringue de patinação, e tudo mais. Agora, voltando à praia de Botafogo, que é o que a senhora queria saber... a praia de Botafogo, aqueles terrenos de frente todos, daquelas casas todas, daqueles jardins todos que tinham ali, aquilo, não pertenciam às casas, aquilo era título precário e a prefeitura deixou fazer os jardins porque quando fizeram o primeiro aterro no Rio...

Entrevistadora: Quer dizer, aquela orla, ali da praia que atualmente é Sears, outros prédios. Havia umas casas com grandes jardins que não pertenciam às casas.

Rubem: Quer dizer, que aquilo era da prefeitura. Da prefeitura, terreno da marinha, mas a prefeitura que controlava aquilo porque eles não podiam fazer nenhuma construção, nada grande até aquela frente. Quando eles construíam [inaudível] o alargamento da rua. A praia vinha quase encostado. A água vinha quase que encostado até aqui embaixo. Quando eu nasci, já tinham aterrado um pedaço.

Entrevistadora: E o senhor se lembra do pavilhão Mourisco? Do teatrinho?

Rubem: Mourisco... Pavilhão Mourisco¹⁴ eu achava até que... isto é que eu queria contar, eles deveriam pegar aquele pavilhão, que deve estar guardado em algum lugar, e armar numa praça pública aqui em Botafogo. Aquilo era uma beleza.

Entrevistadora: O senhor participou... foi a muitas atividades naquele pavilhão?

Rubem: Eu ia às vezes; aquilo era uma coisa muito... quase que mais para exibição, porque não tinha... agora o melhor era o Pavilhão de Regatas.¹⁵ Já ouviu falar nele também? Ficava mesmo em frente aqui a rua São Clemente, sabe, na praia, aquele pavilhão avançando em cima do mar.

Entrevistadora: É. Onde as pessoas assistiam as regatas. E o senhor assistiu muito as regatas ali?

Rubem: É, eu assistia sempre...

Entrevistadora: Era uma atração assim... da cidade mesmo, nem só do bairro mesmo.

Rubem: ... atração à parte. Até de Niterói. Que a regata de Icaraí vinha lá de Niterói competir aqui. Compreendeu? Agora...

Entrevistadora: E estas regatas aconteciam assim, com muita frequência? Era toda semana, como é que era?

Rubem: Não, não. Era parece de três em três meses ou quatro em quatro meses. Enfim, o jogo de *water polo* também era ali. Arrumavam ali o jogo

¹⁴ O edifício do Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier e construído durante a administração do prefeito Souza Aguiar, de 1906 a 1909. Inicialmente destinava-se a ser Music-Hall, mas funcionou como salão de chá, restaurante e café. A partir da década de 1930, abrigou a Biblioteca Infantil, gerida por Cecília Meireles, que o transformou num centro de cultura infantil ao conjugar outras atividades como o cinema, música, cartografia, jogos etc. A biblioteca foi fechada em 1937. Foi ainda ponto de coleta de impostos e até ser demolido em 1952 para a construção do túnel do Pasmado. Consultado em <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/12/07/pavilhao-mourisco/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹⁵ Para maiores informações, vide “A contribuição do remo para o esporte no Rio de Janeiro”, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3570-a-contribuicao-do-remo-para-o-esporte-no-rio-de-janeiro/>>.

e faziam o jogo de *water polo* ali embaixo. Agora, por que não aproveitam aquela armação e não fazem na parte da areia – não para regata, não. Eles faziam na parte da areia no mesmo lugar que estava avançando para o mar, faz um restaurante ali para turista, para qualquer coisa assim? Ia ficar uma coisa extraordinária, ou então, um centro de artes mesmo se não quisesse fazer um prédio assim, daqueles. Ia ficar uma beleza...

Entrevistadora: O que o senhor mais lamenta terem destruído aqui em Botafogo?

Rubem: Estas duas coisas são uma; e depois a vida. Porque a senhora sabe que eu dormia... eu, já casado, dormia com minha porta aberta. Tenha paciência. Você dormia, passava a noite com a janela aberta. Você dormia com a porta aberta. Não precisava desse negócio de estar trancando, não. A gente estranha. Eu, por exemplo, estranho muito, mas muito mesmo a vida atual. Eu não me conformo, compreendeu? Não me conformo que o homem desumanizou-se. Nós voltamos para trás. Falam [inaudível] mas não é; quem viveu aquela época é que sabe como era bom aquilo. Hoje em dia... hoje em dia as senhoras não tiveram infância talvez. Infância como estou lhe contando, que de fato posso lhe contar muita coisa, as senhoras não tiveram isto. Só tiveram aquele negócio de grupinho e tal, de ti-ti-tizinho, mais nada. O que a senhora vai ter no futuro para contar?

Entrevistadora: Pois é, sr. Rubens, é o seguinte: a gente leu umas crônicas sobre Botafogo que o clima da região aqui no início do século era até diferente. O clima de bairro era diferente...

Rubem: Não era só do bairro não, era da cidade toda, da cidade toda.

Entrevistadora: Quer dizer que, talvez tenha este desmatamento das encostas aqui dos morros de Botafogo seria a principal causa destas modific...

Rubem: Eu não acredito nisso não.

Entrevistadora: O que é que o senhor acha?

Rubem: Não acredito nisso não, não acredito nisso não. Isto influi talvez em parte, mas não acredito nisso pelo seguinte: a chuva, por exemplo. Chegava o mês de maio começava uma chuvinha miúda. Ficava maio, junho. Aquela chuvinha, chuvinha, chuvinha, que molhava toda sua roupa. Sapato então ia para o forno. Tinha aquele forno antigamente que era de lenha. Nós botávamos milho dentro para ele não encalombar. Porque não havia roupa que chegasse. Porque não parava de chover. Não eram aquelas chuvas fortes não. Era aquelas chuvas miúdas da senhora sentir umidade até nos ossos. Compreendeu? Daí talvez a percentagem

alta de tuberculose aqui no Rio de Janeiro. Era devido a isto. Que era uma umidade que a senhora... português que viesse lá da terrinha dele, eram raros que não pegavam uma tuberculose, e não morriam.

Entrevistadora: E o bairro tinha... era um bairro úmido, que o senhor...

Rubem: Não, o bairro não era úmido. Mas nesta época, compreendeu? Era tudo diferente. O sol... não sei se é por que estes apartamentos tira a vista da gente. Não sei. Não tem mais horizonte hoje em dia. Não tem mais horizonte...

Entrevistadora: Também devido à circulação de ar...

Rubem: Também fica tudo preso. Não há circulação. Está tudo... nós estamos encaixotamos entre paredes de cimento. Lá em São Paulo é pior. Eu fui lá em São Paulo e eu fiquei horrorizado. Aqui, isto aqui, ainda se respira um bocado. Mas não dá. Se a senhora olhar, por exemplo, eu via... podia ver o cometa, o Halley, lá na rua Dona Mariana. Eu não poderia. Porque agora com estes arranha-céus, tiram toda lá... a gente via a direção que ele tomou, tudo.

Entrevistadora: Agora, seu Rubens, me diz o seguinte: além de Rui Barbosa que o senhor se lembra, quais são as outras personalidades, pessoas famosas? Porque o Rui Barbosa, na época morava aqui todo mundo já conhecia. Já era famoso.

Rubem: A senhora está falando de Rui Barbosa então vamos completar...

Entrevistadora: Então vamos...

Rubem: O Rui Barbosa era um sujeito de uma memória extraordinária. Estou dizendo memória e não inteligência!

Entrevistadora: Sei.

Rubem: Porque é muito diferente. Ele tinha uma memória danada. O homem quando recebia livro da França, de toda parte assim [inaudível] tinha época de livrinhos, ele decorava. O homem decorava os livros todos. Esta que é a verdade. Eu nunca tive assim, muito contato direto conversando com ele... bom dia, boa tarde e tal...

Entrevistadora: Ele não tinha tempo para um relacionamento com vizinhos...

Rubem: Com ninguém, com ninguém, ele se isolava. Então, mas eu tenho medo das pessoas que se isolam, sabe? É que eles têm medo de trocar palavras, sabe? É ideia de criança, eu não estou fazendo um julgamento.

Entrevistadora: Sei... é o que ficou na sua...

Rubem: É que ficou na minha... este homem não gosta de falar com os outros é que ele tem medo, com certeza, de falar. Eu só vi ele falar com

os outros advogados. Entrava de vez em quando um. Ele cobrava as consultas – até aí está certo, cobrar está direito – mas cobrava. Eu vi advogado dando dinheiro a ele, quanto era eu não sei. E tem um caso... este é meio brabo, mas que eu vou contar por que... vocês entendem como quiser. Existia aqui, na rua São Clemente, no número, 28, 25... devia ser 26 ou 24 ou 28, neste trechinho aí... 28 não era, entre 26 e 20 vamos dizer, uma loja que nós chamávamos venda. A venda, antigamente era uma casa que vendia secos e molhados. A senhora chegava lá, comprava. Tinha um caderno e o português tomava nota. Às vezes ele se confundia e anotava a data 1918 e caía justamente na coluna dos preços e, na hora de somar, somava os números.

Entrevistadora: Sei, sei. Era ali onde depois foi feito o G... Mate?

Rubem: O Ca.. Mate era li na rua Dona Mariana, esquina com Voluntários, aonde está o Itaú agora...

Entrevistadora: Sei...

Rubem: Ele então tinha isto. A senhora chegava lá e enquanto esperava ser atendido, a senhora ficava comendo um camarãozinho seco, uma bananinha. Porque ali ninguém ligava para este negócio, não é? Eles te davam até de presente. Mas então, este camarada, o Vicente, seu Vicente. Seu Vicente era o dono desta venda. Então ele vendia para o Rui Barbosa. Ele era dono de uma das maiores vendas daqui, na mesma rua. Vendia. Ele era freguês do Rui. Eu um dia estava no jardim e vi lá o Rui falando com o Vicente. Depois ele, o Vicente, me contou um negócio, que eu me dava com ele, que eu ia lá pro papai comprar coisa para a mamãe. Ele veio aí, chegou muito cerimonioso. “Sabe vossa senhoria que eu vim aqui porque tenho um freguês meu muito devedor e eu queria saber como eu posso fazer para receber este dinheiro”. E o Rui perguntou: “Quanto é que é?” “Uns quatro contos, uns quatro contos e uns quebrados”. O Rui disse: “Mas é fácil. Você faz uma petição aí e tal. Você recebe isto à toa”. “É, sim senhor e tal. Tem que fazer uma petição...” “É, o senhor pode fazer...” O Vicente já ia saindo e o Rui disse assim. “Vem cá, ó Vicente. Que, que freguês é este?” O português coitado ficou... “ó senhoria e tal...” “pode dizer, não precisa acanhamento”. “A... a... a... é vossa senhoria”. O Rui estava devendo quatro contos a ele. Ele não gostava de pagar contas, o Rui. Já soube disto, né? Não gostava, não. Então o português disse...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Rubem: Mas o seu Vicente falou com o Rui e ele: “Ah! Seu processo e tal”. Pois muito bem quando o Vicente, o português, ia saindo o Rui disse: “O seu Vicente! Faz favor! O senhor não esqueceu de nada?” Ele disse: “Que eu saiba não, excelência”. “E o... e quem é que vai pagar esta consulta?”. E o Vicente: “Como? Consulta?”, “É, o senhor me fez uma consulta. Quem é que vai pagar?” “Ah, sim, sim senhor...” O português ficou sem saber... como ele já tinha um respeito danado, aí então arrasou o português. “E quanto é que lhe devo?” Ele disse: “Quatro contos e uns quebrados”. E ele botou ainda a mais uns 20 mil réis acima do que o outro tinha dito que ele tava devendo.

Entrevistadora: Então ele cobrou a dívida...

Rubem: Cobrou a dívida e disse: “O senhor dá a diferença e estamos quites”.

Entrevistadora: Ah, viu?

Rubem: Agora a senhora queria o quê?

Entrevistadora: Agora vamos... vamos voltar um pouco ao tempo de sua infância, digamos assim. O seu pai, qual era a ocupação de seu pai?

Rubem: Bom, a [inaudível] de meu pai chamava capitalista, mas havia o seguinte: como eu disse, havia um negócio de... de... patriarquia, de patriarcal. Tinha uma pessoa na família quase sempre que era o conselheiro da família toda. Então ele... ele praticamente não trabalhava. Diziam que ele era capitalista. De fato, ele tinha algum dinheiro e ainda tinha renda. Por exemplo: esta avenida que tem aqui em frente, Maria Ajuda. Maria Ajuda era minha avó. Meu tio veio aí e estavam leiloando aquilo ali uma ocasião, quando eram uns casebrezinhos. Meu tio achou engraçado aquilo – este aqui do lado – e entrou no leilão e comprou, arrematou, mas ele não tinha dinheiro para aquilo, para pagar. Então falou com meu pai, com um outro tio. Eram quatro: papai e mais três tios. Ficaram como dono disto aí. Depois reformaram, tudo mais, fizeram estas casas todas e venderam. Esta vila mesmo aqui em frente, esta vila Maria Ajuda que tem aqui em frente. Ele vivia com este negócio de alugueis e tal. E tinha aquele negócio... aquela pergunta que você me fez ainda a pouco: a questão do Leonardo...

Entrevistadora: Questão da Josefa como ficou conhecida.

Rubem: É aí que entrou... mas isto é coisa para outra conversa.

Entrevistadora: Sei...

Rubem: Então... ele...

Entrevistadora: E eles vieram de outro bairro?

Rubem: Papai? Não. Meu avô já era daqui deste bairro. Minha avó nasceu aqui neste bairro. Eles moravam, meu avô morava naquela casa do morro, onde hoje é aquele colégio de irmãs, que tem uma igreja.

Entrevistadora: Sei. Imaculada?

Rubem: Sim. Imaculada. A casa no morro era a casa do meu avô. Depois ele vendeu. Até noutro dia eu fiquei satisfeito, porque eu fui lá. Não tinha muitos anos que eu não ia lá, desde pequenininho, quando eu entrei lá, fiquei satisfeito que a casinha ainda é a mesma coisa.

Entrevistadora: Lá na praia?

Rubem: Não, não... lá no Humaitá.

Entrevistadora: É, quase chegando no Humaitá ainda entrando pela São Clemente.

Rubem: Do lado do... subindo para o Corcovado

Entrevistadora: Hum, hum!

Rubem: No acesso quase onde foi feito a Cobal. Um pouco mais para cá. Tem um nome, mas agora eu não me lembro o nome daquela igreja agora.

Entrevistadora: [inaudível]

Rubem: Não, não. Imaculada da Conceição é na praia.

Entrevistadora: É, Colégio... bom enfim... e depois os seus avós então eles se mudaram...

Rubem: Meu avô tinha... tinha filhos? Tinha tio à beça? Parece que eram uns 14 ou 15 tios.

Entrevistadora: E moravam todos na mesma casa?

Rubem: Quando eram solteiros, compreendeu? Moravam. Foram casando e foram saindo. Não é? Agora depois até, era um casarão muito grande, meu avô vendeu aquilo e veio morar aqui, pegado ao Rui Barbosa, um tempo aonde tem a Renascença, o edifício Renascença. Ele veio morar aqui. Tinha um pé de tamarindo ali na frente e tal. Então ele morava aqui, mas isto foi muitos anos depois. Mas sempre, minha família toda nasceu aqui. Uma parte... porque esta família Braga é muito comprida. Vieram de Portugal no tempo de meu avô, o Braga. Nós chamamos mesmo Braga seco. Ele, quando veio, vieram outros Bragas da mesma família de lá. Uns ficaram aqui mesmo, aqui. A maior parte foi para São Paulo, mas não se deram bem em São Paulo e foram para aonde é Itajubá hoje. Acho que eles fundaram aquela cidade lá de Itajubá. Tanto é que se a senhora for a Itajubá hoje ainda encontra lá quase tudo quanto é rua tem Braga: Amélia Braga, quase tudo Braga lá. Eles fundaram a cidade

de Itajubá. Agora, meu pai vivia aqui, tratando daquele negócio, daquela questão, tinha que estar sempre no fórum, aquele negócio... tratava dos negócios dos irmãos, e das coisas, e ele tinha esta renda daqui. Tinha dinheiro, tinha renda...

Entrevistadora: Eu acharia interessante seu Rubem, o senhor contar esta questão da Josefa, que o seu sobrinho já me contou e que é um caso interessante. O senhor não gostaria de contar?

Rubem: Não, mas vamos deixar para outro dia que...

Entrevistadora: O senhor acha melhor então?

Rubem: Tem que puxar um bocado...

Entrevistadora: É um caso mais longo, mais complicado.

Rubem: É mais longo.

Entrevistadora: Então tá bom.

Rubem: É mais complicado, não é? Isto aqui está mais ou menos um folclore de chuta para cá etc. e tal, e pó, pó, pó, e vai levando. Respondi a sua pergunta, não sei?

Entrevistadora: Respondeu sim. Agora, nesta casa onde o senhor nasceu, não é?...

Rubem: Não, eu não nasci lá.

Entrevistadora: Sim.

Rubem: Eu nasci aqui, mas com dois anos eu fui para a rua Dona Mariana, 675.

Entrevistadora: E na rua Dona Mariana, moravam seus pais e os filhos.

Rubem: E os filhos só. E o irmão dele mais moço, o Álvaro, que quando o pai morreu, ele ficou como tutor do Álvaro e do João, e de tia Nenezinha. Aqueles de menos idade ele ficou como tutor, compreendeu? Então o Álvaro e o João moravam conosco aqui. Que aquilo ali era uma coisa enorme. Cada filho tinha um quarto. Nós éramos oito por aí, então, você imagina.

Entrevistadora: Era uma casa...

Rubem: [inaudível] E então as moças ficaram com as irmãs delas mais velhas que já eram casadas. As mais mocinhas ficaram com os outros. Não é?

Entrevistadora: E assim, na sua adolescência, como era a vida no bairro? O que é que o bairro proporcionava de...?

Rubem: Nada.

Entrevistadora: Nada?

Rubem: Nada. Viver. Só viver a vida ali. Por exemplo, aqui em Botafogo foi uma coisa que estranhei... eu aqui em Botafogo conhecia todo mundo e todo mundo me conhecia. Conheciam os Braguinhas, por aí; todo

mundo sabia quem era. Lá no Santo Inácio, por exemplo, todo mundo sabia, pois nós todos éramos de lá, alunos de lá. Então, de repente, eu me senti um desconhecido na minha terra.

Entrevistadora: O senhor falou de repente. De repente, quando? Mais ou menos.

Rubem: Ah... foi de 1930, 30, 30. Trinta começou a derrocada. Depois de 30, isto aqui começou a mudar tudo. Acho que no Brasil todo. Tanto que eu digo assim: eu confio muito... eles falam não confiar em ninguém nascido, que tenha mais de 30 anos... mas eu digo: quem nasceu, até 1950, já, vamos dizer, até 1930, vou fechar mais a barreira, você pode confiar. Para trás, quanto mais for chegando, você pode confiar à vontade. Mas depois que chegou, quem passou de 50, vocês me desculpem, mas quem nasceu depois de 1950, eu não tenho muita confiança.

Entrevistadora: Então o senhor diz que a partir de 30, o bairro começou a se transformar.

Rubem: Acho que transformou-se todo o Rio de Janeiro, pelo menos. O bairro começou a se transformar, aparecer arranha-céus e tal. Eu moro em apartamento, mas não me conformo.

Entrevistadora: Por que é que o senhor se mudou para apartamento?

Rubem: Porque não tinha mais casas. Eu me casei, fui morar numa casa, aí foram botando as casas abaixo, e aí eu comprei um apartamento e fiquei naquilo. Não gosto, não gosto. Acho uma coisa interessante...

Entrevistadora: Por que é que o senhor vendeu a sua casa? Por que é que o senhor vendeu a sua casa? O senhor se sentiu obrigado a vender a sua casa?

Rubem: Eu não tinha casa. Eu morava com papai. Vendemos a casa. Eu aluguei... que távamos morando. Eu morei aqui em frente, muito tempo, aqui no centro, no 45, agora, na parte de frente da avenida, tinham duas casas ali. Eu morava numa delas.

Entrevistadora: Na São Clemente ou na praia?

Rubem: Na São Clemente. Aqui na São Clemente. Logo que eu me casei eu vim morar aqui em frente da casa do Rui Barbosa, em frente mesmo. Morei aqui em frente.

Entrevistadora: Mas não na vila Maria Júlia?

Rubem: Não. Não. Na parte da frente da vila Maria Júlia. Na parte da frente... fazia parte da frente da vila... que hoje tem um edifício de apartamento e que tinham duas casas ali. Eu morava numa e esse meu tio...

Entrevistadora: O senhor alugou ali?

Rubem: Eu aluguei. Era do papai. Aquela casa era do papai e eu pagava um, um...

Entrevistadora: Mas, por que o senhor teve que sair desta casa?

Rubem: Que casa? Desta daí?

Entrevistadora: É.

Rubem: É negócio de coisa... eu me formei em odontologia. Montei meu consultório na rua Voluntários, onde hoje era mesmo onde era o metrô. Era no 70. Tinha um prédio enorme ali. Uma parte, numa sala, era o meu consultório e aluguei a casa toda e fui morar lá com a minha senhora. O sobrado estava vazio porque era só eu e ela, né? Ficava vazio. Eu tinha consultório ali. Uma clientela que eu sabia quando começava, não sabia quando é que acabava.

Entrevistadora: O senhor morava no mesmo prédio...

Rubem: Morava. Fui morar lá. Uma vez fui morar na casa do papai. Fiquei morando na casa do papai e o telefone, mas de noite, o telefone, iam lá me pegar caso de urgência. Vinha de lá até cá. Então me mudei para cá de uma vez. Passamos para a Voluntários.

Entrevistadora: E isto quando é que é?

Rubem: 1935, 1936.

Entrevistadora: Naquele prédio grande...

Rubem: Ah. Aqui tinha quase que edifício nenhum.

Entrevistadora: Só tinha este prédio.

Entrevistadora: Esse era um sobrado?

Rubem: Era um sobradado, era um sobradado.

Entrevistadora: E por que o senhor saiu deste sobrado? E foi morar num apartamento?

Rubem: Porque o camarada... o camarada era alugado. E o sujeito vendeu e pediu. Então mudei o consultório lá para a rua da Passagem, onde fica... tem uma Pacheco, em frente à rua Dom Manuel.

Entrevistadora: Sei, sei.

Rubem: Onde tem ali uma Facit. Fiquei com consultório ali até me aposentar.

Entrevistadora: E aí a casa foi demolida?

Rubem: Aqui da Voluntários? Ah... foi. É aonde está o metrô. Foi a casa onde justamente eu tive colégio de infância [inaudível] que era pegado.

Entrevistadora: Mas, estes prédios, colégio, foram demolidos quando? O senhor tem ideia?

Rubem: Agora, há pouco tempo, com o negócio do metrô.

Entrevistadora: Já há pouco tempo.

Rubem: Tinha o arco. Tinha uma casa logo pegado.

Entrevistadora: Então o senhor morou neste sobrado até quando?

Rubem: Tá, tá, tá, aproximadamente...

Entrevistadora: Mais ou menos...

Rubem: Vamos dar uma base sem muita... 19...

Entrevistadora: Década de 50?

Rubem: Deveria ser por aí assim mais ou menos.

Entrevistadora: E aí foi morar num prédio? E aí foi morar num edifício?

Rubem: Não. Aí fui morar na Voluntários, onde moro até hoje.

Entrevistadora: Agora, quando as famílias que eram das suas relações, elas permaneceram no bairro, ou elas também...

Rubem: Começaram... a maior parte deles foram para negócio de Copacabana. Aliás, entre parênteses, eu não queria morar lá por dinheiro nenhum.

Entrevistadora: É, eu ia perguntar isto para o senhor.

Rubem: Por dinheiro nenhum.

Entrevistadora: Mas por quê?

Rubem: Porque aquilo é um bairro de estrangeiros. Naquilo ninguém entende ninguém.

Entrevistadora: Mas o que é que o senhor chama de estrangeiro?

Rubem: Ah?

Entrevistadora: O que que o senhor chama de estrangeiro?

Rubem: Eu chamo de estrangeiro a pessoa que está aqui no Brasil, que foram ficando. Estrangeiro propriamente dito. Agora tem os migrantes que já também baldearam um bocado a coisa.

Entrevistadora: Os migrantes, o senhor diz, do próprio Brasil que foram chegando?

Rubem: É, do próprio Brasil. O Rio de Janeiro de hoje é completa, mas completamente diferente do Rio de Janeiro de antigamente. Mas completamente. Dá uma cambalhota completa...

Entrevistadora: O senhor fala assim, a nível de população...?

Rubem: População que veio de fora. Que veio de fora. Porque o Rio de Janeiro de hoje foi uma invasão porque houve uma categoria de pessoas que vieram para o Rio de Janeiro, que prestaram uma grande... na época das construções dos edifícios. Aí veio uma migração enorme de nordestinos, né? Veio e prestaram serviços extraordinários nas construções dos prédios, mas uma vez os prédios construídos eles passaram a ser prejudiciais. Eu não sei se algum de vocês é...

Entrevistadora: E foram viver aonde?

Rubem: Ah?

Entrevistadora: Vivendo lá em Copacabana mesmo ou eles foram...

Rubem: Não. Digo em Botafogo para Copacabana. A parte toda daí invadiram tudo.

Entrevistadora: Invadiram.

Rubem: Invadiram. Porque a senhora saía agora, por exemplo, meio-dia aqui de Botafogo de carro naquela época a senhora encontrava quase que ninguém na rua. Uma pessoa aqui, outra lá. Era muito difícil encontrar alguém na rua.

Entrevistadora: O senhor quer dizer então que a população de Botafogo era mais homogênea?

Rubem: Era.

Entrevistadora: De pessoas que se conheciam de já muitos anos...

Rubem: Era, que se conheciam... era quase tudo...

Entrevistadora: Cujos pais e avós também moraram...

Rubem: É. Por exemplo, nós... éramos lá do Santo Inácio. Da minha turma do Santo Inácio tinha: o genro do Getúlio, o Peixoto.¹⁶ O Ernani foi meu colega de banco aqui no Santo Inácio.

Entrevistadora: Ernani morou em Botafogo?

Rubem: Ele não. Ele morava em Copacabana. O Ernani. Tinha – vou dar o apelido dele de garoto, nunca mais se falou nisto – “tubarão”. Tinha apelido de tubarão [risos]. O Fábio Pena da Veiga, da família Veiga, que era do Afonso Pena.

Entrevistadora: Daqui também?

Rubem: Daqui, de Botafogo. Tinha lá de Minas... tinha o... tinha o Padre Coelho¹⁷ daqui. Era de Botafogo também. Já ouviu falar do Padre Coelho?

Entrevistadora: Não.

Rubem: Foi reitor aqui do Santo Inácio.

Entrevistadora: Ah... sim.

Rubem: Padre Coelho. Era meu colega de... ele era meu colega de turma também. O Padre Murтинho, reitor geral dos jesuítas, está em São Paulo atualmente, que é tipo acabado do Padre Anchieta.¹⁸ Você pega o Padre

¹⁶ Para maiores informações, vide “Ernani Amaral Peixoto”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/ernani_amaral_peixoto>.

¹⁷ Padre José Coelho de Souza Neto foi reitor do Colégio Santo Inácio, em 1948.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Padre José de Anchieta” disponível em: <<https://www.jesuitasbrasil.org.br/institucional/sao-jose-de-anchieta/>>.

Murtinho e se você tirar um retrato dele é o Padre Anchieta cuspidado e escarrado. Aquele cabelo branco comprido, a mesma coisa. Tinha uma turma grande. Tinha uns cinco irmãos aqui no Santo Inácio, então, tinha amizade entre turmas.

Entrevistadora: Quer dizer, que as suas amizades não se restringiam aos moradores e a circunvizinhança da Dona Mariana, digamos assim?

Rubem: Não, não. Quase toda aqui em São Clemente, quase que todo mundo me conhecia aqui em São Clemente... porque aqui, antigamente, todo mundo conhecia todo mundo. Isto aqui era como se fosse uma aldeiazinha onde todo mundo conhecesse todo mundo.

Entrevistadora: É isto que o senhor sente, quer dizer, que depois desta invasão que o senhor diz de estrangeiros, as pessoas passaram a não se conhecer mais.

Rubem: A não se conhecer mais. Eu não conheço quem mora no meu prédio, a maior parte das pessoas de lá. Não conheço!

Entrevistadora: Acho que esta foi uma diferença assim brutal.

Rubem: Para quem nasceu na minha época, vocês não fazem uma ideia da transformação... você vê um sujeito revoltado, uma pessoa de uma certa idade, principalmente na questão de educação quando, quando um garoto, uma garota, dizia um troço qualquer para uma pessoa de mais idade? Nunca. Se a senhora entrasse num bonde, não tinha ônibus, depois apareceu... mas num ônibus também, antes de 1950 [riso], a senhora entrava num ônibus, tava... um homem não ficava sentado, de jeito nenhum. A senhora não ficava em pé de jeito nenhum. Então uma senhora grávida, como vejo às vezes, um molecote destes escarrapachado no banco, e uma senhora com um barrigão deste tamanho, a dar cabeçada do garoto contra o braço da cadeira, e, no entanto, num aparece um moleque daqueles se levanta para dar o lugar. Estou dizendo alguma mentira?

Entrevistadora: Hum...

Rubem: Isso aí se um camarada fizesse isso aí saia a bofetão logo do lugar. Agora isto, isto é que nós não aceitamos.

Entrevistadora: Agora, o senhor escolheu permanecer aqui em Botafogo.

Rubem: É, faz parte, eu não sei viver... eu fui em Copacabana.¹⁹ Eu, primeiro, gosto mais da floresta do que do mar; isto é a primeira coisa. Não sei se eu

¹⁹ Para maiores informações, vide “Processo de urbanização – Copacabana”, disponível em: <<https://ama2345decopacabana.wordpress.com/planejamento-urbano/processo-de-urbanizacao-em-copacabana/>>.

sou esquisito ou não. O mar me mete medo, quer dizer não é medo assim de coisa não. Eu acho que o mar é uma coisa viva. Compreendeu? Como se fosse um ser. Compreendeu? Que não sei... eu respeito muito o mar.

Entrevistadora: O senhor acha que o mar em Copacabana, quer dizer, ele tem com a própria população que vive, o senhor vê assim, quer dizer, o mar né? Como o senhor diz, aquela coisa viva.

Rubem: É, uma coisa viva...

Entrevistadora: O senhor acha que tem haver assim com a própria caracterização de Botafogo... de Copacabana?

Rubem: De Copacabana. Eu acho que tem.

Entrevistadora: E que Copacabana também nos transmite...

Rubem: Como se tivesse dependendo... quando conheci Copacabana, eu comi muito araçá e muita pitanga lá em Copacabana...

Entrevistadora: Naquela época o senhor não sentia isto.

Rubem: Não tinha... não sentia, mas não tinha ninguém. A senhora atravessava o túnel. Compreendeu? E não tinha nada. Era um areal só.

Entrevistadora: Para o senhor, Copacabana é um pouco agressiva.

Rubem: Ela me agride. Ela me agride. Me agride.

Entrevistadora: Ela lhe agride, não só pela população, que o senhor acha...

Rubem: A maneira de viver da população, talvez seja isto, porque Botafogo já está começando a ficar, principalmente na Voluntários, já está começando a ficar aquele jeito também.

Entrevistadora: Isso que eu ia te perguntar, quer dizer que aqui em Botafogo já está começando...

Rubem: Já está começando a me agredir.

Entrevistadora: O modo de vida...

Rubem: É, já está começando a me agredir. A mim e a maioria das pessoas daquela época, porque é uma verdadeira agressão.

Entrevistadora: O senhor disse que está começando a lhe agredir. Quer dizer, o senhor acha que até a década de 70, Botafogo ainda lhe proporcionava...

Rubem: Antes um pouco. Até 60, 60 ainda funcionava, depois já começou a ficar agressivo. Até 60. Depois passou a se tornar agressivo.

Entrevistadora: O que o senhor sente é exatamente esta coisa do anonimato nas ruas...

Rubem: É. Não conhecer ninguém. Ninguém conhece ninguém. É uma coisa, que... sei lá, parece formiga que chega assim, dá uma bicadinha e sai *prum* lado e uma sai para o outro...

Entrevistadora: O senhor se sente agredido e se sente magoado quando algum prédio antigo, alguma casa antiga que o senhor conheceu, que o senhor conviveu assim, é destruído e o senhor passa e não ver mais, tipo...

Rubem: Ah... tenho, tenho.

Entrevistadora: ... o que é que o senhor sente?

Rubem: Ah... dá revolta, dá revolta. Dá, porque tem coisas aí... porque hoje o prédio não tem arte, isto é a primeira coisa; não tem arte nenhuma... todo troço cimentado, mas não tem nada. Nem ao menos bota... agora bota aqueles negócios para botar ar para dentro, ar-condicionado, mas aquilo não é enfeite, aquilo até é porcaria. Mas não tem... a senhora pega um prédio qualquer, pega este prédio daqui. Tudo é feito com carinho e não é e não era com esta facilidade que se tem hoje em dia... era numa outra época... o português com uma alavanca, cinco, seis portugueses para empurrar a pedra para levar até lá o lugar. Era uma coisa muito mais trava... mais difícil de ser construída... um prédio era uma coisa extraordinária de ser construído. A senhora escutava a esta hora, aqui em Botafogo, eles cantavam, ritmavam, como é que se diz... o ritmo do trabalho... “Oh... pega ô” “pega ô” e já apertavam uma alavanca. Era uma porção deles.

Entrevistadora: Deveria ser até um cântico, que não agredia a população...

Rubem: Não, era suave e depois havia muito passarinho ou – coisa que eu estranho... a senhora acordava com um bem-te-vi cantando perto de sua janela, ou um sabiá... hoje já não se vê canto de passarinho, já não se vê mais nada.

Entrevistadora: E os seus amigos? Aonde moram os seus amigos? O senhor, digamos assim, visita frequentemente os seus amigos? Aonde moram os seus amigos?

Rubem: Não. Meus amigos “já bateram o pino” quase todos. [riso] Com oitenta e poucos anos a maior parte deles já, já...

Entrevistadora: O senhor, atualmente, tem quantos anos?

Rubem: 82.

Entrevistadora: E suas relações hoje, elas estão aqui em Botafogo? A maior parte... as pessoas que o senhor se relaciona...

Rubem: Ah... mais ou menos... uma relação assim, mais ou menos.

Entrevistadora: Não é como eram...?

Rubem: Não, não. Porque hoje ninguém... o filho não é amigo do pai. O pai não é amigo do filho. Como é que vai haver amizade forte?

Entrevistadora: O senhor acha que a própria família modificou... que as relações familiares?

Rubem: Tá, tá, acabando. A relação de amizade não existe mais praticamente. Eu acho que não existe mais.

Entrevistadora: Quer dizer que o bairro...

Rubem: Pode haver relações de interesse, mas de amizade não acredito.

Entrevistadora: Quando o senhor era criança, adolescente, o bairro lhe proporcionava alguns prazeres como carnaval, como a praia, como os amigos...

Rubem: É, mas o dia todo era prazer porque o sujeito não tinha com o que se amolar.

Entrevistadora: Se amolar... e agora? O bairro não lhe oferece nada de prazer?

Rubem: Bom, oferece só o local em que eu nasci e que eu não sei me afastar. Se você me disser: “Dou uma casa para você ir morar lá na Tijuca”. Eu não sei se eu aceitaria não. Agora, se é uma casa lá em Botafogo, eu dava pulinhos.

Entrevistadora: Quer dizer que o senhor acha que a casa em si proporciona para o indivíduo, quer dizer, proporciona um tipo de vida distinto?

Rubem: Muito, muito, muito. A casa proporciona muito. Mas muito mesmo. Começa que não há aglomeração, como eu disse a você. A casa de meu pai, cada filho tinha um quarto. Um não interferia na vida do outro, mas todos viviam bem, não é? Você podia se isolar se quisesse, né? Agora, hoje em dia você tem um apartamento. Vamos supor que seja de dois quartos que é mais comum. Bom, o mais comum, não; o mais comum não é nem isto; o mais comum é o de um quarto só, o que piora ainda mais a situação. Fica todo mundo a se esbarrar um com o outro a toda hora, se esbarrando mesmo.

Entrevistadora: O que gera conflito pela falta de espaço.

Rubem: O sujeito quer se isolar e o outro, vamos dizer, está chateando com uma bobagem lá. Não dá. Não dá mesmo. A senhora está na sua casa com seu marido e tal, muito bem. Bota uma empregada e já complica tudo. A empregada antigamente... você vê na casa Rui Barbosa... vai ver aonde era cozinha? No corpo da casa? Quer dizer, havia um isolamento que não existe hoje em dia de jeito nenhum.

Entrevistadora: O senhor tem conhecidos, digamos, que morem em casa de vila aqui no bairro? Conhece alguém...?

Rubem: Não. Conheço. Aqui na vila Maria Júlia mora uns primos meus...

Entrevistadora: O senhor acha que eles têm uma qualidade de vida melhor porque moram numa casa ou não?

Rubem: Não sei, mas devem ter. Porque num apartamento o sujeito não é dono de nada. Não é dono e não sei, não estou acostumado. Pode ser hábito de nascença... não, não estou acostumado. Não tenho jeito. Você sai de casa e... pá! E ainda felizmente, meu apartamento quando foram construir, ainda falaram em vamos botar, vamos fazer embaixo casa de negócios... não, não bota casa de negócio não. Porque o sujeito que mora então em apartamento que embaixo é casa de negócio não mora em lugar nenhum. Mora em um hotel. Sai assim e logo esbarra com o movimento. Que... não parece nada, mas se a senhora acordar... por exemplo, morava aqui e até chegar à rua a senhora andava nos jardins, chegava lá se a sua... se a senhora ia entrando devagarzinho no movimento. Compreendeu? E o apartamento aí que não tem parte de baixo. É logo um negócio, um botequim, a senhora sai logo num fogo danado, não é? Então, isto não é vida. Eu digo a vocês, isto não é vida.

Entrevistadora: O senhor nunca tentou assim, morar numa casa, assim. Claro que tem poucas...

Rubem: Bom, sempre penso em morar numa casa. Eu não nasci para viver em cidade. Eu nasci para viver no mato, porque eu adoro. Vejo um verdezinho e pronto, está para mim.

Entrevistadora: Desde 50 que o senhor mora neste prédio. Mais ou menos?

Rubem: Neste aí 50. Deixa eu ver... estou morando lá há vinte e tantos anos. Vinte e tanto... estamos em oitenta... é, 1960, 1958, por aí.

Entrevistadora: Quando o senhor vivia ainda nesta casa, nesta última casa, que o senhor nos contou, como é que eram as relações de vizinhança?

Rubem: Ah. Todo mundo tratava... a casa ficava na esquina, na entrada de uma vila, tinha uma... tinha uma avenida ali aonde é o metrô, tinha uma avenida ali para dentro, e o pessoal entrava. Minha porta, eu tinha o consultório ali na frente e minhas portas estavam sempre abertas. Tinham os vizinhos que moravam lá dentro e que passavam até pela minha casa, iam na cozinha, comiam uma banana, saiam pelo quintal e tal e tudo bem. E tudo certo. Não tinha nada.

Entrevistadora: E aonde moravam, que o senhor falou, dos empregados, por exemplo? Aonde viviam os trabalhadores, assim, aqui em Botafogo porque também, me parece que teve uma fabricazinha Corcovado,²⁰ se não me engano... não sei se é aqui ou na Lagoa?

²⁰ Para maiores informações, vide “Fábrica Corcovado”, disponível em: <<http://rio-curioso.blogspot.com/2008/10/fbrica-corcovado.html>>.

Rubem: Não. Isso foi lá na Gávea.

Entrevistadora: Ah. Na Gávea. Mas não existia uma aqui em Botafogo?

Rubem: Não, não. Aqui em Botafogo o que tinha era outra coisa que vai te interessar. Era a “cabeça de porco”, do Aluísio de Azevedo,²¹ do Cortiço.²²

Entrevistadora: Que era aqui.

Rubem: Era esse aqui na Assunção. Na Assunção. Era aquele ali que às vezes eu ia lá, na rua da Assunção. Quando eu li aquele livro *O cortiço*, do Aluísio de Azevedo, achei o retrato fiel do que era de fato aquela “cabeça de porco”.

Entrevistadora: E o que que representava para Botafogo a convivência, digamos, para a sociedade botafoguense – se a gente pode...

Rubem: Esta “cabeça de porco”?

Entrevistadora: É.

Rubem: Nada. Nada. Porque aqui na rua Voluntários, no número 40, tinha uma “cabeça de porco” também.

Entrevistadora: Eles não viam com maus olhos?

Rubem: Não, não. Era uma estalagem. Era um pessoal de menor renda e tal. Mas não havia nada.

Entrevistadora: Como era o relacionamento, assim...?

Rubem: Quase todas eram lavadeiras. Quase todas as moças que moravam lá eram lavadeiras. Então elas levavam roupas com aquelas trouxas e depois apanhavam roupa suja.

Entrevistadora: Não era um grupo marginalizado. Eles tinham um entrosamento. Eles prestavam serviços...

Rubem: Tinham. Eram como se fosse uma doméstica que não morasse na sua casa. Não havia nada. Não havia nem com este daqui da rua Assunção, que aqui era uma, uma favela grande. Favela atual, mas antigamente, vamos dizer, ela era uma estalagem, uma “cabeça de porco” como nós chamávamos. Mas não tinha nada. O pessoal não era desordeiro, não era nada não.

Entrevistadora: Quer dizer que o senhor vê uma distinção entre morador de hoje da uma favela e digamos o morador do cortiço.

Rubem: Muita, muita. A favela hoje é agressiva. Eu... há pouco tempo... há pouco tempo não... há uns 15 anos teve uma empregada nossa

²¹ Para maiores informações, vide “Aluísio de Azevedo”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>>.

²² A obra *O cortiço* está disponível para download em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16534>.

com uma filha doente. Como o meu sobrinho era médico, eu perguntei: “Milton, quer ir lá comigo para ver se precisa de alguma coisa. A menina parece que está passando mal”. Nós fomos lá. Eu fui com ele, subi e... mas eu olhando assim, o pessoal cochichando, aquele pessoal nos cantos e estão sempre com uma faca na mão descascando um pau ou qualquer coisa... aquilo já parece que é psicológico, eles só se sentem firmes com uma arma na mão. Eu quando cheguei lá, falei com a coisa e tal e precisava remover a menina para o hospital. Então o meu sobrinho disse: “Olha, eu vou providenciar o hospital e a ambulância, mas como é que nós vamos fazer?” Eu disse para a menina: “Eu estou com medo até de descer. Porque este pessoal aí.” Ela disse: “Não tem importância não, doutor. Eles já estão avisados que é gente para mim. Quando médico vem, pode subir à vontade que não tem nada. A gente avisa logo e não há coisa nenhuma”. Por aí você vê... vai se morar num lugar destes?

Entrevistadora: Agora o senhor visitou um cortiço naquela época?

Rubem: Visitei este daqui, da rua da Assunção. Eu entrei, mas eu não me lembro muito bem da coisa. A maior parte das coisas que eu sei dele, do cortiço, eram fios de arame atravessados, bambu segurando o arame, servindo de aparador, roupas penduradas... era o que se via no cortiço. Não havia desordem. Não se via nada.

Entrevistadora: Quer dizer, digamos assim, a gente pode imaginar que as crianças, digamos, do cortiço, elas se relacionavam com as outras crianças, brincavam...

Rubem: Mas não tinha dúvida. A lavadeira quando ia levava a filharada toda atrás. Ficavam lá na casa da pessoa, andando, se misturando com o pessoal de casa. Não tinha nada. Não tinha nada. A coisa era muito diferente. Não havia esta distinção assim entre pobre, rico, seco, não. Era uma coisa que diluía. Tá vendo?

Entrevistadora: E os comerciantes, os pequenos comércios da área [inaudível] por aqui também?

Rubem: O pequeno comércio era o seguinte: a senhora, por exemplo, morava, vinha morar aqui em Botafogo. No dia em que a senhora entrasse lá em casa, a senhora ia dar logo com dois, três, quatro empregados da padaria com um pacotinho com um quilo de rosquinha, em um quilo de coisa de presente para cativar a pessoa e é por aí. A senhora era muito bem recebida. O negociante ia comprar numa venda, ia comprar qualquer coisa e enquanto estava esperando

ser atendida, comia camarão seco – como falei ainda agora pouco... pegava um camarãozinho seco e comia uma bananazinha e não tinha nada e tava tudo certo.

Entrevistadora: E eles moravam por aqui?

Rubem: Quem?

Entrevistadora: Esta população...

Rubem: Em geral moravam. Em geral moravam no próprio prédio aonde tinham o negócio. Quase sempre era de português, não é?

Entrevistadora: Nós estávamos assistindo também, uma série de construções aqui em Botafogo, e o que parece é que está havendo uma mudança na população de Botafogo. O senhor vê isto? O senhor acha que isto está acontecendo? A procura maior por Botafogo?

Rubem: Ah, não. A procura não é por Botafogo. É porque não tem para aonde ir.

Entrevistadora: Ah. Então o senhor acha isto?

Rubem: É porque não tem... vai para qualquer lugar.

Entrevistadora: O senhor não acha que seria uma qualidade de vida ou algo que Botafogo está oferecendo?

Rubem: Não, não, não. Não é, porque eles só vieram para Botafogo para destruir Botafogo. Esta turma que veio morar aqui? Foi para destruir Botafogo, porque antigamente... foram arrancando de uma tal forma que o sujeito que não estou mais no meu bairro.

Entrevistadora: Sim, sim. O que é que caracterizava Botafogo para o senhor antes?

Rubem: A calma. Calma. Vida macia, doce. Compreendendo? A senhora queria fazer uma coisa na cidade, ia de bonde. Tirava uma soneca no bonde até lá, com o relógio de ouro na corrente pendurado aqui. Não tinha bandeira. Agora a senhora vai sair com o barbante até pendurado que te assaltam. Vai cochilar num ônibus para ver uma coisa? [risos]

Entrevistadora: E como é que era se a gente pudesse fazer uma caracterização do botafoguense? Digamos...

Rubem: Botafoguense não é torcedor do Botafogo não, né?

Entrevistadora: Botafogando! Vamos chamar assim.

Rubem: Aliás, aliás... você vê que a torcida do Botafogo é muito diferente de outras torcidas de outros clubes quaisquer. Tem notado isto né?

Entrevistadora: Eu sou Botafogo, por acaso.

Rubem: Pois é. É diferente. A torcida é muito diferente.

Entrevistadora: Sim. Me explica, fala da torcida botafoguense. Como ela é?

Rubem: É uma torcida que luta pelo Botafogo, mas que não provoca ninguém. Agora, não aceita desaforo, mas não provoca. Você não pega um caso em que o botafoguense...

Entrevistadora: O senhor acha então que esta torcida são descendentes...

Rubem: São descendentes de gente de Botafogo. Tem muitos de fora...

Entrevistadora: Porque na época havia isto...

Rubem: Era família...

Entrevistadora: As famílias tinham essa preocupação com o futebol?

Rubem: É por isto... a senhora viu a saída do Botafogo de Botafogo? Disse logo vai acabar o Botafogo.

Entrevistadora: Quando o senhor saiu do Botafogo?

Rubem: Eu não saí que eu sou sócio proprietário.

Entrevistadora: A sede saiu.

Rubem: A sede saiu daqui. Não pode sair. Agora, bota a sede aqui outra vez e conseguimos... eu não sei. Eles estão querendo ver se conseguem. Bota a sede aqui para ver a diferença que vai fazer...

Entrevistadora: E o que que ficou...

Rubem: Digo mais, não querendo interromper, a torcida do Botafogo é a maior do que qualquer outro clube. Compreendeu? É uma torcida que não agride. A torcida do Flamengo e do Vasco agridem. Já reparou isto? Eles agridem, provocam, por exemplo, o Vasco perdeu, faço ideia... deve estar tudo quanto é flamenguista a telefonar para casa de vascaíno pra gozar. Eles não sabem perder e não sabem ganhar. Não é? Com o Botafogo não acontece nada disto. Eu quando era do Botafogo, quando o Botafogo perdia para o Flamengo, principalmente, quanto telefonema batia lá para casa! Ah, foi...

[Fim da gravação]

Hélio Silva
(depoimento, 1987)

SILVA, Hélio. *Hélio Silva. (depoimento, 1987)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome do entrevistado¹: Hélio Silva

Local da entrevista: Escritório da Faculdade Cândido Mendes.

Data da entrevista: 26 de maio de 1987

Duração²: 1h 12min 29s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores³: Marcos Bretas⁴

Descritores/Assunto: Botafogo, regatas, Antônio Azeredo, Copacabana, casa da rua São Clemente, Aquibadá, infância, *O Malho*, Campanha Civilista, personalidade, indumentária, discursos de Rui, Epitácio Pessoa, Carlos Lacerda, Bahia, Constituição, República Velha, Governo Provisório, Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado, jornalismo, cinema, Bahia, política, Conferência de Haia, Arthur Bernardes, Floriano Peixoto, Aliança Liberal, morte de Rui, enterro de Rui.

Biografia⁵:

(n. 1904 – Rio de Janeiro, f. 1995 – Rio de Janeiro)

Médico, escritor e jornalista.

Fez parte do conselho da Casa de Rui Barbosa.

Escreveu as seguintes obras: 1889: *A república não esperou o amanhecer*; 1922: *Sangue na areia de Copacabana*; 1926: *A grande marcha*; 1930: *A revolução traída*; 1931: *Os tenentes no poder*; 1932: *Guerra paulista*; 1933: *A crise no tenentismo*; 1934: *A constituinte*; 1935: *A revolta vermelha*; 1937: *Todos os golpes se parecem*; 1938: *Terrorismo em campo verde*; 1939: *Vésperas de guerra*; 1942: *Guerra no continente*; 1944: *O Brasil na guerra*; 1945: *Por que depuseram Vargas*; 1954: *Um tiro no coração*; dentre outros.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A entrevista está dividida em três partes com, respectivamente, 30 min 47s, 31min 26s e 10min 16s.

³ Apesar da documentação apontar apenas a presença do pesquisador Marcos Bretas, é possível distinguir uma voz feminina ainda sem identificação.

⁴ Marcos Bretas foi pesquisador do Centro de Estudos Históricos da FCRB, no período de 1983-1996.

⁵ Consultado em: <https://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=508160>. Acesso em: 5 ago. 2020.

PARTE 1

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui, estamos hoje, 26 de maio de 1987, em companhia do professor Hélio Silva no seu escritório na Faculdade Cândido Mendes. Junto conosco, o pesquisador de história Marcos Bretas e nós gostaríamos de iniciar, professor, pedindo que o senhor falasse... assim... em rápidas palavras quando o senhor nasceu aonde... uma rápida retrospectiva, né, do seu começo como médico, como jornalista etc.

Hélio Silva: A minha autoapresentação é muito simples. Eu nasci no dia 10 de abril de 1904, no subúrbio carioca do Riachuelo, na rua Fraque, nº 10, num domingo às seis horas da tarde, num domingo de tempestade. A informação que eu tive foi esta. E meu pai era oficial de marinha, Mário Ribeiro da Silva, engenheiro civil, professor da Escola Naval e morreu pouco depois, no dia 21 de janeiro de 1906, na explosão do encouraçado Aquidabã. Eu não guardo do meu pai nenhuma imagem física. Sei que ele se despediu de mim e não voltou. E eu tive, na minha infância, que recolher das minhas irmãs, da minha mãe... mais tarde de colegas dele, fragmentos de sua personalidade, retratos antigos, como quem junta pedaços de um retrato rasgado. Este foi o grande trauma da minha infância – a orfandade – que eu suporrei com muita dificuldade e que só superei quando em 1937 eu me tornei um católico praticante (sou um mariano oblato beneditino),⁶ de missa e comunhão diária. Então

⁶ Para maiores informações, vide “oblato secular”, disponível em: <<https://www.mosteirosaobentorio.org.br/vocacoes/oblato-secular>>.

a vida teve outro sentido, porque eu não sou órfão que eu tenho um pai que é Deus. Mas essa infância foi uma infância de muito inconformismo, de muita revolta que me levou ao agnosticismo. Eu era ateu, herege. Escrevi contra a igreja. Eu fui anarquista (preso no Rio de Janeiro como anarquista). Era um revoltado. Menino pobre que quer abrir caminho. E a literatura foi a minha primeira fuga. Então eu comecei, realmente, muito cedo, não como genialidade, mas como um desabafo. Aos sete anos de idade, eu já escrevia correntemente. Fiz uma peça de teatro. Depois teve uma caricatura que foi publicada no *Malho*. Teve uma poesia que foi publicada no *Malho*, num colégio do subúrbio (fui aluno de colégio de subúrbio, aluno de colégio público). Eu tive a convivência de um moço que teria sido o maior poeta de nossa geração se não tivesse morrido com 23 anos – Moacir de Almeida.⁷ Então, nós tínhamos um grupinho literário que se reunia num café no Engenho Novo, na esquina da rua 24 de Maio com Barão do Bom Retiro (onde hoje é um banco) e tínhamos a nossa roda literária. Essa roda literária tinha Moacir de Almeida, Nóbrega da Cunha, Figueiredo Pimentel,⁸ Danton Jobim,⁹ tinha o Zé Jobim¹⁰ e, mais velhos um pouco, Agripino Grieco,¹¹ Catulo da Paixão Cearense,¹² Luís Carlos da Fonseca,¹³ Pereira da Silva.¹⁴ Então, nessa primeira fase eu era poeta e tenho nos meus guardados, numa série que talvez nunca publique: *Cadernos de Escrita*, um volume que é de poesia, os outros são prosa, como exercício escolar. E esse caderno de poesia tem o título de *Jornal Poético* à semelhança do jornal monástico, que eu tenho no meu Mosteiro de São Bento, dividido nas sete horas canônicas. Mas isso é uma coisa que se for publicada será depois da minha

⁷ Para maiores informações, vide “Moacir de Almeida”, disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/moacir_de_almeida.html>.

⁸ Para maiores informações, vide “Figueiredo Pimentel”, disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/figueire.htm>>.

⁹ Para maiores informações, vide verbete “Danton Jobim”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/danton-pinheiro-jobim>>.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “José Jobim”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jobim-jose>>.

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “Agripino Grieco”, disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/agripino-grieco/>>.

¹² Para maiores informações, vide verbete “Catulo da Paixão Cearense”, disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>>.

¹³ Para maiores informações, vide “Luís Carlos”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/luis-carlos/biografia>>.

¹⁴ Para maiores informações, vide “Pereira da Silva, A. J.”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j/biografia>>.

morte. Eu tenho 100 poesias selecionadas desde a minha infância até agora. Um poeta bissexto, quando a angústia é muito grande... eu ativo a poesia. Mas, eu estou dando essa explicação para mostrar porque que a minha vida pública, publicitária, começa tão cedo. Eu com 16 anos de idade tive que procurar o primeiro emprego. Primeiro num jornal chamado *A Boa Noite*, depois corri tudo quanto era jornal pequeno do Rio de Janeiro. Isso será assunto de um desses livros de memória e eram jornais que tinham vida efêmera. A gente entrava, trabalhava, não recebia dinheiro, brigava, tirava vale e é por isto que desde 1920 eu tenho uma participação real na vida do país. É assim que Rui Barbosa desde 1920 é o personagem da minha vida. Mas, na recordação da infância já aparece Rui Barbosa. Meu pai era oficial da marinha, meu avô, João Ribeiro da Silva, foi oficial do exército, morreu numa formação de limites no alto do Amazonas. Então, no culto que havia em minha casa pela figura do meu pai, graças a minha admirável mãe aconteceu que havia mais influência militarista do que civilista. Foi assim que a campanha civilista¹⁵ de 1910 repercutiu em minha casa sem uma exaltação política (nós não fazíamos política). Minha mãe vivia dentro do lar, minhas irmãs se desinteressavam de política e eu tinha seis anos de idade, mas de qualquer maneira, naquele momento se tivéssemos que nos definir nós éramos hermistas porque Hermes¹⁶ era um militar como meu pai, como meu avô e o Rui era o civilista, sem consequência maior. Assim, a Campanha Civilista teve uma repercussão branda em nossa casa e o hermismo e o governo de Hermes sempre descambou na pilhéria, no deboche. Eu tinha um macaco que eu botei o nome de Dudu para ridicularizar Hermes, sem nenhuma conotação política maior. Mas ficou um resíduo. Resíduo este que fez com que eu começasse a me interessar, a me familiarizar, com a figura daquele homem que logo depois eu ia ver no Senado da República. Comecei a fazer jornalismo, repórter de política, Santa Casa, de aeroporto, polícia marítima, mas não demorou muito que eu fosse fazer crônica parlamentar, que eu fazia no Senado e na Câmara. Os jornais pequenos não podiam ter muitos repórteres. Então eu conheci o senador Rui Barbosa. Eu devo dizer que antecipadamente

¹⁵ Para maiores informações, vide “Campanha Civilista”, disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=332&ID_M=1301>.

¹⁶ Para maiores informações, vide verbete “Hermes da Fonseca”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Hermes%20da.pdf>>.

eu me tornara admirador do Rui Barbosa. Ele era um mito para mim. E, analisando essas impressões remotas, eu me surpreendo sentindo aquele gigante na tribuna que era fisicamente um pigmeu. A figura do Rui Barbosa era uma figura diferente, curiosa, marcante. A gente via aquele homem precocemente envelhecido, sempre me deu a impressão de um velho, curvado, quase sempre de chapéu na rua, sempre de chapéu porque na tribuna não tinha chapéu e parecendo que as roupas, o chapéu, tudo era maior do que ele. Ele não tinha corpo, não tinha esqueleto para aquilo, o bigode caído. Mas essa forma toda, roupas longas, sobrecasaca, o fraque quase sempre cinzento, pelo menos, ficou essa ideia do cinzento. Quando eu o via da rua eu o achava frágil; mas, ao mesmo tempo, eu o achava poderoso. Ele me dava, sempre me deu a impressão de força, uma força espiritual grande. Na tribuna, o curioso do Rui Barbosa... é possível que isso que eu estou dizendo se choque com a imagem heroica que ficou do Rui Barbosa, que os ruístas não gostem disto que eu estou dizendo porque os ruístas realmente fazem de Rui Barbosa tudo que é de melhor. Ele não precisa desse favor. Rui Barbosa na tribuna era homem pequeno, pouco assomava na tribuna. Não era um homem com uma voz poderosa, tronetoante como depois iria conhecer grandes oradores: os Mangabeiras, o Batista Lousado, o Carlos Lacerda,¹⁷ João Neves de Fontoura,¹⁸ o próprio Eritácio Pessoa.¹⁹ Homens que na tribuna tinham aquele vozerio que a gente se impressionava com uma eloquência sonora. Rui Barbosa não. Rui Barbosa embora fosse um grande orador que conhecia muito bem as regras da oratória, da retórica, a voz dele não era uma voz alta e naquele tempo em que não havia microfone mal se ouvia em todo recinto do Senado. Mas, os ouvintes se aproximavam da sua tribuna. Mas, se a figura não impressionava no momento, num primeiro instante, se a voz, a oratória dele não atordoava, não cativava como certos oradores que subjugam o auditório, o que ele dizia era tão bonito, era tão castiço, era tão profundo ao mesmo tempo que não havia quem resistisse à oratória dele, era avassaladora. Eu o vi em debates, eu

¹⁷ Para maiores informações, vide verbete “Carlos Lacerda”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-nerneck-de-lacerda>>.

¹⁸ Para maiores informações, vide verbete “João Neves da Fontoura”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontoura-joao-neves-da>>.

¹⁹ Para maiores informações, vide verbete “Eritácio Pessoa”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PESSOA,%20Erit%C3%A1cio.pdf>>.

o vi respondendo às críticas. Eu o vi em duelos com Pinheiro Machado²⁰ que era uma figura que empolgava a tribuna, embora, não fosse homem de grande cultura. Epitácio Pessoa... em suma, sempre tive a impressão de que ele dominava e que ele era o maior. Esta a figura que me ficou da tribuna, o repórter...

Entrevistadora: Eu queria lhe fazer uma pergunta. Da época da política de encilhamento²¹ de Rui em que ele perdeu muito do prestígio que tinha por causa do problema de inflação etc., o senhor era jornalista e como eram as críticas, quer dizer, o senhor assistiu todo esse problema que Rui enfrentou nessa época de desprestígio diante da política econômica que...

Hélio Silva: Na imagem alegórica que ficou de Rui, a gente pensa que Rui foi sempre o maior de todos os brasileiros, a águia de Haia. Não é verdade. O Rui politicamente nunca foi um vitorioso. Ele tinha tal prestígio internacional e nacional que ele se elegia na Bahia. Mas mesmo na Bahia ele não era dono da política baiana e todas as vezes que ele tentou uma manobra dentro do “nacional”, ele foi derrotado. O Rui era grande exatamente porque ele não tinha essa repercussão. Ele não tinha, nunca teve o prestígio que tiveram outros grandes chefes nacionais. Politicamente ele não tinha o prestígio de Pinheiro Machado, politicamente ele não teve o prestígio de Glicério.²² No primeiro, no Governo Provisório ele falou já como o estudioso de história. O Rui na campanha da propaganda republicana, o Rui, quando nós estudamos a campanha republicana, nós vemos que o conteúdo, que o que há de melhor na propaganda republicana é Rui. Mas, naquele tempo, o que havia de melhor na propaganda, o que “voltava” mais, direi, era Júlio de Castilhos,²³ era Alcindo

²⁰ Para maiores informações, vide verbete “Pinheiro Machado”, disponível em: <<http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/machado-pinheiro>>.

²¹ Para maiores informações, vide verbete “encilhamento”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ENCILHAMENTO.pdf>>.

²² Para maiores informações, vide verbete “Francisco Glicério”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GLIC%C3%89RIO,%20Francisco.pdf>>.

²³ Para maiores informações, vide verbete “Júlio de Castilhos”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTILHOS,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>>.

Guanabara,²⁴ era o Quintino Bocaiúva.²⁵ Rui era considerado por muitos como o adesionista. Homem que veio do Império e se passou para a República. A Constituinte, a Constituição²⁶ daquela época é obra de Rui e é uma obra admirável. Constituição que durou. Foi a que durou mais no nosso período. Pois bem, isto mesmo, somos nós estudando os arquivos da Casa de Rui Barbosa que vamos encontrar os originais, manuscritos de Rui. Nós vamos ver realmente o trabalho gigante que ele teve desprezando aquele primeiro trabalho de notáveis. Aliás, os trabalhos de notáveis em constituintes (eu tenho a experiência de duas, a de 33, 34 e de 46) vão sempre pro lixo. E o primeiro trabalho dos cinco notáveis nem foi encaminhado à Constituinte; depois, há o trabalho que deveria ser feito pelo ministério era feito pelo Rui e que o ministério concordava. A Constituição apresentada é do Rui. E essa Constituição é de tal maneira perfeita para a época que ela é vitoriosa. A atuação de Rui no ministério é uma coisa discutida. Rui, na ocasião, foi ridicularizado na caricatura. O Rui é um daqueles que aparece fantasiado de general honorário. Vamos ver as caricaturas da época, Rui não é tratado com o respeito devido. A gestão dele no ministério prestou-se a uma porção de confusões. Até hoje é uma mentira histórica de que Rui queimou os arquivos que documentavam a escravidão.²⁷ Não é verdade! Hoje em dia já se sabe perfeitamente que houve certos documentos que não tinham utilidade, ele não destruiu arquivos, então, politicamente ele era acusado de erros que cometeu e de erros que lhe foram atribuídos. Portanto, politicamente Rui era uma figura discutível. Quando nós vemos hoje que só Rui aparece naquela época quando todos os outros desapareceram. Como eram pigmeus! A gente olha uma cordilheira, a gente vê o cume mais alto, a gente não vê as montanhas menores, parece que só Rui existia, porque historicamente, realmente, só Rui existe, só

²⁴ Para maiores informações, vide verbete “Alcino Guanabara”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUANABARA,%20Alcindo.pdf>>.

²⁵ Para maiores informações, vide verbete “Quintino Bocaiúva”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf>>.

²⁶ A constituição de 1891 está disponível para download em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/392?mode=full>>.

²⁷ LACOMBE, Américo Jacobina; SILVA, Eduardo e BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. Disponível em: <<http://www.rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/9163/1/Rui%20Barbosa%20e%20a%20queima%20dos%20arquivos.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

Rui ficou, os outros passaram. Mas na ocasião Rui tinha esse contraste, esse jogo de contraste. Então, é preciso, quando se faz história, que a gente se situe no tempo. Se nós que estudamos hoje (eu escrevi sobre a campanha civilista), nós somos levados a ver a campanha civilista como apoteose. Toda documentação que a Casa Rui Barbosa publica (evidentemente é papel dela, ela tem que mostrar a atuação de Rui) mostra o Rui, o gigante que ele era. Mas se nós avaliarmos qual era a repercussão política da Campanha Civilista? O que que sobrava para o lado dele? Ele ainda teve algum apoio financeiro? Porque o governador de São Paulo foi o vice-presidente dele, senão ele não teria dinheiro para fazer isto. Se nós compreendermos que naquela ocasião não havia telefone, os meios de comunicação eram escassos, que Rui Barbosa viajou num navio, navegação costeira, apenas aportou em algumas capitais e que nessas poucas capitais ele reunia em um teatro um público que eu não sei se chegaria a um ou dois milhares de pessoas e que eram principalmente estudantes, muitos dos quais nem eleitores seriam, porque na República Velha o percentual de alistamento eleitoral era mínimo. Se eu disser a você que na campanha de Rui Barbosa o percentual, o comparecimento do Colégio Eleitoral foi de quatro por cento, você pensa que eu estou mentindo. Então não houve a concentração nacional. O Brasil não se alistava. A mulher não votava. O analfabeto não votava. Eram poucos os eleitores. Havia um certo desprezo, até, pelo título eleitoral tão desmoralizada era a eleição. Se eu disser que no Rio de Janeiro, no Distrito Federal, não se reuniu uma mesa eleitoral para que Rui não tivesse votação. Você vê o que foi a campanha e o que foi a eleição de Rui Barbosa, sendo ele aquele gigante numa eleição que depois ele vai para o Senado e ele apostrofa a eleição, entre aspas, de Hermes da Fonseca provando que Hermes não era sequer eleitor. Hermes não era eleitor. Hermes da Fonseca nunca tinha se interessado pela política. Foi eleito presidente da República. Foi proclamado presidente da República pela fraude sem sequer ter o título de eleitor. Era esta a situação. Agora, este gigante ia e ele com a autoridade moral que ele... autoridade política, embora fosse discutido, ele tinha autoridade moral, uma autoridade intelectual que era imensa, ele esmagava isso tudo... ele vai para a tribuna, ele disseca, ele dizia e ninguém contrapõe um argumento válido contra ele. Pois bem, este gigante que depois vai ficar na história do Brasil, naquela época como é que este homem não conseguiu ser indicado para... candidato dentro do situacionismo de que ele fazia parte.

Ele não era um político de oposição. Ele tomou uma posição de oposição. As várias vezes que ele se candidata, ele tenta primeiro ser o candidato do consenso porque ele sabe que fora do governo não há salvação. Mas nunca ele consegue. Ele é sempre afastado, por quê? Porque mesmo na própria Bahia, ele não tem a Bahia toda por ele, mas, sobretudo a personalidade dele incomoda aos outros. Há no Brasil até hoje uma campanha da mediocridade. Os medíocres, os nulos, os safados que não querem que um homem, realmente, com “h” maiúsculo alcance um lugar deste, porque se alcançar se emancipa deles. Um grande político não é um homem que tenha grande votação ou um grande político, um grande estadista prescindir dos serviços que os medíocres lhes podem prestar, que os desonestos lhes prestam. E Rui Barbosa seria o homem que se elegia por si, não ia de eleição a ninguém. Não era o Hermes que devia eleição ao Pinheiro Machado. Então nunca ele conseguiu consenso. Por quê? Porque nós não tínhamos um público. Nós não tínhamos uma consciência cívica, uma consciência política. O povo era doente e analfabeto. A elite política era corrupta e vivia da fraude. E sobrava o que? Uma parte alfabetizada da mocidade que nunca faltou a Rui. Mas essa parte não bastava para eleger o Presidente da República e, sobretudo, não tinha como vencer a fraude, a bandalheira da política. Então Rui Barbosa, se nós examinarmos, nós vemos o elogio a ele, a justiça a ele, mas nós encontramos um contraste que Rui Barbosa não tem a importância política que deveria ter tido no seu tempo. Nós hoje lemos as lições de Rui Barbosa, mas essas lições não foram aplicadas no seu tempo. Na Constituição não. Na Constituição, realmente ele deixou o seu traço, mas fora disso os seus discursos, os seus ensinamentos ficaram mais para a posteridade. Foi esse o Rui que eu conhecia e que como moço e como jornalista já admirava e como eu, se eu conversava com um intelectual... eu me lembro dessa ocasião. Eu era jornalista. Eu era estudante de medicina. Era colante dos telégrafos aqui na praça Quinze. Eu me recordo que aí, na turma em que eu trabalhava havia uns que eram meros burocratas, faziam aquele trabalho, manipulavam o aparelho Morse e iam embora para casa e havia alguns que eram intelectualizados, ou eram bacharéis, ou estudantes que queriam outra coisa, que queriam aquele emprego como degrau. Com esses eu conversava e o que havia de melhor intelectualmente, no lugar do meu trabalho, na minha faculdade, no meu jornal estava com Rui. E eu me recordo da emoção com que eu via, quando eu encontrava com ele na rua. Era comum que

ele saísse do Senado, viesse caminhando e fosse a uma sessão de cinema. Ele gostava muito de sessão de cinema. Havia na avenida Rio Branco entre Assembleia e Sete de Setembro, o cinema Palace que tinha uma peculiaridade: tinha uma sala de espera e tinha duas salas de projeção laterais, salas que abriam para a avenida, as saídas eram para a própria avenida. Rui Barbosa frequentava esse cinema sessão de quatro ou cinco horas da tarde e ele quando passava, ele era olhado com respeito, não com popularidade. Ele não era um Juscelino Kubitschek,²⁸ que falava com todo mundo na rua. Dava adeus. Não era disso não. Ele era circunspeto. Ele saía calado, olhando para o chão, caminhando, muitas vezes de guarda-chuva, não sei se sempre de guarda-chuva, eu me lembro dele de bengala, chapéu enterrado na cabeça, o fraque [inaudível], bigode caído, mas havia um movimento de respeito, de admiração respeitosa. A gente instintivamente abria caminho, às vezes cumprimentava. Se ele viesse, ele tocava no chapéu. Mas era um movimento geral, todo mundo conhecia o Rui. Depois, passei a frequentar a casa. Não frequentei a casa do Rui Barbosa quando ele era vivo. frequentei depois. Inclusive várias vezes na minha vida eu trabalhei e estudei na casa de Rui Barbosa. Sou muito amigo do Lacombe.

Marcos Bretas: Mas falando de como Rui sobressai nesse momento, historicamente...

Hélio Silva: Agora? Eu vou chegar lá.

Marcos Bretas: É, depois... eu gostaria de perguntar um pouco quem eram na sua vida política os companheiros de Rui Barbosa também? Quem eram os políticos que estavam do lado dele? Qual era essa figura? Esse ambiente político de Rui na Câmara. Ele era um homem isolado politicamente ou ele tinha um grupo?

Hélio Silva: A política naquele tempo, como agora, não tinha partidos políticos, não tinha grupos ideológicos, havia coligações, agrupamentos ocasionais. De modo que na vida política você acompanha com a Proclamação da República forma-se em cada Estado o que chamamos PR. Então os republicanos que eram muito poucos, que não davam para ocupar os cargos públicos se engrossaram com as adesões dos monarquistas. Eles tomaram conta do governo. Então, em cada estado desses havia o começo de uma oligarquia, de um soba, que só deixava o governo

²⁸ Para maiores informações, vide “Juscelino Kubitschek”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino_kubitschek>.

quando entrava em conflito com o governo central e aí havia aquela manobra de intervenção. Na Bahia foi dessa maneira. Ele nunca foi um dono da Bahia, um dono político da Bahia. Na Bahia ele teve alguém que politicamente, no sentido das manobras políticas, prestígio, o Seabra²⁹ fazia mais do que ele. Mesmo porque Rui não era eleitoreiro, Rui não fazia o corpo a corpo, Rui acreditava na palavra, na ideia. Então Rui fazia uma campanha, mas Rui não ia de porta em porta, Rui não fazia panfletagem. Então ele reunia num teatro, fazia um discurso acorriam aqueles que já eram ruístas, que continuavam ruístas. Agora, o povo se desinteressava, o povo ficava com o político que dava o remédio, que dava o emprego e Rui não fazia esse processo eleitoral. De modo que Rui era, ao mesmo tempo que era um político popular, era um nome nacional como não havia outro, ele não tinha bases eleitorais. Isto é uma das razões do insucesso dele nas suas campanhas para a presidência da República. A Bahia tem como ponto de honra reelegê-lo senador. Não se compreendia que esse homem que tinha feito sucesso...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Hélio Silva: ... mas nós vemos ele, ele vai à Conferência de Haia.³⁰ Na Conferência da Paz apresentam toda uma manobra que a inveja, que é a manobra política para destruí-lo. Rodrigues Alves³¹ o havia convidado para chefiar a delegação brasileira na Conferência de Paz. Era natural que ele fosse, ninguém mais indicado do que Rui porque, inclusive, no exterior Rui era conhecido. Os grandes políticos, os estadistas sabiam que existia no Brasil um homem chamado Rui que tinha estado na Conferência de Haia. Mas o que que acontece? Há uma série de manobras aqui, o chanceler de então Domício da Gama³² cria dificuldades.

²⁹ Para maiores informações, vide verbete “J. J. Seabra”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SEABRA,%20J.%20J..pdf>>.

³⁰ Para maiores informações, vide “Rui Barbosa em Haia”, disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=298>.

³¹ Para maiores informações, vide verbete “Rodrigues Alves”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Rodrigues.pdf>>.

³² Para maiores informações, vide “Domício da Gama”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/domicio-da-gama>>.

Ficou a lenda de que Rui não aceitou ir porque previa a crise da sucessão presidencial. Queria estar aqui e acontece que Rui não vai. Eptácio Pessoa que tinha sido convidado para auxiliar dele, vai. Aproveitando essa circunstância, embora Rui esteja aqui, é sabotada a candidatura dele à sucessão de Rodrigues Alves e num desses conciliados que, não por ironia, mas pura coincidência, no porão de um palacete da rua Voluntários da Pátria onde morava Urbano dos Santos,³³ um político maranhense, eles chegam à conclusão que o político que convinha no momento era o Eptácio Pessoa para completar o mandato. Porque Eptácio Pessoa não tinha atrás de si um grande Estado. Não tinha atrás de si um grande partido, era um homem sem base política, ministro aposentado pelo Tribunal Federal, o que não interrompia aquele jogo, aquele rodízio da política do café com leite³⁴ e faria com que sucedesse ao presidente não empossado, paulista, Rodrigues Alves; o governador de Minas, Artur Bernardes,³⁵ que queria acabar o seu governo em Minas e não queria vir para aqui. Pois bem, é este jogo político que eu estou denunciando exatamente para mostrar como é que se fazia, quer dizer, nessas circunstâncias a gente não encontra Rui senão apoiado por alguns que sobraram do balaio governista. Em torno dele se agrupam, exatamente, os poucos que tinham uma divergência, que estavam já na oposição. Na primeira vez, ainda há a candidatura do governador de São Paulo, que financia a campanha. É dinheiro de São Paulo que faz Campanha Civilista. Nas outras campanhas do Rui não têm nem dinheiro. Têm poucos recursos. Então os homens que dominavam nessa época através disso tudo, há primeiro no começo da República, duas fases entre duas ditaduras militares de Deodoro e a de Floriano que é a influência militarista. São duas ditaduras militares. O militarismo, o florianismo, não morre com Floriano, continua e vai vindo através da história até 64, até os dias de hoje. Esse militarismo, dos militares que proclamaram ou implantaram a República e se consideram, portanto responsáveis pela defesa das instituições, dispositivo que eles impõem na Constituição. Estão impondo agora e sob essa alegação eles intervêm todas as vezes

³³ Para maiores informações, vide verbete “Urbano Santos”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SANTOS,%20Urbano.pdf>>.

³⁴ Para maiores informações, vide verbete “Política dos governadores” disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POL%C3%8DTICA%20DOS%20GOVERNADORES.pdf>>.

³⁵ Para maiores informações, vide verbete “Artur Bernardes” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

que o jogo quer, que as instituições correm perigo. Veio a influência de São Paulo através de Prudente de Moraes,³⁶ Campos Sales,³⁷ Rodrigues Alves; veio a influência de Minas com Afonso Pena³⁸ (tentativa do Jardim de Infância), então, neste período todo há o Partido Federal,³⁹ há o Glicério, de São Paulo lutando contra Prudente, mas nisso tudo Rui é uma grande figura, mas uma figura isolada. Ele não é o chefe de um partido, como foi o Glicério. Ele não é o chefe de uma situação como foi Rodrigues Alves em São Paulo, como foi Afonso Pena em Minas. Não é! Não tem um governo de Estado, nem a Bahia ele tem. Ele tem que lutar na Bahia contra os que se opõem a ele. Então ele é uma figura que todos elogiam, que todos dizem respeitar, mas toda a vez que se apresenta uma possibilidade de uma sucessão presidencial, então, como que todos os que podem, os que têm poder, articulam-se no sentido de afastar. Então a gente vê, isso que hoje é uma distância deplorável, Rui sistematicamente afastado a vida inteira da sucessão presidencial.

Marcos Bretas: O que será que levava ele a tentar sempre essa presidência que a articulação política tirava dele ao mesmo tempo sistematicamente.

Hélio Silva: Primeiro uma ambição natural de um homem que queria se realizar politicamente num país presidencialista e o máximo que alguém atinge é a presidência da República. Depois, o homem cômico do seu valor que achava que tinha uma missão, que tinha um recado a dar depois de proclamada. Ele que tinha sido um conselheiro do Império num dado momento, ele se afasta do imperador como princípio, a Federação. Toda vida dele é norteadada por grandes ideias e é por isso que ele subsiste. Rui não é um homem de momento, é um homem de sempre. Hoje a gente abre um livro do Rui, lê uma página do Rui, a gente pode adaptar aos dias de hoje. Ele tinha visão, ele realmente é um estadista, é um pensador.

Entrevistadora: Professor e hoje se Rui estivesse na política, no quadro político de hoje, como é que ele se situaria?

³⁶ Para maiores informações, vide verbete “Prudente de Moraes” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MORAIS,%20Prudente%20de.pdf>>.

³⁷ Para maiores informações, vide verbete “Campos Sales” disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SALES,%20Campos.pdf>>.

³⁸ Para maiores informações, vide verbete “Afonso Pena” disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PENA,%20Afonso.pdf>>.

³⁹ Para maiores informações, vide verbete “Partido Republicano Federal (PRF)” disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEDERAL%20\(PRF\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEDERAL%20(PRF).pdf)>.

Hélio Silva: Ele se situaria pessoalmente bem, mas ele estaria mal situado na política. Eu pergunto, vamos ver alguma coisa próxima. Nós tivemos... como é que Rui teria assistido o fim da República Velha? Ele teria sido um elemento da Aliança Liberal?⁴⁰ Podia ter sido. Teria sido até o fim. Ele teria sido homem da Revolução de 30?⁴¹ Não sei. Ele teria sido homem daquele período de Governo Provisório? Ele teria entrado na Campanha Constitucionalista? Qual seria a posição dele na Constituinte de 33/34?⁴² Que eu assisti que era uma balbúrdia medonha. Ele teria com a autoridade intelectual dele dado rumo, teria repetido a proeza de [18]91? Certamente não. Então ele teria ficado isolado. Teria sido anulado, embora as ideias vingassem. Porque naquela ocasião havia uma corrente renovadora, mais de direita, mais fascizante que eram os tenentes. Havia os velhos políticos que queriam apenas restabelecer o *status quo* e havia os novos políticos que iriam lá... eles queriam apenas ocupar os lugares. Então homens do valor de um Oswaldo Aranha,⁴³ uma figura fascinante, de um João Neves,⁴⁴ que que eles trouxeram para a política? Alguma ideia nova, alguma coisa mais? Não. E tanto não trouxeram que veio 37 e que veio 45. Como teria sido ele em 10 de novembro?⁴⁵ Teria sido outra vez exilado na Inglaterra. Não teria concordado com aquilo porque dentro dele, é mais poderoso do que tudo. Ele era uma ideia. Ele não era uma ambição apenas. Não era homem que você comprasse pondo na Presidência da República, por isso é que ele não foi para a presidência da República. Não era possível barganhar com Rui porque ele tinha ideias, não era possível trocar, trocar ideias como quem não tem ideias. Essa a situação de Rui, era realmente uma figura invulgar, uma figura que faz falta, que fez falta, que no seu tempo ele teve uma atuação importante. Foi aquele sal que o evangelho diz que é preciso para salgar a terra. Se nós tirarmos Rui daquela época, o que

⁴⁰ Para maiores informações, vide verbete “Aliança Liberal”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALIAN%C3%87A%20LIBERAL.pdf>>.

⁴¹ Para maiores informações, vide verbete “Revolução de 1930”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolucao-de-1930-3>>.

⁴² Para maiores informações, vide verbete “Assembleia Nacional Constituinte de 1934”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/assembleia-nacional-constituente-de-1934>>.

⁴³ Para maiores informações, vide “Oswaldo Aranha”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/oswaldo_aranha>.

⁴⁴ Para maiores informações, vide “João Neves de Fontoura”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/joao_neves_da_fontoura>.

⁴⁵ Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas implementa o Estado Novo.

fica? Fica um vácuo. Você não encontra ninguém. Você encontra figuras que são realmente figuras impressionantes. O Júlio de Castilhos⁴⁶ é uma figura impressionante, mas que ele fez? Que que ele projetou no Rio Grande do Sul? Uma oficina, guerra civil? Você vê um homem que é único que eu considero capaz de se aproximar de Rui – Assis Brasil⁴⁷ – e que eu quis trazê-lo ao Rio Grande do Sul, mas não tive o apoio, inclusive, de dois gaúchos: o presidente da República, General Garrastazu Médici,⁴⁸ de Bagé, e o secretário da presidência também de Bagé. Fiz um movimento no Rio Grande do Sul para fazer de Pedras Altas uma outra Casa de Rui, mas não quiseram, não fizeram, então, aquilo ficou como uma relíquia. É um homem, realmente, uma grande figura do Rio Grande, mas lá o Rio Grande está dividido. Assis Brasil era libertador, não era republicano. Mas, fora disto eu não vejo. Há pensadores que não atuaram politicamente. Há um Gilberto Amado⁴⁹ que é um grande pensador, mas não atuou politicamente com as suas ideias. Ele foi tolerado na medida em que ele servia aos governos. Meu amigo Gilberto Amado. Há um Alberto Torres,⁵⁰ mas Alberto Torres na prática é um autoritário. Os livros dele são uma coisa, mas ele não pôde realizar na sua vida isto. O Oliveira Vianna.⁵¹ Há um pensador – Alceu Amoroso Lima.⁵² Mas qual desses atuou? Qual deles despertou o país para uma Campanha Civilista? Que é a maior campanha que nós tivemos até hoje e que mostrou naquela época era possível fazer uma campanha e que ele a repetiu. Houve mais alguma campanha no Brasil? A reação republicana tem essa grandiosidade e é maior. A campanha da Aliança Liberal tem essa...? Não. A campanha da Armando de Sales de Oliveira,⁵³ de que eu

⁴⁶ Para maiores informações, vide verbete “Júlio de Castilhos”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTILHOS,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>>.

⁴⁷ Para maiores informações, vide verbete “Assis Brasil”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>>.

⁴⁸ Para maiores informações, vide verbete “Emílio Garrastazu Médici”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/medici-emilio-garrastazu>>.

⁴⁹ Para maiores informações, vide verbete “Gilberto Amado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AMADO,%20Gilberto.pdf>>.

⁵⁰ Para maiores informações, vide verbete “Alberto Torres”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alberto-francisco-torres>>.

⁵¹ Para maiores informações, vide verbete “Oliveira Viana”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-jose-de-oliveira-viana>>.

⁵² Para maiores informações, vide verbete “Alceu Amoroso Lima”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso>>.

⁵³ Para maiores informações, vide verbete “Armando de Sales Oliveira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/armando-de-sales-oliveira>>.

particpei... não tem. Teve o desfecho dramático do 10 de novembro, dele exilado. Só veio do exílio para morrer, mas nunca mais houve. A figura do brigadeiro positivamente ninguém ainda compreendeu. Que mais? Uma figura sustentada pelos militares do que realmente carregada pelo povo. Não tem ninguém. Então até hoje é possível falar de Rui que não nos deixou. Rui é uma presença e essa presença... eu uma noite estou trabalhando, tenho a notícia da morte dele e fui ao velório. Isso é uma das graças que eu agradeço a Deus de eu ter tido a oportunidade de me despedir de Rui Barbosa.

Entrevistadora: Professor, nós sabemos que o senhor possui um valioso arquivo, mudando um pouco de assunto, uma biblioteca muito vasta. Me fala um pouquinho desse seu arquivo, o que que ele contém? A própria biblioteca, qual o tema principal da sua biblioteca?

Hélio Silva: Não gosto muito de falar de mim não, sabe? Fazem uma badalação demais de mim e estão criando um mito de Hélio Silva, que eu não sou nada disso. Eu sou apenas um velho que tem que trabalhar, trabalhar, um velho muito amargo e cada vez vive mais num mundo mais, mais distanciado do mundo. Que a minha vida tem sido no sentido de espiritualidade, disto tudo, de modo que cada vez mais eu conheço a safadeza do mundo. Cada vez participo menos da safadeza do mundo. Eu sou um homem que realmente parecendo que tem convivência porque todo dia sou procurado, eu sou isolado. Eu sou realmente um monge, um isolado. Compreendeu? Isolado pelo tempo, pela idade, isolado pela minha vida. De modo que cria-se o mito. Você conhece um velho que acorda às cinco horas da manhã, fica rezando uma hora, que às seis horas entra num chuveiro para ter coragem, sete horas sai e vem trabalhar? Vem aqui para rezar, que se fica aqui até às seis horas da tarde reza a outra oração – de Vésperas? Que todo dia vai a uma missa, comunga e ajuda a missa? É coroinha daqui na igreja, não é? Isso já parece o que? É paranoia, né? Que trabalha, trabalha, trabalha. Escreveu... publicou 78 livros de história, de medicina, tenho... tenho 50 anos como médico. Mas porque tem uma porção de coisa que seu fica parecendo lenda. Então, fica parecendo que eu estou dizendo que eu sou diferente. Sou nada disso, eu acho que eu sou um sujeito perfeitamente normal, agora, um homem que dentro da sua vida teve agir. Teve que reagir diariamente. Hoje você vê, eu estou conversando com você, isto que eu estou dizendo para você realmente tem sentido, eu sou sincero. Eu por vezes tenho que me controlar, me comover, [inaudível] tudo isto. Agora, o meu trabalho,

trabalho de historiador, não vou falar de médico, dessa coisa toda. Meu trabalho (você quer gravar essa parte...)

Entrevistadora: Não. Pode gravar.

Hélio Silva: Os tolos pensam que fazem a sua vida. Eu não tenho essa ilusão. A vida me fez. Eu acredito, como homem de ciência, que no momento que eu fui concebido, eu fui uma criatura escolhida por Deus. Deus me chamou pelo meu nome antes que eu o conhecesse. E da mesma forma que Ele me chamou, Ele me deu uma missão. Eu toda manhã quando acordo, meu primeiro pensamento é essa jaculatória: “Bendito sejas meu Deus que me conservaste a vida. Que seja só para vos servir”. Então, nesse momento eu digo: por que que eu amanheci quando outras pessoas não amanheceram no dia de hoje. Então é porque ainda tenho alguma coisa a fazer. Se eu tenho alguma coisa a fazer, Deus me julga capaz de fazer essa alguma coisa para a qual me conservou vivo. Ora, se Deus confia em mim, acredita em mim, eu não posso duvidar de mim. Essa é a minha força.

Entrevistadora: Professor, quais são as suas atividades atualmente? Eu sei que o senhor está fazendo parte do Conselho da Casa de Rui.

Hélio Silva: Então através disso eu desenvolvi a minha vida de trabalho. Para falar particularmente, resumidamente da atividade de escritor. Atividade de escritor é uma prova de como a vida da gente, à semelhança do rio que procura o seu caminho próprio, semelhança do que eu, o velho cirurgião emérito que eu sou, do buraco do que chamamos em cirurgia, o plano de clivagem. A minha vida deslizou dessa maneira. Eu podia dizer que a minha primeira inclinação foi escrever? Não. Era uma necessidade de comunicação. Depois, o jornalismo foi o emprego que eu arranjei, porque eu não tinha dinheiro para estudar. Depois a medicina ocupou 50 anos da minha vida e foi a coisa que eu mais amei, que mais gostei de fazer foi a medicina. Mas não me afastei do jornalismo, não me afastei desse trabalho que vinha fazendo, de um dia dar o meu testemunho, escrever a história que eu tinha visto. E é possível que um dia chegue à conclusão de que a história contemporânea começou a ser escrita por mim. Mas, meus trabalhos de pesquisa vêm desde que eu me entendo, pelo menos, desde 1920 a vivência jornalística. Meu primeiro trabalho publicado de história foi 1959. Mas isto, agora já caminha para 30 anos de atividade. Começo a apresentar este trabalho e este trabalho nunca teria sido publicado se não tivesse havido um grande desastre na minha vida. Eu, nessa ocasião, em 59, eu tive a maior crise da minha vida,

a crise doméstica diante da qual eu só tinha dois caminhos: ou eu submergia, ou eu nascia de novo. Nós nascemos cada dia porque, realmente há momentos diante de uma situação nova, inesperada, desagradável, só há um recurso, nascer de novo. A gente morre naquele momento. Eu tinha recentemente que... uma outra prova assim. Houve um momento que minha vida sofreu tal transformação que eu não podia subsistir. Eu não sou mais o homem que era até dois meses atrás. Eu tive que nascer de novo. Esse homem que era [inaudível] morreu, morreu. Como eu em 59 morreu. Eu morri em 59 e nasci. Então, nesta ocasião que a própria medicina não me bastava. Eu comecei a mexer nesses papéis, botar em ordem estes papéis. O Carlos Lacerda soube e publicou um trabalho meu em 59. Aí veio uma sequência de coisas inesperadas. Nunca procurei um editor. Trabalho para quatro ou cinco editores. Nunca procurei uma televisão, uma entrevista como esta que eu estou dando a você. Nunca procurei uma notícia. Isso veio e eu consegui uma situação de que eu tenho publicado 78 livros, muitos editados, repercussão no estrangeiro. Em qualquer centro de estudo você encontra, na Rússia, na China, você encontra meus livros porque é história no Brasil. Mas esta ocupação no momento para resumir eu tenho publicados na praça, tenho 78 livros, inclusive livros de uma importância muito grande como essa história das constituições brasileiras, editado pelas organizações Globo. Todas as Constituições brasileiras com uma introdução explicativa de cada Constituição, com o nome de todos os constituintes, todas as emendas e com a primeira, a pré-Constituição brasileira que pouca gente tem a Carta [inaudível]. Tenho em preparo, em pauta, no momento, dois trabalhos. Um dos quais eu creio que não vou acabar. A Fundação Roberto Marinho e o INCRA me convocaram para fazer um plano... um plano de Reforma Agrária. Eu organizei minha equipe, um grupo notável, são oito ou dez pessoas, cada qual faz uma parte e eu tenho que fazer a história da reforma agrária no Brasil e uma introdução do livro. Mas há mais de um mês que eu não tenho notícias deste trabalho. Tenho a impressão de que este projeto foi abandonado. Realmente, a situação da Reforma Agrária brasileira é calamitosa. Eu estudei o assunto e é muito pior do que você possa imaginar. Era muito pior do que eu pensava. Evidentemente não se vai fazer reforma agrária no Brasil. Nunca mais fiz um trabalho perdido sob o ponto de vista do pragmatismo. Tem um outro trabalho que eu estou fazendo para atender a pedidos que é a história do Jôquei Clube Brasileiro, porque eu sou diretor da biblioteca do Jôquei Clube.

Além disso, eu tenho na coleção Os Presidentes, da editora Três em São Paulo, tenho uma encomenda para o futuro da presidência Sarney. Fora disto eu tenho no momento, em preparo, ao todo eu tenho dez livros em preparo, eu tenho esses livros que eu chamo Cadernos de Escrita. São os meus livros. Não são os livros de história que são livros para o público. Quando a gente é menino de colégio, a gente tem os cadernos de escrita. São exercícios de escrita. Então meus Cadernos de Escrita têm uma parte que é prosa, têm uma parte que é verso, exatamente como o caderno escolar. A parte de verso já está pronta, tem uma cópia, numa dessas gavetas. São poesias que eu guardo desde 1920. São poesias nem sempre... mais amargas... eu vou dar a você uma mostra de uma poesia que eu possa assinar como escritor ou como médico:

“A gente se mata,
a gente não morre de morte morrida,
a gente só morre da vida vivida,
do pranto que chora,
da dor que suporta ou que nem suporta.
Do amigo que morre,
da mulher que foge,
do filho que cresce.
A gente se gasta,
se esgarça,
se rompe
E a vida se escoo no vaso fendido do coração.
A gente se mata”.

Esta é uma das minhas poesias. É uma mostra a você. Mas eu não pretendo publicá-la em vida, meus livros. Depois de morto, talvez uma das minhas bisnetas publique. Tenho uma bisneta que é poetisa, uma menina de 16 anos. Mas os outros livros de prosa... eu tenho dois bem adiantados. Um deles é um livro que eu só escrevo quando estou em retiro no Mosteiro de São Bento. Está parado no último retiro que eu fiz. *Tempo de morrer* são meditações que eu escrevo na minha cela no Mosteiro de São Bento. Este está pronto. Qualquer momento sai publicado ou será acrescido se eu voltar ao mosteiro. O outro é um livro – que eu às vezes tenho que parar – que é a vida depois dos 80 anos, uma filosofia de vida. Tem vários capítulos adiantados. Tem um capítulo que eu para

atender ao desejo dessa garota que mora comigo, dessa minha bisneta, que é minha filha adotiva... eu mudei toda a casa. Ela queria uma decoração, queria tudo dela, então, tudo, a casa que eu tinha preparado, meus móveis, tudo foi embora e eu conto essa mudança. As marcas feitas nas paredes, os móveis, tudo isso. Esse livro, às vezes eu paro, está parado há mais de um mês. E tem outros que poderiam ser uma autobiografia, mas são romances com personagens reais. Tem um livro que vai de 21 de janeiro de 1904 até 1920. Este livro, o primeiro capítulo está escrito: é quando meu avô vem à cidade e tem notícia de um desastre. É a explosão do Aquidabã onde morreu meu pai. Esse capítulo está pronto. Depois, vem a história do subúrbio, então reconstituo o subúrbio que nunca ninguém descreveu, a não ser Lima Barreto, subúrbio onde eu nasci, onde eu vivi. Então, a escola pública, as brigas de rua, primeiro namoro, a dificuldade de dinheiro em casa. O dia em que a diretora mandou os meninos em casa apanharem dinheiro porque a professora ia se casar. Eu cheguei em casa e disse para a minha mãe: “Eu não posso voltar para o colégio”. “Por quê?”, “Porque eu tenho que levar 500 réis e nós não temos dinheiro”. E ela disse: “Não”. Arranjou esses 500 réis. Este era o ambiente dentro de casa.

Entrevistadora: Agora, professor deixa eu só fazer uma perguntinha pro senhor...

Hélio Silva: ... depois... fala...

Entrevistadora: O senhor morou em Botafogo muito tempo?

Hélio Silva: Depois, chego lá.

Entrevistadora: Tá. O senhor chega e fala alguma coisa de Botafogo e gente pode até...

Hélio Silva: Falo... é... não... então, essa acontece, afinal não é nada, a primeira decepção amorosa e eu pego esse menino e ele descobre a cidade de 1920. Aí ele se transforma num jornalista. Então, é o jornalismo daquele tempo... mas eu não sou o personagem. O menino era o personagem, mas eu não. Eu sou o expectador. Eu não sou personagem... você podia telefonar para lá. Telefona [inaudível]. Mas então, nessa ocasião, ele, então reconstitui essa vida. Esse período de jornalismo... vai até mais adiante e para. Em 22 terminando, ele entra para a faculdade de medicina. Então durante 50 anos, ele é um cronista do mundo médico que conheceu. E tem uma figura romanceada que era o meu querido amigo Jorge Moraes Greco, que era a figura central e acaba com a morte dele. Ele morreu de câncer. Mas ele era um homem que se apaixonava 15

vezes por dia e vinha me contar as paixões dele. Ele tinha paixão pela mulher dele, que tinha paixão por ele, que até hoje tem paixão por ele. Quando ele está para morrer, ele tem uma outra mulher apaixonada por ele. Então as duas elegantemente, uma vai na parte da manhã e sai, para que a outra venha na parte da tarde. Então, eu digo que ele morreu duas vezes, porque quando saiu esta ele estava praticamente morto. Ela se despediu dele e deixou-o praticamente morrendo.

[Fim da gravação]

PARTE 3

Hélio Silva: Esse livro de medicina vai abranger uma fase importante da minha vida: o casamento de minha filha e a residência em Botafogo. Eu tinha feito uma casa maravilhosa, mas depois dei para ela, na avenida Visconde de Albuquerque. Fiquei morando na rua Humaitá, 110, esquina de Viúva Lacerda de mil novecentos e quarenta e pouco (minha filha saiu de lá para o casamento em 14 de setembro de 1944) e saí de lá depois de sessenta, sessenta, sessenta e um. Neste período, eu fui cidadão de Botafogo. Antes até, morei um ano ou dois na rua Conde de Irajá antes de conseguir esta casa que era uma casa enorme, era uma mansão, dava recepções... onde eu tinha uma criação famosa de cães dinamarqueses campeões. Botafogo já não era o Botafogo que eu menino havia conhecido de passagem, o Botafogo aristocrático, o Botafogo da praia de Botafogo, com o do Pavilhão de Regatas que eu assistia, rapazote, os barcos dos clubes de regatas, o Botafogo das grandes residências: de Gran Maison, de Azeredo, de Oswaldo Cruz. Casa de Azeredo que eu frequentei, a casa de [inaudível] Azeredo, presidente da, foi vice-presidente do Senado, uma grande figura, uma figura com uma projeção política, uma presença política superior à de Rui Barbosa. Embora, não fosse um homem da estatura, um homem que lê, mas não era homem da estatura intelectual de Rui Barbosa. Frequentei a casa de Azeredo que era considerado um dos salões mais elegantes do Rio de Janeiro. A gente considerava de tal maneira que havia uma frase: você não pode jantar na casa do Azeredo se a gente não tivesse todo conhecimento, todo domínio da etiqueta. E aí há uma passagem que eu peço para você omitir nesta gravação que é a parte boêmia da minha vida que isso

pertencerá àquele livro, *O boêmio*. Que é o momento que eu e o meu amigo Agripino Grieco e meu amigo Hélios Seelinger,⁵⁴ cunhado dele, descobrimos uma maneira diretamente para ganhar dinheiro que era o seguinte: nós namorávamos cozinheiras de Botafogo. Naquelas grandes mansões de Botafogo, uma dona de casa não ia na cozinha. Então, se eu namorava uma cozinheira. Essa cozinheira me dava acesso à cozinha. Eu a condição de namorar a cozinheira, eu jantava. Isso eu, Agripino Grieco e Hélios Seelinger fizemos repetidamente. E a comida era boa. [risos] Este Botafogo, Botafogo das batalhas de confetes, de flores, de confetes e de flores em carro aberto...

Entrevistadora: Na praia?

Hélio Silva: Na praia. Este Botafogo onde havia uma aleia de cavaleiros no meio, com terra para se passear a cavalo. Esse Botafogo, eu já não encontrei em quarenta, quarenta e tantos. Já começavam a demolir aqueles prédios antigos. Hoje restam muito poucos. Azeredo tinha morrido. Tinha desaparecido aquele cenário todo. O pavilhão de regatas foi demolido. Depois o Pavilhão Mourisco e eu, então, encontro um Botafogo ainda com bondes; um Botafogo ainda com grande movimento na rua Voluntários da Pátria; Botafogo com a rua São Clemente tinha as embaixadas. Depois a embaixada dos Estados Unidos, a embaixada da Inglaterra, embaixada de Portugal, embaixada da China. Era ainda um bairro aristocrático. No Rio antigo, São Cristóvão foi um bairro aristocrático. A Tijuca foi, mas depois Botafogo era um bairro aristocrático. Não havia Copacabana. Copacabana nesse tempo era um areal com pitangueiras e as poucas casas que havia, grandes casas, grandes mansões, eram casas de verão, casas de banho. Então, a d. Guilhermina Guinle tinha uma casa enorme com três frentes, para a avenida Atlântica, para a Figueiredo de Magalhães e para a Domingos Ferreira, onde hoje é o edifício Camões onde eu morei depois. Esta casa era um chalé normando, belíssimo, enorme. Ela só habitava isto nos primeiros meses do ano quando ia para a estação de banhos. Ao lado era um outro chalé normando que era da filha dela, d. Celina casada com Lineu de Paula Machado, que depois foi do Chateaubriand essa casa, hoje também um edifício onde Lineu de Paula Machado ia no verão. No fim da praia, Raul Gomes de Matos (aí já em Ipanema) tinha casa de praia. Então, os moradores de

⁵⁴ Para maiores informações, vide verbete “Hélios Seelinger”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21462/helios-seelinger>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Copacabana não eram moradores permanentes. Tudo isso desapareceu. Botafogo se transformou. Uma das coisas que restaram e que restam em Botafogo é a casa de Rui Barbosa. Eu, como disse, eu não frequentei a casa de Rui Barbosa. Não me lembro de Rui Barbosa na casa. Eu me lembro de Rui Barbosa na avenida Rio Branco, no cinema Palace, no Senado. Mas, depois frequentei a Casa de Rui Barbosa e vi que religiosamente aquilo foi conservado e deve ser conservado assim. Não apenas como um culto merecido a Rui Barbosa, não como um centro de estudos que existe ali que encontra não só toda a sabedoria de Rui Barbosa, sua biblioteca, como também outros livros, outras coisas. Eu mesmo pesquisei ali, é muito útil. Tem aquele recreio para crianças, que é muito útil. Mas aquilo mostra uma outra maneira de viver e realmente a gente compreende o Rui Barbosa, hoje, ele com escritório no edifício como este que podia faltar luz, que podia haver um incêndio. Rui Barbosa hoje em dia, com criadagem de hoje, morando num edifício de apartamentos, ele teria podido fazer aquela vida que fez? Não podia ter feito. Então, isso que chamam civilização, realmente é barbárie. Hoje em dia nada predispõe à cultura. A televisão tira o hábito da leitura. Eu me esforço para os meus bisnetos lerem porque hoje em dia eles se contentam em ver. Então, ninguém mais lê. Se não lê um moço de hoje, que pode ler? Eu que tinha febre de leitura, que hoje em dia ainda leio tudo que posso. Minha biblioteca, você perguntou por ela. Minha biblioteca eu doei para a Cândido Mendes, eu não tenho no meu apartamento espaço. Eu não tenho mil livros em minha casa. Eu tenho uma biblioteca que eu doei a Cândido Mendes, em Ipanema; eu tenho aqui, talvez uns dois mil livros e o resto, como eu sou diretor da biblioteca do Jóquei Clube, todo livro que eu recebo eu passo os olhos e dou para a biblioteca do Jóquei Clube, porque eu não tenho onde guardar. Eu não tenho... aqui tem bibliotecária... condições de ter uma biblioteca, de cuidar. Parte da minha biblioteca de medicina, eu doei à Faculdade de Medicina e ao Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Outra parte está junto com a minha biblioteca religiosa num depósito na rua Paulo de Frontin onde eu tenho medo de ir, porque eu não sei em que estado mais estão estes livros. Essa a vida moderna, de hoje, uma vida que não comportaria mais um Rui Barbosa. Hoje em dia aquele homem, como hoje não comportaria um Michelangelo, como não comportaria nenhuma dessas grandes figuras, uma dificuldade, o homem se isola e às vezes se isola numa forma de protesto, talvez seja uma explicação que os críticos não tiveram ainda.

Por que que um Picasso, por que que um... tantos artistas modernos, escritores, a arte deles é uma arte de revolta? É uma arte de protesto, por quê? Eles se sentem hostilizados pelo meio. Não há hoje uma tranquilidade para o homem pintar, para o homem compor, para o homem escrever. Por quê? A carreira, no momento que eu estou escrevendo bate o telefone. Eu tenho um compromisso. Tenho uma hora. Então, o tempo é agressivo. Nós pensamos que dominamos o tempo porque temos o automóvel veloz, porque temos... falamos daqui para a Europa, mas na verdade o homem antes da bomba atômica, o homem se desagregou.

Entrevistadora: Professor muito obrigado.

[Fim da gravação]

**Heráclito Fontoura Sobral Pinto
(depoimento, 1987)**

PINTO, Heráclito Fontoura Sobral. *Heráclito Fontoura Sobral Pinto. (depoimento, 1987)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição¹

Nome da entrevistada: Heráclito Fontoura Sobral Pinto

Local da entrevista: Escritório do entrevistado

Data da entrevista: 03 de setembro de 1987

Duração: 18min 22s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora²: -

Descritores/Assunto: Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, Rui Barbosa, popularidade, livrarias, defesa da liberdade, mito, jurista, constituição, influência.

Biografia³:

(n. Barbacena (MG), 1893-f. Rio de Janeiro, 1991)

Advogado.

Defensor dos direitos humanos, com expressiva atuação durante a ditadura do Estado Novo e a ditadura militar que foi instaurada após o golpe de 1964.

Defendeu perseguidos políticos, como Luís Carlos Prestes.

Ingressou no Centro Dom Vital em 1928, tornando-se presidente na década de 1960 e 1980.

Escreveu para o periódico *A Ordem* e *Jornal do Commercio*.

Era casado com Maria José de Azambuja, com quem teve sete filhos.

Escreveu as seguintes obras: *Lições de liberdades* (1977), *Por que defendo os comunistas* (1979) e *Teologia da libertação: o materialismo marxista na teologia espiritualista* (1984).

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

² O entrevistador não foi identificado ao longo da entrevista; percebe-se que a entrevista foi realizada por uma pessoa, sendo a voz feminina. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

³ Consultado em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/heraclito-fontoura-sobral-pinto>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui Barbosa, estamos hoje, 3 de setembro de 1987, no escritório do dr. Sobral Pinto a fim de colhermos seu depoimento. Dr. Sobral Pinto, o senhor poderia nos dizer onde e quando o senhor nasceu?

Sobral Pinto: Nasci em 5 de novembro de 1893, na cidade de Barbacena, Minas Gerais.

Entrevistadora: Como é que o senhor iniciou a sua, assim, brilhante carreira jurídica?

Sobral Pinto: A minha carreira jurídica, vírgula, que eu não considero brilhante, vírgula, iniciou-se nesta cidade em 1918. Logo após ter me formado em 1917, vírgula, pela Facul...

Entrevistadora: Não precisa falar vírgula.

Sobral Pinto: Posso...

Entrevistadora: Pode falar

Sobral Pinto: Depois vão tirar...

Entrevistadora: É, pode falar... é, vou transcrever.

Sobral Pinto: Certo. Onde é que eu estava?

Entrevistadora: Quer que eu desligue um instantinho?

Sobral Pinto: Volta para trás.

[Interrupção da gravação]

Entrevistadora: Pode falar.

Sobral Pinto: Pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, então, de patrimônio particular, e que foi fundada pelo visconde

de Ouro Preto.⁴ Quando eu me formei, era dela diretor o conde Afonso Celso,⁵ filho daquele visconde, ponto. Permaneci no Rio de Janeiro, indo para o escritório de um colega meu de turma, dr. Jacinto Teixeira Pinto, vírgula, que se formara tarde e que abrira um escritório de sociedade com o advogado Álvaro Goulart de Oliveira,⁶ vírgula, que mais tarde chegou a ser ministro do Supremo Tribunal Federal, no período em que Getúlio Vargas era o ditador do Brasil.

Entrevistadora: Dr. Sobral Pinto, o senhor conheceu pessoalmente o Rui Barbosa?

Sobral Pinto: Eu não conheci pessoalmente o conselheiro Rui Barbosa, porque nunca fui a ele apresentado nem nunca tive a aventura de a ele falar. Mas, eu o conheci, como estudante que era em 1918 e mesmo antes. *Hã!* Retira aí!

[Interrupção da gravação]

Sobral Pinto: Cancelou aquela parte?

Entrevistadora: Já, já, pode continuar.

Sobral Pinto: Não conheci pessoalmente o conselheiro Rui Barbosa, por isto que nunca lhe fui a ele apresentado e nem também tive a ventura de com ele conversar ou falar. Mas eu o conheci, quando vim para o Rio de Janeiro, em 1912, estudar direito. E, nesta oportunidade, Rui Barbosa estava no auge da sua fama e da sua atividade política em oposição ao governo do Marechal Hermes.⁷ Eu tive a felicidade de ouvir muitas vezes Rui Barbosa, quer no Senado da República, ocupando as toguinhas como estudante, quer em conferências por ele realizadas aqui no Rio de Janeiro. Nesta ocasião, eu, eu tinha por ele a maior admiração, o maior respeito e o maior agradecimento pela sua atuação cívica em defesa da liberdade, em defesa da legalidade, em defesa da democracia então em

⁴ Para maiores informações, vide perfil de “Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto” disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acdafigueiredo.html>>.

⁵ Para maiores informações, vide “Afonso Celso (Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior)”, disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>>.

⁶ Para maiores informações, vide verbete “Álvaro Goulart de Oliveira”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oliveira-alvaro-goulart-de>>.

⁷ Para maiores informações, vide verbete “Hermes da Fonseca”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hermes_da_fonseca>.

grave crise sobretudo pela atuação do general Pinheiro Machado⁸ – o chefe incontestável na ocasião da política nacional.

Entrevistadora: O senhor, esta opinião que o senhor tinha em relação a Rui Barbosa, era a mesma das pessoas que conviviam com o senhor, dos estudantes de direito da época? Das pessoas que profissionalmente conviviam com o senhor?

Sobral Pinto: Nesta época, a popularidade de Rui Barbosa era imensa a tal ponto que, frequentemente, quando o povo o percebia andando na rua da cidade ou na direção da livraria Briguet,⁹ que era a sua livraria, na rua, na travessa, na rua do Ouvidor, ou quando se dirigia para um cinema que estava na rua da Carioca, nesta ocasião, o povo se aglomerava em torno dele homenageando com vivas e aplausos à sua pessoa. Entre os políticos evidentemente a sua popularidade era pequena uma vez que ele era um crítico severo, não só dos atos do governo do marechal Hermes como também da atitude dos parlamentares, querem da Câmara dos Deputados, querem do Senado. De modo que, estes elementos não eram, não eram, por assim dizer, admiradores de Rui Barbosa.

Entrevistadora: Mas, qual é a sua...

Sobral Pinto: Mas, mas, entre as pessoas que não estavam diretamente vinculadas a interesses políticos, entre estas pessoas, o seu prestígio era imenso e a sua admiração não tinha limites.

Entrevistadora: Em relação a estas ideias políticas de Rui, qual a sua opinião?

Sobral Pinto: A minha opinião era inteiramente favorável à sua campanha como até hoje eu sou um admirador permanente de Rui Barbosa. Eu acho que o Rui prestou um grande serviço ao país, tentando levá-lo a praticar a democracia autêntica, e ao mesmo tempo levando o governo a obedecer à lei estabelecida pelo Congresso Nacional. Ele foi um pregador permanente

⁸ Para maiores informações, vide verbete “Pinheiro Machado”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf>>.

⁹ Localizamos no *Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial* (RJ), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, registros da Briguet em dois momentos, ambos na seção de livrarias. O primeiro registro é do ano de 1908 como F. Briguet, na travessa do Ouvidor, 14; e o segundo do ano de 1910, já como livraria Briguet na rua Sachet, 20. A travessa do Ouvidor alterou o nome em 1902 para rua Sachet, todavia o nome antigo acabou prevalecendo com o tempo. Sendo assim, a livraria se manteve no mesmo lugar.

^{Sobre} a livraria Briguet, há uma série de fotografias na base iconográfica da FCRB. Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

da legalidade constitucional e da legalidade das leis ordinárias que estavam de acordo com os preceitos da Constituição. De modo que, eu sempre fui um adepto da atuação de Rui Barbosa na vida pública e adesão esta, que até hoje mantenho por uma absoluta consciência de que nas lições de Rui é que está a meu ver, a salvação da democracia no Brasil.

Entrevistadora: Em vários outros depoimentos de contemporâneos *etcetera* de Rui Barbosa, há um destaque de um espírito liberal de Rui Barbosa. O senhor concorda?

Sobral Pinto: O espírito liberal está demonstrado na defesa [risos] da liberdade a que eu acabo de me referir. É claro que o Rui Barbosa era um homem liberal neste sentido. Ele achava que era indispensável que as autoridades defendessem a liberdade em todos os seus aspectos, em todos os seus setores. E nisto a nação inteira o acompanhava, segundo eu penso, pela leitura dos jornais da época e pelas conversas que tinha com colegas e amigos pertencentes a outros estados e com os quais eu entrava em contato aqui no Rio de Janeiro. Estes amigos e estes conhecidos me davam o testemunho de que a lição de Rui era seguida também nestes estados, não pela autoridade, mas pelo homem do povo.

Entrevistadora: Nós frequentemente no Museu da Casa de Rui Barbosa, recebemos pessoas que tratam o Rui como um mito; consideram o Rui um mito, baseado naquele carisma e tudo o que ele deixou. O senhor o considera um mito da...?

Sobral Pinto: Não... eu não o considero como um mito. Eu considero-o como um homem de excepcional valor intelectual e cultural. E também como homem empenhado seriamente em trazer para a nação um regime de paz, de trabalho e de ordem. Não o considero como um mito... não vejo razão para considerá-lo sob este ângulo. Para mim, era um homem de excepcional valor, um homem de grande valor. Um homem realmente notável e que tinha, e que estava prestando ao país, serviços a meu ver relevantes. Mas não o considerava um mito.

Entrevistadora: Na sua opinião, qual a maior contribuição de Rui como jurista?

Sobral Pinto: A grande contribuição de Rui foi, sobretudo, valorizar a atuação do Poder Judiciário. O Rui afirmava sempre que dos três poderes, o poder supremo, o grande poder, o poder que deveria ter sempre a última palavra era o Poder Judiciário através do Supremo Tribunal Federal. De modo que a grande pregação do Rui foi a de valorizar a atuação serena, nobre e elevada da justiça.

Entrevistadora: E qual é sua opinião sobre a participação de Rui na Constituição de 1891¹⁰ e qual sua opinião sobre a Constituição de 1891?

Sobral Pinto: Bem... eu não posso... sobre um problema pelo qual eu não posso falar... eu não era nem nascido. Como é que eu vou saber qual foi a sua contribuição na Constituição de 1891? Aquilo que eu sei, é o que ele mesmo afirmava: que a Constituição tinha sido redigida por ele e que ele é quem tinha tido a ideia de trazer a Federação para o regime republicano. Mas se... a atuação dele eu não posso dizer, porque não sou contemporâneo... do debate, da votação desta Constituição. Mas...

Entrevistadora: Mas da própria Constituição de 1891, o que é que o senhor acha?

Sobral Pinto: Mas... o seu trabalho de interpretação da Constituição, isto é, excelente. Há até um livro de Homero...¹¹ Que é um político baiano, que fez em seis volumes, uma, um comentário a todos os artigos da Constituição reproduzindo pareceres, entrevistas e artigos de Rui a respeito do texto constitucional. De modo que, o seu trabalho em relação à Constituição de 91, foi um trabalho excelente, um trabalho fundamental. A voz dele, nesse assunto, era sempre invocada e respeitada. Quanto à Constituição em si, a única coisa que eu nunca aceitei na Constituição de 91 foi um diferentismo religioso. Ela, ao meu ver, pecou neste terreno. Ela era uma Constituição leiga. Ela era uma Constituição até mesmo infensa à Igreja Católica; de maneira que era uma igreja posi... era uma Constituição, nesta parte, de índole positivista. Tanto assim, que na bandeira brasileira está um emblema do positivismo “ordem e progresso”, isto é, o lema do positivismo. Mas agora, tirado este ponto, eu considero a Constituição de 91, como uma Constituição magnífica, muito boa.

Entrevistadora: E se Rui estivesse vivo hoje, participando da elaboração da Constituição atual, qual seria a... que o senhor acha, qual seria o papel de Rui Barbosa? Seria um conservador... como estão divididos... um conservador? Um progressista? O que é que o senhor acha? Qual seria a atuação dele atual?

Sobral Pinto: [riso]... se o Rui existisse hoje ele teria tido 20 mortes. O que estaria de tal modo, de tal modo incongruente, de tal modo caótico,

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Constituição de 1891”, disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/constituicao-de-1891>>.

¹¹ Homero Pires ordenou a contribuição de Rui Barbosa na Constituição de 1891 no livro *Commentários à Constituição Federal Brasileira*, impresso em 1932, com seis volumes. Disponível em: <<https://bdjur.tjce.jus.br/jspui/handle/123456789/505>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

de tal modo anárquico que o Rui não suportaria estas afirmações que estão aí. E eu acredito que ele seria um opositor terrível ao trabalho da Constituinte.

Entrevistadora: E... o senhor sofreu alguma influência de Rui Barbosa na sua formação de jurista?

Sobral Pinto: Mas o que é que eu estou dizendo? Mas é claro que sofri influência... a minha influência... a influência dele sobre a minha atuação foi tão grande que costumam estabelecer um paralelo entre a atuação dele e a minha. Quer dizer que eu sou alguém que sem brilho, sem o talento, sem a cultura dele, entretanto, palmilhou a mesma, o mesmo caminho, procurando defender a liberdade e a legalidade... decente, honesta e correta... é isto?

Entrevistadora: É... deixa eu só...

[Interrupção da gravação]

Sobral Pinto: A senhora depois corrige aí o português.

Entrevistadora: Bom, dr. Sobral, nós gostaríamos muito de agradecer a sua colaboração, o Projeto de Memória de Rui, e colocamos à disposição os serviços da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Sobral Pinto: Está certo. Muito obrigado.

[Fim da gravação]

**Laura Rodrigo Otavio
(depoimento, 1988)**

OTAVIO, Laura Rodrigo. *Laura Rodrigo Otavio. (depoimento, 1988)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Laura Rodrigo Otavio¹

Local da entrevista: Residência da entrevistada à rua São Clemente, 421.

Data da entrevista: 10 de maio de 1988

Duração²: 45min 28s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora³: Cláudia Barbosa Reis e Jurema da Costa Seckler

Descritores/Assunto: São Paulo, futebol, Exposição de 1908 na praia Vermelha, Rodrigo Otavio, Rodrigo Otavio Filho, Companhia Radiotelegráfica Brasileira, regatas, Fluminense, colégios, praia de Botafogo, Conferência de Haia, Academia Brasileira de Letras, Rui Barbosa, Campanha Civilista, Machado de Assis, discurso de Rui Barbosa, Discursos de Rui Barbosa, ruas, moradores, Epitácio Pessoa.

Biografia⁴:

Escritora, memorialista, viúva de Rodrigo Otavio, moradora de Botafogo desde 1917.

Escreveu o livro: *Elos de uma corrente: seguidos de novos elos*.

¹ O sobrenome Otavio também é encontrado grafado como Octavio.

² O depoimento está dividido em duas partes com, respectivamente, 31min 8s e 14min e 20s.

³ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE 1

Cláudia: Dando prosseguimento ao projeto Memória de Rui Barbosa, levado a efeito pelo Museu da Casa de Rui Barbosa, estamos hoje, dia 10 de maio de 1988, na residência da senhora de Laura Rodrigo Otávio na rua São Clemente, 421. d. Laura, o dr. Plínio Doyle,⁵ seu grande amigo, um dos diretores⁶ da Fundação Casa de Rui Barbosa, nos sugeriu o seu nome para fazer parte desta série de depoimentos gravados, inclusive nos emprestou o seu belo livro de memória, que a senhora escreveu, *Elos de uma corrente*, um livro quase histórico já que trata de famílias, de personalidades que marcaram a vida brasileira no final do século passado e no nosso século e que foi lançado inclusive na Casa de Rui Barbosa, em 1974. d. Laura, a senhora poderia começar falando sobre onde a senhora nasceu, quando a senhora nasceu e um pouco sobre os seus pais, a sua família.

Laura: Eu nasci em São Paulo, mas nasci por acaso em São Paulo porque o meu pai nessa ocasião morava no Rio de Janeiro, mas, durante as sessões do Congresso de São Paulo, ele ia para São Paulo como taquígrafo. Ele tinha contrato para a taquigrafia do Congresso e aí foram para São Paulo e eu nasci, em São Paulo. Mas, nessa ocasião ele não residia em São Paulo e depois vieram novamente para o Rio. Eu ainda tive dois irmãos que nasceram no Rio de Janeiro, que eram gêmeos, e aí, como a família ficou grande, já estava difícil de ficar transportando de uma cidade para

⁵ Para maiores informações, vide “Plínio Doyle Silva”, disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/pdsilva.html>>.

⁶ Plínio Doyle participou da criação e direção do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

a outra, eles ficaram residindo em São Paulo depois de 1897, mais ou menos por aí. Nunca mais saíram de São Paulo.

Cláudia: E o nome dos seus pais qual era?

Laura: Meu pai chamava Numa de Oliveira e minha mãe Amélia Sabino, de solteira. E meu pai começou a vida trabalhando nos Correios, porque era muito pobre também. Não é? Então trabalhava nos trens de correio e depois meu tio, irmão de minha mamãe, conseguiu o contrato da taquigrafia no Congresso. Então eles dois eram os principais. Não é? E tomaram rapazes, moços que ensinaram, para ajudar. Mas eles tinham a responsabilidade de publicar os anais de São Paulo. Então um ano ia meu pai a Europa, publicar em Portugal, no outro ano ia meu tio.

Cláudia: A publicação era feita lá em Lisboa.

Laura: Era em Lisboa.

Cláudia: O nome do seu pai era Numa de Oliveira e o da sua mãe era...

Laura: Amélia Sabino.

Cláudia: O seu pai teve uma atuação muito grande na vida de São Paulo.

Laura: Depois, meu pai foi se especializando em economia. Não é? Comprou uma fazenda e tinha uma casa de café em Santos para exportador. Não é? E depois foi diretor do Banco de Comércio e Indústria, que era um banco extraordinariamente sério, durante 40 anos. Terminou como presidente. Quando ele entrou, entrou para a diretoria e depois ficou na presidência. Era um homem profundamente bemquisto, mandavam ele para a Europa para representar o Brasil e ia sozinho. Não é? Naquele tempo não era com um bando de gente atrás e se dava com aquela gente toda da alta finança inglesa sobretudo. Depois esteve também nos Estados Unidos, também em representação. Mas meu pai não gostava de guardar documentos. Então papai morrendo, nós não tínhamos coisa nenhuma para saber...

Cláudia: A senhora não guardou nenhum documento dessa época dele?

Laura: Não tinha.

Cláudia: Agora, ele também trabalhou em jornal...

Laura: Bom, trabalhou durante um tempo no começo da vida, ainda era mais moço, quando eu era menina. Ele escrevia crônicas de teatro e de companhia lírica e fez tradução de dois livros. O primeiro fez um livro francês, *Mon oncle mon curé*, para folhetim de jornal, e o outro foi *Quo vadis*. E o *Quo vadis* ele traduziu por força de vontade também, porque ele não tinha professor nenhum e então leu três vezes o *Quo vadis*.

Cláudia: Estava escrito em inglês.

Laura: Em inglês. Só vinha em inglês. Ele leu três vezes o *Quo vadis* e no fim da terceira leitura ele sabia inglês. Memória extraordinária. Né?

Cláudia: [risos] É fantástica. Agora, d. Laura, a sua infância em São Paulo foi uma coisa assim maravilhosa.

Laura: [risos] Eu acho.

Cláudia: A gente lendo a sua infância, todo aquele começo da vida paulistana está ali registrado. O que que a senhora lembra? Que ficou na sua memória de mais interessante da sua vida?

Laura: O início do *football*. Não é?

Cláudia: O início do *football*. [risos]

Laura: O início do *football*. Eu vi as primeiras...

Cláudia: Partida.

Laura: ... partidas de *football*. Pequenininha. Não sabia o que era aquilo.

Cláudia: Inclusive a sua família foi pioneira na criação dos clubes.

Laura: Bom depois papai foi presidente do clube também. Não é? Fundaram o Clube Paulistano,⁷ que chamava-se Paulistano, que até agora existe, Clube Atlético Paulistano. E papai foi presidente também do clube e tomava aquilo muito a sério e fazia tudo muito bem-feito, naturalmente. Mas eu vi os primeiros passos do *football*. Não é?

Cláudia: E o seu irmão também jogava...

Laura: Meu irmão também. [riso] Só que meu irmão era do segundo time, não era do primeiro. Mas era... era... as famílias todas... todos os rapazes eram de família que jogavam. Não existia *football* de... como é que chama agora? Pago... que eles ganham.

Cláudia: Esses torneios?

Laura: Atualmente o jogador de futebol ganha. Não é?

Cláudia: Ganha. Ah sim!! Claro.

Laura: Antigamente não.

Cláudia: É um profissional.

Laura: Antigamente não. Era tudo gente de família todo mundo se conhecia. Não é?

Cláudia: Agora.. é... fala...

⁷ Numa de Oliveira comandou o Clube Atlético Paulistano em dois períodos: 1903-1906 e 1911-1912. Para maiores informações, vide a tese de Wilson Roberto Gambeta intitulada “A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol – 1895-1916”, disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01102014-162931/publico/2013_WilsonRobertoGambeta_VOrig.pdf>.

Laura: Naquele tempo, uma coisa interessante, havia uma família, que aliás muito imp... até parente do Francisco Glicério,⁸ mas que eram doceiras extraordinárias. Então mandavam para os jogos de *football* uma doceira lá para vender. Então vendiam balas de ovos dentro de um lenço cor de rosa de papel de seda. Muito bem arrumado aquelas balas de ovos. E um dia...

Cláudia: Para o público que estava assistindo ali.

Laura: ... compravam aquelas balas de ovos. Pode ser que eu esteja errada, mas tenho ideia que eram dez tostões o saquinho. Um saquinho de ovos finíssimas. Quando um belo dia o embaixador Macedo Soares,⁹ que era mocinho, meninote naquele tempo, saiu e comprou um saquinho daqueles e me trouxe. Eu era menina, não era coisa de namoro não, porque eu era menina e ele era moço feito. Mas, naturalmente simpatizou com aquela menina e levou aquele saquinho. Quando eu vi o Macedo Soares assim importante, embaixador e soube o que ele fazia quando acabava o lanche, o chá da academia, ele punha num lenço de papel uns doces para levar para a filha do porteiro; eu me lembrei do meu caso com o lenço e das balas de ovo. Ele tinha esse gosto de dar para crianças. Ele arrumava lá na Academia Brasileira, arrumava um lenço também com uns doces, umas balas.

Cláudia: E a senhora soube disso muitos anos depois e a senhora lembrou daquele fato, que a senhora também ganhou.

Laura: Lembrei. Com certeza ele gostava de criança, não é. Mas eu nunca me esqueci da tal bala de ovo.

Cláudia: Quando eu li o seu livro de memórias, *Elos de uma corrente*, num determinado trecho que também foi muito interessante, a senhora fala sobre a Exposição¹⁰ do Centenário da Abertura dos Portos, em 1908, na praia Vermelha. Esse fato também foi importante para a senhora. Fale um pouquinho sobre esse fato.

⁸ Para maiores informações, vide verbete “Francisco Glicério”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GLIC%C3%89RIO,%20Francisco.pdf>>.

⁹ Para maiores informações, vide verbete “José Carlos Macedo Soares”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/soares-jose-carlos-de-macedo>>.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Exposição do Centenário da Abertura dos Portos”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20DO%20CENTEN%C3%81RIO%20DA%20ABERTURA%20DOS%20PORTOS.pdf>>.

Laura: Decidiu a minha vida não é. Eu conheci a pessoa que foi meu marido¹¹ depois através... porque ele era primo de minha irmã mais velha. Porque mamãe casou duas vezes, então a primeira vez ela casou com o irmão da minha sogra e como minha irmã mais velha era uma espécie de diretora das minhas ideias. Não é? Ela falava naqueles primos. Tinhas os retratos dos primos e eu achava aquele menino uma beleza. Ela tinha um retrato do primo que eu achava lindo, não sabe?

Cláudia: Quer dizer que antes de conhecer a senhora já tinha aquela atração.

Laura: Já, era um menino muito bonito mesmo. E quando chegamos aqui ao Rio. Não é? Fui com meu pai para ver a exposição e quando estamos assim parados olhando aquilo tudo. Veio um mocinho, meninote e disse: “Você é Laura, não é?” Eu digo: “Sou”. “Pois eu sou o Didi”. E pronto e daí a minha vida tomou rumo.

Cláudia: Quer dizer que foi um encantamento assim mútuo.

Laura: É. Creio que sim.

Cláudia: A senhora tem alguma lembrança dessa exposição ali na praia Vermelha?

Laura: Tenho uma lembrança muito...

Cláudia: Bom, a essa altura a senhora já não via nem mais nada da exposição...

Laura: Nem como... fomos à exposição muitas vezes. Faziam fogos. Tinham... o primeiro concerto sinfônico que eu assisti foi lá também. O Nepomuceno¹² resolveu fazer uma série de concertos sinfônicos na exposição. Eram de tarde. Não é? E eu fui assistir a um desses concertos sinfônicos. E de noite eles faziam fogos. Faziam... enfim a gente passeava por ali.

Cláudia: Essa exposição eram *stands*?

Laura: Era uma exposição enorme. Eu tenho um livro... calhou que a minha filha encontrou num sebo um livro que é a exposição de 1908.

¹¹ Foi casada com Rodrigo Otavio Filho. Para maiores informações, vide “Rodrigo Octavio Filho”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/rodrigo-octavio-filho/biografia>>.

¹² “As estruturas e possibilidades de divertimentos na exposição são muito diversificadas, incluindo música, performances teatrais, concursos com animais, shows de fogos de artifícios, cinema e restaurantes. Os concertos são realizados no Pavilhão Egípcio. O compositor Alberto Nepomuceno, Francisco Braga e os maestros Francisco de Assis Pacheco, Luiz Agostinho de Gouvêa e Francisco Nunes Júnior são os encarregados de organizar os concertos da Exposição”. Consultado em: Cunha, Cinthia da Silva. *A Bahia se mostrará digna do renome que a cerca: exposições na Primeira República (1908, 1922 e 1923)*. Salvador: UFBA, 2018. Tese de doutorado. p. 123.

Cláudia: Ah é! Como se fosse um catálogo da exposição.

Laura: Até escrito por uma americana. Sabe? Então me trouxe o livro.

Então cada estado do Brasil tinha o seu pavilhão. Cada qual caprichou mais no pavilhão. Não é? E tinha esses grandes prédios que são... que continuam lá ainda de pé, eram indústrias, não sei que mais. Enfim, cada um deles tinha a sua representação e...

Cláudia: Quer dizer que a senhora não esqueceu nunca mais.

Laura: Nunca mais.

Cláudia: E o seu casamento como é que foi. Foi um casamento muito feliz?

Um casamento muito...

Laura: Foi... nós dois nos entendemos a vida inteira, bastante diferentes de gênio um do outro, porque o Rodrigo era muito sociável, conhecia Deus e todo mundo aqui no Rio de Janeiro e eu, paulista, tímida, mas sempre nos entendemos muito bem, felizmente.

Cláudia: Fale um pouquinho sobre o dr. Rodrigo Otávio Filho, sobre a vida pública dele, sobre o trabalho.

Laura: Ele primeiro trabalhou com o pai como advogado, não é. O pai teve sempre um escritório bem formado. Um homem também profundamente respeitado. Depois, quando meu sogro¹³ foi feito ministro do Supremo, aí Rodrigo ficou chefe do escritório porque meu sogro não pode mais trabalhar. Daí ele já estava mais ou menos ingressado na vida também. Foi diretor de inúmeras companhias, Alitalia, aquele Banco do Comércio, umas companhias inglesas com uns nomes assim que eu nem sei bem direito e era, e depois ele formou a Companhia Radiotelegráfica Brasileira.¹⁴ Ele era bastante jovem e acho que foi em 1925 ou 26, uma coisa assim, e ele teve que... foi um inglês que gostava muito dele, diretor de uma dessas companhias, que veio com a proposta de se fazer uma grande companhia radiotelegráfica em que eram os principais associados às grandes companhias inglesas, francesas, alemã e americana. Mas lançaram as ações para fazer uma companhia brasileira. Não é? Mas naquele tempo acho que ninguém acreditava muito. Acho que entraram poucos brasileiros que se fizeram sócios acionistas. E o Rodrigo foi convidado para fazer os estatutos. Daí, formada a companhia, ficou sendo

¹³ Para maiores informações sobre o sogro de Laura Rodrigo Otávio, vide o verbete “Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes” disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=127>>.

¹⁴ A coleção de documentos da Companhia Radiotelegráfica Brasileira, no período de 1925 – 1970, está disponível para consulta em: <<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/companhia-radiotelegrafica-brasileira>>.

advogado da companhia. E a companhia foi sempre muito bem, muito bem quista também, trabalhando muito bem. Ele convidando pessoas para serem presidente. Pessoas de nome também respeitado, conhecido. Até que por fim, aí bem mais tarde, lembraram que ele deveria... o último... ser presidente. Não é? Mas ele disse: “Mas por quê?” E eu disse: “Mas por força que você tem que ser presidente, pois se você fundou isso desde mocinho, trabalhando intensamente e amorosamente”. Porque o Rodrigo quando fazia uma coisa fazia tomando muito a peito. Não é? Então ficou presidente da companhia e naturalmente também quando fomos à Europa, os antigos empregados, que eram os ingleses que havia lá, receberam a gente da melhor maneira. Gostavam muito dele. Mas a companhia trabalhava... tinha um contrato. O Estado cedeu os direitos e nessa ocasião resolveu acelerar a volta dos direitos para o Estado. E o Rodrigo ficou profundamente chocado. Não é? Ficou muito triste. Ficou muito triste, achando que era muito difícil como é que ia... digo: “Mas você não vai tomar mais decisão nenhuma. Você é o presidente, mas tem um advogado que é um rapaz novo, que é cheio de vida, e ele vai tomar as decisões. Você não tem que ficar preocupado”. Mas ele ficou tão preocupado. Eu tenho quase que certeza que aquilo foi que abreviou a vida dele. Ele ficou profundamente triste de ver a companhia acabar. Tanto que atualmente se chama Radiobrás,¹⁵ uma coisa completamente diferente. É outra coisa, porque a companhia era Radiotelegráfica Brasileira. Então tinha como nome substituto Radiobrás, que era a Companhia de Telegrafia sem Fio. Tanto que criaram telefone para o Japão... o primeiro telefone para o Japão sem fio. Não é? Uma coisa extraordinária!

Cláudia: Fantástica! Agora ele foi também diretor do Clube de Regatas? Seu marido?

Laura: Foi. Ele era social. Ele gostava de sociedade, de maneira que foi secretário anos do Fluminense.¹⁶

Cláudia: Ah, ele foi do Fluminense.

¹⁵ A lei nº 6.301, de 15 de dezembro de 1975, instituiu a política de exploração de serviço de radiodifusão de emissoras oficiais e autorizou o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasileira de Radiodifusão – RADIOBRÁS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6301.htm. Acesso em: 15/07/2020.

¹⁶ Para maiores informações, vide “Fluminense FC”, disponível em: <https://www.fluminense.com.br/sobre/a-historia>.

Laura: Secretário anos do Jockey Clube.¹⁷ Secretário ou coisa que o valha, não sei, do Clube de Regatas. Não é?

Cláudia: Sei. Aqui...

Laura: Aqui do Guanabara.

Cláudia: Aqui do Guanabara. Aqui da praia de Botafogo.

Laura: Aí aquele amigo dele, Felipe de Oliveira,¹⁸ que era um poeta, mas que também gostava. Também trabalhava com ele e acho que tinha mais algum clube...

Cláudia: Então a senhora também tinha essa vida social? A senhora também ia nessas atividades?

Laura: Eu tinha que ir. Um pouco arrastada, porque não era meu feitio. [Risos]

Cláudia: Então a senhora participou intensamente dessa vida social até do bairro por causa do Fluminense, do Clube de Regatas? Conhecias as pessoas todas que moravam aqui? No bairro.

Laura: Conheci algumas.

Cláudia: Algumas famílias.

Laura: Naquela ocasião a gente se dava muito com a família Gramason, que morava na praia de Botafogo. Tinha uma belíssima casa, um palacete mesmo, enorme, em meio de terreno, agora lá está o cinema Scala e não sei o que. E a família Licínio Cardoso, a família Aguiar Moreira... tudo isso morava por aqui.

Cláudia: E os seus filhos foram à escola em colégios aqui do bairro mesmo?

Laura: As meninas estudaram no Jacobina.¹⁹ Jacobina que nessa ocasião era na rua Guanabara. Que agora é Pinheiro Machado. Não é?

Cláudia: Lá em Laranjeiras.

Laura: É Laranjeiras. Depois que ele veio para aqui, mas primeiro ele começou na Guanabara. Mas o Colégio Jacobina era um colégio dirigido, eu falo no meu livro também. Não é? Foi um colégio dirigido por uma senhora que tinha um senso de educação. Tanto que agora eu vou sair um pouco da conversa. Agora há pouco tempo, quando o colégio

¹⁷ Para maiores informações, vide “A história do Jockey Club Brasileiro”, disponível em: <<https://jcbinforma.com.br/historia/>>.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Felippe Daudt de Oliveira (Felippe D’Oliveira)”, disponível em: <<https://institutotouche.org.br/2020/06/26/felippe-daudt-de-oliveira-felippe-doliveira/>>.

¹⁹ O Colégio Jacobina foi fundado em 1902 pelas irmãs Francisca (d. Chiquita) e Isabel (d. Belinha) Jacobina Lacombe. Em 1962, Laura Jacobina Lacombe escreveu o livro *Como nasceu o Colégio Jacobina*.

acabou infelizmente. Não é? Não teve sorte. Acabou também o Colégio São Fernando. O *Jornal do Brasil* – alguma pessoa, não sei quem fez o artigo²⁰ – pôs: “Termina o Colégio São Fernando e o Colégio Jacobina. Colégio São Fernando era frequentado por filhos de artistas e de homens intelectuais. E o Colégio Jacobina formava moças para entrarem na sociedade e saberem se comportar em sociedade”. Aí eu não pude, peguei e mandei uma carta²¹ para o jornal. Eu digo: “O Colégio Jacobina foi formado por duas educadoras extraordinárias e que tinha os melhores professores...” E aí então consegui a lista dos professores. Um ensinava isso, outro ensinava aquilo, português, tinha matemática, geografia, mas todos nomes de homens conhecidos. Não sabe? E professoras de francês, de inglês, portanto não era para formar mocinhas para irem a bailes e arranjar um marido. Eram moças bem ilustradas e educadas. Não é? Eles naturalmente depois fizeram uma referência assim, mas uma referência não muito clara, porque não queriam dizer que tinham errado. Não é? Mas eu fiquei para morrer de aflição, não sabe. Aí, pouco depois uma aluna do Jacobina escreveu uma carta,²² dizendo que tendo lido a carta de d. Laura Otávio, com toda razão ela falava do bom ensino do Colégio Jacobina porque eu me formei unicamente com o aprendizado do Jacobina, entrei diretamente para a faculdade de engenharia, e me formei unicamente com o que aprendi lá e atualmente sou uma professora, uma pessoa, que está bem encarreirada e tudo mais. De maneira que foi ótimo não é. Esses repórteres fazem...

Cláudia: Pouca pesquisa, não é? Não conhecem o assunto.

Laura: Nenhuma, não é?

Cláudia: Não conhecem o assunto. Agora a senhora estava falando do bairro, inclusive das escolas...

²⁰ Refere-se ao artigo intitulado “São Fernando e Jacobina vão fechar”, publicado no *Jornal do Brasil*, dia 27 de fevereiro de 1985, no primeiro caderno, página 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=%22Col%C3%A9gio%20Jacobina%22%20fecha&pagfis=93024>.

²¹ Refere-se a missiva escrita por Laura Rodrigo Otávio, publicada na seção Cartas do *Jornal do Brasil* no dia 08/03/1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&Pesq=28/2/85&pagfis=94293>.

²² Refere-se a missiva redigida por Regina Castro Barbosa, à época professora adjunta da Escola de Engenharia da UFRJ e professora assistente do Instituto de Física da UERJ, na seção Cartas do *Jornal do Brasil* do dia 23/03/1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=%22Col%C3%A9gio%20Jacobina%22%20fecha&pagfis=95047>.

Laura: Meu filho estudou no Aldridge.²³

Cláudia: No Aldridge, sim. Ali na praia de Botafogo. Sei. Agora... a gente está falando do bairro de Botafogo. Vocês costumavam ir à praia. Era comum as crianças... a senhora levava as crianças à praia ou não?

Laura: A gente ia à praia, mas era muito diferente do que é atual. Não é? Eu, por exemplo, nunca me meti no mar porque não gosto. [risos] Eu falei que eu ia só acompanhar os filhos. Aí elas iam, tomavam banho, voltavam, mas não era essa coisa atualmente.

Cláudia: Da gente ficar na praia um tempão...

Laura: Passa um dia inteiro na praia, isso naquele tempo não existia não.

Cláudia: Era diferente. Agora a senhora lembra da praia de Botafogo? Era uma beleza a praia de Botafogo.

Laura: A praia de Botafogo era linda, mas aí não era praia de tomar banho. Não é?

Cláudia: Sei. Não se tomava...

Laura: Não havia... não via ninguém. Pelo menos...

Cláudia: E as regatas? A senhora se lembra de assistir? Bom, o seu marido...

Laura: Nunca assisti regata. Era... era... no começo do século era... depois que eu casei, não sei, pode ser que houvesse, mas, positivamente não era meu, do meu conhecimento.

Cláudia: Seu esporte preferido. Bom, a senhora viajou muito, não é? Não só na sua infância, mas, depois de casada a senhora viajou para o exterior?

Laura: Bom, depois de casada viajei pouquíssimo, só no fim da minha vida de casada, porque meu marido estava sempre muito preso, não podia deixar o escritório. Porque não podia deixar a mamãe que estava doente. Ele era muito preso, de maneira que eu só viajei duas vezes para a Europa em solteira e depois fui viajar só em 1951 quando nós fomos à Europa outra vez. Eu e ele.

Cláudia: Seu marido era filho do grande jurista Rodrigo Otávio?

Laura: Meu sogro era advogado primeiro, depois foi representante em vários congressos de estudos de coisas de direito, não é?

Cláudia: Inclusive ele participou com Rui Barbosa da Segunda Conferência da Paz,²⁴ em Haia?

Laura: É, em 1907, estive na Conferência da Paz e era secretário.

²³ Para maiores informações, vide “Praia de Botafogo”, disponível em: <<http://saudadesdorioluizd.blogspot.com/2017/03/praiadebotafogo.html>>.

²⁴ Para maiores informações, vide “Rui Barbosa em Haia”, disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=298>.

Cláudia: E foi ministro do Supremo Tribunal Federal...

Laura: Depois foi ministro.

Cláudia: ... a convite do presidente Washington...

Laura: Washington Luís.²⁵

Cláudia: E como é que ele era?

Laura: Meu sogro? Meu sogro era uma pessoa interessantíssima. Um homem inteligente, muito vivo, conversador, extraordinário. Não é? De maneira que ele tinha um contato muito agradável, muito simpático e, depois, conhecendo muita coisa, era um grande estudioso, um literato também. Tem vários livros de literatura mesmo. Fundador da Academia, porque muito amigo de Machado de Assis.²⁶ Não é? Foi um dos fundadores da Academia. Tanto que na Academia funcionou, um tempo, funcionou um escritório dele, porque a academia não tinha direito para ter sala...

Cláudia: Sede.

Laura: ... própria, então andava assim de cá para lá. Num dado momento foi na sala dele de advocacia. Não sabe? Então tinha os 40 retratos dos acadêmicos e meu marido, que era menino naquela ocasião, tinha ido com meu sogro à polícia ver qualquer coisa de advocacia e perguntou ao meu sogro o que eram aqueles retratos que havia na parede. E meu sogro disse: “Isso são uns gatunos que eles põem assim para serem reconhecidos”. [risos] Quando ele entra no escritório do pai diz assim: “E esses gatunos, quem são?”. [risos]

Cláudia: E o relacionamento dele com Rui Barbosa? A senhora lembra de alguma coisa? Eles tiveram uma disputa jurídica...

Laura: Bom, eles tiveram muito contato lá na Haia, depois não. Quando eu me casei, já não tinham mais... conheciam-se, mas não tinham relações de família mesmo. Não tenho lembrança.

Cláudia: E vocês aqui eram quase vizinhos da família Rui Barbosa. Chegaram a ter algum contato? Não né?

Laura: Acho que nunca foram à casa... não tenho ideia de ouvir falar... eu nunca fui, agora eles, minha sogra e meu sogro também não foram.

Cláudia: Ao ler o seu livro de memórias, num determinado capítulo a senhora conta que o seu marido se propõe a ler para a senhora e a irmã

²⁵ Para maiores informações, vide verbete “Washington Luís”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/washington_luis>.

²⁶ Para maiores informações, vide o site “Machado de Assis – vida e obra”, disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/>>.

dele um discurso de Rui Barbosa. Vocês eram muito jovens na época. Um discurso de Rui Barbosa, naquela época, era algo que interessava tanto assim à juventude?

Laura: Naturalmente estava me interessando, porque tinha sido por causa da morte de Machado de Assis. Foi o discurso²⁷ que Rui Barbosa proferiu quando foi ao enterro de Machado de Assis. Não é? Então nós estávamos – ele, a irmã que era da minha idade e eu – e ele se propôs a ler o discurso de Rui Barbosa, mas eu não sei se ele chegou ao fim, pois era um discurso muito sério e nós muito jovens, não é.

Cláudia: Mas o seu marido se interessava pelos discursos de Rui já que era um advogado e o pai também?

Laura: Naturalmente, que se interessava naquela ocasião. Eu não sei, porque aí eu morava em São Paulo e ele morava aqui, eu não sei bem o que que ele pensou quando Rui Barbosa foi candidato pela tal... civilista. Não é?

Cláudia: Campanha Civilista.²⁸

Laura: Aí foi um barulho enorme, o Brasil inteiro se mexeu, não é. Todo mundo muito esperançado de ver se conseguia derrubar a candidatura militar, não é. Mas, aí eu morava em São Paulo, não sei bem o que se passou aqui no Rio de Janeiro. Não posso dar meu atestado.

Cláudia: Nós, outro dia, estávamos conversando sobre o bairro de Botafogo, então a senhora estava contando como era diferente quando a senhora sai agora na rua e vê tanta gente e fica até assim espantada de ver...

Laura: Parece dia de festa não é. Antigamente só havia gente assim esperando nas esquinas em dia de festa, agora é o dia comum, não é? As filas para tomar ônibus, cheias de gente.

Cláudia: Agora, a senhora tinha relacionamento com muitas famílias aqui no bairro? Famílias que agora não estão mais aqui. Não tinha muitas amizades, muitos vizinhos, muitas amizades aqui em Botafogo? Tinha o seu sogro que morava aqui.

Laura: Meu sogro morava na rua das Palmeiras.

Cláudia: Na rua das Palmeiras.

Laura: Na rua das Palmeiras, nós tínhamos...

Cláudia: E a casa dele ainda existe lá?

²⁷ Refere-se ao discurso intitulado “Adeus a Machado de Assis”. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Adeus_a_Machado_de_Assis.pdf>.

²⁸ Para maiores informações, vide “Campanha Civilista” disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=332&ID_M=1301>.

Laura: Não, agora é um prédio também. A casa era uma casa muito bonita, muito simpática, mas uma casa feita por um, sei lá a ideia de quem fez, que não foi ele. Ele comprou a casa já estava pronta. Era uma casa extremamente mal orientada no sentido dos quartos. Não é? As salas eram uma beleza, mas os quartos eram uns enormes, outros pequenos. Não tinham banheiro em cima. Ele foi que mandou fazer um banheiro, mas o banheiro, a pessoa tinha que vir lá da frente da casa para tomar banho lá no fundo, Não sabe? Tudo muito mal orientado e a casa já estava bastante velha, porque tinha muita coisa de madeira que precisava consertar, aí, quando meu marido morreu a casa ficou para os filhos, os três filhos, e eles venderam. Não era possível para a residir sem fazer um conserto imenso.

Cláudia: Mas, quando a senhora veio morar aqui em Botafogo, Botafogo, pelo menos a rua São Clemente, eram quase todas casas e palacetes, não é?

Laura: Só tinha casas, não é?

Cláudia: Casas e palacetes? Grandes casas.

Laura: É. Morava ali... o índio do Brasil²⁹ morava na rua Voluntários. [risos] Tinha um palacete lá. Eu não sei se do índio do Brasil ainda existe a casa.

Cláudia: Fica aonde mais ou menos? Lá no início.

Laura: É perto de que? Daquele cinema que é ali agora. Tinha uma coisa de automóveis, Gávea.

Cláudia: Ali perto do metrô?

Laura: É, naquela zona. Tinha um outro senhor alemão. Acho que era, não sei, Art, que tinha outro casarão enorme. Um outro senhor que tinha sido ministro do Brasil. Ramos. Eduardo Ramos. Depois, já bem depois, o Aloísio de Castro³⁰ morava na rua Mariana. Tinha uma casa na rua Mariana. A família... a família Mirian Latife era esquina de Voluntários com a praia. Era um terrenão enorme, agora é uma casa horrível de cômodos. A bem dizer uma casa de cômodos, não é? Janela, janela, janela.

Cláudia: Mas eu estava lendo ontem um livro de Pedro Nava, Beira-mar...

[Fim da gravação]

²⁹ Para maiores informações, vide verbete “Índio do Brasil”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Índio%20do.pdf>>.

³⁰ Para maiores informações, vide verbete “Aloísio de Castro”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/castro-aluisio-de>>.

PARTE 2

Laura: Epitácio Pessoa³¹ morava também na Voluntários. Não é?

Cláudia: Ah! O Epitácio Pessoa morava na rua Voluntários. Quer dizer, era um bairro aristocrático na época. Não é?

Laura: Casa e jardim, não é?

Cláudia: Como eu estava comentando com a senhora, esse livro do Pedro Nava fala. Ele morou em Belo Horizonte, então ele estava contando a vida dele ali perto da rua da Bahia, e aquela região ali perto da rua Afonso Pena. Belo Horizonte naquela época era ali. A vida agitada da cidade se concentrava ali. Então ele disse que quando ele descia – ele trabalhava lá em cima na praça da Liberdade – e quando ele ia descendo, ele dizia: “Aqui é a casa da família tal, aqui é a casa...”. Então a senhora está conversando e eu estou me lembrando. Naquela época você passava e conhecia as famílias que moravam e hoje em dia isso é impossível!

Laura: Aqui do lado morava o Silva Ramos.³² Aquele professor de português, não é. Morava aqui no largo e... não sei quem mais... o Mário Pederneiras³³ morou aqui também aqui nesse largo.

Cláudia: E era até amigo de vocês. A família.

Laura: Era tio de meu marido.

Cláudia: Era tio, não é. Agora, eu queria que a senhora falasse um pouquinho da sua casa aqui da São Clemente, que é um patrimônio, graças a Deus, ainda conservado de Botafogo. Quando é que ela foi construída?

Laura: Em 22, eu vim para a casa. Vai fazer agora...

Cláudia: Ela foi um presente de seu pai.

Laura: Meu pai é que mandou fazer.

Cláudia: Mandou construir, não é?

Laura: Foi feita pelo escritório Ramos de Azevedo³⁴ de São Paulo, que tinha um representante. Então o Ricardo Severo,³⁵ que era um engenheiro português que se juntou ao Ramos de Azevedo, e que já era muito

³¹ Para maiores informações, vide verbete “Epitácio Pessoa”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/epitacio_pessoa>.

³² Para maiores informações, vide verbete “Silva Ramos”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/silva-ramos/biografia>>.

³³ Para maiores informações, vide verbete “Mário Pederneiras”, disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3131/mario-pederneiras>>.

³⁴ Para maiores informações, vide “Ramos de Azevedo”, disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/06/ramos-azevedo>>.

³⁵ Para maiores informações, vide verbete “Ricardo Severo”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2664/ricardo-severo>>.

amigo de papai. Fez as casas de papai e de meus irmãos. Então ele foi quem fez essa casa que tem esse cunho um pouco português por causa...

Cláudia: Esses azulejos externos foram feitos na época? São originais? Foram escolhidos por ele?

Laura: Foram feitos por Jorge Colaço³⁶ lá em Portugal. Foram feitos em Portugal mesmo.

Cláudia: E os objetos? Os móveis? Porque é um prazer entrar na sua casa.

Laura: Naturalmente quando eu vim para aqui não tinha nem a metade das coisas que tem agora. [risos]

Cláudia: A gente sente aqui toda a memória de uma família que está preservada.

Laura: Naturalmente sempre gostei muito de coisa de casa, de arranjos de casa. Meu marido ficou o único herdeiro da família. Porquanto meu sogro só tinha uma filha, irmã dele só tinha uma filha, então a outra já tinha morrido também, de maneira que ele ficou o único herdeiro das coisas. Não é?

Cláudia: E existe muita coisa da família, documentos? A senhora disse que o seu pai não guardava documentos. E o seu sogro?

Laura: Meu sogro era o contrário. Meu sogro guardava tudo. Tanto que ele escreveu o livro de memórias dele, não deve ter sido difícil, porque ele assinalava... nós temos lá na casa da Tijuca, minhas filhas de vez em quando pegam um daqueles livros, e ele, dia por dia, ia contando as coisas que tinham acontecido. Algumas até com preços das coisas, de maneira que a vida dele estava perfeitamente retratada naqueles documentos.

Cláudia: E essa biblioteca que a senhora tem? Os livros... a senhora veio guardando da sua família, da família do seu marido?

Laura: Essa biblioteca do lado de cá é quase tudo francês. Naquele tempo, a literatura francesa é que dominava mesmo, né. Então quando meu marido era... tinha 19 ou 20 anos, estava em Paris, meu sogro deu a ele uma quantia x – que agora não sei qual é – e disse a ele para fazer uma lista de livros para formar uma biblioteca. Não é? De maneira que grande parte desses livros franceses aí, ele trouxe dessa ocasião da Europa, depois naturalmente foi aumentando, ampliando.

Cláudia: E o mobiliário. O mobiliário é da época que a senhora veio? Ou a senhora tem objetos também que vieram da sua família?

³⁶ Para maiores informações, vide “Jorge Colaço”, disponível em: <museudoazulejo.gov.pt/Data/Documents/Cursos/azulejaria_2009/az_hist_03.pdf>.

Laura: Tem, porque eu sou uma guardadeira extraordinária. Tudo meu, eu não gosto de me desfazer das coisas. De maneira que eu tenho presentes de casamento. Tudo... a não ser que tenha a infelicidade de ter quebrado. Porque a gente ia... eu sempre fui conservadora.

Cláudia: E das coisas da casa, entre tantas coisas bonitas, o que que lhe traz prazer de possuir?

Laura: São os meus pratos. Você já viu os meus pratos?

Cláudia: Não, eu vou ver. Faço questão.

Laura: Eu comecei com uma coleção, porque meu pai gostava também de pratos. Tinha trazido da Europa, em 1903. Trouxe uma coleção bastante bonita de pratos chineses. Eu achava muito bonito aquilo. Achava interessantíssimo. Aí, quando eu casei, papai me deu um dos pratos e meu sogro, sabendo que eu gostava, me deu três pratos também. Então a minha coleção começou com quatro pratos. [risos] Aí foi indo. A gente comprava um, ganhava outro e foi indo, foi indo, foi indo e agora tem mais de cem pratos. Não é?

Cláudia: E a senhora expõe esses pratos?

Laura: Estão lá na sala de jantar.

Cláudia: Ah, estão lá!

Laura: Você não viu?

Cláudia: Não. Não cheguei a ver. Eu vi aquele painel de azulejos com o seu retrato. Fala um pouquinho sobre esse painel.

Laura: Quando papai construiu essa casa aqui, construiu também... tinha construído pouco antes a dele em São Paulo. Então tinha entrado em contato com Jorge Colaço que foi um grande azulejista. Não sei se existe esse termo. Não sei como é que se chama. Então, papai mandou o meu retrato para fazer o azulejo, tendo o meu retrato, na fazenda dele, como se fosse uma pastora tomando conta de uns gansos. Não é? Aí, mandou reproduzir para mim. Papai tinha um e mandou fazer esse para mim. Não é? E mandou fazer aquele azulejo da frente e o da entrada. O da entrada o meu marido é que deu... “Chega-te a boa árvore que terás a boa sombra”. Então o Colaço fez uma criança tomando uma comida no colo da mãe e um gatinho ou um cachorro, não sei, perto assim que vai com certeza receber uma porção também...

Cláudia: Quer dizer que a senhora e seu marido orientaram um pouco então da construção da casa.

Laura: Na construção e naturalmente eu dava a minha opinião.

Cláudia: E senhora então vive nessa casa desde o seu casamento?

Laura: Vai fazer 66 anos.

Cláudia: A senhora casou em São Paulo?

Laura: Sim, eu casei em São Paulo.

Cláudia: E morou lá um pouco ou já veio direto para casa?

Laura: Vim para cá. Aí passamos cinco anos na rua das Palmeiras numa casa alugada, e depois viemos para cá. Nunca mais sai.

Cláudia: Enquanto a casa estava sendo construída, a senhora ficou lá na rua das Palmeiras?

Laura: É, estava lá.

Cláudia: D. Laura e agora, quantos netos e bisnetos a senhora tem?

Laura: Nove netos e 16 bisnetos. Agora, Dia das Mães seriam 30 pessoas aqui em casa. Não é? Família só.

Cláudia: E a senhora está com quantos anos agora d. Laura?

Laura: 94.

Cláudia: Bom, para quem não está vendo a senhora como eu estou vendo. Eu tenho que falar que a senhora é uma pessoa extremamente jovem. É uma coisa assim surpreendente, uma pessoa com uma memória maravilhosa, um aspecto maravilhoso. A senhora está de parabéns. É uma coisa que muito me admira.

Laura: Eu sempre digo, quando me perguntam por quê? Porque eu faço tudo com amor. Eu acho que a gente tem que fazer tudo... eu digo que até tirar a poeira dos móveis tem que ser feito com amor, porque senão tira mal. Não é?

Cláudia: É e a pessoa vai se desgastando. Vai se estressando. Realizando uma coisa que não é...

Laura: A gente despende afeição, mas também é retribuída. Não é? Porque as coisas vão se sucedendo de acordo com a gente...

Cláudia: E pelo que eu li, a senhora teve uma vida assim tão rica, digo assim, de fatos maravilhosos, de pessoas que a senhora conviveu, da família que a senhora teve, da educação que teve. Isso também eu acho que contribuiu para essa sua juventude. A pessoa jovem que a senhora é ainda hoje.

Laura: Acontece que meu pai tinha magníficas relações também, homens todos inteligentes. Quer dizer, a gente estava caladinha, mas estava escutando, não é? [risos] Eu sempre gostei muito de ouvir conversa de gente grande. Sabe? Eu ficava muda para que não percebessem que eu estava presente, porque eu estava escutando. Não é?

Cláudia: Ficava adquirindo toda essa...

Laura: É! Ficava adquirindo.

Cláudia: Olha d. Laura...

Laura: O Euclides da Cunha,³⁷ por exemplo, me lembro tanto do Euclides da Cunha. Até da voz dele eu me lembro. O jeito, o gesto, porque ele visitava o meu pai. Morava ali perto. Naquele tempo, depois do jantar, jantava muito cedo – cinco horas era mais tarde, em geral – depois...

[Interrupção da gravação]

Cláudia: D. Laura estava me mostrando agora na revista... uma revista de decoração... como é o nome da revista d. Laura?

Laura: Da Abril.

Cláudia: Da *Casa Vogue*. A fotografia da casa dos pais na avenida Paulista. Quer dizer, foi uma das primeiras casas, né? Na avenida Paulista.

Laura: Não.

Cláudia: A casa do seu tio foi uma das primeiras?

Laura: Meu tio sim. Foi uma das primeiras, mas a de papai, ele só entrou em 1918 já quando a avenida já era um centro elegante, naturalmente, todos casarões enormes com terrenos muito bons.

Cláudia: E o seu tio vendeu alguns terrenos da...

Laura: Agora o meu tio tinha uma porção de terrenos naquela zona. Então depois ele foi adquirindo mais coisas assim e foi abrindo ruas, tanto que a parte de baixo da avenida, que vai para o lado de Pinheiros, quase, uma grande parte foi arruada por ele. Né? Vendia os terrenos aos lotes. Tanto que agora, depois dele mais velho, ele ainda doou uma parte dos terrenos para fazerem o Jockey Clube. E não sei se puseram o nome dele em alguma coisa, isso eu não sei, porque uma parte do Jockey Clube foi doada por ele.

Cláudia: E a casa³⁸ do seu tio Horácio era toda *art nouveau* que a senhora falou.

Laura: Pois é, no começo do século meu tio ficou muito entusiasmado com um arquiteto francês chamado Victor Dubugras.³⁹ Contratou a casa dele toda no estilo arte nova, não é. Inteirinha, inteirinha, inteirinha. Tudo.

³⁷ Para maiores informações, vide “Euclides da Cunha” disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>>.

³⁸ Para maiores informações, vide “Palacete de Horácio Sabino”, disponível em: <<https://serieavenidapaulista.com.br/2019/11/06/o-palacete-de-horacio-sabino/>>.

³⁹ Para maiores informações, vide verbete “Victor Dubugras”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa276359/victor-dubugras>>. E também o artigo de

Os móveis. Tudo foi feito de acordo com desenhos. As beiras das portas, todas de madeira clara trabalhada, mas inteiramente arte nova, muito bonita e, atualmente a sala de jantar ainda existe com uma neta. Uma neta ficou, porque era tudo aparafusado. Não é? [...]. De maneira que elas retiraram aquilo tudo e recompuseram a sala de jantar.

Cláudia: E o resto do mobiliário? Venderam? E a casa foi destruída...

Laura: Distribuíram entre os filhos, netos, coisas. Mas depois... o terreno dele era imenso. Era enorme. Ele tinha uma quadra inteira na avenida que ele pretendia fazer casa para as quatro filhas dentro desse terreno. Nunca fez. Porque queria fazer uma casa ótima e essa casa ótima não chegou a ser realizada, né.

Cláudia: E o seu pai, então, anos depois, naturalmente influenciado por ele...

Laura: Aí mesmo influenciou o papai para se mudar, porque onde já se viu estar morando na avenida Buarque separado de todo mundo em vez de ficar junto. Não é? Papai comprou esse outro terreno e fez a casa dele dando para avenida. Era um terreno também meia quadra, então depois fez os lotes para as casas dos outros filhos. Só eu, que estava aqui, no Rio de Janeiro, não podia ter casa lá. Não é?

Cláudia: D. Laura! Tem alguma coisa interessante que a senhora gostaria de falar?

Laura: Me lembrei agora. Um pouco antes tinha me lembrado de uma coisa. Não, fugiu. [risos]

Cláudia: Nós gostaríamos de agradecer. Quer dizer, eu agradeço no meu nome e no nome da Casa de Rui Barbosa toda atenção com que a senhora me recebeu e prestando esse depoimento que vai enriquecer demais o nosso arquivo, lá da Casa de Rui. Teremos o maior prazer de recebê-la lá na Casa de Rui Barbosa. Há muito tempo que a senhora não vai lá e muito obrigada. [Fim da gravação]

Alex Miyoshi intitulado “Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos” e disponível em: <<https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2012%20-%20artigo%204.pdf>>.

Barbosa Lima Sobrinho
(Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho)
(depoimento, 1988)

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Barbosa Lima Sobrinho (Alexandre José
Barbosa Lima Sobrinho)*. (depoimento, 1988).
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição¹

Nome da entrevistada: Barbosa Lima Sobrinho (Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho)

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Data da entrevista: 20 de maio de 1988

Duração²: aproximadamente 1h 2min 31s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadoras: Jurema Seckler e Eni Valentim Torres

Descritores/Assunto: Imprensa, Pernambuco, jornalismo, Rui jornalista, discurso de Rui, política contemporânea, liberalismo, *Jornal do Brasil*, Constituinte de 1946, Estado Novo, parlamentarismo, Rui ministro da Fazenda, Associação Brasileira de Imprensa, Academia Brasileira de Letras, Campanha Civilista, Televisão, *O Globo*, Herzog, Revolução de 64, Última Hora, nacionalismo.

Biografia³:

(n. Recife (PE), 1897-f. Rio de Janeiro, 2000)

Advogado, jornalista, ensaísta, historiador, professor e político.

Presidiu a Academia Brasileira de Letras e a Associação Brasileira de Imprensa.

Publicou: *A ilusão do direito de guerra* (1922), *O problema da imprensa* (1923), *A árvore do bem e do mal* (1926), *Pernambuco e o rio São Francisco* (1929), *Ensaio sobre o devassamento do Piauí* (1929), *A verdade da Revolução de Outubro* (1933), *O vendedor de discursos* (1935), *Interesses e problemas do sertão pernambucano* (1937), *A responsabilidade pelo dissídio político em Pernambuco* (1937), *Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira* (1941), dentre outros.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A entrevista está dividida em três partes sendo que a primeira e segunda partes apresentam 31min 9s, 31min 22s, respectivamente. Todavia, na terceira e última parte, o áudio não foi localizado e a transcrição se baseou na documentação existente.

³ Consultado em: <<https://www.academia.org.br/academicos/barbosa-lima-sobrinho/biografia>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

PARTE 1

Entrevistadora: Dando continuidade ao projeto Memória de Rui Barbosa, levado a efeito pelo Museu Casa de Rui Barbosa, estamos hoje, 20 de maio de 1988, na residência do dr. Barbosa Lima Sobrinho, grande jornalista e político brasileiro, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, membro da Academia Brasileira de Letras, com inúmeros livros publicados. Dr. Barbosa Lima, o senhor poderia nos falar... nos dizer onde e quando nasceu e como iniciou a sua brilhante carreira política e jornalística?

Lima Sobrinho: Meu nascimento foi no Recife, Pernambuco. Numa rua chamada rua do Hospício, o que de certa maneira me dá uma certa garantia, pois acho que quem começou no hospício não acaba nele. Não é? [risos] De modo que vivi uma fase da infância em Pernambuco e depois a minha família veio aqui para o Rio de Janeiro. Eu passei uns anos aqui no Rio de Janeiro e depois voltei a Pernambuco. Em Pernambuco, fiz o curso primário no Instituto Ginásial Pernambucano, era o Cândido Duarte, e daí continuei em Pernambuco até depois fazer o curso de direito. Fui aluno da faculdade de direito, aliás aluno laureado, porque só tirei em todo o curso prêmio de distinção e tirei até um prêmio de viagem que não realizei porque... outra vez as circunstâncias que dificultaram eu sair para o Rio de Janeiro. O meu pai estava muito doente e eu era arrimo de família de modo que fiquei preso aqui. [inaudível] pelo Rio de Janeiro. Esses são os antecedentes da minha vida. Eu me formei com menos de 21 anos. Colei o grau em dezembro de um ano e em janeiro de outro ano eu completei 21 anos.

Entrevistadora: E a sua carreira de jornalista, o senhor iniciou quando?

Lima Sobrinho: Minha ideia não era ser jornalista. Minha primeira ideia era ser professor da Faculdade de Recife. Eu me preparei para isso porque havia a possibilidade de uma vaga pela aposentadoria de um professor. Naquele tempo, aliás, eram apenas 18 professores na Faculdade do Recife e alguns suplentes. Hoje tem 90 professores, mas naquele tempo eram escassos os lugares de professor substituto, porque somente depois de substituto é que a pessoa passava a catedrático. Tanto que havia os professores catedráticos e um certo número de substitutos. Minha ideia era fazer concurso para uma cadeira de direito público constitucional e direito internacional público e privado. Preparei-me para isso, cheguei até a ter assunto de tese projetada, mas aconteceu que aberto o concurso, a lei,⁴ o ensino do Carlos Maximiliano⁵ permitia que a pessoa só pudesse se inscrever como autor de livro verdadeiramente notável e (aprovado por) dois terços da congregação. Na verdade, uma pessoa bem protegida lá pela congregação, circunstâncias que o pai era juiz seccional... os professores, em sua grande maioria, eram advogados que dependiam do juiz seccional e classificaram o livro dele como verdadeiramente notável. Hoje todo mundo sabe que está longe de ser um livro notável e assim o concurso deixou de existir. Uma vez cancelado o concurso e de certa maneira eu tinha me incompatibilizado com a congregação, porque escrevi três artigos mostrando que o livro não era verdadeiramente notável. Uma vez que a congregação achava o livro verdadeiramente notável, formou-se a incompatibilidade natural com a congregação, aí eu desisti. Havia uns professores que queriam adotar que professor da Faculdade do Recife eram advogados. Vim para o Rio de Janeiro, onde trouxe cartas de recomendação para o Pereira Carneiro.⁶ Mas na verdade o Pereira Carneiro não estava aqui no Rio e

⁴ O Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915, reorganizou o ensino secundário e o superior na República. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>>.

⁵ Para maiores informações, vide “Carlos Maximiliano”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-maximiliano-pereira-dos-santos#:~:text=Em%201915%2C%20referendou%20a%20lei,C%3CB3digo%20Civil%20Brasileiro%2C%20que%20referendara.>>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁶ Para maiores informações, vide “Ernesto Pereira Carneiro”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ernesto-pereira-carneiro>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

a direção do *Jornal do Brasil*⁷ me admitiu primeiro como jornalista da última categoria. Eu passei a ter um vencimento que não era [inaudível], mas o meu trabalho fez com que no primeiro mês o meu ordenado fosse reajustado para os ordenados de jornalista. E daí, isso foi em 21, até hoje eu continuo ligado ao *Jornal do Brasil*. No começo como redator chefe do *Jornal do Brasil*, [inaudível] regular, depois tornei-me mais colaborador. Não é? Houve umas divergências minhas com o diretor do jornal, que nesse tempo era [inaudível] e em consequência disso eu achei que era melhor eu ficar na função de garantir a possibilidade da publicação dos artigos aos domingos. Esses artigos aos domingos – foi praticamente desde 1927 – passaram a ser regulares e com uma assiduidade que de certa maneira foi surpreendente. Porque aconteceu que eu fiquei com um grupo de leitores afeiçoados a esses artigos. E quando falta um desses artigos eles começam a telefonar para saber como foi, ou não foi. Sabe? Para evitar esse trabalho foi melhor a assiduidade publicando regularmente os artigos. Eu tenho olhado os artigos até quando eu era redator chefe eu guardava todos os artigos, porque naquele tempo não havia a seção de documentação que existe hoje. De modo que a pessoa para se lembrar do que o jornal tinha escrito tinha que se valer dos próprios artigos publicados. Eu então guardei esses artigos. Aqui embaixo tem os cadernos que eu colecionava esses artigos. Agora... depois, tem aí em cima os artigos selecionados. Isso é para distinguir os artigos do *Jornal do Brasil* dos artigos assinados que são os que revelam mais a minha maneira de pensar, o meu pronunciamento. Embora sempre levando em consideração as próprias atitudes do jornal, porque eu não poderia também justificar uma opção muito violenta com as atitudes jornal. De certa maneira, o jornal também compreendeu que eu devia ter uma certa liberdade de ação. Eu tenho sido um colunista, como os americanos dizem. Um colunista tem a liberdade de expressar o seu ponto de vista. Tanto que frequentemente o *Jornal do Brasil* pensa de uma maneira e eu penso de outra. O *Jornal do Brasil*, ele faz a honra de permitir que os meus artigos sejam publicados, de modo que sou agradecido ao *Jornal do Brasil*, porque não são muitos os jornais no Brasil que compreendem a independência do colunista. Têm jornais que são totalmente [inaudível] da figura jornalística e querem que só

⁷ Para maiores informações, vide “Jornal do Brasil”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

se publique aquilo que o jornal pensa. Talvez a única exceção além do *Jornal do Brasil* neste sentido seja a *Folha de São Paulo*.⁸

Entrevistadora: *Folha de São Paulo*. Dr. Barbosa Lima, o senhor poderia... o senhor conheceu pessoalmente Rui Barbosa?

Lima Sobrinho: Assisti um discurso⁹ de Rui Barbosa pronunciado, aliás na Associação Comercial. Não me lembro precisamente qual foi esse discurso, mas foi um daqueles discursos notáveis que ele fazia. Mas, o velho Barbosa Lima, que era muito amigo dele, ficou sempre de me apresentar ao Rui Barbosa e eu o acompanhei à casa de Rui Barbosa. Mas ele estava sempre sujeito a alguma doença e já com certa dificuldade também de dispor da própria pessoa para ir a determinados lugares. Mas eu fui adiando, adiando esse encontro com Rui Barbosa, o que não impediu que eu continue a ser um dos maiores admiradores de Rui. Aliás, o meu primeiro pronunciamento numa praça pública, fazendo comício, foi a favor da candidatura dele. Eu era nesse tempo até calouro da Faculdade do Recife e calouro atrevido, porque calouro fazer comício não era comum. [risos] Mas o meu primeiro comício foi em favor de Rui e da candidatura dele. [inaudível] Ainda agora, por exemplo, no meu artigo para o jornal de domingo, eu tinha que escrever sobre a anistia e eu então procurei um patrono¹⁰ para a anistia. E hesitei entre Rui Barbosa e Duque de Caxias, mas acabei optando pelo Duque de Caxias, porque os militares que de certa maneira se opõem à anistia com o aspecto que ninguém poderá defender. Porque eles negam a anistia do marinheiro e essa é a parte que me impressiona mais. Porque os marinheiros foram afastados por uma medida administrativa, mas fundamentalmente política porque foi depois dos acontecimentos de 64, e são considerados mortos. De modo que a anistia para eles é como uma ressurreição. É um aspecto curioso. Aliás, esqueci de falar no artigo que isso é uma ressurreição, mas na verdade é isso que eles estão pleiteando, o direito à

⁸ Para maiores informações, vide “Folha de São Paulo”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁹ Intitulado *Às classes conservadoras*, a Conferência foi pronunciada na Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 8 de março de 1919. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pesq=As%20classes%20conservadoras.%20Conferencia%20pronunciada%20na%20Associacao%20Comercial%20do%20Rio%20de%20Janeiro,%20a%208%20de%20marco%20de%201919&pagfis=34219>>.

¹⁰ O artigo, intitulado *A bandeira de Caxias*, foi publicado pelo *Jornal do Brasil* em 31 de julho de 1977. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>.

existência própria porque esse regime de 64 trouxe para o Brasil coisas absolutamente desconhecidas da nossa história, como as viúvas de maridos vivos. Nunca houve isso no Brasil, mas os oficiais que eram casados passavam a ser considerados mortos, como isso trouxe problemas muito sérios para as famílias deles. Até o presidente que tinha, o que parece, coração, que não me parece que houvesse, como Castelo Branco,¹¹ era o sucessor dele Costa e Silva,¹² se apiedou deles e mandou então pagar como pensão. A pensão que elas têm direito pela morte dos maridos. Os maridos continuaram mortos para todos os efeitos para o Exército e as mulheres recebiam a pensão a que lhes era direito. Quer dizer, eram viúvas de maridos vivos. Isso nunca houve no Brasil. Como nunca houve desaparecidos por efeito políticos. Havia desaparecidos que como há essa massa que é sacrificada na baixada fluminense, na sua maioria de nome desconhecido. Mas desaparecidos, pessoas de certa importância, desaparecidos por isso mesmo, porque tinham importância, isso também foi uma novidade depois de 64.

Entrevistadora: E Rui como jornalista?¹³ Qual é a sua opinião de Rui como jornalista?

Lima Sobrinho: A profissão importante que dá um certo sentido de personalidade. Eu, por exemplo, defendo muito o diploma de jornalista. Porque o diploma de jornalista veio caracterizar profissão. Uma profissão sujeita a horário e a funções que são prescritas nas leis existentes. De modo que vários amigos meus dizem: “mas o jornalismo é uma missão”. Eu digo: “Eu acho que para isso pode existir a função de colaborador”. O colaborador durante um ano é remunerado passa a ser considerado jornalista pela lei. Logo, para a missão do jornalista está aberta função do colaborador. O Raymundo Faoro¹⁴ que inclusive não só é jornalista como faz parte do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa, então não está fechado o caminho aí a essa missão de jornalista e está

¹¹ Para maiores informações, vide “Humberto de Alencar Castelo Branco”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/humberto-de-alencar-castelo-branco>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹² Para maiores informações, vide “Artur da Costa e Silva”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/artur-da-costa-e-silva>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹³ Para maiores informações, vide “Rui e o jornalismo”, disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/variedades/jornalismo.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹⁴ Para maiores informações, vide “Raymundo Faoro”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/raymundo-faoro/biografia>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

caracterizada a profissão inclusive com nível universitário justifica um piso salarial melhor. [barulho alto]

Entrevistadora: E como o senhor vê o Rui como jornalista?

Lima Sobrinho: Ele nunca precisou de um salário de jornalista, pelo contrário, ele pegava esse dinheiro para sustentar a missão dele. [inaudível]

Entrevistadora: Rui Barbosa então era um caso à parte?

Lima Sobrinho: Hum!?

Entrevistadora: Rui Barbosa era um caso à parte?

Lima Sobrinho: Era um caso à parte. Ele, por exemplo, não era chamado para fazer um necrológico. Essa função normal de jornalista de acompanhar um setor, de acompanhar os trabalhos da Câmara, os trabalhos do Senado, [inaudível]. Eu, por exemplo, fui logo destacado para a função política. Comecei no Senado e logo depois na Câmara dos Deputados, onde eu fazia não só o trabalho da Câmara como também fazia uma seção de coisas da política, comentários de jornal. Essa função o Rui nunca exerceu. Nunca foi um jornalista profissional, mas foi um jornalista no sentido de se apoiar o jornal para as defesas políticas que lhe parecia mais acertadas.

Entrevistadora: E o senhor vê alguma identidade entre o trabalho jornalístico de Rui e o seu? O senhor vê alguma identidade?

Lima Sobrinho: Bom, de certa maneira, eu na atividade jornalística sempre defendi a liberdade, sempre defendi a democracia. Mesmo no *Jornal do Brasil*, no tempo do Mussolini,¹⁵ por exemplo, uma vez quando quiseram me dar uma comenda da Itália, eu fiz o possível para recusá-la. Sem molestar as pessoas que me ofereciam, porque eram minhas amigas e faziam aquilo por sentimento de amizade, mas deixei claro que não aceitaria a comenda. O nacionalismo que o Rui demonstrou admiravelmente como ministro da Fazenda veio depois a consagrar nessa *Oração aos moços*.¹⁶ Eu há pouco tempo publicava no Boletim Informativo da ABI, publicava o programa nacionalista dele nessa *Oração aos moços* que era uma coisa notável. Não voltar nunca à situação colonial. O primeiro posto de vista dele nessa oração.

Entrevistadora: Em vários outros depoimentos desse projeto Memória de Rui há um destaque do espírito liberal de Rui Barbosa. Outros

¹⁵ Para maiores informações, vide “Benito Mussolini”, disponível em: <https://www.ebiografia.com/benito_mussolini/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹⁶ Texto completo disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Oracaos_mocos.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

entrevistados destacaram esse espírito liberal de Rui Barbosa. Qual a sua opinião?

Lima Sobrinho: Há identidade também com esse espírito liberal dele é [inaudível] e o motivo é a tolerância, uma necessidade da criatura humana. Porque no governo de Pernambuco, eu pratiquei tudo isso porque respeitei os adversários. Nas notas do governo, nunca não cheguei a agredir nenhum grupo dos adversários, porque achava que a função da oposição é combater o governo. O governo tem que se colocar acima disso numa atitude de superioridade de quem mereceu a votação do eleitorado. De modo que eu sou apenas um admirador do liberalismo. Eu pratiquei nas ocasiões em que tive a possibilidade de exercer o mando, eu pratiquei sempre o liberalismo.

Entrevistadora: E nós gostaríamos de saber o seguinte: quando durante a ditadura de Floriano, ele sofreu grandes pressões. Sabemos que ele precisou se exilar e teve todo aquele trabalho, que a gente estava comentando das *Cartas da Inglaterra*.¹⁷ Como é que o senhor viveu como jornalista essa questão da censura à imprensa, essas pressões, no Estado Novo¹⁸ e na ditadura militar?¹⁹ Como é que o senhor passou esse período como jornalista?

Lima Sobrinho: O período do Bernardes²⁰ foi uma fase de censura. Nós tínhamos um censor no jornal. Aí não havia bem a própria... o próprio jornal não gostaria que nós fôssemos enfrentar os censores ou dificultar até os censores de Bernardes, porque isso criaria uma ameaça para a própria organização. Tinha que ser respeitado o censor. Era uma determinação da própria organização dos jornalistas. Em 64 basta dizer que eu fui envolvido em três IPMs.²¹ Sinal de que... não cheguei a ser exilado até hoje não sei o porquê. Chego a admitir que o Castelo Branco, que no fundo do espírito tinha o desejo de ser acadêmico, na Academia

¹⁷ Texto completo disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/413>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Estado Novo”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-novo>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹⁹ Para maiores informações, vide “O golpe de 1964 e a instauração do regime militar”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²⁰ Para maiores informações, vide “Artur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²¹ IPM significa Inquérito Policial Militar.

Brasileira de Letras²² – fico até imaginando isso – se deteve. Talvez houvesse até intervenção de Austregésilo de Athayde²³ nesse sentido, porque também Álvaro Lins²⁴ não sofreu nada. E o Álvaro Lins também foi envolvido em IPM e esteve na mira das autoridades militares, muito mais do que eu, mas também não sofreu nada. Eu penso que Austregésilo nesse ponto, era muito amigo de Castelo Branco, deve ter agido nesse sentido à minha revelia, porque eu nunca pedi a ele que fizesse qualquer coisa. Até naquela hora eu tive uma sobrinha, Lúcia Amaral, que faz literatura infantil e é um nome até muito apreciado na literatura infantil e que simpatiza muito com as ideias que eu defendo. De modo que ela veio logo: “Porque é que você não vai para uma embaixada?” E eu disse: “Eu não tenho nada que acuse a minha consciência”. Porque eu vou para uma embaixada, seria admitir que eu tinha culpa. Eu não vou admitir culpa nenhuma numa atividade que sempre fiz para servir ao país e defender as ideias só para beneficiar o povo, de modo que não iria contribuir [inaudível]. Tive depois a visita de três autoridades, duas da polícia e um oficial do exército, que vieram pesquisar o que eu tinha aqui, andaram abrindo gavetas, verificando gavetas. Vieram verificar se eu tinha alguma coisa subversiva que justificasse uma condenação e eu disse: “Já tive oportunidade de mostrar aos senhores o que os senhores querem ver. Se estão preocupados com o marxismo, aqui está a parte do Marx e os livros do Marx, mas também tenho livro contra o Marx. Então eu acho que como jornalista tenho que estar a corrente dos lançamentos de um e outro lado para tomar eu mesmo as minhas atitudes”. Eles ficaram meio espantados com isso e eu não disse nada às autoridades policiais que estavam exercendo a sua função, mas ao oficial do exército, eu não pude deixar de dizer como lastimava ver oficiais do exército brasileiro exercendo funções policiais.

Entrevistadora: O senhor considera importante para a história do *Jornal do Brasil* a série de artigos escritos por Rui em 1893 contra a ditadura Floriano?

²² Para maiores informações, vide “Academia Brasileira de Letras”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ACADEMIA%20BRASILEIRA%20DE%20LETRAS.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²³ Para maiores informações, vide “Austregésilo de Athayde”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbe-biografico/belardino-augusto-maria-austregesilo-de-ataide>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²⁴ Para maiores informações, vide “Álvaro Lins”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbe-biografico/alvaro-de-barros-lins>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Lima Sobrinho: A atitude do Rui foi essencial sobretudo na pregação da República. No *Diário de Notícias*, os artigos que ele escreveu criticando o ministério [inaudível] foram fundamentais para o advento da república. Tanto que ele que nunca tinha sido republicano, foi convidado pelos próprios conspiradores para tomar parte na conspiração como um reconhecimento tácito que eles tinham de que aqueles artigos tinham sido de uma oportunidade extraordinária para a mudança do regime. Como os artigos dele a favor também das ideias que levaram à abolição, na defesa das atitudes do Partido Liberal em favor da escravatura, portanto esses artigos dele tiveram uma grande influência.

Entrevistadora: Nós queríamos saber também, dr. Barbosa Lima, é na constituinte de 46,²⁵ o senhor participou dessa constituinte, não é? As suas ideias em relação à censura à imprensa e à liberdade do pensamento do jornalista, o senhor fez alguma defesa nesse sentido ou isso não foi articulado na constituinte?

Lima Sobrinho: Naquela ocasião, as ideias que prevaleciam eram todas essas, a constituinte foi uma reação contra o Estado Novo que não precisava nem defender essas ideias, porque a maioria dos deputados já estavam dentro dessa orientação, dessa incumbência. Eu, aliás, no Instituto do Açúcar e do Alcool,²⁶ eu tive um momento em que eu divergi da coordenação econômica que João Alberto presidia e... como os artigos e críticas do instituto que eu presidia, eu imediatamente pela imprensa, eu reagi e publiquei também na imprensa artigos em defesa do Instituto. Isso depois veio fazer com que o chefe do DIP,²⁷ que na ocasião era aquele... não era o Lourival, era o substituto do Lourival. Ele achou que aquele debate estava comprometendo o governo e eu disse a ele: “Se você quer proibir o debate do outro lado, proíbe também o meu, que aí eu aceito. Mas, se você proibir só um dos lados do debate, aí eu não posso concordar. Mas, se você quer acabar com a polêmica no interesse do governo, dentro da instituição, pode acabar com o debate. Agora, comece com os meus contentores porque eu estou defendendo

²⁵ Para maiores informações, vide “Assembleia Nacional Constituinte”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/assembleia-nacional-constituente-de-1946>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²⁶ Para maiores informações, vide “Instituto do Açúcar e do Alcool”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-do-acucar-e-do-alcool-iaa>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²⁷ DIP é a sigla para Departamento de Imprensa e Propaganda.

um órgão do governo”. Um órgão que realizava a política econômica que o governo defendia naquela ocasião.

Entrevistadora: Professor, como o senhor conviveu durante o Estado Novo com toda censura que havia? [inaudível] Como você conviveu com a opressão durante o Estado Novo?

Lima Sobrinho: Eu acho que há sempre maneira de conviver com a opressão, porque com certa sutileza, com certa maneira de dizer, a gente vai vendo maneiras de tecer os fatos sem agredir propriamente. Então acho que hoje é um modelo disso é o Carlos Castelo Branco.²⁸ Carlos Castelo Branco diz o que quer. O jornalismo dele é um jornalismo aberto, um jornalismo franco. O essencial é a gente não deixar de dizer alguma coisa. Se não pode dizer 100%, diga pelo menos 20%, mas diga alguma coisa. Não se acovarde diante da opressão. Isso é a maneira... havia até um caso famoso aí em Minas Gerais que dá uma ideia do que é essa atitude de reação. O Benedito Valadares²⁹ era governador de Minas Gerais, mas tinha um caso amoroso aqui no Rio de Janeiro. De modo que todo fim de semana, ele vinha aqui para o Rio de Janeiro e então largava lá o pessoal de Minas Gerais, que ficava irritado com essa ausência todo fim de semana. E o jornalista queria dizer a algum tempo, dizer alguma coisa, relatar isso, não é? Então numa dessas viagens o jornalista disse: “De regresso ao governo de Minas Gerais, voltou ontem do Rio de Janeiro...” Aí ele não tinha o que dizer pois era o fato que estava registrado.

Entrevistadora: Nós sabemos das posições parlamentaristas de Rui. Não é? O senhor, em alguma ocasião, se inspirou nessas ideias parlamentaristas de Rui?

Lima Sobrinho: O Rui, no fundo, foi o homem que estabeleceu no Brasil o exemplo presidencial. De modo que eu durante muito tempo achei que o regime presidencial tinha significado alguma coisa útil ao Brasil, mas com o tempo... à medida que fui observando o que de fato representava o regime presidencial no Brasil, a maneira que pouco a pouco foi se transformando numa verdadeira ditadura. Eu aí achei que era hora da gente, pelo menos, fazer uma experiência com o parlamentarismo. Então,

²⁸ Para maiores informações, vide “Carlos Castelo Branco”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/carlos-castelo-branco/biografia>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²⁹ Para maiores informações, vide “Benedito Valadares”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedito-valadares-ribeiro>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

numa sessão que houve aqui, eu tive oportunidade de falar e defender essas ideias. Porque eu não tenho dúvida que o regime parlamentar é muito superior ao presidencialismo na defesa da democracia. Embora o regime presidencial nos Estados Unidos funcione mais ou menos, porque tem um congresso que se opõe ao presidente e muitas vezes tem maioria. No Brasil, nunca houve isso. No Brasil, o congresso tem uma subserviência tal, tão grande em relação ao Poder Executivo que na verdade realiza uma ditadura. Então esse regime não é uma democracia e para realizar uma democracia, nós temos que pelo menos fazer uma volta ao regime parlamentar que talvez abra perspectivas. Não sei, não garanto que vá abrir, mas pelo menos é uma tentativa de melhorar uma prática democrática que no Brasil está cheia de imperfeições. A gente pode ver agora mesmo com o exemplo do Sarney.³⁰ Ele faz questão dos cinco anos e o congresso... e ele mesmo declara que se quisesse seis, ele tem a convicção que o congresso lhe daria de seis anos de mandato dele. E se permite até mesmo hostilizar o Senado, quando se permite nesse negócio de achar que uma comissão incumbida de apurar fatos de corrupção constitui terrorismo moral. Como terrorismo moral? A função é apurar a corrupção. É a função do Senado. É a sua tarefa. Como é que presidente da República se atreve a dessa maneira procurar desmoralizar um órgão essencial...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Entrevistadora: Esse desejo de apoiar o parlamentarismo, o senhor se inspirou em alguma ideia de Rui para defender o parlamentarismo?

Lima Sobrinho: Aqui no Brasil, nós tivemos o regime parlamentar com a renúncia do Jânio, Jânio Quadros.³¹ Eu, aliás, naquela hora, eu era

³⁰ Para maiores informações, vide “José Sarney”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-ferreira-de-araujo-costa>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

³¹ Para maiores informações, vide “Jânio Quadros”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/janio-da-silva-quadros>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

deputado. Quando se votou a emenda parlamentarista,³² eu não fui a favor da emenda parlamentarista, porque achei que não era uma resposta adequada para a atitude dos militares. Então eles diziam: “Nós não damos posse ao sr. João Goulart!”.³³ Então o que faz o congresso... subserviência igual mudar o regime para que os senhores possam aceitar o presidente da República... de modo que eu votei contra a emenda parlamentarista. Mas quando houve o plebiscito, eu fui me convencendo de que o regime parlamentar estava tendo um resultado favorável e que permitia uma abertura maior. Só que quando houve o plebiscito eu votei contra o plebiscito da emenda parlamentar, tanto que pode se datar por aí o meu pronunciamento a favor do parlamentarismo. O voto que dei contra o plebiscito que os militares tinham organizado para restaurar o regime presidencial. Mas isso me parecia coerente, porque eu achava que era um jogo de disparate na primeira vez. Então os militares não querem dar posse e vocês vão modificar o regime para aceitar essa atitude dos militares? Afinal de contas, cedendo a um ponto de vista que não se explica porque eles não têm argumento para dizer que não vão dar posse a um candidato que está... que como vice-presidente está exatamente indicado para exercer. Eles não querem dar posse a esse homem então se vai modificar o regime para atender a uma atitude exorbitante dos militares? Era um jogo de disparates. De modo que eu votei e houve apenas oito votos contra a emenda parlamentarista nesta ocasião. Mas, quando se procurou suprimir o regime parlamentar, eu aí votei contra a supressão do regime parlamentar no plebiscito que naquela ocasião se organizou. Pensei que estava coerente comigo mesmo.

Entrevistadora: Nessa mudança [inaudível], o senhor se inspirou no Rui? O senhor tinha alguma inspiração em Rui Barbosa?

Lima Sobrinho: Eu não sou muito de conspiração porque eu defendo...

Entrevistadora: Não, não conspiração. Inspiração...

Lima Sobrinho: [inaudível] Acho que daqui por diante não terei nenhuma hesitação. Daqui por diante, enquanto viver, enquanto escrever, [inaudível] parlamentarismo, porque eu acho que até mesmo no período atual o decreto-lei convence a gente da necessidade do regime parlamentar.

³² Para maiores informações, vide “Parlamentarismo: sim ou não?”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Parlamentarismo_sim_ou_ao>. Acesso em: 15 ago. 2020.

³³ Para maiores informações, vide “João Goulart”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-belchior-marques-goulart>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Porque o decreto lei do regime parlamentar é discutido na Câmara, no parlamento, compulsório. Hoje não, hoje fica nos segredos do palácio do governo através de tecnocratas que ninguém conhece, que ninguém sabe quem são, que são verdadeiramente os inspiradores desses atos. Ao passo que o decreto no regime parlamentar é discutido no parlamento. São motivo de debate e pronunciamento imediata através [inaudível].

Entrevistadora: Uma coisa que a gente observa no trabalho de Rui como jornalista é que ele tem uma abordagem política e também uma abordagem assim na pauta da modernidade. Por exemplo, ele tratava da questão do gás, do problema de energia, dos bondes, então a gente vê essa posição dentro do plano jornalístico. O senhor quando escreve os seus artigos, o senhor está sempre voltado para o lado político, para o social, econômico ou para essa questão da modernidade que vai assim valer a pena?

Lima Sobrinho: Sobretudo para o interesse público. Eu procuro sempre fazer um jornalismo visando o interesse público. Todos os pronunciamentos que tenho tido... eu nunca me coloquei interesses particulares. Eu escrevo para o público defendendo ideias gerais. Rui Barbosa tinha uma coisa interessante. Ele vinha do regime parlamentar no começo da vida dele. De modo que no regime presidencialista que ele próprio havia estabelecido no Brasil, ele agia, como quem vinha do regime parlamentar, porque nunca se discutiu tanto as atitudes do governo como no tempo de Rui Barbosa. Como ministro da Fazenda³⁴ os trabalhos que ele publicou, as defesas que ele fez, provavam que ele tinha sempre a preocupação com a opinião pública. Ele governava para a opinião pública não apenas para um determinado presidente da República. De agora em diante, isso desapareceu, quando eles podem utilizar um segredo, eles contam o segredo. O que a gente vê agora na Nova República, que repete tão de perto a antiga, porque inclusive vamos convir que o Sarney teve três fases na vida dele. Ele teve a fase da UDN,³⁵ quando ele defendia interesse nacionais e era um nacionalista constitucional. Temos a segunda fase em que ele se mancomunou com os processos da ditadura.

³⁴ Rui Barbosa assumiu o Ministério da Fazenda no período de 1889 a 1890, com o propósito de promover a industrialização, incentivar o crescimento econômico e livrar o país da dependência ao capital estrangeiro. Consultado em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

³⁵ Para maiores informações, vide “União Democrática Nacional – UDN”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

E temos agora a terceira que está prevalecendo mais, essa fase recente do regime da ditadura do que os antecedentes dele, constitucionais. [risos]

Entrevistadora: Nós estávamos conversando com o dr. Jacobina Lacombe,³⁶ presidente da Casa de Rui Barbosa. Foi ele quem sugeriu inclusive seu nome para entrevista e ele sugeriu algumas perguntas para fazer para o senhor. Então uma das perguntas é o seguinte: como pernambucano, qual a sua opinião sobre a posição de Rui Barbosa na questão Dantas Barreto,³⁷ em Pernambuco, em 1911?

Lima Sobrinho: Eu não fui dantista, porque eu era civilista. Eu sou civilista desde a adolescência. Na primeira campanha de Rui, nós recebíamos em casa. O estado de São Paulo, que trazia a Campanha Civilista³⁸ e foi através das ideias de Rui que eu não cheguei nem a incorporar a campanha dantista, que de certa maneira conquistou a opinião pública de todo o Pernambuco. Até... era uma situação de constrangimento a gente não ser dantista, mas eu não fui dantista. Também não defendi o Rosa e Silva,³⁹ porque o Rosa e Silva tinha sido muito hostil a política do velho Barbosa Lima, de modo que eu fiquei numa neutralidade total. Mas na questão de Rui Barbosa mantendo as ideias civilistas.

Entrevistadora: Falando no seu tio, Barbosa Lima, qual era o relacionamento dele com o Rui Barbosa?

Lima Sobrinho: De quem?

Entrevistadora: Do seu tio Barbosa Lima.

Lima Sobrinho: Ah! Foi muito grande a tendência, inclusive quando eles fundaram o Partido Liberal⁴⁰ o velho Barbosa Lima fez a campanha civilista por tudo quanto é... ele era militar, aliás, acabou a vida como general,

³⁶ Refere-se a Américo Jacobina Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, no período de 1939 até 1993. Américo participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em 21 de abril de 1976.

³⁷ Para maiores informações, vide “Emídio Dantas Barreto”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARRETO,%20Dantas.pdf>>. Disponível em 15 ago. 2020.

³⁸ Para maiores informações, vide “Campanha Civilista”, disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/campanha-civilista>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

³⁹ Para maiores informações, vide “Francisco de Assis Rosa e Silva”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SILVA,%20Rosa%20e.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁴⁰ Para maiores informações, vide “Partido Republicano Liberal – PRL”, disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20LIBERAL%20\(PRL\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20LIBERAL%20(PRL).pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2020.

mas apesar disso ele foi contra a candidatura Hermes da Fonseca,⁴¹ inteiramente ao lado de Rui Barbosa. E daí por diante as relações dele com Rui Barbosa foram as mais amistosas possíveis.

Entrevistadora: E em relação a Academia Brasileira de Letras, a reeleição de Rui como presidente da Academia, qual é a sua opinião?

Lima Sobrinho: A reeleição?

Entrevistadora: Quer dizer, aquela sucessiva... período de Rui na presidência.

Lima Sobrinho: Eu acho que todos os acadêmicos se convenceram que o melhor presidente era o Austregésilo, porque ele dá a Academia Brasileira de Letras uma autenticidade total. Todos os dias ele está lá as três horas e fica até as seis horas da tarde lá, lá na Academia. Não há convite para a Academia que ele não compareça e mais do que isso, nunca deixou de fazer discurso. O que coloca bem a Academia, porque ele não é excelente orador. Uma vez eu disse a ele: “você acabou colocando impopular a presidência da Academia Brasileira de Letras, porque ninguém se atreve a exercê-la como você faz. Porque ninguém abdicaria tanto do próprio tempo para Academia como você abdica”. De modo que eu acho que aí está explicada a reeleição dele, porque isso permitiu que houvesse tese de defesa do patrimônio da Academia como não havia antes. Porque com a presidência de um ano, a pessoa quando toma conhecimento dos problemas da Academia, termina o mandato. De modo que eu não sou contra a reeleição, sobretudo a reeleição por eleitores de alto nível. Eu mesmo na Associação Brasileira de Imprensa,⁴² eu sucedi... antecedi e sucedi ao Herbert Moses,⁴³ porque eu fui presidente da Associação Brasileira de Imprensa antes do Herbert Moses. Herbert Moses ficou 33 anos na presidência da Associação Brasileira de Imprensa reconduzido permanentemente, porque achavam que ele desempenhava a função a contento de todos. E essas substituições [inaudível] só não são necessárias, realmente, no poder público, porque no poder público a pessoa tem o exército, tem a polícia, tem meios de posse e domínio para de

⁴¹ Para maiores informações, vide “Hermes da Fonseca”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Hermes%20da.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁴² Para maiores informações, vide “Associação Brasileira de Imprensa – ABI”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/associacao-brasileira-de-imprensa-abi>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁴³ Para maiores informações, vide “Herbert Moses”, disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moses-herbert>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

certa maneira impor a candidatura. De que força disporia o presidente para modificar o voto de um dos seus eleitores. É uma coisa voluntária, o eleitor conserva a sua absoluta independência no voto que dá ao Austregésilo de Athayde. Acho justificado ter sido reeleito o presidente da Academia.

Entrevistadora: E à época em que o Rui Barbosa foi presidente da Academia, o que é que o senhor acha?

Lima Sobrinho: Acho que foi uma candidatura que se impôs também naquela ocasião. Embora o Rui não tivesse entrado para a Academia com dedicação do Austregésilo. Ele nem sempre ele comparecia. Ao passo que o Austregésilo faz questão de dizer que desde o momento que ele era presidente, nunca ele faltou a uma sessão da academia. Não houve doença, não houve nada que o afastasse. O Rui não foi tão dedicado assim à presidência da Academia.

Entrevistadora: O senhor falava para a gente da Campanha Civilista de Rui, né? Quando da candidatura. E a gente acompanha pelos textos e discursos toda aquela aclamação popular e tal. A que o senhor atribui a não eleição dele a presidência?

Lima Sobrinho: Em parte foi, na candidatura dele contra o Hermes não há dúvida que foi a fraude eleitoral. Naquele tempo, o regime eleitoral era o mais vicioso possível. Havia as eleições... eu tive mesmo a oportunidade de ver numa seção [inaudível] votar a descoberto. A descoberto era a pessoa declarar que votava naquele candidato. Na apuração da seção se vota a descoberto. O sistema eleitoral era esse. Nos estados, os governadores eram favoráveis. Só o governador de São Paulo não era favorável. De modo que ele foi vítima desse regime eleitoral. Mas acho que o povo brasileiro na verdade o elegeu contra o Hermes da Fonseca.

Entrevistadora: E o senhor acha que ele eleito presidente da República haveria, teria havido na história do Brasil alguma mudança nesse cenário político que a gente está acompanhando?

Lima Sobrinho: Acredito que sim. Porque ele tinha ideias liberais e não tinha nenhum receio de executá-las. De modo que seria uma fase favorável para o Brasil. Você vê, as coisas dele foram em função das ideias que ele teve, mesmo na questão do nacionalismo. Todos os aspectos da vida dele, eu creio que ele não falharia a uma pregação cuja sua essencialidade se demonstra através da sua continuidade em toda a vida de Rui Barbosa.

Entrevistadora: E o senhor teve oportunidade de ver, de assistir algum discurso dele?

Lima Sobrinho: Só esse da associação comercial.

Entrevistadora: E como era assim o discurso dele? Como ele falava ao público?

Lima Sobrinho: Ele falava sobriamente, não é? Agora pronunciando de tal maneira as palavras, com tanta nitidez, que num salão amplo, sem microfone, que naquele tempo não existia, todos ouviam o discurso dele. Pela maneira que ele sabia articular bem as palavras, porque certamente o êxito maior está na articulação das palavras. Muitos oradores falam sem articular as palavras. Os atores, por exemplo nos teatros, conhecem mais essa regra de dicção e é por isso que podem ser atores, porque se não conhecessem essa regra de dicção muita gente deixaria de frequentar o teatro. Assim, Rui Barbosa conhecia essas regras e praticava com um rigor e uma exatidão que não eram muito frequentes. O velho Barbosa também tinha essa mesma tendência, uma voz apropriada, uma voz nítida e clara. Os taquígrafos diziam que era muito fácil apanhar os discursos dele porque todas as palavras eram ditas devagar, com lentidão, mas com uma precisão admirável sílaba por sílaba.

Entrevistadora: Nós sempre ficamos curiosos lá no setor pelo vocabulário que Rui usava. A gente sabe que aquela época era uso no jornalismo, né, aquele vocabulário. Mas, o grande público, quer dizer, as pessoas comuns do povo, nesses discursos ou mesmo ao ler algum artigo, elas compreendiam na sua totalidade ou apreciavam apenas pelo belo? Por que ele falava bonito?

Lima Sobrinho: Eu acho que para muita gente eles achavam bonito. [risos] Achavam bonito e apreciavam sobretudo. Agora [inaudível] que tinha aquele vocabulário do Rui Barbosa [inaudível]. Não seria um demagogo propriamente. Ele já exigia um auditório de nível intelectual superior, mas através desse grupo que o aplaudia isso se irradiava e conquistava outras camadas de modo que de certa maneira ele não deixou de ser um líder popular durante muito tempo, tanto que, as campanhas que fez... agora, quando ele morreu, o enterro dele foi um enterro oficial. Eu já tive a oportunidade... nesse tempo, eu colaborava no *Correio do Povo* e tive a oportunidade de escrever um artigo até sobre a impopularidade dele. Porque tinha havido aquelas campanhas todas. A campanha da [inaudível], naquela ocasião a figura popular era Nilo Peçanha. O confronto entre o enterro do Rui Barbosa e o enterro do Nilo Peçanha, que foi pouco depois, dá a medida exata da popularidade de um e de outro. O Rui, o enterro dele não foi popular. A figura dele não era popular naquele momento porque tinha nas atitudes que ele havia tomado, havia de certa maneira contrariado a opinião

tendente com a opinião pública. Na verdade, ele estava mais segregado e já não estava mais em contato com a opinião pública. Também isso podia justificar. Já o Nilo Peçanha, o enterro dele... foi um enterro extraordinário com um comparecimento enorme, enquanto no de Rui só compareciam as pessoas que eram convidadas. Um epílogo, eu digo triste porque afinal de contas ele cumpria com o seu dever até o fim. E esse negócio de aplauso popular é uma coisa secundária. Eu acho que a pessoa tem que ter mais em conta o aplauso da consciência do que o aplauso popular.

Entrevistadora: Dr. Barbosa Lima, se Rui estivesse vivo participando hoje da elaboração da constituição o senhor acha que ele faria parte da ala progressista? [risos]

Lima Sobrinho: Creio que sim. Basta pensar nos discursos dele. É que vocês não estão bem presentes com a ideia da *Oração ao moços*. Se vocês quiserem eu vou buscar lá.

Entrevistadora: Eu tenho.

Lima Sobrinho: Tem bem presente? Aquilo justificava todas essas medidas que o centrão combateu, não é? Ele estaria contra o centrão, porque a pregação dele era exatamente nesse sentido. Contra o centrão, ele estaria no grupo progressista.

Entrevistadora: Dr. Barbosa, atualmente quais são as suas atividades, além de presidente da Associação Brasileira de Imprensa?

Lima Sobrinho: A principal atividade realmente são os artigos do *Jornal do Brasil*, porque os artigos dependem desses estudos que eu faço e vou editando durante alguns dias da semana. De modo que em grande parte está nesses artigos. A Associação Brasileira de Imprensa me toma muito tempo, porque eu vou todos os dias. Todos os dias eu vou. Saio de casa umas duas horas, duas e pouco, fico lá até as seis horas. À noite já não trabalho mais. Não tenho tendência a trabalhar à noite a não ser numa coisa excepcional. Agora a nossa Associação Brasileira de Imprensa, eu tenho também uma... vamos dizer que ela me toma muito tempo, porque eu tenho defendido lá uma tese, usando uma fase de Terencio. Terencio dizia que interessava a ele tudo o que fosse humano, que interessasse a humanidade. Eu digo que a Associação de Imprensa se interessa por tudo que interessa ao povo brasileiro. Tanto que nós fizemos lá a campanha do Petróleo é Nosso,⁴⁴ agora. Essa campanha do Petróleo é Nosso, eu

⁴⁴ Para maiores informações, vide “a história da campanha O Petróleo é Nosso”, disponível em: <<https://jornalgnn.com.br/noticia/a-historia-da-campanha-o-petroleo-e-nosso/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

fui duas vezes a Brasília para defender as teses da Petrobrás que estão batendo contra o contrato de risco. Duas vezes a Brasília falando numa comissão particular primeiro, comissão de [inaudível], e depois no próprio plenário, combatendo o contrato de risco e defendendo o monopólio da Petrobras. E todas as segundas feiras, nós tínhamos uma reunião em que estavam presentes representantes de cerca de mais de 50 sindicatos de todo o Brasil, com os elementos, naturalmente, da Petrobras. E escrevi um livro sobre também uma análise sobre a pessoa jurídica e defendi na comissão Afonso Arinos as teses desse livro que distinguiu a sociedade estrangeira da sociedade nacional. Nesse livro, aliás, eu mostro como a Esso, por exemplo, se considera uma sociedade brasileira com quase 100% de capital estrangeiro. De modo que na comissão Afonso Arinos, nós defendemos que só se poderia considerar nacional ou brasileira a sociedade que tivesse a maioria do capital e centro de decisão aqui no Brasil e dominasse de certa maneira grande parte da tecnologia, mas sobretudo o centro de decisões aqui no Brasil, e o capital, porque o capital é decisivo. O próprio Wilson reconhecia isso nos Estados Unidos, porque as sociedades obedecem ao capital com que se formaram as sociedades. De modo que não se pode pensar que uma sociedade formada de capitais estrangeiros, só porque se funda no Brasil tem interesses... elas vêm explorar o Brasil. Tirar proveito do Brasil, mas não servir ao Brasil. Está sempre com o centro de decisões fora procurar servir os interesses deles, não lutam exatamente para reduzir os preços das matérias primas que o Brasil fornece. Muitas vezes eu tive oportunidade de dizer nessas campanhas que nós temos travados que o essencial não é a ajuda, não é o auxílio. O essencial é o preço, porque na campanha que se faz fora para reduzir o preço da matéria prima é que está exatamente o ponto fundamental da opressão aos interesses econômicos do Brasil. Então devem existir preços justos para a mercadoria brasileira. Não essa prática internacional que abaixa o preço da mercadoria até o ponto que elas tenham menos [inaudível] por ao país. É a relação comercial que domina o mundo com prejuízo para todos esses países considerados subdesenvolvidos. A questão fundamental é o preço.

Entrevistadora: Olha! A gente lê, quando o Rui Barbosa quando se coloca como jornalista, ele diz que a imprensa deve ser os olhos da nação, não é? E por causa disso, nós sabemos todas as pressões que ele sofreu. O senhor acredita que agora com a nova constituição, com essa roupagem nova de leis, o jornal, o jornalista será exatamente isso as vistas da nação?

Lima Sobrinho: Eu, nesse ponto, eu coloco o povo acima dos jornais.

Eu acho que a opinião pública se forma através de elementos que estão na consciência da própria população. Então o exemplo imediato disso foi quando chegou a vez, por exemplo, das Diretas Já,⁴⁵ praticamente todos os jornais eram contra. Não havia nenhum jornal que fosse a favor. Entretanto formou-se a opinião pública a favor das Diretas Já. De tal maneira que foi impossível deixar de caminhar no sentido das Diretas Já. Essa consciência popular que se forma em cada um dos indivíduos, que compõem o povo, acredito que está acima da própria atividade da imprensa. Agora é preciso também verificar que os jornais, por mais opressores que sejam, a essas tendências populares, acabam tendo brechas pelas quais se podem verificar qual é a tendência da opinião do povo. Por exemplo, registrando os debates parlamentares. Basta isso. Registrando atividades dos sindicatos, que se forma a opinião de um ou de outro. Às vezes uma pequena carta, um pequeno texto escrito na seção de cartas dos jornais, tem mais efeito na opinião pública do que os artigos escritos pelo jornal. De modo que essas janelas abertas propriamente à opinião pública é que de certa maneira permitem corrigir os interesses a que toda a imprensa está sujeita [inaudível]... de outra maneira ela não poderia sobreviver, além desses recursos. Agora naturalmente que a tornar-se...

Maria José Barbosa Lima: Vim apenas cumprimentá-las, porque tenho que sair. Prazer em vê-las.

Entrevistadora: Prazer é nosso.

Lima Sobrinho: Mas esse é um ponto que nós defendemos sempre, porque vocês podem verificar por isso. Quando vocês leem o jornal, o que que incluem a opinião de vocês. Agora generalizem isso para todo o público, verifiquem cada cidadão que lê o jornal. Os jornais aliás não vão à totalidade do povo. A circulação é restrita. Exatamente no Brasil, nós talvez sejamos um dos últimos países em matéria de presença e expansão dos jornais. Não muito atrás quando a gente se compara com a União Soviética e se compara com o Japão. Estamos sempre na frente na lista [inaudível] maior circulação de jornais. O Japão, por exemplo, tem jornais com 12 milhões de circulação. Na União Soviética, um jornal do sindicato, se tiver 18 milhões e lá há o jornal oficial do partido que tira

⁴⁵ Para maiores informações, vide “Diretas Já”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-tematico/diretas-ja>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

mais de dez milhões de exemplares. Aqui no Brasil, o jornal que tira 300 mil exemplares é uma raridade. Isso só existe assim aos domingos. Fora disso temos que pensar no dia que não tem nenhuma opinião formal e os outros jornais são de circulação pequena. O total da circulação no Brasil talvez não chegue a um milhão por dia. Todos os jornais de todo o Brasil chegam a um milhão ou um pouco acima de um milhão.

Entrevistadora: Qual o poder de influência de um escrito na população brasileira sendo que ele não tem uma circulação tão grande? Um alcance tão grande quanto a televisão?

Lima Sobrinho: A televisão se limita a registrar apenas um fato, não é? Mas não chega a ter comentários maiores. Agora a influência está na correspondência que possa ter essa opinião do jornal e a opinião do leitor. O leitor tem um sentimento muito mais vivo em relação aos problemas brasileiros do que o próprio jornal acredita. Pode-se verificar isso. *O Globo* mesmo tem uma grande circulação. *O Globo* defendia as ideias do centrão. Agora a opinião pública no Brasil não é a favor... contra o centrão. Quer dizer, *O Globo* não conseguiu modificar a opinião pública. Por que não consegue modificar a opinião pública? Porque cada cidadão tem a sua ideia a respeito dos acontecimentos nacionais. Talvez seja uma confiança excessiva, mas eu estou convencido disso através da própria experiência quando a gente verifica que os jornais não influem nessas grandes...

Entrevistadora: Como é que a ABI, Associação Brasileira de Imprensa, ela passou por todo esse período de repressão política, de campanhas? Como é que ela conseguiu sobreviver durante esse tempo?

Lima Sobrinho: Com grandes riscos, grandes perigos e ameaças para muitas pessoas que estavam dentro da ABI. Basta dizer que nós sofremos uma bomba de dinamite que explodiu e uma outra que foi depositada lá e que por sorte foi desativada. Eu próprio ouvi do Comando de Caça aos Comunistas⁴⁶ uma comunicação de que havia uma bomba no prédio⁴⁷ da ABI que ia estourar as cinco horas da tarde. Às cinco horas que foi a hora marcada para a explosão da bomba na ordem. E a ordem também

⁴⁶ Para maiores informações, vide “Comando de Caça aos Comunistas – CCC”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comando-de-caca-aos-comunistas-ccc>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁴⁷ O evento foi publicado no *Jornal do Brasil* do dia 31 de março de 1980 na reportagem intitulada “ABI é evacuada após telefonema ameaçador”. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=bomba%20na%20abi&pagfis=4437>. Acesso em: 15 ago. 2020.

mandada... vai embora disfarçadamente. Eles não mandaram diretamente para a ABI, mandaram para a SUNAB que trabalha no mesmo prédio da ABI, no 8º andar. Mas estourando no prédio da ABI satisfazia...

[Fim da gravação]

PARTE 3

Lima Sobrinho: A ABI nunca deixou de reclamar, de protestar, de agir mesmo em defesa dos jornalistas, mas nem sempre era possível, [inaudível] que levavam os homens para o quartel da barão de Mesquita.

Entrevistadora: [inaudível]

Lima Sobrinho: No velório do Herzog.⁴⁸ O presidente nessa ocasião era o [inaudível]. Eu era do Conselho Administrativo, que é um órgão supremo. A ABI de uma certa maneira vivia no regime parlamentar porque o poder supremo na ABI é o conselho, formado em 45 pessoas eleitas e anualmente o conselho se renova e ele tem 45 jornalistas que [inaudível]. Porque se o conselho não tiver confiança na diretoria, a diretoria tem que sair. E no caso do Herzog, por exemplo, nós resolvemos promover uma missa em homenagem à memória do Herzog como meio de reunir os jornalistas em torno de um ato religioso, mas aconteceu que nenhuma igreja se dispôs a rezar a missa, então transferiu-se isso para uma sessão cívica à porta do ABI e essa sessão se realizou. Uma coisa surpreendente – não houve tempo e nem notícia em jornal nenhum – auditório cheio e não aparece nos jornais. Para vocês verem que os jornais não comandam tanto quanto se supõe o fato é que reunimos todos, o Prudente de Moraes na mesa, o presidente do sindicato dos jornalistas pediu a todos que pensassem na vida do Herzog, o que representara a vida dele [inaudível], os grandes sacrifícios que ele de certa maneira representava. O auditório todo se levantou perante os minutos que foram fixados, cinco ou dez minutos e eu nunca vi tanto silêncio. Silêncio total [inaudível] prestando homenagem. Aliás muita coisa disso está registrada em nosso boletim, naquele momento em que os jornais apareciam fatos... mas o nosso boletim registrava o que podia e como era de circulação discreta

⁴⁸ Para maiores informações, vide “Acervo Vladimir Herzog”, disponível em: <<https://www.acervovladimirherzog.org.br>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

a polícia até tolerava. Talvez até gostasse porque aquilo fornecia indícios. Mas, o fato é que cumprimos nossa tarefa. A anistia foi defendida nas assembleias da ABI desde 1965 e nós continuamos a defender sem nenhum momento falharmos nessa obrigação.

Entrevistadora: Essa vanguarda em termos políticos continua até hoje?

Lima Sobrinho: Continua e hoje até de certa maneira tem unanimidade porque nessa época de repressão havia um elemento que representava essas forças de direita e que tinha um auxílio total dos órgãos de repressão nome dele é... Lima. Organizava lá a oposição e ainda hoje tem mais de duzentos e poucos nas nossas eleições. Tanto que ainda hoje nós precisamos de um esforço enorme para superar a votação que ele consegue fazer, mas ele, para verificar como a ação dele era apoiado por essas forças, basta dizer que um jornal que ele publicava chamado *A Redação* estava sempre presente no DOPS e no Ministério da Justiça. Para conquistar prestígio junto aos associados, ele dispunha de lanchas da marinha para organizar passeios pela baía da Guanabara e muita gente achava que aquilo era uma maravilha porque era um benefício que se fazia aos sócios da ABI. Nunca admitimos dispor de coisas dessa maneira. Ainda agora na concentração dos 80 anos da ABI, nós tivemos oferecimento de uma empresa de publicidade que se dispunha a dar toda a publicidade possível aos 80 anos da ABI, promovendo almoços, reuniões, tudo o que pudesse valer como comemoração, mas nós procuramos saber dessa agência quem financiava tudo isso e era a Atlantic. Diante disso, nós desistimos e comemoramos 80 anos com os nossos próprios recursos e inclusive com a presença do presidente da República que mandou um representante e dos governadores de Estado que também se fizeram, mandaram telegramas de apoio e sempre nós tivemos uma demonstração do prestígio real da ABI, apesar de todos fazerem justiça às posições que nós havíamos sempre tomado.

Entrevistadora: Dr. Barbosa, a história da ABI é mais de opressão ou de liberdade?

Lima Sobrinho: Mais liberdade. Nós temos um livro que vocês precisam conhecer, de Edmar Morel, que chama ABI – Trincheira da Liberdade. Mesmo no regime de Getúlio Vargas, ele procurava ter as melhores relações com a ABI, que ele mandou financiar e como [inaudível] estar na presidência visitava os jornalistas que estivessem presos, procurava dar uma assistência maior aos jornalistas ameaçados, protestava contra a lei da segurança. Na verdade, através da sua história, nós queremos dizer

que a ABI foi a trincheira da liberdade, o título do livro e lendo o livro você vai verificar como esses objetivos tem sido alcançado.

Entrevistadora: E hoje? Como o senhor considera hoje a situação do jornalismo no Brasil? É de liberdade?

Lima Sobrinho: Liberdade de imprensa, se pode dizer o que quiser. O que faz falta é existirem jornais característicos como existiu no período de cinquenta e poucos até 65. Existia um semanário de Edwaldo Costa defendendo as teses nacionalistas, não tinha um anúncio e no cabeçalho dizia “um jornal que vale por um livro”. Mas todos os nacionalistas do Brasil expunham as suas teses nesse jornal que circulava por todas as pessoas que fossem assinantes porque também apoiavam as causas nacionalistas que faz falta é esses jornais. Porque a liberdade de imprensa não se caracteriza apenas pela presença dos grandes jornais e sim por estar presente a imprensa alternativa que é aquela que defende objetivos próprios, como a *Voz da Unidade*,⁴⁹ que é um jornal comunista que circula todas as semanas e a gente pode ler as teses que o comunismo defende. É preciso ler os jornais da imprensa alternativa e também os outros que por serem maiores e serem empresas precisam do apoio de capitais.

Entrevistadora: E jornais como *A Última Hora*, que acabou, jornais populares com tiragens imensas...

Lima Sobrinho: Ressurgiu agora, está sendo publicado novamente.

Entrevistadora: Mas o mesmo alcance, como *A Última Hora*, teve em alguns momentos da vida dele?

Lima Sobrinho: *A Última Hora*, o Samuel Wainer fundou e talvez não fosse tão veemente. Com o Ari Carvalho que é o editor [inaudível]. Mas, agora, como havia interesses de profissionais de imprensa houve quem comprasse o título *A Última Hora* e ele continuou saindo. Agora não é mais... nem tem mais um programa amplo no sentido de defesa de todas as teses nacionais, porque para defender todas as teses nacionais é preciso não defender [inaudível]. Por isso é que a imprensa alternativa é muito mais eficiente do que está presa aos interesses de capitais.

Entrevistadora: O senhor teve oportunidade de ler Samuel Wainer em *Minha razão de viver*?

Lima Sobrinho: Tantos problemas nessa fase que não pude ainda ler.

⁴⁹ Para maiores informações, vide “Voz da Unidade”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/voz-da-unidade>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Entrevistadora: Como o senhor vê a ética dentro do jornalismo?

Lima Sobrinho: O Samuel Wainer representa uma fase em que ele tinha apoio do estado pelas subvenções que ele fazia através do Banco do Brasil, de modo que a função dele foi facilitada. Toda vez que o BB puder apoiar uma causa nacional não tenha dúvida que essa causa terá maior projeção e conquistará as pessoas mais... [inaudível]

Entrevistadora: Bom, nós agradecemos demais a sua atenção e colocamos à sua disposição os serviços da Fundação e muito obrigada.

Lima Sobrinho: [inaudível] Tem sido assinalada mais por atitudes nacionalistas. Eu tenho em relação [inaudível] uma monografia nunca publicada em livro [inaudível]. Depois, em relação à Light, eu tenho [inaudível]. Máquinas para transformar cruzeiros em dólares, depois tenho uma colaboração *Introdução à remessa de lucros*, publicada por uns estudantes; e a biografia de Alberto Torres, que certamente procurou trazer no período de Castelo Branco, uma voz nacionalista na defesa desses interesses. E tem também um trabalho que é uma síntese que eu gostaria de desenvolver sobre a história do nacionalismo no Brasil publicado nesses cadernos do povo da civilização brasileira, e tem também Japão... que demonstra que o Japão se desenvolveu com capital japonês e não estrangeiro, e tem também estudos nacionalistas baseados em conferência feita na Universidade de Juiz de Fora em que eu mostrava que todos os países têm capital próprio.

Entrevistadora: E o senhor tem ideia de escrever mais um trabalho?

Lima Sobrinho: Se pudesse e tivesse tempo, gostaria de desenvolver a história do nacionalismo no Brasil. Porque o nacionalismo surge sempre de um antagonismo de interesses nacionais com estrangeiros. Houve uma fase em que os nossos interesses se opuseram aos interesses... é a fase e exatamente do antagonismo contra o holandês que se fez sentir na Batalha dos Guararapes que a meu ver e o ponto de partida do nacionalismo brasileiro. O nacionalismo anti-italiano em São Paulo, nacionalismo anti-Estados Unidos atualmente como haverá no futuro o nacionalismo antijaponês.

Entrevistadora: Com Vargas.

Lima Sobrinho: O nacionalismo de Vargas começou com a siderurgia, com a Vale do Rio Doce, Petrobras e a Eletrobrás e os discursos que ele fez na sua última campanha, em 50 e 51 são discursos sobre como o capital estrangeiro que apoiava o Brasil se ajeita de tal maneira que em dois ou três anos os investimentos estavam recuperados e continuava

a remessa de lucro... de modo que acho que a missão de Vargas me faz hoje mais otimista do que eu era, eu tinha algumas restrições mais hoje quando examino a obra dele acho-a verdadeiramente nacionalista.

[Fim da gravação]

Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira
(Irmã Ana de Lourdes)
(depoimento, 1994)

PEREIRA, Lucila Maria Rui Barbosa Batista. *Lucila Maria Rui Barbosa
Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes).*
(depoimento, 1994). Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome das entrevistadas: Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes)

Local da entrevista: Teresópolis/RJ, Convento das Carmelitas

Data da entrevista: 23 de agosto de 1994

Duração¹: 1h 36min 11s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores²: Lídia Cordeiro de Oliveira e Cláudia Barbosa Reis

Descritores/Assunto: comunismo, indústria, encilhamento, questão social – favelas, linguagem, popularidade, presidente Collor, histórias em quadrinhos, cozinha, fogão, refeitório, fogareiro, bengala, baixela, jardim e infância, cortiços, estábulos, comércio, pão, animais da casa, iluminação, *nurses*, netos, câmara escura, praia, *guignol*, empregados, pintura pompeiana, varanda da sala Bahia, toldo, casa da rua Raimundo Correia. Presidente Washington Luís, Argentina, indumentária, major Aguiar, relacionamento de Rui com crianças, Baby, Ford bigode, viaturas, Revolta do Forte de Copacabana, casa de Friburgo, estado de sítio, senado, garagem, rio Banana Podre, Miguel Calmon, compra da casa, leilão, presidente de Portugal, enchentes, Tobias Monteiro.

Biografia³:

(n. 16/04/1914 – f. [?])

Neta de Rui Barbosa e Maria Augusta.

Filha de Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira e Antônio Batista Pereira.

Médica e irmã de caridade, com o nome de Ana de Lourdes.

¹ A entrevista está dividida em duas partes com 47min 35s e 47min 36s, respectivamente. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² É possível perceber uma voz feminina não identificada que não corresponde às entrevistadoras já citadas nem à entrevistada.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE 1

Entrevistadora: Irmã Ana de Lourdes.

Ana: Era tão pouco conhecido porque se fazem silêncio em torno dele e eu acho que vários fatores contribuíram para isso. E um deles é a mudança da mentalidade e... vovô foi muito anticomunista, muito antiesquerdista e eu mesma, inclusive na televisão, naquelas aulas que eles dão de história do Brasil, como se faz uma verdadeira conspiração de silêncio em torno do nome dele. O nome dele não é nem sequer citado. Então eu acho que um dos fatores é esse: a orientação política dele. Bom, o outro evidentemente é a linguagem dele, que não corresponde à da época. É uma linguagem muito mais trabalhada, muito mais, ah... feita por quem conhecia a língua profundamente e não uma linguagem popular e, hoje em dia, a tendência é linguagem popular. Mas há um trabalho de sapa⁴ em torno da memória dele. Isso não há dúvida nenhuma. E um trabalho que foi feito aqui por mim e há um outro trabalho feito aqui também neste número,⁵ é para mostrar como ele é atual como... chama-se “Rui e a questão social”, porque eu focalizei justamente dois pontos: a questão da casa dos operários, que é uma questão que hoje está afogando o Rio com as favelas e que ele tratou em 1892, com aquele parecer. E o outro foi... o outro ponto foi a questão... da questão... da questão social

⁴ Segundo o dicionário Priberam, sapa pode significar atuação oculta e artilosa com o propósito de minar, de fazer frustrar empreendimento de outrem. Consultado em: <<https://dicionario.priberam.org/sapa>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

⁵ Refere-se ao texto “Rui Barbosa e a questão social”, publicado na *Revista dos Advogados Brasileiros* (Ano VII/ nº 41 – dez. 1973).

propriamente dita, em todos os aspectos na plataforma de 1919. E, aqui, neste volume da *Revista dos Advogados*, há um artigo sobre Rui como um industrialista brasileiro. Eu tenho um livro lá em cima que se chama *Três industrialistas brasileiros*⁶ – não sei se vocês conhecem – Rui, Mauá e Roberto Simonsen, mostrando como os três foram precursores do industrialismo no Brasil. Isso é completamente apagado na figura dele. Não se fala disso.

Entrevistadora: É, realmente!

Ana: É um aspecto que é completamente desconhecido e apagado, e que para as gerações atuais seria realmente um ponto de interesse e valorização. Eles apresentam vovô só como um homem que fala difícil e que fala muito e, pra juventude de hoje, que simplifica as coisas, realmente então ele não tem significado nenhum.

Entrevistadora: Então ele foi precursor do industrialismo? Mas qual o trabalho dele que mostra mais disso?

Ana: Primeiro, quando ele foi ministro do Governo Provisório. Ele tentou inclusive fazer um Banco Central, tentou... [Corte na gravação]. É justamente uma injustiça porque o encilhamento⁷ começou no Império. Começou no tempo do visconde de Ouro Preto e depois quem continuou foi o barão de Lucena. Porque vovô queria que as importações todas vissem com lastro, que houvesse lastro, ouro, no Brasil e o barão de Lucena acabou com isso. E o encilhamento então correu.

Entrevistadora: Perdeu o controle.

Ana: Perdeu o controle. Agora, ele tinha muitos inimigos e, naturalmente, o encilhamento foi dado como sendo ele o pai do encilhamento.

Entrevistadora: Mas isso está em tudo que é livro de história.

Ana: Mas eu sei disso, o encilhamento eu estudei. Ele começou com o visconde de Ouro Preto e acabou com o barão de Lucena, que foi o sucessor dele. Agora, ele procurou dar um incentivo às indústrias todas e criar uma classe média industrial, com várias medidas econômicas. Isso é um trabalho grande que eu não posso dar a vocês aqui.

Entrevistadora: A gente vai anotar os dados, provavelmente...

⁶ LIMA, Heitor Ferreira. *Três industrialistas brasileiros: Mauá, Rui Barbosa e Simonsen*. S.l.: Alfa-Omega, 1976.

⁷ Para maiores informações, vide “História – Encilhamento: crise financeira e República”, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2490:catid=28&Itemid=23>.

Ana: Eu só tenho... lá na Casa Rui existe isso. Eu não tenho esse, só tenho esse outro que posso dar a vocês.

Entrevistadora: A gente toma nota do, do...

Ana: E agora outro livro muito bom é esse: *Três industrialistas brasileiros*, que é Mauá, Rui e Simonsen. Ele mostra... analisa toda a parte econômica da obra de vovô.

Entrevistadora: Tem muitas coisas que Rui disse que é muito atual, não é?

Ana: A parte da questão social⁸ para vocês verem... eu posso mostrar a vocês só a parte de... dos assuntos para vocês verem como ele foi atual. [Corte na gravação] Prático. Nós não teríamos os problemas das favelas, não é? Nós temos o problema das favelas porque isso não foi feito, se nós tivéssemos ainda hoje esse plano que é estender a cidade e dar uma extensão plana e dar meios de comunicação baratos e rápidos, nós não teríamos as favelas.

Entrevistadora: Seria um planejamento urbano.

Ana: Planejamento urbano, feito nesse parecer, né? Ele inclusive se bate pela conservação de áreas verdes. Ninguém falava em ecologia. Ele se bate pela conservação de áreas verdes imprescindível nas cidades grandes. Ele fala de trabalho de menores, horas de trabalho, trabalho da mulher, trabalho e sexo, igualdade da mulher, higiene, acidente de trabalho, exclusão do trabalho agrícola no Brasil.

Entrevistadora: Isso foi quando?

Ana: Em 1919.

Entrevistadora: Na campanha presidencial?⁹

Ana: É. O seguro operário, extinção dos armazéns e vendas operárias, existiam em todas as fazendas.

Entrevistadora: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora. O Rui Barbosa, a senhora disse que ele tinha uma linguagem muito culta. Até

⁸ A questão social esteve presente na plataforma da campanha presidencial de Rui Barbosa em 1919. São pontos de apoio: construção de casas para operários; proteção ao trabalho de menores; limitação das jornadas, em especial do trabalho noturno; igualdade salarial para ambos os sexos; amparo à mãe operária e à gestante; licença maternidade; indenização para acidentes de trabalho; legalização do trabalho agrícola e seguro previdenciário. Consultado em: <<http://www.projeto memoria.art.br/RuiBarbosa/periodo4/lamina30/index.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

⁹ BARBOSA, Rui. *Campanha presidencial*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Vol. XLVL, 1919. Tomo I e II. (Obras completas de Rui Barbosa). Disponível em: <[http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XLVI%20\(1919\)\Tomo%20I&pesq=&pagfis=34192](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XLVI%20(1919)\Tomo%20I&pesq=&pagfis=34192)>.

para a época ele usava essa linguagem normalmente, mas nas campanhas ele usava essa linguagem? Nos comícios?

Ana: Não, não usava nos comícios. Nas *Obras completas* dele isso existe, então os inimigos dele pegaram por aí. Ele tem, por exemplo, páginas como o “Estouro da Boiada”, de Campinas, que são páginas da *Antologia*, que são para todo mundo entender, mas isso nem sequer é citado. Eu ouvi hoje uma aula sobre Brasil, falou sobre literatura brasileira, literatura da República Velha. Eles citam Monteiro Lobato,¹⁰ e... quem mais... Monteiro Lobato... não citam até o... outros... são três que eles citam. Eu sei que citam três pouco assim conhecidos. Mas citam, por exemplo, Aluísio Azevedo,¹¹ que é um bem moderno, bem atual. Não citam como um autor da época.

Entrevistadora: A aula que a senhora escutou foi aonde?

Ana: Na televisão, eu ouço pra ver o que está fazendo. Eles davam três, um deles eu lembro bem que era o Monteiro Lobato. Como eu conhecia bem o Monteiro Lobato eu gravei, os outros dois eu não gravei, mas eram...

Entrevistadora: Sem expressão?

Ana: De menor expressão. Mas a figura de vovô, na República Velha, não é nem sequer citada.

Entrevistadora: É, né? Mas nos livros, na República Velha, ele é citado.

Ana: É, mas nas aulas de educação não.

Entrevistadora: No convívio que a gente tem com o público – nós somos do museu – me diz o contrário, até que Rui Barbosa é uma figura bastante popular.

Ana: Olha, eu tenho experiência de ouvir perguntar. Gente... cultura... deveriam ter uma certa cultura. Um formado em filosofia, me apresentaram. “Fulano de tal, acabou de se formar em filosofia”. Eu disse: “Muito prazer”. Então a pessoa disse: “É neta de Rui Barbosa”. Ele fez uma cara meio estranha e eu disse: “Sabe quem é Rui Barbosa?” Ele disse: “É... um poeta!” Eu disse: “Não, um poeta propriamente não. Ele na mocidade cometeu uns pecados de poesia, mas ele escreveu em prosas”. E o filósofo me disse: “Prosa, o que é prosa?”

Entrevistadora: Aí, nossa! Qual a faculdade? Qual a faculdade que ele se formou?

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Monteiro Lobato”, disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa59/monteiro-lobato>>.

¹¹ Para maiores informações, vide “Aluísio de Azevedo”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/aluísio-azevedo/biografia>>.

Entrevistadora: Aí a gente está discutindo outro assunto! [risos] Que horror!

Ana: Sim, senhora!

Entrevistadora: É porque eu sinto inclusive a Rejane...¹² a senhora conhece a Rejane, do setor ruiano? Ela que fez este livro¹³ (levamos o livro da Rejane para presentear-la). Ela comenta que esses episódios recentes dele, da coisa das eleições diretas e também o *impeachment* do Collor, elas foram muito procuradas por políticos que ligavam de Brasília querendo frases de Rui, porque queriam fazer citações do Rui nos discursos do Senado, no Congresso. Ela me citou isso. Quer dizer, pode ser até que estejam revivendo alguma coisa...

Ana: Nesse tempo todo que eu vejo televisão, eu vi citarem vovô uma vez em história para uma novela... a artista diz: “Estou dando uma aula. A história em quadrinhos é muito válido e é tão válido que até Rui Barbosa lia o *Tico-tico*”. Naquele tempo era a revista em quadrinhos da época.

Entrevistadora: Foi a única vez que a senhora...

Ana: A Eva Vilma até quem citou.

Entrevistadora: Irmã, a gente trouxe aqui...

Ana: O que que vocês trouxeram?

Entrevistadora: [risos] Várias fotografias para a senhora identificar...

Entrevistadora: Se a senhora souber.

Ana: Se eu conseguir!

Entrevistadora: Se conseguir e algumas perguntas também.

Entrevistadora: Acho que você poderia explicar para ela o que a gente está empenhada basicamente...

Ana: O que vocês estão empenhadas?

Entrevistadora: O quê?

Entrevistadora: A história da apresentação do museu...

Ana: Vocês não querem um cafezinho, não?

Entrevistadora: Agora, nesse momento, eu não quero não. Mais tarde. Obrigada.

Entrevistadora: A gente está querendo fazer uma apresentação, por ideia até da Lúgia, do museu com uma abordagem mais familiar, baseado nesses

¹² Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães foi funcionária da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹³ *Rui Barbosa na Vila Maria* Augusta. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_RejaneMagalhaes_RuiBarbosa_na_VilaMariaAugusta.pdf>.

depoimentos da família. Né? Então, a gente está querendo tirar dúvidas para não passar, quer dizer, o museu é a casa dele, então passar o máximo possível aspectos verdadeiros da vida da família na casa. Então nós temos algumas dúvidas do depoimento da d. Baby, da senhora, da d. Estela e de outros familiares. Aí, a gente queria também dissipar essas dúvidas, esclarecer e também as fotos que a Lídia trouxe, que a gente talvez...

Ana: A vida em São Clemente era uma vida muito familiar no sentido de que a constelação familiar era grande. O número de pessoas que frequentava a casa era bastante grande, porque não só os filhos como os netos, também os primos, os parentes todos frequentavam muito. E havia os amigos que estão até citados neste livro. Falta um aqui o desembargador...

Entrevistadora: Desembargador Palma.

Ana: O Palma não está e não está o Rubens...

Entrevistadora: Tavares, o major Aguiar,¹⁴ mais importante, não é?

Ana: O major Aguiar não está! Rubens Tavares também não está.

Entrevistadora: Imbassahy, também. Não é?

Ana: Ia muito lá. Quase que diariamente.

Entrevistadora: Eu peguei o depoimento todo da d. Baby,¹⁵ até os que a senhora deu com a d. Estela,¹⁶ para tentar esclarecer, porque algumas coisas, na gravação inclusive, não ficam muito claras. Entendeu? Agora, uma dúvida que partiu também lendo este livro aqui, que a Claudia que lembrou, é se o Rui Barbosa usava bengala¹⁷ frequentemente? A senhora lembra disso?

Ana: Não. Muito frequente não. Naquele tempo, em geral, os homens usavam bengala. A maioria dos homens usavam bengala. Até eu me lembro que o meu irmão, pequeno, menor do que eu, ganhou uma bengalinha e aquilo era uma imitação. [risos] Vovô sempre andava de bengala, não. Por exemplo, quando passeava pelo jardim... passeava muito no jardim de manhã junto com vovó.

Entrevistadora: É capaz de ser a senhora nesta foto?

¹⁴ Major Carlos Nunes Aguiar, falecido em outubro de 1930. Ele, Carlos Viana Bandeira e Antônio Barroso Fernandes presentearam Rui com o Landau. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=59&ID_M=97>. Acesso em: 20 fev. 2020.

¹⁵ Depoimento de Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra (d. Baby) em 10 de abril de 1975 para o projeto Memória de Rui da FCRB.

¹⁶ Depoimento de Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes) e Estela Batista Pereira em 25 de junho de 1985 para o projeto Memória de Rui da FCRB.

¹⁷ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Ana: Nós costumávamos depois do chá – vovó tomava chá na biblioteca, chá com torradas – e nós íamos fazer a ronda no jardim.

Entrevistadora: E essa foto? É a senhora por acaso?

Ana: Sou eu.

Entrevistadora: Isso aí estava bom de ir para ilustração.

Ana: Sou eu.

Entrevistadora: Porque eu achei tão linda essa foto.

Ana: Sou eu sim.

Entrevistadora: Outra foto no jardim: d. Maria Augusta, Rui Barbosa e irmã Ana.

Entrevistadora: A foto dos meus 20 anos.

Ana: Isso.

Entrevistadora: Deu para conviver bastante.

Ana: Convivi muito.

Entrevistadora: Outra curiosidade que eu tenho é em relação ao monta-carga na cozinha.

Ana: O que?

Entrevistadora: Monta-carga.¹⁸ Aquele elevadorzinho. No depoimento de d. Baby, ela diz que era para subir e descer comida pro refeitório. Porque ela diz também que tinha uma caixa de lenha, junto ao monta-carga, ali ao lado dos tanques. Aquilo era para subir lenha?

Ana: Não, não. Nós chamávamos aquilo de elevador. Aquele elevadorzinho era só para ir a comida para os empregados que estavam embaixo. Os empregados tinham uma sala de almoço e de jantar...

Entrevistadora: Uma parte do tempo, não é? Porque houve época que o refeitório foi lá em cima do lado da cozinha, segundo a d. Baby. E, depois, passou a ser embaixo.

Ana: Isso eu não lembro. Eu me lembro do refeitório sempre embaixo.

Entrevistadora: Embaixo. Faz de conta que a gente está no refeitório, então tinha um buraco no teto...

Ana: É, saía da cozinha.

Entrevistadora: Não tinha uma engrenagem, nadinha. Era só simplesmente uma coisa suspensa por uma corda que descia e subia?

Ana: Olha, devia ter ah...

Entrevistadora: Uma roldana? Alguma coisa assim?

¹⁸ Há na cozinha do Museu Casa de Rui Barbosa uma placa em metal, no local onde havia o “elevador monta carga” citado.

Ana: Uma roldana, uma coisa que fazia...

Entrevistadora: Manivela...

Ana: Manivela subia e descia. Isso eu me lembro muito bem, que a comida deles ia lá para baixo.

Entrevistadora: E como a lenha subia então? Pela escada? Carregava a lenha.

Entrevistadora: A gente achou que também se colocaria a lenha ali.

Ana: Eu acho que não. Primeiro misturava a comida e depois era muito fraco.

Entrevistadora: Ah!! Uma coisa frágil, né?

Ana: Era frágil para o peso. Havia uma bomba d'água...¹⁹

Entrevistadora: Isso está lá ainda.

Ana: Onde tio João perdeu o dedo e um tanque²⁰ de lavar roupa muito grande.

Entrevistadora: São dois tanques, não é?

Entrevistadora: Outra coisa que talvez a senhora lembre. Aquela pia²¹ cônica, que ficava na cozinha. Aquilo era exatamente pra quê?

Entrevistadora: Uma pia de metal, assim afunilada.

Ana: Ah! Isso eu não me lembro!

Entrevistadora: Ela ficava em um cantinho. Tem as pias grandes com água quente e fria, e no cantinho...

Ana: Eu não me lembro bem, porque criança não andava muito na cozinha.

Entrevistadora: D. Baby diz que aquilo era para depenar aves e limpar peixes.

Ana: Ah, então devia ser isso.

Entrevistadora: Mas depois ela diz que as aves eram limpas nos tanques em uma pia que tinha ali fora, perto dos tanques, uma pia ali. Entendeu? Então a gente ficou na dúvida.

Ana: Eu acho que quando havia quantidade, quando havia muita gente...

Entrevistadora: Ela dividia.

Ana: ... em casa, eles deviam repartir, fazer uma parte lá e uma parte na cozinha. Eu me lembro que a baixela da cozinha uma época foi de cobre e depois entrou...

¹⁹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²¹ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Nós temos lá agora de níquel,²² que até está exposta.

Ana: ... de níquel; mas a de cobre existiu. Isto eu me lembro. Era muito bonita.

Entrevistadora: Depois foi considerada não adequada para cozinhar e a de níquel foi depois também, sabia? Num almanaque de 1938, que eu tenho, que diz que o níquel não era próprio para cozinhar. Por que... hoje em dia que se fala isso do alumínio?

Entrevistadora: Fala-se do alumínio. Fala-se que não deve raspar a colher na panela de alumínio.

Entrevistadora: Outra coisa d. Ana. A senhora sabe se o quiosque,²³ quando Rui Barbosa comprou a casa, se o quiosque já estava ali?

Ana: Já estava.

Entrevistadora: Já estava, né. E o parreiral?

Ana: Ah! O parreiral também estava.

Entrevistadora: O parreiral faz parte da escritura.

Ana: O parreiral já estava lá.

Entrevistadora: Então d. Baby se equivocou, porque ela diz que Rui Barbosa mandou construir o parreiral e a gente tem, na escritura, que o parreiral já estava na casa.

Ana: Não, o parreiral já estava. Havia uma alguma coisa que não existe mais. Atualmente duas coisas que não existem mais. Uma era o pica-deiro dos animais.

Entrevistadora: Ah, que interessante!

Ana: Ali onde... existe uma casa onde se faz fotografia, onde entreguei a tal fotografia.

Entrevistadora: Microfilmagem.

Entrevistadora: Ah, foi ali que a senhora entregou, pensamos que foi no arquivo. Uma foto do seu pai,²⁴ dele vestido com uma farda de diplomata de Haia, da comissão... da delegação...

Entrevistadora: Eles devem ter passado adiante, porque eles não têm arquivo ali. Devem ter mandado...

Ana: Eles disseram que eles iriam copiar.

²² Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁴ A fotografia rb-rbic 477.jpg, intitulada de “Antônio Batista Pereira”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Entrevistadora: Ah! A senhora entregou para ser copiada? Tem muito tempo, Irmã?

Ana: Ah, faz uns 10 anos.

Entrevistadora: Nossa!

Entrevistadora: Era a única foto que ela tinha do pai dela?

Ana: Assim vestido, só.

Entrevistadora: Tem que procurar no arquivo. Provavelmente foi para o arquivo.

Ana: Mas, onde existe a casa, existia uma estufa muito bonita, de avencas, de orquídeas e coisa assim. E ao lado havia o picadeiro dos animais, porque eu ainda andei em carro de cavalo. Porque quando veio o rei Alberto da Bélgica,²⁵ nós fomos à praça Mauá para ver a chegada dele e nós fomos no Landau,²⁶ naquele aberto. Onde cabia perfeitamente um bocado de cavalos. E eu fiquei desapontadíssima porque eu esperava encontrar um rei de coroa, de manto e tudo. E pensei: “Como? Que rei é esse? Cadê a coroa?”

Entrevistadora: [risos] Que decepção!

Ana: Que decepção! E aqueles carros todos lá havia os animais que eram soltos no picadeiro.

Entrevistadora: E o que é picadeiro?

Ana: Picadeiro é um lugar, cercado com cerca viva, onde você solta os animais para eles poderem correr e ficarem à vontade.

Entrevistadora: Então era muito grande assim? Isso seria onde está o prédio agora? Aquele prédio 7?

Ana: Não. Aqui está a estufa...

Entrevistadora: Que é hoje o laboratório.

Ana: Agora, quase pegada a estufa começava o picadeiro.

Entrevistadora: Mais para o lado do quarto de fogo, ou mais para o lado do prédio novo?

Ana: Do lado do prédio novo.

Entrevistadora: Onde tinha o pomar também, não é?

Ana: Tinha o pomar e ali havia também algumas... uma horta com algumas plantações de coisas de horta. Uns canteiros.

²⁵ Para maiores informações, vide “A viagem dos reis da Bélgica ao Brasil sob as lentes de Guilherme Santos”, disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=5950>>.

²⁶ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Quer dizer, isso tudo seria nesse pedaço que hoje é o prédio – tem um pátio bem grande atrás do prédio, até a rua Assunção.

Ana: Até a rua Assunção. Nós éramos proibidos de subir no muro, porque a gente podia subir às vezes no muro. Criança quando não tem gente perto...

Entrevistadora: Apronta.

Ana: Apronta, então a gente subia no muro para conversar com os moleques de lá e era um perigo. Eles diziam que não pode brincar com os moleques porque vocês podem pegar piolho. [risos] Naquele tempo se tinha um cuidado muito grande com o piolho, depois durante 60 anos eu não ouvi falar em piolhos. E agora que apareceu. Então, o muro ia até a rua Assunção...

Entrevistadora: E tinha portão de fundos?

Ana: Tinha portão de fundos.

Entrevistadora: Eu lembrei agora da casa da minha bisavó que tinha.

Entrevistadora: E que tipo de moradia da rua Assunção? Já era bem diferente, então? Eram pessoas mais pobres?

Ana: Não, ali acho que tinha classe média e classe pobre, porque não havia no Rio, naquele tempo, favela. O que havia era cortiço. Isso eu me lembro bem, porque eu frequentei muito cortiço com tia Baby. Nós íamos aos domingos aos cortiços...

Entrevistadora: Humaitá, não é?

Ana: Humaitá, principalmente. Levar comida e remédio para eles. Agora, havia – como é que se diz – as vilas. As vilas eram pequenas ruas. Isso que havia...

Entrevistadora: Chama de avenida também.

Ana: Avenida.

Entrevistadora: A senhora lembra na rua Dezenove de Fevereiro de um estábulo que tinha ali?

Ana: Não.

Entrevistadora: A gente tem um depoimento...²⁷ foram duas meninas que dizem que tinha um estábulo ali. Elas forneciam... o pai tinha um estábulo, não é. Que eles forneciam leite, inclusive ela acha, que talvez também para o Rui Barbosa. Que eles tinham em um livro, era a família

²⁷ Refere-se ao depoimento de Odete Parreira Lucena Reis e Lídia Parreira Loureiro registrado para o projeto Memória de Rui, no dia 13 de agosto de 1985. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

do Artur Bernardes,²⁸ do Miguel Couto,²⁹ tudo que moravam ali em Botafogo. A senhora não lembra disso não?

Ana: Isso não.

Entrevistadora: Eles vendiam o leite. Era quase em frente.

Ana: Eu lembro bem dos peixeiros. Os peixeiros que vinham com a vara e duas cestas: com peixe e com gelo para cima. E lembro dos vendedores de laranja... “Olha a laranja lima, olha a boa tangerina...” Eles cantavam assim.

Entrevistadora: Eles vendiam na porta?

Ana: Eles vinham em casa, na porta.

Entrevistadora: E os criados iam na porta, compravam o que abastecia a casa?

Ana: Eles vinham e entravam...

Entrevistadora: Que interessante!

Entrevistadora: E pão? Pão era feito em casa?

Ana: Pão? Algum pão era feito em casa, mas todo pão que se comia, eu acho que, era comprado no parque ou na padaria.

Entrevistadora: Tinha padaria já?

Ana: Tinha padaria sim.

Entrevistadora: Engraçado, eu imaginava que o pão era feito em casa. A gente fantasia algumas coisas...

Ana: Aquele forno, não sei se existe ainda...

Entrevistadora: Quarto do forno.

Ana: Naquele forno que existe lá nos fundos, lá se fazia... de vez em quando se fazia um pão especial, e se fazia um leitão ou uma coisa assim. E lá tinha o banheiro dos... dos jardineiros. O chuveiro dos jardineiros era lá. E tinha o lugar dos cães, os cães eram umas feras. Eram uns mastins, uma coisa horrorosa.

Entrevistadora: É, a d. Baby fala sobre isso. Agora, por que não tinha fogão a gás? Tinha fogão a gás? Porque na época que o Rui Barbosa comprou a casa, já existia fogão a gás.

Ana: Naquela época todo mundo geralmente usava fogão a lenha. Aliás, a comida feita em fogão à lenha é muito melhor. É muito mais gostosa.

²⁸ Para maiores informações, vide verbete “Artur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

²⁹ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Couto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-de-oliveira-couto>>.

Entrevistadora: É verdade! É mais lenta, mas é melhor. Então não tinha o fogão a gás junto com o a lenha?

Ana: Que eu me lembre não. Tinha um fogão a gás... tinha um fogareiro a gás naquele corredor que vai da cozinha para a copa.

Entrevistadora: O que a senhora chama de fogareiro?

Ana: Um fogãozinho.

Entrevistadora: No corredor?

Ana: Tinha uma perna e tinha um fogareiro, que quando vovô estava doente, aquele fogareiro ficava aceso a noite inteira.

Entrevistadora: Em frente à despensa?

Ana: Em frente à despensa. Fervendo as seringas de injeção. Aquilo se usava para...

Entrevistadora: Esterilizar, não é?

Ana: Esterilizar o material. E era a gás. E me lembro muito bem, era o gás acetileno. Quando faltava a luz, acendia-se aquela luz azul, acetileno. Era muito bonita, na casa toda.

Entrevistadora: Ah! Por isso que se conservou alguns bicos de gás.³⁰

Ana: A gente dizia: “Ih, meu Deus, vai faltar luz... isso é perigoso, acetileno”. Diziam: “Não, fiquem tranquilos porque a Light paga dez contos de réis por cada minuto que a luz está sem funcionar”.

Entrevistadora: Ela perde isso?

Ana: Paga como multa e dez contos de réis, naquele tempo, era dinheiro. E, real, a luz faltava muito pouco.

Entrevistadora: Por isso que conservaram os bicos de gás.

Ana: Os bicos de gás foram conservados, porque lá em cima, onde nós dormíamos, mamãe nos punha na cama depois ela ia ver cada bico de gás para ver se estavam bem fechado.

Entrevistadora: Isso no sobrado, depois de vocês maiorzinhos? Por que quando eram pequenos dormiam naquele quarto com as *nurses*?

Ana: Não, nós tínhamos o quarto perto da cozinha, com as *nurses* e tínhamos também os quartos de cima, porque éramos vários irmãos.

Entrevistadora: Eram quatro, não é?

Ana: Seis.

Entrevistadora: D. Maria Adélia teve seis crianças?³¹

³⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³¹ São eles: Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira (Delita), Rui Barbosa Batista Pereira, Estela Maria Rui Barbosa Batista Pereira, Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã

Ana: Seis. A minha avó paterna... quando meu irmão foi para São Paulo... mamãe cada vez que tinha um filho, ficava para morrer... ela pegou meu irmão mais velho. Apossou-se do meu irmão mais velho, o Rui.

Entrevistadora: Sua avó paulista?

Ana: Paulista. Foi criado muito por ela.

Entrevistadora: Em São Paulo?

Ana: Em São Paulo, depois no Rio. Porque depois ela mudou-se para o Rio. Papai tinha uma chácara na Gávea, de modo que o Rui foi criado muito...

Entrevistadora: As netas é que ficavam mais... a senhora, a d. Estela...

Ana: O Antoninho não. E depois o Paulo nasceu e... nasceu em Petrópolis, ficou um tempo em São Clemente e depois quando o papai construiu a casa da Gávea, o clima da Gávea era melhor e ele ficou mais tempo na Gávea.

Entrevistadora: Com a avó?

Ana: Com a avó. Mas depois nos mudamos para a Gávea.

Entrevistadora: Aí depois todos foram para lá. Depois da morte do Rui.

Ana: Quer dizer, nos revezávamos junto à vovó Maria Augusta, principalmente a Delita e eu.

Entrevistadora: Mas a senhora é que ficou mais, não é?

Ana: Eu fiquei muito.

Entrevistadora: Agora, a senhora lembra quem é que ocupava o quarto onde é a sala de Haia, aquele primeiro quarto do corredor, antes de d. Baby vir do colégio?

Ana: Qual é esse?

Entrevistadora: Sala de Haia, sobre a escadinha, é o primeiro quarto...

Ana: Era o quarto de tia Baby.

Entrevistadora: Sim, mas d. Baby conta que aquele quarto foi dela depois que ela veio do colégio interno, porque antes o quarto era lá em cima com a babá. Depois, quando ela veio, ela ficou ocupando aquele quarto. Mas antes não sabe não?

Ana: Ah, antes eu não sei. Eu sei que ela... eu me lembro que tia Baby dormia naquele quarto. E onde tem agora a sala de entrada agora... onde a gente entra...

Entrevistadora: Ah! A portaria.

Ana: Ali havia um quarto de empregada e um banheiro. Havia mais um banheiro na portaria. Porque os banheiros eram três.

Entrevistadora: Mas, ela fala também que ali era câmara escura, que tinha um quarto que funcionava para revelar fotografias. Ela e o irmão.

Ana: Tio João.

Entrevistadora: É.

Ana: Devia ser. Isso eu não sei. Essa parte... eu lembro bem era...

Entrevistadora: Do quarto de empregada.

Ana: Do quarto de empregada e do banheiro.

Entrevistadora: A senhora não sabe que tipo de empregado? Se era jardineiro, motorista...

Ana: Não, era empregada da tia Baby.

Entrevistadora: Ah! Era empregado de dentro da casa.

Ana: Empregada de dentro da casa. Empregados homens, não. O Antonio, por exemplo...

Entrevistadora: Morava numa avenida?

Ana: Morava numa vila e os jardineiros não moravam lá. Havia um guarda para noite, um vigia. Soltavam os cachorros.

Entrevistadora: Só depois do último chegar, segundo d. Baby. [risos]

Ana: Do último chegar, mas houve um primo que quase morreu, porque quase os cachorros...

Entrevistadora: Quase acabaram com ele. Ele chegou mais tarde...

Ana: Ele pulou o muro.

Entrevistadora: Ai meu Deus do céu!!

Entrevistadora: A d. Baby, ela fala dos empregados, diz assim: “as babás das crianças Batista Pereira, que era *miss Santos*...” A senhora lembra dela?

Ana: *Miss Santos*?

Entrevistadora: É e fala da Germana que era a única empregada negra da casa.

Ana: *Miss Santos*, não. Era *miss Anny Jered*... Anny Jered. J-E...

Entrevistadora: G-E-R-E-D?

Ana: Não, J-E-R-E-D.

Entrevistadora: Jered. Anny Jered.

Ana: Anny Jered, era inglesa e ela foi babá da Mountbatten, de *lady* Mountbatten da Edwina.³² Ela tinha os retratos das crianças que tinha criado e um dele era a Edwina Mountbatten, que era a Edwina Ashley, que era neta de *lord Ashley* e depois casou-se com Armand Mountbatten

³² Para maiores informações, vide “Mountbatten, Edwina Ashley (1901–1960)”, disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/women/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/mountbatten-edwina-ashley-1901-1960>>.

e foi a última vice-rainha da Índia. Morreu e a Índia mandou navios de guerra... ela pediu para as cinzas serem jogadas na Jutlândia,³³ mandou os navios de guerra comboiarem. Essa Edwina foi criada por ela.

Entrevistadora: Pela mesma que foi babá de vocês?

Entrevistadora: Foi babá de vocês todos?

Ana: Pela mesma. Ela veio pro Brasil, não sei dizer se com o Ramalho Ortigão³⁴ ou com o conde de Sabugosa.³⁵ Ela esteve na casa dos dois, conde de Sabugosa e do Ramalho Ortigão, e depois veio para nós.

Entrevistadora: Era idosa, Irmã?

Ana: Não, era linda. Moça. Linda. Esteve na Rússia. Ela foi babá do Kolchak,³⁶ aquele Almirante Branco. Era a Miss e a Germana que era preta. Não é?

Entrevistadora: A Germana era babá de quem?

Ana: A Germana era uma espécie de babá de todas as crianças. Olhava as crianças.

Entrevistadora: A babá geral. [risos]

Ana: A Miss era minha e do Antoninho.

Entrevistadora: Que eram os caçulas?

Ana: Éramos caçulas nessa época. Ensinava inglês a Delita também, e Estela. Quando Miss saiu, até os 5 anos, eu só falava inglês.

Entrevistadora: É mesmo!

Entrevistadora: Quem?

Ana: Eu!

Entrevistadora: Isso que eu ia perguntar. Como a babá se entendia com as crianças?

Ana: Só falava em inglês. Quando a babá foi embora eu me recusei a falar inglês e esqueci o inglês. Quando fui reaprender o inglês, sofri como um cão.

Entrevistadora: Que coisa! Foi um trauma.

Ana: Foi trauma tremendo. Hoje eu falo muito melhor francês que inglês.

³³ A Jutlândia é uma península da Dinamarca e o extremo norte da Alemanha.

³⁴ Para maiores informações, vide “Ramalho Ortigão” disponível em: <https://www.ebiografia.com/ramalho_ortigao/>.

³⁵ Para maiores informações, vide “Sabugosa”, disponível em: <<http://www.arqnet.pt/dicionario/sabugosa9c.html>>.

³⁶ Para maiores informações, vide “Almirante Kolchak: patriota russo ou agente da inteligência britânica?”, disponível em: <<https://br.rbth.com/historia/79540-almirante-kolchak-patriota-russo-agente-inteligencia-britanica>>.

Entrevistadora: As mães ficavam afinal de contas com as filhas... os filhos eventualmente então. As babás é que tomavam conta?

Ana: Não, mamãe olhava muito pela gente, porque mamãe era uma pessoa muito cuidadosa. Vê se...

Entrevistadora: Faltava alguma coisa?

Ana: Faltava alguma coisa, enfim. Mas não era possível estar com todos ao mesmo tempo. Agora, a Miss, nós chamávamos ela de *nurse*. *Nurse* ficava com a gente o tempo todo. Eu me lembro, a gente acordava de manhã, punha no peniquinho e tinha que fazer o seu dever. Ela dizia: “*Make your duty!*” Então a gente não saía enquanto não tivesse se...

Entrevistadora: Livrado do que estava demais!

Ana: Aí a gente ia tomar banho, se vestir, fazer cachos. Meu irmão... tinha cachos. Depois nós íamos andar a pé. Nós íamos de São Clemente até a rua Oswaldo Cruz. Um em cada mão dela. E lá tinha um *guignol*.³⁷ Nós víamos o *guignol*. e voltávamos. Tinha o Pavilhão de Regatas onde, às vezes, a gente tomava...

Entrevistadora: Sorvete?

Ana: Limonada. Sorvete era mais caro.

Entrevistadora: Talvez porque a água poderia ser suja...

Ana: Não, porque o sorvete era mais caro. Naquele tempo não havia geladeira. O sorvete era feito em casa.

Entrevistadora: Mas, eu li um depoimento que dizia que os pais não deixavam as crianças tomarem sorvete, não sei qual foi, porque a água podia não ser limpa. Não sei se foi essas meninas da Dezenove de Fevereiro. Não sei.

Ana: Mas a Miss, ah... depois ela foi para São Paulo. Ela criou o Zé Bonifácio Coutinho Nogueira³⁸ e o Paulo Nogueira, e morreu com mais de 80 anos.

Entrevistadora: Aqui no Brasil?

³⁷ “A origem da palavra *guignol* é o personagem central de um tipo de teatro de bonecos de luva, de feição popular e satírica, apresentado em largos e cafés, desenvolvido em Lyon, no final do século XVIII, por um tecelão de seda desempregado, Laurent Mourguet. O sucesso alcançado em suas apresentações fez com que o nome se confundisse com o do teatro de bonecos francês e viesse a denominar o próprio castelete – caixa cênica enfeitada para apresentação de teatro de bonecos – onde se realizam os espetáculos”. Consultado em PESSOA, Ana. O teatro de bonecos na belle-époque carioca. In: *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. v.1, n.03, 2007, pp 193-206. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/issue/view/630/showToc>. Acesso em: 26 jun. 2020.

³⁸ Para maiores informações, vide verbete “José Bonifácio Coutinho Nogueira”, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nogueira-jose-bonifacio-coutinho>.

Ana: Em São Paulo. Eu fui ao chá dos 80 anos dela. Estávamos os quatrocentões, todos de São Paulo lá, homenageando a Miss, porque ela virou uma pessoa da família.

Entrevistadora: D. Baby fala de outros empregados. Ela fala de um espanhol, os empregados da cozinha. Um espanhol chamado Benito, que era epilético; um mulato forte chamado Sérgio; e a cozinheira, que ficou mais tempo, chamada Maria.

Ana: Isso eu não me lembro não. Eu lembro depois da Maria cozinheira. Era muito branca, muito boa.

Entrevistadora: A caseira? Maria Caseira?

Ana: Tinha Maria cozinheira e Maria, de vovó Maria Augusta, Maria Ferreira.

Entrevistadora: A caseira devia ser também cozinheira. A mulher do...

Entrevistadora: Maria cozinheira então?

Ana: Maria cozinheira e Maria Ferreira.

Entrevistadora: A Maria Ferreira era aparentada com o Antônio Joaquim da Costa? Essa é uma dúvida que eu tinha. Com a família do Antônio Joaquim da Costa.

Ana: Não. Ela era de Trás dos Montes. Tinha um irmão padre. Ela era muito bem-educada. Falava um francês corrente. Porque ela tinha estado na casa dos Rocha Miranda, que falavam um francês corrente. E ela era até bonita, a Maria Ferreira, muito fina. Ela era o que se chamava naquele tempo uma *femme-de-chambre*³⁹ de vovó. Ela era exclusivamente empregada de vovó.

Entrevistadora: Ela cuidava de tudo que fosse de d. Maria Augusta – roupa, serviços...

Ana: Tudo. Vestia, penteava, todas as coisas de vovó e olhavam um pouco as coisas. Uma vez me puseram de castigo. A Miss me pôs de castigo e ela chamou a vovó. Porque Miss me pôs de castigo dentro do armário. [risos]

Entrevistadora: Que horror!

Entrevistadora: Botou mesmo? Trancada?

Ana: Fechada no armário. Mas eu adorava a Miss.

Entrevistadora: Mesmo assim! [risos]

Ana: A Maria Ferreira, a Maria cozinheira... e tinha a Emília.

Entrevistadora: Emília que bebia? Não né? Era uma enfezada, bem zangada.

Ana: A Emília era zangada, cabelo puxado para trás assim e ela olhava todos os empregados e todas as crianças. Então, Emília punha os olhos

³⁹ Camareira.

na gente quando queria fugir para subir na parreira, para fazer... ela estava sempre com o olho na gente.

Entrevistadora: E a senhora lembra de uma babá que veio da Inglaterra e que bebia muito?

Entrevistadora: Essa é anterior, porque ela foi babá da Baby.

Entrevistadora: Pois é, mas escutar falar?

Ana: Não!

Entrevistadora: Uma que era casada com dois policiais viúvos?

Ana: Dessa eu não me lembro!

Entrevistadora: Essa foi babá da d. Baby.

Entrevistadora: E outra coisa: a pintura... aquela pintura pompeiana foi realmente escolhida por Rui Barbosa ou já estava na casa?

Entrevistadora: A pintura da sala com a varanda.

Entrevistadora: É, igual à da varanda também?

Ana: Eu me lembro daquilo já na casa.

Entrevistadora: No tempo que a senhora morou lá, havia pintura ou havia papel de parede cobrindo a pintura?

Ana: Não [inaudível]. E havia iluminação indireta também.

Entrevistadora: Pois é, não tem luz no teto. A gente descobriu, quer dizer, quando da última reforma da casa, na sala Bahia, vestígios também de pintura, não de estilo pompeano,⁴⁰ mas de estilo italiano – flores e frutos.

Ana: Olha, o que eu tive muita pena foi o jardim. Eu propus a Américo de recompor o jardim, porque o jardim era a minha especialidade. E eu conhecia árvore por árvore. Sabia onde estava cada árvore.

Entrevistadora: Pelo que a senhora conta, está totalmente diferente. Não é?

Ana: Totalmente diferente. O Américo disse: “Ah, mas as crianças estragam”. Eu digo: “Ah, mas isso é modo de educar. Ah, Américo, você deixa arrebentarem com a águia. Chegaram a arrebentarem a águia”.⁴¹ No jardim havia duas estátuas, quando se entra no portão assim. Havia duas estátuas que foram vendidas em leilão.

Entrevistadora: Como eram essas estátuas?

Ana: Eram duas mulheres

Entrevistadora: De metal?

⁴⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴¹ A fotografia 1.00016.03.jpg, intitulada “Escultura da águia”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

Ana: De metal.

Entrevistadora: Porque nós temos duas estátuas lá de metal. São mulheres.

Ana: Onde elas estão?

Entrevistadora: Elas estão lá na casa.

Ana: Mas, não estão no lugar.

Entrevistadora: A gente não sabia de onde elas eram. A senhora está falando isso pela primeira vez.

Ana: No jardim, na entrada.

Entrevistadora: No portão principal?

Ana: No portão principal, deve haver dois quadradinhos.

Entrevistadora: Não, não tem mais esses quadradinhos. Eles ficavam bem depois do portão ou no portão?

Ana: Não, depois do portão. Entre o arco e o portão.

Entrevistadora: Mais ou menos no meio? Mais para o portão? Mais para o arco?

Ana: Não, aquela distância... havia o canteiro. Não é?

Entrevistadora: Onde tem a estátua do Rui?

Ana: Não, do outro lado.

Entrevistadora: Ah tá! Naquele que tem o lago?

Entrevistadora: Canteiro do lado direito da entrada.

Entrevistadora: Ah tá! O canteiro do lado direito que ficava para o muro.

Ana: Olha é do lado aqui do lago... você andava o quê? Uma distância de...

Entrevistadora: Uns dez passos.

Ana: Menos. Metade dessa distância estava a primeira estátua.

Entrevistadora: Um metro e meio mais ou menos.

Ana: Depois... mais ou menos a um metro e meio do fim do canteiro, tinha outra estátua. E aconteceu uma coisa interessante é que... houve um começo de curto-circuito numa dessas estátuas e o *chauffeur*, o Luciano, quando entrou, viu fogo ali. Então ele meteu a mão e arrancou toda a coisa elétrica que tinha ali.

Entrevistadora: Nossa, tomou um choque!

Ana: Mas ele arrancou. Foi justamente quando houve um incêndio na casa de uma amiga nossa, de uma Castro Barbosa e então nós ficamos muito alarmados com isso. E o Luciano tirou... ali era para ter...

Entrevistadora: Já tinha havido um incêndio e então ficaram alarmados com medo que houvesse outro incêndio?

Ana: É, houve esse curto-circuito lá, ficou todo mundo alarmado... mandaram revisar a eletricidade tudo isso...

Entrevistadora: Irmã, olha só! Quer dizer que a entrada tinha aqui essa estátua assim e há outra um pouco depois, na mesma direção. Mas ali tem um lampadário. Ela é perto do lampadário?

Entrevistadora: Esses lampadários não existiam.

Entrevistadora: Tem dois lampadários com umas cabeças de bode.

Ana: Não existiam lampadários.

Entrevistadora: Só as duas estátuas.

Entrevistadora: Mas as estátuas também eram iluminação?

Ana: É iluminação.

Entrevistadora: São duas mulheres, mas elas são diferentes. Elas não são idênticas.

Ana: Não.

Entrevistadora: Uma é diferente da outra.

Ana: Tinha uma coisa de louça ali.

Entrevistadora: Poxa, que interessante! Está vendo? Agora tem esse lampadário que não sabemos quando foi posto lá. A gente não tem registro.

Ana: O jardim poderia ser tão bonito.

[Fim da gravação]

PARTE 2 (INÍCIO DO LADO B, NÃO FOI GRAVADO)

Entrevistadora: Um toldo protegendo aquela varanda da sala Bahia, aquela varanda sobre a pintura pompeiana, também?

Entrevistadora: Da sala de almoço.

Ana: Havia assim... havia assim...

Entrevistadora: Da sala de jantar...

Ana: Havia sim, mas agora não estou...

Entrevistadora: A gente chama de toldo, mas na verdade seria uma cortina do tipo *bandeau*.

Ana: Não, não era um toldo não. Eram pequenos toldos.

Entrevistadora: Eram vários, um do lado do outro. Feito cortina de bonde?

Ana: Era mais ou menos.

Entrevistadora: De rolo, como a gente chama agora? Ela descia assim...

Ana: Havia ali umas... não me lembro.

Entrevistadora: Qualquer coisa para proteger da luz do sol.

Entrevistadora: A senhora não lembra assim qual era a cor?

Ana: Não.

Entrevistadora: Porque a gente está querendo refazer para proteger.

Ana: Eu me lembro de uma cor meio alaranjada e meio cinza.

Entrevistadora: Listrada?

Ana: Listrada.

Entrevistadora: Isso mesmo, a foto que eu vi era listrada. Era uma coisa listrada. Quer dizer, a foto era preto e branca, não é?

Entrevistadora: Outra coisa irmã Ana. A senhora diz que d. Maria Augusta, quando saiu da São Clemente, que ela foi para a rua Hilário de Gouveia, 88, mas a d. Baby diz que foi para a Raimundo Correia.

Ana: Não, na Raimundo Correia foi em 1929.

Entrevistadora: Ah, meu Deus! Então a foto...

Ana: Então, ela estava com a memória ruim quando disse isso, porque vovó foi para a Raimundo Correia, 88, e lá ficou até comprar a casa de Raimundo Correia. Porque a casa da Raimundo Correia era comprada. Foi comprada, Raimundo Correia, 77.

Entrevistadora: A Hilário de Gouveia era alugada?

Ana: Era alugada e era uma casa que vovó gostou muito. Entrou, tinha um jardinzinho na frente...

Entrevistador: Tinha um portãozinho de madeira? Tem uma foto dela na frente de um portão de madeira que parece uma porteira assim.

Ana: Esse é Raimundo Correia. Tem uma foto dela com o dr. Washington Luís⁴² também. A Estela⁴³ deve ter.

Entrevistadora: Então essa eu não conheço não.

Ana: Então era a Raimundo Correia. Mas, lá havia um pequeno jardim, na entrada, com banco. Depois havia uma entrada pelo lado. Havia duas salas que se comunicavam. Havia um quarto de dormir embaixo, com banheiro. Havia copa-cozinha, quarto de empregado e havia do lado uma varanda assim... coberta, onde, às vezes, a gente almoçava antes de ir pro colégio. No fundo do quintal havia uma figueira enorme, linda. E vovó entrou lá, olhou a casa, e disse assim: “Como é bonitinha a minha casa!”. A vovó nunca se queixou de sair de São Clemente. Nunca ela se queixou.

Entrevistadora: Nunca lamentou!

Ana: Um otimismo! Entrou na casa e disse: “Como é bonitinho... como está bonitinha...”

⁴² Para maiores informações, vide “Washington Luís”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/washington_luis>.

⁴³ Refere-se a Estela Maria Rui Barbosa Batista Pereira.

Entrevistadora: Aceitou completamente.

Ana: Agora, quando fazia um dia de tempo bonito, ela dizia: “quero ver a minha casa!”. Aí ela ia a São Clemente...

Entrevistadora: Por causa do jardim, não é?

Ana: Ia ver o jardim, ver a casa...

Entrevistador: Outra pergunta: se a senhora lembra do que veio da Argentina. A senhora disse que sentiu muito a ida de todo mundo para a Argentina. A senhora ficou na casa do...

Ana: Tio Carlitos.⁴⁴

Entrevistadora: É. Exato. A senhora lembra-se da bagagem que eles trouxeram? Porque lá consta de tapete, estofados, lustre.

Ana: A mobília... é aquela mobília lá da...

Entrevistadora: Da sala Federação. Aquele salão de festas.

Ana: Da frente...

Entrevistadora: Salão de festa, não é.

Ana: Salão de festas. Aquele salão no meio.

Entrevistadora: É isso.

Ana: Veio da Argentina.

Entrevistador: A senhora não lembra não né, da chegada do pessoal?

Ana: Não, eu me lembro que mamãe trouxe um edredom que era uma delícia [risos]. Sempre andava com o edredom de seda, lindíssimo. Era assim um verde musgo. Um edredom lindo. Mamãe não gostava da gente brincar com a farda de papai. Tinha um espadim, com copo... um espadim de madrepérola... era um espadim pequenininho. Os diplomatas usavam e os copos eram de marfim. Ah, nós queríamos! Marfim não!

Entrevistadora: Madrepérola.

Ana: Nós gostávamos de brincar com aquilo e com o chapéu⁴⁵ de dois bicos.

Entrevistadora: Vocês participaram de sarau? Quando tinha sarau, vocês ficavam espiando assim? Ou podia chegar e tal?

Ana: Não, a gente ficava vendo.

Entrevistadora: Podia participar, circular, botavam roupa nova? Essas coisas?

Ana: Ah, podia sim. A gente via tudo, participava.

Entrevistadora: Participava mesmo!

Ana: Bom, a gente não dançava naquele tempo.

⁴⁴ Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui.

⁴⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Eu sei, mas podia? Criança não era impedida de chegares recitais não? Não era festa de adulto?

Ana: A gente via tudo.

Entrevistador: Porque comer junto com os pais – almoçar e jantar – não era permitido às crianças, não?

Ana: Não, depois de certa idade, porque a gente comia mais cedo para deitar mais cedo. E a gente ia quando o vovô e todos os grandes estavam jantando – isso depois dos 8 anos, eu já comecei...

Entrevistadora: A frequentar a mesa grande!

Ana: Oito, nove anos eu comecei. Mas antes, nós íamos dar boa noite. Despedia e às vezes a gente conversava. Foi aí que, pela primeira vez, eu soube que havia na terra regiões onde o ano inteiro...

Entrevistadora: Era noite.

Ana: Havia gelo. Vovô então me contou... falou sobre os polos. Foi ele que me contou e também lá ele fez uma brincadeira com o major Aguiar.⁴⁶ Eu tinha decorado um livro de história, porque eu era muito vagabunda. Não queria saber de aprender a ler e quem lia para mim as histórias era a filha do Antonio, a Georgina.

Entrevistadora: Georgina era filha do Antonio.

Ana: Então Georgina lia para mim as histórias e eu ficava encantada. Ela lia uma história que começava assim: “Era uma vez um velho rei que tinha uma filha e uma sobrinha...” Eu sabia toda de cor. [risos] Então um dia vovô me chamou e eu fui lá dar boa noite. Ele disse: “Traga um livro!” Eu trouxe o livro. E para o major Aguiar: “Quer ver como esta menina lê?” Ele disse: “Leia!”. Eu peguei o livrinho e comecei a contar, virei a página. O major disse: “É!” Vovô virou-se para ele e disse: “Analfabeto!”.

Entrevistadora: Tudo decorado! [risos]

Ana: Tudo decorado. E eu comecei a aprender a ler com tia Baby e depois ela logo me pôs no colégio, porque desistiram. Porque eu não dava mesmo. Eu era vagabunda mesmo.

Entrevistadora: Não lia nem em inglês?

Ana: Eu esqueci o inglês completamente.

Entrevistadora: A senhora era a preferida de d. Baby? Porque a senhora cita muito o que ia com d. Baby lá...

Ana: É, porque mamãe esteve muito doente. Além do negócio dos filhos, mamãe teve uma úlcera varicosa, que ela teve que operar. Naquele

⁴⁶ Major Carlos Nunes Aguiar.

tempo! Operou em São Paulo em cima de uma mesa. E quando mamãe saía assim, como saiu para isso, eu fiquei com tia Baby.

Entrevistadora: Ela era solteira também?

Ana: Ela era solteira. E então... do que que nós estávamos falando?

Entrevistadora: Não, é que eu perguntei se a senhora era a preferida dela? A senhora disse que não, que de modo geral ela ficava com todos os sobrinhos.

Ana: Eu era muito de mexer em tudo. [risos]

Entrevistadora: Solicitava mais atenção!

Ana: Então, ela foi me ensinar a ler e mostrou as figuras do livro. Um tinha PA. Tinha uma pá e ela disse: “Olha a figura, como que faz PA?” Eu disse: “PÁ”. Depois: “E PE?”. Tinha um pé. Eu disse “pé”. [risos] Depois tinha uma senhora e um vento, as árvores retorcidas, o vestido dela todo pro lado e tinha uns grãos grandes assim. Ela disse: “E PO, como é que faz?” Eu olhei, olhei... “Olha a figura!” Eu tinha, naquela escada que desce da cozinha, tinha uma casa de marimbondos que eu mexia muito, eles faziam o canudo na casa, eu desmanchava. Então tia Baby disse: “PO, como é que faz? Olha a figura!” Eu disse: “PO é marimbondo!” Aí ela deu um pulo na cadeira, saiu às gargalhadas e disse para mamãe: “Põe no colégio!” [risos]

Entrevistadora: Desisto!

Ana: Aí eu fui pro Jacobina e num instante eu aprendi a ler. [risos] Cheguei no Jacobina com o apelido de Marimbondo. [risos]

Entrevistadora: Foi o que causou a ida para o colégio!

Entrevistadora: E a senhora fala também de uma rua que ia passar no jardim?

Ana: Passou.

Entrevistadora: E o jardim perdeu o terreno depois?

Ana: Passou. No tempo do Arthur Bernardes, a rua encostava na casa.

Entrevistadora: Do lado da Barão de Lucena?

Ana: Da Barão de Lucena. Porque ao lado da Casa havia o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, depois a casa do barão de Lucena.

Entrevistadora: Tinha um rio ali, por acaso?... tinha um rio ali?... ué!... essas duas, que moravam na Dezenove de Fevereiro, as duas disseram que tinha um rio ali, que era a casa do barão de Lucena, tinha a Nossa Senhora de Lourdes e que passava um rio ali.

Ana: Bem, que eu visse, eu nunca vi.

Entrevistadora: Não lembra, não é?

Ana: Não... que eu visse não tinha! E se visse só se era dentro do Nossa Senhora de Lourdes e a gente não via.

Entrevistadora: Pode ser que seja no terreno.

Entrevistadora: É, porque elas faziam aula de catecismo lá dentro do Nossa Senhora de Lourdes.

Ana: Então vai ver que era no Nossa Senhora de Lourdes...

Entrevistadora: E essa passagem da rua, a casa perdeu terreno?

Ana: A casa ficou encostada à rua. O muro...

Entrevistadora: Já era rua ali.

Ana: O muro já era a rua.

Entrevistadora: Porque a senhora cita que ele chegou a mexer no jardim, quer dizer...

Ana: Toda essa parte do jardim...⁴⁷

Entrevistadora: Ficou diferente, não é?

Ana: Do lado esquerdo, tudo desapareceu. Havia um fícus-benjamim, deitado assim, que era uma beleza! Foi pro chão.

Entrevistadora: Foi arrancado.

Entrevistadora: Que pena!

Ana: Tinha uma árvore de olho-de-boi-de-longana, enorme, linda. Foi pro chão!... foi tudo. Encostou... naquele lugar... aquele banheiro que...

Entrevistadora: O quiosque?⁴⁸

Ana: Que fica no meio do lago. O quiosque. Aquilo tudo... encostou naquilo...

Entrevistadora: Mas depois então o terreno foi recuperado?

Ana: Depois, o dr. Washington é que quando refez o museu mandou fechar a rua e o jardim foi feito mais ou menos.

Entrevistador: Eu sei, mas o terreno continuou tendo a mesma metragem? Ele não diminuiu.

Ana: Continuou tendo.

Entrevistadora: Interessante, eu pensei que tinha perdido terreno, mas não perdeu não.

Entrevistador: Então aquelas casas que têm ali na Bar... encostadas na Barão de Lucena foram construídas depois, porque aquilo ali é uma faixa.

Entrevistadora: Só tinha rua ali.

⁴⁷ Para maiores informações, vide “A reforma de 1930”, disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=306&ID_M=981>.

⁴⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: É... que mais que a gente ia perguntar? Ah, sim! A senhora diz que ia um monte de crianças pra escola num carro, num Ford bigode. E quem que dirigia esse carro?

Ana: Era o Aristides, um preto que nós tínhamos aqui.

Entrevistadora: Era o Aristides...

Entrevistador: O Luciano era motorista só de Rui Barbosa?

Ana: Só de vovô. Aristides parecia um macaquinho, mas era muito simpático.

Entrevistadora: Era divertida essa ida para a escola?

Ana: E a Leontina...

Entrevistadora: Empregada que ia junto!

Ana: Empregada nossa, dos Batista Pereira, para tomar conta das crianças. E depois iam amontoados: Delita,⁴⁹ Estela,⁵⁰ eu, depois Antoninho,⁵¹ às vezes, o Boy⁵² ia. Não era muito certo. Pegávamos na rua... – não sei se é a Senador Vergueiro –, Lurdinha⁵³ e Isinha,⁵⁴ então iam 7 ou 8.

Entrevistadora: Então ia entupido. Nossa Senhora!

Entrevistadora: Essas Lourdes e Isa são primas?

Ana: São primas mesmo.

Entrevistadora: Filhas da Francisca...

Ana: Filhas de tio Ruizinho, tio Alfredo.

Entrevistador: E Boy, quem é Boy?

Ana: Boy é o João, filho do tio João.

Entrevistadora: Ah tá!

Entrevistador: E esses carros, ficavam guardados aonde? Tanto carro assim.

Ana: Ah! Isso era um Ford bigode!

Entrevistadora: Mas, onde eles ficavam guardados? Porque tinha o Ford bigode do João, tinha esse, tinha o...

Entrevistadora: O Benz!⁵⁵

Entrevistadora: Tinha o Benz, tinha o...

Ana: O Ford bigode nosso ficava embaixo daquela coberta lá que tem...

Entrevistadora: Do arco? Porque eram cinco carros, não?

⁴⁹ Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira (Delita).

⁵⁰ Estela Maria Rui Barbosa Batista Pereira.

⁵¹ Antonio Batista Pereira Filho.

⁵² João Valentim Rui Barbosa (Boy).

⁵³ Maria de Lourdes Rui Barbosa Monte (Lurdinha).

⁵⁴ Maria Luisa Rui Barbosa Leite (Isinha).

⁵⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Ana: Tinha um Ford bigode, mas fechado...

Entrevistadora: Do João?

Ana: Não, era de tia Baby, da casa...

Entrevistadora: Da família, né?

Ana: Que no dia da Revolta⁵⁶ do Forte de Copacabana, foi o dia do casamento da Cordélia Castro Barbosa⁵⁷ e eu fui, porque eu fui levar as alianças.

Entrevistadora: Foi lá no Leme, né? Parece?

Ana: Foi na rua Barata Ribeiro, esquina de Raimundo Correia... Raimundo Correia não. Hilário de Gouveia. E então depois do casamento tinha uma... essa árvore que fica com as folhas vermelhas?

Entrevistadora: Flamboyant?

Ana: Não, não.

Entrevistadora: Amendoeira!

Ana: Amendoeira. Estávamos em uma amendoeira linda no fundo do quintal. Então nós subimos lá na amendoeira e ficamos brincando, mas de repente, nos chamaram. E era o noivo da Mariazinha, minha prima, que vinda de... naquele tempo os homens usavam capas espanholas.

Entrevistadora: É, a senhora falou aqui e eu fiquei imaginando ele chegando com a capa.

Ana: Uma capa espanhola assim dizendo: “Olha, revolução arrebentou! Vamos para casa! Ponham os noivos no carro”, então os dois foram no fordinho fechado e ele trouxe um táxi e nós fomos pra casa.

Entrevistadora: Você já pensou casar no dia da insurreição lá do forte de Copacabana?

Entrevistador: E aqueles banheiros, a d. Maria Augusta mandou construir ou já tinha na casa? Os banheiros da casa.

Ana: Ah! Isso eu não sei. O de vovó, eu acho que vovó deve ter sido mandado fazer. Não tenho certeza não. Agora, o outro, perto da copa, eu acho que já devia existir. Tinha cara de ter existido. E os empregados, eu sei que tinham três banheiros.

Entrevistadora: Lá embaixo também, né?

Ana: Qual é as fotografias que vocês querem que eu veja?

Entrevistadora: Eu vou mostrar à senhora. Tem um monte.

⁵⁶ Para maiores informações, vide “18 do Forte”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/18Forte>>.

⁵⁷ Segundo o periódico *O Paiz*, de 5 de julho de 1922, o casamento de Cordélia de Castro Barbosa com o dr. José Novaes de Souza Carvalho Netto ocorreu neste mesmo dia na residência da mãe da noiva, à rua Barata Ribeiro n. 299, em Copacabana.

Entrevistadora: É, se a senhora estiver cansada, fala, pelo amor de Deus!...

Ana: Não! Eu não estou cansada não. Eu só tenho que comer uma coisa.

Entrevistador: Esta é uma foto estranhíssima que a gente não tem a menor ideia! É a foto... ai meu Deus! Cadê o número da foto!... foto 2066.⁵⁸

Ana: Ah, mas não sei. major Frossard, Nova Friburgo. Essa é uma fotografia tirada em Friburgo. Não sei o que é isso...

Entrevistador: A família tinha casa em Friburgo, não é?

Ana: Vovô, às vezes, alugava.

Entrevistadora: Foi demolida?

Ana: Vovô de vez em quando alugava.

Entrevistadora: Ah! Não foi própria, não. Ele só alugou?

Entrevistadora: 1874

Ana: Essa é minha prima. Lourdinha, eu acho!

Entrevistadora: Filha do Alfredo! É a Lourdes? Filha do Alfredo.

Ana: Ou é a Isinha? Deixa eu ver se é a Isinha... acho que é a Isinha, sim. É a Isinha... é a Isinha, Maria Luísa.

Entrevistadora: Deixa eu ver qual é o número dela, por favor.

Entrevistadora: 1874.⁵⁹

Ana: É a Isinha, Maria Luísa.

Entrevistadora: Maria Luísa, filha do Alfredo.

Entrevistadora: Me dá aqui, que eu vou anotando. Vai passando as fotos.

Entrevistadora: Maria Luíza, filha do Alfredo. 1874.

[pausa]

Ana: Ah, este não é do meu tempo!

Entrevistadora: É, tem muitos que não são do seu tempo. Mas como a senhora disse que... dizia muita coisa assim. Eu disse: “Quem sabe, não é?” Isso aqui é se a senhora tem ideia de onde é esse lugar. Olha!

[pausa]

Ana: Não tenho ideia! Parece Petrópolis. Não tenho ideia!... essa... quem será?

⁵⁸ A fotografia rb-rbic 2066.jpg, intitulada “Retrato de jovem não identificada. Séc. XX”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁵⁹ A fotografia rb-rbic 1874.jpg, intitulada “Maria Luiz Rui Barbosa Leite, neta de Rui Barbosa”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Já viu essa foto?

Ana: Não sei.

Entrevistadora: Eu fiquei curiosa.

Ana: Não sei, infelizmente.

Entrevistadora: Deve ser o quarto azul...

Entrevistadora: Eu fiquei apaixonada...

Entrevistadora: Nunca tinha visto...

Entrevistadora: Parece a escarradeira.

Entrevistadora: Eu falei pro...

Entrevistadora: É a escarradeira.

Entrevistadora: É a escarradeira isso?

Entrevistadora: Com certeza.

Entrevistadora: Falei pro Zé Manoel e ele nunca tinha visto também.

Entrevistadora: Esse quarto, a senhora lembra aonde que é?

Ana: Ah! Esse quarto parece que é um quarto lá da... lá de... onde eu dormia com a Miss.

Entrevistadora: Esse quarto azul.

Ana: Esse quarto onde eu dormia...

Entrevistadora: Essa cama de quem seria?

Ana: Não sei, porque passava tantos hóspedes lá para casa.

Entrevistadora: Depois aquilo ficou um quarto de hóspedes, posteriormente, depois que as crianças...

Ana: Não, não...

Entrevistadora: Esse é o quarto, então, do corredor da copa?

Ana: Me parece, não tenho certeza.

Entrevistadora: Também me deu essa impressão.

Entrevistadora: De repente? Esse lugar aqui eu não sei... essa foto eu não peguei. Não sei se foi a Maria Alice que botou aqui dentro. Essa aqui também é bem antiga, mas quem sabe, né?

Ana: Ah, essa eu conheço: vovozinha Jacobina.

Entrevistadora: Famosa.

Entrevistadora: Qual o nome mesmo?

Ana: É Isabel Jacobina, vovozinha Jacobina. É a avó do Américo.

Entrevistadora: Eu sei. Nº 1540.⁶⁰

Entrevistadora: É melhor escrever...

⁶⁰ A fotografia rb-rbic 1540.jpg, intitulada “Isabel Jacobina Lacombe (Belinha)”, disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Ana: Isabel...

Entrevistadora: Escreve no papel

Ana: Isabel...

Entrevistadora: 1540

Ana: Isabel Jacobina. É a avó do Américo.

Entrevistadora: Tá!

Entrevistadora: Ah, que lindo!

Entrevistadora: E essa?

[pausa]

Ana: Não sei.

[pausa]

Entrevistadora: Essa aqui?

Ana: Essa aqui não me é estranha.

Entrevistadora: Uns óculos.

[pausa]

Ana: Essa não me é estranha, mas não sei quem é.

Entrevistadora: Deixa de lado então de repente... a coisa vem, né? À cabeça.

[pausa]

Ana: Ah! Isso aqui é o casamento de... de Sonia, minha prima.

Entrevistadora: Essa aqui que está escrito aqui casamento e não tem nem número.

Entrevistadora: Eu boto aqui. Pode deixar.

Ana: Sônia Rui Barbosa Leite com... casou-se com... com Ernani Garcia da Rosa.

Entrevistadora: Ernani Garcia da Rosa.

Ana: Hoje é viúva.

Entrevistadora: Ela é viúva? A senhora sabe onde foi? Onde é isso?

Entrevistadora: Outro prédio.

Ana: Eu não sei.

Entrevistador: Esse aqui é bem antigo.

Ana: Oh!!! Esse é do tempo do Império!

Entrevistadora: E esse aqui? É do tempo...

Ana: Hum, hum! Não estou reconhecendo ninguém... não estou reconhecendo ninguém, não.

Entrevistadora: Esse?

Ana: Também não. Isso é do tempo da vovó estudante.

Entrevistadora: Pois é, a gente imagina isso.

Ana: Esse aqui também.

Entrevistadora: [inaudível] deve ser coisa da Bahia.

Ana: São coisas da Bahia.

Entrevistadora: Esse aqui a gente sabe quem é, mas queria saber onde é isso. A senhora sabe se é uma foto de estúdio? Deve ser, não é?

Ana: Isso é foto de estúdio.

Entrevistadora: Esse é o Joãozinho, não é?

Ana: Esse é tio João.

Entrevistadora: Porque d. Baby disse que eles brincavam no lago.

Ana: Esse é o tio João.

Entrevistadora: É, esse é ele. Eu sei que é. E essa gracinha aqui quem é?

Ana: Não sei não. Tia Baby, a senhora reconhece ela?

Entrevistadora: Não é uma gracinha?

Voz feminina?: Não conheci essa daí não.

Entrevistadora: Essa aqui é... não conheceu essa não.

Ana: Essa aqui também não sei quem é.

Voz feminina?: Esse não.

Entrevistadora: Essa leva assim, que eu estou mostrando, ela não... acho que vai ser difícil saber algum.

Voz feminina?: Muito antigas.

Entrevistadora: Acho que às vezes enquanto ele era pequeno pode ter visto em algum porta-retratos, por curiosidade, sei lá? Rio de Janeiro.

Voz feminina?: E esse aqui também não.

Entrevistadora: Tem duas...

Voz feminina?: Quem será esses? São pessoas da família...

Ana: Não...

Entrevistadora: São amizades talvez lá da Bahia.

Ana: Eram amigos de vovô...

Entrevistadora: Isso é uma coisa que a gente não vai saber nunca. Só se de repente ver numa revista dessas antigas.

Ana: Gonçalves Bahia

Voz feminina?: Essa é bem antiga

Entrevistadora: Tem uns que tem cara de colega dele até da faculdade.

[pausa] [risos] [pausa]

Ana: Devia ser amigo lá deles.

Entrevistadora: A senhora lembra do Miguel Calmon,⁶¹ não? Sabe por que eu trabalhei com algumas fotos e sempre gostava da figura dele e achava ele tão lindo.

Ana: Muito, achava ele um príncipe, um modelo de príncipe.

Entrevistadora: Mas ele tem um porte, mas que homem bonito realmente. Miguel Calmon.

Ana: Eu dizia pra mamãe: “Mamãe, o dr. Miguel Calmon é um príncipe, não é?”

Entrevistadora: Mais do que o rei Alberto!

Ana: Hem! Ah! Muito mais bonito.

Entrevistadora: Ele é todo [inaudível]. Aparecia nas fotos.

Ana: Lindo. Lindo. A mulher dele era feia.

Entrevistadora: Eu não me lembro de ter visto foto dela.

Ana: Ih! Mas vocês estão ligando...

Entrevistadora: Sabe com quem que ele parecia? Aquele artista, o Omar Sharif, que fez o dr. Jivago.

Ana: Lindo também. [pausa] Aqui é um grupo de... parece que estão armando aqui. Mas... será o dr. Miguel Calmon aqui? Não? Parece o Miguel Calmon.

Entrevistadora: Você que conhece. Vê se é, porque eu não sei.

Entrevistadora: Não sei nem qual foi que eu passei para ela.

Ana: Esse de bigodinho.

Entrevistadora: Nada a ver. Ele não tinha essa cabecinha.

Ana: Esse aqui parece o meu primo Armando.

Entrevistadora: Esse é muito... está muito de longe.

Ana: Não tem...

Entrevistadora: E essas três aqui?

Ana: Hum, hum! Eu não sei.

Entrevistadora: E esses quatro aqui?

⁶¹ Para maiores informações, vide verbete “Miguel Calmon”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CALMON,%20Miguel.pdf>>.

Ana: Que coleção...

Entrevistadora: Esse aqui está com cara de alguma turma que mandou para o Rui Barbosa, alguma homenagem, alguma que ele foi paraninfo...

Ana: Almoço na Tijuca. Vovó é que tinha uma gaveta que eu adorava, cheia de fotografias.

Entrevistadora: Quem é? A d. Maria Augusta?

Ana: É.

Entrevistadora: Esse aqui a senhora não lembra?

Ana: Não.

Entrevistadora: Então vou botando em cima.

Ana: Também não.

Entrevistadora: Esses aqui acho até besteira.

Ana: Deixa eu ver. Pode ser que de repente...

Entrevistadora: Pode ser que possa ter comentado alguma coisa – vestido dela, cabelo desse, bigode daquele – que lembra.

Ana: Não.

Entrevistadora: E esse aqui parece com alguém da família

Ana: Hum, Hum. Não sei. Vovozinha já conhecia logo. Não sei. Ela conservou até o fim da vida.

Entrevistadora: E o dela todo a gente...

Ana: Vocês sabiam que era ela?

Entrevistadora: ... identificou. Não! Vovozinha quem chama? É a d. Maria Augusta?

Ana: D. Maria Jacobina.

Entrevistadora: Não sabia não. Ela que é a vovozinha. Estou pensando que fosse a d. Maria Augusta.

Ana: Olha! Esse aqui não sei, está no colo... olha esse desde o tempo da Guerra do Paraguai.

Entrevistadora: Olha aqui que vou mostrar para ela.

Entrevistadora: Ah é!

Ana: É da Guerra do Paraguai.

Entrevistadora: Esses aqui. Quem é? Quem são esses?

Ana: Olha que feiura!

[risos]

Entrevistadora: Essa você sabe, não é?

Entrevistadora: Não é conhecido, não é?

Ana: Quem é?

Entrevistadora: Ah, não! Então não é a d. Baby?

Entrevistadora: Não.

Ana: Quem é?

Entrevistadora: A gente não sabe quem é. A gente achou que podia ser uma das *nurses* da casa, mas não é não.

Entrevistadora: Não né? Com a bebê aqui, porque tem cara, né?

Ana: E esse aqui... na verdade... essa aqui... faz parte da família, mas não sei quem é.

Entrevistadora: Esse tem cara de ser um dos colegas dele. Bustamante de Sá?⁶² ... engraçado esse garoto... Campinas...

Entrevistadora: Acho que são admiradores...

Entrevistadora: Pois é, é impossível. Alguém tem que dar o nome de Rui Barbosa...

Entrevistadora: É, eu acho que podem ser admiradores. Pessoas que... havia esse hábito de mandar fotografias... essa... esse...

Ana: Buenos Aires. Não sei. Estou ajudando muito pouco vocês.

Entrevistadora: Olha! Uma que a senhora identifique já é uma grande coisa.

Entrevistadora: Não! Já ajudou muito.

Entrevistadora: Só a história do lampadário foi ótima.

Entrevistadora: E as estátuas estão lá. A gente só não sabe quando é que trocaram e o porquê...

Ana: Por quê? Quando foi feito o leilão...⁶³

Entrevistador: Ah, voltaram depois e aí já tinha os lampadários lá com certeza.

Ana: Então botaram no tempo do dr. Washington.

Entrevistador: É! E a senhora não sabe o que foi vendido, não é?

Ana: Não.

Entrevistadora: Era criança né?

Ana: Não. O leilão foi um desastre.

Entrevistadora: Arrecadou pouquíssimo, não é?

Ana: Pagou o leiloeiro.

Entrevistadora: Ah?

⁶² A fotografia rb-rbic 394.jpg, intitulada “Adriano Fortes de Bustamante Sá”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁶³ O anúncio do leilão foi publicado, no domingo do dia 21 de dezembro de 1924, com a lista completa dos objetos. O leilão ocorreu em 23 de dezembro de 1924.

Ana: Pagou o leiloeiro.

Entrevistadora: E é uma pena, né? Imagina as coisas que foram...

Entrevistadora: Agora, foi uma senhora na Casa de Rui Barbosa e disse que tem duas estantes que foi de Rui Barbosa e está lá na UFRJ.

Entrevistadora: Eu não acredito nisso não.

Ana: O quê?

Entrevistadora: Duas estantes que estão lá na universidade federal. Eu falei para ela que eu achava difícil.

Entrevistadora: Porque as estantes que consta é que elas nunca saíram da casa, não é irmã?

Ana: Não, estante nenhuma saiu de casa.

Entrevistadora: Porque a casa...

Ana: As estantes não saíram de casa. Aquilo foi vendido tudo pro governo.

Entrevistadora: Eu acho muito difícil...

Ana: O Bernardes, que era *unha de fome*, né? Porque o primeiro projeto... isso eu vou contar pra vocês, porque vocês não devem saber. O projeto inicial era comprar a casa, com tudo, por 5 mil contos. Mas, com tudo, tudo, tudo, direitos autorais. O Bernardes não quis. Então por menos de 3 mil: a casa, os livros, os direitos autorais. Nesse meio tempo, o Jockey Club da Argentina mandou oferecer para vovó, por 5 mil contos, só a biblioteca, sem direitos autorais, sem nada. Só a biblioteca. Deixava a casa, os móveis, queria só os livros.

Entrevistadora: Uma oferta tentadora, não é?

Ana: Vovó disse que não. “Rui, se fosse vivo, não deixaria ele sair do Brasil. Isso não vai”. E recusou, quer dizer, ela recusou por 5 mil contos só os livros, ficando com a casa e com tudo e recebeu do Brasil menos de 3 mil por tudo: casa, direitos autorais e livros. Vê que mulher vovó era?

Entrevistadora: Desprendimento.

Ana: Esse caso vocês não deveriam saber. Isso eu me lembro porque ouvi a discussão. Como também ouvi a discussão de vovô ir para o Senado votar o estado de sítio em 22. Vovô tinha estado muito mal. Tinha estado morrendo. Quando vovô estava morrendo, esqueceram de mim na sala de conversa e eu dormi, numa cadeira, até que veio o copeiro e que então me puseram para dormir. Mas, o vovô não saía nem nada. Ele recebeu o presidente de Portugal de pijama. Mas quando ele soube que a cidade estava sendo bombardeada, ele disse: “Eu vou pro Senado!” Vovó disse: “Você não vai, Rui! O médico pediu...”. “Eu vou”. Pegou e foi. E depois

eu soube do outro lado. O Tobias Monteiro⁶⁴ era a primeira vez que ele estreava. Ele estava emocionadíssimo porque ele tinha sido secretário de vovô, mas ia estreiar no Senado; quando viu que iam fechar a sessão do Senado...

Entrevistadora: Não tinha quórum.

Ana: Não tinha quórum, quando viram vovô subir todo encapuzado, com cachecol e tudo. Subiu, tomou lugar na Presidência e disse: – Vocês querem um cafezinho, né?

Entrevistadora: Depois.

Ana: “A sessão está aberta. Voto pelo estado de sítio” e pronto. Isso eu me lembro.

Entrevistadora: A senhora lembra de contarem essa história?

Ana: Ah?

Entrevistadora: A senhora lembra de contarem esse fato, não é?

Ana: Bom, essa parte quem contou foi o Tobias Monteiro.

Entrevistadora: Ah! Foi o Tobias Monteiro que contou isso.

Ana: Eu conhecia muito. Frequentei a casa dele em Petrópolis. Mas a cena de vovô com vovó, eu me lembro. Nós íamos embora para a chácara de papai na Gávea, porque a cidade estava sendo bombardeada, quando telefonaram do palácio avisando que a revolução tinha sido debelada.

Entrevistadora: A senhora agora falou em Senado e eu me lembrei de uma pergunta que eu tinha vontade de fazer. A gente tem um relato da d. Baby que havia um telefone no, se não me engano, no quarto de vestir dele, aquele junto da biblioteca, que era ligado com o Senado. A senhora recorda disso?

Ana: Não.

Entrevistadora: Que havia um telefone com comunicação direta para o Senado?

Entrevistadora: Ela disse que, lá em cima, naquela sala íntima, perto da sala de jantar, tinha um telefone que era para todos e lá, no quarto de vestir do Rui do lado da biblioteca, tinha um telefone só para ele.

Ana: Tinha sim.

Entrevistadora: Que ele falava com o Senado.

Ana: Tinha sim. Do palácio eles telefonavam.

Entrevistadora: Aqui tem pessoas que a senhora vai lembrar.

⁶⁴ Para maiores informações, vide verbete “Tobias Monteiro”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MONTEIRO,%20Tobias.pdf>>.

Ana: Aqui eu reconheço todos.

Entrevistadora: E essa empregada? Lembra da empregada?

Ana: Papai. Essa empregada?

Entrevistadora: Porque não é na casa de Rui, não é? Isso aí é em outra casa.

Ana: Não sei. Vovó Iaiá, mãe de papai.

Entrevistadora: Sua mãe também está aí.

Ana: Vovó Maria Augusta.

Entrevistadora: A d. Baby está aí.

Ana: Vovô Rui, tia Baby, mamãe, tio João... esses dois não reconheço.
Agora as crianças são o Rui e a Delita.

Entrevistadora: Deixa eu ver se tem o número das crianças aqui. Espera aí! Aqui atrás está identificado algumas coisas.

Ana: Rui e Delita.

Entrevistadora: O três e o quatro...

Entrevistadora: O Rui, seu irmão?

Entrevistadora: Está escrito aqui.

Entrevistadora: Mas é o Rui, seu irmão?

Ana: É o Rui, meu irmão.

Entrevistadora: Agora, espera aí. João, 14... agora essa empregada aqui a senhora não tem ideia de quem seja não, não é?

Entrevistadora: Se é essa Germana que era babá?

Ana: Eu acho que era a Germana, sim.

Entrevistadora: Porque ela é negra, não é?

Entrevistadora: Mas isso não é na casa de Rui.

Entrevistadora: Ela podia cuidar das crianças.

Entrevistadora: É, podia ser que ela fosse com eles...

Ana: Dos Batista Pereira. Maria Adélia... Antonio Batista Pereira. Não! O cinco é Rui Batista Pereira. Esse aqui é meu irmão.

Entrevistadora: Ele não está não aí.

Ana: 11...

Entrevistadora: Quem que são esses dois aqui?

Ana: Número três... ah tá! Rui Batista Pereira. Maria Augusta Rui Barbosa... eles eram Batista Pereira... [inaudível]

Ana: Tio Edgar? Não, não era tio Edgar.

Entrevistadora: Nove era do lado das crianças...

Ana: Atrás de papai, cinco. Antonio Batista Pereira. Nove, tá Edgar Batista Pereira. Não é! Esse daqui está errado.

Entrevistadora: Deixa eu ver.

Entrevistadora: Número nove não é o Edgar.

Ana: Esse aqui não é o Tio Edgar.

Entrevistadora: E a senhora também não reconhece quem seja?

Ana: Não, não é tio Edgar.

Entrevistadora: Edgar é irmão de seu pai?

Ana: De papai.

Entrevistadora: Edgar Batista Pereira, nove.

Ana: É

Entrevistadora: É esse segundo aqui, né?

Ana: É.

Entrevistadora: Mas não é!... quatro, nove, oito...

Entrevistadora: Eu coloquei nove, nove, oito... tá aqui!

Entrevistadora: Ah tá!

Entrevistadora: Já anotei tudo.

Entrevistadora: E a senhora acha que pode ser a Germana essa?

Ana: Pode ser. Me parece que é a Germana.

Entrevistadora: Germana.

Entrevistadora: Porque isso é anterior ao seu nascimento, não é? Essa foto aqui.

Ana: É, pois, o Rui era pequeno.

Entrevistadora: E a senhora conheceu a Germana?

Ana: Conheci.

Entrevistadora: Mas ela era mais velha, pois aqui ela está novinha.

Ana: Era um pouco mais velha.

Entrevistadora: E aí? A gente pode ir encerrando.

Entrevistadora: É, também uma coisa que é anterior ao nascimento da irmã não vai acrescentar.

Entrevistadora: Agora isso daqui são... junto daquela coleção de difícil saber.

Entrevistadora: Ela era bonita!

Ana: Esses daqui não... esse não é.

Entrevistadora: Só falta essa.

Entrevistadora: Agora, bonito que eu não vi as outras pastas de tamanho G. Qual o tamanho da foto da d. Ana...?

Entrevistadora: Mais ou menos... na minha cabeça algo assim... quadrado como essa.

Entrevistadora: Mas, deste tamanho mais ou menos?

Entrevistadora: Podia ser menor.

Entrevistadora: Quer dizer que teria mais deste tamanho?

Entrevistadora: Seria sempre esse, esse. Seria bem...

Ana: Aquele de vovô, vovó e eu sentados no banco...

Entrevistadora: É linda aquela foto!

Ana: ... foi papai quem tirou.

Entrevistadora: É, foi seu pai quem tirou!

Ana: Quando ele tirou também vovô podando para as rosas.

Entrevistadora: Essa a gente usa muito com as crianças.

Entrevistadora: A senhora tem muitas recordações. Muito firme, né?

Dessas coisas.

Ana: Ah, tenho!

Entrevistadora: Muito vívida.

Ana: Nessa idade a gente...

Entrevistadora: A senhora tem uma memória excelente! Eu não sei! Eu não sei se lembro da minha infância assim dessa forma.

Ana: Queria ter ajudado mais a senhora!

Entrevistadora: A senhora ajudou muito, muito, muito...

Ana: Se quiser me perguntar mais alguma coisa?

Entrevistadora: A gente, à medida que a gente conversa sobre o assunto, a gente sempre vai tendo dúvida. Porque a gente pega esses depoimentos e...

Ana: Não querem cafezinho agora?

Entrevistadora: Deixa eu perguntar uma coisa que pode ser uma pergunta boba. Aonde que se estendia roupa naquela casa? Onde que era o varal?

Ana: No quarador.

Entrevistadora: O quarador não para...

Ana: Em frente...

Entrevistadora: Não é para clarear a roupa?

Ana: Em frente à garagem, havia um gramado que saía da parreira e ia até o outro lado da parreira.

Entrevistadora: Mas, ali não é a caixa d'água?

Ana: Hoje tem um lago no meio.

Entrevistadora: Um laguinho oval.

Ana: Hoje tem um lago, naquele tempo não havia lago.

Entrevistadora: Ah! Então esse jardim foi muito desfigurado.

Ana: Era só gramado que era o quarador.

Entrevistadora: Então, ali a roupa ficava no chão para clarear.

Ana: Não, a roupa ficava estendida...

Entrevistadora: Na corda?

Ana: No arame.

Entrevistadora: Mas, tinha que ser perto dos tanques, não é?

Ana: É perto dos tanques. Até o tio Ruizinho trouxe da Bahia um *chauffeur* que tomou uma bebedeira, subiu na mangueira e se jogou no quarador. [risos]

Entrevistadora: Até que diminuiu um pouco a queda dele, não é?

Ana: E eu me lembro que eu tinha um pinto... que eu salvei... ah! Lá nos fundos além do negócio dos cavalos...

Entrevistadora: Picadeiro.

Ana: Picadeiro. Havia um galinheiro que tia Baby criava pintos Legorne. Aqueles branquinhos. Então nós salvamos um que ia morrer dando café pelo bico.

Entrevistadora: Café? [risos]

Ana: Café pelo bico e salvamos ele. Ele ficou engasgado. Então, ele ficou bom e tia Baby me deu. Ele era cego de um olho e então eu chamei ele de Camões. Chamava-se Camões. E o Camões se acostumou comigo e andava atrás de mim. Ele entrava dentro de casa e subia. Vovó dizia para mamãe: “Dedélia, olha o frango está atrás da menina. Subiu a escada!” Pois, olha, quando ele era já grandinho assim. Nós púnhamos ele no quarador para fazer de equilibrista. Caiu, coitado! Machucou o papo e morreu. Eu chorei dois dias, aí não quis mais frango. Fiquei num desgosto terrível.

Entrevistadora: A senhora falou que o quarador era em frente à garagem, então a garagem já era ali mesmo?

Ana: Ah, já. A gente tinha proibição de entrar naqueles carros. Somente aquele que era todo forrado de seda...

Entrevistadora: O cupê⁶⁵ que era da d. Maria Augusta.

Ana: O cupê que era para ir ao teatro. No tempo... primeiro nós íamos ao teatro de bonde, “bonde de ceroulas”.⁶⁶

Entrevistadora: É, aquele enfeitado.

⁶⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁶⁶ Os bancos do bonde nas noites dos espetáculos de gala no teatro Lírico, eram forrados de branco, para a proteção dos fregueses de maior luxo, sendo apelidado de “Bonde de Ceroulas”. Consultado em: <<http://www.riototal.com.br/riolindo/tur045.htm>>. Acesso em: 10/07/2020.

Ana: Bonde de ceroulas. O bonde era forrado, quando morava no Flamengo. Ia no bonde de ceroulas. Mas, depois vovó comprou o cupê. E o cupê, nós gostávamos muito. Era o cupê e o Benz.

Entrevistador: Os carros entravam por ali, pela aquela frente? Ou eles entravam pelo outro portão?

Ana: Não! Entravam pela frente.

Entrevistadora: Entravam pela frente, passavam pelo arco...

Ana: Passavam pelo arco, as pessoas desciam e entravam.

Entrevistadora: Ah e não avançavam?

Entrevistadora: Não podiam avançar.

Entrevistadora: Não, tem paralelepípedo ali dava para ir até a garagem.

Entrevistadora: Ele tinha que ir para a garagem. Se era garagem...

Ana: Ali era garagem.

Entrevistadora: É, ia por aqui. Não devia ser muito fácil manobrar ali não.

Entrevistadora: A senhora lembra... hoje em dia a gente tem muito problema com enchente.

Entrevistadora: Vou tomar um cafezinho. Pode?

Ana: Faz favor!

Entrevistadora: A gente tem muito problema com enchente, na época de chuva a senhora lembra de enchente?

Ana: Havia enchente.

Entrevistadora: Havia enchente, hoje em dia a senhora não faz ideia. Tenho até uma bota de borracha, porque eu ando de bota lá dentro do jardim.

Ana: Havia enchente...

Entrevistadora: Porque dizem que passava o rio Banana Podre ali embaixo.

Entrevistadora: Eu tenho impressão que o que disseram é que há enchente porque as galerias da São Clemente são entupidas, então...

Entrevistadora: Não dá vazão.

Entrevistadora: ... a água flui para o jardim. Mas é um problema sério de encher o jardim.

Ana: Da Casa Rui?

Entrevistadora: É. O jardim fica cheio com água pelo tornozelo da gente. E outra coisa que eu ia perguntar: A senhora lembra que uso que se fazia do porão?

Entrevistadora: Ah! Isso que eu ia perguntar.

Ana: Do porão? Nenhum. Tinham guardadas coisas velhas e metiam um medo danado na gente. [risos]

Entrevistadora: Não era adega, não? Ali?

Entrevistadora: Eles diziam que iam botar no porão! Nessas alturas! [risos]

Ana: Dava um medo danado...

Entrevistadora: Não tinha nada. Era só para guardar coisas que não se usava.

Ana: Nada.

Entrevistadora: E também não enchia de água? Porque hoje em dia enche, refluí água límpida.

Ana: Não, nunca vi uma enchente na São Clemente.

Entrevistadora: Que coisa interessante!

Ana: Mas é que a cidade era diferente.

Entrevistadora: Só tinha casas.

Ana: Era tudo terra, de modo que a água era absorvida pela terra. Não havia isso. Eu me lembro de grandes chuvaradas, mas nunca enchente assim.

Entrevistadora: Irmã, tinha algum lago ali na Casa de Rui maior do que aquele, quer dizer, não existia aquele lago...

Ana: Aquele do quarador não existia.

Entrevistadora: Porque a d. Baby conta que andava de botinho...

Entrevistadora: De barquinho.

Entrevistadora: Barquinho, não é? Com o João. Ele empurrava ela para dentro do lago. A gente fica achando de que lago vai dar aquilo ali.

Ana: Não, o lago da frente, quando era cheio, o Boy – meu primo -, eu andei de patinete dentro dele e o Boy me empurrou. Ele queria me empurrar. Eu andei de patinete. Ele queria que eu desse o patinete para ele, eu não dei e saí do lago. Então ele estava todo vestido de marinheiro, de branco, ele era todo alinhado; então eu fiquei do lado dele assim e quando ele se aproximou do lago, eu pá.

Entrevistadora: Empurrou ele lá dentro? [risos]

Ana: Empurrei ele dentro do lago, de marinheira e tudo.

Entrevistadora: Vocês eram contemporâneos. Eram todos mais ou menos da mesma idade assim. Idade que dava para brincar juntos, os primos?

Ana: Bom, Antoninho, eu...

Entrevistadora: A Maria [inaudível] era a mais velha.

Ana: Os que davam para brincar: Antoninho, eu, o Boy e Isinha, um pouco. Agora as outras eram mais mocinhas. Já eram outra coisa.

Entrevistadora: D. Estela também já era outra geração.

Ana: Estela também já era mais... três anos nesse tempo faz muita diferença. Não quer outro cafezinho?

Entrevistadora: Não, obrigada! Nós temos uma fotografia grande do Rui Barbosa com todos os netos. Acho que é de 1916, por aí, 1918.⁶⁷

Ana: Aqui tem.

Entrevistadora: É, ela está aí. Está no grupo.

[Fim da gravação]

⁶⁷ A fotografia rb-rbic 987.jpg, intitulada “Rui Barbosa com os netos, 1918”, está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

**Laura Rodrigo Otavio
(depoimento, 1995)**

OTAVIO, Laura Rodrigo. *Laura Rodrigo Otavio. (depoimento, 1995)*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome da entrevistada: Laura Rodrigo Otavio¹

Local da entrevista: Residência da entrevistada à rua São Clemente, 421.

Data da entrevista: 22 de agosto de 1995

Duração²: 1h 19min 39s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadora³: Cláudia Barbosa Reis, Maria Eduarda de Almeida Vianna Lessa e Lídia Cordeiro de Oliveira

Descritores/Assunto: largo dos Leões, Plínio Doyle, Rodrigo Otavio, Conferência de Haia, Rui Barbosa, Academia Brasileira de Letras, rua São Clemente, ruas, Candido Mendes, bondes, largo do Machado, Light, cinemas, Ernesto Nazareth, regatas, vilas, casas, antigos moradores, colégios, casa de Rui Barbosa, São Paulo, comércio, Copacabana, praia, carnaval, festas, favela Dona Marta, LBA, Darcy Vargas, Getúlio Vargas, loja América e China, Casa Leonardos, Casa Leandro Martins, Mappin & Webb, indumentária, Parc Royal, pavilhão Mourisco, *guignol*, rádio, família Lacombe.

Biografia⁴:

Escritora, memorialista, viúva de Rodrigo Otavio, moradora de Botafogo desde 1917.

Escreveu o livro: *Elos de uma corrente: seguidos de novos elos*.

¹ O sobrenome Otavio também é encontrado grafado como Octavio.

² A entrevista está dividida em três partes com, respectivamente, 31 min 39s, 31min 39s e 16min 21s.

³ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui nos anos 1970.

PARTE 1

Cláudia: Estamos na residência de d. Laura Rodrigo Octávio. Estão presentes Maria Eduarda Lessa, Lídia Cordeiro de Oliveira e Cláudia Barbosa Reis para uma entrevista com d. Laura.

Lídia: A data de hoje também.

Cláudia: A data de hoje é 22 de agosto de 1995. Nós vamos fazer a entrevista principalmente com base no livro de d. Laura, *Elos de uma Corrente*, que trata da vida dela própria e cita muitas passagens daqui do bairro de Botafogo. Então, d. Laura, a gente não queria assim propriamente só fazer perguntas. A gente queria que a senhora falasse como é que era o Botafogo que a senhora conheceu quando a senhora veio morar aqui. Se a senhora lembra... agora me ocorreu, o largo dos Leões que devia ser bem diferente, né... o largo do Leões!

Laura: Hum!

Cláudia: O largo dos Leões, por exemplo, devia ser bastante diferente.

[Ruído]

Cláudia: Fotos antigas

Laura: Umas são antigas, outra não são.

Cláudia: Estão misturadas. É uma foto do largo dos Leões sem prédio nenhum.

Laura: E aqui está a minha casa.

Cláudia: Um beiral da casa dela e aqui em frente, onde hoje é a Sondotécnica, era um casarão, né? E a gente não vê nenhuma construção... aqui é aquele castelinho, né?

Laura: Havia casas por aí tudo, né? Mas tudo casas relativamente baixas [ruído] porque aqui em frente existia uma vacaria.

Cláudia: Ah é! Uma vacaria?

Lídia: Isso é o que ia perguntar para ela. Se tinha uma leiteria aqui. Vacaria que vendia leite?

Laura: Com vacas mesmo!

Cláudia: Um estábulo. Em frente à casa de Rui tinha um também, que nós entrevistamos as filhas do dono.

Laura: É, era bem aqui assim, nesta esquina.

Cláudia: Onde é o prédio do seu irmão. Ali do outro lado.

Laura: Depois desse pedaço onde tinha a vacaria e tinha... depois tinha uma... que nós chamávamos antigamente venda.

Cláudia: Sim, uma quitanda.

Laura: Porque era uma casa de comestíveis. Mais simplória, não é? E depois, fazia um canto assim e havia quatro casas pequeninas, mas pequeninas mesmo, baixas e com a porta rente ao chão, não é? E então nessas casas moravam umas pessoas, até uma conhecida minha, e havia uns senhores que gostavam de jogar e então jogavam na rua. Punham a mesa em frente da casa deles e jogavam.

Cláudia: Jogavam cartas?

Lídia: Cartas?

Laura: Cartas é.

Cláudia: Oh, que interessante! Agora aqui tinha... eu me lembro, eu criança, ainda peguei aqui a estação do bonde. Tinha uma estação de bonde aqui.

Laura: Tinha a estação de bonde. Era aí.

Cláudia: Isso eu ainda peguei. Eu criança ainda vi.

Laura: Sim, onde é agora a Cobal.

Cláudia: A Cobal isso mesmo. Tinha uma estação de bonde e depois foi de ônibus elétrico.

Laura: É, o bonde aqui chamava Humaitá. O bonde que passava aqui era Humaitá.

Lídia: D. Laura, a senhora tem 101 anos?

Laura: É, 101 anos.

Lídia: Meu Deus! Ela não parece. Então a senhora veio aqui pro Rio, pelas minhas contas, em 1913.

Cláudia: 17.

Laura: 17 que eu vim.

Lídia: Com 17 anos?

Laura: Que eu moro aqui? Eu me casei no dia 20 de janeiro de 1917. Né? Aí vim para cá e fiquei.

Cláudia: É, em 17 é que a senhora muda para cá. A senhora é de São Paulo. No livro a gente vê bem isso. Engraçado que no livro, eu tive a sensação de que a senhora e seu marido, Rodrigo Octavio, tinham uma idade mais aproxima.

Laura: Muito próxima. Nós dois...

Cláudia: É. Idade próxima. Ele era até bem mais velho.

Laura: Ele era de 92 e eu de 94.

Cláudia: Ah! Ele era de 1892.

Laura: Ele era de 1892, dezembro, e eu 94, março. Então, era uma diferença de um ano e pouco só.

Cláudia: Agora, a senhora acompanhou a carreira dele... porque só mais velha é que a senhora escreveu. A senhora durante...

Laura: Ah sim, eu só escrevi depois que perdi meu pai e fiquei a mais velha da família.

Cláudia: Aí, a senhora escreveu as memórias.

Laura: Mas, eu nunca tinha pensado em escrever. Eu gostava de escrever porque gostava de mandar cartas. Naquele tempo era muito comum correspondência, não é? Não havia... quando eu me casei não havia telefone... telefone interurbano. E tinha telefone na cidade. Só. No mais, a gente tinha que escrever, então, eu tendo vindo para aqui muito jovem, não é? Tudo para mim era novo, então escrevia e contava as coisas todas que eu via aqui.

Cláudia: Só mais velha foi que a senhora pensou em reunir num livro, mais para a família, não é?

Laura: Pois é, foi unicamente para a família, nunca que eu pensei em publicar.

Cláudia: E ficou um livro tão interessante! Tão rico!

Laura: Mas, o Plínio⁵ um dia soube que eu tinha escrito. Me pediu para ler e quando chegou para mim e disse: “Não senhora! A senhora vai ter que publicar esse livro, porque é uma coisa muito interessante. São dados que nem todo mundo guarda”. Não é?

Cláudia: É verdade.

⁵ Refere-se a Plínio Doyle, que participou da criação e direção do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Para maiores informações, vide “Plínio Doyle Silva”, disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/pdsilva.html>>.

Laura: E aí se prontificou a publicar o livro para sair quando eu fiz 80 anos. Não é? Aí que saiu a primeira edição.

Cláudia: Essa que eu li foi uma edição bem recente. Essa é do ano passado... 100 anos. É isso mesmo!

Laura: [Ruído]... era um fotógrafo muito bom. Ele fez essa fotografia que seria para capa, entende?

Cláudia: É, muito bonita. Tem no livro. Nessa edição que eu li tem essa foto dentro do livro.

Laura: Encontro pequeno.

Cláudia: É, encontro pequeno. Duas [inaudível] do menino e a pessoa mais velha segurando a corrente.

Laura: Teve, porém, que sair com a capa simples.

Cláudia: A editora muda tudo.

Laura: Hum!?

Cláudia: A editora muda! Agora, eu queria saber da senhora... é... o seu marido teve algum convívio com Rui Barbosa? Não é? Porque eles estiveram juntos em Haia.

Laura: Hem!?

Cláudia: Seu marido, Rodrigo Octávio,⁶ teve convívio com Rui Barbosa. Né? Porque estiveram em Haia juntos, mas...

Laura: Meu marido mesmo era uma criança nessa ocasião.

Cláudia: É, pois é em 1907. Era o seu sogro?

Laura: Era o meu sogro.⁷

Cláudia: Ah! Era o seu sogro.

Laura: Meu sogro que era representante do Brasil. Não é?

Cláudia: Mas o seu marido esteve em Haia também?

Laura: Estava.

Cláudia: Acompanhando o pai?

Laura: Estava. Tem até a fotografia dele lá.

Cláudia: Ele esteve em Haia acompanhando o pai.

Laura: É, a família foi, não é? Porque meu sogro foi a Haia pensando que ia ser uma coisa muito rápida, de maneira que a família ficou aqui, não é?

⁶ Para maiores informações, vide “Rodrigo Octavio Filho”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/rodrigo-octavio-filho/biografia>>.

⁷ Para maiores informações sobre o sogro de Laura Rodrigo Otávio vide o verbete “Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=127>>.

Mas quando disseram que não, que ele tinha que demorar mais tempo, aí ele mandou buscar a família para ficar com ele também.

Cláudia: E aí ficaram lá? E o seu marido então...

Laura: O meu sogro, ele fala em Rui Barbosa no livro dele. Ele teve contato com Rui Barbosa. Não podia deixar de ter tido, não é? Mas, não se entenderam... não pensavam igual. Rui Barbosa era muito vaidoso e meu sogro não era vaidoso. Seria, talvez, mas não era... não proclamava.

Cláudia: Naquela proporção, talvez.

Laura: E tanto que no livro, na página de Rui Barbosa, ele dá uma nota muito simples, mas que a gente vê que eles tinham um certo contato assim... porque depois meu sogro defendeu uma questão⁸ muito importante com Minas Gerais. Rui Barbosa foi o advogado de Minas Gerais e o meu sogro o advogado do proprietário de Lambari.

Cláudia: Eles chegaram a ser adversários?

Laura: Então tiveram uma luta muito grande e meu sogro venceu. Aí...

Cláudia: Aí ficou mais difícil ainda. Né? O relacionamento.

Laura: Pois venceu de um estado, não é?

Cláudia: A Rejane⁹ tinha me contado isso. É uma colega nossa que é especialista na vida de Rui Barbosa.

Laura: Agora, você na Casa de Rui Barbosa, você não pode falar isso!

Cláudia: Não, mas é história! É história. A gente tem que saber. Foi uma colega nossa que nos contou essa história. Ela que me falou. Mas então não havia contato social nenhum entre as famílias?

Laura: Minha sogra se dava com a mulher de Rui. Porque estiveram lá muito tempo, não é? Minha cunhada também era amiga da filha do Rui.

Cláudia: Então havia uma certa frequência assim...

Laura: Não era assim uma relação intensa...

Cláudia: Sei. Só uma coisa social mesmo. E o Rui mesmo, ao que me parece, não tinha uma vida social intensa. Acho que não, não é?

Laura: Eles recebiam muito.

Cláudia: Ah! Recebiam muito?

⁸ BARBOSA, Rui. *Questão Minas X Werneck*. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. *Obras completas de Rui Barbosa*, v. 45, t. 4. Disponível em: <[http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XLV%20\(1918\)\Tomo%20IV&pesq=&pagfis=33427](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XLV%20(1918)\Tomo%20IV&pesq=&pagfis=33427)>.

⁹ Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães foi funcionária da Fundação Casa de Rui Barbosa e escreveu *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_RejaneMagalhaes_RuiBarbosa_na_VilaMariaAugusta.pdf>.

Laura: Quando eles moravam nessa casa aí, recebiam. Antes eu não sei, porque o Rui morreu em vinte e...

Cláudia: 23

Laura: 23 e eu tinha acabado de me mudar. Um ano depois.

Cláudia: É, pouco tempo. A senhora não lembra assim de nada marcante do Rui Barbosa no bairro?

Laura: Ah!?

Cláudia: Do Rui Barbosa no bairro. A senhora não lembra de nada marcante assim? Nem no enterro¹⁰ dele?

Laura: Houve. Quiseram dar o nome de Rui à rua de São Clemente, mas aí houve uma grita muito grande. Os moradores daqui não...

Cláudia: Não aceitaram.

Laura: Não quiseram São Clemente, porque Clemente era um padre, era um...

Cláudia: D. Clemente que foi o proprietário da região.

Laura: Foi o vigário e proprietário também. Porque esse bairro foi dado. Naquele tempo davam aquelas glebas de terreno, ia da rua Marquês de Olinda até o cemitério. Não é? Foi dado tudo isso para uma pessoa só. E parece que aqui em cima, nesse morro, existe uma capelinha que era a capela do Clemente.

Cláudia: Aqui em Botafogo mesmo?

Laura: Aqui.

Cláudia: Ah é! Isso eu não sabia não. Ainda existe então?

Laura: Dizem... dizia que havia um pintor que morou lá ao lado da minha casa, o Gagarin,¹¹ que gostava muito de correr e essas coisas. Ele disse que tinha uma capelinha aí em cima.

Maria Eduarda: Quem era o pintor?

Laura: Gagarin. É russo, mas veio pra aqui expatriado. Não é? E pintava.

Cláudia: Seu marido depois foi diplomata também? Seu marido.

Laura: Meu marido não.

Cláudia: Só o seu sogro?

Laura: Meu marido foi só advogado. [risos]

Cláudia: Pensei que ele tinha tido também alguma legação política. Não, só seu sogro.

¹⁰ O conjunto de fotografias intituladas “Enterro de Rui Barbosa” está disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹¹ Para maiores informações, vide “Paulo Gagarin”, disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/paulo-gagarin/pintor>>.

Laura: Nunca saímos. Depois que nos casamos não saímos para fora daqui do Brasil, não é?

Cláudia: E o seu sogro? Foi o seu sogro ou seu marido que foi fundador da Academia Brasileira de Letras?

Laura: Que que tem?

Cláudia: Foi seu sogro ou seu marido?

Laura: Sempre meu sogro.

Cláudia: Ele é que foi fundador da Academia?

Maria Eduarda: Tudo o que aconteceu foi o sogro dela. A Academia foi fundada em 96, 97.

Cláudia: Eu não sabia que fazia 100 anos.

Laura: A Academia foi fundada em 97 quando nasceu a última filha do meu sogro.

Cláudia: Então ele foi fundador da Academia e também na Academia conviveu com Rui?

Laura: Meu marido foi sucessor de meu sogro.

Cláudia: Não, estou dizendo que seu sogro na Academia conviveu com Rui Barbosa, então. Foram contemporâneos. Quer dizer, na política, no direito e foram contemporâneos na Academia também, não é? Interessante isso. Agora a senhora viveu aqui, desde 17, casada, né, com seu marido...

Laura: Hum!?

Cláudia: A senhora viveu desde 17, casada já?

Laura: Casada já.

Cláudia: E aí seu marido depois ocupou a cadeira do pai na Academia...

Laura: Quando o pai dele morreu, ele se candidatou à Academia. Foi a primeira vez que acontecia isso! Não é? O filho suceder o pai.

Cláudia: É isso mesmo. Eu não tinha ideia...

Laura: Mas a cadeira do Rodrigo Octavio tem um caso interessante, desse atual ocupante, o Candido Mendes.¹² A mãe de Candido Mendes tinha 20 anos ou creio por aí... 19, não sei... quando meu sogro foi para Paris para a assinatura de Versalhes. Não sabe? E o pai dela... o casal tinha transferido para Paris. Era gente rica lá do Norte. De maneira que os filhos rapazes ficaram com a nacionalidade francesa, até um morreu na guerra, e a terceira, que era uma mulher estava com 19, 20 anos quando meu sogro foi para lá. E fizeram muita amizade, ficaram muito íntimos, e

¹² Para maiores informações, vide verbete “Candido Mendes”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/candido-antonio-jose-francisco-mendes-de-almeida>>.

ela disse para o meu sogro que ela não queria ser francesa. Ela queria ser brasileira e o que é que ela podia fazer para ser brasileira. Aí, meu sogro disse: “Você tem que morar um ano no Brasil antes de completar vinte e um anos para poder... e aí eu cuido do resto. Você vem para o Brasil, fica um ano aqui e eu arranjo sua naturalização brasileira”. E assim ela fez. Fez, casou aqui e teve esse filho que atualmente ocupa a cadeira.

Cláudia: Ah!! É a mãe do Candido Mendes?

Laura: Eu disse a ele: “Você sabe dessa coisa?” “Sei, mamãe contava sempre isso”. De maneira que é interessante, não é? O filho dessa moça... quando que ela poderia imaginar que o filho dela iria suceder o meu sogro, não é? Meu sogro não...

Cláudia: Mas a cadeira que originalmente foi dele, a 35.

Laura: Interessante, não é?

Cláudia: É interessante. d. Laura, a senhora tem alguma recordação do bairro que a senhora queria falar? O que é que a senhora lembra? Como é que era o bairro? Se era agradável?

Laura: O bairro naquele tempo era daqueles bairros sossegadíssimos. Quando vinha uma pessoa, ficava-se admirado. Tomava-se o bonde¹³ com toda a calma, não é? O bonde parava pra gente tomar bonde. O bonde custava 200 réis até o largo do Machado e outros 200 réis até a cidade. Não é? Mas era bonde de burro ainda. Não é?

Cláudia: Bonde de burro ainda? Pegou bonde de burro ainda?

Laura: Peguei bonde de burro ainda, depois veio o bonde elétrico.

Cláudia: Não sabia que em 17 ainda tinha bonde de burro...

Laura: E depois, veio... quando acabaram os bondes vieram os ônibus modernos da Light. Eram uns ônibus muito confortáveis, grandes. Todo mundo conversando. É como eu digo no meu livro. O bonde era uma condução que unia as condições de vida, não é? Porque tanto tomava o bonde uma mulher bem-vestida quanto tomava o bonde uma pobre coitada carregando uma trouxa de roupa. Não é? E tomava bonde e não ficava aborrecida. Eu me lembro muito bem uma das vezes... aí, já bastante mais tarde, eu fui à cidade com uma tia do meu marido e era um dia de muito movimento, não me lembro mais o que era, e então uma fulana que estava com duas crianças... não, estava com uma só; e aí essa minha tia, que era uma bondade em pessoa: “Põe na minha frente, não

¹³ Para maiores informações, vide “História dos bondes do Rio de Janeiro”, disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-dos-bondes-do-rio-de-janeiro/>>.

se incomode. Ele fica em pé na minha frente”. Quer dizer, havia uma intimidade, não é?

Cláudia: Uma integração.

Laura: E assim era. Eu tinha uma tia que morava aqui perto, que era casada com um senhor que ficou cego. Todo mundo ajudava ela quando saía com ele pra tomar o bonde, pra... ela já estava mais velha, ajudavam. Quer dizer, havia muito mais...

Lídia: Solidariedade.

Laura: É. Porque agora está todo mundo muito irritado. Há uma irritação geral. Não é?

Lídia: D. Laura, quais eram os divertimentos assim? O que é que a senhora fazia para se divertir?

Laura: Hein?

Lídia: Os divertimentos. Como é que passava o tempo?

Laura: Como a gente passava o tempo?

Lídia: Como é que se divertia? Ia... fazia o que? Ia à praia?

Laura: Aqui no Rio de Janeiro. Tinha o cinema, né. O cinema é que era o principal divertimento mesmo.

Cláudia: No centro da cidade?

Laura: Hein?

Cláudia: No centro da cidade? Não era aqui em Botafogo.

Laura: É, o cinema foi até bastante tempo. Não me lembro quanto tempo levou.

Maria Eduarda: D. Laura, no centro da cidade! Era no centro!

Cláudia: Não era em Botafogo. Era no centro?

Laura: Não, o primeiro era na cidade. Havia o Odeon... não sei o quê... os outros já não me lembro. Mas, o Odeon era célebre porque nele tocava o...

Cláudia: Ernesto Nazareth?¹⁴

Laura: Aquele músico!

Cláudia: Nazareth? Ernesto Nazareth.

Laura: Nazareth! Ele que tocava na sala de espera. De maneira que as pessoas iam lá para esperar e também ouvia o Ernesto Nazareth tocando, né. A gente ia muitas vezes pra cidade, porque tudo era feito na cidade. As compras todas eram na cidade. Então a gente ia, tomava um sorvete

¹⁴ Para maiores informações, vide “Ernesto Nazareth”, disponível em: <<https://ernestonazareth150anos.com.br/>>.

na Cavé,¹⁵ tomava na Lalais, tomava na Colombo,¹⁶ sempre havia uma... essa era mais ou menos a atitude... não se fazia compra nenhuma sem tomar o bonde e ir para a cidade.

Cláudia: Aqui só havia comércio pequeno, né?

Laura: Comércio muito simples.

Maria Eduarda: E os outros o que é que faziam também por lazer? Faziam visitas?

Laura: Muito. Se faziam muitas visitas.

Cláudia: E praias?

Laura: Praia existia, mas não assim, cada um ia lá... meu marido, por exemplo, era louco por mar, não é? De maneira que... ele remava. Ele era chefe lá no Flamengo Clube de Regatas.

Cláudia: E assistiam as regatas aqui na praia? A senhora chegou a pegar...

Laura: Eu nunca assisti regata nenhuma. Haveria gente que assistia...

Cláudia: Seu marido não ia?

Laura: Não. Assistir regatas ele não era muito entusiasmado. Ele gostava muito era de tomar parte. Era ele, o Felipe de Oliveira,¹⁷ não é?

Cláudia: Mas a senhora chegou a pegar o pavilhão na praia?

Laura: Que?

Cláudia: Chegou a pegar o tempo do pavilhão ou não? Pavilhão de Regatas. Na praia de Botafogo tinha um pavilhão, a senhora chegou a pegar o pavilhão.

Laura: Ah sim, pois aquilo durou tanto tempo. Não posso precisar o tempo. Porque naturalmente certas coisas de infância talvez a gente guarde mais porque causou uma impressão maior, não é? Então depois de mais velha a gente...

Cláudia: Mistura, né. Aquilo dilui com o resto.

Laura: Acostuma. Outro dia eu peguei um livro, que me emprestaram aliás, um livro publicado pela prefeitura, de ruas, era um negócio de ruas, então, a rua Palmeiras onde meu sogro morou durante muitos anos, numa casa muito grande e eu morei logo que me casei. Tínhamos

¹⁵ A Casa Cavé, localizada no centro do Rio de Janeiro, foi criada em 5 de março de 1860, por Charles Auguste Cavé, francês que ficou à frente do negócio até 1922. Consultado em <<https://www.casacave.com.br/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹⁶ FREIRE, Renato. *Confeitaria Colombo: sabores de uma cidade*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

¹⁷ Para maiores informações, vide “Felippe Daudt de Oliveira (Felippe D’Oliveira)”, disponível em: <<https://institutotouche.org.br/2020/06/26/felippe-daudt-de-oliveira-felippe-doliveira/>>.

uma casinha pequena alugada, e a rua das Palmeiras, e a rua Sorocaba foram compradas pelo mesmo homem, quase todos os terrenos. E, na rua Sorocaba, ele fez uma série de casinhas pequeninas que até pouco tempo...

Cláudia: Até pouco tempo. Demoliram. Já virou um edifício.

Laura: Já estão demolindo, não é? Aquelas casinhas uma perto da outra. E a rua São Clemente, depois ele achou que foram vendendo os terrenos. Ainda havia assim casinhas pequeninas. Eram mais casas de moradia já melhores. Mas, é engraçado, nesse livro calhou que encontrei essa... uma estatística, uma coisa assim, dos terrenos e... como é que ele se chamava, esse senhor, meu Deus do céu? Era cunhado do... eram dois senhores muito ricos. Um era o João Borges. Não esse João Borges que tem a rua ali em cima. Era o pai dele e o cunhado. Então, o João Borges também deve ter comprado, porque onde é o supermercado ali perto da igreja, tudo aquilo era dele também.

Cláudia: Tudo dele. Aqui era... agora não era uma região... esse pedaço aqui, não era uma região de casas grandes? Era aqui onde a senhora mora? Esse pedaço...

Laura: Este quarteirão inteirinho de casas. Esse está tal e qual. Este quarteirão não mudou. Pena não terem tombado esse quarteirão, porque é o único autêntico. Tal qual como estava.

Cláudia: Eles andaram tombando...

Laura: Agora, do lado de lá havia três chácaras enormes e muito bonitas. Uma era do Lynch,¹⁸ a outra era de uma gente... almeida e Silva, e a terceira – o que era? –... eram três chácaras. Agora, uma ficou... Portugal ficou com uma.

Cláudia: É a residência do cônsul, não é? Hoje?

Laura: Que onde era a embaixada¹⁹ de Portugal? Outra ficou pra a prefeitura,²⁰ não é? E a terceira ficou pra Alemanha.²¹

¹⁸ Para maiores informações, vide: COUTINHO, Paula Andrade. *Do palacete ao castelo: estudo da trajetória do colecionador Henry Joseph Lynch*. Dissertação (mestrado). Salvador: UFBA, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25338/1/Disserta%20a7%20a3o%20%5bPaula%20Andrade%20Coutinho%5d%20-%20PPGMUSEU%20-%20UFBA.pdf>>.

¹⁹ Para maiores informações, vide “Palácio de São Clemente é lusitano e carioca”, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13226-pal%C3%A1cio-de-s%C3%A3o-clemente-%C3%A9-lusitano-e-carioca>>.

²⁰ Para maiores informações, vide “Palácio da Cidade tem a alma do Rio”, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13613-pal%C3%A1cio-da-cidade-tem-a-alma-do-rio#:~:text=Originariamente%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20estilo,qual%20compartilha%20o%20padr%C3%A3o%20arquitet%C3%B4nico>>.

²¹ Refere-se a Escola Alemã Corcovado.

Cláudia: É um colégio alemão. É um colégio.

Laura: Ela conservou um pouco isso, não é? Porque ao lado da de Portugal existia uma casa muito bonita, antiga, ainda casa de moradia do barão de Oliveira Castro. Uma casa de janelas... um mundo de janelas e depois... agora está morando minha neta.

Cláudia: Ah é!!! Onde está o Principado de Mônaco? Aquele edifício? Onde é o edifício Principado de Mônaco? Onde a senhora está falando?

Laura: É ao lado do convento de Lourdes. O convento de Lourdes era um convento pequenino onde havia uma capela.

Cláudia: Já tinha o colégio?

Laura: Acho que não tinha o colégio ainda. Mas eles já tinham uns quartos para alugar.

Cláudia: Que tem até hoje.

Lídia: O colégio de Lourdes não era perto da Barão de Lucena?

Laura: Depois demoliram tudo. Fizeram então um prédio grande, onde tem colégio, tem residências de senhora, por sinal muito bem montadas. Ótimas. Muito bem montadas. Muito limpo. Corredores muito largos. Muito bonito, sabe?

Cláudia: Não sabia, não. Esse prédio que tem mais pra cá, é o Educandário da Misericórdia. Não sei se a senhora conhece? É quase aqui em frente. Tem uma ladeira grande. É o Educandário da Misericórdia, que pertence à Santa Casa...

Laura: O quê?

Cláudia: Da Misericórdia.

Laura: É bem em frente aqui. É bem em frente à minha casa.

Cláudia: Antes de ser educandário a senhora tem recordação...

Laura: Hein?

Cláudia: Antes de ser o colégio, a senhora tem recordação do que havia ali?

Laura: Não, ali continua o colégio.

Cláudia: Sempre foi o colégio?

Maria Eduarda: Sim, mas antes? O que era antes?

Laura: Mesma coisa.

Cláudia: Sempre foi colégio.

Laura: Primeiro era o Lourdes aqui na frente e a Santa Casa lá *trás*.

Cláudia: Porque é bem antigo.

Laura: Existe o colégio.

Cláudia: É existe. Eu conheço, mas é um prédio muito antigo. Bem antigo.

Laura: Lá em cima nunca fui. Já tenho mandado muita coisa, mas lá não fui. [risos]

Cláudia: É um prédio bonito. Muito antigo. Bem antigo.

Laura: Depois eles fizeram essa casa que está agora quase mais na rua... mas é dentro do...

Cláudia: Do terreno. Mas, ali acho que é casa de caseiro. O resto continua...

Laura: Não, é uma casa muito boa.

Cláudia: Qual que é que a senhora está falando?

Laura: Muito boa!

Cláudia: De Lourdes?

Laura: E agora está toda restaurada por um médico para fazer uma clínica.

Cláudia: Ah, essa aqui do lado!

Laura: E roubaram e sequestraram o homem.

Cláudia: Ah, não sabia, não!

Lídia: Por isso que tiraram a tabuleta. Não tem mais tabuleta escrita que vai ser clínica.

Laura: Dizem que foram... também eu só soube agora, por acaso, porque de um parente da Estela, lá do marido, era amigo do médico e contou essa história. Não é? Porque estava morando assim em frente e não sabe.

Lídia: Porque tinha uma tabuleta dizendo... e aí, eu aqui parada esperando elas chegarem, falei: “Ué, cadê a tabuleta? Não é aquela casa?”

Laura: Foi assim que eu soube que ele foi sequestrado.

Cláudia: Que horror!

Laura: Perdeu um dinheirão, porque arrumar tudo isso para funcionar uma clínica, não é?

Cláudia: Que horror! Eu não sabia disso não.

Laura: Mais adiante, em frente ao que? Em frente à Sorocaba, talvez um pouco abaixo, era propriedade da Light, então morava ali o presidente da Light.

Cláudia: O Mackenzie?

Laura: Que era o Mackenzie. Depois eu cheguei a conhecer a casa, porque aí era o Gallotti,²² que era conhecido do meu marido, convidou a gente para jantar lá. Mas, era uma casa de um andar só no meio de um parque muito bonito. Depois a Light – o Galotti, acho que já tinha morrido, não sei – transformaram e agora tem um prédio de apartamentos.

²² Refere-se a Luís Gallotti. Para maiores informações, vide “Luís Gallotti”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/presidente.asp?periodo=stf&id=153>>.

Cláudia: Aquele Promenade São Clemente, não é? Eu lembro quando eu...

Laura: Havia muitas avenidas, como chamavam antigamente.

Cláudia: Vila, né?

Laura: É, aquelas entradas assim, porque os terrenos eram muito fundos, não é? Entradas assim e aquela série de casas... algumas melhores. Eu tive uma costureira que morou ali perto do Santo Inácio, numa dessas. A dela era bastante boa, tinha dois andares. Agora, mais adiante tinha a tal Moraes, chamávamos de avenida Moraes, onde eram mais confortáveis. A sogra de Estela morou lá. Agora mora um senhor muito conhecido que é crítico musical, Horta.²³

Cláudia: Ah é? Ali, agora é uma rua. É considerada uma travessa.

Laura: Não é uma travessa. A gente chamava avenida.

Lídia: Esquina de quê, Cláudia?

Cláudia: Esquina de São Clemente, onde tem hoje o Cajado de Ouro.

Lídia: Ali mesmo.

Laura: Ao lado do 137 tem uma entrada que não liga com coisa nenhuma também, mas as casas já são um pouquinho maiores.

Cláudia: 137, então já é mais para perto da casa do Rui.

Laura: Hein?

Cláudia: Então já é lá pra perto da Casa de Rui.

Laura: É quase em frente à Rui Barbosa.

Cláudia: É, tem uma vila lá.

Laura: Tem outra avenida lá. Agora, fazem prédios e as pessoas moram em apartamentos. Antigamente moravam assim. As pessoas mais modestas, as casas eram assim, aquelas avenidas.

Cláudia: Aqui em Botafogo tinha muitas avenidas.

Laura: Muitas. Muitas. Há uma que ainda parece que ainda é muito boa. É lá para o lado de Mariana ou Dezenove de Fevereiro. Era uma grande, que as casas já eram melhores. Também na rua Real Grandeza, havia uma coisa chamada vila Montevidéu e eu vou explicar de quem era. Era gente de São Paulo.

Cláudia: Ah é? Em frente à minha casa. Eu moro em frente.

Laura: Era... essa senhora, a dona daquilo... era mais ou menos uma pessoa um pouco da minha idade talvez, não era muito mais velha, casou com uma pessoa do Rio de Janeiro. Não é? E então era uma porção de

²³ Para maiores informações, vide “Luís Paulo Horta”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/luiz-paulo-horta/biografia>>.

casinhas e era tudo virado para dentro, porque tinha um pátio grande assim e aquelas casinhas viradas. Não é? E então tinha aquela porta grande com vila Montevideú. Não é? E aí, todo mundo ficava espantado, porque a fazenda do pai dela se chamava Montevideú lá em São Paulo, não sei porque que ele tinha esse nome. E ela então veio por aqui este Montevideú. Creio que ainda está com o letreiro. Não é?

Cláudia: Tem. Tem. Chama-se Jardim Montevideú.

Laura: Agora é jardim é?

Cláudia: É em frente à minha casa. É em frente ao meu prédio. É onde a Deise morou.

Laura: Naquele tempo era assim... tinha os vendeiros, as casas de venda. A gente comprava e tinha um caderno. Não é? A pessoa tinha que assinar... assentar no caderno. E, muitas vezes, guardavam o caderno para poder sempre por alguma coisa a mais, não é? Então, uma vez explicou assim: “Vendemos um queijo e não sabíamos para quem, então pusemos em todos os cadernos e aí quem prestou atenção veio reclamar que não tinha comprado o queijo”.

Cláudia: Quem não reclamou...

Laura: Quem não reclamou comprou o queijo. [Risos]

Cláudia: Se um fosse desligado...

Laura: Pois é. Aí, depois fizeram a Imperial. Aquilo foi um sucesso. A Imperial,²⁴ daquela época, já com um aspecto mais importante. Aí a gente tocava o telefone, vinha um homem com a ficha, a gente assinava e depois, no fim do mês, mandavam a conta de acordo com aquelas fichas assinadas e eram muito amáveis, sempre muito delicados.

Cláudia: A Imperial antes era mais um armazém do que confeitaria. Hoje é mais confeitaria.

Laura: Era armazém. Tinha confeitaria, mas era pouca coisa assim. Mais simples assim.

[Fim da gravação]

²⁴ Para maiores informações sobre a confeitaria Imperial, vide “Padarias de Botafogo”, disponível em: <<http://saudadesdoriodoluizd.blogspot.com/2017/05/padarias-de-botafogo.html>>.

PARTE 2

Maria Eduarda: Que nós iríamos vir que ela tem um aniversário de uma amiga. Não é?

Laura: O que?

Maria Eduarda: D. Laura, quando eu liguei ontem, disse que quarta-feira tinha um aniversário de uma amiga, não é?

Laura: Pois é. Pois é. Isso é uma coisa raríssima.

Maria Eduarda: Ah, então tá bom!

Cláudia: A senhora ultimamente não tem quase saído.

Maria Eduarda: Coincidiu.

Cláudia: E a senhora tem algum outro tipo de recordação que a senhora acha que valha a pena falar? Sobre o bairro, sobre as pessoas, que a senhora lembre.

Laura: O bairro era considerado um bairro, não digo, aristocrata positivamente, mas enfim eram todas casas muito boas e naturalmente naquele tempo todo mundo se conhecia um pouco. Não é? Mas depois foi indo, foi indo... ainda vai... ainda é diferente, porque até agora ainda não está puxado a camelô. Não é? [risos]

Cláudia: É, realmente, isso a gente ainda não tem muito aqui. A São Clemente ainda é uma rua sossegada.

Laura: Não tem tanto.

Cláudia: Na Voluntários tem alguma coisa. Do outro lado do Cobal, não é? A rua São Clemente era bem sossegada, né? Passava só bonde, né?

Laura: É, bonde só. Cinema houve. O cinema não foi muito depois de eu me mudar, não. Era na esquina lá de Passagem com General Polidoro, naquele pedacinho...

Cláudia: Ali tinha cinema?

Laura: Entre Voluntários e...

Cláudia: Sei.

Laura: Tinha um cinema.

Cláudia: Não é esse que ainda existe não?

Laura: Ainda existe cinema ali? Nem sei.

Cláudia: Não, tem um cinema lá chamado Botafogo, que é antiquinho, mas não sei...

Laura: Não é Botafogo o nome dele não.

Lídia: Não era Guanabara?²⁵

Laura: Acho que é o Guanabara. Naquele intervalo entre Voluntários e a outra rua. Aí eu me lembro... estou me lembrando, porque a pessoa que veio morar aqui nessa casa ao lado, tinha perdido o marido havia pouco tempo. E estava sempre muito dentro de casa, muito triste, muito tristonha e era uma pessoa da minha idade. Então, um dia eu disse a ela: “Você hoje vai comigo ao cinema. Eu estou com muita vontade de ir ao cinema, mas sozinha eu não vou. Você vai comigo?” Tantas fiz que consegui meter ela no cinema. Não sabe? Quer dizer, o cinema foi por aí... eu vim para aqui em 22. O cinema deve ser de 24, 25, por aí assim tinha o cinema.

Lídia: Vocês iam até Copacabana?

Laura: Hum?

Lídia: Vocês iam até Copacabana?

Laura: O que é que tem?

Lídia: Vocês iam passear em Copacabana?

Laura: Se íamos passear? Ah, íamos! Nós íamos de chapéu e luva, não é? [risos]

Cláudia: Lá era um areal, não é?

Laura: Às vezes, eu ia levar as meninas. Eu não gosto de banho de mar. Não gostava muito. Já mocinha não gostava. De maneira que eu ia mais para levar os filhos. Então a gente ia. Sentava na areia. Brincava lá. As crianças mexiam na água e voltava para casa. E às vezes ia para passear, não é? Fazer uma espécie de *footing*. Tem um retrato meu elegantíssima. Chapelão, bolsa, luvas... toda aquela trapalhada toda. [risos]

Cláudia: Para ir à praia?

Laura: Para ir para a praia.

Lídia: E o carnaval, d. Laura?

Laura: Carnaval? carnaval era... eu ia quase sempre para São Paulo.

Lídia: Não ficava aqui? [risos]

Laura: Não, porque em São Paulo meu pai morava na avenida Paulista. Então tomava o carro e lá ia tudo... a criançada toda ia com...

Lídia: Trio elétrico.

Laura: E a gente ficava só assistindo.

Cláudia: Na avenida mesmo.

²⁵ Para maiores informações, vide “Cine Guanabara – Botafogo – RJ” disponível em: <<https://cinefechadoparareforma.wordpress.com/2015/06/19/cine-guanabara-botafogo-rj/>>.

Laura: Na avenida, não é?

Lídia: Era curso?

Cláudia: Corso.²⁶ Aqui acho que era curso, não é? Acho que lá também.

Laura: Aqui começaram. Houve... primeiro houve os bailes. Cheguei a ir a uns, mas era tudo de vestido de baile mesmo, no Palace Hotel, onde é agora o prédio em frente aos Correios.

Cláudia: No centro da cidade?

Laura: É. Tinha o Jóquei Clube e tinha aqui o Palace Hotel.

Cláudia: Na Rio Branco.

Laura: Na Rio Branco. Então aí faziam o baile. E o Jóquei Clube também fazia sempre festa de... quando eu estava aqui no Rio eu ia no Jóquei Clube. Meu marido era secretário do Jóquei.

Lídia: Cassino da Urca não é tão antigo?

Cláudia: Não. Eu ia perguntar para senhora dos colégios. Seus filhos estudaram aqui em Botafogo?

Laura: Colégio? Minhas filhas eram do Jacobina.²⁷ Quando elas começaram era na rua que agora se chama... eu chamo de Guanabara... é Pinheiro Machado.

Cláudia: Ah sim! O palácio.

Laura: O Jacobina, quando elas começaram, era na Pinheiro Machado. Depois mudaram-se para Machado de Assis.

Lídia: Tudo Flamengo.

Laura: Depois é que vieram aqui para São Clemente. Mas era um colégio ótimo, mas ótimo com letras grandes.

Lídia: Tinha o Anglo-Americano que também era muito bom.

Laura: Tinha o Americano.

Lídia: Anglo-Americano.

Laura: Tinha o Resende...

Cláudia: O Resende era ali na Bambina, né?

Laura: Um professoras... o Resende... e antes de eu me casar havia o Alfredo Gomes, não é? Mas aí, depois não havia mais. Quando eu me casei não havia mais. A rua se chama Alfredo Gomes até.

Maria Eduarda: E o colégio do seu filho?

²⁶ Para maiores informações, vide “Cursos carnavalescos e Batalhas de confete”, disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cursos.html>>.

²⁷ O Colégio Jacobina foi fundado em 1902 pelas irmãs Francisca (d. Chiquita) e Isabel (d. Belinha) Jacobina Lacombe. Em 1962, Laura Jacobina Lacombe escreveu o livro *Como nasceu o Colégio Jacobina*.

Laura: Hum?

Maria Eduarda: O colégio do seu filho?

Laura: Qual é?

Cláudia: O seu filho estudou aonde?

Laura: Meu filho estudou no Aldridge.²⁸

Lídia: O inglês, não é?

Laura: Ao lado daquele...

Cláudia: Na praia, não é?

Laura: ... daquele coisa enorme que é agora.

Lídia: Era perto do Anglo-Americano.

Laura: Hum?

Lídia: Era perto do Anglo-Americano.

Laura: É.

Lídia: Esses colégios tiveram problema na época da guerra. Né?

Laura: É. Esse Aldridge era um colégio muito bom. Também.

Cláudia: Parece que eles tiveram que fechar na época da guerra

Lídia: Da Segunda Guerra.

Laura: O Aldridge... ainda existe a casa do Aldridge.

Cláudia: É existe.

Laura: Porque era... é ao lado do Getúlio Vargas.

Cláudia: É da Fundação, não é? Não é onde hoje é o Andrews? Você sabe que eu não sei.

Lídia: Eu já me embaralhei.

Laura: Depois, aí, meus bisnetos já foram para o Fernando Magalhães, que era na rua Marquês de Olinda. São Fernando que chamava.

Cláudia: São Fernando!

Laura: São Fernando. Eles tinham que escolher um colégio. E foi ótimo. Ainda por cima ficaram morando naquele prédio 117 de São Clemente. Minha filha ficou morando ali. Eles mandavam as meninas para o Jacobina e os meninos pro São Fernando. Bem perto um do outro.

Cláudia: Sua filha morava ali, então?

Laura: Ela morava ali.

Lídia: A Escola México²⁹ também é antiga, mas ela tinha outro nome. A senhora lembra da Escola México? A escola pública?

²⁸ Para maiores informações, vide “Praia de Botafogo”, disponível em: <<http://saudadesdorioluizd.blogspot.com/2017/03/praiadebotafogo.html>>.

²⁹ Na gestão de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, entre 1931 e 1935, foi elaborado um plano mínimo de edificações que previa, para o período de 1934 a 1938, a construção

Laura: Aham?

Lídia: Escola pública. México. Aqui na rua da Matriz.

Laura: Conheci uma escola pública na rua...

Cláudia: Da Matriz qual é? Tinha outro nome.

Laura: Matriz? É.

Cláudia: Tem mais de cem anos. É a rua da igreja. E a igreja que a senhora frequentava aqui era a São João Batista?

Laura: Não. Acabou aquele colégio na rua da Matriz?

Lídia: O nome agora é Escola México. Eu queria saber como é que era o nome antes. Se a senhora lembra se o ensino era bom? Se era considerado bom mesmo? Ensino de colégio público.

Laura: Acho que era. Tinha muito movimento. Ali, morou em frente, mais ou menos, a poetisa – agora o nome me foge, me dá um desespero – que é aquela...

Cláudia: Uma portuguesa?

Laura: Como é que ela chama? Era casada com um português, um pintor.

Cláudia: Sabe não?

Laura: Tão conhecida ela, meu Deus do céu!

Maria Eduarda: Não é a Cecília?

Laura: Cecília Meireles.³⁰ Morou ali muito tempo. Era uma casinha lá no fundo. Aqui ao meu lado morava Ronald de Carvalho.³¹ Não é?

Lídia: Arthur Bernardes³² morava por aqui também, não é? Acho que lá onde é o INPS. Na Voluntários, por ali; perto da Paulo Barreto, por ali.

Laura: Não sei. Paulo Barreto já era para o outro lado. Eu não me lembro mais.

Cláudia: A senhora não andava muito por aí. A senhora conhece a Casa de Rui Barbosa? Já estive no museu?

Laura: Muito.

Maria Eduarda: Claudinha perguntou qual era a igreja que a senhora frequentava.

de 74 novas unidades escolares, a ampliação de 16 prédios municipais já erguidos e o aproveitamento de 25 prédios existentes. Desse plano, a construção realizada abrangeu efetivamente 25 novos prédios, dentre eles a da Escola Municipal México, em Botafogo. Consultado em <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

³⁰ Para maiores informações, vide verbete “Cecília Meireles”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3245/cecilia-meireles>>.

³¹ Para maiores informações, vide verbete “Ronald de Carvalho”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2767/ronald-de-carvalho>>.

³² Para maiores informações, vide verbete “Artur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

Laura: Não frequentava, porque eu não sou religiosa. [risos]

Cláudia: Eu senti que ela não queria falar. [risos]

Maria Eduarda: Desculpa!

Cláudia: É porque geralmente as famílias são ligadas a alguma igreja, por isso foi que eu perguntei. A gente não sabe, por exemplo, qual é a que a família de Rui Barbosa frequentava.

Lídia: Era a São João Batista, que eles casaram ali... as filhas casaram ali.

Cláudia: Mas não sei se frequentavam. É isso que estou falando, porque já vi...

Laura: Rui? O Rui era capaz de frequentar a Candelária! [risos]

Cláudia: [risos] Pois é! É isso que eu estou falando! O negócio era mais para aparecer.

Laura: Antigamente havia muitos casamentos de noite também. De maneira que essa igreja de São João Batista era muito comum a gente ir espiar a chegada da noiva. Nós morávamos ali pertinho. Não é?

Cláudia: Mas é uma igreja esquisita. Aquela igreja, ela é meio em cima da rua. Acho uma igreja estranha.

(Interfone tocou)

Laura: Não, não é em cima da rua. Tem uma escadaria, não é?

Cláudia: Não, eu estou dizendo... a calçada é muito estreita. Eu não gosto daquela igreja.

(Tocou a campainha)

Laura: Vai ver foi o João Borges que deu um pedaço de terra pra fazer a igreja... [risos].

Cláudia: Parece que é das construções mais antigas de Botafogo, é essa igreja. Tem uma igreja inglesa aqui. Outro dia eu descobri...

Lídia: É na Real Grandeza.

Cláudia: Em frente à minha casa...

Laura: Santo Inácio foi muito depois.

Cláudia: Santo Inácio é mais recente.

Laura: Eu não sei quando é que começou o Santo Inácio. Eu não me lembro.

(Não é possível entender, pois todas falam ao mesmo tempo)

Lídia: Agora, deixa eu perguntar sobre festa de São João, natal, festa de rua... a senhora com as amigas indo nestas festas?

Laura: Que?

Lídia: A senhora com suas amigas indo em alguma festa assim? Não tinha isso?

Laura: Acho que não havia isso não...

Cláudia: Não tinha não. Festa Junina... não tinha nessa época. E a senhora tem assim recordação do crescimento da favela?³³

Laura: Hein?!

Cláudia: A favela!

Laura: Quando nasceu a favela?

Cláudia: É, o crescimento da favela.

Laura: Posso dizer absolutamente com data. Final de 37.

Cláudia: Ah, foi? Eu achava até que era mais antigo. Começou...

Laura: Não existia nada. Meu sogro ficou doente, morava na rua das Palmeiras num prédio de dois andares, e ele não estava passando bem. A gente se revezava no quarto dele para ficar... para ter companhia. Né? Então tinha uma janela que dava em cima da vista do Dona Marta e a gente viu crescer a favela, as primeiras casas.

Cláudia: Agora está impraticável. Está impraticável.

Laura: E depois com tiroteio. Agora, uma bisneta minha mora em São Clemente, mas é em um prediozinho ao lado da bomba de gasolina...

Lídia: É um recuado assim.

Laura: Diz que é um inferno. Aquele barulho todo. Ela fica com medo.

Cláudia: Eu moro na rua das Palmeiras, quase Voluntários, e escuto lá.

Laura: Ela fica com medo de que entre uma bala desgarrada, então pega o colchão e leva pro fundo da cozinha.

Cláudia: Aí que horror!! Mas a favela, naquela época, não tinha isso que a gente tem agora. Era um lugar onde pessoas pobres moravam, mas não tinha esse banditismo.

Laura: Era uma coisa respeitável. Era desagradável para quem morava com certeza, mas ninguém fazia mal.

Cláudia: Não era banditismo.

Laura: Pois, imagine que a Embaixada de Portugal não tinha nem muro!

Cláudia: Ah é! Não tinha nada.

³³ Para maiores informações, vide “História do morro Dona Marta”, disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-morro-dona-marta/>>.

Laura: Eu me lembro do dia em que eu fui lá e a senhora embaixatriz mandou dizer que estavam resolvendo fazer um muro porque elas gostavam de tomar chá ou café – sei lá o que que eles tomavam – no fundo e ficava muito devassado, então resolveram fazer o muro. Quer dizer, não tinha muro. E aquele outro muro, que sobe assim, também foi um senhor, Severiano Ribeiro,³⁴ creio eu que se chamava ele, era dono de um cinema, fez aquele muro que sobe.

Cláudia: Foi ele que fez? Ele morou aqui então?

Laura: Morava aí, numa casa ali para baixo...

Cláudia: Eu não sabia. Eu conheci o Severiano Ribeiro mais velho, morando no Leblon. Não sabia que tinha morado aqui não.

Laura: É, morava embaixo... morava o médico João... Gouveia. Dr. Gouveia. Não sei o que Gouveia. Tinha casa também ali... foi uma coisa mais ou menos... agora a favela, verdadeiramente, você sabe que a favela era o morro de favela.

Cláudia: Ah, sei! É o morro de favela

Laura: E era assim... havia cisma de que era gente turbulenta, que gostava de brigas e coisas assim. Quando nasceu o meu filho [risos], mamãe estava aqui. Mamãe era muito animosa. Não sabe? Gostava de passear e ela pintava. Não sabe? Aqueles esquetes. E a mamãe falou: “Eu vou até a favela”. “Mamãe, por favor, não vai à favela. Você vai se meter na favela? O que que você vai fazer lá.” “Não, vou lá. Não vai acontecer coisa nenhuma. Eu vou à favela”. Lá foi ela à favela. Voltou contentíssima. Conversou lá com o pessoal. Tirou retrato. Fez um quadro tão bonitinho que está na mão da Estela. Está com a letra dela atrás “Morro da favela”.

Cláudia: Ela pintou. Ela fotografou e da fotografia ela fez uma pintura.

Laura: As fotografias, eu não cheguei a ver nunca, porque ela morava em São Paulo. Mamãe era uma criatura muito original. Em vez de falar de Rui Barbosa, vou falar de mamãe. [risos] Era muito original. Era uma senhora que se vivesse nessa época agora ia fazer coisas diferentes, completamente. Saiu em São Paulo um dia, ela estava com 70 anos, com a máquina fotográfica para tirar casas velhas do centro da cidade que ainda existiam. Bom, quando mamãe morreu, a governanta, que ela tinha uma governanta alemã muito boa. “D. Laura, vou mandar as coisas de d. Amélia. Eu vou mandar para senhora”. Porque eu tinha outra irmã,

³⁴ TONINHO VAZ. *O rei do cinema: a extraordinária história de Luiz Severiano Ribeiro o homem que multiplicava e dividia*. S. l.: Record, 2008.

mas minha irmã não achava graça nenhuma nessas coisas. “Então, eu mando para senhora essas coisas de d. Amélia.” E veio um albunzinho pequenino com fotografias dessas casinhas velhas. Não sabe?

Lídia: Já deviam até ter demolido!

Laura: Era bem no centro da cidade. Não era fora não. Era naquele miolo ainda com central. Bom, eu guardei durante muito tempo. Depois eu tive contato com uma moça de São Paulo que estava fazendo estudos sobre os bairros de São Paulo. Não é? E calhou que ela leu meu livro e cita uma coisa do meu livro, no bairro de Higienópolis, da d. Veridiana. Então eu agradei, naturalmente, a ela. Ela ter feito isso. Eu conheci Higienópolis desde pequenininha e gostaria de saber se ela se interessava – já que ela estava fazendo um estudo assim –, por fotografias velhas da cidade. Ela mandou dizer que nem havia dúvida, que mandasse as fotografias que para ela seria muito interessante. Sabe que no ano passado ela fez uma publicação pela prefeitura, ou da cultura de São Paulo, não sei, sobre mamãe com as fotografias.

Cláudia: Ah, que interessante!

Laura: E ela também pôs as fotografias, duas delas, na tese dela. Foi sobre o prédio Martinelli, então, mostrando a diferença que havia de uma época para a outra, não é? Umas casinhas assim...

Cláudia: Sua mãe nunca poderia imaginar que teriam esse destino.

Laura: Nunca, ela ia ficar espantada. Ela era assim, gostava de passear. Então saía com a máquina fotográfica dela e ia tirando fotografias. Isso não tem nada com São Clemente, mas enfim.

Cláudia: A gente trabalha com isso mesmo. A ideia é formar uma memória da vida aqui nesse pedaço.

Laura: Aqui era um bairro pacato.

Lídia: D. Laura, a senhora lembra da época da guerra aqui em Botafogo?

Laura: O que?

Lídia: Da época da guerra?

Laura: Da guerra?

Lídia: É.

Laura: Ah, me lembro. Trabalhei em tanta coisa... tanto. Meu marido foi quem fundou³⁵ a LBA³⁶ para a Darcy.

³⁵ Rodrigo Otávio Filho fez parte da composição da primeira Comissão Central da LBA como secretário geral indicado pela Confederação Nacional da Indústria.

³⁶ BARBOSA, Michele Tupich. *Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)*. Curitiba

Cláudia: Ah, foi? Eu não sabia disso.

Laura: Porque a Darcy... o Getúlio... a Darcy propôs-se a fazer uma instituição para ajudar as famílias dos pracinhas. Essa foi a primeira ideia dela. Então, o Getúlio disse: “Eu deixo você fazer, mas nada de política. Você tem que arranjar gente que não seja político”. Ela disse: “O Rodrigo Octávio, o que é que você acha?” “Pode”. Então ela convidou o Rodrigo para fazer o arcabouço da obra e ele trabalhou. Abandonou tudo o que fazia. Trabalhou só para a LBA e então aí fizeram vários departamentos, num deles a costura. Eu sempre às voltas com as minhas costuras.

Maria Eduarda: Elas gostariam de saber a sua participação.

Laura: Pois é, fazia costuras. Outras tomavam conta de visitas aos hospitais onde houvesse pessoas ligadas aos pracinhas e assim foi constituída a obra e foi tomando força. Mas nisso a Darcy perde o filho e ficou muito acabrunhada, não é? E meu marido também estava muito cansado porque tinha abandonado tudo o que ele fazia para cuidar, então ficou trabalhando. Meu genro, marido dessa minha filha Estela, é que ficou trabalhando e a Darcy ficou encantada – o Paulo era muito inteligente e muito capaz mesmo. Então eles é que trabalhavam. Mas, aí já estavam aumentando, já saiu muita coisa para outros estados. A coisa foi tomando...

Cláudia: Foi crescendo a nível nacional.

Laura: Um pouquinho maior, não é?

Cláudia: Eu não tinha ideia que isso tinha sido criado para atender pracinha, não. Não tinha essa ideia. Você sabia, Lídia?

Lídia: Não, também não. A coisa às vezes se perde no tempo, o objetivo...

Laura: É. A ideia era ajudar as famílias dos pracinhas. Acontece que ela não teve força de acabar com a LBA quando acabou a guerra. Devia ter feito isso, não é? Eu creio que coincidiu mais ou menos com a morte... com a fuga do Getúlio, da primeira vez. Quando o Getúlio foi destituído, ainda estava a guerra? Foi 45?

Lídia: 45 terminou a guerra.

Cláudia: Foi. Ele saiu e entrou o Dutra,³⁷ que já tinha sido...

(PR): UFPR, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48900/R%20-%20T%20-%20MICHELE%20TUPICH%20BARBOSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

³⁷ Para maiores informações, vide verbete “Eurico Gaspar Dutra”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>>.

Laura: Não, Getúlio³⁸ morreu em 54.

Cláudia: A guerra acabou em 45.

Laura: 45. Eu não sei se foi quando ele foi embora. Não, mas ele ainda estava no poder, porque ela tomou conta outra vez. Aí é que eu acho que ela errou, porque se ela tivesse acabado com tudo de uma vez não tinha virado aquele cabide de emprego que ficou a LBA. Era mais gente empregada do que assistida.

Cláudia: E isso virou um monstro e só agora foi extinta.

Laura: Ainda tem...

Cláudia: Foi extinta, mas ainda existe. Está em processo de extinção ainda. As pessoas estão sendo redistribuídas.

Laura: A Darcy³⁹ era uma pessoa interessante, porque ela teve uma vida... na mocidade. Ela casou muito cedo. Ela casou com 16 anos e, no interior, não era nem Porto Alegre, de maneira que devia ser assim uma pessoa mais... digamos a palavra... menos de cultura, não é?

Lídia: Mas, não era comum casar com essa idade naquela época?

Laura: Hein?!

Lídia: Não era comum casar cedo assim? Uma moça casar com 16 anos? Qual a idade que você tem?

Laura: Pois ela casou com o Getúlio. Acontece que o Getúlio era um homem muito inteligente, muito, muito... desejando muito o poder desde cedo. E quando ele veio para trabalhar aqui no Rio de Janeiro, ele veio com uma carta apresentando ao meu sogro, que ainda tinha... não, meu sogro acho que não tinha. Já não estava mais com o escritório. Eu sei que o meu sogro não tinha possibilidade de pôr um advogado, e aí, como ele era muito amigo dos Daltro de Oliveira e o Rodrigo era intimíssimo do Felipe, o Getúlio também ficou. Ficou assim mais ou menos no grupo. Não é? Se encontravam, conversavam, até que ele foi depois ministro. Não é? Ele foi ministro. Depois de ministro, ele passou a governador do Rio Grande. De governador do Rio Grande, ele veio para aqui para ficar dono do Brasil.

Cláudia: Veio em 30 e não saiu tão cedo.

Laura: Eu convivi com muita gente interessante, não é?

Lídia: A senhora nunca foi numa festa na casa de Rui Barbosa?

³⁸ Para maiores informações, vide verbete “Getúlio Vargas”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>>.

³⁹ SIMILI, Ivana Guilherme. *Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

Laura: Ah, não. Nem a gente se dava mais. Ele tinha morrido.

Lídia: A senhora veio em 18.

Laura: 17, mas não frequentávamos.

Cláudia: O sogro dela é que foi mais contemporâneo. Foi mais o seu sogro.

Laura: Não, não frequentávamos porque... a d. Maria Augusta parece que gostava, parece que muito, de dar recepções grandes, não sei. Eu não cheguei a ver. Não é? Parece que ela recebia muito, mas tinha lá a roda dela. Com certeza. Ainda por cima que ela era baiana. Ela não era daqui.

Cláudia: É, eu acho que ele tinha um grupo meio fechado. A impressão que eu tenho é essa. Uma coisa que eu queria perguntar para a senhora, que é um trabalho que eu estou fazendo agora, é com relação às casas de comércio da época. A minha curiosidade é com relação... se comprava na Casa América e China, Leonardos, nessas grandes casas. A senhora ainda pegou essa época de comprar na Leonardo Martins?

Laura: A gente não fazia compra nenhuma que não fosse na cidade, porque o bairro era servido por coisas muito secundárias, pequenas e... uma Casa Brasil que já existia e até agora existe, e tudo era em ponto pequeno. Então assim achava uma facilidade enorme tomar o bonde e ir para a rua. A Casa América e China, esse vaso bonito que eu tenho aqui, chinês, ali na entrada, foi da América e China. Meu pai estava arrumando a casa dele porque até eu me casar, moramos em um bairro, depois é que ele mudou para a avenida. E tinha uma entrada muito grande, um *hall* colossal e então ele disse: “Laura, vê se me arranja um bonito cachepô bem grande para eu pôr uma planta”. Eu fui na América e China, comprei aquele e mandei para São Paulo. Depois que eles morreram veio para mim.

Cláudia: Depois veio para a senhora. Porque a minha curiosidade...

Laura: Mas a América e China era estupendo. Encontrava louça. Encontrava coisas para limpeza da casa variadíssimas. Volta e meia comprava uma coisinha assim, uma especificidade, para limpar balaústres, para limpar não sei o que, mesa de jogo... era... tinha uma misturada...

Cláudia: Compravam se peças de boa qualidade?

Laura: Peças todas importadas, não é? Naquele tempo tudo era importado.

Cláudia: A minha curiosidade se prende ao seguinte...

Laura: Ao lado tinha o Crashley,⁴⁰ que era uma livraria inglesa. Não é?

⁴⁰ A Casa Crashley & Cia, referência para a comunidade inglesa, situava-se no centro do Rio de Janeiro, à rua do Ouvidor, nº 58. Para maiores informações, vide “Impressões do Brazil

Cláudia: Essa não conheço. Crashley?

Laura: Crashley. Era uma livraria inglesa, também com revistas inglesas, uma biblioteca, os livros ingleses. Não é? Depois, mais para cá, existia um Salgado Zenha que era uma casa de modas finíssima, depois a livraria Garnier. Como é que chamava a outra casa de homens? Torre Eiffel. A torre Eiffel tinha tudo, mas tudo era importado.

Cláudia: Era tudo na rua do Ouvidor?

Maria Eduarda: A rua era rua do Ouvidor?

Laura: É, rua do Ouvidor. Teve muitos nomes nessa rua. Não é? Porque volta e meia trocavam o nome. De repente o tal do Ouvidor ficou importante e ficou.

Cláudia: Ficou rua do Ouvidor porque era uma rua muito marcante, não deu pra mudar o nome dela.

Lídia: D. Laura, eu não li o seu livro. Ela leu e diz que fala dos modelos, dos vestidos. Os vestidos vocês copiavam de figurinos vindos de Paris?

Laura: Bom, importavam-se também vestidos prontos, não é? Pode ser que houvesse alguma que fizesse as duas coisas, quando o modelo fosse copiável, elas copiavam. Chapéus, a mesma coisa. Também vinham aquelas levas de chapéus. Eu até cito no meu livro o caso da moça muito elegante e bonita que disse que não podia ficar esperando pelo almoço de uma chapeleira. E me deu uma raiva dela! Eu era muito nova e ela muito bonita. Mas eu fiquei tão revoltada! Tinha uma porção de gente esperando e ela: “Cadê Madame Juste?” “Está almoçando já deve chegar daqui a pouco”. “Onde é que se viu a gente estar esperando o almoço de uma chapeleira?”

Cláudia: Isso marcou a senhora, não é? A senhora não esqueceu disso, não é? Essa parte dos figurinos que a d. Laura fala no livro é muito interessante. Ela compara o daqui e o estrangeiro.

(Interfone tocando)

Laura: Depois tinha a Mappin & Webb,⁴¹ esquina de Quitanda.

Cláudia: Qual é o nome?

Laura: Mappin & Webb

Cláudia: Ah! Mappin & Webb. Vocês compravam lá também as pratas.

do século XX”, disponível em: <<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g38q.htm>>.

⁴¹ Para maiores informações, vide “Chic rua do Ouvidor, Mappin & Webb”, disponível em: <<http://rioquepassou.com.br/2006/06/20/chic-rua-do-ouvidor-mappin-webb/>>.

Laura: E comprava.

Cláudia: Era inglesa mesmo, que vinha importada?

Lídia: Era uma loja que tinha?

Cláudia: Era importadora.

Laura: O *Jornal do Commercio*, esquina da avenida com Ouvidor. A Casa...

Cláudia: Leonardos! A senhora chegou a comprar?

Laura: Leonardos era um pouco mais para baixo.

Cláudia: Leonardos até pouco tempo havia.

Laura: Mas depois mudou muito. Era só porcelana.

Cláudia: Oriental.

Laura: Era só porcelana. A Leonardos foi fundada por um senhor francês chamado Milliet. Milliet este que vinha a ser avô, bisavô do Sérgio Milliet.⁴²

Cláudia: A senhora fala no livro.

Laura: Pois é. Porque a minha tia, casada com o meu tio, chamava Milliet. Era neta desse senhor, e a mãe do Sérgio era irmã dessa minha tia. Então ele, não sei se ainda existe... mas, na casa da marquesa de Santos, a louça que veio para a princesa d. Amélia ainda tem escrito Casa Milliet.

Cláudia: Casa Milliet. É isso mesmo.

Laura: Não sei se ainda está lá. Tinha uma vitrine com louça...

Cláudia: Tem uma peça lá na Casa de Rui escrita Casa Milliet.

Laura: No avesso ainda tem Casa Milliet.

Cláudia: Quer dizer que a Milliet virou Leonardos?

Laura: Depois o Leonardos comprou.

Cláudia: São dois irmãos Leonardos. O sobrenome era Leonardos, mas eram dois irmãos se não me engano. Quer dizer que primeiro foi Casa Milliet...

[Fim da gravação]

PARTE 3

Laura: ... apresentam o Thomas Leonardos. Thomas Leonardos... [risos]
Eu conheci o *petit* Tom. Sempre. [risos]

⁴² Para maiores informações, vide verbete “Sérgio Milliet”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa252/sergio-milliet>>.

Cláudia: E ele lembrou! [risos] E a senhora tem assim mais alguma recordação dessa época? De comércio? A senhora tem alguma recordação assim do comércio mesmo lá do centro da cidade? Do comércio lá do centro, mais alguma coisa assim que a senhora lembre?

Laura: Ah... o centro da cidade? Essas lojas eram muito antigas. E tinha um joalheiro, Vieira. Não sei como era o primeiro nome. Também era mais ou menos em frente à Mappin & Webb.

Lídia: E os alfaiates? Havia alguma casa de alfaiates assim famosa?

Laura: Alfaiate? Raunier! Na rua esquina de Ouvidor com Uruguaiana, onde é a Sloper. A Casa Raunier era o que havia de requintado e fino.

Cláudia: E se fazia de encomenda também?

Laura: E tinha chapéu de homem também. Casas só de chapéu de homem. Casa só de charutos. Era muito diferente. Havia uma tal casa que se chamava Bastidor de Bordado que era antiquíssima também. Essa foi do tempo de minha mãe. Depois passou pra avenida. Antes era na rua do Ouvidor. A Casa Trovador...

Lídia: De que?

Laura: De roupas de senhoras, mas também importadas.

Lídia: Tudo era importado.

Laura: Palais Royal...

Cláudia: Aquela que pegou fogo foi o Parc Royal, não foi?

Laura: Parc Royal já era de outro tempo. Já era português. Era diferente, já tinha fazendas muito boas. Tudo era muito bom, muito fino. Era esquina da rua do Teatro e largo de São Francisco. Parc Royal. Fui muito à Parc Royal.

Cláudia: É uma curiosidade que eu tenho... aqui na praia de Botafogo tinha o Mourisco, né? Mourisco. Pavilhão Mourisco.⁴³ Era uma casa de...

Laura: Eu não sei o que faziam no Pavilhão Mourisco.

Cláudia: Pois é, essa é a minha curiosidade.

Laura: Eu nunca soube.

⁴³ O edifício do Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier e construído durante a administração do prefeito Souza Aguiar, de 1906 a 1909. Inicialmente, destinava-se a ser *Music Hall*, mas funcionou como salão de chá, restaurante e café. A partir da década de 1930, abrigou a Biblioteca Infantil, gerida por Cecília Meireles, que o transformou num centro de cultura infantil ao conjugar outras atividades como o cinema, música, cartografia, jogos etc. A biblioteca foi fechada em 1937. Foi ainda ponto de coleta de impostos e até ser demolido em 1952 para a construção do túnel do Pasmado. Consultado em <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/12/07/pavilhao-mourisco/>>. Acesso em: 9 maio 2020.

Cláudia: Era um restaurante? A senhora não sabe...

Laura: Não sei. Foi feito logo que se fundou a remodelação da cidade. Fizeram o Pavilhão Mourisco para assistir às regatas. Mas depois as regatas também foram ficando...

Cláudia: Tinha o Pavilhão de Regatas que era em cima do mar e o Pavilhão Mourisco era tipo um restaurante, um bar.

Laura: É era bem mais para dentro.

Cláudia: E todo em estilo mourisco mesmo. E tinha um teatrinho de *guignol*⁴⁴ para as crianças.

Laura: Existia o chamado João Minhoca, na praia, para as crianças, não é? Quando a Estela era pequena, me lembro de ter levado algumas vezes para assistir o João Minhoca.

Cláudia: Era marionete?

Laura: Era marionete, mas chamava naquele tempo João Minhoca.

Cláudia: É isso a gente tem até uma fotografia do Malta que mostra, na praça mesmo.

Laura: Era na praia de Botafogo, mais lá para a Farani, mais pro começo.

Lídia: A senhora lembra quando apareceu o rádio?

Laura: O rádio, quando apareceu, apareceu muito importante. O meu marido teve muito contato. O primeiro rádio que nós tivemos era só a peça.

Lídia: Não tinha a caixa?

Laura: Não tinha caixa, não tinha nada. Então veio aqui para casa uma coisa especial, o rádio. Depois o meu marido fundou a Radiotelegráfica Brasileira. Ele fundou, quer dizer, ele fundou como advogado. Não é? Eram muitas companhias estrangeiras que estavam querendo fazer a radiotelegráfica e precisavam ter uma coisa brasileira. Então chamaram o Rodrigo para arquitetar o negócio e depois para vender as ações para formar também uma parte brasileira. Mas a parte brasileira ficou muito pequena, não tiveram muito entusiasmo não, sabe. Mas a parte estrangeira funcionou sempre muito bem e adoravam o meu marido, não sabe?

⁴⁴ “A origem da palavra *guignol* é o personagem central de um tipo de teatro de bonecos de luva, de feição popular e satírica, apresentado em largos e cafés, desenvolvido em Lyon, no final do século XVIII, por um tecelão de seda desempregado, Laurent Mourguet. O sucesso alcançado em suas apresentações fez com que o nome se confundisse com o do teatro de bonecos francês e viesse a denominar o próprio castelete – caixa cênica enfeitada para apresentação de teatro de bonecos – onde se realizam os espetáculos”. Consultado em PESSOA, Ana. O Teatro de Bonecos na Belle-Époque carioca. In: *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. v.1, n.03, 2007, pp 193-206. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/issue/view/630/showToc>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Mas como ele era queridíssimo. E teve os dois primeiros diretores da parte técnica, um francês e o outro inglês. Os dois também muito bons. E foi indo, foi indo até... porque existia uma espécie de contrato. Não é? Podia funcionar até o ano X. E o ano X estava se aproximando e o Rodrigo foi ficando muito nervoso, muito aflito. Ele já não estava com saúde muito boa, para mim foi isso que acabou com a vida dele. Ele foi ficando tão nervoso, tão aflito, que aquela...

Cláudia: Mas por causa disso?

Lídia: Ia acabar a sociedade?

Laura: Ia acabar. E como tinha se desenvolvido... tinha em Pernambuco, tinha na Bahia, tinha em São Paulo. Tudo isso tinha que subvencionar aquele pessoal todo que ia ser demitido, não é? Mas fizeram e o Rodrigo morreu pouco depois. Para mim, ele morreu porque foi um choque muito forte. Ele era muito sentimental, de maneira que acho que aquilo fez muito mal a ele. E você sabe que dias depois deles terem tomado conta não puderam funcionar? Não sabiam dar andamento a determinadas coisas que não sei o que era. Tiveram que chamar operários demitidos que fizeram funcionar o tal negócio. Veja só as coisas como são.

Cláudia: Que lição!

Lídia: Que época foi isso, d. Laura?

Laura: Meu marido morreu em 69. A rádio foi fundada mais ou menos em 25.

Cláudia: Logo depois que o rádio foi criado.

Laura: Quê?

Cláudia: Logo depois que o rádio foi inventado. Pouco tempo depois.

Laura: Pois é.

Lídia: Mas não foi 29 que chegou aqui? Ou 26?

Cláudia: Em 22. Veio para a exposição de 22, o rádio. Foi a primeira vez... que eu saiba foi isso. Foi para a exposição de 22, lá no centro da cidade.

Laura: É. 25, 75 faria 50 anos. Quem sabe a tal permissão seria por 50 anos e eles abreviaram. Mas com a Rádio aconteceu uma coisa cacete lá para eles. Eles tinham que funcionar com torres de 25 metros – parece – de altura. Uma porção de torres. Não sei quantas torres. Sabe que no fim do primeiro ano, o Marconi descobriu que não precisava mais disso. Podia fazer com menos torres ou com torres menores.

Cláudia: A coisa mais simples.

Laura: Detalhes eu não sei. De maneira que aquelas torres todas ficaram inutilizadas. Não tinham mais o que fazer com aquilo. E aquele terreno cheio de torres.

Cláudia: [risos] Ai, que loucura! d. Laura, a gente não quer cansar a senhora, mas a gente queria combinar se mais tarde tivesse alguma outra coisa que a gente lembrasse, se a gente podia procurar a senhora?

Laura: Antigamente tinha escola, tinha igreja, coisas assim, mas eram basicamente residências mais ou menos boas. Não eram palácios.

Cláudia: Classe média alta? Agora havia os cortiços também aqui, não é?

Laura: Havia. Aqui em cima, no outro terreno ao lado dessa tal casinha pequena branca era um cortiço de dois andares. Então, minha lavadeira atravessava a rua e vinha trabalhar aqui. Durante muito tempo...

Cláudia: Até os anos 70, acho que ainda tinha esse cortiço. Eu ainda peguei. Eu ainda lembro.

Lídia: Agora esses cortiços se formavam porque a casa estava abandonada ou porque...

Cláudia: Porque era construído com esse objetivo.

Laura: Agora, o Dona Marta, eu lecionei durante oito anos. Ensinei crochê às faveladas do Dona Marta, por uma instituição fundada pelas alunas do Jacobina. Abreviação é CELPI, mas é Costura e Lactário Pró-Infância.⁴⁵

Cláudia: Ah! Ainda existe!

Laura: Pois existe! E ela está viva ainda. Ela tem dez anos menos que eu, quer dizer, ela está com 91.

Cláudia: É na Bambina.

Laura: Ainda é presidente. Agora parece que de vez em quando a cabeça dela falseia um pouco, mas tem outras dedicadas. Então elas compraram na rua Bambina. Elas compraram uma casa e ali costuram porque foi fundada especialmente para fazer enxovais para as crianças e distribuírem no fim do ano. E minha filha foi tesoureira durante anos da CELPI. Vivem com muita dificuldade. Pouco dinheiro, não é?

Cláudia: É da família Lacombe, não é? Jacobina?

Laura: É a mais moça dos Lacombe que fundou e ainda está a testa da coisa.

Cláudia: É isso mesmo.

Laura: Então elas distribuem os enxovais no fim do ano ou às vezes no meio do ano, se uma pessoa necessitada pede. Tem uma visitadora aí do morro para saber quantas famílias as quais elas distribuem gêneros. Não é? Tanto arroz, tanto feijão, *nan, nan, nan...* porque a ideia primeira foi o leite. Lactário, não é? Porque elas até deixavam uma garrafa de leite vazia

⁴⁵ Para maiores informações, vide “CELPI”, disponível em: <<https://sites.google.com/a/celpirj.org/www/quem-somos>>.

nas lojas do bairro para que depositassem moedas para ajudar o lactário. Fizeram isso e fizeram também a costura e fizeram... umas senhoras, que também tinham sido alunas do Jacobina, ensinavam umas tantas coisas... fazer tapete. Fazer não sei o quê mais. Eu ensinava crochê. Ensinei crochê para uma porção delas. Muito boas, muito simpáticas, muito pobre coitadas, uma vida tremenda difícil. Né? Mas durante... eu ensinei oito anos, mas no fim de oito anos a turma que me apresentaram foi tão ruinzinha... eram umas novas, mas muito pouco atentas, sem interesse de aprender. Porque as outras aprendiam e ganhavam dinheiro com aquilo porque eu ensinava crochê e depois ensinava a fazer um trabalho. Esse trabalho era vendido no fim do ano. Não é? De maneira que elas tinham interesse de fazer uma coisa. Mas, a última fornada foi péssima e aí eu já estava cansada.

Cláudia: Isso em que época foi?

Laura: Foi pouco depois do meu filho morrer. Meu filho morreu em 76. Pouco depois eu deixei. Eu estava muito abatida. Ainda por cima com pessoas que não me davam satisfação, no sentido de ver que o que eu estava fazendo não estava adiantando.

Cláudia: É, não tinha retorno.

Laura: Aí eu passei para o bazar da Cecília, onde estou trabalhando desde 78.

Cláudia: A senhora continua?

Laura: Sempre. Antes eu fazia muita coisa, cozia na máquina... houve um ano em que eu fiz 18 camisolas de dormir enfeitadas, bonitas, bordadas. Era a minha... sempre gostei muito de cozer.

Cláudia: Olha lá a caixa de costura? O uso da cadeira vaga.

Laura: Tô acabando essa peça hoje. Era para ser entregue ontem.

Cláudia: Essa vai para o bazar?

Laura: Hein?!

Cláudia: É para o bazar?

Laura: É para o bazar.

Cláudia: Uma gracinha!

Laura: Aqui vai um segundo babado. Como esse, mas fica para baixo. Vocês venderam lá naquela venda da...

Maria Eduarda: Ah, sim! Sim! Lá no Jardim Botânico.

Laura: Eu fiz uma colcha de retalhos. Fiz uma *liseuse*⁴⁶ de crochê cor de rosa. Acho que três coisas que... há um dito de Rodin que eu acho uma

⁴⁶ Segundo o Dicionário Michaelis Online, *liseuse* é uma peça do vestuário feminino (espécie de casaquinho, usado solto sobre a camisola).

beleza: *“Dans le doux exile du travail on apprend d’abord la patience qu’elle même engendre l’énergie et l’energie donne la jeunesse pour la vie eternelle”*.

Cláudia: É isso mesmo!! Esse é o seu segredo.

Laura: Uma vez, uma moça muito mais jovem do que eu. “Que que a senhora faz? Está sempre a mesma coisa”. Eu digo: “trabalhar”. Eu acho que o trabalho é uma coisa necessária. A pessoa gastar suas energias para uma coisa que tenha uma finalidade.

Cláudia: Mas também gostar de viver, não é, d. Laura? Gostar de viver também.

Laura: De maneira que quando eu li essa coisa do Rodin, aí eu digo: “Ah! Isso está para mim”.

Cláudia: Ah! Isso mesmo. É a energia da sua vida eterna.

Maria Eduarda: Eu me lembro uma vez, eu não sei se a senhora se lembra, em casa da Ivone Montelo...

[Fim da gravação]

**João Valentim Rui Barbosa
(Boy)
(depoimento, 1997)**

RUI BARBOSA, João Valentim. *João Valentim Rui Barbosa (Boy)*.
(*depoimento, 1997*). Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição¹

Nome do entrevistado: João Valentim Rui Barbosa (Boy)

Local da entrevista: Sala Questão Religiosa, no Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 2 de abril de 1997

Duração²: 1h 59min 02s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadoras: Claudia Barbosa Reis e Lídia Cordeiro de Oliveira

Descritores/Assunto: Casa da rua Raimundo Correia, Château Misère, relógio de algibeira, Maria Augusta, vasos do jardim, casa da avenida Niemeyer, Lucila Batista Pereira, Ana de Lourdes, Melo Maluco, Comendador Valentim, Castelinho de Santa Teresa, Ford bigode, Benz, transformação em Fundação, estudos, infância na casa, parentes, carnaval, Baby, João Rui, natal, casa de Londres, bonde, Haia, casa de Petrópolis, enterro de Rui, Obras Completas, FAB, SNI, Revolução de 64, Presidente Costa e Silva, Presidente Collor, política contemporânea, Segunda Guerra, *nurses*, educação, comunismo.

Biografia³:

Neto de Rui Barbosa e Maria Augusta.

Filho de João Rui Barbosa e Hermengarda Helena Valentim Rui Barbosa Major da Aeronáutica

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A entrevista está dividida em quatro partes que apresentam 31min 34s, 31min 19s, 31min 29s e 25min 20s respectivamente.

³ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolveu o projeto Memória de Rui.

PARTE 1

Boy: [...] e eu, neto. Mais tarde, vovó tinha uma casa na rua Raimundo Correia, 77, e eu tinha... estava estudando para o Itamaraty. Eu, o filho do Carlos Ouro Preto⁴ – Gugu,⁵ foi embaixador mais tarde –, o filho do Mário Pimentel Brandão,⁶ Manuel Pimentel Brandão.⁷

Entrevistadora: Sei.

Boy: Nós estudávamos com os mesmos professores, português, geografia, história universal, história do Brasil, e nós dividíamos professor porque era caro. Os professores tinham que vir lá... por três anos nós estudamos. Eu era um grande decorador.

Entrevistadora: Ah é!

Boy: História então eu sabia todas as datas de cor. Gugu perguntava: “Como é que você consegue decorar isso?” E eu dizia: “Não sei. É porque eu sou papagaio”. [risos] Então, nessa época, o quartinho era em cima da garagem. Sabe? Tinha uma escadinha e o quartinho com banheiro em

⁴ Para maiores informações, vide “Carlos Celso de Ouro Preto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ouro-preto-carlos-celso-de>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁵ Para maiores informações, vide “Carlos Silvestre de Ouro Preto”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ouro-preto-carlos-silvestre-de>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁶ Para maiores informações, vide “Mário de Pimentel Brandão”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brandao-mario-de-pimentel>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁷ Para maiores informações, vide “Manuel Antonio Maria de Pimentel Brandão”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brandao-manuel-antonio-maria-de-pimentel>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

cima. E o papai chamava esse de Château Richesse, eu chamei aquele lá de Château Misère.

Entrevistadora: [risos] Quer dizer que o seu pai chamava aqui embaixo de Château Richesse?

Boy: [Inaudível] Nós estudávamos juntos. Nós éramos estudantes e o dinheiro era contado para pagar os professores, para comer, para comprar os livros e tudo. Dizíamos: “É uma miséria, uma desgraça”. Era o Château Misère.

Entrevistadora: É, vida de estudante, não é? A gente tem esse relato, de que o seu pai ocupava o quarto separado, fora da casa.

Boy: Aqui embaixo.

Entrevistadora: Isso quando ele era garoto? Jovem?

Boy: Estudante de direito.

Entrevistadora: Ah, quando ele estudava direito. É. A gente tem os relatos aqui da Casa aos pedaços, então às vezes a gente tem dificuldade de juntar. Por isso, a gente procura a família, porque aí um lembra uma coisa que o outro... e a gente consegue costurar, né.

Boy: Já fui presidente do Rotary. Rotary. ... ilha do Governador. Já não aguentava mais toda semana ir, todo dia praticamente. Era 66 rotaries e eu tinha que visitar eles todos.

Entrevistadora: Sei.

Boy: E eu levava a minha patroa. Você sabe como é? Levava umas senhoras também. Umas pesquisas que eles chamam. Então coitadinhas... trocar de roupas, principalmente vocês mulheres que tinham que estar sempre uma coisa de branca. [risos] Tem que trocar.

Entrevistadora: Do relógio.⁸

Boy: Eu tenho um relógio que dei aí.

Entrevistadora: É, eu vi as fotografias.

Boy: Você viu. O que está acontecendo é o seguinte: aquele relógio tem um grande valor histórico e eu estava perguntando quem foi que deu aquele relógio para vovô. Eu fiquei com a Biblioteca Nacional aqui no Rio que deram para ele. Eu tenho a impressão.

Entrevistadora: O senhor tem essa informação?

Boy: Eu gostaria muito que você me dissesse isso. Porque o relógio é histórico. Você viu?

⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Eu vi. Tem um retrato da d. Maria Augusta, não é?

Boy: Na porta, Rui Barbosa...

Entrevistadora: “conselheiro Rui Barbosa”.

Boy: Com Y. Era escrito com Y, mas só encontro com I... do Getúlio.

Entrevistadora: É isso mesmo, aí ficou com I.

Boy: Mas, vovô ficava danado quando escreviam o nome dele com I em vez do Y. Isso eu sabia. “Porque eu fui registrado com Y e é com Y. Não vão agora assassinar o meu nome”.

Entrevistadora: Não gostava que colocasse com I.

Boy: Então, está até hoje escrito com Y.

Entrevistadora: Que é o nome de família, é.

Boy: O “de Oliveira” eu sei que eles cortaram na República, porque vovô era conselheiro do Império. Então, acontece depois da República. Foi um dos principais atores que agiram mais para o presidente da República. E ensinaram a família imperial a sair da história bem. Papai me contou que o conde D’Eu,⁹ naquela época, e o conde D’Eu era francês, não é? E francês é louco por dinheiro. Então quando chegou e “você está exilando a nossa família toda?” e vovô disse: “Nada do que vocês têm aqui vai ser confiscado. Vocês continuam. Vocês têm isenção de impostos”. Que até hoje eles têm.

Entrevistadora: É, tem.

Boy: Isenção de impostos e tudo. E “vocês terão bastante dinheiro para fazer a viagem para Europa e, quando as coisas se acalmarem, vocês poderão voltar para o Brasil. Com todas as despesas pagas lá fora e aqui... não vai ser ruim, vai ser diferente!” E vovô apaziguou todo mundo. Eu não sei se valeu a pena, porque essa República de hoje está uma coisa [inaudível].

Entrevistadora: Isso é verdade. [risos]

Boy: Acho que a monarquia era melhor.

Entrevistadora: Às vezes a gente fica na dúvida se valeu a pena, porque o governo está tão...

Boy: Pedro II¹⁰ foi um grande imperador.

Entrevistadora: Foi um grande homem.

Boy: Vovô foi conselheiro de Pedro II.

⁹ Para maiores informações, vide “Gastão de Orleans, o Conde d’Eu”, disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11397>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁰ Para maiores informações, vide “D. Pedro II”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEDRO%20II,%20Dom.pdf>>. Acesso em: 20/082020.

Entrevistadora: É eu sei disso.

Boy: É uma infelicidade o que está acontecendo no Brasil agora. Isso é muito triste

[inaudível]

Entrevistadora: O seu pai, né?

Boy: Papai deu para nós. Vou te dizer por quê. Eu quando eu tinha seis anos de idade... ou estava com sete anos...

Entrevistadora: Muito levado.

Boy: Eu era muito levado e aprendi a jogar boxe.

Entrevistadora: Ah é!

Boy: Jogava boxe. Joguei boxe muito tempo até mais tarde. Então, papai estava na biblioteca... vovô gostava muito, porque era muito... porque quando nós brincávamos aqui, Lucila,¹¹ Antoninho,¹² Estela,¹³ toda essa turma e quando passávamos pelo vovô, “Shhh silêncio, ele está estudando”. Aquele negócio com as crianças. “Que silêncio que nada! Deixa de coisa”. [risos] “Quando vocês veem aqui e passam pela biblioteca tem que se distrair um pouco”. Não é? Então eu entrava lá. Entrei com papai um dia e o vovô estava me acariciando, e chegou perto de mim e disse: “Meu filho mostra pro teu avô como você está forte das lições de boxe. Dá um soco nele”. Eu não tive dúvida... [risos]

Entrevistadora: Deu mesmo!

Boy: Estava com o patacão assim com aquela corrente, porque ainda tenho a corrente e aqui no colete, quando dei o soco, bati no relógio. Quebrou o vidro. Então, ele olhou assim aquele vidro quebrado e disse assim: “Esse relógio ainda vai ser teu”. Papai herdou o relógio e deu pra mim, mas eu nunca soube quem deu o relógio para o vovô.

Entrevistadora: É, a gente não tem esse relato. A Maria Lúcia¹⁴ perguntou pra gente. Eu procurei.

Boy: Eu estou louco para saber.

Entrevistadora: Agora, ela está certa numa coisa: deve ser de cerca de 1890, pelo retrato, a idade de d. Maria Augusta. Aquele retrato é de 1890.

¹¹ Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (irmã Ana de Lourdes). Participou do projeto Memória de Rui e gravou três depoimentos em 25 de junho de 1985, 16 de outubro de 1985 e 23 de agosto de 1994.

¹² Antonio Batista Pereira Filho

¹³ Estela Maria Rui Barbosa Batista Pereira

¹⁴ Maria Lúcia H. Ludolf de Mello, Chefe do Arquivo Histórico da FCRB

Boy: Só pode ter sido a Biblioteca Nacional, porque ele ia muito à Biblioteca Nacional.

Entrevistadora: Por que o senhor acha que era a biblioteca? Só pelo contato dele?

Boy: Pelo contato dele com a biblioteca.

Entrevistadora: Porque nessa época de 1890, ele ganhou muitas coisas. Nós temos... tem tinteiro de prata,¹⁵ tem pena de ouro.¹⁶ Então, ele foi muito homenageado. Agora, a gente começou a tentar procurar, mas é muito difícil a gente saber isso. É muito difícil. Porque nós não temos documentos sobre essas coisas.

[inaudível]

Entrevistadora: Foi, tem fotografia dele com o relógio.

[inaudível]

Entrevistadora: Ah sim! Ele ganhou provavelmente como um prêmio, um presente especial.

Boy: Ou o presidente que deu. Não sei.

Entrevistadora: Agora, ele está ali, conselheiro Rui Barbosa, quer dizer, sendo chamado conselheiro, agora que me ocorreu isso, talvez seja anterior à República.

Boy: Verdade.

Entrevistadora: Sabe por quê? Porque na República não iam chamar de conselheiro logo depois da proclamação, porque ele era conselheiro do Império.

Boy: Exato.

Entrevistadora: Talvez isso seja um pouco anterior. Não sei. Não é? Agora que veio isso na cabeça.

Boy: Capaz. Ou biblioteca, ou qualquer coisa que ...

Entrevistadora: Alguém fez uma homenagem a ele, talvez anterior à República, é. Nós temos fotografias que aparece, como o senhor falou, a corrente. A gente não vê o relógio, mas sabe-se que deveria ser esse.

¹⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁶ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

[inaudível]

Boy: As fotografias... eu tirei as fotografias, porque eu levei o relógio para a Suíça. Olha o meu trabalho!

Entrevistadora: Ele é suíço? O relógio é suíço?

Boy: É Patek Philippe.

Entrevistadora: Ah, é Patek Philippe!

Boy: Agora, o que acontece, não está escrito Patek Philippe. Foi feito pela Patek Philippe, mas não está escrito Patek Philippe. Porque foi feito especialmente...

Entrevistadora: É e tem a marca do Rio de Janeiro, porque ele foi feito de encomenda. Genève – Rio de Janeiro.

Boy: Então eu tenho impressão... eu fui na Patek Philippe em Genève. Fui lá. É um Patek, mas não puseram Patek Philippe, mas foi encomenda-do de vocês.

Entrevistadora: É, mas eles reconheceram como Patek Philippe.

Boy: Reconheceram. Agora, cheguei lá e o relógio estava com o vidro ainda quebrado.

Entrevistadora: Que coisa!

Boy: E ainda aquela frente do relógio...

Entrevistadora: Quebrado pelo senhor.

Boy: É. Rachado assim. E aí: “Mas tem uma pessoa aqui que faz esse serviço para nós daqui da Patek Philippe. Recondicionar os relógios antigos. O senhor vai lá!” Eu fui lá. O homem escutou o relógio muito e disse: “Quanto tempo leva...” Eu estava na Suíça, em Genève, não ia ficar lá a vida toda e disse: “Quanto tempo leva para fazer esse serviço?” Ela deu um mês e meio ou dois meses. “Eu não posso ficar aqui”. Disse: “Quanto é que vai me custar?”. “Eu vou lhe dar um orçamento”. Vim para o hotel e uns dias depois cheguei lá e disse: “Vai lhe custar mais ou menos 3.500 dólares”. Eu digo: “Não tem importância não”. Agora quando estiver pronto entrega a um amigo suíço [inaudível] para pegar o relógio para mim. Deixei o dinheiro com ele. Ele chegou lá, pegou o relógio, três meses depois e mandou para cá. Um outro camarada da Suíça que vinha para cá é que pessoalmente entregou o relógio para mim. Aí eu guardei com precaução etc., e aquelas fotografias quem tirou fui eu.

Entrevistadora: Mas, foi o senhor mesmo? São excelentes. O senhor é que mandou fazer a redoma?

Boy: Tudo. Tudo direitinho. Até o entrave.

Entrevistadora: Uma beleza! Uma beleza!

Boy: Aí, eu disse assim: “Bem, quero ver o que vão fazer com o relógio”. Estou dizendo duas coisas. Eu não tenho filhos. Eu e minha senhora, vamos fazer 50 anos de casados agora...

Entrevistadora: Que beleza!

Boy: Julho agora. E não tivemos filhos. Infelizmente, não foi possível, mas a gente vive um para o outro. Não é?

Entrevistadora: Isso é muito bonito. Meus parabéns!

Boy: Então acontece. Até era engraçado que quando eu cheguei... quando eu casei com Diana, já se passou 50 anos, eu estava na FAB, na Força Aérea Brasileira, e eu cheguei... não morava aqui. Vovó já morava na rua Raimundo Correia.

Entrevistadora: Raimundo Correia.

Boy: E eu fui para a minha casa... meu apartamento disse: “A Diana, vou te levar...” – já se faziam 18 dias que tínhamos chegado – “... para conhecer vovó Rui Barbosa e conhecer a família toda”. Porque na casa de vovó tinha uma mesa maior do que essa,¹⁷ com muito mais cadeiras para os netos todos. Domingo era uma coisa sagrada, nós íamos todos à casa de vovó. Meio-dia tem que chegar lá.

Diana: E ela falou que os filhos eram muito velhos para ela.

Entrevistadora: [risos]

Boy: Ela dizia: “Prefiro ficar com meus netos. Meus filhos estão muito velhos para mim”.

Entrevistadora: Quería o convívio com os jovens. Está certo.

Boy: Vovó sentava assim com você para jantar e aí eu cheguei. Eu estava de uniforme da FAB, uniforme branco. Cheguei. Entrei assim e não era... já tinha passado meio-dia e cinco. Ela gostava de pontualidade, meio-dia, mas tinha etc., que tomar um táxi, chegamos meio-dia e cinco. Todo mundo já estava sentado. Ninguém conhecia a Diana. Todos olharam assim. Sabiam que eu ia apresentar. Disse: vem cá minha filha para a família ainda americana ainda por cima. Olharam assim e aí eu peguei joguei meu quepe de lado assim e disse: “Que que é macacada, nunca viram uma mulher bonita na vida?” [risos] Ela não sabia quase falar português.

Diana: Ela me pediu para acompanhá-la lá em cima no quarto dela.

Boy: Primeiro tinha um lugar para mim, eu sentei e vovó disse: “Não! Não! Você saia daí. Ela vai sentar do meu lado”.

¹⁷ Refere-se à mesa da sala Questão Religiosa.

Entrevistadora: Gostou logo da senhora, né.

Boy: Ela falava inglês e vovó falava inglês também. Começaram a conversar juntas e eu ficava olhando de lá. “O que que elas estão falando?”

Entrevistadora: D. Maria Augusta falava inglês bem?

Boy: Falava. Muito bem

Entrevistadora: Ah, que interessante!

Diana: Ela me levou para o quarto ao lado.

Boy: Levou para o quarto dela lá em cima. Tinha uma escadinha para o quarto dela. Uma suítezinha. Tinha um salãozinho e...

Entrevistadora: Para conversar?

Boy: É. Fechou a porta para ficarem sozinhas e eu fiquei lá embaixo, realmente.

Entrevistadora: Maravilha! Eu não sabia que ela falava inglês.

Diana: E ela falou comigo que não tinha mais falado desde aquela época que ele ficou exilado...

Boy: Quando ele foi exilado.

Entrevistadora: Pois é. Eu fiquei surpresa por isso. Pelo tempo que ela ficou sem falar praticamente inglês.

Boy: Falou perfeito com ela. Falou perfeitamente inglês.

Diana: Maravilhosa. Culta, não é?

Boy: Ela era muito culta. Ela era modesta.

Entrevistadora: É.

Boy: Vovó sempre dizia uma coisa, que muitas decisões na vida dele, ele tomou a conselho de vovó. Por causa da intuição dela.

Entrevistadora: Ela era uma mulher sábia, né.

Boy: A intuição da mulher ali. Ouvia muito ela.

Entrevistadora: E eles também foram um casal muito feliz.

Boy: Foram. Graças a Deus!

Entrevistadora: É... um casal bonito. Eu fiz umas anotações aqui se o senhor... porque a gente se prende muito na vida da casa. Eu sei que o senhor passou uma pequena parte da infância aqui, porque depois o Rui Barbosa morreu.

Diana: [inaudível]

Entrevistadora: É exatamente!

Boy: Eu fui ao enterro dele também. [inaudível]

Entrevistadora: É? O senhor foi criança mesmo? Quando ele morreu, o senhor tinha quantos anos?

Boy: 1923. Eu nasci em 1916. Tinha sete anos.

Entrevistadora: Era pequenininho, mas, mesmo assim foi ao enterro.

Boy: Estive lá. Vi o corpo etc.

Entrevistadora: É?!

Boy: É. Eu senti muito, porque era muito agarrado com vovô. Eu era. Eu gostava muito dele.

Diana: Ah, esses vasos eram seus.

Boy: O que?

Diana: Esses vasos ali embaixo eram seus.¹⁸

Boy: Esses vasos aqui...

Entrevistadora: Ah sei, aqueles brancos...

Boy: Aqueles brancos foi o seguinte: nós tínhamos uma casa na avenida Niemeyer, que hoje em dia é o Sheraton Hotel. Papai comprou aquela praia toda. Ele comprou. Era dele. E chegou aqui e roubou os vasos de vovô que estavam lá na frente. [Risos] Dois, um de cada lado da escada e outros aqui. Eram quatro. E botou... tinha um jardim redondo grande que fazia a volta no jardim para passar na casa. Então ele botou dois vasos num jardim e mais dois no outro jardim suspenso. Ficaram bonitos com samambaia e tudo. Mas depois vendeu-se aquilo lá. Foi para o Sheraton Hotel. Então... aí os vasos tinham que botar em algum lugar. Helena, minha irmã, que era do primeiro casamento de minha mãe, Helena Garcia de Mello.

Entrevistadora: Ah! Eu não sabia do parentesco.

Boy: Ela era casada com o brigadeiro Mello,¹⁹ que chamam de Mello Maluco.

Entrevistadora: Mello Maluco! Meu pai falava muito do Mello Maluco.

Diana: Ela era meia-irmã.

Entrevistadora: Meia-irmã.

Boy: Meu irmão também era meio-irmão. Por parte de mamãe, casada com o Garcia lá. Agora cinco anos depois de viúva que ela casou com papai e então nasceu esse broto que está aqui.

Entrevistadora: O Boy.

¹⁸ Refere-se aos vasos de mármore branco do jardim, uma vez que a janela para a entrada da Casa está aberta. Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

¹⁹ Para maiores informações, vide “Francisco de Assis Correia de Mello”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco_de_assis_correia_de_melo>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Boy: É, o Boy. Meu apelido é o Boy porque uma ama seca inglesa que eu tinha, uma governanta inglesa, e como eu tinha olhos azuis, então ela se lembrou do *boy blue*,²⁰ aquele do Gainsborough.

Entrevistadora: Que interessante!

Boy: Então me chamou de Boy, Boy. E assim ficou Boyzinho. Todo mundo me chamava de Boyzinho. E aí, quando eu cresci, eu disse: “Vamos parar com esse negócio de Boyzinho”. “Chegou de Boyzinho!” [Risos]

Entrevistadora: A irmã Ana só se refere ao senhor como Boy. “E aí o Boy...” “Eu joguei o Boy no lago”. Ela fala Boy até hoje. É que ela começa a lembrar da infância e chama o apelido da infância.

Boy: Eu achava a Lucila formidável. O apelido dela... eu era Boy e sabe qual era o apelido dela?

Entrevistadora: Não.

Boy: Formiguinha.

Entrevistadora: Ah! Eu não sabia.

Boy: Porque ela era muito magrinha. Sabe?

Entrevistadora: É. Tem um retrato²¹ dela pequenininha do lado aqui no jardim. Magrinha mesmo.

Boy: O pessoal dizia: “Olha a formiguinha que está aí!” E ela ficava com raiva da gente. A vingança dela foi me empurrar...

Entrevistadora: Foi jogar. Ela contou que empurrou no lago.

Boy: Mas, depois eu me vinguei dela. Ela fazia umas casinhas de bambu, muito engraçadinhas, aí eu disse ao Antoninho: “Tua irmã, você viu o que ela fez comigo?”²² Eu vou estragar aquelas casas todas”. E pisei em todas. [Risos]

Entrevistadora: Pisou nas casinhas. Vocês conviviam muito? Os primos, né? Aqui na casa? Porque já tinha esse hábito de almoçar com os avós? Era isso? Não?

Boy: Não, com vovó era na Raimundo Correia.

Entrevistadora: Só lá.

Boy: Aqui, nós almoçávamos aqui quando crianças.

Entrevistadora: Sei aqui na copa.

Diana: Você morou aqui também.

²⁰ Refere-se ao quadro *The blue boy* (1770), de Thomas Gainsborough. Ver mais em: nationalgallery.org.uk/artists/thomas-gainsborough.

²¹ A fotografia intitulada “Netos de Rui Barbosa”, referência rb-rbic 1431.jpg, está disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>.

²² Refere-se ao fato de Lucila tê-lo jogado no lago do jardim, com a roupa nova de marinheiro.

Boy: Eu morei aqui.

Entrevistadora: Ah! O senhor chegou a morar aqui.

Boy: Morei aqui.

Entrevistadora: Morava em que parte da casa? Lá em cima?

Boy: Lá em cima.

Entrevistadora: No sobrado?

Boy: Dedele também morava lá.

Entrevistadora: Eu sabia da d. Maria Adélia.

Boy: Mas, eu passava aqui fazia o quê? Oito dias. Dez dias. Porque morava lá em Santa Teresa. Meu avô... meu nome é João Valentim Rui Barbosa. Valentim era o comendador Valentim, que fundou a Casa Portuguesa.

Entrevistadora: Ah, sei!

Boy: Não tem aquela casa portuguesa? Aquela Beneficência Portuguesa. Ele foi um dos fundadores. E ele fez a fortuna dele desde criancinha. Porque, quando ele veio para o Brasil, ele tinha apenas seis anos de idade e o tio dele, que veio com ele para cá, morreu a bordo. Então ele passa a morar sozinho em uma pensãozinha ali. Não sabia para onde ir. Foi andando ali pela avenida Rio Branco e deixaram ele passar pelas ruas. Precisava de passaporte apenas. Aí, ele tinha que comer, não é? Entrou num mercado de secos e molhados. Entrou lá e disse: “Eu queria um emprego. Tenho aqui documentos”. Era uma família de portugueses também. “Bem e lá. Tu limpas o chão aqui, limpa o balcão...”

Entrevistadora: Tadinho! Pequeninho!

Boy: “Onde eu é que vou dormir?” “Dormes em cima do balcão à noite depois que fecharmos a loja”. Aí ele começou a estudar com velas, que nem o Lincoln, o presidente Lincoln, a mesma coisa. Ele era estudante. Foi se aperfeiçoando na leitura, nos ambientes culturais. Quando ele já estava maiorzinho, ele tinha uns 16, 17 anos [inaudível]. Ele disse: “Eu vou vender panelas. Vou vender secos e molhados pelo interior”. Comprou dois burrinhos. Botou... pendurou nos burrinhos as panelas e os sacos e tudo, embrulhou a mercadoria que ele tinha da loja, e foi pela estrada para São Paulo, e lá ia parando nas cidadezinhas do interior e ia vendendo as coisas para eles. Ele tinha uma comissão daquela venda. Remetia o dinheiro, ganhava 10% sempre para ele. Entendeu? Ele passou 12 a 13 anos fazendo esse serviço e, sistematicamente, mandando dinheiro. E ele anotava num livro as comissões. Depois de dois ou três anos, ele voltou pro Rio com a mercadoria distribuída. Voltou pro Rio. Tinha crescido a casa na avenida Rio Branco. Foi perguntar: “Bem, agora que

eu estou de volta, eu quero tudo os meus dinheiros que eu dei. Meus dez por cento!” “Infelizmente, seu Valentim, nós não temos o dinheiro para lhe pagar. Estamos devendo ao senhor. Sabemos que lutou muito, mas podemos lhe oferecer uma coisa: lhe oferecemos sociedade pequena”.

Entrevistadora: Nossa!!

Boy: Ele aceitou. “Já que não podem me pagar. Eu aceito”. Passou a ser Casa Carvalho. Tinha a Casa Garcia, que foi dele depois.

Entrevistadora: Ah! Que interessante!

Boy: Aquele Ponto Chic. Lembra do Ponto Chic?

Entrevistadora: Sei.

Boy: Só se vendia [inaudível] coisas elegantes e essas coisas?

Entrevistadora: Sei.

Boy: Era dele.

Entrevistadora: Ele foi enriquecendo e foi comprando essas coisas todas.

Boy: Quando chegou...

Entrevistadora: Ele é seu avô?

Boy: Ele é meu avô do lado de mãe.

Diana: Materno, do lado de mãe.

Entrevistadora: Materno.

Boy: Como comendador que ele tinha, aqueles títulos que davam, ele tinha que casar um dia. Ele já estava mais ou menos com 38 anos de idade. Ele decidiu voltar para Portugal, para o Porto, Lisboa, Porto. “Vou me casar com uma portuguesa e trazer ela de volta”. Você vê que a história é um brinco de história. Ele chegou calmamente no Porto e viu uma moça muito bonita na janela. Aquelas que ficam na janela assim. Cabelos louros. Bonita. Ele se apaixonou por ela, mas essa moça não acreditava só tinha 12 anos.

Entrevistadora: Meu Deus!

Boy: Ele estava com 38 anos.

Entrevistadora: Era uma menina.

Boy: Ele se apaixonou por ela e bateu na porta e o homem: “O que que o senhor quer?” “Eu fiquei encantado com sua filha e eu queria me casar com ela”. “O senhor está louco. Minha filha só tem 12 anos”. “Eu não toco nela”.

Entrevistadora: Vai esperar ela crescer.

Boy: “Eu vou educa-la. Colocar nos melhores colégios. Então quando ela tiver 18 ou 19 anos, então ela vai estar formada. Ela vem para a minha casa, que eu vou construir uma casa para ela e criar os filhos”. Ele pensou.

Mostrou que ele era rico. Estava apaixonado mesmo, então nós temos confiança nele.

Entrevistadora: Permitiu.

Boy: Permitiu. Ela veio para o Brasil, para o melhor colégio daqui. Colégio de freiras. Ficou lá até os 18 anos e, enquanto ela estava lá no colégio, que ela ficou mais ou menos sete anos no colégio, ele ia visitá-la. Achava engraçado, que um senhorzinho casado com ela. Imagina você? E ele decidiu construir um castelo para ela e ele está até hoje lá.

Entrevistadora: Interessante!

Boy: E eu nasci lá, nesse castelo. Papai mudou-se para lá. Fiquei um pouco lá. Você sabe onde é o aqueduto? Você sabe Santa Teresa com o bondinho?

Entrevistadora: Sei! Sei!

Boy: Em frente tinha o Hotel Vista Alegre.

Entrevistadora: Sei!

Boy: Tinha um largo, com a base grande e o Hotel Vista Alegre. E como possuía uma barreira de pedra muito grande, construiu o castelo. Mas para subir ao castelo era uma escadaria toda de pedra que ele fez e era muito difícil construir aquilo. Para a pessoa subir, não é? Era alto. Era como subir sete andares e chegar, ele chama costela. Ele decidiu então fazer um túnel. O castelo estava em cima da pedra. Furou a pedra aqui e outra aqui, dos dois lados e juntaram-se aqui. Deu certo.

Entrevistadora: Sei!

Boy: O chão era todo de ladrilho, sei lá, aquele ladrilho vermelho. Ele botou uns ladrilhos naquelas armaduras antigas, de uns cavaleiros antigos de aço.

Entrevistadora: Era um castelo mesmo com tudo.

Boy: O castelo tinha cinco andares dentro do castelo e um elevador. Olha o custo! A fortuna que ele gastou para furar aquela pedra toda, botar um elevador para subir para o primeiro andar, segundo, terceiro, quarto e o quinto.

Entrevistadora: Cinco andares!

Boy: Eu nasci foi no terceiro andar, que tinha uns torreões. Eu nasci em um desses torreões. Quando eu vi aquilo, quer dizer, eu tinha o quê? Uns seis anos de idade. Foi em 23, que vovô morreu. Eu fiquei morando lá mais tempo, não é? Até entrava ali naquele... do lado esquerdo da entrada tinha uma garagem para os automóveis entrarem e ficavam parados na garagem. Da garagem entrava num túnel. Eu olhava assim, aquelas armaduras e tinha um medo. Então vinha correndo naquele corredor,

no fim, eu dava uma parada assim quando criança desliza assim e torcia pro elevador estar embaixo...

Entrevistadora: Para você não ficar muito tempo ali naquele ambiente. [risos]

Boy: ... para subir no elevador e sair dali. Como a gente tem imaginação!

Entrevistadora: Não existe mais essa casa?

Boy: Existe.

Diana: Todo mundo chama de Castelo Valentim...

Entrevistadora: Ah, claro! Eu sei qual é. Aquele bem no final, bem comprido. Eu sei.

Boy: É enorme aquilo.

Entrevistadora: Ah! Eu conheci... sabe que eu conheci um parente seu? Eu fiz um curso... agora que o senhor falou Valentim, quer dizer, eu não liguei uma coisa a outra. Ele levou... eu fiz um curso de computador e ele levou para mostrar como é que escaneava uma foto desta casa. Ele disse: “Aqui é a casa da minha família, família Valentim”. Agora, o senhor está falando e ele é professor de dar aula de informática. Tem os olhos azuis também. É um rapaz bem jovem. Eu não me lembro... Luiz Fernando. Eu acho o nome dele.

Boy: ... é porque o Fernando Valentim que é irmão da minha mãe, Helena Valentim. Hermengarda Helena Valentim Rui Barbosa.

Entrevistadora: Que coincidência!

Boy: Então ela detestava o nome Hermengarda, então cortou o Hermengarda e ficou só Helena. Helena Valentim Rui Barbosa. Mas, Hermengarda era registrada com isso. Ela sempre assinava H. e depois Helena.

Entrevistadora: Então a sra. Helena Garcia de Mello é sua meia-irmã.

Boy: É minha meia-irmã.

Diana: Por parte de mãe.

Entrevistadora: Ah! Eu não sabia disso. A gente conhece esses nomes das fichas, por causa dos vasos, quando vieram para cá.

Diana: ... ele deu para a casa.

Boy: Eu emprestei para ela. Helena estava muito doente.

Entrevistadora: Ela fez a doação.

Boy: Eu disse: “Por favor, vamos doar isso para Casa de Rui”. Ela automaticamente tomou uma kombi, botou na kombi e trouxe pra cá.

Entrevistadora: Foi isso mesmo. O senhor estava me dizendo que eles eram lá da frente.

Boy: Eram lá... não tem a escadinha da frente ali?

Entrevistadora: Ah! Ficavam perto da escadinha.

Boy: Um da escadinha, outro da outra escadinha

Entrevistadora: Ah, entendi!

Boy: São dois ali, depois o outro estava aqui e aquele no fim.

Entrevistadora: Sei. Aqui embaixo onde estão mesmo. Porque a gente botou aqui. Porque a gente não sabia.

Boy: Ficaram os quatro juntos. Notei. Ficou bom. Ficou bem.

Entrevistadora: Ficaram juntos.

Boy: Bem bolado.

Entrevistadora: Outra coisa, já que estamos falando aqui dessa entrada...

Boy: São de mármore.

Entrevistadora: São de mármore. A irmã Ana falou que o que havia no lugar desses... luminárias que tem ali, eram umas luminárias em forma de mulher. O senhor lembra?

Boy: Me lembro. Me lembro.

Entrevistadora: Mas não era nessa posição, ela disse que eram um pouco mais para frente.

Boy: Era.

Entrevistadora: E a gente tem essas luminárias²³ aí. Elas estão na casa, mas a gente não tem a menor ideia de quando estes vieram. Talvez tenha sido quando reformaram o jardim.

Boy: Eu acho que sim.

[inaudível]

Boy: Ainda tem vila Maria Augusta, lá em cima.

[inaudível]

Entrevistadora: Dá licença! Essa é a Lídia,²⁴ colega nossa, que veio especialmente para participar da entrevista. Deixa só aproveitar que você parou e vou pedir um cafezinho.

Lídia: Eu não sabia se estava confirmado ou não.

²³ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

²⁴ Lídia Cordeiro de Oliveira, museóloga, formada pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, turma de 1975. Foi servidora no Museu Casa de Rui Barbosa, de 21 de abril de 1987 até 1 de dezembro de 1995.

Boy: É, nós tínhamos marcado.

Lídia: Vocês já conversaram muito?

Boy: Mudamos para o dia 2, de 1 de abril para o dia 2.

Entrevistadora: A Lídia também foi comigo lá conversar com a irmã e a gente trabalha nisso. Porque, como eu estava falando com vocês, a ideia é resgatar o máximo de informações sobre a casa, não só para apresentar para o visitante normalmente aqui, mas também porque a gente está pensando em fazer publicações. Cada vez mais falar da época, falar da família, não é.

Boy: A minha era uma família muito unida e vovó continuou com a família unida, tanto que os netos todos se reuniam na casa dela em Copacabana.

Entrevistadora: Copacabana.

Boy: Na Raimundo Correia. Mas é que depois vovó morreu e aí já não tinha mais os tais almoços. O pessoal foi casando. Aí sempre há uma separação. E aí, quando a gente se encontra um com o outro é uma festa, não é.

Entrevistadora: Eu estava contando para ele do carinho que a irmã Ana falou dele. Ele já confirmou o tombo que ela deu nele dentro do lago. [Risos] Agora eu queria fazer umas perguntas relativas ao que ela falou para ver se o senhor lembra de mais alguma coisa. Ela falou de um Ford bigode que vocês iam todos para a escola no carro. Todos juntos, né.

Boy: Exato. Era um Ford de três pedais.

Entrevistadora: É. O carro era de seu pai? Não?

Boy: O carro não...

Entrevistadora: Era aqui da casa.

Boy: O carro não. Era aqui da casa. Aquele Mercedes²⁵ que vocês têm ali, eu já andei naquele Mercedes quando era mocinho. Papai vivia na Gávea. Era tudo de terra, né. Uma vez a gente estava passando numa ponte lá de madeira...

Entrevistadora: Só um instantinho. [inaudível]

Boy: Eu acho que ela sabe. Aquele carro Mercedes foi dado pelo kaiser. Você sabia disso, não é?

Entrevistadora: Tem essa história, mas o senhor sabe que essa história foi desmentida? Veio aqui um... nessa coisa da gente colher os depoimentos, esteve um senhor chamado... lembra o nome dele? Um senhor

²⁵ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

que era filho²⁶ de quem vendeu o carro pro Joaquim Pereira Teixeira, que deu o carro para o Rui Barbosa.

Lídia: Foi Maria Augusta.

Entrevistadora: Foi Maria Augusta. Aí ele trouxe toda a documentação.

[Fim da gravação]

PARTE 2

Boy: ... ela já dizia da comunidade. Já dizia patrimônio nacional. [inaudível] As próprias firmas que dão dinheiro.

Entrevistadora: A mentalidade é outra.

Boy: A mentalidade diferente que foram criados. Então, eu disse: “Então qual é a solução?” Eu estava na FAB e, naquela época, me dava muito com o presidente da República. Ia muito a Brasília, voltava. Era Juscelino,²⁷ depois teve Costa e Silva.²⁸ Eu me dava efetivamente até com eles. Eu fui presidente do Clube 4S,²⁹ que é a juventude rural do Brasil.

Entrevistadora: Sei.

Boy: 296 mil jovens que queriam voltar na agricultura. Comprovado e funcionou. Depois eu conto sobre isso que eu fiz. Fiz muita coisa. Então eu disse: “Bem, esse negócio tem que ir pra frente”. Ele disse: “Tem que ir para frente! O que vocês sugerem?” Eu disse: “Uma fundação”. Ele falou: “Fundação tem que falar com o presidente da República, não é?”. Eu disse: “Eu vou a Brasília toda hora. Eu vou falar com o Costa e Silva”. Cheguei lá e ele disse: “O que você quer?” Eu me dava intimamente com ele. “O tal negócio está muito feio lá no Rio. A casa de vovô lá está toda abandonada, caindo aos pedaços. Nem parece mais um patrimônio da

²⁶ Refere-se a Bianor de Lamare, que participou do projeto Memória de Rui e deixou registrado seu depoimento no dia 17 de maio de 1977.

²⁷ Para maiores informações, vide “Juscelino Kubitschek”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/juscelino-kubitschek-de-oliveira>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

²⁸ Para maiores informações, vide “Artur da Costa e Silva”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/artur-da-costa-e-silva>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

²⁹ NICOLAU, Nathalia dos Santos. Clubes agrícolas: um projeto de educação, trabalho e cooperação para jovens rurais (1942-1958). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2035.pdf>.

nação. Aquilo é um museu. Os estrangeiros que vem visitar não poderia ficar naquilo caindo aos pedaços”. “E qual é a sugestão que o Américo Lacombe³⁰ deu?” [inaudível] Eu disse: “Fazer uma fundação”. “Fica sossegado”. Cerca de 15 dias depois fizeram uma fundação.

Entrevistadora: Interessante. E é lei³¹ federal e isso nos salvou inclusive...

Boy: Foi Costa e Silva.

Entrevistadora: ... quando o Collor³² fez todo esse movimento de mexer com as fundações públicas. A gente foi salva porque a nossa lei é uma lei especial. A lei que fundou a Fundação Casa de Rui Barbosa é uma lei especial. Isso foi muito bom. Eu não sabia dessa história.

Boy: Tem umas coisas na nossa República, na nossa política do Brasil... atente bem! Eu tive algumas esperanças. Ele era moço. Não tinha compromisso com ninguém. Eu disse: “Esse rapaz é capaz de dar certo”.

Entrevistadora: Era novidade, não é?

Boy: Era novidade. Ele teve tudo na mão para fazer uma boa presidência.

Diana: Que decepção!

Entrevistadora: Mas ele não tinha era caráter.

Boy: Não tinha caráter. Mas é cínico ainda. Você já viu ele falando? Como se ele tivesse caráter. Como se tivesse...

Entrevistadora: É um teatro.

[inaudível]

Entrevistadora: As crianças não aprendem. A gente tem muita dificuldade aqui.

Boy: Lá eles são obrigados a ler a Constituição.

[inaudível]

³⁰ Refere-se a Américo Jacobina Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa no período de 1939 até 1993. Américo participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em 21 de abril de 1976.

³¹ Refere-se à lei nº 4.943, de 6 de abril de 1966. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4943.htm#:~:text=LEI%20No%204.943%2C%20DE%206%20DE%20ABRIL%20DE%201966.&text=Transforma%20em%20Fundam%20a%20atual,Barbosa%20e%20d%20C%20A1%20outras%20provid%20as%20Ancias>. Acesso em: 20 ago. 2020.

³² Para maiores informações, vide “Fernando Collor”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/collor-fernando>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Boy: A coisa tem que mudar um dia. Eles não estão aprofundando-se na educação e muito das verbas... vovô dizia: “educação e saúde primeiro”. Você sabe que gastava-se muito dinheiro com as Forças Armadas [inaudível]. Agora porque o Exército... a Marinha naquela época, porque hoje em dia é Marinha e a Força Aérea, não gostavam? Porque ele foi ministro da fazenda também, ele procurava tirar as verbas para a educação e saúde. Isso que eles não gostaram, mas ele achava que esse país não precisava ter defesa naquela época. Era preciso educar o povo e que o povo, automaticamente, sendo educado poderia se fazer então, como faz na Suíça, quando chega na hora H do combate todo mundo pega [inaudível] e define a causa. Eles fazem um treinamento na Suíça – eu estive lá vendo. Até hoje eles não têm exército. O exército é o povo. E todo ano eles têm [inaudível]. Então não é um gasto supérfluo.

Entrevistadora: O raciocínio é certo. A gente precisa mais de educação e saúde básica. Sem dúvida.

Boy: E hoje em dia com esse negócio de bomba atômica!

Entrevistadora: Pois é!

Entrevistadora: Você estudou em que escola?

Boy: Eu estudei primeiro na França. [inaudível] Depois na Suíça na [inaudível] Lausanne. Me formei lá. [inaudível] Depois eu vim para o Brasil...

Diana: Washington?

Boy: Washington, depois vim para o Brasil. Papai foi secretário da [inaudível], depois conselheiro. E voltamos para cá. Aí, o diploma que eu tinha conseguido lá não valia nada naquela época. Tinha que ser daqui. Então criou-se, por minha causa, também, o artigo 100 com Getúlio Vargas.

Entrevistadora: Ah, que interessante! O artigo 100 foi criado por causa dele.

Boy: Porque todo filho de diplomata e filho do pessoal do Exército, da Marinha que estudava fora, que levava os filhos lá para fora, chegava aqui...

Entrevistadora: Quando chegava não podia registrar.

Boy: ... nem podia exercer uma função nem nada porque não tinha diploma. Então esse artigo 100 dava direito a entrar diretamente no terceiro ano ginasial. Na época que estava, tinha o quarto e o quinto. No quinto se dava direito e filosofia. Era diferente o sistema. Então entrei diretamente no terceiro. Fiz o exame. Passei e aí eu fui pro Colégio Accioli. Tinha o Colégio Accioli lá em Petrópolis que tinha mudado para aqui. Fica na avenida Keller. Mas, o Accioli, no dia da minha graduação fechou o colégio porque ele morreu. Eu disse: “Ih! E agora como é que eu vou pegar esse diploma”. Então houve então um colégio chamado

Instituto Cardeal Arcoverde. Então, meu professor de física e química disse: “Eu sou professor no Arcoverde. Veja se você consegue fazer os exames lá”. Eu precisava ter esse diploma. Então, eu fui para lá. Foi engraçado, porque o Accioli era um grande professor de latim, latim e grego. Latim era profundo. Ele lia Virgílio. Uma capacidade extraordinária. No latim, o que você tinha que fazer? Ler e tem inversão. Tinha uma ordem indireta. Você tem que botar, traduzir para o português. Eu como decorador [risos]. Decorava tudo que passava, quando fui fazer o exame [inaudível]. Em história universal – você vê o que é a vida – caiu um assunto, assírios e babilônios. Eram duas páginas. Tinha uma sinopse da história, [inaudível]. E eu gostei do [inaudível], Macedônia. Decorei. Decorei o negócio. Eu tenho tão boa memória que até as vírgulas e os pontos e vírgulas, eu coloquei. [risos] Eu fiz e peguei zero. “Mas por quê? Eu tenho certeza. O que que eu fiz de errado aqui”. “Você copiou”.

Entrevistadora: Ele achou que o senhor tinha colado!

Boy: “Colou”. “Eu não coleí, não senhor”. “Então recite!” Eu recitei tudinho. Só que caiu esse ponto. Já na Escola da Aeronáutica, eu dei pau em uma coisa, estatística. Eu estudei todos os pontos. Tinha nove pontos de estatística. E caiu o ponto de estatística que tinha aquele camarada russo que fez uma comparação, que nós chamamos, de bolas brancas com bolas pretas. Você punha num saco todas as bolas pretas e bolas brancas e qual é as probabilidades... a oportunidade que você vai ter de tirar tantas bolas pretas, como bolas brancas. Eu não liguei para isso. Eu não liguei mesmo. Estudei todos os oito pontos no nono, eu disse não vai cair. Mas vocês acreditam que caiu justo esse? [risos]

[inaudível]

Entrevistadora: Eu já me aposentei. [inaudível] Eu me aposentei proporcional. (inaudível)

Entrevistadora: Mas aí ela vem, quando tem algum trabalho assim que interessa. Ela vem, mesmo estando aposentada vem trabalhar.

Entrevistadora: É porque eu gostava muito dessa parte de depoimento. Acho fascinante.

(inaudível)

Entrevistadora: Ninguém aqui tem especialização.

Entrevistadora: Somos todos museólogos. É. Nós somos museólogos.

Entrevistadora: Aí cada um fica com a parte que gosta. [risos]

Entrevistadora: Eu... eu queria fazer uma pergunta pro senhor, porque eu acho que o senhor vai lembrar disso melhor do que da irmã Ana, por ser menino e ela menina. Ela falou de um picadeiro que tinha aqui no jardim, onde treina... onde tinha os animais eram treinados. O senhor lembra disso?

Boy: Isso lá na frente?

Entrevistadora: É.

Boy: Tinha um separado. Eu me lembro sim, mas nunca liguei para isso.

Entrevistadora: É, porque ela contou...

Boy: Tinha uma bombinha também ali. Não sei se essa bomba ainda existe. Papai perdeu um dedo.

Entrevistadora: Perdeu um dedo. Tem a bomba está aí. Mas, o picadeiro era bem no final? Isso que a gente ficou na dúvida. Era no final do quintal, já indo para a rua Assunção?

Boy: É no final do quintal.

Entrevistadora: Onde tem o prédio hoje? Ali se treinava cavalos? Eles ficavam ali? Como é que era isso?

Boy: Eu não andava a cavalo.

Entrevistadora: Era pequenininho também.

Boy: Era pequeno. Eu não ligava. Ficava mais por aqui. O pessoal maior tomava conta daqui lá, não é? Eu não me metia lá. Eu não queria levar um coice. Papai dizia: "Cuidado com isso aí!"

Entrevistadora: Perigoso mesmo. Agora voltando. O senhor disse que morou aqui. O senhor morava... o senhor passava temporadas aqui, não é?

Boy: Temporadas.

Entrevistadora: Não era morar realmente.

Boy: Passava 18 dias.

Entrevistadora: Sei. E era lá... ficava lá em cima?

Boy: Lá em cima.

Entrevistadora: E a família Batista Pereira já não morava mais aqui?

Boy: Quem morava aqui era a Dedele e também a Delita morava aqui.

Entrevistadora: Ah, sei!

Boy: Estela, às vezes. Mas Estela ficava mais na Gávea.

Entrevistadora: Quer dizer que vocês vinham passar temporadas com os avós?

Boy: Com os avós.

(inaudível)

Entrevistadora: Ficava as férias.

Boy: O irmão de vovó que era Viana Bandeira...

Entrevistadora: Sei. Carlitos?

Boy: Carlitos era meu padrinho e a esposa dele, a minha madrinha. Você sabia que eles ficaram casados 60 anos, né?

Entrevistadora: Eu não sabia não.

Boy: 70 anos aliás. Ela morreu e um mês depois ele morreu.

Entrevistadora: Também esse convívio todo.

Boy: Tinha três filhos. Tinha o Lulu, Carlinhos e tinha a Maria Luiza, que casou com um Garcia.

Entrevistadora: Maria Luiza é a que vocês chamam Isinha?

Boy: Não, Isinha é a outra que era daqui. Maria Luiza foi que casou... que era filha do Carlito Viana, do Carlito Bandeira.

Entrevistadora: Ah sei! Certo.

Boy: Naquela época tinha casas coloniais. A gente ia pra casa um do outro. Os amigos, os amigos (inaudível). Até no carnaval a gente passava nas casas um do outro. Entrava...

Entrevistadora: É. Vocês se fantasiavam no Carnaval? Vocês costumavam...

Boy: É. Eu de pierrô. Tinha um marinheiro também. Depois vi que eu usava marinheiro... eu usava três a quatro marinheiros por dia, porque você pulava, transpirava. Toda hora trocava e marinheiro.

Entrevistadora: Gostava de marinheiro, mas foi para a Aeronáutica.

[inaudível]

Boy: Tinha o Carlos Alberto. Tinha o Joaquim. Aquele que tinha... que a avó deu para ele um táxi.

Entrevistadora: Ah! O Joaquim. Lembra do Joaquim?

Boy: O Joaquim era nosso querido Joaquim que nos levava para passear.

Entrevistadora: Chegou aqui uma vez uma senhora de Portugal dizendo que era irmã. Parece. Chorou, chorou, chorou lá na porta da garagem. Uma coisa! E depois foi embora.

Entrevistadora: E era parenta desse Joaquim.

Boy: Ele tinha um Studebaker. Lembra disso? Aberto assim. [inaudível] o curso. Tinha um curso ali que saía de Copacabana, ia até a cidade e

voltava. Era bonito aquilo. Sabia? A gente brincava. “Sabe quem eu sou?” Estava de máscara.

Entrevistadora: Devia ser mesmo.

Entrevistadora: Sem perigo, não é?

Boy: Não tinha esse negócio de hoje. Era completamente diferente.

Entrevistadora: O carnaval era outra coisa.

Boy: Era outra coisa. A gente se conhecia.

Entrevistadora: Era bastante familiar.

Boy: A cidade era pequena também naquela época, não é? Todo mundo se conhecia mais ou menos. “Eu sei quem é que você é! Não venha jogar confete...”. Aquele lança-perfume, a gente jogava um no outro.

Entrevistadora: O senhor lembra de uma leiteria que tinha aqui nessa rua Dezenove de Fevereiro? Eu queria saber se entregava leite e pão aqui.

Entrevistadora: Aqui em frente. Seria aqui em frente. Bem aqui na esquina...

Boy: Aqui tinha um colégio aqui do lado.

Entrevistadora: O Nossa Senhora de Lourdes, não é?

Boy: Eu estudava lá.

Entrevistadora: O senhor estudou lá?

Boy: Cheguei a estudar. O Antoninho³³ também.

Entrevistadora: A leiteria o senhor não lembra?

Boy: Se vocês voltarem a gravar isso eu te corto. [risos]

Entrevistadora: [risos] Pode gravar?

Boy: O Antoninho... tinha uma menina muito bonitinha lá. Quando eu era pequeno assim, não ligava para menina. Brincava de futebol essas coisas.

Diana: Tinha uns sete anos.

Boy: Sete anos. A menina sempre olhava para mim e o Antoninho disse: “Puxa! Eu adoro aquela menina e ela não me dá bola”. Eu disse: “Engraçado. Você quer ficar com ela? Fica com ela. Eu não estou no seu caminho”. “Mas eu sei que ela insiste”. E a Dedelia deu uma caneta Montblanc para ele. Você virava assim e a ponta da caneta entrava para dentro. Fechava. Não podia deixar assim no bolso porque senão você se sujava de tinta. Então você abria a caneta, virava assim e saía já com tinta. Caneta assim com a pena de ouro e a pontinha de platina. Eu estava namorando aquela caneta... tem uma escadinha que não tem...

Entrevistadora: Sei.

³³ Antônio Rui Barbosa Batista Pereira.

Boy: Eu estava sentado na escada um pouquinho mais embaixo assim... e ele com a caneta. “Você quer saber de uma coisa: você gosta mesmo daquela menina?” [risos]

Entrevistadora: Negócio escuso.

Boy: “Então vamos fazer um negócio. Essa caneta que a tia Dedelia te deu, passa pra mim”. [inaudível] Trocar a caneta pela menina. Ele pensou, assim. “Tá bem”. [risos] E depois, a tia Dedelia veio. “Você pegou a caneta do meu filho...” E eu disse: “Eu fiz um negócio com ele. Eu já não tenho mais a namorada”.

Entrevistadora: Deixou a namorada para ele.

Boy: “Você troca uma namorada por caneta? Você não tem vergonha na cara?”

Entrevistadora: Eu acho interessante que ele estava contando que eles tinham esse convívio. Os primos aqui e que eles mantiveram depois. É... a d. Maria Augusta idosa, morando na Raimundo Correia e eles iam sempre almoçar com ela.

Entrevistadora: Tinham uns que iam ao lancher. Tinha o tal do chá parece que era todo dia.

Entrevistadora: É, tinha um chá que d. Maria Augusta já fazia na Raimundo Correia.

Boy: Na Raimundo Correia. Tinha o almoço também lá dia de domingo. Isso é que unia muito a família.

Entrevistadora: Agora o major estava lembrando que as crianças comiam aqui na copa. Tinha uma mesa. Só os pequenininhos ou os grandes também?

Boy: Só os pequenininhos.

Entrevistadora: A Maria Augusta já era uma mocinha. Né? A Maria Augusta é era uma moça.

Boy: Tem também a filha do Rui, que é a Lurdinha.

Entrevistadora: É, já eram grandes.

Entrevistadora: [inaudível] no começo fala isso, que até terem hábitos, bons hábitos, ficarem educadas, elas comiam junto com as babás e depois passavam a comer com os adultos.

Diana: Costume. Costume daquela época.

Boy: Lurdinha era muito amiga de minha irmã Helena. Minha irmã chamava ela de [inaudível]. Então era muito amiga de [inaudível] e saíam muito juntas. Então passava a Lurdinha, eu, com meus seis anos, dizia “

Como você é bonita, Lurdinha! Você é uma prima bonita. Se você esperar por mim eu caso com você”. [risos]

[inaudível]

Boy: Lurdinha era um amor!

Entrevistadora: Agora esse lago aí que vocês brincavam, as pessoas têm dado depoimento – não é possível caber um bote aí naquele lago.

Entrevistadora: Dizem que vocês brincavam de barquinho. Como é que dava um barquinho ali?

Boy: Não, não é barquinho! Eu vou dizer o que era... nós fazíamos barquinhos.

Entrevistadora: Vai matar a charada.

Entrevistadora: Ah! Era de papel.

Boy: Fazia primeiro de papel. [inaudível] Com capotito. Não tinha aquelas folhas assim, de palmeira assim?

Entrevistadora: Sei.

Boy: Então a gente cortava direitinho como se fosse uma canoa. E Lurdinha fazia... nos ajudava lá e botava umas florezinhas dentro e soprava para fazer andar. Brincava com o barco. Depois comecei a fazer batalha e afundar o barco.

Entrevistadora: Porque a d. Baby, aqui no depoimento dela, falou que brincava de barquinho. E a gente ficou... gente mas que barquinho? Ah, o barquinho era esse!

Entrevistadora: Ficou, porque tem uma foto em pé em um barquinho que faz parte de um cenário...

Entrevistadora: Mas eu acho que é um cenário. O senhor conhece? É uma foto do seu pai dentro de um barquinho, mas eu acho que é um cenário que fazia para fotografia. O senhor não conhece essa foto, não? Ele pequenininho, com um chapeuzinho, e sentado num barquinho. Então a gente ficou na dúvida.

Entrevistadora: Vestido de marinheiro.

Entrevistadora: Acho que vestido de marinheiro ou de gondoleiro. Uma fantasia...

Boy: Devia ser uma fantasia.

Entrevistadora: É, mas eu acho que era um cenário. E eles contavam assim histórias, seu pai, da infância deles? Como é que foi? Porque a gente sabe a história de vocês porque vocês estão contando.

[inaudível]

Entrevistadora: Eu tenho uma curiosidade que eu não vou deixar esse depoimento acabar sem perguntar. Porque eu esqueci de perguntar lá para a irmã Ana. Como é que era o Natal aqui?

Boy: Natal eu passava muito lá nos Valentim. Tinha árvore de Natal. Era enorme o salão daquele palácio. Era um palácio aquele castelo. O chão era todo de mármore. Aqueles mármore preto e branco. Tinha uma chaminé daquelas compridas de mármore, que acendiam o fogo no inverno. Não é? Faziam uma árvore de Natal enorme lá. O pessoal... Valentim. Era Rui Barbosa. Eu estava no clã dos Valentim. Tinham cinco filhos.

Entrevistadora: Devia ser um Natal português. Não é? Com aquela comida portuguesa.

Boy: Só a despensa era três vezes esse quarto. Por que vovô não trabalhou em secos e molhados? Então, aquilo ficou na cabeça dele. Naquela época tinham umas caixas assim de madeira que abria a tampa. Enchia uma de arroz, outra de feijão, outra de batata... igual ao do secos e molhados. Então a despensa daquele castelo era como se fosse uma casa de secos e molhados. E vovó Valentim gostava muito de mim. Eu não sei por que a turma gostava de mim? Porque eu era meio...

Entrevistadora: Levado. [risos]

Boy: Levado da breca. E ela tinha uma chave. Então ela pendura a chave aqui. A chave do castelo aqui. E aí, a vovó com as chaves dela fazia *clin-clinclin*. “Não pode me dar a chave da despensa?”. “O que que você quer lá?” “Eu quero isso”. “Toma a chave aqui”. Então, quando eu ia lá. Abria a porta às vezes, os empregados todos queriam ver quem é que estava lá dentro. E eu dizia: “Ninguém entra aqui. Vovó me confiou a chave é só para mim”. Comia o que eu queria. Saía. [risos] “Tá aqui a chave, vovó!” “Querida dar a chave para ele”. “Fez muito bem”. Aquelas coisas que a gente faz. A cozinha era enorme. A cozinha aqui é grande, mas a de lá era o dobro da cozinha daqui...

Entrevistadora: Imagino. Lá é um castelo.

[inaudível]

Entrevistadora: E aqui, como era? Não lembra se tinha presépio ou árvore de natal? Ou os dois?

Boy: Não sei, porque além disso, que eu estava falando, papai depois foi viajar, porque era diplomata. Então naquela época eu estudava fora.

Entrevistadora: Aí não tem muita recordação disso.

Boy: Disso. Do natal aqui. Não passei nenhum natal nessa casa.

Diana: Acho que só a Lucila talvez...

Boy: Acho que a Lucila deve saber sim. Maria Lucila, não é?

Entrevistadora: É. Esquecemos de perguntar isso para ela.

Boy: Maria Lucila Rui Barbosa Batista Pereira, que ela foi batizada dessa maneira.

Entrevistadora: É isso mesmo! E outra coisa que eu...

Boy: Ela é inteligente, hein!

Entrevistadora: É.

Boy: Preparada aquela menina.

Entrevistadora: Médica, né.

Boy: Ela é formidável.

Entrevistadora: E outra coisa que eu queria perguntar é com relação ao quiosque. Esse quiosque que é um chuveiro que tem no jardim. O senhor tem recordação...

Boy: É aquele ali?

Entrevistadora: É... de algum uso? Se vocês crianças tomavam banho ali?

Boy: Não. Nunca tomei. Aquilo foi... em alguns momentos, vovó chegou a tomar chá ali.

Entrevistadora: Ah! Que interessante!

Boy: Depois, parou. Às vezes entrava com a Diana lá. Depois virou chuveiro.

Entrevistadora: Ah, depois é que se instalou o chuveiro?

Boy: Instalou o chuveiro depois.

Entrevistadora: Ah, que interessante! Quer dizer que antes era um quiosque ... feito uma casa de jardim mesmo.

Boy: Uma casa de jardim. Tomava-se um chazinho.

Entrevistadora: Depois é que se fez o chuveiro.

Entrevistadora: Em que época foi isso, seu Rui? Porque o chá tomava aqui na varanda.

Boy: Tomava...

Entrevistadora: A Lucila é ainda mais velha que ele.

Entrevistadora: O senhor regula a idade com a irmã Ana? Não é? Mais ou menos?

Boy: Eu estou com 81.

Entrevistadora: Porque a d. Baby fala de chá aqui na varanda.

Entrevistadora: Eu não sei a idade. Ela é mais velha que o senhor, mas não é muita diferença não?

Boy: ... mais velha que eu?

Entrevistadora: Acho que ela é mais velha, mas não é muito mais velha não.

Boy: Eu nasci em 1916.

Entrevistadora: É muito mais velha?

Boy: Não. Deve ser uns dois anos.

Entrevistadora: Não é muito mais velha não.

Boy: Ela nasceu em 1913 e eu nasci em 1916.

Entrevistadora: É, nós agora estamos pensando uma exposição – não sei se vai ser esse ano, a ideia é fazer este ano – o nome da exposição seria Rui contra o Mito. É contar essas histórias da vida do Rui Barbosa. Ele com os netos. Porque que tem um relato de que ele lia história em quadrinho para os netos.

Boy: É verdade. Vou dizer qual a história que ele lia. Era *detetive stories*.

[inaudível]

Diana: Nós tivemos na Europa, em Londres...

Boy: Dick Tracy!

Entrevistadora: Ah, Dick Tracy!

Boy: Ele lia Dick Tracy que era história de detetive.

[inaudível]

Entrevistadora: Será que é outro?

Diana: Deve ser um parecido, porque Dick Tracy eu comecei, mas foi muito mais tarde. Deve ser outro.

Boy: Conan Doyle³⁴ já existia há muito tempo.

Diana: Conan Doyle, talvez. Porque ele passa muito tempo na Inglaterra.

Boy: Conan Doyle fez o Sherlock Holmes.

Entrevistadora: É e ele lia para vocês e contava as histórias policiais?

Boy: Eu gostava muito. Tinha uma escadinha que dava na biblioteca. Eu subia a escadinha, entrava. Abria a porta e entrava. O vovô largava tudo

³⁴ Para maiores informações, vide “Arthur Conan Doyle”, disponível em: <<https://history.uol.com.br/biografias/arthur-conan-doyle>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

para fazer festa, conversar. “O que vocês estão fazendo?” Aí vinham os outros. Porque eu que tinha coragem de vir. Porque eles não queriam...

Entrevistadora: Incomodar o avô.

Boy: Eu como era desobediente...

Diana: Nós estivemos em Londres recentemente na casa donde ele morou.

Entrevistadora: Ainda tem uma placa ali?

Diana: Tem uma placa.

Boy: Eu tirei uma fotografia da casa. Está tombado. Não pode tocar.

Entrevistadora: É mesmo?

Boy: Eu fiquei tão encantado com a casa. Quatro andares. Embaixo um subsolo.

Entrevistadora: Onde a Baby nasceu, é?

Boy: É.

Diana: Exatamente.

Boy: Eu disse assim: “Gosto aqui deste país tanto. Vovô [inaudível] aqui. Aqui eu visitei a casa”. E vi o subsolo, estava vazio, sabe? Aí eu disse: “Estão [inaudível] um apartamento aqui nesse bairro, a gente podia comprar esse...”

[inaudível]

Boy: O subsolo é grande. O subsolo aqui dá para fazer uma coisa... já imaginando. Já estava com o dinheiro na mão. Até 100 mil dólares, eu pago por esse subsolo. Aí pensei e fui perguntar quanto era. 500 mil dólares.

Entrevistadora: Nossa! Que absurdo!

Boy: Só o subsolo.

Entrevistadora: Nossa! Devia ser mais barato.

Boy: Aí eu desisti na hora.

[risos]

Entrevistadora: Tem alguma outra história que vocês lembrem que valha a pena contar? Assim da vida do... do... como o senhor contou essa do Roosevelt que a gente não conhecia. Tem alguma outra que o senhor lembre? A do relógio também é ótima.

Diana: A do bonde.

Boy: Do bonde. Isso é verdade, também. Aconteceu a ele. Quando eu era pequenininho, ele tomava o bonde às vezes para a cidade.

Entrevistadora: Sei.

Boy: [inaudível] na porta passava o bonde.

Entrevistadora: Quer dizer que Rui Barbosa andava de bonde também?

Boy: Andava de bonde.

Entrevistadora: Ah, que interessante!

Boy: Ele ia para o Congresso de bonde muitas vezes e depois que ele precisava [inaudível] um reboque, que era um caradura...

Entrevistadora: Sei.

Boy: Que o pessoal ia sem gravata. Naquela época no bonde tinha que usar gravata na frente. Eu disse não era... o povo inventando aí que vovô parou o tal caradura de passar, que vovô tinha dado ordens. Vovô não ia...

Entrevistadora: Imagina!

Boy: O povo inventa coisas.

Entrevistadora: Inventaram essa história de que ele não queria que os bondes passassem.

Boy: Outro que acontecia, que era verdadeira, é que ele tinha pincenê e ele botava para ver o nome do bonde que ele pegava. Não é?

Entrevistadora: Sei.

Boy: E ele não estava vendo direito, porque entrou uma pessoa do lado. “O senhor poderia dizer qual é esse bonde?”, que estava escrito. O homem olhou assim para ele e disse: “O senhor me desculpe, mas eu também não sei ler.” [risos] É verdade.

Entrevistadora: É verdade.

Boy: Vovó contou para mim. [inaudível]

Diana: Já contou do Congresso quando ele chegou a falar com d. Maria Augusta?

Boy: É, vovó me contou essa também. Que vovô estava... o Congresso era ali. Puseram abaixo.

Entrevistadora: É, o Monroe.³⁵ Não é?

Boy: Uma estupidez. Coisa de comuna.

Entrevistadora: E à toa.

Boy: Isso é pessoas comuns. Você sabe que vovô detestava comunista, não é?

Entrevistadora: É.

Boy: É, mas eles puseram ali...

³⁵ Para maiores informações, vide “A história do palácio Monroe e de sua destruição”, disponível em: <<https://diariodorio.com/a-histria-do-palacio-monroe-e-de-sua-destruicao/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

[inaudível]

Boy: Vovô chegou em casa aqui com aquele chapeuzinho e polainas. Meio triste e vovó... isso vovó me contou. Disse para mim. “Estou muito triste”. “Porque que você está tão triste?” “Porque Cotinha” – ele disse para vovó – “eu nem sei por que você se casou comigo. Eu sou pequenininho, não sou um rapaz bonito, forte”. Dizendo para vovó isso. “Ora, não diga isso. Eu me apaixonei por você logo que te vi. Temos nossos filhos aí para provar. Te adoro”. “Você gosta mesmo de mim?” “É claro que eu te adoro!” “Pois bem, então vou te contar uma coisa: eu estava no congresso e estava defendendo um assunto muito importante para o nosso país e era sempre interpelado por um dos senadores que estava lá. Então tinha que sair do assunto para responder o senador, a pergunta dele. Mas toda vez que eu saía do assunto levava tempo, já distraía a conversa com meus colegas e eu tinha...

Entrevistadora: Voltar ao ponto.

Boy: “Voltar ao assunto novamente. Mas sempre umas perguntas estúpidas. Tomava 10, 15 minutos e voltava novamente para o assunto”. Vovó disse: “Sim, então você não respondeu a ele? Não mostrou a ele a que veio?” “Mostrei, mas você sabe de uma coisa, Cotinha? Se eu fosse um rapaz, forte e bonito, eu dava um soco na cara dele!” [risos]

Entrevistadora: Quem contou isso?

Boy: Vovó me contou.

[Fim da gravação]

PARTE 3

[inaudível]

Entrevistadora: Ele falou que foi ao enterro. Os netos pequenininhos... mesmo ele pequenininho, ele foi ao enterro?

Boy: Eu vim para cá e fui ao enterro.

Entrevistadora: Interessante isso!

Boy: De papai. De mamãe.

[inaudível]

Boy: Essa é outra verdadeira. Quando ele foi para Haia, você sabe que o embaixador da Rússia meteu o pau nele?

Entrevistadora: É. É.

Boy: Ele pegou e pediu licença para responder. Precisava defender o país. Chegou lá, ele perguntou: “Em que língua vocês querem que eu fale?” [inaudível] E o presidente da conferência disse: “O senhor fale lá na sua língua. Português, não é?” Papai então... vovô então falou guarani. [risos] Ninguém entendeu. Então falou ao embaixador da Rússia: “De que província o senhor é na Rússia?” “Tal província”. Então ele falou no dialeto russo da província do...

Entrevistadora: Mas ele se preparou também para essa conferência.

Boy: Se preparou.

Entrevistadora: Se preparou. Também é esperto.

Boy: Graças a Deus! [inaudível] Ele mostrou que conhecia mais a Rússia do que...

Entrevistadora: Do que o próprio embaixador.

Entrevistadora: Eu li em algum lugar que ele estudou muito todos os participantes dos outros países exatamente porque o Brasil era um país insignificante. Imagina o Brasil participar de uma conferência dessas. Ele tinha que se entrosar...

Boy: ... era desconhecido naquela época. Tudo era índio aqui.

[inaudível]

Entrevistadora: Aí o que aconteceu? Ele ficou sabendo até mais do que...

[inaudível]

Boy: Aquele palácio tinha uns arcos assim. Três vezes maior na cúpula, nas pontas. Clemenceau³⁶ disse: “*Ces portes sont grands*”. [inaudível] Depois, quando ele saiu da Conferência, o Clemenceau disse: “Essas portas são muito pequenas para você”.

Entrevistadora: Essa história eu conhecia.

Entrevistadora: Ele foi considerado um dos sete sábios da conferência.

³⁶ Para maiores informações, vide “Georges B. Clemenceau”, disponível em: <<https://history.uol.com.br/biografias/georges-b-clemenceau>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Boy: Até hoje. Tem a estátua dele. Foi inaugurada. Estela Batista Pereira estava lá.

Entrevistadora: Foi. Isso mesmo. É um homem admirável, né?

Boy: Quem foi levar representando aqui foi o Caio da Silva Pereira.³⁷

Entrevistadora: Acho que o dr. Lacombe foi também. Não é? Não me lembro.

Boy: Lacombe foi. Acho que o Lacombe foi e o Caio da Silva Pereira, o advogado. Tinha um representante da delegação brasileira pela OAB. Meu advogado hoje em dia é o filho do Caio, Sérgio da Silva Pereira. Filho do Caio.

Entrevistadora: Eu acho que essa exposição vai ser muito importante. Sabe por quê? Para tirar o pó de Rui Barbosa. Rui Barbosa está sempre focado em uma coisa também antiga, quando as coisas que ele fala tem uma atualidade. Você está me entendendo? É um mito que está lá... eu acho que cheio de possibilidades, de uma certa forma.

Entrevistadora: Uma coisa...

Entrevistadora: É muito atual a figura dele, se você olhar por um certo ponto de vista e que não é visto assim...

Entrevistadora: Um pensamento muito moderno, não é?

Entrevistadora: Cabe à Casa de Rui Barbosa transformar essa... essa ideia.

Boy: Todo mundo fala aí... o comunismo é ateu. Não é?

Entrevistadora: É.

Boy: Eu achei engraçado o comunismo. Ele detestava o comunismo. Você já notou que todo comunista diz: “O que é meu é meu. O que é teu é meu.” [risos] Então você pensa bem, como é que um comunista quando está doente busca a Deus.

Entrevistadora: Mas nessa hora todo mundo lembra que Deus existe. É muito difícil.

Diana: Você já contou a história de Getúlio Vargas. Acho que ninguém sabe dessa história...

Entrevistadora: Melhor não gravar?

Diana: Melhor não gravar. Aquela história de Getúlio Vargas com sua avó.

Boy: Ah isso!

Entrevistadora: Se você quiser eu desligo.

Diana: É melhor não gravar.

³⁷ Para maiores informações, vide “Caio Mário da Silva Pereira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/caio-mario-da-silva-pereira-1>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Entrevistadora: O senhor vai contar?

[Interrupção – Nesse momento o major pede que desligue o gravador e conta em OFF que Washington Luís certa vez pediu a opinião de Rui antes de indicar o nome de Getúlio Vargas para um cargo de segundo escalão e Rui opinou que desconfiava do caráter dele, sendo contrário à indicação. Contou ainda que durante o Estado Novo, Getúlio pediu para ser recebido por d. Maria Augusta e que ela pediu que ele, o major, estivesse presente. Ele compareceu fardado e assistiu a avó criticar o governo de Getúlio e o DIP, ao ser solicitada a opinar e d. Diana contou que o major recebeu represálias em consequência da negativa de apoio da viúva de Rui.]

Entrevistadora: Essa medalha,³⁸ como é que será que ele recebeu? Porque essa medalha foi uma medalha dada aos alemães que afundaram o navio... inglês ou americano.

Entrevistadora: O navio americano. O Lusitânia.³⁹ A senhora conhece essa história?

[inaudível]

Entrevistadora: E eles receberam uma medalha em comemoração a esse afundamento, porque mataram um monte de gente. Agora, Rui Barbosa tem uma medalha⁴⁰ dessa.

Entrevistadora: Ele tem... ele tem...

Boy: Como ele recebeu isso?

Entrevistadora: Pois é. Essa é a nossa...

Entrevistadora: Olha, eu já pesquisei nas cartas para ver se veio acompanhada de uma carta. Mas está aí no acervo.

³⁸ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

³⁹ Para maiores informações, vide “O naufrágio do Lusitânia por submarinos alemães, 1915”, disponível em: <<https://incrivelhistoria.com.br/naufragio-lusitania-1915/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁴⁰ Objeto do acervo museológico, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

[inaudível]

Entrevistadora: A medalha foi cunhada na época do afundamento e foi distribuída como uma comemoração, porque tinham afundado o Lusitânia na Primeira Guerra, né? E aí o Rui tem aqui...

Diana: Ué, mas foram os alemães?

Entrevistadora: É. Os alemães que cunharam a medalha.

Diana: Engraçado, que ele não tinha simpatia pelos alemães.

Entrevistadora: Não. Por isso que a gente não sabe o porquê...

Entrevistadora: Inclusive lá em Friburgo, a casa dele... eu li também em um desses livros lá na [inaudível]... a casa dele foi ameaçada de bomba, ser bombardeada. Várias ameaças por saber que ele...

Diana: Os alemães?

Entrevistadora: É. Friburgo é maior colônia de...

[inaudível]

Entrevistadora: A gente não sabe como é que essa medalha veio parar nas mãos dele.

[inaudível]

Boy: Ele tinha uma casa de campo em Petrópolis. Vovô tinha.

Entrevistadora: Tinha uma casa em Petrópolis.

Boy: Está lá ainda. Eu quis tanto comprar aquela casa. Ela foi vendida.

Entrevistadora: Está com particulares.

Boy: Está com particulares e eles não querem vender.

[inaudível]

Entrevistadora: Eles revenderam já. É. E foi a casa onde ele morreu.

Boy: A casa onde ele morreu. Primeiro de março.

Entrevistadora: O senhor lembra dessa casa? Chegou a visitar?

Boy: Lembro.

Entrevistadora: Tinha um jardim bonito.

Boy: Tinha. Estive várias vezes naquela casa. Ali ao lado, onde eu estudei em Petrópolis, no Colégio Accioli.

Entrevistadora: Ah é... o Colégio Accioli é em Petrópolis.

Boy: Em Petrópolis, junto da casa.

Entrevistadora: Ah, sei. Essa casa há pouco tempo...

Boy: Tinha a igreja do lado de cá...

Entrevistadora: Não conheço.

Entrevistadora: Na rua Ipiranga.

[inaudível]

Entrevistadora: Nós agora vamos montar... abrir agora em maio uma exposição sobre “Imagens do casamento”. O senhor... vocês recebem todos os convites aqui da Casa? Não. Vocês devem receber.

Boy: Estou recebendo agora.

Entrevistadora: É e essa exposição, “Imagens do casamento”, ela foi pensada para o ano passado porque fazia 120 anos do casamento de Rui e Maria Augusta. Não pode ser feita o ano passado. Vai ser feita esse ano. Então tem a história do casamento deles. A história do casamento das filhas. Dos filhos, não. Só das filhas porque foram os casamentos, as festas feitas aqui. Não a da d. Baby, mas as duas. E tem o retrato da d. Baby de noiva. A gente conseguiu. A bisneta dela, que trabalha aqui...

Diana: A Beatrix.⁴¹

Entrevistadora: É, a Beatrix. Nos trouxe.

[inaudível]

Boy: Baby era um amor. Eu gostava muito dela. Gostava de Dedelia e de tia Baby. São as tias que eu gostava mais, as duas.

Entrevistadora: A irmã Ana menciona muito d. Baby porque...

Entrevistadora: Ela era muito presente na vida dos sobrinhos.

Entrevistadora: É. Tomava conta dos sobrinhos.

Boy: Era secretária de vovô também. Ela era inteligente também. A Lucila herdou essa inteligência. Ela capta com muita facilidade as coisas.

Entrevistadora: Ela é uma pessoa muito simpática. Adorável ela.

Diana: Você pode arranjar uma fotografia colorida do braço?

Entrevistadora: Eu mando fazer. Eu mando fazer.

Boy: Você não esquece. Eu gostaria de ter.

⁴¹ Beatrix Rui Barbosa Guerra Martins. Foi servidora da Fundação Casa de Rui Barbosa, ocupou o cargo de pesquisador de 1975 a 1998, ano de sua aposentadoria.

Entrevistadora: Não esqueço.

Diana: Tem alguma história dessa família?

Entrevistadora: Não. A gente acha...

Entrevistadora: [inaudível]

Entrevistadora: O brasão da família Rui Barbosa. A gente acha que isso foi mandado fazer já pelo museu. Eu acho isso. Mas, eu posso procurar saber, porque eu não sei.

Diana: Estamos curiosos também. Não precisa brasão. É só [inaudível]...

Entrevistadora: Não, a gente manda fazer a foto.

Entrevistadora: Vocês têm fotos da família? Não tem fotos daqui da casa?

Boy: Não, porque as fotos que vocês tiraram antes...

[inaudível]

Entrevistadora: Nós temos aqui umas fotos...

Boy: Vocês têm o livro das caricaturas de Rui?

Entrevistadora: Do Herman Lima?⁴²

Boy: Do Rui.

Entrevistadora: Tem. O autor é o Herman Lima.

Boy: Herman Lima.

Entrevistadora: É, ele, inclusive, ele está doando os originais para nós, para a Fundação.

Entrevistadora: A família. Ele não. Ele faleceu.

[inaudível]

Boy: Aqueles que eu dei aqui pra... é que me roubaram. Roubaram e ficou faltando aqueles volumes. Estive com o ministro Neder⁴³ ontem e o Neder disse para mim: “Sabe que eu tenho a coleção do seu avô todinha”. Eu disse: “Eu também tinha, mas me roubaram alguns”. “Mas só tem uma coisa sobre você”. “Que que é?” “É que eu li toda a coleção e você não leu de verdade”. [risos] “Que quando eu leio, eu tenho o dicionário na mão e você não precisa”.

Entrevistadora: O senhor leu tudo mesmo?

⁴² LIMA, Herman. *Rui e a caricatura*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁴³ Para maiores informações, vide “Antonio Neder”, disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=5>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Boy: Ele leu.

Entrevistadora: Ah, ele! Pensei que o senhor tinha lido.

Boy: Eu não. Li alguns.

Entrevistadora: Também não li tudo não. Quer dizer, li alguma coisa do Rui Barbosa.

Boy: Quando eu me interesso por alguma coisa, vou lá procurar...

Entrevistadora: O senhor conhece a Rejane⁴⁴ aqui da Casa. Rejane que trabalha no setor ruiano. Maior pesquisadora sobre a obra de Rui. Eu convidei para ela participar dessa entrevista, mas ela foi avó e não pode. Não veio nem trabalhar. Ela é quem melhor conhece Rui. Conhece tudo. Ela é muito procurada por congressistas atuais que pedem citações de Rui Barbosa para eles citarem lá no Senado. É impressionante. Ela disse que é muito procurada. Eles estão sempre pedindo. “O que que Rui Barbosa falou sobre esse assunto?” Ele sempre falou alguma coisa. Acho que não teve...

[inaudível]

Boy: Porque diz [inaudível] Lula aproveite a democracia, os grandes homens da democracia para nós podermos usar como subterfúgio.

Entrevistadora: Até porque o Rui foi um grande pensador. Ele falou sobre todos os assuntos.

Boy: Eu tenho... você deve ter aqui a definição de comunismo de vovô. Eu tenho lá. Escrito. Eu ia trazer para você até.

Entrevistadora: A Rejane tem. Eu posso pedir a ela. Tudo que a gente pede ela acha lá. Ela tem uns arquivos completos. Tem a obra dele toda fichada.

[inaudível]

Entrevistadora: Outro que conhecia muito a obra dele era o dr. Lacombe.

Boy: Lacombe sim. Outro.

[inaudível]

⁴⁴ Pesquisadora do setor ruiano, estudiosa de Rui Barbosa, autora de Rui na Vila Maria Augusta. Foi servidora da Casa de Rui Barbosa de 15 de julho de 1975 até 14 de agosto de 2005. Após sua aposentadoria, continuou atuando como chefe do setor, como cargo de confiança.

Entrevistadora: É, ele estava falando comigo.

[inaudível]

Entrevistadora: O senhor tem os números que o senhor não tem? Sabe quais são?

Boy: Já dei.

Entrevistadora: O senhor já deu. Eu estava falando para ele. Porque a Rejane que...

Boy: Eu falei com o Mario. O Mario, não é?

Entrevistadora: Isso. A Rejane que poderia levantar. Nós pedimos para ela, mas hoje ela foi avó e aí ela não veio trabalhar. Mas ela tá sabendo. Ela ficou de ver o que que ela podia achar. Tem muita coisa esgotada já.

Boy: Tem muita coisa esgotada. E eu digo, eu fiquei danado quando vovó era...

Diana: Quem tem essa coleção é um amigo dele em São Paulo...

Boy: Advogado.

[inaudível]

[O major olha algumas anotações na carteira]

Boy: Tenho um cartão não sei onde é que está.

Boy: Oh! Maria Lucia Horta Ludolf de Mello.

Entrevistadora: Essa é a chefe do Arquivo.

Boy: Do Arquivo.

Entrevistadora: Ela é que passou para a Rejane. Porque a Rejane é a que faz a editoração das obras completas. Ela é a maior conhecedora da obra de Rui. Viva. Então ela ficou de levantar o que ainda tinha e que o senhor deu os números para a Maria Lúcia.

Boy: Dei.

Entrevistadora: Ela ficou de ver o que que ela ainda acha.

Boy: Tem aqui escrito Maria Augusta, 1890.

Entrevistadora: É. É a foto do relógio. Deve ser isso.

Boy: O relógio de vovô.

[inaudível]

Boy: Neder.

Entrevistadora: É ele estava me contando a história. Que ele leu tudo. A obra toda.

[inaudível]

Boy: Eu estou aqui renovando a licença de dirigir automóvel.

Entrevistadora: Isso é uma amolação.

Boy: Eu recebi isso. Aqui oh! No dia 15 de julho de 36.

Entrevistadora: Puxa!

Boy: Eu estou com 81 anos. 36. Eu já fui lá mais de 20 vezes.

Entrevistadora: Não consegue. O Detran é um desespero.

Boy: Fica naquela fila. Me mandaram... fui no Leblon. Do Leblon pra Gávea. Na Gávea me mandaram para Francisco Bicalho. Já fui umas três vezes [inaudível].

Entrevistadora: Porque é uma amolação.

Boy: Uma amolação.

Entrevistadora: Você perde o dia todo.

Boy: Uma coisa horrível.

[inaudível]

Boy: Minha mãe, oh! Hemengarda Helena Valentim Rui Barbosa. Te falei. Hemengarda. Tinha uma Rui Barbosa. Cadê?

Entrevistadora: Eu não sabia. Eu só conhecia como Helena Valentim.

Boy: Rui Barbosa. Hemengarda na frente.

Entrevistadora: E o nome da sua avó, qual era? Da menina de 12 anos.

Boy: De vovó? É... Máxima Valentim do Nascimento. Máxima Valentim do Nascimento. Meu avô era Antônio Valentim do Nascimento.

Entrevistadora: Agora essa família Valentim não é a única? Ou é uma só?

Boy: É uma só. Valentim. Tem aí esse restaurante...

Entrevistadora: Adega do Valentim.

Boy: É por isso que [inaudível].

Entrevistadora: Pois é. É por isso... nós temos uma colega Valentim. Por isso que eu perguntei. Ela trabalhou com a obra de Rui e nunca mencionou a hipótese de ser parente, mas ela já é aposentada também.

[inaudível]

Entrevistadora: O senhor sabe o que eu vi a pouco tempo aqui? Não sei se o senhor tem. Nós temos aqui um gabinete de microfilmagem, lá no final do jardim, e eles microfilmam para outras pessoas, não é? Fazem reproduções. E o rapaz, um amigo que trabalha lá, me chamou para mostrar uma reportagem sobre o senhor. O senhor com uma roupa da FAB, visitando d. Maria Augusta, na rua Raimundo Correia. Era uma reportagem grande. O senhor, acho que tinha chegado do exterior. Tinha ido fazer uma visita a ela e alguém documentou essa visita. E tinha... aí ele estava fazendo esse trabalho para alguém e falou: “Claudia vem aqui que tem uma reportagem sobre a família”. Ele sabe que a gente se interessa. E eu li também na hora a revista. O senhor lembra desse episódio? O senhor visitando? Ter sido documentado para uma revista? O senhor com farda e ela já bem idosa, um pouco antes dela morrer?

Boy: (Com lágrimas nos olhos). Eu adorava a vovó.

Entrevistadora: Ela era uma mulher admirável, não é?

Boy: O xodó de vovô era papai.

Entrevistadora: É, a gente sabe.

Boy: O xodó de vovó era o Rui, que era Almirante.

Entrevistadora: Sei. O Rui Neto?

Boy: Não, o Rui Neto não. O filho dela.

Entrevistadora: Ah, sim, sim. O Alfredo Rui.

Boy: Alfredo Rui Barbosa. Era o xodó de vovó. O xodó de vovô...

Entrevistadora: É o João. A gente sabe.

Boy: Ele adorava papai. Dos netos, eu não quero contar vantagem não. Era eu, né?

Entrevistadora: Era. Por causa desse espírito de vocês irreverente. Demonstra inteligência, não é? Eu acho.

Boy: [inaudível] Sempre fui direto. Quando fui do Estado-Maior da FAB, do Estado-Maior do SNI também. [inaudível]

Entrevistadora: O senhor foi do SNI aqui no Rio?

Boy: Aqui no Rio.

Entrevistadora: Nós temos uma colega do SNI aqui. Eu vou apresentar ao senhor. Talvez o senhor conheça.

Boy: O Ministério da Aeronáutica era aqui no Rio, antes de passar para Brasília. Eu era do Estado-Maior [inaudível]. “Eu quero saber sobre esse relatório aqui. Você já leu? Que que você acha disso?” [inaudível] “Isso é de brigadeiro para capitão ou é de homem para homem?” [risos] Ele

disse: “De homem para homem”. Então, estou à vontade. Meti o pau.
Se fosse de outro jeito...

Entrevistadora: Não podia. A hierarquia era muito grande.

Boy: Uma disciplina. [risos] De homem para homem!

Entrevistadora: Outra coisa que queria perguntar para o senhor agora... eu lembrei o senhor falando da d. Maria Augusta. Nós temos umas fotos do final da vida de Rui já. Ele e d. Maria Augusta, ela já idosa e ele de pijamas no jardim. O senhor lembra de vê-lo de pijamas? Ele tinha esse hábito? Eu acho uma coisa tão engraçada. De pijama, sentadinho, até aqui nesse banco.

Boy: Me lembro, sim. Já vi ele de pijama.

Entrevistadora: Interessante. Eu estou perguntando isso...

Boy: ... uns arcos assim.

Entrevistadora: Isso é. Eu estou perguntando isso, porque têm muitas fotos dele.

Boy: Aquele banquinho, ficava sentado ali.

Entrevistadora: Devia ser bem cedo, não é?

Boy: Era cedinho.

Entrevistadora: Nós vamos lançar agora um livro sobre os objetos decorativos e o gosto pessoal do casal. Depois, no final do ano, um livro sobre a indumentária dos dois. Como é que os dois se vestiam. Então, eu estou perguntando do pijama por isso. Porque é importante. Ele tinha isso.

[inaudível]

Boy: Esses quadros aqui. (Os quadros de azulejos de Delft) Trouxe da Holanda.

Entrevistadora: Ele deve ter trazido de Haia. Né? Provavelmente, ele trouxe de Haia.

Boy: Ele trouxe de lá.

[inaudível]

Boy: Eu sinto saudades dessa casa.

Entrevistadora: Ah, mas sem dúvida.

[inaudível]

Boy: Eu não fui a brigadeiro porque tive um acidente na FAB. Eu me arre-bentei todo. Esse braço aqui. Foi daqui até aqui...

Entrevistadora: Acidente o avião caiu?

Boy: Sim

Entrevistadora: É mesmo?!

Boy: Tive fraturas na cara. Fizeram plástica...

Entrevistadora: Ninguém diz. Não parece.

Boy: O nariz ficou grosso assim. Eu joguei boxe também.

Entrevistadora: Isso também além do boxe, né?

Boy: Mas eu não sei, não. Foi ter uma vida que eu tive, sempre pensei no Brasil. Está numa época que eu não vejo solução. Eu não vejo.

Entrevistadora: A gente está passando um período crítico. O senhor tem toda a razão.

Boy: É crítico. Cinco milhões de favelados, não é? O povo não sabe ler nem escrever, cocaína...

Entrevistadora: É. Aquilo que a gente viu na televisão ontem. [inaudível]. Aquilo para mim é um horror.

Boy: Internacionalmente falando, olham assim e acham isso aqui uma bagunça. Nem todos os brasileiros são ladrões.

Entrevistadora: É! Mas fica difícil. O senhor que viaja muito, o senhor vê. Eu me lembro na época do Collor – a gente estava falando antes –, eu viajei para os Estados Unidos. Eu tive lá na época que ele estava sendo deposto. E eu ouvia deboche toda hora e não podia falar nada. Tinha que escutar e ficar quieta, porque debochavam. Fez isso, fez aquilo? É, foi, foi. Que que ia falar? Que não era? Quer dizer, homens da qualidade de Rui Barbosa, eu acho que a gente não vai ter mais, que eram verdadeiros patriotas.

Boy: Infelizmente. Nós tivemos grandes homens.

Entrevistadora: Exatamente!

Boy: Deteriorou-se.

Entrevistadora: Deteriorou-se. Exatamente.

Boy: Pela falta de educação. Na minha época, a gente estudava mais. Tinhas as brincadeiras e tinha hora para estudar.

Entrevistadora: E a educação hoje em dia é muito superficial, né? O ensino é muito fraco, muito superficial.

Boy: Muito fraco. Muito fraco mesmo. Eu fico espantado. Tem gente que nem escrever direito sabe. Como bota esse cara para falar. [inaudível] Não sabe ler e escrever. É só botar um dedo. Como é que uma pessoa vota sem saber ler e escrever?

Entrevistadora: É verdade.

Boy: Botaram na Constituição que não é obrigado saber ler e escrever, antes de votar.

Entrevistadora: É, claro.

Boy: Tiraram isso.

Entrevistadora: E aí e formar as pessoas. Alfabetizar as pessoas, não é? Formar para que elas pudessem...

Boy: Exato. A Constituição foi toda modificada. Uma Constituição de lei trabalhista.

Entrevistadora: É, o senhor tem toda a razão. E é lamentável, porque a primeira – como o senhor falou – foi uma Constituição exemplar. Era só fazer as emendas como o senhor disse. Era só manter...

Boy: O credo do vovô que era contra a ditadura... [inaudível]. Autoritário. Mas, penso que vovô morreu em 23, era uma outra época. Hoje em dia tem que ser duro, porque cresceu o Brasil. Naquela época, nós tínhamos 50 milhões, hoje temos 155 milhões...

Entrevistadora: E desgovernado, não é?

Boy: Tem que ser duro mesmo. Punir. Punir mesmo quem... eu acho que vovô também era contra a pena de morte. Mas hoje em dia... eu notei que nos Estados Unidos, quando eu estive lá, todos os Estados são independentes. Porque aqui chamou Estados Unidos do Brasil. Depois ganhou [inaudível]. Vieram com esse negócio de República Federativa do Brasil. Quando eu vi aquilo, eu disse: “Ah, ah! Isso está ficando fora de controle já”. Então essa é uma democracia falsa. Na minha opinião própria. Isso aqui não está bom. Eu estive outro dia, na 31 de março, no Clube Militar,⁴⁵ porque eu sou sócio do Clube Militar. Fui secretário. Particpei de um grupo independente, que dava a entender que eu fundei a União Nacional de Defesa da Democracia.⁴⁶

⁴⁵ Para maiores informações, vide “Clube Militar”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLUBE%20MILITAR%20red.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁴⁶ Em dezembro de 1987, foi organizada a União Nacional de Defesa da Democracia (UNDD). “A retórica anticomunista manteve-se, os dirigentes da nova organização apontaram como indícios da ascensão comunista no Brasil a concessão de direito a voto para os maiores de 16 anos, a legalização dos partidos comunistas, a pretensão de se implantar um sistema parlamentarista no Brasil e de suprimir a participação castrense na segurança interna, a ampliação da anistia aos militares punidos pelo golpe de 1964, a supressão da referência a Deus na Constituinte”. O general João Figueiredo foi um dos mais destacados porta-vozes da UNDD. MONTEIRO, Tiago Francisco. As propostas de defesa da democracia apresentadas pelas facções castrenses do Exército brasileiro entre a Transição Política e a Nova República (1974-89). *Aedos*, Porto Alegre (RS): UFRGS,

Eu e o Bournier.⁴⁷ Falam tão mal do Bournier. Metem o pau. Bournier nunca maltratou ninguém. É que na época do Castelo Branco, nós fizemos [inaudível] de muita gente. Eu era capitão naquela época e Bournier já era major. [inaudível], quando eu reformei. Eu estava com Bournier, [inaudível], toda a turma que era apegado a ele, foram meus colegas, que ficaram e foram supervisionando. Eu tinha intimidade. Já estava em Guapina e tinha um general, José Sebastião de Castro. Uma grande mente. Um pequeno Rui Barbosa do Exército. O general disse assim: “Que que é Rui?” “Você gosta de mim?” Trabalhei que nem um desgraçado na FAB. Não é? [inaudível] Segunda Guerra. Tenho uma porção de condecorações que não valem mais nada. Disse: “Que que é Rui?”, “Depois do almoço”. Disse: “Não vejo melhor momento do que esse para estabelecer o estado de sítio. Vovô era contra o estado de sítio, mas o tempo mudou. Senão fizemos o estado de sítio, isso vai para o *beleléu*. O povo vai sofrer”. Eles olharam para mim. “Agora que está essa bagunça, está na hora da gente fazer o estado de sítio. Você sabe que [inaudível], se nós fechamos o Congresso e todas as Câmaras dos Deputados e Câmaras dos Vereadores municipais, em todos os estados do Brasil, acabando com eles. Durante seis meses, só vão para casa bonitinho. Só passa [inaudível] e nós tomarmos conta no estado de sítio. Sabe que em seis meses, nós pagamos os 140 bilhões que nós devemos?” “Imagina você que que não sai de lá. Além do roubo que eles fazem, ainda saem mais os ordenados todos... [inaudível], que cada deputado tem três secretárias, tem... vai somando aquilo tudo.

Entrevistadora: Tem. É, são cabides de empregos.

Boy: Então, sai dinheiro do tesouro nacional para pagar... que se voltam para si próprios. Tem GTs e não sei mais o que. Ganham dez, 15, 20 mil. Chegam a 40 mil.

Entrevistadora: Ganham verba de representação.

Boy: É uma coisa de louco. Avião para cá, avião para lá. Isso acabava. Aí, o General Ibiapina, inteligente... acontece o seguinte, que na nossa época de 64, que era deles, nós éramos grandes patriotas, que hoje em dia não existe patriotismo. Não sei o que aconteceu com as forças armadas. Eles se acomodaram. Ganham uma miséria e ainda se acomodam.

nº 13, vol. 5, Ago/Dez 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/download/42241/28050>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁴⁷ Para maiores informações, vide “João Paulo Moreira Bournier”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-paulo-moreira-burnier-1>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Entrevistadora: É, porque o salário está baixíssimo. Os soldos! Estão baixíssimos.

Boy: Sabe quando é que é que uma major está ganhando? 1380 reais.

Entrevistadora: É, eu sei. Meu pai era militar. Eu sei.

Boy: Não era possível de sustentar, educar...

Entrevistadora: Uma coisa horrível. Meu pai é militar. O pai dela era militar também. A gente sabe.

Boy: Era uma miséria que pagam e sempre perseguindo os militares. Tá, tá, tá. E acusam a gente de... nós... Bournier nunca matou ninguém. Nunca teve o mal hábito. Inversão de valores. [inaudível] Ele ainda ri. Não adianta. Ele disse para mim: “Não adianta”. Agora eu tenho sentido uma coisa, sabe [inaudível]? Que naquela época que nós levávamos fama sem proveito, nós devíamos ter matado mesmo. Acabado com essa raça. [inaudível] [risos]

Entrevistadora: Levou fama, não é?

Boy: Bem, o que fez o Radmacker? Os inquéritos que colocávamos na mesa do presidente Castelo Branco. O Mello, Radmacker e Arthur da Costa e Silva, os três fizeram o Ato Institucional⁴⁸ n^o1, depois puseram o Castelo Branco. Nessa época aí do inquérito. Então, o que que aconteceu? Nós pegávamos a ficha de um sujeito que era um ladrão de galinhas e comprovar, porque o Castelo queria as provas. [inaudível] Tudo explicadinho. [inaudível] O que que eles faziam. Juntavam-se comunistas para jogar bomba aqui, matando gente a torto e a direito. Nunca quiseram matar. Até os que mataram estão recebendo agora ordenado em casa e as famílias. Agora onde é que nós estamos? São heróis. Os safados são chamados de heróis. Inversão de valores.

Entrevistadora: Também acho!

Boy: Aquela época nossa era diferente. Tinha os capitães... daquela época! Que vinham a nosso favor. Você se lembra? Sim. Não eram bobos. Tinha os contra também. Mas esses que estão contra, quando houve essa inversão de valores, é que se tornaram brigadeiros, generais, almirantes, daquela época em que eram capitães e que eram contra nós. Eles que estão mandando. Então, eles controlam a tropa. Tem que ter a tropa [inaudível]. Mas têm 48 partidos. Toda... o Congresso é todo comunista. Se tirar dez por cento não sobra muita coisa. O resto é todo comunista.

⁴⁸ Para maiores informações, vide “Atos institucionais”, disponíveis em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/atos-institucionais>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

São tão burros que não sabem o que é comunismo. “Eu não sou comunista”. Porque é favorável a eles ser comunista para poder roubar. Eles estão se lixando...

Entrevistadora: Mas o senhor não acha que a esquerda acabou? Que está esfacelada?

Boy: Estão falando isso, mas não. Está cada vez mais forte.

Entrevistadora: Será?

Boy: Eu te mostro os livros que eu tenho da esquerda e os relatórios que eu recebo em casa, que eu recebo todo mês. Eu, de onde eu moro, [inaudível] todos amigos da minha mulher. Eles disseram assim: “Diana, você é a única americana que nós consideramos brasileira. Porque você luta conosco”. Ela é uma verdadeira democrática. Ela é do Partido Republicano dos Estados Unidos. Os democratas agora são os *lefts*...

Entrevistadora: Sei.

Boy: São da esquerda.

Entrevistadora: É da esquerda. É.

Boy: Lá eles têm dois, aqui 48. Tudo comum. Uma perdição.

Entrevistadora: Eu estava falando com o senhor. Eu tenho lido as revistas do Clube Militar, os artigos da revista, e a gente nota que há uma insatisfação mesmo. Eu... pelo menos, nos escalões mais baixos, eles têm artigos muito fortes ultimamente. Pelo menos os três últimos números, insatisfeitos com o governo e o rumo das coisas. Eu tenho visto isso.

Boy: Lá nos Estados Unidos tem só 340 pessoas, em 270 milhões de habitantes, só 340 que pertencem ao Inner Circle. Inner Circle é o círculo íntimo do Partido Republicano. Eu sou um deles.

Entrevistadora: É mesmo?! Que interessante!

Boy: Sou estrangeiro. Eles sabem que meu avô... [inaudível]

Entrevistadora: Quer dizer que o senhor é membro mesmo do Partido Republicano? O senhor também. Eu pensei que fosse só ela. O senhor também.

Boy: Eu sou estrangeiro. Como é que eles aceitam um estrangeiro? Brasileiro. Lá. Meu nome está gravado no museu [inaudível].

Entrevistadora: O senhor vive uma parte do ano lá, né? Na América?

Boy: Sim, fiquei um ano lá.

Entrevistadora: Mas o senhor não vive... todo o ano, o senhor, não passa uma parte do ano lá?

Boy: Seis meses aqui, seis meses lá. Mas dessa vez fiquei um ano.

Entrevistadora: Ah, sei!! Foi por isso que eu não achava o senhor.

Boy: Operado. Eu tirei um rim.

Entrevistadora: É mesmo?!

Boy: O rim direito. Tirei a vesícula. Tirei, estava tudo podre com câncer.

Entrevistadora: Puxa, ninguém diz. O senhor tem um aspecto super saudável.

[inaudível]
[Fim da gravação]

PARTE 4⁴⁹

[inaudível]

Boy: Então, quando chegava na hora da gasolina, eu passava no *destroier* na frente e fazia assim com a asa. Olhava... [inaudível] baixa latitude. A segunda vez, longitude também e eu nessa posição que me mandaram. [inaudível] Mais perto do Brasil, da costa. [inaudível] Milhas náuticas. Mas não podemos, se eu voltasse eu caía dentro d'água. Contraditório. Abasteci. Voltei. Aí quando eu voltei, [inaudível] 20 minutos e quase 30 horas sem botar gasolina. De quatro em quatro horas e meia tinha que botar gasolina. [inaudível] Aí tinha um *destroier* nosso que ficaram presos lá na ilha Grande. Fomos todos visitar aquela turma. [inaudível] Vamos ver esse pessoal. Cheguei lá, o diretor da prisão [inaudível]. Queríamos ver o pessoal alemão, não é? Precisando de um maço de cigarro. Continental, Hollywood. Chegando lá: “*Heil, Hitler*”. [risos] Eu fiz continência. Demos os maços de cigarros para dividir. “Eles, não. Só para nós!” Eu disse: “Por quê?” “A hierarquia acabou. Não existe mais oficial não. É tudo preso aqui. Para vocês acabaram a guerra”.

Entrevistadora: É acabou tudo! [risos]

Boy: “Vocês vão ver!” Em inglês, porque eles falam inglês. “Quando tomarmos conta do mundo, o Brasil ficará sobre nosso domínio e vocês vão pagar pelo que fizeram para mim. Vocês da aviação”. Eu disse: “Muito prazer! Até lá, nós vamos ver. É capaz de nós ganharmos também. Agora

⁴⁹ Essa parte da fita apresenta conversa paralela entre Diana e Lúcia o que dificulta bastante a compreensão.

vocês fizeram contato com os Estados Unidos, eu não sei por que. Vão ficar aqui nessa prisão vagabunda que nós temos. Não importa”. Quando veio um *destróier* americano, pegou toda aquela turma [inaudível] investigação e levaram eles para prisão...

Entrevistadora: Americana.

Boy: ... americana, lá nos Estados Unidos com todo conforto. [inaudível] “... campos de concentração na Alemanha não são assim não, não é?” Ficaram lá dois anos presos. Depois acabou a guerra...

Entrevistadora: Voltaram.

Boy: Naturalizaram-se americanos.

Entrevistadora: Ah, não voltaram!

Boy: Se casaram com americanas e ficaram lá. Acabou que não foi tragédia o negócio todo.

Entrevistadora: É, aquilo foi só...

Boy: Aquilo era momentâneo só.

Entrevistadora: Uma coisa de época. Vocês moram aonde nos Estados Unidos? Em Nova York?

Boy: Não, agora estamos morando em Phoenix, Arizona.

Entrevistadora: Arizona! Que interessante.

Boy: Porque ela sofre muito de asma. Aqui ela sofre muito com a maresia. Lá é seco. Então lá ela se sente melhor. Por isso que eu comprei uma casa lá e fico lá. Quando tem alguma coisa importante me chamam e eu venho para cá. Toda vez que eu decolo... vou dizer uma coisa a você, Cláudia. [inaudível] Não tem uma notícia boa, tudo ruim.

Entrevistadora: É eu imagino!

Boy: Tem que ter uma coisa de bom. Não é possível. Os jornais todos...

Entrevistadora: Está muito triste. A gente está vivendo um período muito triste.

Boy: Uma coisa horrorosa. Quem nunca viu coisa melhor na vida pensa que isso é natural. Natural nada.

Entrevistadora: É, você tem toda a razão. Eu gostei muito de conhecer o senhor, que eu não conhecia. Gostei muito. Foi um prazer de verdade. Gostei demais de conhecer vocês. Conhecia de nome...

Boy: A cabeça funciona ainda.

Entrevistadora: Conhecia só o menino de cachinhos. Aqueles cachinhos que o senhor tinha...

Boy: Com roupa de menina. Você viu?

Entrevistadora: Por que vestia de menina?

Boy: Era mamãe. Mamãe.

Entrevistadora: Por que isso? O meu sogro também só se vestia de menina. Por quê?

Boy: Me dava um complexo de... eu era brigão desde pequenininho, sabia? Eu fiquei agressivo.

Entrevistadora: Era rendinha

Boy: Rendingha.

Entrevistadora: Os cachinhos

Boy: Os cachinhos...

Entrevistadora: A d. Baby... a d. Baby não. A d. Ana conta que...

Boy: A minha mãe disse um dia: “Deixa eu vestir esse menino. Ele está crescendo aí, ainda com roupa de menina, aí”.

Entrevistadora: Por que que fazia isso? O senhor não sabe?

Boy: Devia achar que era um bonequinho, uma bonequinha...

Entrevistadora: É. Fazia feito boneco.

Boy: Ou queria ter uma filha e teve um filho...

Entrevistadora: É, mas eu acho que era a época. Não estou dizendo que meu sogro também...

Boy: Mais cachinhos...

Entrevistadora: De cachinhos, é. A gente tem o retrato de vocês... não sei, sabe aquela foto grande que tem dentro do museu e aí as crianças... [inaudível] A gente sempre diz: “Oh! Essa aqui é menina, esse é menino”. Quando vem escola e as crianças às vezes falam: “Ah! Mas tá de cachinhos”. Mas é menino.

Boy: Tem uma fotografia minha em uma bacia – depois te mostro – nuzinho.

Entrevistadora: Ah é! De cachinhos? Ah!

[inaudível]

Entrevistadora: Foi uma vingança que sua mãe vestiu o senhor de menina. Mas todos, o outro menininho, o Antoninho, também de cachinhos. Tem umas fotos na águia, mas acho que o senhor não está não.

Boy: Foi uma época na Europa que vestiam assim. Eu sou da época do Luís XIV, D’Artagnan, com aqueles cachos. Foi uma época que as crianças... que vestiam as crianças assim.

Entrevistadora: É, uma coisa esquisita mesmo. A dona... a irmã Ana fala isso. “Vocês vão ver os retratos, eles estão de cachinhos, mas são meninos”. Eu disse: “Não, a gente sabe. A gente identificou já”.

Boy: Machado de Assis foi [inaudível] também. As obras dele são uma maravilha. [inaudível] Papai desde pequeno me deu, por isso que eu fiquei [inaudível] Molière, todos esses. Ele veio completo as obras. [inaudível] O que eu aprendi foi com dois anos de idade na França foi o francês...

Entrevistadora: Foi o francês?

Boy: [inaudível] depois com quatro, cinco anos de idade que eles falavam [inaudível]...

Entrevistadora: Aquele erre.

Boy: O francês tem aquele *erre*. Não sei como pode essas coisas. Falei português como se fosse um francês. Um neto de Rui falando mal assim. [inaudível] Depois dos quatro anos foi me ensinar português. Falar e escrever português, porque senão...

Entrevistadora: Mas vocês tinham aquelas babás estrangeiras. Vocês todos tiveram. Então começavam a aprender inglês desde cedo.

Boy: É português e francês. Então o português ficou para trás.

Entrevistadora: É depois que foram crescendo...

Boy: Uma babá portuguesa, aliás brasileira, que me ensinou a falar direito, porque senão eu ia chegar aqui e iam pensar que eu era um pedante. [inaudível]

Entrevistadora: É, um filho de diplomata...

Boy: [inaudível] que é muito amigo meu, d. João de Orleans.

Entrevistadora: Sei.

Boy: Aviador também.

Entrevistadora: Sei.

Boy: Aposentado que nem eu. Muitas vezes... até hoje ele tem o sotaque francês.

Entrevistadora: Ah é!

Boy: “Você é um brasileiro falsificado!” [risos]

Entrevistadora: É. Eles moraram muito tempo no exterior.

Boy: Muito tempo no exterior e ficou com esse sotaque.

Entrevistadora: É, o patriarca também tem um ligeiro sotaque. O d. Pedro Gastão, não é? Ele também tem um ligeiro sotaque.

Boy: Ele também. A gente [inaudível] governo de monarca porque [inaudível]

Entrevistadora: Ah é!

Boy: De copeiro a presidente. Tudo fica como secretário dele. Secretariando o negócio. Nós tivemos bastante votos [inaudível].

Entrevistadora: É. Foi.

Boy: O pessoal do [inaudível] disse: “Puxa! Você, neto do Rui! Lutou contra vocês!”

Entrevistadora: É, aquilo foi um momento.

Boy: [inaudível] É, mas acontece que eu prefiro a monarquia do que...

Entrevistadora: É. Do jeito que estava. Eu acho até que o movimento da monarquia não foi tão adiante porque não tinha uma figura daquela pessoa que seria o herdeiro. Eu acho que tivesse...

Boy: As duas famílias começaram uma briga...

Entrevistadora: Se tivesse a figura de quem seria o rei, seria mais claro para as pessoas.

Boy: Eu conversei com ele e tinha uma rixazinha.

Entrevistadora: Ah, sim! Sem dúvida.

Boy: Acontece que a união faz a força!

Entrevistadora: É, pois é. Porque se já tivesse uma figura, era mais fácil do povo identificar, não é?

Boy: É. Exatamente.

Entrevistadora: Para votar ou até para entender até melhor aquilo. Porque o povo não tem instrução mesmo. Não é?

Boy: Eu disse para ele assim: “Vocês estão todos dormindo no ponto!” [risos] [inaudível] Quem dorme no ponto [inaudível]. Dormiu no ponto.

Entrevistadora: É, mas foi mesmo. Como o senhor falou, d. Pedro II,⁵⁰ que foi a última notícia que a gente teve de monarquia, foi um homem excepcional.

Boy: Ele respeitava o congresso. Tudo direitinho. Agora o sistema é monárquico.

Entrevistadora: Era o poder moderador.

Boy: [inaudível]

Entrevistadora: E foi um homem excepcional. Tem uma... não sei se ainda está ali no Banco do Brasil, no centro cultural, uma exposição sobre a coleção de fotografias dele. O senhor viu essa exposição?

Boy: Não.

Entrevistadora: Muito interessante. Toda a coleção que ele fez de fotografias científicas, fotografias que dele no Egito, daquelas expedições. Muito interessante. Um homem muito inteligente. Um grande brasileiro. Maiores, não é?

⁵⁰ Para maiores informações, vide “D. Pedro II”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEDRO%20II,%20Dom.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Boy: Pedro II estava em [inaudível].

Entrevistadora: É, tem essa história lá. Tem essa história na exposição.

Boy: Eu fiquei tanto tempo conversando com você...

Entrevistadora: Não, mas a ideia é essa mesmo. Que a gente vai formando depois um perfil de tudo isso. Às vezes nem a gente que vai usar, nem a nossa geração de profissionais. Já é uma próxima geração. A gente trabalha com depoimentos... nós temos depoimentos... filha só a d. Baby, mas aí tem outros membros. Tem o Rui neto, que acho que até já faleceu, não é?

Boy: Já faleceu.

Entrevistadora: É, tem o filho, o Alfredo, o filho dele. É, tem da d. Baby. Tem...

Boy: Alfredinho é o bisneto.

Entrevistadora: É, exatamente. Da d. Estela. d. Estela é muito amiga de um colega nosso aqui. São muito amigos. d. Estela vem muito aqui. d. Estela... e o senhor a gente não conseguia achar. Quando o senhor veio com o relógio, aí: "Aí, meu Deus! Você deixou ele escapar? Por que não me chamou lá dentro?" Não sabia que a gente estava procurando o senhor.

Boy: Eu gostaria de... se eu estivesse aqui eu gostaria de trabalhar com vocês.

Entrevistadora: Ah, mas olha! Sempre que o senhor estiver no Brasil e quiser vir ou qualquer coisa que o senhor precise, a gente tem o maior prazer. Porque em contar, principalmente nós do museu, porque a vida do museu é isso. É contar a história da família. A gente agora está passando para publicações. Publicar... a gente tem uma ideia, não sei se isso vai adiante. A ideia dela de fazer um livro para criança com a história das crianças da casa.

Boy: Interessante.

Entrevistadora: É. Então, essas histórias um jogou o outro no lago, de fazer barquinho. Por isso que a gente pergunta essas coisas. Porque é uma infância que essas crianças não têm mais, não é? Então a ideia, uma das ideias que a gente tem é de como era a vida das crianças.

[inaudível]

Boy: Tem um banheiro aqui na janela. Eu estava tirando no banheiro todo molhado, não é? Me enxugando, para colocar uma roupinha seca. Eu abri a janela assim e estava passando embaixo daqui [inaudível]. "Vocês e sua cocozeiras! Vocês vão limpar! Vocês vão ver!" [risos]

Entrevistadora: E o senhor não foi ao cinema. [risos]

Boy: [inaudível] Esse episódio é interessante.

Entrevistadora: Ela contou essa história para a gente. Foi tão engraçado.

Ela contou também que tinham muito receio de deixar vocês brincarem com as crianças da Assunção porque eles tinham piolhos. Aí ela contou: “Piolho era terrível, não tinha...” Hoje em dia continua terrível, não é? Então não podia brincar com as crianças. Vocês iam à praia? Não? A praia aqui, a praia de Botafogo, as crianças? Não?

Boy: Ia em Copacabana.

Entrevistadora: Ah é! Mas com roupinha de praia.

Boy: [inaudível]

Entrevistadora: Ah! Onde vocês tinham a casa.

Boy: Tinha casa lá.

Entrevistadora: Eles falam casa na Gávea.

Boy: [inaudível] Que papai fez [inaudível]. Tudo aquilo papai fez.

Entrevistadora: Ah é uma praia particular ali, não é?

Boy: É a casa que nós vendemos para o Sheraton. Aquela praia toda era a única praia naquela época que até hoje, os boçais que compram aquilo e fizeram o Sheraton Hotel, tinha direito de marinha. Porque as praias todas pertenciam à marinha. Aquela tinha direito, porque na época que papai comprou aquilo, vovô estava na opulência e ficou preocupado em conseguir o direito de marinha.

Entrevistadora: Ah, que interessante!!

Boy: A praia estava toda fechada dos dois lados. Ninguém entrava na praia a não ser a própria família do dono. Entendeu? Para tomar banho. Muito bem, quando se vendeu aquilo, vendeu-se com o direito de marinha. Eles pegaram... o americano... com a baboseira que eles têm na cabeça, que não se pode comparar à América... eles começam a pensar que o Brasil é igual aos Estados Unidos e não é não.

Entrevistadora: Não é não. É outro universo.

Boy: Pegou, tirou o muro do lado, tirou o muro de cá e acabaram com a piscina de água... tinha uma bomba e tinha uma piscina só de água salgada. Tiraram aquilo tudo, fizeram o hotel e abriram para as favelas [inaudível]... roubavam as bolsas, roubavam...

Entrevistadora: Eu me lembro dessa polêmica quando o Sheraton inaugurou de dizer que aquele terreno era privado do hotel e ninguém nunca explicava porque que era. Porque nem eles...

Boy: [inaudível] Eles bobearam porque eles abriram. Quem dá e tira, perdeu a fortuna. Vai botar para fora dali [inaudível]. Ah, o americano... e aí começa aquele negócio.

Entrevistadora: É. O senhor agora está me elucidando isso que eu não sabia. A razão é que tinha sido legalizado na época do seu pai.

Boy: Tinha sido legalizado. Tudo direitinho.

Entrevistadora: O que foi legalizado?

Entrevistadora: O Sheraton. Essa história é comprida depois eu explico. O terreno da praia do senhor. Já são 4:20.

Entrevistadora: Tenho aula já já.

Boy: Tomei seu tempo.

Entrevistadora: Não de jeito nenhum. Eu estava falando que foi um prazer receber vocês. Eu não conhecia. Só conhecia de história. Quando eu soube que vocês estiveram aqui que a Maria Lúcia não me chamou, eu fiquei danada.

Entrevistadora: Estiveram aqui!?

Entrevistadora: Tinham estado aqui e aí eu fiquei telefonando um tempão. Vocês passaram muito tempo fora, né? Nos Estados Unidos...

Diana: Muito tempo depois...

Boy: Quando eu vou lá no Sheraton para matar saudades de quando eu era pequeno, não é?

Entrevistadora: Aí, é... sempre que vocês quiserem que precisarem... eu vou providenciar a foto e ver o que eu consigo sobre a história do brasão. Aí eu mando para vocês.

Diana: Muito obrigada. Muito obrigada.

Entrevistadora: De qualquer forma, qualquer outra coisa que vocês queiram, a gente tem aqui...

[inaudível]

Entrevistadora: A gente fez há uns anos atrás um trabalho que o setor... que nós temos um setor de direito, que faz pesquisa em direito. Então eles davam aulas sobre a Constituição de 91 para as crianças, mas aqui. A escola vinha e elas faziam umas palestras.

[inaudível]

Entrevistadora: Porque a criança nem sabe o que é a Constituição. Aqui no Brasil é muito difícil. Até a palavra Constituição não sabem o que é.

Boy: Fizeram uma Constituição em 46 para 64. Você sabe? Castelo Branco foi fazer aqueles relatórios que eu já te falei.

Entrevistadora: Sei.

Boy: Ele queria tudo direitinho como eu te expliquei. Então ele disse: “Quem foi o canalha que fez isso? Bem, nós vamos exilar por dez anos e depois de dez anos eles esquecem”. [risos] Eu disse: “Não esquece não. A raiva vai ficar”.

Entrevistadora: É, dez anos é pouco tempo.

Boy: Não se mata, mas fica lá dez anos. Disse: “Mas nós devemos publicar nos jornais por que eles foram exilados. As fotografias deles e tudo mais”. Ele olhou assim para mim e disse: “Me admira você. Você nem parece ser o neto do Rui”. “O que que o senhor quer dizer com isso?” “Vocês são muito drásticos. Você já imaginou que esses homens têm filhos, têm senhoras, no colégio eles vão sofrer e *pá pá pá*. E o pai dele é um ladrão, o pai dele é isso, vai dar complexo nessa família”. “Mas então ele pensasse na família antes...” [risos]

[inaudível]

Entrevistadora: Voltou todo mundo.

Boy: Começou com Geisel.⁵¹ O Geisel não valia nada como presidente. Ganhou um dinheirão aí também, outra ladroeira. Depois veio... quem era o chefe do SNI naquela época do Geisel? Era o... Médici?

Entrevistadora: O Figueiredo.

Boy: Era o Figueiredo. João Batista Figueiredo.⁵² E o João Batista Figueiredo, o que que ele fez? Quis dar uma de bonzinho para ficar todo cotado. “Anistia para todos!”. Eu disse: “Ih, meu Deus! A turma toda que o senhor acabou de exilar vem antes do tempo?” Foi uma bagunça. E dito e feito.

Entrevistadora: Mas foi depois de dez anos mesmo, não é?

Boy: Não, muitos voltaram antes dos dez anos.

⁵¹ Para maiores informações, vide “Ernesto Geisel”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/geisel-ernesto>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁵² Para maiores informações, vide “João Batista Figueiredo”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-batista-de-oliveira-figueiredo>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

[Interrupção da gravação]

Boy: ... diziam que era perseguição. Não era perseguição, é porque não foi escrito para o povo saber por que eles foram exilados.

Diana: O povo não sabe. Hoje em dia você vê a tortura militar. Não era verdade. São mentiras. Nós somos muito amigos de Bournier.

Entrevistadora: É, ele estava falando isso comigo.

Diana: É o homem mais meigo, mais gentil...

Boy: Ele era um disciplinador, mas nunca perseguiu, nunca deu pancada, nunca deu...

Diana: Ele vai morrer e vai ter justiça um dia... [inaudível] Aquele que fez a denúncia contra ele virou um brigadeiro.

Boy: Um que era capitão passou de major a tenente coronel, coronel, brigadeiro. Como pode passar assim? Você tem que fazer um curso no Estado-Maior para chegar a major. Passou assim sem fazer curso nem nada só porque era comunista. Eu tenho a lista de todos eles.

Diana: [inaudível]

Boy: Outro que perseguiram muito aqui foi o embaixador. Aquele rapaz que hoje é senador. Como é que se chama? Esse louco aí. Maluco completamente, que sequestrou o embaixador americano.

Entrevistadora: Ah! O Gabeira?⁵³

Boy: Gabeira. O Gabeira. Não dava em nada aqui. O sujeito está muito bem. Senador. Esse sequestrador ainda é alguma coisa.

Entrevistadora: E o filme está fazendo sucesso! [risos] O filme que conta a história. Está fazendo sucesso nos Estados Unidos. No Brasil não passou. Nos Estados Unidos.

Boy: É uma inversão de valores.

Entrevistadora: Ele se chama *O que é isso companheiro?*, do Bruno Barreto. Conta essa história.

[inaudível]

Entrevistadora: Bruno Barreto. O diretor é brasileiro, mas já está lançado nos Estados Unidos.

Diana: Mas ele é comunista? Ou ele é esquerdista ou direita?

⁵³ Para maiores informações, vide “Fernando Paulo Nagle Gabeira”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-paulo-nagle-gabeira>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Entrevistadora: Eu não sei. Ele contou a história. Ele contou a história do sequestro...

Diana: Ele conta a história verídica?

Entrevistadora: Eu não sei.

Boy: [inaudível]... pena de morte. Sequestrou, estupro também. Pena de morte. Acabaram com isso, porque nos Estados Unidos... como era antigamente os Estados Unidos do Brasil que passou. Nos Estados Unidos continua o sistema antigo, cada estado tem a sua...

Entrevistadora: Federalismo que Rui Barbosa tanto...

Entrevistadora: É

Entrevistadora: Federalismo mesmo lá, porque cada estado tem sua autonomia.

Boy: Autonomia. Olha, eu notei que em todos os estados que puseram a pena de morte caiu 50% o crime. O sujeito antes de puxar um revólver e matar, pensa duas vezes.

Entrevistadora: É, a lei é muito rigorosa.

Boy: Aí é que está o negócio. Tem... nós temos leis no Brasil, mas é que elas não são cumpridas.

Entrevistadora: É verdade.

Boy: A lei é para ser cumprida.

Entrevistadora: A lei não... eu mesma sou uma que não cumprio do cinto de segurança. [risos] Não uso.

Boy: Vocês andam nas ruas... de noite, nós não saímos. Eu moro em Copacabana. A torto e a direito, eu só vejo [inaudível]

[Fim da gravação]

**Pedro Antônio de Menezes
(depoimento, 1997)**

MENEZES, Pedro Antônio de. *Pedro Antônio de Menezes.
(depoimento, 1997)*. Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição¹

Nome do entrevistado: Pedro Antônio de Menezes

Local da entrevista: Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: 14 de novembro de 1997

Duração²: 1h 50min 10s

Nome do projeto: Memória de Rui

Entrevistadores: Claudia Barbosa Reis e os estagiários de museologia: Iolanda Santos, Marcos Rohen Bastos, Dirlene Diorio e Daniele Pestana

Descritores/Assunto: Revolta do Forte de Copacabana, ruas de Botafogo, Colégio Santo Inácio, enterros, chácaras, vilas, alimentos, bonde, vacarias, hortas, comércio, padre Ávila, presidente Washington Luís, Revolução de 30, regatas, zepelim, Intentona Comunista, cinemas, moradores ilustres, jogo do bicho, praia, Segunda Guerra, enchentes, saraus, luz de gás, violência, Favela Dona Marta, Cruzada São Sebastião, Conjunto Habitacional da Álvaro Ramos, Carlos Lacerda, d. Helder Câmara, moradores antigos.

Biografia:

Engenheiro e professor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

Antigo morador de Botafogo.

¹ O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

² A entrevista está dividida em quatro partes que apresentam 31min 28s, 31min 28s, 31min 28s e 15min 45s, respectivamente.

Entrevista 14/11/1997

PARTE 1

Entrevistadora: Casa de Rui Barbosa, projeto Memória de Rui, Memória de Botafogo. Entrevista com o dr. Pedro Antônio de Menezes, antigo morador de Botafogo. Gravada no dia 14 de novembro de 1997. Dr. Pedro Antônio Menezes, né? É engenheiro, professor do ITA, pai da Jane Menezes – nossa colega e museóloga.

Pedro: Jane da Fonseca Menezes

Entrevistadora: Isso. Ele vai fazer, então, um depoimento sobre a vivência dele em Botafogo, que foi toda a vida dele. É nascido aqui em Botafogo...

Pedro: Quase toda.

Entrevistadora: Vou botar assim, mais virado para ele o microfone.

Pedro: Vocês vão fazer perguntas?

Entrevistadora: É, a gente fez assim um roteiro, mas o senhor fala à vontade. A gente fez um roteiro aqui só para não deixar de falar alguma coisa. Como eu sabia que o senhor era nascido aqui, eu gostaria que o senhor falasse das primeiras recordações, da infância.

Pedro: Bom, naturalmente, uma das... eu nasci no Rio de Janeiro e por quê? Por causa de um defeito físico de minha mãe, eu acho que eu fui uma das primeiras pessoas em 1915, 25 de novembro, que nasceu de cesariana. Foi, naquele tempo, com uma sumidade, davam lá, atuavam nas maternidades. Eu nasci na maternidade do Rio de Janeiro que era na rua das Laranjeiras. A casa ainda existe hoje. A minha reminiscência mais remota que pode interessar, pode ter sido em 1922. Eu tinha 6 anos. [inaudível] Em 1922, durante a noite, nós fomos acordados com um tiro de canhão. Aqui na rua

Visconde Silva, onde eu morava. Era o seguinte: era a Revolta³ do Forte de Copacabana.

Entrevistadora: Ah, que interessante!

Pedro: E no dia seguinte de manhã cedo...

Entrevistadora: Elas trabalham lá, as meninas.

Pedro: Hein?!

Entrevistadora: No forte de Copacabana. As meninas trabalham lá.

Pedro: Trabalham lá. Apesar de eu ser oficial da reserva, nunca visitei o Forte. Um dia eu quero visitar.

Entrevistadora: Ah! Vai sim.

Pedro: Então, no dia seguinte, nós vimos a população de Copacabana, que era ainda uma população bastante pobre. Não era a Copacabana de agora, não é? Ela fugindo para Botafogo e pedindo para ficar nas casas. As casas naquele tempo eram muito grandes. A casa que eu morei, morei até me casar. Foi vendida depois. Ela tinha de frente, ao fundo, 50 metros. Quer dizer, no fundo tinha um quintal bastante grande, não é? Minha mãe tinha até criação de galinhas. Tudo isso. Já passamos por isso.

Entrevistadora: E onde era? Em que rua?

Pedro: Na rua Visconde Silva, 43. Ainda existe a casa, hoje.

Entrevistadora: Ainda existe. Deve ser um bar a essa altura.

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: Tem um monte de bares lá. Deve ser um bar agora. O senhor não sabe?

Pedro: Não, não foi tombada não.

Entrevistadora: Não, deve ser um bar.

Entrevistadora: O que que é lá hoje?

Entrevistadora: Porque tem muito bar na Visconde Silva.

Pedro: Não, não. Ainda é... eu vendi essa casa, junto com minha irmã. Ela me coube por herança de meus pais. Eu vendi essa casa em 64. Ela foi casa de cômodos, mas atualmente ela está nas mãos de uma família muito ilustre. Sabe?

Entrevistadora: Interessante. E o número é o mesmo?

Pedro: É o mesmo. 43.

Entrevistadora: Vou olhar quando eu passar lá.

³ Para maiores informações, vide “18 do Forte”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/18Forte#:~:text=No%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20o,abandonar%20o%20Minist%C3%A9rio%20da%20Guerra>>.

Pedro: O que foi mudado, foi a casa em frente, o número 52, que hoje é o Colégio de Cirurgiões. Naquele tempo era a casa da família Araújo, meus amigos todos eles. Marina Araújo, que é filha, casal que conheci criança como eu, é que é a patrocinadora, enfim, é a mandona do Banco da Providência.⁴

Entrevistadora: Ah, sim!

Pedro: Então, no dia seguinte... isso que eu queria contar. Veja como são as coisas. Existia naquele tempo dois tipos de telefones. O telefone era particular. Era da Companhia Telefônica Brasileira,⁵ uma coisa ligada à Light. E existia um telefone oficial, que era um telefone para autoridades e, principalmente, os oficiais das forças armadas. Bom, naquele tempo não havia nem rádio nem muito menos televisão. Então tinha o costume das donas de casa, terminado os afazeres do dia, mais ou menos pelas quatro horas, iam para a janela para conversarem umas com as outras, para fofocar. E naquele dia 5 de julho por causa da Revolução do Forte de Copacabana... aliás, um outro detalhe, é, não foi naquele mesmo dia. Nós estávamos na mesa, a coisa aconteceu no outro dia. Nós estávamos na mesa para jantar às cinco horas – jantava-se às cinco horas –, quando houve outra vez aquele estrondo. Durante o dia havia vários estrondos, mas aquele foi particularmente forte e as vidraças da sala de jantar quebraram.

Entrevistadora: Gente!

Pedro: Nós, crianças, eu e minha irmã, a gente ficava contente [risos].

Entrevistadora: É uma novidade.

Pedro: Aquele tiro deve ter caído muito próximo. Eles visavam o quartel da polícia aqui, neste mesmo lugar onde ele existe hoje.

Entrevistadora: Ah! Esse da Real Grandeza?

Pedro: É, da Real Grandeza. Ainda existia...

Entrevistadora: Eles atiravam do Forte de Copacabana aqui?

Pedro: Aqui eles visavam o quartel da rua Real Grandeza... agora eu estou juntando as minhas recordações com o que depois eu li de um escritor que faleceu a pouco tempo. Que aliás eu li por intermédio da Casa de

⁴ Para maiores informações, vide “Banco da Providência do Rio completa 50 anos”, disponível em: <<https://www.plurale.com.br/site/noticias-detahes.php?cod=6527&codSecao=7>>.

⁵ Para maiores informações, vide: IACHAN, A. C. S. *Uma História da Telefonía no Rio de Janeiro (1930-1962)*. In: Congresso Scientiarum História III, 2010, Rio de Janeiro. Anais do Congresso Scientiarum História III promovido pelo Programa de Pós-graduação, 2010. Disponível em: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh3/trabalhos/Ana%20Christina%20S%20Iachan.pdf>>.

Rui Barbosa, que são livros que estão esgotados. Estou me referindo a Hélio Silva.⁶ Estou me referindo ao livro dele *Sangue nas areias de Copacabana*. Então, eles não tinham observador de artilharia. O tiro de artilharia, ele é influenciado pelo vento. Então precisam de um observador. Nunca o primeiro tiro cai onde deveria cair. Como eles não tinham, eles visavam o quartel. Eles visavam o palácio do Catete. Visavam o Terceiro Regimento de Infantaria, que depois revoltou-se também em 1935, Intentona Comunista⁷ e, com isso, os tiros caíam em outros lugares.

Entrevistadora: Que coisa! Eu não sabia disso não.

Pedro: É, então aquele deve ter caído muito perto. Deve ter visado no quartel e caiu muito perto. Então, no outro dia, correu um boato, então que um [inaudível] em desespero de causa queria [inaudível] Botafogo. [risos] Isso é interessante para ver como eram as coisas naquele tempo. Ninguém tinha telefone em casa.

Entrevistadora: Era tudo telefone sem fio, como a gente chama. Um falando para o outro.

Pedro: Um falando para o outro. Não tinha telefone em casa, mas meu pai estava trabalhando na prefeitura. Então mandou-se um empregado na venda da esquina [risos] para informar a meu pai para vir depressa para cá.

Entrevistadora: Era primordial [inaudível]

Entrevistadora: Ai, meu Deus!

Pedro: Não teve tempo de meu pai vir para casa. Procurava-se um táxi de aluguel e depois com esse táxi de aluguel, a gente ia para a casa de umas primas lá no Engenho Novo...

Entrevistadora: Bem longe.

Entrevistadora: Esse alvoroço era em todas as casas?

Pedro: Como?

Entrevistadora: Esse alvoroço, esse desespero todo...

⁶ Hélio Silva participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em 26 de maio de 1987. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

⁷ Para maiores informações, vide “Intentona Comunista de 1935”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista#:~:text=A%20revolta%20comunista%20de%201935%20%7C%20CPDOC&text=Em%20mar%C3%A7o%20de%201935%20foi,l%C3%ADder%20comunista%20Lu%C3%ADs%20Carlos%20Prestes.&text=O%20primeiro%20levantamento%20militar%20foi,1935%20na%20cidade%20de%20Natal>>.

Pedro: Ah, sim! Era todo mundo, uma rua inteira. A rua Visconde Silva inteira.

Entrevistadora: Nossa!

Pedro: Naturalmente meu pai voltou.

Entrevistadora: É, porque ele está mais próximo de Copacabana.

Entrevistadora: É.

Entrevistadora: A rua onde o senhor morava era mais próxima de Copacabana.

Pedro: Não, era perto do cemitério. Depois vou fazer uma referência também a isso, ao cemitério. Bom, a rua Visconde Silva e a Mena Barreto.

Entrevistadora: É, isso mesmo.

Pedro: Depois a outra é Pinheiro Guimarães. Essa que dá com General Polidoro na esquina do Ministério.

Entrevistadora: É.

Pedro: Então, nós fugimos e foi no dia que houve aquele episódio do 18 do Forte, não é? Eles foram detidos e no dia seguinte, meu pai foi buscar a gente para voltar para casa.

Entrevistadora: Mas, o senhor lembra do episódio propriamente? Ficou, quer dizer, o senhor tem recordação dessa história?

Pedro: Esses são os fatos que eu vi.

Entrevistadora: Não. Estou dizendo, essa história dele terem sido mortos. O senhor lembra?

Pedro: Sim, isso eu lembro. Isso aí... bom, foi muito comentado, muito falado. Inclusive...

Entrevistadora: Não. Porque o senhor era criança, mas mesmo assim o senhor registrou...

Pedro: Sim, era criança. Era muito comentado, inclusive no jornal. O *Correio da Manhã*,⁸ que era um jornal de oposição. Sempre foi de oposição. O que conta aí de certo é o seguinte: eles saíram do forte, vieram até aquela igreja, Nossa Senhora de Copacabana, com as tropas do exército nas costas e todo mundo pedindo a eles para se entregarem, para não fazer aquilo. Eu também posso trazer aí o testemunho de uma pessoa, é o falecido coronel Archimedes Cordeiro. Ele foi meu chefe na Aeronáutica. Ele assistiu... ele estava torcendo pelo [inaudível]...

Entrevistadora: Pelos revoltosos.

⁸ Para maiores informações, vide verbete “Correio da Manhã”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>>.

Pedro: E ele então [inaudível]. A coisa se deu onde hoje é a avenida Atlântica, esquina da rua Siqueira Campos, que naquele tempo chamava-se rua do Túnel, por causa do túnel velho. Depois ficou com o nome de Siqueira Campos. Combate a combate, corpo a corpo. A baioneta a facada.

Entrevistadora: Hum! Eu tinha a ideia de que eles tinham ficado de longe atirando. Então foi luta mesmo?

Pedro: Foi corpo a corpo. Foi pouco tiro apenas. O único que se feriu foi o Eduardo Gomes.⁹ Aí há uma discrepância. Eu conheci muito o Eduardo Gomes, quer dizer, mais pessoas da minha intimidade do que [inaudível]. Naturalmente, eu estava andando na Aeronáutica, inclusive na fábrica do Galeão, e muitas vezes fui com ele. O Eduardo Gomes, dizem que ele foi ferido na coxa. Aqui! Eu digo que não, por duas razões. Primeiro porque ele não claudicava. Segundo, porque se ele tivesse um ferimento aqui nessa parte da coxa, na articulação, é muito sério. Ele não poderia mais pilotar e ele pilotou até o fim da vida. De modo que não foi. Ele foi ferido em outro lugar aqui por perto. Não sei qual é. E os outros feridos, que vale a pena inclusive falar, aí do livro do Hélio Silva, foi o Siqueira Campos.¹⁰ Siqueira Campos foi atacado. Apanhou mesmo a baioneta do sargento. Correu para o cais, com o sargento atrás dele, e atirou. Matou o sargento, mas, com o impulso do corpo, a baioneta penetrou no fígado e assim mesmo ele sobreviveu. Bom, isso sobre a Revolta do Forte.

Entrevistadora: Deixa eu fazer uma pergunta para o senhor.

Pedro: Pois não.

Entrevistadora: Não sei se o senhor lembra porque o senhor era muito pequeno. É, a gente tem aqui... tem notícia de que o Rui Barbosa neste episódio, não exatamente nos 18 do Forte, mas da revolta... teve outros pontos de revolta, não é? Que ele foi o voto decisivo no Senado, nesta mesma data, para o estado de sítio. Porque aí o Senado votou o estado de sítio por causa da confusão que estava havendo na cidade, né? Que era a capital, não é? Quer dizer, estava no país, porque estava na capital. O senhor lembra da sua família, de alguém comentar essa coisa do estado de sítio ou de alguma coisa que mencionasse o Rui Barbosa?

Pedro: Aí vale a pena... de Rui Barbosa, eu acho que sim. Se falou muito...

⁹ Para maiores informações, vide verbete “Eduardo Gomes”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>>.

¹⁰ Para maiores informações, vide verbete “Siqueira Campos”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/siqueira_campos>.

Entrevistadora: Porque ele foi doente para o Senado e ele deu o voto de minerva para que fizesse o estado de sítio, porque estavam naquela indecisão...

Pedro: O estado de sítio, pelo o que eu penso, ele foi decretado muito antes por causa do seguinte: esse fato se deu no fim do governo... não foi decretado agora...

Entrevistadora: Foi no Artur Bernardes.¹¹

Pedro: Foi no fim do governo... de Artur Bernardes não. De Epitácio Pessoa¹²

Entrevistadora: Foi quando da eleição de Artur Bernardes. Não é isso?

Pedro: Depois da eleição de Artur Bernardes, que aliás deu aquela encrência enorme. E o... durante todo o governo do Artur Bernardes, naturalmente, foi estado de sítio. Eu me lembro, era uma coisa, era um costume daquele tempo... aí já estou um pouco maior, sete anos. O ano que eu entrei na escola pública, com sete anos. Aliás a escola pública era muito diferente de hoje.

Entrevistadora: Qual foi a escola? México também? Não?

Pedro: Não. A primeira escola que eu entrei, aliás, que foi [inaudível] que mudou de nome. Ela chamava-se Quarta Escola Pública do 2º Distrito. Era na rua Dona Mariana. O que acontecia era o seguinte: justamente amizade de vizinhos... naquele tempo havia muito aquilo que Chico Buarque¹³ canta, cadeiras na calçada, que era uma coisa que se visitava. Passava o sorveteiro. Comprava o sorvete. As crianças brincavam na rua. Era assim, então nós nos dávamos muito com a família de professoras [inaudível], Lessa Bastos. Naturalmente, a Lygia Lessa Bastos...¹⁴

Entrevistadora: Lygia Lessa Bastos. Que depois foi política, não é?

Pedro: Política. Defensora das professoras. Eu a conheci. Ela... justamente quando ela era pequenina, por quê? Porque as professoras juntavam na casa dela uma série de meninos. Então ia todo mundo depois junto para a escola. Na escola, se cantava primeiro o hino patriótico e depois tinha as aulas, e depois voltávamos para casa também com a professora. A minha

¹¹ Para maiores informações, vide verbete “Arthur Bernardes”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>>.

¹² Para maiores informações, vide verbete “Epitácio Pessoa”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PESSOA,%20Epit%C3%A1cio.pdf>>.

¹³ Para maiores informações, vide verbete “Chico Buarque”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12512/chico-buarque>>.

¹⁴ Para maiores informações, vide “Lygia Lessa Bastos”, disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/1701/biografia>>.

professora, primeira professora [inaudível]. Essa escola depois veio a se chamar Escola Sarmiento. E eu abro um parêntese para citar uma coisa que é ligada à Casa de Rui Barbosa. É o padre Fernando Bastos d'Ávila.¹⁵

Entrevistadora: É verdade.

Pedro: Padre Fernando Bastos d'Ávila, como vocês sabem, anteontem foi recebido na Academia Brasileira de Letras. Eu estive lá.

Entrevistadora: Ah! O senhor esteve lá com ele?

Pedro: Estive, porque eu sou atualmente o presidente da Congregação Mariana¹⁶ [inaudível].

Entrevistadora: É, eu sei.

Pedro: Então eu estive lá. Uma cerimônia muito bonita. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: que, sem o conhecer o padre Fernando d'Ávila, foi meu colega na Escola Sarmiento.

Entrevistadora: Ah, é verdade!? E o senhor só foi saber disso depois. Posteriormente, lembrando...

Pedro: Eu soube disso quando ele em um comentário na congregação falou disso. [inaudível] na Escola Sarmiento. Agora eu o conheci no Colégio Santo Inácio.

Entrevistadora: Ah, o senhor estudou com ele no Santo Inácio?

Pedro: Estudei.

Entrevistadora: Ah, não sabia.

Pedro: Estudei com ele um ano só. Porque ele estudou e saiu da Escola Sarmiento. Entrou no primeiro ano ginásial no Colégio Santo Inácio, ano de 1929, e de lá ele foi para Friburgo para ser padre.

Entrevistadora: Ele já foi cedo pro ginásio... no ginásio...

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: Ele foi para o seminário cedo.

Pedro: Só que me lembro que ele era um jogador de futebol de razoável a bom. [risos] Embora fosse pequenino, tampinha, mas era muito bom. Mas vamos fazer então agora, acabando o episódio do forte, falando da Casa de Rui Barbosa, um dos... uma das distrações – se posso falar assim – da população de Botafogo eram os enterros.

[risos]

¹⁵ Para maiores informações, vide “Fernando Bastos de Ávila, Pe.”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/fernando-bastos-de-avila-pe/biografia>>.

¹⁶ Para maiores informações, vide “Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil”, disponível em: <<https://cncmb.org.br/>>.

Entrevistadora: Ah, meu Deus! Cada curiosidade que aparece!

Pedro: Naturalmente os enterros de gente ilustre, que era feito com grande pompa. Às vezes até com banda de música militar.

Entrevistadora: Interessante!

Pedro: E um dos enterros que eu me lembro, deve ter havido outros, um deles foi Rui Barbosa.¹⁷

Entrevistadora: Ah! Isso que eu ia perguntar. Foi 23.

Pedro: Foi 23.

Entrevistadora: O senhor lembra, é?

Pedro: Me lembro. Me lembro. Nós fomos de carro. Saindo da rua Voluntários, fomos para a esquina da rua Sorocaba com a rua General Polidoro e vimos passar o cortejo com banda de música militar. Me lembro perfeitamente.

Entrevistadora: Interessante! Com música militar tocando?

Entrevistadora: Com honras de chefe de estado, né?

Pedro: Com honras de chefe de estado, por isso...

Entrevistadora: O senhor sabe que nós temos esse filme? Se o senhor algum dia tiver o interesse de ver, até para recordar, nós temos o filme do cortejo. Não é o cortejo completo não.

Pedro: Ok. O outro naturalmente, aí eu já era bem maior, já tinha feito até serviço militar, tinha uns 18, 17 anos, foi de Santos Dumont.¹⁸

Entrevistadora: O senhor lembra também?

Pedro: Me lembro. Eu não fui ver, que ele estava...

Entrevistadora: O do Rui Barbosa,¹⁹ o senhor foi ver?

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: Do Rui Barbosa o senhor foi ver?

Pedro: Do Rui Barbosa, eu fui. Minha mãe...

Entrevistadora: A sua mãe levou o senhor e a sua irmã para ver?

Pedro: É.

Entrevistadora: Interessante!

¹⁷ Disponível o conjunto de fotos sobre o enterro de Rui Barbosa em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>>.

¹⁸ Para maiores informações, vide “Santos Dumont”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DUMONT,%20Santos.pdf>>.

¹⁹ GONÇALVES, João Felipe. *Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República*. Rio de Janeiro: FCRB, s.d. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_JoaoFelipeGolcalves_Enterrando_RuiBarbosa.pdf>.

Pedro: Então agora uma outra coisa que deu o que falar sobre Rui Barbosa... sobre Rui Barbosa não, sobre Botafogo. Como eram as casas aqui em Botafogo? Não havia essas casas de apartamentos.

Entrevistadora: Só casas.

Pedro: O que havia era vila. Ah, o edifício mais alto assim sendo era a igreja de São João Batista, que aliás onde eu fui batizado.

Entrevistadora: Como eram essas vilas? As pessoas? O ambiente?

Pedro: O ambiente era... a vida era de uma pessoa... eram de pessoas um pouco, vamos dizer a classe média baixa. Era uma entrada com uma porção de casas. A coisa se dava da mesma maneira do que nas casas comuns. Geralmente eles vinham para a porta da vila. Se davam com os outros. Se davam com minha mãe, isso quando a gente ia lá às vezes. Tinha, alguém tinha telefone lá. Você não tinha nada de especial, sabe?

Entrevistadora: E as casas eram confortáveis?

Pedro: Eram casas pequenas...

Entrevistadora: Eram boas de se morar?

Pedro: Em comparação ao que é uma casa de apartamentos de hoje, eu diria que elas eram mais confortáveis. [risos]

Entrevistadora: É.

Pedro: Porque tinham uma sala e dois quartos, demais dependências. Naturalmente a casa daquele tempo não é como um apartamento de hoje.

Entrevistadora: É.

Pedro: Na casa em que eu morava, na rua Visconde Silva, tinha uma grande sala na frente, três quartos, depois uma outra grande sala, depois um banheiro – que não era uma banheira, era um tanque enorme. [risos] Minha mãe pegava a gente e jogava lá dentro. [risos] Era assim. E tinha quarto de empregada, despensa, cozinha e o banheiro de empregada era lá fora.

Entrevistadora: E era um andar só ou tinha dois andares?

Pedro: Um andar só. Algumas tinham um porão habitável. A minha não tinha. Tinha um porão.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Só, mas não era habitável. Geralmente é assim. Ela ainda existe hoje embora um pouco modificada. Existem umas casas ao lado que também são assim.

Entrevistadora: São antigas.

Pedro: As casas de dois andares, por exemplo dessa família Araújo, da Marina Araújo, não é? Era uma família rica. O pai dela era dono da Casa Açucena, quando a Casa Açucena não é o que era hoje.

Entrevistadora: Sei. Claro.

Pedro: O que era hoje. Era na avenida Rio Branco. Tinha automóveis [inaudível]. Uma outra coisa que vale a pena falar sobre o bairro naquele tempo, por exemplo, as famílias mais ricas moravam em chácaras. Como existem...

Entrevistadora: Como aqui, não é?

Pedro: É. Mais ou menos por aqui. Mas existiam chácaras na esquina da rua Real Grandeza com a rua Voluntários.

Entrevistadora: Ah é!?

Pedro: Onde hoje é a Alvares Borgerth, aquilo tudo era uma chácara.

Entrevistadora: Ah é! Não sabia não.

Pedro: É. Aquilo tudo era uma chácara.

Entrevistadora: E o senhor ainda chegou a pegar isso?

Pedro: Cheguei a pegar. Cheguei a pegar sapo dentro de casa. [risos] Porque havia. Havia e era coisa comum.

Entrevistadora: E essa chácara que o senhor mencionou lá da Voluntários, o senhor não sabe de quem era. Era do Alvares Borgerth mesmo?

Pedro: Não, não sei não. Eu acho que onde hoje é a Imperial, era uma chácara. Depois foi um armarinho. Então agora... então, isso era o que era as habitações naquele tempo. Isto tudo foi assim até mais ou menos até 1930. Em 1930, houve a revolução²⁰ que foi vitoriosa, que colocou Getúlio Vargas no poder e aí que as coisas então começaram a mudar. Foi a grande mudança. Agora transporte... transporte era o bonde. O que eu queria lembrar aqui que são peculiares. Primeiro existiam vacarias, com vacas de leite. Eu me lembro de uma na rua Conde de Irajá e outra na rua Real Grandeza, onde hoje é a rua [inaudível].

Entrevistadora: Ah é!? Ali também tinha?

Pedro: É, era uma vacaria.

Entrevistadora: Aqui em frente também tinha. Exatamente aqui em frente da casa com uma saída para a Dezenove de Fevereiro e uma de frente para cá.

Pedro: Devia ter também.

Entrevistadora: É.

Pedro: Fora isso, o transporte também de carga não era feito por carros, mas por carroças puxadas a burros. No número 47, hoje é uma serraria...

²⁰ Para maiores informações, vide “Revolução de 30”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbeta-tematico/revolucao-de-1930-3>>.

Entrevistadora: Aqui na São Clemente?

Pedro: Na Voluntários da Pátria.

Entrevistadora: Voluntários?

Pedro: Quer dizer, não, não. Na Visconde Silva.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Quase perto da minha casa.

Entrevistadora: Sei. Sei.

Pedro: Onde hoje é uma serraria, era uma cocheira com carro de aluguel.

Isso aí é uma coisa também interessante de mostrar.

Entrevistadora: Para alugar o próprio carro, o carro, ou só os animais?

Pedro: Era transporte de carga para fazer frete.

Entrevistadora: Para alugar o próprio carro junto com os animais.

Pedro: Não, eles iam buscar o frete.

Entrevistadora: Sei. Sei.

Pedro: Iam buscar o frete e entregavam. Faziam entrega. Inclusive havia uma coisa. Nós éramos descendentes de fazendeiros da zona de Valença no estado do Rio. Inclusive eu vivi algum tempo em Valença. Aliás, perto de Valença, Esteves. A família é de Esteves mesmo. E uma coisa que meu primo fazia, que naquele tempo era possível. Era mandar uma saca de café de 60 quilos todo ano. Quer dizer, nós não comprávamos café na venda. Não tinha o café embalado como agora. Ele era pesado. Por quê? Porque gostávamos de um café puro. Então o café era torrado e moído em casa.

Entrevistadora: Interessante!

Pedro: Levava-se um dia inteiro para fazer isso.

Entrevistadora: Na sua casa o leite também era por intermédio dessas vacarias também? O senhor ainda pegou isso?

Pedro: Nós não usávamos leite. Aí foi uma outra coisa, não é? Relativo ao meu nascimento. Minha mãe não podia aleitar e eu fui aleitado com leite [inaudível], o leite moça.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Só que tem que ele não era fabricado no Brasil.

Entrevistadora: Vinha do exterior.

Pedro: Vinha da Suíça. Agora o Brasil estava em guerra e ele chegava aqui roto. Isso me fez com que eu tenha um horror tremendo por tudo quanto é leite.

Entrevistadora: Ah! O senhor não toma leite até hoje.

Pedro: Eu contraí uma doença de fígado também. Eu não tomo leite. Quando muito café com leite, com muito pouco leite até hoje.

Entrevistadora: O leite chegava estragado.

Pedro: Chegava estragado.

Entrevistadora: Que loucura! Acho que foi durante a guerra...

Pedro: Porque eu nasci durante a guerra. Eu vivi duas guerras.

Entrevistadora: É. Realmente. Tinha acabado de começar a guerra²¹ quando o senhor nasceu. Foi 14 e 18. Não é isso?

Pedro: É, 18. Talvez eu me lembre muito vagamente do fim da guerra que todo mundo enfeitou a fachada com a bandeira brasileira.

Entrevistadora: É mesmo, o senhor lembra disso?

Pedro: É, me lembro. Agora estou me lembrando disso muito vagamente assim.

Entrevistadora: O senhor era pequenininho, né?

Pedro: Três anos.

Entrevistadora: O senhor tem uma memória fabulosa, viu!

Pedro: Bom, então depois disso... outra coisa também sobre o bairro, outro transporte era o bonde. Em todas, como o trânsito era depois, em todas as ruas, quer dizer, a rua Voluntários da Pátria e a rua São Clemente, elas tinham linhas duplas. Ida e volta. Na rua Voluntários da Pátria passavam dois bondes: Jardim Leblon e largo dos Leões; e aqui, Gávea e Humaitá.

Entrevistadora: O senhor se lembra da época da criação do museu aqui, Museu Rui Barbosa, Casa de Rui Barbosa, em 30. Em 1930, quando foi inaugurado.

Pedro: Não, não me lembro não.

Entrevistadora: Não lembra de referência nenhuma?

Pedro: Não, sobre isso não. Na verdade, eu vim a conhecer a Casa de Rui Barbosa quando minha filha...

Entrevistadora: Quando a Jane veio para cá. Antes...

Pedro: ... veio para cá. Também por conta...

Entrevistadora: É, mas o senhor não lembra... não houve nenhum estardalhaço por ter sido criado um museu no bairro, nem nada disso.

Pedro: Não. Foi o Washington Luís,²² não foi?

Entrevistadora: Foi o Washington Luís em 30. Um pouco antes dele ser deposto.

²¹ Para maiores informações, vide verbete “Primeira Guerra Mundial”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/PrimeiraGuerraMundial>>.

²² Para maiores informações, vide verbete “Washington Luís”, disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/washington-luis-pereira-de-sousa>.

Pedro: Um pouco antes dele... é, ele foi deposto no dia 24 de outubro de 1930.

Entrevistadora: Isso é. Ele inaugurou aqui em 13 de agosto. Ela perguntou, mas eu lembrei, porque eles chegaram a abrir uma rua aqui nesse terreno. Por isso que eu estou perguntando se o senhor não tem recordação. Quer dizer, fecharam a rua para recuperar o terreno original do tempo do Rui. Quer dizer, houve uma certa movimentação aqui neste pedaço. Mas o senhor não recorda?

Pedro: Não. Disso não me lembro de nada não. Depois então 1930 foi a revolução. Depois de uma crise, justamente por causa desta crise que atingiu todo mundo, inclusive minha família, eu tive que ir morar em Valença. Só quem ficou aqui no Rio foi meu pai.

Entrevistadora: Aí já o senhor adolescente.

Pedro: Adolescente. Assim mesmo, eu regressei. Eu fui morar em Valença um pouco antes. Eu regressei e no dia, eu presenciei o que aconteceu. Foi pouca coisa que aconteceu, no dia 24 de 1930. Foi a revolução. Na verdade, foi o Terceiro Regimento de Infantaria que cercou o palácio Guanabara. E, por influência do cardeal d. Sebastião Leme,²³ o presidente da República, Washington Luís, foi recolhido preso no forte de Copacabana. Por acaso, eu tomava banho de mar naquele tempo na praia da Urca e junta... eu ia a pé para a praia da Urca, quando justamente eu vi o cortejo que levou Washington Luís para o exílio. Porque o que aconteceu é que ele... no navio, se não me engano [inaudível], navio italiano. Ele foi preso junto com os ministros dele, inclusive o prefeito, que aqui era Distrito Federal, não era feito hoje. Não era nem Estado da Guanabara, que acabou, nem município do Rio de Janeiro. Era Distrito Federal com o prefeito nomeado pelo presidente. Então o prefeito também...

Entrevistadora: Foi também embora.

Pedro: Todos eles, eu vi passar o cortejo pela, aquela avenida Portugal para a Fortaleza de São João. Eles iam embarcar em uma lancha lá para o navio que parou e eles embarcaram no navio.

Entrevistadora: Saíram da prisão no Forte de Copacabana para lá?

Pedro: No Forte de Copacabana para lá. Eles foram presos no Forte de Copacabana. Depois, então, em 1930, 32, houve... eu fiz o serviço

²³ Para maiores informações, vide verbete “Sebastião Leme”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sebastiao_leme>.

militar e no ginásio ingressei no Colégio Santo Inácio em 1929. Era o pagamento de uma disciplina muito rigorosa.

Entrevistadora: Mas, o senhor entrou como aluno regular e aí incluía também o serviço militar? É isso?

Pedro: Incluía. Podia fazer...

Entrevistadora: As duas coisas?

Pedro: Quando completava 16 anos, tinha o que se chamava antigo [inaudível]. Então tinha no Vasco da Gama, ou tinha em outros lugares, então a gente fazia.

Entrevistadora: Sei. Então o senhor fazia o seu curso comum e também estava cumprindo a sua obrigação com o exército.

Pedro: Naquele tempo... hoje não entendia as coisas como são. Naquele tempo era o seguinte: o curso primário com cinco anos. Nós tínhamos até noções bastante boas de geografia do Brasil. Estava no último ano...

[Fim da gravação]

PARTE 2

Pedro: ... eu fiz do primeiro ao quinto ano. No primeiro ano que eu conheci o padre [inaudível].

Entrevistadora: Tudo isso no Santo Inácio?

Pedro: [inaudível] O Leite Lopes eu conheci depois. Aliás, por causa disso, é bom citar, eu conheci muito o diretor daqui.

Entrevistadora: Qual? O Lacombe?

Pedro: O Lacombe. O Américo Jacobina Lacombe.²⁴ Inclusive ele fez umas conferências muito boas lá na congregação. Muito interessante uma conferência dele cujo tema foi: como a República, que foi feita, foi tramada por interferência dos positivistas, ajudou a Igreja Católica. Ajudou que...

Entrevistadora: Interessante.

²⁴ Para maiores informações, vide verbete “Americo Jacobina Lacombe”, disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/americo-jacobina-lacombe/biografia>>. Também participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em 21 de abril de 1976. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Pedro: É. Porque no Império, quem mandava na Igreja Católica era o imperador e conforme o [inaudível] era o parlamentarismo.

(Interrupção, porque alguém chega e cumprimenta o entrevistado)

Pedro: Com a República, a Igreja separou do Estado, então o Estado passou a não mandar mais na Igreja, porque antes era o imperador que mandava e o...

Entrevistadora: E a Igreja ficou independente.

Pedro: Ficou independente. É uma recordação muito grata que a gente tem ligada à Casa de Rui Barbosa na figura do Américo Jacobina Lacombe.

Entrevistadora: Passou a fazer parte, porque ele passou mais de 50 anos aqui, né? Foi diretor e depois presidente aqui por mais de 50 anos.

Pedro: Exatamente. Mas então...

Entrevistadora: Mas fala um pouco do Santo Inácio. Como é que era o ensino?

Pedro: No Santo Inácio, eu ingressei na categoria de semi-interno. Eu fui para lá não por motivos religiosos, porque minha família não era religiosa. Mas porque minha mãe, eu era o diabo em pessoa [risos] e achava que os padres tinham castigos que o diabo esqueceu. [risos] De modo que eu fui colocado como semi-interno. Começava... entrava no colégio às oito horas da manhã e saía às cinco horas da tarde. Naquele tempo não havia feriado no sábado. Sábado, o trabalho era normal. Eu trabalhei, inclusive, normalmente até cinco horas da tarde. Aí por causa disso, eu era semi-interno, o Santo Inácio não era nada do que minha mãe me falou. Eu continuei bagunceiro da mesma maneira. [risos] Tomei parte de uma greve [inaudível]. Mas era uma disciplina rigorosa, entendeu? O silêncio tinha que ser observado. O padre apitou. Acabou. Falou sofre penalidade. Então era assim, eu chegava às oito horas. Nós tínhamos duas horas de estudo. Eu me lembro que estava fazendo os deveres que devia fazer em casa. Não fazia de moleque. Estudo ficava de oito as dez. De dez a dez e quinze era o recreio. O recreio era incentivado que o aluno praticasse um esporte; ping-pong, futebol, depois vôlei.

Entrevistadora: Quer dizer que eles já consideravam o ping-pong um esporte também? Eu achei que era mais assim...

Pedro: Pelo menos para fazer alguma coisa. Era uma maneira sábia de... sem se preocupar com isso o aluno não pensava outras coisas. Coisas assim.

Entrevistadora: É verdade.

Pedro: Bom, depois de 15 minutos vinha o almoço e depois um outro recreio de meia hora. Depois disso entravam os externos, nós tínhamos um estudo de meia hora, duas horas de aula, um recreio, outro estudo, outro recreio, mais duas horas de aula e acabou.

Entrevistadora: Nossa!

Pedro: Quem sofria penalidade... as penalidades poderiam ser de duas espécies. Geralmente era a cópia e a cópia de um livro. Diferente do que é agora, um livro que se comprava no primeiro ano, *Antologia Nacional*, de Carlos Laet, por exemplo, ia até o último ano. Não havia isso de mudar de livro.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: E o que era uma antologia? Textos célebres, inclusive Rui Barbosa. Tá lá no *Antologia Nacional*, ainda tem dois. Então, a penalidade, o castigo era, por exemplo, privar de um recreio, que amavam isso. O recreio era necessário. De um recreio, copiando. Fazendo a cópia do texto em casa no dia de descanso, que era o sábado, ou então depois da aula prolongar mais uma hora no colégio.

Entrevistadora: Copiando.

Pedro: Copiando. Entendeu? Essa que era a penalidade, não havia outra física de penalidade. Não se punha a pessoa de castigo...

Entrevistadora: Não ajoelhava no milho... [risos]

Entrevistadora: Palmatória.

Pedro: A palmatória, eu nunca peguei palmatória. Agora devo dizer o seguinte, na escola pública [inaudível], a mãe é que dava licença para isso. As professoras tanto batiam como beijavam. [risos] Tanta gente que apanhava e eu apanhei muitas vezes.

Entrevistadora: Apanhava de tapa ou de palmatória?

Pedro: De tapa.

Entrevistadora: De palmatória o senhor não viu.

Pedro: Tapa, às vezes de reguada. [risos]

Entrevistadora: Era como a reguada? Na mão?

Pedro: Aqui oh! [risos]

Entrevistadora: Bem no ombro, né? [risos]

Pedro: Isso era comum. Como também os beijos, as carícias dos professores eram...

Entrevistadora: Não dava para ficar com raiva não, né?

Entrevistadora: Era uma segunda mãe. Batia e agradava.

Pedro: Era uma segunda mãe.

Entrevistadora: Levava até para a escola, né?

Pedro: É. Depois, por exemplo, eu peguei uma professora do segundo ano que foi comigo, d. Lourdes, que foi comigo até o quinto ano.

Entrevistadora: Aí, forma até uma amizade, né?

Pedro: É, forma até uma amizade. Encontrei com ela muito tempo depois. Então no Santo Inácio foi assim. Eu me formei no Santo Inácio. Morei em casa. Aí tive que trabalhar e aí então me preparei para a Escola de Engenharia. Nesse meio tempo, já Botafogo tinha muita árvore.

Entrevistadora: Nos anos 30 que o senhor acha que começou a modificação.

Pedro: Nos anos 30 que começou a surgir, por exemplo, aquele edifício que tem na rua da Matriz em frente a Matriz.

Entrevistadora: Sei. Aquele de esquina?

Pedro: Na Voluntários da Pátria com rua da Matriz, que era uma agência da Caixa Econômica...

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Aquele foi o primeiro edifício de apartamentos de Botafogo.

Entrevistadora: Sei. Ah é!

Entrevistadora: Onde tem um bar?

Pedro: É.

Entrevistadora: Ah, onde tem aquele restaurante chinês. Ali em frente ao São João Batista.

Pedro: Não, do outro lado.

Entrevistadora: Do outro lado em frente da onde o senhor está falando é uma casa, um sobrado. O senhor está falando de um edifício?

Pedro: Não, não. Agora é um prédio de uns quatro ou cinco andares.

Entrevistadora: Ah, onde tinha um banco?!

Pedro: Onde tinha um banco, a Caixa Econômica.

Entrevistadora: É um edifício.

Pedro: Aquele foi o primeiro que surgiu.

Entrevistadora: Nos anos 30?

Pedro: Nos anos 30. Mas tarde outra coisa que surgiu no bairro... aí então foi acabando o transporte animal e o transporte de caminhão chegou. Uma outra coisa que precisa falar no bairro...

Entrevistadora: As ruas eram asfaltadas? Porque os animais passando não deviam ser.

Pedro: A rua Visconde Silva era paralelepípedo. Muitas ruas era paralelepípedo. Tá! O que era asfaltada era a rua Conde de Irajá. Me lembro

que era asfaltada. Aliás um asfalto que no tempo de calor arrancava a unha. [risos] [inaudível]

Entrevistadora: São Clemente também.

Pedro: São Clemente também era asfaltada. As outras eram paralelepípedo. A rua Dona Mariana era paralelepípedo.

Entrevistadora: Isso eu acho que ainda cheguei a pegar aqui.

Pedro: Mas uma coisa que eu estava me lembrando desse tempo... agora eu não lembro mais.

Entrevistadora: A gente interrompeu o senhor. Estava falando de edifício.

Pedro: Os edifícios? Bom, os edifícios são aqueles. Depois surgiram outros que foram acabando as casas. Justamente os edifícios, que se chamava arranha-céu, mas que não era. Aqui no Brasil o primeiro tipo desses edifícios, sabe onde é que surgiu?

Entrevistadora: Não.

Pedro: Foi no bairro da Cinelândia, onde hoje é a Cinelândia. Foi do tempo do cinema Odeon.

Entrevistadora: Ah, foi ali que foi o primeiro arranha-céu.

Pedro: E por falar em cinema, qual era o cinema do bairro?

Entrevistadora: Eu ia perguntar isso agora.

Pedro: Era o cinema Guanabara na esquina da rua da Passagem com a praia de Botafogo. O primeiro cinema Guanabara, que nós íamos muito a ele...

Entrevistadora: Passava fita em série, não é?

Pedro: Passava fita em série. Era assim o jornal, depois a comédia, depois o drama e depois a fita em série. O primeiro cinema era o Guanabara aqui. Esse cinema Guanabara também o edifício, não era um edifício, era um barracão de madeira.

Entrevistadora: É mesmo?!

Pedro: É. Depois é que fizeram um edifício, que depois foi demolido e hoje me parece que é uma garagem.

Entrevistadora: É ali entre a rua da Passagem e a Voluntários?

Pedro: Rua da Passagem. Não, com a praia de Botafogo.

Entrevistadora: Com a praia?

Pedro: Com a praia de Botafogo.

Entrevistadora: Ali tem um colégio?

Pedro: Ali tem um colégio, ali perto, ali.

Entrevistadora: Ah tá!

Pedro: Foi justamente ali. É ali onde tem um elevado agora.

Entrevistadora: É entre a Voluntários e a rua da Passagem.

Pedro: Naturalmente que o elevado não existia. Outra coisa que me lembro agora: carnaval.

Entrevistadora: [risos]. Tudo que anotei, ele está falando.

Entrevistadora: Sinal que ele tem disciplina.

Entrevistadora: É.

Pedro: Carnaval. Como era o carnaval? Carnaval de rua com bloco de sujeitos feito pela vizinhança.

Entrevistadora: Tinham muitos blocos aqui no bairro?

Pedro: Hein?

Entrevistadora: Tinham muitos blocos no bairro? No bairro?

Pedro: Tinha. Cada bairro tinha um bloco.

Entrevistadora: E o de Botafogo qual era?

Pedro: Mimosas cravinas. [risos]

Entrevistadora: Mimosas?

Pedro: Cravinas

Entrevistadora: Mimosas cravinas.

Pedro: Agora esses blocos não eram propriamente, se chamavam blocos. Se chamavam rancho. Às vezes faziam até um simulacro de carros alegóricos, não é? Não existia escola de samba, porque no último dia de carnaval o que existia eram os desfiles das sociedades.²⁵

Entrevistadora: Das sociedades.

Pedro: Democráticos, fenianos, tenentes do diabo e embaixadores. E também existia uma outra coisa lembrando daqui: as regatas. As regatas eram na praia de Botafogo.

Entrevistadora: O senhor chegou a ir no Pavilhão de Regatas? Chegou a pegar?

Pedro: Fui. Fui. Assisti às regatas.

Entrevistadora: E como era o de frequência das pessoas que iam assistir? Era povo em geral? Eram mais homens?

Pedro: O povo em geral ficava na praia. Não entrava no pavilhão. Eu entrei uma vez só no pavilhão. Ficava ali na murada.

Entrevistadora: Era a alta sociedade que ia ao pavilhão?

Pedro: Autoridades.

²⁵ Para maiores informações, vide a dissertação: ALVARES, Lucas Cardoso. *O Rio civiliza-se: memórias das sociedades carnavalescas, uma perspectiva brasileira*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss345.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Entrevistadora: Autoridades.

Pedro: As regatas eram assistidas às vezes até pelo presidente da República.

Entrevistadora: Oh, sim!

Pedro: Sempre pelo prefeito.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Se dizia. Elas partiam lá do fundo e a chegada era em frente do pavilhão. E por falar em regatas e em praia de Botafogo, uma outra coisa que me lembra naquele tempo. Aliás eu assisti do Santo Inácio. A aula foi interrompida. Foi a chegada de um grande hidroavião, o DO X.²⁶

Entrevistadora: Ah é!

Pedro: É. Era um hidroavião alemão. Ele aterrissou justamente na praia de Botafogo.

Entrevistadora: Eu nunca tinha ouvido falar nisso.

Pedro: É um avião que tinha em cima dele 12 motores. Era o maior avião do mundo naquela época.

Entrevistadora: Em que época foi isso mais ou menos?

Pedro: 1932 ou 31.

Entrevistadora: Ah!

Pedro: Outro fato muito interessante, também de Botafogo, já que estamos falando de aviação, foi a chegada do Zepelim.

Entrevistadora: Eu ia perguntar isso. Porque tem uma foto do Zepelim aqui em Botafogo, se não me engano, sobre o Santo Inácio.

Pedro: Foi. Eu estava no Santo Inácio. Era comum aos domingos, a missa era obrigatória e depois da missa tinha um jogo de futebol. Tinha o café com leite muito gostoso e um jogo de futebol. Justamente nós estávamos num jogo de futebol... era esperado, ele chegou com um dia de atraso. Ele devia ter chegado no sábado e chegou no domingo. Então aí tem dois fatos. Vou contar um presenciado por mim e outro por minha irmã. Quando nós estávamos em pleno jogo de futebol, quando nós ouvimos o ruído dos motores dele. Porque quando mais de um motor funciona naturalmente ele provoca um ruído. Esse ruído é uma vibração. Falando em termos acessíveis. Quando a onda vibratória não se cala chama, ocorre o fenômeno chamado batimento. Esse fenômeno batimento é um ruído mais ou menos feito esse: *hum, hum, hum*. E a gente ouviu esse ruído, então parou-se o jogo. Todo mundo na expectativa e ele surgiu

²⁶ Para maiores informações, vide “Dornier DO-J WAL”, disponível em: <http://www.brasilcult.pro.br/paises/alemanha/alemanha_dornier.htm>.

em cima do morro muito baixo, mas muito baixo mesmo. Tão baixo que a gente via os mecânicos nas portas das gôndolas do... das casas dos motores. Porque ele tinha quatro casas de motores, duas de um lado e duas do outro. Via o homem lá em pé olhando, calmamente. Então essa foi a chegada do Zepelim. Bom, o outro fato contado por minha irmã. Engraçado, vamos dizer assim. Ela estava na missa na igreja, na matriz. O padre estava não sei aonde. Correu dentro da igreja um *zum zum*: “Olha o Zepelim! Olha o Zepelim! Olha o Zepelim!” Todo mundo correu para a rua. [risos]

Entrevistadora: Largaram a missa.

Pedro: O padre ficou falando sozinho.

Entrevistadora: Deve ter sido engraçadíssimo!

Pedro: Natural!

Entrevistadora: Largaram a missa. E qual era o aspecto do Zepelim? Qual a cor? Como é que ele era?

Pedro: Prateado.

Entrevistadora: Prateado.

Pedro: Depois ele passou por aqui muitas vezes e passava justamente em cima da minha casa. Como também a primeira linha de avião passava em cima da minha casa. A primeira linha de avião foi de uma companhia alemã, Sindicato Condor.²⁷ Essa companhia foi encampada durante a Segunda Guerra. Foi aí que surgiu a Cruzeiro do Sul, que depois foi comprada pela Varig.

Entrevistadora: Pela Varig.

Pedro: Ela tinha uma linha que ia com hidroavião, que ia para São Paulo, para Santos.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: E o rumo que o avião tomava passava justamente em cima da minha casa. Como também muitas vezes eu vi o Zepelim em cima da minha casa.

Entrevistadora: Isso do Zepelim foi também nos anos 30, não é?

Pedro: Ele chegou aqui de primeira vez em maio de 1930 e ele ficou até a guerra. Depois veio outro, que eu também vi, que foi o Hindenburg.²⁸ O Hindenburg houve aquela tragédia...

²⁷ Para maiores informações, vide “Sindicato Condor (Brasil)”, disponível em: <https://aviacaobrasil.com.br/sindicato_condor_brasil/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

²⁸ Para maiores informações, vide “1937: explosão do dirigível Hindenburg”, disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1937-explos%C3%A3o-do-dirig%C3%ADvel-hindenburg/a-512261>>.

Entrevistadora: Depois pegou fogo. Não é?

Pedro: É. Explodiu.

Entrevistadora: Explodiu.

Pedro: Explodiu. Cheio de hidrogênio. Em Nova York. E veio a guerra, não é? Foi em 37 e o Zepelim parece que foi sabotado. Foi destruído em frente de Stalin, na Alemanha. Depois disso, o uso de dirigíveis extinguiu-se. Né?

Entrevistadora: Acabou.

Pedro: Agora só tem para [inaudível].

Entrevistadora: Tem a pouco tempo que fizeram propaganda. Lembra?

Pedro: Ah! Eu vi.

Entrevistadora: Eu me lembro que era a Pepsi, eu acho. Não era? E eu lembro que a minha... eu tenho uma tia, irmã de papai, e ela ficou maravilhada porque ela lembrou da infância. Ela foi para a janela e ela não sabia, já está meio desligada, e viu e falou: “Minha filha, o Zepelim voltou!”

[inaudível]

Pedro: Era muito menor que o Zepelim.

Entrevistadora: Mas era para ela. Ela tinha uma recordação de criança. Sei lá.

Pedro: O que apareceu também por aqui. Aí agora, não em Botafogo. Eu vi ele uma vez só. Foi o tal blimp.

Entrevistadora: Blimp?

Pedro: É. O blimp é um dirigível construído pelos norte-americanos para combate a submarinos. Porque o combate a submarino com o avião é mais difícil. Porque o submarino... porque o avião anda muito mais depressa do que o submarino. O combate a submarino com avião, os aviões escapariam. Depois foram comprados pelo Brasil.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Outra coisa também de Botafogo, isso em fins de 1930, 31, foi quando a esquadrilha de [inaudível] de Ítalo Balbi, que também pousou na enseada de Botafogo.

Entrevistadora: Como é o nome?

Pedro: Ítalo Balbi. Logo depois ela foi comprada pelo Brasil. A questão que colocou Getúlio no poder foi a crise mundial pelo café.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Então o que aconteceu, e aí eu estava justamente em Valença na crise do café,²⁹ o Brasil não pode vender o café. Então o café foi amontoado e depois foi queimado. Já no governo Getúlio Vargas e os fazendeiros não podiam vender o café. Quer dizer, a central do Brasil não aceitava o café para embarque. Então isso foi a crise.

Entrevistadora: Foi a crise.

Pedro: Esses aviões foram trocados por café [inaudível]. Foi uma maneira de escoar um pouco o produto. Depois para valorizar, o Getúlio mandou queimar todo o resto de café que existia. Bom, isso também foi pouco a pouco.

Entrevistadora: Deixa eu perguntar uma coisa para o senhor só por causa da época. O senhor uma vez me contou lá na sua casa – não sei se o senhor lembra disso – que o senhor assistiu ou presenciou ou lembra do bombardeio da Escola... na praia Vermelha. Da Escola Militar.³⁰

Pedro: Sim, exatamente.

Entrevistadora: Em que episódio... porque não é Botafogo, mas é perto, né? Em que episódio? Foi na Intentona Comunista isso?

Pedro: Foi na Intentona Comunista. Isso aí eu me lembro de cor, até a data e tudo. 27 de abril. Não, 27 de novembro de 1935. Eu era... eu estava me preparando para entrar para a Escola de Engenharia e eu trabalhava neste tempo. Trabalhava no serviço de topografia da prefeitura. Então o que aconteceu, [inaudível], minha avó ainda era viva. Eu tinha que acordar cedo para isso. O dia estava chuvoso. Já se esperava pela revolução, já se esperava que ia acontecer isso. E então de manhã cedo, eu estava tomando café na cozinha da casa, conversando com minha avó, quando ouço um, um tiro. E aí eu disse: “Isso é a revolução comunista. Tem que esperar”. “Ah, você só pensa nisso! Isso é trovoada. Não está vendo que está chovendo!” Tá. Saí. Tomei o bonde. Saltei no largo do Machado. Tinha uma garagem na rua Ipiranga da prefeitura, que era lá que eu devia pegar o carro. Quando eu cheguei na garagem disseram: “Você não sabe o que está acontecendo, não? Volta! Volta que não tem trabalho hoje não!” Aí eu voltei.

Entrevistadora: Coitado.

²⁹ Para maiores informações, vide “A crise de 1929”, disponível em: <[³⁰ Para maiores informações, vide verbete “Escola Militar da Praia Vermelha”, disponível em: <\[>\]\(http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ESCOLA%20MILITAR%20DA%20PRAIA%20VERMELHA.pdf\)](https://www.abic.com.br/o-cafe/historia/a-crise-de-1929-2/#:~:text=A%20crise%20de%201929%20afetou,e%20queimou%20toneladas%20de%20caf%C3%A9.></p></div><div data-bbox=)

Pedro: Aí falando pelo telefone – aí a gente já tinha telefone em casa – com um colega cujo pai era oficial de Marinha, que estavam de prontidão na Marinha. “Não, você tem que vir para cá. Mas não atravessa nenhuma ponte. Então você vem para cá, porque os binóculos do papai estão aqui e a gente vai assistir ao espetáculo!” [risos] E de fato nós fomos. Subimos a travessa Dom Afonso até lá em cima. Hoje é um muro. Meu filho morou lá. Antigamente não, era assim umas pedras. Sentava com as pernas para [inaudível]. Então a gente via os canhões. Estavam no Iate Clube e atiravam para o forte. O forte... o forte, não. Para o quartel...

Entrevistadora: A escola?

Pedro: Não, o quartel.

Entrevistadora: O quartel mesmo?

Pedro: Terceiro Regimento de Infantaria.

Entrevistadora: Ah sei!

Pedro: Que foi revoltado pelo pai do Agildo Barata.³¹

Entrevistadora: É isso mesmo, do Agildo Ribeiro.

Pedro: É, Agildo Ribeiro. Aliás os nomes do Agildo Barata, aliás de todos os dois. Agildo Barata Ribeiro. Uma família tão importante, parece que foi prefeito, que deu o nome a uma rua em Copacabana.

Entrevistadora: É.

Pedro: Então, a gente via os canhões atirar e via depois a granada explodindo. Era granada incendiária, que aliás eram razoáveis, porque um incêndio dá tempo da pessoa fugir.

Entrevistadora: É.

Pedro: Brasileiros contra brasileiros.

Entrevistadora: É.

Pedro: E depois nós vimos pela avenida Portugal aquela massa de soldados. Correndo para o ataque. Ataque a baioneta também.

Entrevistadora: Você assistiu isso tudo de binóculos?

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: Assistiu tudo de longe de binóculos?

Pedro: De binóculos. [inaudível] Assim ao lado, vamos dizer ali, a uns dez metros, tinha uma [inaudível] de repente [inaudível]. [risos]

Entrevistadora: Vocês correram. [risos]

³¹ Para maiores informações, vide verbete “Agildo Barata”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barata-agildo>>.

Pedro: O que que eu suponho que seja. Alguém, provavelmente, um revoltoso que estava na mata com uma metralhadora [inaudível]. [risos]

Entrevistadora: Muito perto. A gente não faz ideia. Atualmente as distâncias parecem que são outras.

Pedro: São quatro quilômetros. Um tiro de metralhadora, um tiro de fuzil atinge isso.

Entrevistadora: Porque o senhor estava praticamente no Humaitá, não é?

Pedro: No Humaitá, pois é!

Entrevistadora: E eles estavam na... o senhor falou que os canhões estavam no Iate Clube.

Pedro: No Iate Clube.

Entrevistadora: Mas já era Iate Clube ou ali era outra coisa?

Pedro: Era Iate Clube.

Entrevistadora: Já era Iate Clube.

Pedro: Naquele tempo o Iate Clube, não é feito hoje. Hoje tem várias [inaudível]. Naquele tinha ali um campo de aviação. O Iate Clube também tinha aviação. Eu cheguei uma vez a posar neste campo. Era bastante difícil, porque a gente tinha que entrar em curva, já bastante baixo e o que atrapalhava era a igreja da Imaculada Conceição. A gente já passava quase raspando nela para entrar no campo, porque era muito curvo.

Entrevistadora: Que loucura, né?

Pedro: É. Quem ia muito ali era aquele aviador Francisco de Melo,³² chamado Melo Maluco.

Entrevistadora: Melo Maluco, é.

Pedro: Era ali. Então no dia do que aconteceu que o Regimento que atacou, o Terceiro Regimento, foi o Regimento [inaudível] de Campinho. Foi trazido em caminhão para o Iate Clube e os canhões em baterias.

Entrevistadora: Eu pensei que ali fosse a escola, mas não. Eles estavam atacando o quartel.

Pedro: Era o quartel. Aquele quartel...

Entrevistadora: A escola não existia mais ali?

Pedro: A Escola Militar foi antes disso.

Entrevistadora: Ah! Mas era o prédio da escola? Ou não?

Pedro: Não.

Entrevistadora: Já não era mais aquele prédio que ligava toda...

³² Para maiores informações, vide “Francisco de Assis Correia de Melo”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco_de_assis_correia_de_melo>.

Pedro: Não. Houve em 1908 – naturalmente, eu não era nascido – uma exposição.

Entrevistadora: A exposição.³³ É.

Pedro: Aquele prédio era um dos prédios da exposição.

Entrevistadora: Da exposição.

Pedro: Era um dos pavilhões da exposição.

Entrevistadora: O da escola que o senhor está falando?

Pedro: O da escola. O da escola, não. Do Regimento.

Entrevistadora: O do quartel. Do Regimento.

Pedro: É do Terceiro Regimento de Infantaria.

Entrevistadora: E é um prédio que não existe mais. Foi destruído.

Pedro: Não existe porque ele foi completamente destruído.

Entrevistadora: Foi destruído nesta ocasião.

Pedro: Por incêndio, né? Era um prédio que havia muita madeira e com a granada incendiária... por que o que aconteceu? Com o incêndio, eles tiveram que fugir, então o ataque a baioneta. Mas foi uma coisa terrível.

Entrevistadora: Isso foi ali onde tem aquela estátua do soldado caído? Lá...

Pedro: Exatamente!

Entrevistadora: Perto do Pão de Açúcar mesmo.

Pedro: É ali mesmo. Os cabos do Pão de Açúcar foram atingidos.

Entrevistadora: Ah é?!

Pedro: É, por tiros de artilharia. Foi uma coisa daquelas.

Entrevistadora: E nessa época... isso só é para informação minha, que eu estou meio perdida. Então a escola mesmo, aquele prédio que pegava, faz uma barreira na praia Vermelha já não existia mais?

Pedro: As duas alas com um pavilhão no meio.

Entrevistadora: Isso. Este não existia mais?

Pedro: Existia.

Entrevistadora: Ainda existia.

Pedro: Existia. Era nele que estava alojado o Exército... o regimento.

Entrevistadora: Ah tá! Onde tinha sido a escola ficou o regimento depois.

Pedro: É. A escola foi no começo da República.

Entrevistadora: Depois ela foi para Realengo, não é?

Pedro: Hein?!

³³ Para maiores informações, vide verbete “Exposição do Centenário da Abertura dos Portos”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20DO%20CENTEN%C3%81RIO%20DA%20ABERTURA%20DOS%20PORTOS.pdf>>.

Entrevistadora: Depois a escola foi para Realengo?

Pedro: Foi para Realengo. Aliás, parece que até que a República foi forjada em parte dentro dessas escolas no Realengo... ali no... ali na praia Vermelha. Isso aí conheci pessoas que foram dela. Mesmo esse brigadeiro que eu citei, Archimedes Cordeiro. Ele foi aluno da escola de Realengo. Não foi aluno daqui. Sobre a Revolução, outra coisa para contar, isso aí nas duas horas... duas horas, três horas da tarde, eles já tinham se rendido. Aliás, o que a gente viu foi a rendição.

Entrevistadora: É.

Pedro: Aí, tenho que ressaltar a figura de duas pessoas, isso eu soube pelo Hélio Silva. Primeiro o, que depois foi o ministro da Guerra e até presidente, general Dutra.³⁴ Ele não comandou o ataque, mas ficou lá perto. E outro que caminhou ao lado pessoal do ataque, um padre, Leovigildo Franca. Irmão do padre Franca daqui do Santo Inácio, não é? Que foi meu reitor inclusive. Então o padre Franca para dar assistência aos moribundos e um dos primeiros tiros foi atingido pelo coronel comandante.

Entrevistadora: Ah é!

Pedro: Foi. O primeiro que foi atingido. O grupo do primeiro que entrou [inaudível]. Agora de tarde, naturalmente, eu fui encontrar, não era nem minha namorada, era minha conhecida, Maria Alice. Maria Alice morava numa avenida ali na praia de Botafogo. Ali perto... entre a rua São Clemente e a Voluntários. Nós estávamos ali conversando e tudo...

Entrevistadora: Onde tem a Clínica Apolônio?

Entrevistadora: É aquela mesmo.

Pedro: Não. Hoje tem uma casa de... com... de apartamentos de um lado e ainda tem a casa...

Entrevistadora: Uma clínica...

Entrevistadora: É que nós entrevistamos a dona...

Entrevistadora: A sobrinha do dono que fundou a vila.

Entrevistadora: A sobrinha do dono da casa. Por isso que a gente sabe qual é.

Pedro: É a 462, casa 8. Foi lá que eu pedi a Maria Alice em casamento. Mas então nós estávamos ali conversando, quando daqui a pouco a gente viu o povo todo correndo. Então nós corremos também. [risos] Corremos para a praia.

³⁴ Para maiores informações, vide “Eurico Gaspar Dutra”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>>.

Entrevistadora: Para ver o que que era?

Pedro: Para a pista de automóveis.

Entrevistadora: Para ver o que que era?

Pedro: Para ver o que que era. Então aí que nós vimos, vinha o pessoal do Exército com a baioneta agarrada e no meio deles os prisioneiros. Na frente a oficialidade que foi presa, como o Agildo, e depois então os soldados, alguns feridos. Eu me lembro de um que estava até meio descalço, com a cabeça... e depois disso, depois da técnica, os caminhões cobertos com aquela lona branca. Os corpos. Houve muitos mortos ali, mas muitos mesmo. Essa foi o que eu vi da Revolução Comunista.

Entrevistadora: Interessante como as coisas eram públicas assim. Hoje em dia você não sabe, né? Sai... isso se que passou foi um cortejo.

Pedro: Um cortejo. Por que o que que aconteceu? Eles foram a pé até a rua Frei Caneca. Já não eram mais militares. Acabou.

Entrevistadora: Acabou.

Entrevistadora: [inaudível] como exemplo.

Entrevistadora: É. É uma forma de exemplo. É isso mesmo. Fazer aquele cortejo com as pessoas punidas é uma forma de exemplo.

Pedro: Foram a pé e foram entregues à polícia comum.

Entrevistadora: Polícia comum. Não tinham nenhuma regalia militar.

Pedro: Sem nenhuma regalia. A gente pode depois ver o que aconteceu naquele livro do Graciliano Ramos.

Entrevistadora: É. *Memórias do cárcere*.

Pedro: Mostra o que aconteceu...

[Fim da gravação]

PARTE 3

Pedro: Carlos Lacerda³⁵ era comunista.

Entrevistadora: É. Eu já ouvi falar dessa história.

Pedro: Foi. Ele era comunista. O pai dele foi centro político da oposição, Maurício Lacerda.³⁶ O prefeito de Vassouras.

³⁵ Para maiores informações, vide verbete “Carlos Lacerda”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-berneck-de-lacerda>>.

³⁶ Para maiores informações, vide verbete “Maurício Paiva de Lacerda”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-berneck-de-lacerda>>.

Entrevistadora: Ah é!

Pedro: Minha família também é ligada à Vassouras.

Entrevistadora: E ele nessa época da revolução, ele foi comunista.

Pedro: É. Ele era uma espécie de líder da Aliança Nacional Libertadora.³⁷

Aliás, ele nunca escondeu isso. Ele depois, ele adjurou como o comunismo.

Entrevistadora: Certo.

Pedro: E tornou-se um radical de direita.

Entrevistadora: É. Interessante isso.

Pedro: [inaudível]

Entrevistadora: Interessante essa história, não é?

Pedro: Naquele tempo precisava ver o comunismo. Em 1935, o comunismo tinha uma penetração muito grande nas Forças Armadas e no Batalhão Naval, fuzileiros navais, e também no meio estudantil, Escola de Direito, inclusive com vários professores. Depois disso houve uma grande traição, feroz, em que muitas pessoas, inclusive que não eram comunistas, foram presas como comunistas.

Entrevistadora: É isso... isso... não sei... era uma coisa que marcou muito a geração do senhor, né? Eu sei, porque meu pai regula com o senhor.

Pedro: Bom, o que acontecia? Esteve a ponto de se digladiar, porque se havia de um lado o Partido Comunista,³⁸ havia do outro lado o Partido Integralista.³⁹ Que era completamente oposto. E de tanto um como o outro, [inaudível] com armas.

Entrevistadora: E radicais, não é?

Pedro: É. Radicais, eternamente radicais. Havia isso também. Como depois em 37, houve a Intentona Integralista.⁴⁰ [inaudível], como se chama. Também me lembro dele. Também Botafogo teve sua participação, que nessa intentona houve uma parte da Marinha que foi incluída nela, né? E que houve um navio de guerra que entrou na Enseada de

werneck-de-lacerda>.

³⁷ Para maiores informações, vide verbete “Aliança Nacional Libertadora”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-libertadora-anl>>.

³⁸ Para maiores informações, vide verbete “Partido Comunista Brasileiro”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>>.

³⁹ Para maiores informações, vide verbete “Integralismo”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo>>.

⁴⁰ Para maiores informações, vide verbete “Levante Integralista”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/LevanteIntegralista>>.

Botafogo para ficar em posição para bombardear o palácio Guanabara, que não aconteceu.

Entrevistadora: Ah é!

Pedro: É. Em 37.

Entrevistadora: É, isso eu sei que já particularmente que dentro do golpe uma das coisas a ser tomada era a estação de bonde, que era aqui justamente perto da vila da d. Maria Alice. Não tinha uma estação ali? Não sei se era uma estação de bonde.

Pedro: Ali o que tinha, e tem até hoje, é um edifício. Era o seguinte, é até bom para lembrar. O bonde, ele era acionado por correntes contínua 500 volts. Então ali o que tinha era uma estação conversora, quer dizer, tinha um motor elétrico muito grande, ou eram vários grupos, não é? Que movidos a corrente alternada...

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Provavelmente, 400 volts. Deve ter sido isso. Não sei.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: E ela então acionava um dínamo que gerava corrente contínua para os bondes.

Entrevistadora: Então parando ali, parava os bondes. Paralisaria os bondes aqui do bairro?

Pedro: Não. Não. Ele jogava a corrente contínua no fio, não é?

Entrevistadora: Desligava a fonte distribuidora...

Entrevistadora: Não, eu estou dizendo o seguinte: porque havia dentro do golpe... estava previsto um ataque para aquele ponto por algum motivo.

Pedro: Justamente para paralisar os bondes.

Entrevistadora: Paralisar os bondes.

Pedro: Justamente. Estava previsto um ataque, que foi feito, isso no Catete, na estação de bondes. Porque bonde mesmo quando parava era no Catete. Era ali no largo do Machado.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Ali tinha um... às vezes recolhiam, saía outro. Estava com defeito. Recolhiam com o reboque. E por falar em reboque de bonde é bom lembrar o que acontecia, porque passava na praia de Botafogo... os estudantes de medicina... os estudantes de medicina, eles tinham o bonde Praia Vermelha, né? Quando o bonde Praia Vermelha passava com o reboque em frente à Escola de Medicina, eles tomavam o bonde de assalto.

Entrevistadora: Ah é?!

Pedro: É. E tomar o bonde é uma coisa muito fácil. Qualquer um aprende. E aí eles afastavam o motorneiro e desatrelavam o reboque e guiavam o bonde até lá onde tinha um caminho do Pão de Açúcar. E, quando o bonde voltava, o reboque na frente. [risos] Aí entregavam o bonde ao motorneiro.

Entrevistadora: Eles faziam isso de farra.

Pedro: Eles davam uma volta pela praia de Botafogo até chegar ao largo do Machado, com o reboque na frente. [risos] Atrapalhando todo mundo.

Entrevistadora: Faziam de farra. Só de brincadeira?

Pedro: Hein! De brincadeira. Bom, naquele tempo havia... era possível brincadeira.

Entrevistadora: É, pois é. Era outro tipo de vida. Mas essa coisa da estação do bonde, eu estou falando, eu sei, porque era meu pai que ia desativar a estação da praia. Ele era integralista. [risos] É por isso que eu sei.

Pedro: Onde havia uma outra estação de bondes aqui em Botafogo, era onde é a Cobal.

Entrevistadora: É. Isso mesmo. Essa era o final da linha do largo dos Leões. Não é isso?

Pedro: Largo dos Leões fazia assim em frente à casa da Farmácia Moderna.

Entrevistadora: Era ponto final, eu acho.

Pedro: Não, não era um ponto final. Mas era um ponto de substituir.

Entrevistadora: Era um ponto de...

Pedro: Por exemplo, na hora do *rush*, tinha que botar mais bondes na linha. Depois os bondes...

Entrevistadora: Era a garagem.

Pedro: Era uma garagem. Fazia de garagem. Exatamente. Fazia de garagem. Havia isso.

Entrevistadora: Agora deixa eu perguntar. No começo o senhor falou da Casa Açucena. O senhor lembra assim do comércio no bairro e também na cidade de um modo geral assim?

Pedro: Me lembro. Comércio de bairro é uma coisa interessante de falar. Comércio do bairro de Botafogo. A principal coisa era a venda. A outra coisa era a quitanda. E a outra coisa era a padaria.

Entrevistadora: Venda e quitanda não eram a mesma coisa?

Pedro: Não. Venda era uma, quitanda era outra, a padaria era outra e também o açougue. E ainda havia o seguinte, naquele tempo havia o ambulante. E a relação entre freguês e fornecedor era muito mais amistosa, embora tenha brigas, do que hoje em dia. Por exemplo, a carne

era comprada no açougue. Uma outra coisa interessante também sobre Botafogo: as hortas. Onde é a rua Principado de Mônaco, existia uma horta.

Entrevistadora: Horta pública? Não?

Pedro: Não, horta particular.

Entrevistadora: Ah tá! O cara tinha horta e vendia direto ali no lugar.

Pedro: A gente ia lá comprar. Ele arrancava alface, cenoura. É...

Entrevistadora: Você comprava ali na hora.

Pedro: ... couve.

Entrevistadora: Estava plantado...

Pedro: A gente entrava dentro da horta que ele arrancava. Pegava do chão.

Entrevistadora: Interessante isso!

Pedro: O feijão, o arroz, o fubá, eram comprados na venda.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: O pão era fornecido em casa pelo padeiro. No fim do ano, todas as casas comerciais davam brinde. Folhinhas.

Entrevistadora: Ah é!

Pedro: O principal brinde era a folhinha. E a quitanda a mesma coisa. O que não ia se comprar na horta, comprava-se na quitanda. Havia isso e havia também o verdureiro que vendia em casa.

Entrevistadora: Todo mundo vendia em casa também. À domicílio.

Pedro: Vendia. Vendia e ia de casa em casa. Jornaleiro, também ia de casa em casa. O peixeiro, que era outra coisa. Tudo isso era comprado... galinhas. Eram compradas, passavam na rua gritando.

Entrevistadora: Vivas? Tudo viva.

Pedro: Vivas. Se comprava viva.

Entrevistadora: Interessante.

Pedro: Tudo isso era assim. As casas comerciais, os armarinhos, toda parte de fazendas, isso tudo era nos armarinhos. Onde é a Imperial era um grande armarinho.

Entrevistadora: Ah é?!

Pedro: É.

Entrevistadora: Isso há muito tempo, porque a Imperial é antiga também. Não é?

Pedro: Hein?!

Entrevistadora: A Imperial não é uma loja antiga?

Pedro: É. É antiga. A Imperial foi mais ou menos – aí eu não posso me lembrar bem – em 28, 26, por aí. Mas era uma loja muito antiga. E

falando da Imperial, tem que se lembrar de uma outra coisa que ficou perto da Imperial: o cinema Nacional. Isso é uma coisa de Botafogo.

Entrevistadora: É aquele que até pouco tempo foi Bruni Botafogo depois? Não?

Pedro: Não, não. Esses surgiram muito depois.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: O cinema Nacional ficava na rua Voluntários da Pátria, pouco depois da Imperial. Quer dizer, vindo da rua Real Grandeza para a Imperial, tinha uma casa e depois era o cinema Nacional.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Ele era de um italiano. Nós fizemos muita amizade.

Entrevistadora: Indo na direção...

[Interrupção]

Pedro: É, indo na direção da praia. Ficava no mesmo lado da [inaudível].

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Hoje é uma casa em ruínas.

Entrevistadora: É. É. Eu sei.

Entrevistadora: [inaudível]

Entrevistadora: É onde tem, às vezes eles fazem uns comitês políticos. Né?

Pedro: É, exatamente. Aquela casa... aliás, eu me dou com eles até hoje. Porque ele era um cinema familiar. Tremendamente familiar. Embora havia aquelas matinês de domingo para crianças. Aquela gritaria. Tudo isso. Mas era um cinema em que a moral era muito boa e não permitia certas coisas dentro do cinema. Era muito vigiado. Inclusive havia uma relação muito boa com o dono do cinema que conheci. Aliás, uma prima e uma sobrinha dele foram colegas de minha irmã numa escola pública que tinha aqui na rua da Matriz, Basílio [inaudível]. E esse dono do cinema tinha um filho, que depois eu vim a conhecer como professor do ITA. Meu amigo até hoje.

Entrevistadora: Interessante!

Pedro: Jeremias Crispim. Professor de economia no ITA. Eu vim a conhecer ele lá e nos recordamos de tudo isso. A gente ia muito ao cinema e depois tomava um lanche na Imperial. Pegava um lugar simples. Quem era frequentador da Imperial era o Juarez Távora.⁴¹

⁴¹ Para maiores informações, vide “Juarez Távora”, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/T%C3%81VORA,%20Juarez%20r%20.pdf>>.

Entrevistadora: É. Ele morou por aqui, né?

Pedro: Morou. Morou perto lá do largo dos Leões. Aliás, por falar em Juarez Távora, vou te contar um episódio interessante. O tio do Juarez Távora, Belizário Távora, que morou também em Botafogo, foi o primeiro, dentre outras coisas, foi tabelião, entre outras coisas ele era delegado. Foi o primeiro delegado que fez a repressão ao jogo do bicho. Então esse fato que me contaram. Ele foi criticado. Naquele tempo criticava-se por meio de canção. Era outra coisa do bairro daquele tempo, o cancionista. Ele vendia as modinhas que vinha cantando pela rua. E aí, as empregadas corriam para comprar. [risos] Custava um tostão. Então tinha duas modinhas que mexiam com o Belizário Távora.

Entrevistadora: Por causa da história do jogo do bicho?

Pedro: Por causa do jogo do bicho. Uma é feito uma paródia até hoje. “O chefe de polícia pelo telefone mandou te avisar, que na Carioca tem uma casa pra você jogar”.⁴² Isso até hoje fizeram uma parodia disso.

Entrevistadora: É.

Pedro: E o outro é pé de anjo. Mas um fato engraçado aconteceu num botequim na esquina da rua Voluntários com a rua Capitão Salomão. Esse botequim era um ponto de jogo de bicho e ele foi cercado pela polícia. Não foi o Belizário que foi lá, mas foi alguém da confiança dele. Prendeu todo mundo que estava lá dentro. Aí encontrou uma preta velha. “O que que você está fazendo aqui?” Era uma cozinheira dele. [risos] “A sinhá mandou jogar no macaco!” [risos] Desmoralizou a polícia. A sinhá era a mãe do delegado.

Entrevistadora: A mãe do delegado é que estava jogando? [risos]

Pedro: Estava jogando no macaco. Quer dizer, desmoralizou. Esse foi um fato que aconteceu aqui. Depois veio o tempo da guerra, da Segunda Grande Guerra.⁴³ O que aconteceu em Botafogo foi que Botafogo teve em determinada época de fazer exercícios de guerra, como todo mundo, toda a cidade.

Entrevistadora: Ah é!

⁴² Para maiores informações, vide verbete “Pelo telefone (1916)”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7091/pelo-telefone-1916>>.

⁴³ Para maiores informações, vide “Segunda Guerra Mundial”, disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/SegundaGuerraMundial>>.

Pedro: É. Então, havia o blecaute. Aí eu já era casado, né. Nós morávamos nos fundos, mas no blecaute todo mundo se trancava nas suas casas e foi assim que surgiu as assistentes sociais que faziam...

Entrevistadora: A rota.

Pedro: Verificavam tudo. Faziam as rondas e elas mandavam.

Entrevistadora: Quem que... essa preparação para o blecaute era por quê? Pensando num...

Entrevistadora: Era um treinamento?

Pedro: Era um treinamento.

Entrevistador: Medo de bombardeio.

Entrevistadora: É, pois é, era pensando em bombardeio mesmo?

Pedro: A razão do blecaute... em Botafogo não havia razão, mas por exemplo, em Copacabana havia. E eu, depois eu morei durante um certo tempo em Copacabana e quando eu... em um apartamento que eu aluguei na rua Siqueira Campos, as janelas, pelo lado de dentro, eram... tinham uma folha de papel preto colado nos vidros. Porque lá de fato era um perigo os submarinos.

Entrevistadora: Sim.

Pedro: Os submarinos chegavam muito perto da costa. Isso sem dúvida nenhuma. Eu vi submarino.

Entrevistadora: É fato, né?

Pedro: Eu vi. Eu vi não aqui no... eu vi perto da Comprida numa experiência de voo [inaudível]. Eu vi parte de um submarino.

[Trecho inaudível devido a várias pessoas falando ao mesmo tempo]

Pedro: A principal coisa eles procuravam [inaudível], naturalmente. Mas a principal coisa que esse submarino fez, que depois eu soube em contato com colegas que foram oficiais da reserva que estavam lá, é desembarcar espião que aqui concentra a espionagem. Bom, talvez nesse tempo da guerra eu era casado, naturalmente, eu quis... Botafogo foi blecaute e naturalmente tudo que a gente sofreu com a guerra. Restrição de consumo. Seu pai deve se lembrar disso. Era tudo contado. Tinha que comprar carne no dia.

Entrevistadora: É.

Pedro: E restrição de transporte. Não é? Meu casamento foi feito aqui na... na Congregação.

Entrevistadora: O senhor já era ligado à Congregação Mariana nessa época?

Pedro: Já. Eu, naturalmente, fui aluno do Santo Inácio. No Colégio Santo Inácio, eu congregava. Comecei a congregar em 1930. Estava no primeiro ano, depois fiquei até 34 quando deixei o Santo Inácio. Então, eu passei para outra congregação. Era de uma congregação de alunos e passei... uma congregação, que vocês devem saber, uma congregação basicamente de intelectuais.

Entrevistadora: É, eu sei.

Pedro: Basicamente disso. Até não sei por que me elegeram.

Entrevistadora: Ah! [risos]

Pedro: Bom é isso que tenho para contar. Agora as perguntas.

Entrevistadora: Ah! As perguntas estão aqui. O senhor já falou tudo. A gente perguntou... ah! Uma coisa que o senhor não falou: a praia. Vocês tinham hábito de ir à praia como a gente vai hoje? Não né?

Pedro: Tinha. Tinha o hábito de ir à praia, sim. Mas, infelizmente, a praia de Botafogo era uma praia que não era recomendada...

Entrevistadora: Nunca serviu mesmo.

Pedro: ... como é hoje, para o banho de mar.

Entrevistadora: É.

Pedro: Porque simplesmente o esgoto era lançado na praia. Tinha... o esgoto naquele tempo, e hoje com a obra do César Maia, eu ainda vi isso, não é? Eu ainda vi uma galeria de esgoto aberta. Porque ele esburacou toda a rua Voluntários, né?

Entrevistadora: É.

Pedro: Então, eu vi uma galeria de esgoto. A galeria de esgoto era do tempo do Império ainda. E a companhia de esgoto, a chamada City. Era uma companhia particular.

Entrevistadora: City Improvements.⁴⁴

Pedro: O esgoto sem tratamento nenhum era lançado na praia de Botafogo. De modo que não era possível o banho de mar lá.

Entrevistadora: Nós temos uma foto aqui no nosso arquivo de 1914 – vocês lembram, né? –, eles virando o lixo direto numa... é um barquinho. Eles viravam o lixo ali e dali eu não sei para onde eles levavam.

⁴⁴ Para maiores informações, vide “Engenheiro/ Repartição Fiscal do Governo junto a “The Rio de Janeiro City Improvements Company”, disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=614>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Não devia ser muito longe. Mas era um lixo, lixo mesmo. A descarga do lixo era feita na praia de Botafogo nos barquinhos.

Pedro: Puxa, isso eu não sabia.

Entrevistadora: É. Tem uma foto disso de 1914.

Pedro: Naquele tempo provavelmente...

Entrevistadora: Não sei para onde ia, mas sei... mas era um barquinho assim. Uma canoinha.

Pedro: O depósito de lixo, naquele tempo, era chamado a ilha da Sapucaia.⁴⁵

Entrevistadora: Eu não sei se ia para Sapucaia.

Pedro: Devia ir para baía lá perto de...

Entrevistadora: Paquetá?

Pedro: De Ramos. Era uma ilha de descia por ali. Hoje, provavelmente, ela foi engolida pela avenida Brasil. Mas quero dizer também duas coisas...

Entrevistador: Ainda tem o Rio Sapucaia. Se você passa por ali na Niterói-Manilha, você ainda vê.

Pedro: Ainda vê?

Entrevistador: Ainda vê.

Pedro: Sapucaia.

Entrevistador: Rio Sapucaia. Não é...

Pedro: O Sapucaí.

Entrevistador: Não.

Pedro: Provavelmente esse barquinho levava para ele.

Entrevistadora: É talvez, mas o que impressiona é que aquele barquinho pequenininho e aquele monte... três ou quatro ao mesmo tempo jogando, a carrocinha pondo lixo...

Pedro: A carroça era puxada a burro.

Entrevistadora: É. Era carrocinha mesmo, da limpeza pública, como chamavam.

Pedro: É limpeza pública. Pertencia à prefeitura. Naturalmente, não tinha a COMLURB, nada disso nesse tempo.

Entrevistadora: Interessante que o senhor passou sua vida, praticamente toda, em Botafogo, não é? Praticamente. O senhor é muito ligado...

⁴⁵ Para maiores informações, vide: MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. *Da ilha de Sapucaia ao aterro metropolitano de Jardim Gramacho: a criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20967@1>>.

Pedro: Eu nasci em 1915. Morei em Botafogo até 1929. Aí, por causa dessa questão financeira, eu fiquei uns seis meses... também fiquei com papai. Tinha comprado a casa e começou as obras da casa e faltou o dinheiro e as obras pararam. E aí não podia morar na casa. Então eu fiquei uns seis meses lá na fazenda do... lá em Valença. [inaudível] Depois voltei e morei nessa casa até a idade de 26 anos, 19... e quando... 1942. Me casei em 31 de dezembro de 42. Quando me casei, aí fui morar em Botafogo, lá perto do largo dos Leões. Depois, na rua Principado de Mônaco. Quer dizer, morei sempre em Botafogo.

Entrevistadora: É.

Pedro: É, só que depois eu morei pouco tempo em Copacabana. Depois um bocado de tempo no Leblon, mas sempre em Botafogo.

Entrevistadora: É, a Jane me contou que vocês moraram no Leblon.

Pedro: A Jane era pequenina, quando fui para o Leblon. Que mais?

Entrevistadora: O senhor falou tudo.

Entrevistadora: Passeio.

Entrevistadora: O senhor lembra de algum tipo de passeio especial ou uma coisa assim que tivesse aqui em Botafogo? Que fosse...

Entrevistadora: O lazer, como era?

Entrevistadora: ... o lazer?

Pedro: O lazer, naquele tempo, não havia nem rádio. Logo no começo. Nem rádio. O rádio começou em 1926 e mesmo pouca gente tinha era o rádio de [inaudível], que era aquela caixa. Então, o que havia, algumas casas tinham fonógrafo. Uma maneira de lazer era justamente aquilo que o Chico Buarque falou, cadeira na calçada, esse negócio todo. Era isso. Era as pessoas...

Entrevistadora: Bate papo?

Pedro: ... que se juntavam...

Entrevistadora: O ritmo de vida era outro.

Pedro: Era outro. Era um ritmo bastante mais sossegado, naturalmente.

Entrevistadora: É, uma senhora que deu um depoimento para gente, d. Laura⁴⁶ que morou aqui em São Clemente – ela já faleceu. Ela falou que também via pessoas nas portas das casas jogando carta.

Pedro: É, pois é.

⁴⁶ Laura Rodrigo Otávio participou do projeto Memória de Rui e gravou seu depoimento em duas ocasiões: 10 de maio de 1988 e em 22 de agosto de 1995. Os depoimentos encontram-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

Entrevistadora: Jogavam baralho. Ela disse que não na casa dela, mas ela disse que em outras... muito em vila também.

Pedro: Fora disso havia os saraus. Então, a gente era convidado. Os saraus, que que havia? Geralmente, a casa que convidava tinha um gramofone. [risos] [inaudível]

Entrevistadora: Imagina.

Pedro: Tocava música.

Entrevistadora: E aí era só ouvir música? Não dançava, não?

Pedro: Hein?!

Entrevistadora: Era só ouvir música?

Pedro: É, só ouvir música, né?

Entrevistadora: E comer lá uns biscoitinhos?

Pedro: Havia a pianola. Quer dizer, um piano mecânico com uma fita perfurada.

Entrevistadora: É.

Pedro: Tinha muito isso. Uns docinhos, violão, um jogo de cartas e o jogo de víspera, loto, que isso era muito comum. A família se reunia para isso e esse era o divertimento. Fora disso o cinema.

Entrevistadora: É.

Pedro: O primeiro cinema foi o Guanabara. O segundo, o Nacional. Depois surgiu esse que tem na rua Voluntários do lado ímpar, do lado de lá.

Entrevistadora: Ah! Onde é a Estação Botafogo agora né?

Pedro: Não, onde é o Unibanco.

Entrevistadora: É, é o Unibanco. É.

Pedro: Era Bruni. Era o Bruni, exatamente.

Entrevistadora: Porque aquele era bem antiquinho também. Ele ainda tem as características...

Pedro: Não aquele...

Entrevistadora: Ele agora foi mexido, mas até pouco tempo ele tinha aquelas características dos anos 30 ou 40.

Pedro: Inclusive, ele durante muito tempo... durante muito tempo foi um cinema pornográfico.

Entrevistadora: É isso mesmo. É isso mesmo.

[inaudível – várias pessoas falando ao mesmo tempo]

Entrevistadora: Não, mas tinha uma coisa... eu já estou repetindo... já estou ficando repetitiva, porque eu já falei isso em outra fita. Porque era

filme pornográfico, mas parava na Semana Santa para passar a vida de Cristo. O senhor lembra disso? Eu achava tão engraçado. Na Semana Santa, eles passavam a vida de Cristo. Gente! O ano inteiro passando filme pornográfico e na Semana Santa interrompiam e passavam a vida de Cristo.

Pedro: Aquele cinema deve ter surgido, mais ou menos, por volta de 1945, por aí.

Entrevistadora: É, antes de transformarem ele em Unibanco, ele ainda tinha aquelas linhas de arquitetura do Art Déco.

Pedro: O outro, que está do lado de cá, que foi o quarto cinema de Botafogo. Né?

Entrevistadora: É.

Pedro: Esse outro, eu ainda me lembro muito bem porque quem fez o projeto de ar-condicionado fui eu.

Entrevistadora: Ah, é!

Pedro: É. Ele agora está completamente mudado, tem três salas. Os outros dois cinemas, aqueles da praia de Botafogo...

Entrevistadora: É. O Ópera e depois tinha aqueles outros.

Pedro: É. O Ópera...

Entrevistadora: O Coral e o Scala.

Pedro: O Coral e o Scala. O Ópera, eu também, eu fiz...

Entrevistadora: Ah! Foi o senhor também trabalhou com o ar de lá?

Pedro: Também trabalhei com o ar-condicionado deles.

Entrevistadora: O Ópera pegou fogo. Pegou duas vezes fogo.

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: O Ópera pegou fogo duas vezes, não é?

Pedro: Foi.

Entrevistadora: Uma foi nos anos 70, que eu me lembro que eu estava indo para lá quando pegou fogo.

Pedro: Acho que os cinemas foram esses, mas o primeiro cinema mesmo foi o Guanabara.

Entrevistadora: Ah! Dr. Pedro, a gente agradece muito. Eu agora estou fazendo contato – vou botar a Iolanda para fazer isso. Contato por causa da história da vila. A Iolanda faz um trabalho... está acabando, espero que esteja acabando. Um trabalho sobre as vilas de Botafogo. E a gente tem de qualquer forma a ideia de fazer uma exposição sobre a história das vilas, só as vilas. E a Jane contou que não só a d. Maria Alice, como as irmãs dela, viveram nessa vila que o senhor já contou. Né? Então a gente queria fazer...

Pedro: Mas essa vila era uma vila sofisticada.

Entrevistadora: Qual?

Entrevistadora: Essa vila da noiva dele.

Pedro: Você tem ainda, por exemplo, as casas. Não é?

Entrevistadora: O senhor se lembra daquela vila em frente ao Santo Inácio da família [inaudível]? Em frente ao Santo Inácio.

Pedro: Quase em frente.

Entrevistadora: Ao estilo inglês. Você se lembra?

Pedro: Ah! Mas aquelas são vilas sofisticadas. Não é a casa de vila comum, como essa que eu falei.

Entrevistadora: O senhor não está confundindo com casa de cômodo, não?

Pedro: Não.

Entrevistadora: Não. É porque chama vila ou avenida.

Entrevistadora: Ou avenida.

Entrevistadora: Você tem que ler a d. Laura. d. Laura faz a diferença.

Pedro: Por exemplo, na rua Visconde Silva, perto de onde eu morava, tinha um... era o quê? Era uma entrada com umas sete ou oito casas, então...

Entrevistadora: Padronizadas?

Pedro: Hein!?

Entrevistadora: Padronizadas. Arquitetura padronizada.

Pedro: Padronizado. Com um pequeno quintalzinho na frente. Mas era uma coisa... eu inclusive, eu procurei, depois de casado, morar em uma vila.

Entrevistadora: O senhor estudou no Santo Inácio em que ano?

Entrevistadora: 15.

Pedro: Entre 1934... entre 1929 a 1934.

Entrevistadora: 15 anos.

Entrevistadora: E já tinha aquela vila em frente ao Santo Inácio?

Pedro: Tinha, mas aquela é uma vila antiga, como a de Maria Alice também. A de Maria Alice era muito boa.

[inaudível]

Entrevistadora: É.

Pedro: Agora, nessas vilas a vida não era nada diferente de quem morasse... por exemplo, morar numa casa feito Maria Alice, como a família dela, que era grande. Uma família grande, sete irmãos mais um irmão. Morar em uma casa feito essa era melhor que morar num apartamento. Muito melhor.

Entrevistadora: Agora, a construção dessas vilas começou já no século XX. Elas não são anteriores ao século XX não, né?

Pedro: Olha! A construção dessas vilas... ah! Uma outra coisa para falar sobre o bairro que eu me lembrei agora. O bairro de Botafogo, que eu ainda me lembro, tinha iluminação a gás.

Entrevistadora: O senhor ainda pegou a luz de gás?

Pedro: Peguei. Eu me lembro...

Entrevistadora: Isso é de que ano? O senhor se lembra de que ano?

Pedro: Me lembro.

Entrevistador: Foi iluminação a gás pela elétrica...

Pedro: Depois substituiu pela elétrica e o interessante é o seguinte: a iluminação a gás, que hoje é lâmpião de gás.

[inaudível]

Pedro: Com as duas, depois acabou de gás. Então, mais ou menos pelas seis horas, já estava escurecendo. Vinha o homem que [inaudível] a luz. Ele vinha com um bastão, com aqueles bastões [inaudível], empurrava a janelinha e [inaudível] e acendia o lâmpião. Lâmpião de gás era assim.

Entrevistadora: Interessante.

Pedro: Outra coisa também que lembrei agora. Questão do ladrão. [risos]

Entrevistadora: Das roupas.

Pedro: Hoje nós temos medo de ladrão. Naquele tempo era o seguinte: o ladrão é que tinha medo da gente. Por que o que era o ladrão? O chamado ladrão de galinha, porque, principalmente, ele visava, porque todo mundo tinha galinheiro em casa. O que ele visava era roubar a galinha. De noite, se a galinha gritava, qualquer coisa, ou se alguém gritava: “Pega ladrão!”. A vizinhança inteirinha saía com vassoura, com pau. [risos] O coitado tinha que fugir, porque a coisa ficava ruim para o lado dele. Vinha mesmo com pau, com...

Entrevistadora: Ladrão de dentro de casa, de roubar as coisas em casa, não tinha.

Pedro: Dentro de casa. Muito difícil.

Entrevistadora: [inaudível]

Pedro: Roubava roupa no quarador. Não é? A roupa, isso ele fazia. Roupas, sim. Dentro de casa nunca. Uma preocupação a menos.

[inaudível]

Pedro: Guarda noturno era particular. Se pagava.

Entrevistadora: É. Exatamente. Tinha até uma plaquinha. Quem tinha...

Pedro: [inaudível]

Entrevistadora: ... tinha na casa. Botava na casa.

Pedro: [inaudível] era seguro.

Entrevistadora: E o senhor lembra... agora, falou da associação de ideias.

O senhor lembra do crescimento da favela?

Pedro: Me lembro.

Entrevistadora: Que também é uma coisa dos anos 20, 30. Não é, não?

Pedro: Me lembro, por exemplo, essa favela aqui foi [inaudível].

Entrevistadora: É.

Pedro: Ela surgiu talvez em 1935. [inaudível] Foi eliminado. Não existia.

Uma vez falando das favelas do bairro de Botafogo. A favela não era o que era hoje.

Entrevistadora: Era só uma moradia de pessoas pobres, não é?

Pedro: Pobres.

Entrevistadora: Trabalhadores.

Pedro: Trabalhadores. Eu me dei muito com favelas. Vocês sabem disso, por causa de d. Helder.⁴⁷ Eu fiz, embora... não fiz curso de engenheiro eletricitista, fiz curso de engenheiro industrial mecânico, mas eu tive sempre queda por eletricidade. Eu fiz o projeto...

[Fim da gravação]

PARTE 4

Pedro: ... topográfica da favela da praia do Pinto. Isso eu fiz.

Entrevistadora: Porque depois ele construiu aquela Cruzada, não é? Foi com d. Helder.

Pedro: Ele já tinha construído a Cruzada...

Entrevistadora: E a escola.

Pedro: ... estava em construção e tencionava-se...

Entrevistadora: É de que ano a construção da Cruzada São Sebastião?

Entrevistadora: Anos 60.

⁴⁷ Para maiores informações, vide verbete “Hélder Câmara”, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara>>.

Pedro: Eu já tinha saído do Leblon. Deve ter sido mais ou menos 1952, 51, por aí.

Entrevistadora: É? Não é posterior não? Pensei que era anos 60.

Pedro: Não. Aquilo ali foi uma experiência, que de certa maneira não deu certo. Mas não se deve falar o que se falou dela. Todo mundo [inaudível]. A finalidade era acabar com a favela da praia do Pinto, que era uma favela pequena. Não era uma favela grande. Mas olha, o que aconteceu foi: primeiro, a Cruzada São Sebastião não é pequena, tanto que não tem [inaudível].

Entrevistadora: É.

Pedro: Então, a gente trabalhou junto com a Fundação Leão XIII, que era do governo. Nós tivemos e é bom que se diga que é isso um apoio muito grande do conselheiro chefe. Que como naturalmente, o prefeito era nomeado pelo presidente da República, Negrão de Lima⁴⁸ nos deu todo o apoio. O que não aconteceu depois quando Carlos Lacerda assumiu o governo do estado.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Carlos Lacerda se incompatibilizou com d. Hélder e naturalmente fomos perseguidos.

Entrevistadora: Isso eu lembro bem, porque a minha mãe foi diretora daquela escola dentro da favela. Por isso que eu lembro disso. É bem familiar.

Pedro: Eu queria... eu queria... a favela é o seguinte: se fez aqueles edifícios. Grande parte com toda [inaudível] e mão de obra dos favelados.

Entrevistadora: É.

Pedro: Então, primeiro pegava-se a família e trazia ela para uns barracões que foi construído perto da favela, para aprender como agir dentro de uma casa de apartamentos. Inclusive, eles não conheciam nem o vaso sanitário...

Entrevistadora: É isso mesmo.

Pedro: Eles jogavam tudo dentro do vaso sanitário. Não pode ser, não é? Aprender isso. Aprendeu com assistentes sociais.

Entrevistadora: É.

Pedro: E conviveu com eles depois de passado para isso. Agora, de modo que o fulano lá que tinha uma [inaudível] de porta e “não vou sair daqui!”.

⁴⁸ Para maiores informações, vide verbete “Negrão de Lima”, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Negrao_de_Lima>.

E não podia sair. A Cruzada São Sebastião não tinha poder de tirar ele de lá. Não queria, não saía.

Entrevistadora: Só saía quem queria realmente ir.

Pedro: Quem queria realmente ir.

Entrevistadora: Era um oferecimento.

Pedro: “Ah! Eu quero ir lá em cima!” Mas o senhor sofre do coração e não tem elevador. “Mas eu quero ir lá em cima!” “Tá bem. O senhor vai”. Dois anos depois, ele morreu.

Entrevistadora: É.

Pedro: Agora lá dentro depois eu fui chamado como engenheiro para dar uns pareceres, porque inclusive um deles queria cortar uma coluna. [risos] Se cortassem a coluna, o edifício caía. [risos] Fui e convenci a eles de que não podia. Então eu encontrei as duas coisas. Outros moradores, que inclusive recebiam a parede nua, azulejavam a parede com o que havia de melhor. Quer dizer, apartamentos que eram um brinco.

Entrevistadora: Eu cheguei a frequentar um apartamento desses, porque a cozinha dessa escola era muito amiga da minha mãe, então ela levava eu e meu irmão para comer a comida que ela fazia que era uma delícia. E o apartamento dela era desse tipo. Já melhorado.

Pedro: É, tudo isso.

Entrevistadora: E tem certos blocos que são diferentes? Os apartamentos são mais confortáveis com dois cômodos, né?

Pedro: Isso aí, é conforme o tamanho da família. Agora aconteceu o seguinte: nós tivemos a colaboração da maioria. Ali, aconteceu duas coisas. Porque quando a família se mudava... entende? Então passava daquele barracão, para o barracão que ele ia aprender a mudar. Então, o barracão dele era imediatamente destruído para outro não ocupar.

Entrevistadora: Claro. Se não...

Pedro: Ok. Depois os fuzileiros navais, eles entravam de machado. Entravam de machado e reduzia a pedaços. Era o que tinha que fazer.

Entrevistadora: Porque senão não tinha sentido, né?

Entrevistadora: Então esse processo evoluiu como? Até que destruisse a favela do Pinto e...

Pedro: O que aconteceu e é rápido, é o seguinte: as assistentes sociais da Leão XIII fizeram o cadastramento. No cadastramento, os favelados ficaram sabendo que iam mudar para uma coisa melhor. Resultado: inscreveram o pai que era de Minas que tinham [inaudível] muito longo, mas para não ficar ruim para todo mundo. Resultado que a

população da praia do Pinto ficou três vezes maior do que era e não teve casa para todo mundo.

Entrevistadora: É isso mesmo.

Pedro: Esse foi o erro.

Entrevistadora: É isso mesmo. Que era uma favela pequena, que depois ela cresceu aquilo tudo.

Pedro: Ficou [inaudível] político. Nas nossas barbas, vamos dizer assim, porque as assistentes sociais não tinham barba. Naturalmente. A gente via construção... com a polícia municipal naquele tempo, a construção de barracos. Porque era de um apaniguado de um político, de um vereador. Que a gente ia fazer? Nada.

Entrevistadora: Não tinha poder nenhum, né?

Pedro: Não tinha poder.

Entrevistadora: Era uma ação filantrópica, não é?

Pedro: Então assim, nós não podíamos fazer nada.

Entrevistadora: Agora, o senhor está falando desse assunto e eu não sei se o senhor conhece. Aqui em Botafogo tem um conjunto também na Álvaro Ramos. Aquele conjunto é o mesmo...

Entrevistadora: No final da rua Álvaro Ramos.

Entrevistadora: O senhor conhece esse conjunto? No final da Álvaro Ramos. Ele sobre inclusive.

Entrevistadora: Foi feito no morro. Ele tem sete blocos lá.

Entrevistadora: O senhor sabe se aquele conjunto é o mesmo sistema da Cruzada ou não?

Pedro: Não. Não.

Entrevistadora: Porque é um conjunto residencial, quer dizer, hoje em dia ele se assemelha a Cruzada, não é?

Pedro: Também é bom falar, o seu [inaudível] quem tentou dar uma solução para o problema de favelas, foi o Carlos Lacerda. Aquele conjunto foi construído por ele.

Entrevistadora: Ah! Então tá.

Entrevistadora: Mas é o mesmo sistema, porque então ele copiou de certa forma o que o d. Helder fez.

Pedro: Ah sim! Por que isso é feito por quem? Por um arquiteto e o arquiteto vai procurar a melhor solução.

Entrevistadora: É o mesmo sistema, só que ele sobe o morro, né? A São Sebastião é plana.

Entrevistadora: Ele utilizou a encosta.

Entrevistadora: É, ele foi subindo a encosta. O senhor conhece na Álvaro Ramos?

Pedro: Conheço sim. Pelo menos de vista.

Entrevistadora: É, de vista.

Pedro: Agora, precisa falar de uma coisa sobre Botafogo. Que é interessante. As enchentes.

Entrevistadora: [risos] Até hoje, né?

Pedro: Até hoje.

Entrevistadora: Não sei agora, depois dessa obra aí do Rio Cidade. Eu não sei.

Pedro: Melhorou.

Entrevistadora: É, mas eu peguei enchente de sair daqui com água por aqui.

Pedro: Eu também. O que que eu tenho a dizer? Quando eu morava na rua Visconde Silva, quando vinha chuva, tinha enchente. Bom, naquele tempo, era obrigação e tinha o fiscal da prefeitura. O morador era obrigado até às sete horas da manhã do dia seguinte de limpar a calçada.

Entrevistadora: Ah é!?

Pedro: É. A lama toda tinha que ser escorrida para [inaudível]. De modo que muitas vezes, eu fui tirado da cama por minha mãe às seis horas da manhã para ir lavar a calçada.

Entrevistadora: Eu não sabia dessa... interessante! Como é nos países que têm neve. Você tem que tirar a neve de sua calçada.

Pedro: Aquilo era obrigação.

Entrevistadora: Tá certo!

Pedro: Tinha até seis horas... toda a vizinhança com aqueles baldes de água e vassouras...

Entrevistadora: Lavando.

Pedro: Toda a vizinhança, toda a garotada.

Entrevistadora: Interessante isso!

Pedro: Fazendo isso. Seis horas da manhã.

Entrevistadora: Quer dizer que aqui sempre teve enchente, desde que o senhor era criança? Agora pode ser que melhore.

Pedro: Sempre teve enchente. O que existe em Botafogo, que foi causa dessas enchentes e que ainda é, é um rio, chamado de Rio Berquó.

Entrevistadora: Onde é a General Polidoro, não é?

Pedro: É. Esse rio nasce na encosta do Corcovado. Ali onde é... ali naquela rua... travessa Dom Afonso e aquela outra.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Ali do outro lado. Nasce por ali e ele vinha por baixo. Aquela vacaria que eu falei ali na rua Conde de Irajá, usava a água dele. Depois ele passava...

Entrevistadora: Na General Polidoro.

Pedro: Não. Depois ele passava nos fundos das casas na rua Visconde Silva. Por exemplo, na casa dos Araújo, que hoje é o Colégio [inaudível] Santos, nos fundos dele passava o rio Berquó. Eu ia brincar com eles e a gente pulava o muro para brincar com a água do rio Berquó. Era um filetezinho de água comum. Depois ele atravessava a rua Voluntários ia para essa horta, que eu falei que era no Principado de Mônaco, e daí então ele seguia o rumo que por meio de uma canalização de esgoto até a praia de Botafogo. O que o Carlos Lacerda fez, que foi muito bom, foi na rua Mena Barreto, isso já foi 74. Ele abriu toda a rua Mena Barreto, de um lado ao outro da calçada, tem uma grande canalização do rio Berquó. Porque o que acontece é que com as chuvas ficavam as águas represadas.

Entrevistadora: Sei.

Pedro: Ficavam as águas represadas.

Entrevistadora: Quer dizer que esse rio, ele continua hoje canalizado e vai desaguar lá na praia.

Pedro: Naturalmente que isto diminuiu as enchentes. Eu espero que agora com as obras que o César Maia fez na rua Voluntários...

Entrevistadora: Não tenha nunca mais.

Pedro: É, melhora. Porque acontece uma coisa. A cidade do Rio de Janeiro, inclusive esse bairro de Botafogo, ele é muito baixo em relação ao nível do mar. Então se dá uma maré alta, a água não escorre. Não escorre. Fica represada. Essa enchente é temerável. Eu morei depois aqui na rua Voluntários, naquele edifício Álvaro, não é? Perto da rua Dezenove de Fevereiro. A rua Dezenove de Fevereiro esquina da Voluntários é o ponto mais baixo. É o ponto mais baixo. Eu, uma vez, eu tinha que tomar um trem. Foi para São Paulo. Saía às onze horas da noite. Às dez horas, dez e pouco, caiu uma chuva e a Voluntários parou.

Entrevistadora: Acabou.

Pedro: Bom, isso até contar com coisa anedótica. Não tinha mais jeito, tinha que ir para o serviço, então eu tirei as calças e embrulhei [inaudível] [risos]. Coloquei dentro da mala e descí. O edifício inteiro estava parado. A gente descendo e boa noite, boa noite, boa noite. [risos] Fui a pé, quando cheguei na igreja de São João Batista, já não tinha mais

nada. Aí então fui lá para um canto e me vesti. Botei os sapatos. Estava na rua Real Grandeza e vi passar o ônibus praça Mauá. Peguei. Fui. De fato, eu fiquei com medo de ficar enguiçado aqui na rua São Clemente. De fato, passamos no meio da água.

Entrevistadora: Mas como é que ele ia para a praça Mauá, se ele... se o senhor estava descendo?

Pedro: Bom, ele foi... ele vinha... era uma linha de Copacabana que tinha. Atravessava a rua Real Grandeza, cruzava com a São Clemente e depois seguia, Flamengo etc. Ia para a praça Mauá. Minha sorte é que quando eu cheguei lá, ali onde é a Maison de France, eu vi um atrás chamado Estrada de Ferro. Eu fui, fiz sinal, uma mímica para o motorista e ele disse: “Salta!”. Eu saltei e peguei o estrada de ferro. Cheguei a tempo. [risos] Mas as enchentes aqui eram assim.

Entrevistadora: É.

Pedro: Eram terríveis. A água ficava por aqui, acima do joelho, e com ela vinha a lama toda, não é?

Entrevistadora: Até hoje. Até pouco tempo. Desce o morro...

Entrevistadora: Era crônico.

Entrevistadora: É.

Pedro: Bom, eu saía do edifício perto da rua... Voluntários, perto da rua Sorocaba. Já duas vezes na garagem do edifício ficou com água.

Entrevistadora: Ainda tinha a feira para completar.

Pedro: É

Entrevistadora: [inaudível]. Desde o começo.

Pedro: Esse foi um problema sério e é um problema sério e continua na cidade.

Entrevistadora: É. É mesmo e para nós aqui deste bairro principalmente.

Pedro: Vocês aqui, parecem que vocês sofrem muito.

Entrevistadora: É, mas aqui sabe qual é o problema? É justamente isso...

Pedro: Aqui vocês têm um outro rio.

Entrevistadora: Exatamente. Além da gente ter...

Pedro: [inaudível]

Entrevistadora: Além da gente ter aqui embaixo o nosso problema. A gente está sempre limpando as galerias aqui no nosso jardim. Só que a prefeitura não limpa as daqui as da rua. Então a gente pode estar com a nossa limpa quando tem a enchente na rua ela vem toda para cá.

Pedro: [inaudível]

Entrevistadora: Agora não tem tido mais não. Há muito tempo que não tem.

[inaudível]

Entrevistadora: Aqui a gente desentope. É sempre mantida desentupida, mas...

Pedro: O rio daqui é o Banana Podre.

Entrevistadora: É o Banana Podre.

Pedro: É passava pelo Santo Inácio.

Entrevistadora: Santo Inácio.

Pedro: [inaudível]

Entrevistadora: Quem vai assim é um lençol d'água.

Entrevistadora: [inaudível]

Entrevistadora: É, aqui a casa é construída em cima de um lençol d'água.

Eu não sei se é o Banana Podre. Não sei o que é.

Pedro: Mas o que eu espero que com essas galerias que isso acabe. O projeto agora feito na Voluntários, agora devia ser aqui na São Clemente.

Entrevistadora: É, parece que eles vão fazer.

Entrevistadora: [inaudível]

Pedro: Parece que não tem dinheiro.

Entrevistadora: [inaudível]

Entrevistadora: É, parece que vão deixar para mais adiante para fazer no final de governo. Dr. Pedro, eu agradeço demais o senhor por ter vindo aqui.

Pedro: Não, foram vocês que me aturaram.

Entrevistadora: Nossa! Mas foi muito bom e eu já sabia que ele tinha essa história toda, mas a gente vai deixando para depois e agora aproveitei que eles estão envolvidos nisso. São todos estagiários.

Pedro: É. Então quem quiser fazer uma pergunta?

[Fim da gravação]

**Família Dezon Costa
(Odete Pinheiro de Andrade, Ivone,
Ivete Costa Pinheiro de Andrade e Janine Guerson,
Ex Pinheiro de Andrade)
(depoimento, [1997?])**

FAMÍLIA DEZON COSTA. *Família Dezon Costa. (depoimento,[1997?])*.
Rio de Janeiro, FCRB, 2020.

Transcrição

Nome das entrevistadas: Família Dezon Costa (Odete Pinheiro de Andrade, Ivone, Ivete Costa Pinheiro de Andrade e Janine Guerson, ex Pinheiro de Andrade, sendo originalmente da família Dezon Costa)

Local da entrevista: Museu Casa de Rui Barbosa

Data da entrevista: [1997?]

Duração⁴⁹: -

Nome do projeto: Memória de Rui / Memória de Botafogo

Entrevistadores: José Manoel de Andrade Pires e Cláudia Barbosa Reis.

Descritores/Assunto: Copacabana, Botafogo, comércio.

Biografia⁵⁰:

Antigos moradores de Botafogo.

⁴⁹ Não foi possível precisar a duração da entrevista, pois, as falas foram extremamente prejudicadas pela interferência de conversas paralelas. Nesse sentido, optamos por utilizar o material transcrito à época da realização da entrevista e que já se encontrava numa pasta no museu. A data não estava sinalizada neste documento, mas, pelas informações fornecidas por d. Ivete sobre sua idade e ano de nascimento, conclui-se que ocorreu em 1997. O depoimento encontra-se no Arquivo Institucional da FCRB, informações disponíveis em: <<http://acervos.casarui Barbosa.gov.br/>>.

⁵⁰ A biografia foi elaborada pela equipe que desenvolvia o projeto Memória de Rui à época de sua elaboração.

Entrevista [1997?]

Ivete: Barata Ribeiro, 23. Esse prédio foi construído ainda com a casa em pé. Vovô deu os apartamentos para os filhos e ficou com um para ele porque ele queria sair da casa que estava enorme. Exato esse prédio é de seis andares. Não tem garagem. No meio da Barata Ribeiro tem esse prédio, todo espremido. Na esquina tem três prédios onde era a casa de vovô. Mamãe, como era o nome do construtor?

Odete: É o mesmo que construiu a igreja da Penha. Ele era português. Era amigo do meu pai.

Entrevistador: Bem, d. Odete, a gente começou a falar antes de ligar o gravador... eu queria saber o nome do seu pai.

Ivete: Nós reformamos esse apartamento que estava um caos e depois eu mostro a obra para vocês. Passam as fotos.

Entrevistador: Essas fotos foram feitas por que razão?

Ivete: Eu acho que talvez para o leilão.

Entrevistador: Depois eu vou perguntar sobre os objetos, porque isso é uma coisa que interessa muito para nós. Qual é a data dessas fotos?

Janine: Você nasceu em 32 e tinha 14 anos quando a casa veio abaixo, então foi em 46. Então essas fotos...

Odete: São dos anos 30. Estavam fotografando os palacetes da cidade e pediram para fotografar a casa.

Entrevistador: Quem pediu para fazer as fotos? A prefeitura?

Entrevistador: Vocês eram quantas filhas?

Aninhe: Os casamentos foram realizados lá.

Entrevistador: Nós fizemos há uns três anos uma exposição sobre o casamento. Qual era o nome do seu pai?

Odete: Antônio da Silva Costa.

Entrevistador: Ele trabalhava com... porque a Laura disse que ele tinha uma firma de papel de parede... e ele teve uma firma de corretagem...?

Odete: É. Ele era português.

Entrevistador: A gente queria saber como era a vida na época.

Odete: Era uma vida muito gostosa, não tinha trânsito... nos ônibus iam só oito pessoas... depois foi aumentando... e eu lembro ainda, quando criança, das pessoas acendendo o gás de rua. Ficava na janela pra ver.

Entrevistador: E isso em Botafogo? Por que na época a senhora morava em Botafogo? Em que rua a senhora morou? A senhora lembra?

Odete: Eu morei na Paissandu... é Flamengo, não é?

Entrevistador: E como era o acendedor de lampião? Eu fiquei curiosa... ele vinha quando começava a anoitecer...

Odete: É. Eu ficava na janela vendo.

Entrevistador: Conta sobre a sua infância, como é que era?

Odete: Eu sou do tempo em que carregavam as verduras de balaio, um de cada lado. Vi isso tudo. Vendiam na rua, de casa em casa. E o sorveteiro, que cantava “Sorvete, sorvetinho, sorvetinho”. A gente corria com o copo para comprar.

Entrevistador: A senhora lembra do gosto?

Odete: Ah, uma delícia, não é? Só de frutas.

Entrevistador: A sua infância foi sobretudo aonde? Que bairro?

Odete: Botafogo e Flamengo.

Entrevistador: A senhora se lembra quando passou pela primeira vez na São Clemente, tendo ouvido falar de Rui Barbosa?

Odete: Não se falava muito, quando morreu é que se falou mais. Pelo menos eu não me lembro.

Entrevistador: Ela veio para cá com 12 anos. Ela estava falando que cabiam oito pessoas só num ônibus. Era uma *van*, não é?

Odete: Eu não tenho que me queixar da vida. Foi uma vida muito boa.

Entrevistador: E a senhora veio morar em Copacabana em...

Odete: Em 1917. Eu tinha 12 anos.

Entrevistador: Benza Deus! Chegar aos 90 com uma saúde dessas... Copacabana então devia ser uma beleza! Eu me lembro que, em 1956, quando conheci Copacabana fiquei encantado com a beleza do lugar, como era bem tratado. Imagina então no seu tempo...

Fotografias de família

Entrevistador: Eram quantas irmãs?

Ivete: Eram quatro irmãs e um irmão.

Odete: Uma pena que destruíram o prédio do Bernardelli.⁵¹

Entrevistador: Aquela casa amarela, no início da Barata Ribeiro, também, foi destruída para se fazer um apart hotel.

Odete: O Lúcio Costa⁵² lutou para que não destruissem o prédio dos Bernardelli.

Entrevistador: O dinheiro sempre acaba vencendo, não é? Olha só, isso é um retrato e um recibo. “Ao senhor amigo Antônio da Silva Costa, agradeço a soma de quinhentos mil réis em recompensa do retrato a óleo... de sua excelentíssima senhora Henrique Bernardelli. (Ele está assinado). Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1912.” E o retrato ficou onde?

Odete: Não sei.

Entrevistador: A senhora falou o nome do construtor?

Odete: Moraes. Eu não lembro o primeiro nome dele.

Entrevistador: Foi o mesmo arquiteto que fez Manguinhos?

Odete: Manguinhos?

Entrevistador: Luiz Moraes Júnior.⁵³ Fez a Penha, Manguinhos e o Rocha Maia. Vendo fotografias da Casa.

Entrevistador: Esse é o porão. Quem é que ocupava a parte de baixo da Casa? Era a família mesmo? A respeito da criadagem. Na casa de Rui havia dez, 12 criados e pelos depoimentos que tivemos percebe-se que não havia muita separação entre empregados e os donos. Até porque um banheiro da casa era usado por todos, como d. Baby fala.

Odete: Nessa casa era diferente. Atrás da casa, no terreno tinham os quartos dos empregados e uma lavanderia que foi onde construíram aquele prédio. O refeitório era na casa. Os banheiros junto dos quartos. Tinha muito espaço, não havia necessidade de ficarem dentro de casa. Dentro de casa só tinha uma, que era costureira. Uma bordadeira, quando nós

⁵¹ Para maiores informações, vide “Lido visto da casa dos Bernardelli, anos 30”, disponível em: <<https://rioquepassou.com.br/2008/04/18/lido-visto-da-casa-dos-martinelli-anos-30/>>.

⁵² Para maiores informações, vide “Lúcio Costa”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14559/lucio-costa>>.

⁵³ Para maiores informações, vide “Luiz Moraes Júnior”, disponível em: <http://www.projeto memoria.art.br/OswaldoCruz/verbetes/luis_moraes.html>.

começamos a ficar noivas para casar. Tínhamos uma bordadeira para fazer os enxovais.

Entrevistador: E o jardim era muito bem cuidado.

Odete: Tinha jardineiro, motorista, ajudante de motorista...

Ivete: Tinham dois cozinheiros também, não é? Ajudante de cozinheiro.

Odete: Tinha copeiro, duas arrumadeira, uma embaixo e outra em cima.

Entrevistador: E num jardim bonito como esse davam festas memoráveis, não é?

Odete: Não. Só tínhamos reuniões de família. Toda quinta feira a família se reunia. Hoje, infelizmente, isso não existe mais.

Entrevistador: Crianças também ou só os adultos?

Odete: Tudo.

Janine: Mas o casamento das meninas foram lá.

Odete: Quando o meu irmão fez 21 anos parece que houve uma festa. A gente ficava interna. Eu não assisti.

Entrevistador: Ficava interna aonde? Em Petrópolis? Na cidade onde eu nasci também tinha um Sion. E as festas do tempo em que a senhora era menina, como era? Que tipo de música tocava?

Odete: A música da época. Fox, essas coisas. Eu fui a algumas festas no Clube Naval, depois que eu casei, porque eu casei com um militar...

Entrevistador: Ali na Rio Branco?

Odete: Eu ia com ele, mas não gostava não.

Entrevistador: E a Rio Branco, como era?

Odete: Ah, eu hoje não conheço mais o Rio de Janeiro.

Entrevistador: Acho que da sua época tem hoje só umas três ou quatro construções originais. E ela está dizendo que a senhora participava de corso,⁵⁴ no Carnaval?

Odete: Isso foi. Era cada um no seu carro jogando confete e serpentina...

Entrevistador: E as pessoas iam cantando?

Odete: É. Tinham os blocos, não é. A gente brincava mais do que hoje. Hoje é só...

Entrevistador: Hoje não existe mais carnaval de rua. Hoje o que existe são os desfiles das Escolas de Samba. Aquela coisa de fecharem a Rio Branco e as pessoas brincarem, acabou.

⁵⁴ Para maiores informações, vide “Curso (Carnaval)”, disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000074.htm>>.

Janine: Quando eu cheguei ao Rio o desfile das escolas de samba ainda eram na Rio Branco. Depois é que passaram para a Presidente Vargas, em 58.

Entrevistador: E futebol? Vocês tinham time?

Odete: Tinha. Começou mais ou menos nessa época. O Fluminense... eu era Fluminense.

Entrevistador: Chegou a ir ao jogo de futebol? O seu marido...

Odete: Não. Nunca fui.

Entrevistador: E as regatas, a senhora lembra? A senhora nunca assistiu? E como era a praia, a senhora fazia passeios pela orla da praia?

Janine: (Tem uma foto dela)... sentada num banco na beira da praia. O chapéu dela era desse tamanho. De roupão.

Entrevistador: Mas tinha banho de mar ou era só sentar na praia?

Odete: Ah, banho de mar...

Ivete: Nessa casa tinha uma escada em caracol e tinha uma espécie de solário e então elas foram alunas dos irmãos Bernardelli. A casa deles era aqui na praia, não é? E as melhores amigas delas... então, por exemplo, aquela aquarela lá em cima foi uma aquarela inacabada da irmã dela, que já morreu. E o modelo é ... esse nu aí é um recibo de Bernardelli. Do quadro de vovó. E lá em cima aquele desenho também é do Bernardelli.

Entrevistador: Era o pai delas que tinha a fábrica de papel de parede? Não ficou um catálogo? Na Casa Rui nós temos pedaços de papel de parede antigo. A fábrica onde era?

Janine: A foto de mamãe casando com Arnaldo está cortada. Eles estão aqui. Aqui é a agulhinha do Inhangá.

Entrevistador: E aqui no jardim? Tinha as quatro estações?

Odete: Aqui é o retrato da minha avó, francesa, mãe da minha mãe.

(Segue-se uma série de fotografias de família)

Entrevistador: D. Ivone, eu vi as cerâmicas que a senhora fez. São muito bonitas. A senhora fez durante muitos anos? Teve um professor?

Ivone: Foi na escola técnica, aqui no Rio. Quando eles fundaram o curso na Escola de Belas Artes. Fiz um ano só.

Ivete: Mas ela já tinha estudado Belas Artes na Europa.

Entrevistador: A senhora chegou a fazer alguma exposição?

Ivone: Nunca fiz para o público. Para o meu prazer pessoal.

Odete: Ela passou a vida dela, uma boa parte, no campo, em Vera Cruz, perto de Miguel Pereira.

Ivete: Meu avô tinha uma biblioteca muito grande. Marcel arrematou muitos desses livros, depois, no leilão. Elas tiveram uma educação muito refinada.

Entrevistador: E a senhora lembra do tempo do colégio, do Sion? As freiras eram rigorosas?

Odete: Quando era preciso...

Ivete: A mamãe tinha uma freira para cuidar dela porque ela foi pequenininha.

Entrevistador: A senhora lembra do estudo, do colégio, do uniforme? A senhora foi sempre avessa à festas, mas a vida cultural?

Odete: Companhias boas, a *Comedie Française*, óperas, balés, conferências, concertos.

Entrevistador: Cinema, vocês iam? Costumavam acompanhar as fitas em série? Parece que Rui gostava de acompanhá-las?

Odete: Não, porque éramos internas e ficávamos só no colégio saindo apenas uma vez por mês. Saíamos com os pais e passávamos o dia fora com eles. Minha mãe ia toda a semana. Coitada da minha mãe.

Entrevistador: A senhora se lembra de uma freira chamada Mère Louise, que ficava entre Minas, Rio e Petrópolis?

Odete: ... outras Casas...

Entrevistador: A Casa Canadá não é tão antiga assim. A torre Eiffel também. A torre Eiffel era para homem. Rainier, a senhora lembra?

Odete: Lembro.

Entrevistador: E o seu pai fazia roupa em alfaiate? A senhora lembra qual era?

Odete: Alfaiate Rabelo.

Entrevistador: Rabelo fazia chapéu também.

Janine: Ainda tem um chapeleiro na rua do Teatro, parece.

Entrevistador: Na Sete de Setembro. Ao lado da Cavé. E as roupas de baixo? Rui Barbosa usava ceroulas.

Ivete: Eu fiquei uma temporada grande morando com vovô e vovó. Quando meus pais estiveram fora. Então aí você imagina o entrosamento. Eu

chegava da escola e antes de subir passava no térreo para falar com o vovô. Diziam que eu era muito educadinha. Saíamos vovô e eu para tomar lanche na Colombo. Eu me lembro também quando a casa ia ser demolida, Maria Alice, Marcel e eu... eu nasci nessa casa em 1932. Mamãe mudou para lá em 1917.

Entrevistador: Foi demolida em que ano?

Ivete: Faz as contas. Eu tenho 65 anos e quando foi demolida, eu tinha 14. Foi em 46. Nós fomos visitar a casa inteira. Marcel, Maria Alice e eu. Olha o que nós choramos. A casa já estava toda vazia, não tinha mais nada. Vovô tinha morrido no verão de 44. Na morte de vovô, eu, toda vestida de branco, vesti por cima um casacão. Acho que no fundo era aquele espírito de sacrifício de Sion.

Entrevistador: Interessante o modo de educar. Ela (a sua mãe) respeitou a sua vontade.

Ivete: E eu com idade que tinha, 13 anos, participei de tudo. Me lembro, tia Ivone e eu debruçadas sobre o caixão de vovô.

Entrevistador: Velório, tudo em casa, não é?

Ivete: Não, foi no São João Batista. Não tinha mais isso. Vovô na verdade definhou depois da morte de vovó. Morreu três anos depois. Muito unidos, para você ter uma ideia, vovó é que preparava a roupa dele, colocava os suspensórios... e aí ele comprou não sei quantos suspensórios para por em todas as calças dele.

Entrevistador: D. Odete mora em Copacabana ainda?

Ivete: Aqui perto.

Entrevistador: Olha a gente agradece muito e vamos pensar o que nós vamos tirar disso. Pensamos até numa exposição sobre o tema.

[Fim da gravação]

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO